3 1761 06974541 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/leonortellesroma02mesq

LEONOR TELLES

LEONOR TELLES

POR

MARCELLINO MESQUITA

ROMANCE HISTORICO ILLUSTRADO A CÔRES

POR

MANUEL DE MACEDO E ROQUE GAMEIRO

II VOLUME

LISBOA
Secção Editorial de «A EDITORA»
50, Largo do Conde Barão, 50
1905

LIBRARY
JAN 30 1969
UNIVERSITY OF TORONTO

HD
[illegible]
[illegible]
V. 1

TERCEIRA PARTE

Amores e Guerras

CAPITULO LIII

A sereia]

Leonor Telles via com prazer que D. Pedro bebia. O vinho facilitaria a seducção.

Olhando-o, com summo encanto, a rainha disse-lhe:

— Sentae-vos aqui, ao meu lado, mais perto de mim, como um bom amigo, como um amigo querido.

D. Pedro sentou-se n'um tamborete, baixo, que ella lhe indicara e que lhe estava aos pés.

Ao sentar-se, D. Pedro beijou-lhe a mão, que ella, por descuido, lhe collocara no hombro.

— Assim, bem perto. Temos de conspirar, não é verdade? E' preciso que nos não ouçam... disse ella, sorrindo, mostrando os dentes de perolas, com um brilho humido no olhar.

— Quem poderá ouvir-nos? disse D. Pedro conservando entre as d'elle a mão quente da rainha.

— Eu sei, disse esta.

— Que vos possa trahir? continuou D. Pedro, não me parece que seja facil.

— Não será; mas ouvir-vos hei melhor assim; estarei mais perto do vosso olhar e poderei ler n'elle uma hesitação se a houver...

— Não receeis...

— Que me pagarieis, gravemente, accrescentou ella, com um amúo delicioso.

— Experimentae.

— Vou experimentar. Quando passastes aquella porta, o que sabieis do que eu vos ia pedir?

— Coisa alguma.

— Não sabieis?

— Suppunha, apenas, calculava.

— O que?

— O que seria natural suppôr depois do que me pediu meu irmão.

— O que vos pediu elle?

— Que o ajudasse a salvar-vos da prisão do rei.

— Levando-me...

— Até Coimbra.

— Apenas?

—Apenas.

— E... vinheis resolvido a fazel-o?

— Incondicionalmente.

— Tendes, pois, de abandonar o vosso rei?

— Já o sei.

— De me seguirdes na minha vida futura prospera ou adversa?

— E' o que desejo.

— De arriscar a vossa posição.

— Invejo-o.

— De vos collocar sob a colera do rei? De terdes sobre a vossa cabeça suspensa uma sentença de morte?

— Desejo o.

— Por mim?

— Por vós.

Leonor Telles inclinou-se para elle, tomou-lhe a cabeça negra entre as mãos e pendida, como n'um impeto de affecto irresistivel, beijou-lh'a.

D. Pedro travou-lhe das mãos que se afastavam e enchendo-as de beijos, exclamou:

— Leonor, minha senhora, como sois boa e como eu vos amo!

— D. Pedro, disse Leonor Telles, sorrindo amorosamente, acreditae-me que mereço o vosso amor...

— Se mereceis...

... Por quanto me sois caro, tambem; por quanto vos quero e vos aprecio.

Por instantes os seus olhares se devoravam em silencio, emquanto as mãos se cerravam em impulsos successivos, de uma grande vontade voluptuosa.

A rainha percebendo o perigo da situação, retirou placidamente as mãos de entre as de D. Pedro, dizendo, compondo o cabello, na testa:

— Que calor aqui faz, D. Pedro, abri um pouco a janella.

D. Pedro levantou-se e obedeceu.

A interrupção da scena, a entrada de uma lufada de ar fresco, serenou os corpos.

— E' bastante, disse ella, passado pouco tempo, podeis fechal-a de novo e vinde sentar-vos.

Renovaram-se as posições. D. Pedro, sentado, quasi deitado, porque a baixeza do banco só permittia as pernas estendidas e levemente curvas, como era de uso, com o tronco erguido, a cabeça ficava-lhe á altura do collo da rainha.

Era preciso continuar a conversa interrompida.

Era preciso chegar ao fim; que evidentemente não era o de resolver D. Pedro a proteger, simplesmente, a fuga da rainha.

— Vejamos, pois, D. Pedro, o que haverá a fazer.

— Dizei-o vós, senhora.

— Meu irmão está de accordo comnosco.

— Parece-me que sem duvida alguma.

— Assim é. Nem de outro modo eu ousaria aproveitar-me da vossa cooperação. Quero-vos muito já, para vos poder comprometter, sem remedio.

— Obrigado, senhora.

— E' assim. Meu irmão é por nós. Tive a absoluta certeza da sua ajuda na conversa de pela manhã. Não reparastes?

— Não comprehendo.

— Na conversa com o rei.

— Ah! disse D. Pedro, por elle ter regeitado receber el-rei...

— Como rei.

— Comprehendo agora.

— Fui eu que planeei o encontro.

— El-rei veio...

— Porque eu o avisei para isso. Fui eu que o aconselhei a vir sondar meu irmão Gonçalo sobre a sua adhesão á nossa causa.

— Foi perigoso.

— Foi.

— Se vosso irmão cede.

— Todo o meu plano falharia.

— E depois?

— Tentaria outro. Este era, porém, o melhor.

— Por felicidade não cedeu.

— Por felicidade!

— E' vosso amigo?

— Não; é que eu posso prometter com mais certeza do que D. João. Meu irmão é um habil calculador, decidiu-se por mim.

— Seja como fôr, é por nós.

— Foi isso que eu quiz saber, ouvindo-o repellir o rei.

— E' inutil que esteja aqui, no momento de sahirdes.

— E' até melhor, disse a rainha.

— Para desviar suspeitas.

— Quando estareis de guarda?

— Depois de amanhã.

— E será a melhor noite?

— Qualquer outra seria boa; mas melhor é fazer-se o que se tem de fazer.

— Dizeis bem. O acaso... uma imprudencia...

— Não haverá; descançae.

— Mandarei, disse a rainha, os meus cavallos e mulas como a passear. Ficarão a esperar-me no Alfange...

— Tendes mais confiança n'elles?

— Estou habituada. A minha mula branca, a Pomba, é infatigavel. Com um descanço, apenas, alcançaremos Coimbra.

— Será pois depois de amanhã, á noite.

— Depois de ámanhã? disse a rainha.

— Amanhã, tendes razão, só temos a noite de hoje.

— E, dever-vos hei a minha liberdade. Dever-vos-hei dos maiores favores que tenho recebido em minha vida e como os tenho sempre pago, vol o pagarei, D. Pedro.

— Como, senhora?

— Novamente poderosa, podereis pedir.

— O que hei de pedir?

— O que vos appetecer, o que ambicionardes.

— O que eu quereria pedir-vos talvez m'o não possaes fazer, disse D. Pedro, com um ligeiro tremor de voz.

— Tão exigente sereis, disse a rainha que de mais percebia onde elle queria chegar.

— Tão exigente ou tão pouco, senhora. Tão pouco que poderá ser que facilmente me possaes servir; tão exigente que poderá ser-vos impossivel satisfazer-me com todo o vosso poder e vontade.

— Intrigaes-me.

— Ou não quereis entender?

— Sêde claro, disse a rainha risonha.

— E não vos offendereis?

— E' coisa que offenda?

— Quem sabe!

— Serei benevola, dizei.

— O que eu quereria? O que eu desejaria em paga de tudo o que eu possa fazer por vós?

— Sim.

— Que me amasseis, como eu vos amo!

E, receando ter ido longe, D. Pedro tomou-lhe fogosamente as mãos e beijando-lh'as, nervosamente, exclamava:

— Não vos offendaes, não me queiraes mal!

Leonor Telles deixou-o desabafar, pedir, supplicar; depois, com uma grande serenidade no gracioso semblante, perguntou:

— E' só isso?

— Achaes pouco?

— Tão pouco que me proponho a pagar-vos mais generosamente.

— Que poderieis dar-me mais?

— Sois muito novo e já vejo que pouco ambicioso.

— Amae-me e será toda a felicidade que eu possa encontrar na terra! Amae-me e eu serei para sempre feliz! E dizeis vós que sou pouco ambicioso! Que mais se pode ambicionar na terra do que o amor da mulher que amamos?

— A rainha ouvia enlevada, não fôra ella mulher, as expressões quentes e sinceras de D. Pedro. Deixou-o dizer; deixou-o desabafar e ficar-se a olhal-a com um tremor nos labios e os olhos supplicantes.

— E' alguma coisa, disse ella; mas não é tudo, para um bello rapaz como vós; para um fidalgo, um nobre como vós sois.

O amor é muito, o poder é tudo.

Depois, como pensando, intimamente, com uma grande placidez artificiosa perguntou, após uma pausa:

— Assim me amaes D. Pedro?

A voz cariciosa da rainha, feita de todas as doçuras e de todas as meiguices, saccudiu n'um impeto de commoção o coração inteiro do valoroso rapaz.

— Mas experimentae-o, senhora, experimentae-o.

Nada mais, disse; nada mais poude dizer, tremulo e convulso.

— Bem, disse ella; tendes evocado na minh'alma todos os prazeres, toda a alegria para que me julgava para sempre morta.

— Como eu sou feliz...

— A vossa nobreza, a vossa mocidade ressuscitaram-me para a vida que já pensei abandonar e que de novo quero com todas as minhas forças, que de novo preciso viver e vos garanto que hei de viver.

D. Pedro tinha collocado os braços sobre os joelhos da rainha, porque ella tomando-lhe as mãos e erguendo-as até ao collo, o forçava a esta posição deliciosa de contacto.

Quasi lhe cahia no collo. Sentia-lhe o contacto do corpo, o perfume de toda ella o envolvia e estonteava. Quando ella falava, o olhar beijava-lhe os labios que se abriam n'uma graça infinita, rubros, humidos, soluçando beijos.

— Se eu quero viver, repetia a rainha, é ao vosso lado, D. Pedro; mas respeitada outra vez, grande, temida ou querida, mas tendo ao meu dispôr os homens e as coisas! Se eu quero viver!

— Sereis novamente rainha, garanto-vos, dizia elle, estonteado, louco, n'aquelle contacto impulsor de todos os arrojos e de todas as loucuras.

Pela segunda vez a rainha viu o perigo imminente e pela segunda vez o desfez.

— Levantae-vos D. Pedro... Chegae para a meza aquelle tamborete... Festejemos a nossa alliança... a nossa amizade... o nosso amor!

D. Pedro obedeceu.

— Aqui, perto, bem perto de mim. Beberemos pela mesma taça; será como a nossa communhão, ante o altar. Porque vos não encontrei mais cêdo?

D. Pedro, ensandecido pela ventura, sentara-se, enchera a taça e brindára:

— A' mais bella, á mais formosa, á mais divina das rainhas!

Leonor Telles, agarrou por sobre a mão de D. Pedro a cinzelada taça e exclamou:

— Ao mais bello e generoso dos cavalleiros de Castella!

E... bebeu um longo trago.

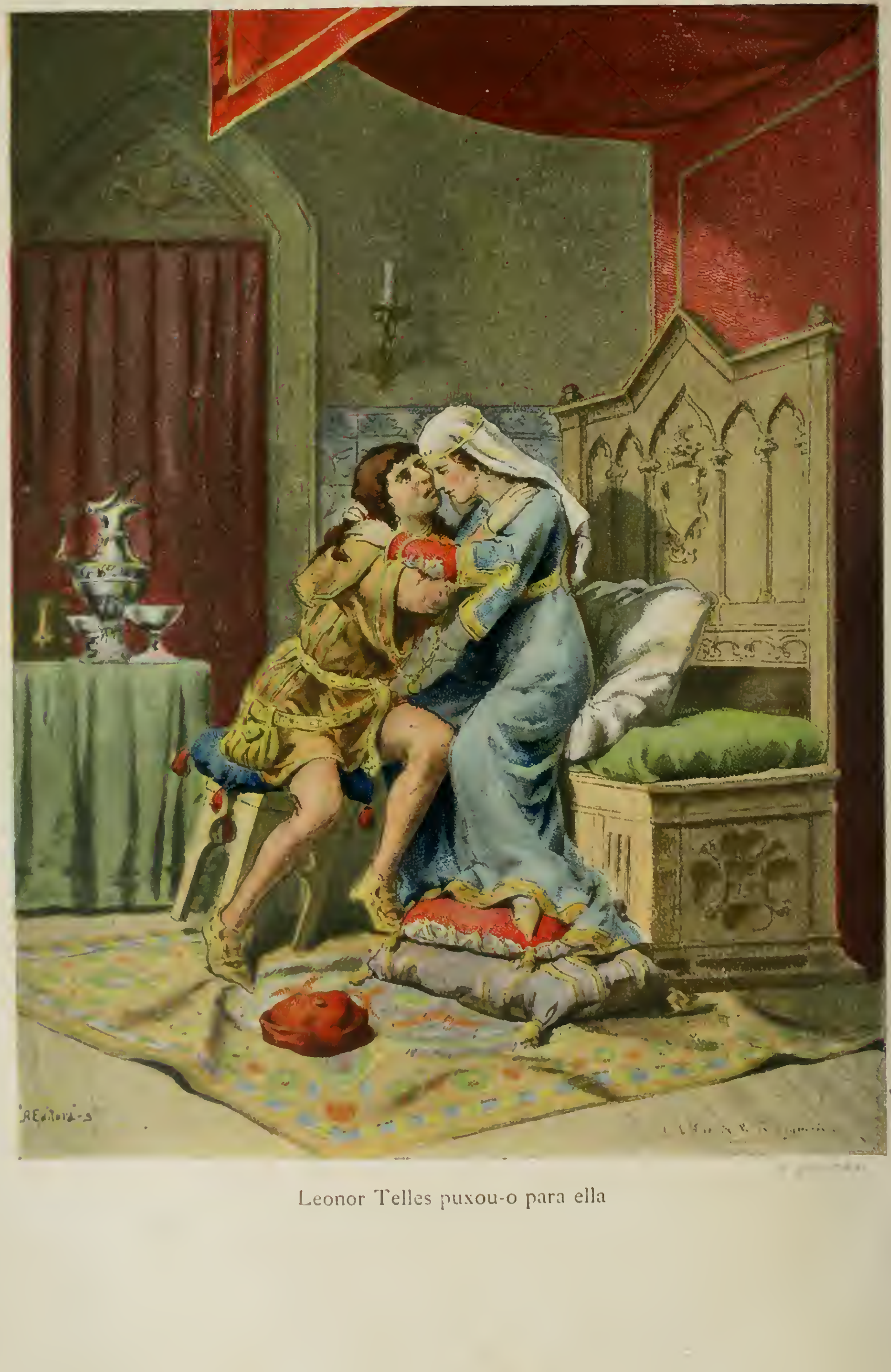
D. Pedro escolheu o sitio que haviam beijado os labios de Leonor e esvasiou d'uma vez, febrilmente, a taça, o vinho restante!

O quarto de hora que se seguiu aproveitou-o Leonor Telles para fazer chegar, ao apogeu do desejo, o brioso rapaz.

Lado a lado, poisara-lhe o braço no hombro, bem perto dos olhos, mais perto ainda da bocca.

Tão perto que D. Pedro uma vez se não conteve e o beijou ancioso.

Delicadamente a rainha o retirou, como n'um gesto natural, cheio de delicada reprehensão.



Leonor Telles puxou-o para ella

Feito ainda um brinde á felicidade d'áventura, a rainha como n'um grande impulso de carinho, inclinou o corpo para o lado de D. Pedro e lançou-lhe os braços ao pescoço.

— Pedro, disse ella, esquecendo o tratamento cerimonioso e servindo-se, intencionalmente, do familiar e cariciativo tu... Pedro, quero dizer-te... fazer-te uma revelação...

— Dizei.

— Diz, antes, dize. Trata-me como eu te trato... E' tão bom ouvir de uns labios queridos este tratamento.

— Dize! dize! exclamou D. Pedro, voando ao céu dos prazeres infinitos, dize, amada.

— Ha pouco pedias-me o meu amor...

— Sim, pedia...

— Dizia-te que mais que o meu amor poderia e quereria dar-te.

— Mais do que o teu amor?!

— Ainda o não percebes? escuta. Eu quero de novo ser rainha!

— Sel-o-has.

— Rainha, não regente. Entende bem — rainha!

— Que differença haverá em se conseguir?

— ... Mas toda a differença! Para eu ser rainha preciso de ter um rei!

— E o rei...

— Serias, tu.

— Eu?

D. Pedro não comprehendeu rapidamente o alcance, o plano terrivel e grandioso da rainha.

Passou-lhe apenas pela cabeça um clarão de inexplicavel deslumbramento.

Ser rei! ter um throno! ao lado d'aquella mulher, de Leonor Telles!...

Isto foi um relampago de luz!

Leonor Telles puxou-o para ella; elle resvalou do tamborete e ficou de joelhos.

A rainha tomou-lhe a cabeça nas mãos, olhou-o fixamente com um longo olhar energico e amoroso e disse-lhe, com fogo:

— Ouve, Pedro. Do primeiro dia em que te vi te amei! E's um bello rapaz, bello de corpo e bello de alma! Quando te vi, era já nos meus dias de infelicidade, quando eu procurava alcançar do teu rei, a minha posição e o meu desfôrço.

Uma loucura, que eu ainda hoje não sei explicar, fez com que cedesse a esse homem, os meus direitos inatacaveis da regencia.

Na hora em que o fiz, momentos depois, senti o arrependimento; era já tarde.

Calei-me, porém; disfarcei e não teria revelado a ninguem o meu desgosto se esse homem tivesse tido para mim a delicadeza vulgar que um cavalleiro deve ter para uma mulher·

Não foi assim. Orgulhoso e grosseiro, conseguido o seu fim, annullou-me: quiz annullar-me. Não o conseguiu como veremos, não o conseguirá nunca! nem que eu tivesse de lançar-me nos braços do Mestre d'Aviz para o esmagar.

Este acto seria o mais cruel, para mim, da minha vida. Odeio o Mestre e eu não fui nunca capaz de disfarçar antipathias. Fui sempre clara: amo a quem amo; odeio a quem odeio. Fôsse porém preciso e fal-o-hia.

Fiz o meu plano de fuga que tu conheces e a que nobremente te associaste.

O acaso trouxe-te ao meu caminho, como uma providencia, como um companheiro de lucta, um companheiro amado.

Eu, só, contentar-me-hia com o meu logar de regente, simplesmente para poder vingar-me das insolencias de D. João.

Ao ver-te, ao conhecer o teu amor, ao sentir-te ligada a mim por uma verdadeira amizade, ao sentir-me presa pelos teus dotes, desejando o teu amor como o mais bello sonho, a felicidade da minha vida, não me basta o logar de regente e quero ser rainha, outra vez!

Quero ser rainha, mas comtigo ao lado. Quero que sejas o rei! Eis o meu sonho! tu vaes ajudar-me a conseguil-o. Sim, Pedro?

Leonor Telles ao dizer a pergunta apertara contra o collo a cabeça febril do mancebo e enchia-lhe de caricias o cabello que percorria com os dedos convulsos e cariciosos.

— Não é verdade, Pedro, que tu me offereceste a tua espada e a tua vida? Não é verdade que vaes arriscal-a por mim? Dize-me, dize-me...

Com o rosto perto do d'elle, supplicante d'amor, a rainha exercia sobre o organismo de D. Pedro, uma pressão absoluta.

— Sim, Leonor, prometti; tenho uma só palavra e amo-te Diz o que queres fazer?

— Obrigado, obrigado, exclamava ella, deixando-se apertar pela cinta pelos braços de D. Pedro emquanto com o braço esquerdo lhe cingia o pescoço n'um annel de fogo.

Depois como que serenando beijou-o na testa e com a sua voz mais melodiosa, disse-lhe:

— Serenemos um pouco... é preciso ter serenidade... Está combinado que fugirei... não, que fugiremos os dois para Coimbra. Que ahi nos cazaremos...

— Cazaremos? disse D. Pedro, cheio de desvanecimento.

— Agrada-te a ideia?

— Meu amor! exclamou D. Pedro beijando loucamente o braço que lhe passava junto da bocca, minha querida Leonor!

— Cazaremos e n'esse dia, o da chegada mesmo, proclamar-nos-hemos reis de Portugal!

— D. Pedro ficou como que aparvalhado... Elles...

Leonor Telles não o deixou concluir. Escuta, escuta, com attenção.

— A noticia do nosso casamento, o odio ao rei de Castella, fará que venham para nós todos os que me abandonaram pela minha cedencia, todos os que seguem o rei porque não querem o Mestre, e ainda muitos que são do Mestre porque não teem outro homem a quem sigam.

O teu nome nobre, não levantará attrictos, porque não tens odios e porque estará ligado ao meu. Todos os portuguezes que por mim se alliaram ao rei de Castella, voltarão para mim no dia em que me proclamar rainha, despresando a escriptura em que cedi a regencia.

— Tendes a certeza?

— Absoluta.

— Porquê?

— Ides sabel-o.

Muitos fidalgos, e alcaides que estão indecisos tomarão novamente voz por mim, respeitando os tratados que assignaram. Então ficarão apenas dois partidos o nosso e o do Mestre.

O nosso, com toda a fidalguia mais poderosa, mais de metade dos castellos e d'estes os melhores, á excepção do de Lisboa.

Não será difficil de prever quem vencerá, se vós com todo o poder do reino, se o Mestre com quatro fidalgos pobretões a seguil-o e a populaça berrar desarmada e faminta.

Venceremos, Pedro!

Tu serás rei! d'aqui a poucas horas poderei collocar na tua cabeça uma coroa de oiro e feliz a teu lado sentar-me novamente, n'um throno d'onde ninguem poderá arrancar-me com a vida.

Diz-me que serás feliz! diz-me que queres que isto assim seja, que o desejas, que farás tudo para o conseguir.

— Tudo, tudo, para te possuir, para me sentar ao teu lado, para viver comtigo, no teu amor, para sempre!

— Sim, disse ella, beijando-o, freneticamente, assim será.

E, levantou-se, aspirando febrilmente o ar quente do quarto, que as velas enchiam d'uma leve poeira de fumo.

Foi direito á janella, abriu-a e respirou, longamente.

D. Pedro levantou-se seguindo-a.

— A noite está bella, disse ella, oxalá a de amanhã esteja assim.

Fóra havia um silencio profundo.

Apenas, no terraço, em baixo, o passo de uma sentinella quebrava, monotonamente, o silencio da noite.

CAPITULO LI

O pacto

Voltou fechando a janella.

Leonor Telles sentou-se ; D. Pedro olhando-a como summo encanto contemplava-a.

— Senta-te, aqui, de novo, bem junto a mim.

D. Pedro sentou-se-lhe, n'uma almofada, aos pés.

Falta-nos ainda combinar um ultimo ponto, que ambos esquecemos, na entrevisão da nossa felicidade.

— Qual é, Leonor ?

— O que diz respeito a D. João.

— Ao rei? Em que sentido ?

— El-rei é orgulhoso e altivo.

— O mais que pode ser.

— A nossa fuga será para elle um motivo de raiva e de fundo odio.

— Não temos que o duvidar.

— D. João não poupará nenhum esforço para se vingar de nós. Não é o que pensas a seu respeito ?

— Absolutamente.

— Logo, D. João se não puder vingar-se immediatamente, como não poderá, — pelas forças insignificantes que tem suas — os outros abandonal-o-hão, irá a Castella, reunirá um poderoso exercito e invadirá Portugal.

— Podemos contar como certa essa resolução.

— E o que acontecerá ?

— Não é facil de prevêr.

— E' facillimo. Portugal com um só homem, um só partido, poderia resistir-lhe ou não. Dividido como está, será esmagado. Nem nós, nem o Mestre poderemos resistir-lhe.

Em ultimo caso, poderemos contar ainda com as traições e os mêdos. A nossa perda é certa.

— Lutaremos.

Será inutil. Eu conheço, o melhor possivel, os recursos e as forças de Portugal.

— N'esse caso...

— N'esse caso a nossa aventura seria louca, porque seria dar uma grande desforra ao rei de Castella.

Houve um pequeno silencio.

— Tu comprehendes, começou a rainha, que eu não pensaria em readquirir a corôa, em tornar realidade tudo quanto sabes que imagino e quero, sem ter visto por todos os lados os perigos e os estorvos.

Todos os meus calculos foram cordatamente pensados e d'ahi veiu que nunca perdi o tempo, nem tive uma decepção.

Este o foi como os outros e esta difficuldade não me passou desapercebida.

— E' a mais importante? perguntou, reflectindo, D. Pedro.

— E'; respondeu Leonor; mas é tambem a de mais simples resolução.

— Simples?

— Como agua: o rei estorva-nos, afastaremos o rei.

— Como?

— Da unica maneira proficua e positiva — matando-o!

D. Pedro olhou para Leonor Telles, ao ouvir a sentença.

Um riso doce brincava nos labios da viuva de D. Fernando, como se tivesse feito a mais amavel e captivante proposta.

D. Pedro, que ia a espantar-se, como que se sentiu impossibilitado para qualquer admiração, ante o aspecto sereno e gracioso da rainha.

— Matar o rei, disse D. Pedro, não será coisa facil...

— Facillima, volveu Leonor Telles, acariciando-o.

— Vês tudo facil...

— O rei tem a sua guarda, queres tu dizer; mas de quem é a guarda? E' tua, é do conde de Mayorca. Não será na guarda do conde que ha-de morrer.

— Na minha?

— Naturalmente.

E, não haverá perigo algum. O rei de nada desconfia nem ninguem o pode desconfiar, visto que é a primeira vez que revelo todo o meu projecto.

— Por esse lado...

— Já vês. Uma boa estocada dá-se n'um momento, no meio de uma conversa, sem alarido, sem alarmes.

D. Pedro ficou silencioso.

A rainha deixou-o pensar um instante, não deixando de apertar, ternamente, entre as suas as mãos do pensativo rapaz. Depois de momentos disse-lhe:

— Parece-te energico de mais o processo? Meu amigo, não ha outro.

A vida do rei será a nossa morte.

Se o pudessemos prender e conservar preso até á resolução da empreza, bom seria; mas isto é um impossivel. Castella em peso viria libertal-o.

Não ha outro remedio, Pedro, o rei tem de morrer.

— E, quem o matará? quem pensas?

— Tu! respondeu a rainha com a mais doce voz.

— Eu?

— Tu.

— E por que eu e não outro... qualquer a quem se pudesse encarregar do acto?

— Pode fazer-se; mas tem o maior perigo confiar um caso de tanta gravidade a um terceiro. Uma hesitação, uma indiscrição, perder-nos-hia.

Demais, accrescentou Leonor Telles, é a ti que compete fazel-o, porque o matares o rei te torna logo sympathico a um numeroso grupo.

Todos os que seguem o Mestre, por odio a Castella, virão para ti; todos os que me seguem redobrarão de dedicação e amizade porque te tenho a meu lado e verão que tenho um homem energico e capaz de tudo, para defender uma causa.

— E, a quem desagradarei?...

— A ninguem; porque os proprios sectarios do Mestre ficarão sem o peor inimigo.

Pedro, disse ella apertando-o ao peito, ouve: as mulheres conquistam os reinos pela graça e pela astucia, os homens teem de conquistal-os pela sua coragem.

E' o que quer fazer o Mestre; é o que teem feito dezenas de principes e de não principes.

A morte do rei será o teu titulo de direito: terás um throno conquistado pelo teu braço e não o throno cedido por uma mulher.

Ninguem ousará discutir a tua subida, quando a tua espada defender e consolidar a obra do teu punhal.

Toda a gente tem o direito de ser rei; é apenas questão de ser capaz de o ser.

Depois, arrancando ao arsenal dos seus dotes, todo o encanto para a voz, toda a caricia para o olhar, todo o tremor para os labios, toda a delicadeza para o gesto, apertando-o docemente contra o peito, inclinada a cabeça sobre a de D. Pedro, Leonor Telles, como que cantou estas palavras:

— Pedro, dize-me que serás o meu rei!

D. Pedro, amoroso, cheio de ambição, deslumbrado pela tão facil perspectiva de um throno, quente do calor do corpo d'aquella mulher divina, se alguma hesitação lhe produzira a principio a gravidade da proposta, esta tinha-se desvanecido e poude responder, n'um enlevo absoluto, abraçando-lhe a cintura:

— Leonor, puz ao teu serviço a minha espada e a minha vida, assim será!

Como sublime artista, Leonor Telles inclinou-se mais sobre a cabeça de D. Pedro e tomando-a amorosamente, entre as mãos quentes, o olhar contra o olhar, beijou-o na bôcca!

D. Pedro sentiu abrirem-se as portas do céo e apertando-a nos braços poderosos, fez prolongar o beijo o tempo de um longo hausto, que desejaria eterno.

* * *

CAPITULO LII

Preparativos

O contracto estava firmado, a morte do rei decretada.

Leonor sentia-se fatigada de toda a lucta d'uma noite; necessitava estar só, pensar.

Na noite immediata áquella, D. Pedro faria a guarda. Elle proprio necessitava dormir, preparar as suas coisas, ter bem prevenidos os seus homens, assentar o golpe.

Falaram ainda do seu amor, da sua proxima felicidade.

Fizeram-se planos, como é fatal que aconteça entre namorados, ou entre simples amorosos.

Planos de grandeza. O que seria de Castella? Talvez uma conquista da Galliza? Talvez, mesmo, uma união serena.

Veiu a pêllo o Mestre.

Oh! esse ia ser atacado, com toda a raiva, com todo o furôr de um odio de mulher, com todo o esforço de um homem que assalta um throno. Ai d'elle!

E das conversas politicas, guerreiras, voltavam ao seu amor e os beijos mais numerosos já, soavam na sala quente pelo calor accumulado das vélas.

Tendo de se mostrar mais docil, a rainha percebia que D. Pedro se tornava mais ousado e, como mulher habil, comprehendeu o perigo de tal situação prolongada.

— Pedro, tu vaes partir, disse ella.

— Já? disse-lhe elle, envolvendo-a com os braços e encostando a cabeça febricitante á cabeça da rainha, já?

— E' tempo.

D. Pedro, porém, não ouvia. Tendo-a apertada contra o peito enchia-lhe o pescoço de beijos sofregos.

Leonor Telles, temperamento voluptuoso, a quem não iam sendo indifferentes taes caricias, sentiu n'este contacto quente dos labios de D. Pedro um momento de fraqueza e de desejo.

Um instante mais e a mulher podia comprometter a rainha.

Afastando, serena, mas energicamente D. Pedro, disse-lhe:

— Pedro, sê prudente... então?

— Leonor, sê minha, promette-m'o.

— A'manhã, em Coimbra, seremos um do outro para sempre, Pedro.

— A'manhã! repetia D. Pedro, ámanhã!

— Um dia apenas... dizia a rainha.

E, como D. Pedro se approximasse, novamente, os olhos brilhantes e humidos, n'um impeto de desejo a rainha pegou subitamente na maçaneta de prata e feriu o timbre, collocado junto ao seu logar, na mesa.

A pancada vibrante acalmou D. Pedro, que na imminencia de uma entrada de alguem, rapidamente, se conteve.

A poucos momentos, móveu-se o reposteiro e a figura meia adormecida de um pagem perfilou-se silenciosa.

— D. Pedro, disse a rainha, estendendo preciosamente a mão ao castelhano, até ámanhã.

— A que horas poderei vêr-vos?

— Ao meio dia. Vinde jantar commigo.

D. Pedro beijou-lhe nervosamente a mão e sahiu.

— D. Leonor tocou novamente o timbre e Maria Pires e D. Beatriz de Castro appareceram.

A rainha entrou no guarda-roupa onde as camareiras a ajudaram a despir os pesados fatos de então.

Em breve, ao metter-se no amplo leito, dizia para D. Beatriz:

— Parece-me que vou dormir um bom somno.

— Queira Deus, dizia Beatriz, aconchegando-lhe os almofadões da cabeceira.

— E, tu não te parece que dormirás bem, esta noite?

— Não me parece...

— Os namorados... disse a rainha beijando-a... são sempre os mesmos.

D. Beatriz apagou as vélas do contador e sahiu.

A luz baça de uma pequena lampada illuminava o rosto branco da rainha, perdido na immensidade do leito.

Quem o visse diria que a rainha sorria.

Leonor Telles, de olhos fechados, deixava-se adormecer entre pensamentos cariciosos: um novo amor, um novo throno!...

Em breve a rainha adormeceu.

⁂

No outro dia D. Pedro veiu, ao meio dia, para o castello.

Combinou-se, serenamente, o plano.

Na noite immediata, noite da ronda de D. Pedro, o rei seria morto.

D. Pedro acompanhal-o-hia, até ficarem sós e, ao deitar, matal-o-hia.

Um escudeiro traria immediatamente recado á rainha.

Tinha-se estado em planos de não fugirem.

Havia, porém, uma difficuldade: era ser necessario prevenirem-se os fidalgos que eram ainda por Leonor Telles, bem que ao serviço do rei de Castella.

Prevenidos, as forças do rei e do conde de Mayorca e de D. Cesar de Navarra, que seriam as que se conservariam fieis, atacadas de chofre, pelos da rainha e de D. Pedro, seriam facilmente dominados e reduzidos á impotencia.

Não havia tempo para prevenir os fidalgos que não estavam em Santarem.

O proprio irmão, D. Gonçalo, que possuia uma boa hoste de peões e de cavalleiros, teria de ir a Coimbra buscal-a.

Tudo isto levaria muito tempo, haveria que revellar-se o segredo a mais que uma pessoa, a muitas, o que podia permittir uma traição ou uma indiscripção.

A idéa foi posta de parte.

A occasião era propicia, não havia o menor presentimento, porque só duas pessoas estavam no segredo do plano completo, eram Leonor e D. Pedro.

O proprio irmão o não sabia. Tinha-se combinado que só o soubesse momentos antes, para estar prevenido no caso de ser preciso o seu auxilio.

A rainha nada dissera a D. Beatriz de Castro.

Parecia que eram os dois os unicos a sabel-o e o segredo garantia o bom exito da conspiração.

O dia seguinte appareceu cheio de sol, alegre e esperançoso.

No castello, a rainha fizera, no maior segredo, os seus preparativos de viagem.

Emmalara as roupas, escrevera aos alcaides prevenindo-os de que ia precisar, em breve, dos seus serviços, e confiara á camareira Maria Pires as joias, para as entregar a um amigo, um velho burguez, rico, da villa, homem de confiança.

Maria Pires, com a maior discrição, fez o deposito.

De madrugada, o conde D. Gonçalo partira para Coimbra.

N'essa noite D. Pedro renderia a guarda do conde de Mayorca.

Tudo corria pois na melhor das maneiras, sem um obstaculo, sem uma nuvem.

Viesse a noite e a tragedia desenrolar-se-hia.

* * *

CAPITULO LIII

O judeu D. David

No convento de S. Francisco, convento que como vimos o rei elegera primeiro para morada, d'onde sahira para habitar a casa de Gonçalo Vasques, mas aonde depois tornara a installar-se, por mais espaçosa vivenda do que a da villa, conversavam n'uma estreita cella, um frade de robusta apparencia e um homem magro, de barba e cabellos pretos, olhos vivos e intelligente.

Este ultimo era o judeu D. David Negro, o que fôra feito arabi-mór das synagogas de Castella, contra vontade de Leonor Telles, que como vimos pedira o cargo para o seu velho thesoureiro D. Judas.

Era o judeu um grande amigo do frade e o frade pagava-lhe na mesma moeda.

Pelo interesse com que ouvia e pelo espanto do rosto, a conversa do frade interessava, em absoluto, o judeu.

Interessava o judeu e espantará o leitor.

O frade dizia:

— Quero prevenir-vos. Somos amigos velhos e devo-vos muito.

— Pois dizei, Frei João, que me não cansarei de vos escutar.

— Sois amigo do rei de Castella, da sua comitiva, da sua casa. Podeis soffrer com o que vae acontecer.

— O que vae acontecer?

— A rainha, o conde D. Pedro, o irmão d'este D. Affonso Henriques e o irmão d'ella o conde D. Gonçalo conspiram contra D. João.

— Que me dizeis? perguntou, espantado, o arabi-mór.

— A verdade.

— De ha muito?

— De poucos dias.

— Qual é o seu fim, d'elles?

— Libertarem a rainha da posse do rei.

— Porquê? perguntou o judeu, a rainha está presa?

— E' como se o estivesse, respondeu, friamente, o frade.

— E vão tentar libertal-a?

— E' esse o plano.

— Como? interrogou, attento, D. David Negro.

— Raptando a do castello.

— E a guarda?

— Será na noite em que a guardar D. Pedro.

— Bem, disse o judeu; mas em que é que isso pode vir a prejudicar-me? Levam a rainha? Pois que vá com Deus. Quem não ha-de gostar da graça é El-Rei D. João, mas elle terá modo de a fazer voltar.

— Se tiver.

— Que tenha ou não, o que posso eu perder com isso?

— E' que o rapto da rainha é apenas o primeiro passo, o primeiro lance na partida completa.

— O que haverá mais?

— O resto, disse o frade, com o ar mais grave, o resto é que é o importante.

— Para mim?

— Pode sel-o para vós.

— Acabae, Frei João, a anciedade em que me tendes.

— Olhae, observou o frade, que vol-o digo por vós e só para vós. Pelo rei de Castella nada faria, nem faço. E' castelhano e para mim basta. O que vou dizer-vos é o que a minha velha amizade me dita. Acautelae-vos vós e deixae os outros. Deus determina as coisas que sabe que devem acontecer... Os seus altos destinos são-nos vedados; como vedado nos é o intromettermo-nos n'elles.

E' por vós que o faço, exclusivamente.

— Deixae as considerações, volveu D. David, inquieto, e socegae-me. O que haverá mais?

— Haverá que D. Pedro, antes de fugir com a rainha D. Leonor Telles, matará o rei.

— D. João?! disse o judeu, espantado.

— Não sei que haja outro, replicou, ironicamente, o frade.

— Que o deus de Israel e de Jacob...

— Deixae-vos de invocações, agora, se quereis ouvir.

— Estou calado, observou o judeu.

— Pois bem, o rei será morto. D. Leonor fugirá com o conde D. Pedro para Coimbra. Alli, recebidos pelo irmão, casar-se-hão e proclamar-se-hão reis de Portugal.

O judeu estava parvo.

— E' possivel que, na occasião da morte, haja grande reboliço... é natural que o haja... Como andaes chegado ao rei, é possivel que vos pudesseis ver de repente em máus lençoes.

Não vos parece?

— E' possivel.

— Desejava poupar-vos qualquer desgosto, por isso vos quiz avisar.

— Obrigado, obrigado, repetia o judeu.

— Não vos parece caso para estar prevenido?

— Decerto fr. João; quanto vos agradeço; mas como soubestes a nova?

— Que vos importa? contentae-vos com a informação que é certa e deixae-vos de indagar a maneira porque o soube.

— De nada desconfiará el-rei?

— Creio bem que não.

— Mas é possivel, accrescentou o judeu, momentos depois, passeiando pela cella.

— Que vos importa tambem? replicou o frade com mau modo. Acautelae-vos vós e deixae o resto.

— Tendes razão, emendou D. David, humildemente. Não devo metter-me n'essas coisas... São questões entre grandes senhores, elles que as resolvam uns com os outros.

— E mettei-vos, accrescentou o frade com ar resoluto, mettei-vos, mas não vos queixeis depois dos apertos em que vos haveis de encontrar.

O judeu concordou.

Conversaram ainda sobre outras coisas. David, porém, não estava socegado. Precisava estar só, pensar comsigo proprio a extraordinaria revelação.

Assim, a breve trecho, se despediu, renovando agradecimentos e obrigações.

* * *

CAPITULO LIV

A denuncia

Era, porém, um segredo terrivel o que o frade lhe confiara.

Pelo caminho, em casa, já na cama, o pensamento fervilhava-lhe.

— A morte do rei! demonio! era um caso terrivel, um caso estupendo

Elle sabia-o. Devia favores ao rei. O seu calar seria um crime.

Se soubessem depois que elle, sabendo-o, se calara?

Devia dizel-o? Não devia dizel-o?

Se fosse uma precipitada e falsa informação do frade?

Tel-o-hiam enganado a fr. João? Podia ser; porque não seria uma falsa denuncia, um artificio, uma manha politica?

E a cabeça do pobre judeu, do arabi-mór, convulsionada por tantas idéas contrarias, não podia conciliar o somno, e ao ir cahindo n'elle, estrenoitava-se em pesadelos.

Assim, chegou a manhã. Não podia ser; estava decidido, iria avisar o rei. O que poderia acontecer se fôsse falso? Nada de máu. E se fôsse verdade? era um serviço enorme, além de ser um dever cumprido.

Assim pensando, levantou-se, mal almoçou e endireitou para o paço.

Os reis, como em geral toda a gente n'esse tempo, levantavam-se cedo.

O rei era madrugador, tambem. Levantara-se, montara a cavallo e sahira em passeio pelos arredores.

O judeu esperou e fez dizer a D. João, logo depois da chegada, que precisava muito de lhe falar.

O rei sentara-se para comer, quando o mandou entrar.

David Negro joelhou-se para beijar a mão do rei e da rainha.

— Que temos D. David? perguntou o rei.

— Meu senhor, respondeu o judeu, desejava dever-vos o favor de me escutardes...

— Podeis dizer.

— A sós, meu senhor.

— A sós? perguntou o rei; e reparando na cara pallida do judeu, accrescentou: tendes realmente um aspecto pouco agradavel, senhor rabi-mór de Castella.

— Dormi mal a noite, meu senhor, disse o judeu como para desculpar o transtornado do rosto.

— Algumas novidades más recebestes dos vossos? perguntou a rainha entrando na conversa.

— Não, minha senhora, não, affirmou o judeu solicitamente.

— Bem, D. David, disse o rei, esperae-me um instante, ahi fóra. Julgue que era coisa de pouca monta... Eu não me demoro.

David Negro cortejou e sahiu.

Passada meia hora, n'uma outra sala contigua David Negro explicava ao rei e á rainha, tudo o que o frade lhe tinha dito.

Pasmaram os dois.

O rei, por Leonor Telles, não lhe causou maior assombro a noticia; mas por D. Pedro, que julgava um dedicado amigo, primo ainda, parente, causou-lhe a revelação um verdadeiro espanto.

— E, quando está combinado que farão a tentativa? perguntou D. João?

— Meu senhor, no primeiro dia da guarda de D. Pedro.

— E' hoje, disse o rei.

A rainha pensava, silenciosa.

— Que me dizeis? perguntou o rei com uma colera surda, que bello enredo me preparava a rainha vossa mãe!

— E, a mim, respondeu a rainha: vêde que amizade me tem que assim me queria ver viuva e abandonada!

E ambos se lamentaram por instantes.

— Obrigado, David, disse o rei ao judeu, não esquecerei a vossa dedicação. Ide-vos em paz e guardae o maior segredo. Eu os ensinarei.

Depois voltando-se para a rainha D. João exclamou:

Matarem-me! Matarem-me! Que fiz eu a tua mãe? que fiz eu a esse refalsado D. Pedro para lhe merecer tal castigo? Vão ver.

E o rei cheio de colera crescente, cruzava a passos largos o pequeno salão.

— E' preciso prender esse traidor, exclamava o rei referindo-se ao conde D. Pedro. Pagar-me-ha com a vida a traição miseravel.

— Senhor e se não fosse verdade? perguntou de repente a rainha sahindo do estado pensativo em que estava.

— Se não fosse verdade? disse o rei... Quem e para quê se inventaria tal trato? Ver-se-hia ser falso o que ganhava o inventor?

— Outra coisa menor será, volveu o rainha. Minha mãe foi sempre de pequenas intrigas... Terão avolumado qualquer dito, qualquer conversa...

— E' possivel... será... Ha-de vêr-se.

— E o rei mandou chamar o conde de Mayorca.

Despedido o judeu com agradecimentos e protestos de futuros favores o rei mandou chamar o conde de Mayorca.

Egual ao espanto do rei foi o do conde, quando chegou e o soube.

Quem parece que não se admirou muito foi a rainha D. Beatriz, porque quando o judeu sahiu o rei dirigindo-se a ella disse-lhe:

— Quem havia de suspeitar de tal coisa?

— Não me espanta.

— Não? interrompeu o rei.

— Não, affirmou a rainha.

— E, porquê? Senhora.

— Porque, se o não adivinhava, nada me parece extraordinario.

E, como o rei a escutasse attento, accrescentou:

Nada me admira que quizesse fazer o conde D. Pedro desde que vivia em intimidade com minha mãe.

Era assim que a pobre rainha julgava aquella que lhe dera o sêr.

E, tinha razão para julgar, visto que toda a sua vida passada justificava o juizo.

Quem estivesse ao pé d'aquella mulher havia de fatalmente sentir-lhe a attracção irresistivel, d'ahi o amor, d'ahi o dominio.

Leonor Telles nunca dominou para o bem; um seu associado, havia de ser necessariamente, um máu ou um criminoso.

O rei, se bem que notava a leveza de costumes, a pouca rigidez de habitos na vida da rainha, como mais que uma vez o disse aos particulares, nunca suspeitou de D. Pedro, por ser seu primo co-irmão e desde rapazes amigos e camaradas.

Este rei D. João, grave e comedido de maneiras, de poucas fallas, mysanthropo por vezes, parece que foi o primeiro que introduziu na côrte Castelhana um cerimonial severo.

Foi pois elle o creador, ou melhor o fundador d'aquella futura etiqueta hespanhola que fazia incommodar seis pessoas e gastar meia hora em ordens quando cahia um lenço no chão, á rainha.

Só as creaturas estupidas podem viver cercadas de preceitos ridiculos, ou impol-os como norma. E' desforço da estupidez; uma maneira de poderem viver disfarçando a sua inferioridade.

A' antipathia que a sogra já lhe merecia, veiu juntar-se agora o despeito, o resentimento, por uma ameaça tão cruel e tão immerecida.

Não se conteve que não desabafasse deante da mulher e alcunhou Leonor Telles de má, de vil e de outros nomes que o tempo permittia dizer aos reis, ainda ante as rainhas e que o tempo d'hoje não permitte que ponhamos claramente no papel.

D. Beatriz ouvia calada e deixava desfazer-se o marido da colera insustida.

Quando D. João serenou mais, disse-lhe, nobremente:

— Tendes rasão; em tudo tendes rasão. Parece-me, porém, melhor, agora, em vez de vos cançardes em ralhos e exprobações inuteis, tentardes frustrar todo o plano dos rebeldes.

— Vou fazel-o já.

— E' o vosso dever; mas, fazei-o brandamente, sem que levanteis uma desconfiança, uma suspeita.

— A quem imaginaes que o vou dizer?

— E' que estaes a queixar-vos alto e se no paço havia aquelles traidores, é possivel que não fossem sós. Uma indiscripção pode impossibilitar-vos de poder dar um justo castigo... como desejaes, não é verdade?

— Do fundo da alma.

— Vêde, pois, se vos não falo com a maior razão.

— Como sempre, disse o rei, serenando, e approximando-se da mulher a quem beijou, com sempre, Beatriz, falaes e procedeis.

D. João teve sempre pela mulher uma grande sympathia e um grande respeito.

Parece que D. Beatriz, ao inverso, completamente, da mãe, possuindo as mais bellas qualidades de caracter, séria e meiga, foi uma adoravel mulher e uma formosa rainha.

N'isto chegava o conde de Mayorca.

A rainha sahiu.

Contado o caso, feitas as exclamações de pasmo e de raiva, sabida a noite do attentado, que era aquella mesma, o rei concluiu:

— Avizae, hoje, todos os vossos, em segredo, bem armados e vós com elles e cercae-me o paço. Deixae que D. Pedro ponha a guarda sem desconfiança e, então, gritae traição contra elle! Prendei-o ou matae-o se o não quizerdes prender a elle e a todos os seus que com elle estejam.

— Assim farei e quanto á rainha?

— E' verdade, esquecia-me... E' preciso que alguns dos nossos lhe cerquem tambem o castello, de modo que não possa sahir por lado nenhum.

— Encarregarei d'isso D. Carlos de Navarra.

— Está muito bem. Eu apparecerei quando convier.

⁂

Corria o dia sem que ninguem suspeitasse de coisa alguma. No paço da rainha Leonor havia uma alegria occulta nem por isso menor.

D. Beatriz ia ver realisados os seus sonhos de amor; a rainha saboreava com a voluptuosidade propria do seu temperamento, a execução da sua vingança.

D. Pedro falara com os seus homens e mandara-os armarem-se e prevenirem-se para caso grave.

Tudo preparado para a noite, o conde fôra ter com a rainha de quem não podia separar-se um momento sem grandes saudades e conversaram sobre as probabilidades do bom exito entre ancias e phrases de amor.

— Como eu desejaria estar já em Coimbra, dizia amorosamente, D. Pedro.

— Para quê? perguntava a rainha, sorrindo.

— Ainda m'o perguntaes? respondia D. Pedro.

— Gostaes mais de Coimbra do que de Santarem? voltava fingindo-se desapercebida Leonor Telles? Tendes razão: Coimbra é mais poetica. Vós sois todos trovadores, os castelhanos.

— Não vos façaes desentendida, volvia D. Pedro, bem sabeis porque o digo.

— E porque o dizeis?

— Porque lá sereis rainha, poderei chamar-vos minha mulher e apertar-vos contra o peito e beijar-vos mil vezes sem receio e sem rebuço.

— E isso vos fará feliz?

— Duvidaes? exclamou D. Pedro.

— Não, não o duvido e causa-me um grande prazer que assim seja.

Depois a rainha, como dominada por uma ideia mais poderosa, perguntava:

— Os teus homens estão promptos?

— Todos.

— A hora, o momento, combinado?

— Será o mais proprio. Eu o verei com os meus olhos e darei o signal.

— Não vi ainda hoje, teu irmão D. Affonso.

— Vel-o-heis logo.

— Está contente?

— Se te parece! pensa, como eu, ver em breves horas realisados os seus sonhos.

— E, dos teus amigos, dos teus escudeiros a quem confiaste a empreza, nenhum oppoz má vontade ou desconfiança?

— Nenhum. Elles sabem todos que a minha sorte e a d'elles será uma unica.

— Poderemos ter toda a confiança na boa sorte da empreza, não é verdade, Pedro?

— Tenho toda, respondeu D. Pedro. Depende de mim, mais do que de ninguem e por mim respondo eu.

— A rainha recompensou esta phrase de corajosa confiança apertando amorosamente as mãos do cavalleiro e deixando que elle lhe beijasse as d'ella.

D. Beatriz entrou.

A formosa camareira andava doida de contentamento.

Vinha annunciar que tudo estava prompto; as damas prevenidas; as roupas aconchegadas nos amplos bahús forrados de coiro e tauxiados.

Perguntava se a rainha precisava de mais alguma coisa.

— De nada mais preciso, respondeu Leonor Telles.

— Precisaes de comer, volveu a camareira.

— Não tenho vontade...

— Mas heis-de precisar.

— Lembrae-vos que haveis de passar a noite a cavallo, disse D. Pedro.

— E talvez sem descanço, volveu Beatriz.

— E' natural, accrescentou D. Pedro. E' prudente comerdes alguma coisa.

— Eu vou por isso, disse Beatriz, sahindo.

— A tarde desce, disse D. Pedro, é tempo de ir vigiar os meus e dispôr as coisas. Tendes mais alguma coisa a ordenar-me?

— Que sejaes feliz, disse a rainha com a mais deliciosa voz de mulher. Não vos arrisqueis de mais. Olhae que vos espero com anciedade.

— Estae prompta para que logo que eu chegue poderdes montar sem a menor demora; vós e todos.

— Estarei prompta.

— Meu irmão estará no seu posto com os cavallos e homens precisos; reunir-se-ha a nós e sem interrupção partiremos. Comprehendeis que é necessario não dar tempo ao conde de Mayorca ou a D. Carlos de Navarra de se inteirarem da situação e de reunirem os seus homens.

— Teriamos lucta...

— E essa seria perigosa. São dez vezes mais poderosos do que nós... do que eu ..

— Vae descançado. Velarei para que não haja da minha parte a menor demora.

— Até logo, Leonor, disse D. Pedro, tomando o barrete de sobre um bufete e dirigindo-se á rainha, pensa em mim.

Leonor Telles não poude ser indifferente, n'este momento, á idéa de que aquelle bello rapaz, ia arriscar por ella a posição e a vida.

Bello e generoso, se o não amava, estimava-o.

Ao vel-o, serenamente, estender-lhe a mão, que ia brandir o punhal por sua causa, que ia assassinar, para a libertar de uma situação para que nada tinha concorrido e que generosamente se propuzera a quebrar, a rainha abriu-lhe os braços, sinceramente.

D. Pedro não esperou outro signal para fazer o mesmo e um intimo abraço apertou um contra o outro, os corpos de D. Pedro e de Leonor Telles.

— Se eu morrer .. ia a continuar o rapaz...

A rainha tapou-lhe a bocca com a mão:

— Silencio, disse: eu não gosto de loucuras. Não morrerás, voltarás para mim e seremos felizes, vae!

E beijaram-se.

N'este momento a camarista entrava, com um ar um pouco inquieto.

— D. Pedro, disse ella.

— O que é?

— Um vosso escudeiro deseja falar-vos com a maior pressa.

— Não disse para quê?

— Que desejava falar-vos, já.

— Mandae-o entrar, disse a rainha com um presentimento.

— Não será preciso.

— Mandae-o entrar, dae licença, D. Pedro, que entre, aqui.

D. Beatriz sahiu e voltou.

— Vereis que ha novidade, disse a rainha, dirigindo-se a D. Pedro.

— Duvído.

— Vereis.

O escudeiro entrou.

Falae depressa, disse-lhe D. Pedro, que quereis?

— Meu senhor, venho participar-vos de que se passa no convento de S. Francisco, alguma coisa extraordinaria.

— O que se passa?

Não é hoje a vossa guarda?

— E'; respondeu o conde.

— O senhor conde de Mayorca tem alguma coisa que guardar no paço?

— Nada, que eu saiba.

O rosto de todos os tres, rainha, conde e Beatriz, exprimia, n'esta altura, o maior interesse.

— Pois bem, continuou o escudeiro, os homens do conde de Mayorca estão armados e elle mesmo os foi distribuir como se fizesse guarda.

— Quando?

— Agora mesmo.

— Trahidos! disse a rainha n'um tom cavo.

O conde olhou para o escudeiro:

— Viste, tu, Alvaro Affonso? viste isso?

— Vi eu, meu senhor.

Achei estranho o proceder do conde, e, de mais, havia uma demasiada cautella em que isto fosse feito, quasi desapercebidamente. Foi o que me fez desconfiar e notar um movimento desusado.

— Não pretendeste indagar...

— Interroguei um escudeiro, meu amigo, escudeiro muito do conde, que me respondeu, com evasivas, explicando apenas que eram ordens.

— Do conde?

— Ou do rei, talvez.

— Pedro, exclamou a rainha, estamos denunciados é preciso salvares-te e já!

— O conde D. Pedro, anadeando os cabellos, exclamava: como é possivel isto? Quem seria o traidor? Ai d'elle se eu posso um dia saber-lhe o nome!

A colera maior lhe descompunha o rosto.

A rainha chegou-se a elle:

— Serenae D. Pedro; é preciso serenar agora, ou estareis perdidos todos. E' preciso fugir, já. Bem vêdes que tendes apenas o tempo que falta para renderdes a guarda. Até lá, esperar-vos-hão.

Se não apparecerdes sereis processado, prêso e morto. Vós e os vossos...

— Senhora, prefiro morrer...

— Serenae, por piedade, impoz a rainha com a sua voz imperativa e indiscutivelmente obedecida, serenae, que vos mando eu, por meu bem e pelo de vós todos.

Os momentos são preciosos, agora. N'este momento pensa-se como vos apanharão e aos vossos e vós declamaes!

— Senhora, que faremos então? ordemnae.

— Bem, disse a rainha. Vosso irmão espera-me com os cavallos promptos?

— Já lá estão disse o escudeiro.

— Serão para vós Nada mais tendes a fazer D. Pedro. E' sahir d'aqui, descer á Ribeira, montar, com vosso irmão e os vossos que puderem seguir-vos e partir para Coimbra.

Só lá estareis seguros.

— Deixar-vos-hei?

— Naturalmente.

Dirigindo-se a Alvaro Affonso a rainha disse-lhe:

— Alvaro Affonso, vós ireis pela villa e a todos os de D. Pedro mandareis que por sua ordem, desçam á Ribeira, montados e armados com a maior pressa a juntar-se-lhe e que se não estiver, o sigam a alcançal-o pela estrada de Coimbra.

— Sim, minha senhora, disse o escudeiro.

— Isto com a maior rapidez e o maior segredo. Duas horas de deanteira são a salvação.

— Nada mais mandaes meu senhor?

— Não; vae, disse o conde com uma voz de profundo desanimo, vae, faze o que sua alteza te disse.

O escudeiro sahiu.

— Oh! Leonor, disse o conde esquecendo que Beatriz o ouvia, como poderei arrancar-te a esta cilada?

— Hoje e agora, de modo algum.

— Ficarás, aqui?

— Como fugir, agora?

— O rei é vingativo e despotico!

— Não tenhas receio por mim. Espera me em Coimbra; lá irei ter cedo ou tarde. Perdi algumas vezes o primeiro lance; mas nunca perdi nenhuma partida.

— Quem sabe? murmurou o conde a cujo espirito apparecia como um cataclismo tudo o que estava acontecendo.

A rainha comprehendeu tudo o que se estava passando no espirito do conde. Chegou-se a elle, tomando-lhe as mãos e levando-o mansamente, junto á janella, ao fundo da sala, disse-lhe, amorosamente:

— Pedro, pelo nosso amor, tem confiança em mim. E' preciso que partas, parte. Eu fico. Irei reunir-me a ti, seja como fôr. Meu irmão te protegerá e me protegerá. Vae. Faço como tu, este enorme sacrificio, porque te amo, Pedro!

— Leonor! disse o conde, apertando-lhe febrilmente as mãos...

— Pedro, continuou ella, é nos grandes lances que é preciso ter coragem e sobretudo sangue frio. Nada está perdido. Possuo todos os elementos de lucta... os mesmos... maiores porque conto comtigo e com os teus. O rei de Castella não será nunca rei de Portugal. O Mestre d'Aviz não o consentirá, nem os seus. . e se lhe fossemos precisos, em ultimo caso, ajudal-o-hiamos! Já vês é uma contrariedade e nada mais o que nos acontece. E' apenas uma espera de dias no nosso plano e na nossa felicidade. E' preciso confiares em mim e obrar severamente.

O conde D. Pedro, socegára com estas palavras simples e animadoras.

— Leonor, disse elle; mas deixar-te agora, no momento em que tudo estava prestes a dar-me a felicidade do teu amor!

— O meu amor permanecerá o mesmo, ou ainda maior pela tua dedicação. Podes contar com elle todo o resto da minha vida!

A camareira tinha sahido, prudentemente.

— E' preciso partir, disse o conde.

— Sim, sem demora. Vae e espero.

— Mandar-me-has os teus correios, dia a dia, para saber o que se vae passando e o que havemos de fazer.

— Nem um dia deixarás de ter noticias minhas... se o puder fazer.

— Se puderes?

— Sim; el-rei não deixará de me trazer vigiada n'estes primeiros tempos, com o maior cuidado.

— N'esse caso...

— Eu tenho ainda amigos, Pedro, que serão capazes, por mim, de illudir todos os espias de el-rei D. João ou de passar por cima d'elles para cumprir as minhas ordens, ou satisfazer os meus desejos.

— Terei noticias tuas.

— Descança. Vae. Adeus.

A rainha estendeu as mãos para o conde, que tomando-as a puxou para si.

N'uma grande tristeza Leonor Telles deixou-se abraçar e passando um braço pelo pescoço do conde encostou-lhe a cabeça ao hombro.

D. Pedro com os braços cruzados apertou-a docemente e com os labios beijou-a na testa, uma, duas, muitas, demoradas vezes dizendo:

— Leonor, meu amor, adeus!

— Até Coimbra, Pedro, até Coimbra, disse a rainha libertando-se do fervoroso abraço em que o conde a tinha enlaçada, e depois... para sempre...

— Para sempre, exclamou o conde, beijando-lhe as mãos, gentilmente, na paz ou na guerra, nos bons ou maus dias, na felicidade ou na desventura... para sempre, Leonor!

E, pegando nervosamente no barrete, saudou e sahiu n'um impeto de dôr e de saudade.

Correu a rainha á porta por onde sahira Beatriz e deu com ella que voltava, pallida, abatida.

— Então? exclamou a rainha que maldito dia!

— Senhora, exclamou a camareira, é a minha sorte!

— Não, é a minha: desde aquella hora em que mataram Andeiro, a minha estrella enubla-se. Será preciso reanimal-a, espertar-lhe de novo a luz e eu te affirmo que o hei de conseguir ainda que seja preciso gastar o ultimo cruzado que possuo e sacrificar a ultima gotta do meu sangue.

Terrivel, com o parecer mudado, fuzilando-lhe os olhos e tremendo-lhe os labios n'um tremor convulso, Leonor Telles, perdendo aquella continencia fria que sabia affectar sempre nas grandes crises, semelhava bem a estatua da colera, hirta, appoiada á meza com a mão esquerda, o olhar vago pendido no espaço infinito que a janella mostrava, aberta de par em par, por sobre os campos sem fim.

Foi serenando.

Beatriz olhava-a doloridamente, silenciosa, a esperar que aquella onda de colera passasse, para poder falar.

Pouco depois, já serenamente, n'uma serenidade fria e terrivel, Leonor Telles sentou-se. Desenrugaram-se-lhe as feições, appareceu-lhe o riso e com voz doce, chamando com a mão para junto d'ella a desanimada Beatriz disse-lhe serenamente.

— Não vale perderes a esperança. Para ti, isto não passa de um contratempo sem importancia, remediavel na primeira occasião.

Se D. Affonso te amar, voltará para ti, ou irás para elle.

Nem tudo se faz logo que se deseja... um anno mais ou um anno menos que vale?

E's tão nova ainda... sois ambos tão novos! Não te quero ver triste! E, acariciou-lhe a mão com a d'ella.

— E vós, senhora? perguntou D. Beatriz já esquecida das suas penas pelas boas palavras da rainha, e vós, que fazeis agora?

— Conforme o que o rei fizer.

— Será terrivel a sua colera.

— Deve ser; mas a mim pouco me incommodará. Tenho por esse homem o mais profundo desprezo. Não me intimida nem o receio.

— Vae, decerto, magoar-vos... eu sei...

— Que elles se salvem, disse a rainha como se não ouvisse as ultimas palavras de D. Beatriz, é o que me importa.

— A esta hora deverão estar quasi a partir, disse D. Beatriz.

— Devem estar. E oxalá que estejam; a noite chega e hão de começar as desconfianças.

— O que fará D. João? disse, depois de pausa, a camareira.

— Se os apanha mata-os; se os não apanha como espero, ha de conformar-se com a pouca sorte que Deus lhe dá, em tudo. Ah! se os não apanha!...

Leonor Telles teve n'esta phrase um dos seus sorrisos crueis; um d'aquelles sorrisos de outr'ora, que a quem a conhecia pareciam feitos de rictos sanguinarios.

— Santa Maria os proteja, disse devotamente a camareira.

— Amen, disse a rainha e levantou-se.

— Recolheis-vos?

— Sim; mas manda-me de comer, e vem depressa.

Leonor Telles entrou para os seus aposentos e D. Beatriz sahiu pelo lado opposto a cumprir as ordens.

* * *

CAPITULO LV

A fuga

O que se passara no convento de S. Domingos, paço do rei de Castella?

O rei, em todo o resto do dia não dera o menor signal de conhecer a trama.

Com o chegar da noite, o conde de Mayorca foi ter com o rei e disse-lhe: Os meus homens estão prevenidos. Parece-me prudente que Vossa Alteza não fique, só, no paço.

— Nada receio, disse o rei que nada tinha de cobarde. Tenho a minha guarda propria.

— E pode Vossa Alteza contar com ella, absolutamente?

— Creio que sim.

— Quem ousaria desconfiar do conde D. Pedro?

— Tens razão, disse o rei.

— E, todavia, continuou o conde para fazer valer a sua fidelidade, trahir-vos-hia se o deixassemos.

— E' verdade, replicou o rei com um assomo de colera; mas ha de pagal-o.

Será prudente que mande embuscarem-se pelo paço e arredores cincoenta lanças minhas, das melhores, aconselhou o conde.

— Faze o que julgares melhor, assentou D. João.

Assentaram pois, que el-rei não sahiria da camara sem que ouvisse os gritos de traição! traição! contra o conde D. Pedro: que então poderia apparecer com a sua guarda e operar como entendesse ser necessario.

O conde sahiu e o rei chamou o seu guarda-roupa; armou-se com a armadura completa e esperou.

D'ahi a pouco D. Beatriz, vinha, solicitamente, aconselhal-o a que tivesse o maior cuidado, com qualquer traição dos que o rodeassem.

D. João despediu-a, carinhosamente, serenando-a o melhor que poude.

Cheia de susto, a bondosa rainha recolheu-se a uma camara, mandou accender as vélas do oratorio e abrindo o seu livro de obras, em pergaminho ricamente illuminado, orou longamente.

Era o momento em que D. Pedro dava o ultimo beijo em Leonor Telles, descia os degraus das escadarias silenciosas do paço de Alcaçova, entrava no salão onde tinha as armas, vestia meia armadura, ordenara aos seus que o seguissem e aproveitando o escurecer, descia a ladeira ingreme da Artamarma em direcção á Ribeira de Santarem.

Alli, ao pé da egreja de Santa Maria, esperava D. Affonso com os seus homens, armados e montados. Alguns escudeiros fidalgos e amigos de ambos desciam com rapidez, pelos caminhos invios que da alpendurada villa davam para o pequeno burgo subjacente.

Em menos de meia hora, todos os que entravam na conspiração estavam reunidos.

D. Pedro disse-lhe o que acontecera e o que iam fazer.

Quasi todos o sabiam ou o tinha adivinhado.

— Temos de marchar com rapidez, disse-lhe D. Pedro. Em breve darão pela nossa falta e D. João não deixará de me mandar perseguir.

— Será tarde, observou D. Affonso, com um ricto de colera nos labios.

Os seus cavallos não são melhores do que os nossos e que o fôssem e nos apanhassem, talvez não fôsse facil prenderem-n'os.

— Não seria, bradou um dos escudeiros, rapaz alto, forte, de physionomia audaz.

— Que o façam, exclamou um outro, no meio do ruido de vozes desencontradas, que praguejavam offensas e desafios.

— Vamos, disse D. Pedro, esporeando o cavallo, não percamos tempo.

Como por mola, a cavalgada rumorosa agitou-se e partiu a galope pela margem do Tejo, caminho de Coimbra.

*
* *

No emtanto no paço as horas passavam, lentamente.

A hora de render a guarda tinha passado e D. Pedro não apparecera.

Com o receio de despertar suspeitas o conde não mandara vigiar o conde D. Pedro, deixando-lhe plena liberdade de acção, certo de que elle não deixaria de cahir no laço.

Engana-se, porém; e, começava a desconfiar de que alguma coisa estranha tivesse acontecido.

Esperava, todavia, serenamente.

Uma hora depois da hora da guarda não se conteve e mandou um escudeiro ao paço de Alcaçova vêr o que se passava.

O escudeiro voltou dizendo que na Alcaçova as portas estavam fechadas e não havia o minimo signal de vida, nem de dentro nem de fóra.

* * *

CAPITULO LIX

Para Coimbra

Antes de vermos o que se vae passar em Santarem, sigamos a cavalgada.

Abalou a toda a pressa como vimos. Adeante D. Pedro e o irmão, conversavam galopando, sobre os acontecimentos.

A qualquer d'elles era impossivel descobrir o modo como o rei viera ao conhecimento da traição.

— Como poude sabel-o? exclamou D. Pedro.

— Alguem nos trahiu, observava D. Affonso.

— Quem o poderia fazer?

— Tantos sabiam, já, do nosso intento.

— Tantos, dos nossos, volveu D. Pedro; mas nenhum d'elles foi porque, como vês, nenhum falta a seguir-nos.

— Quem seria então?

Os irmãos calaram-se por momentos.

— Eu daria dez annos da minha vida, exclamou, d'ahi a pouco tempo D. Affonso, para saber quem foi.

D. Pedro immerso nos pensamentos de saudade que o haviam assaltado, furiosamente, nos primeiros instantes de silencio nada respondeu e n'um movimento de raiva, cravou as esporas nos ilhaes do cavallo que precipitou a carreira.

— Em que pensas, interrogou D. Affonso, esporeando o cavallo a alcançar o do irmão, que tão calado vaes?

— N'ella! respondeu D. Pedro, com uma inflexão fundamente pesarosa... n'ella!

— Que profundo desgosto havia de ter!

— O' meu irmão, não maior do que o meu!

— Decerto, mas o seu orgulho deve ter recebido um fundo golpe!

— O seu orgulho, replicou D. Pedro, esse nada o poderá abater; mas o seu amor proprio deve verter sangue.

— A sua situação não será das mais invejaveis perante o rei...

— Decerto não será peor do que a nossa, replicou D. Pedro.

— Nós somos homens, saberemos defender-nos.

— E a ella? replicou com fogo D. Pedro. Vejamos primeiro como resolveremos este passo e pensaremos depois como poderemos servil-as.

D. Affonso percebeu e agradeceu esta delicadeza do irmão que envolvia no mesmo esforço Leonor Telles e a sua adorada Beatriz.

— Ah! tu não imaginas, Pedro, o que me vae custando affastar de Santarem!

— D. Beatriz nada terá a recear...

— Sei lá. O rei é vingativo e duro; poderá muito bem fazel-a entrar na sua vingança, se descobre ou sabe que Beatriz é de alma e coração dedicada á rainha.

— Ella não tem culpa alguma no nosso negocio.

— Não tem? e D. Affonso olhou para o irmão para vêr se era a ironia que assim o fazia falsear tão claramente os acontecimentos.

Porque, verdadeiramente, a mais culpada da resolução dos dois, nenhuma outra fôra senão ella.

Ella, que pelos seus dotes attrahira D. Affonso e o levara a associar o irmão á tentativa de rapto.

D. Pedro, porém, nem se lembraria de tal.

Tudo o que queria fazer lhe vinha mandado pelo seu amor e como bom namorado, nenhuma outra razão via senão a do seu amor generoso.

Nem se lembrara de que tinha sido arrastado, tão a peito tomara os desejos alheios, tanto os seus tinham desapparecido da sua vontade propria, na sua dedicação fervorosa e indomavel.

Não havia sombra de ironia na sua affirmação e D. Affonso poude confirmar-se d'isto, ao ouvil-o accrescentar:

— Que culpa poderia ter a pobre senhora?... A de te amar? A de que a ames?

— Achas pouco para um rei cioso e desconfiado?

— Não levará a tanto a sua vingança...

— E se a levar... interrompeu, fazendo-se horrorosamente pallido, o apaixonado Affonso...

— Se levar? perguntou D. Pedro, com interesse...

— Ai de mim, ou d'elle, exclamou D. Affonso, espraiando o olhar brilhante pela campina luarenta... ai d'elle! por mais certo.

Fizeram silencio ambos, perdidos em meditação intima.

Pelos socalcos da estrada, as patas dos cavallos batendo as pedras solas despertavam o silencio da noite, como um trovão que passasse rolando á flor da terra.

A cavalgada era numerosa e caminhava depressa.

Ora conversando, na situação, receios e perigos, ora silenciosos seguidos pelos homens d'armas, umas vezes conversadores outras vezes calados, os dois irmãos chegaram a Thomar.

Ahi fizeram alto; descansaram homens e cavallos durante tres horas, passadas as quaes de novo cavalgaram e partiram.

Sem outra novidade chegaram a Coimbra e acamparam no arrabalde, em frente da cidade.

Um dos homens de D. Pedro, escudeiro de confiança, foi a uma das portas da cidade e pediu para falar ao conde D. Gonçalo.

Quando este veiu, admirado de o ver tão só o conde perguntou-lhe:

— O que ha?

— Meu senhor, é que o conde D. Pedro e seu irmão D. Affonso, com cem homens de cavallo, esperam no olival de Santa Clara que lhes deis licença para entrarem dentro da cidade.

— Veem sós?

— Sós, meu senhor.

— Como assim... e a rainha?

— Não vem.

— Porquê?

Fomos trahidos. El-rei soube do que se planeava. O conde de Mayorca e D. Carlos de Navarra, tinham preparado as suas forças para nos prenderem, quando rendessemos a guarda.

— E, então?

- Desconfiámos, por nossa vez, dos preparativos do conde de Mayorca e soubemos o que se planeava.

— A rainha soube-o?

— Sim, meu senhor.

— A tempo de não poder fugir?

— Era impossivel, meu senhor. Nós mesmos montámos immediatamente a cavallo e só parámos em Thomar tres horas, até chegar aqui.

— Quantos homens seguem o conde D. Pedro?

— Uns cem de cavallo.

O conde D. Gonçalo ficou pensativo, por momentos.

O escudeiro parando algum tempo, perguntou:

— Que dizeis, sr. conde?

— Deixae-me reflectir, disse o conde. Eu mandarei dizer ao vosso conde o que resolver.

O escudeiro voltou com a resposta e foi grande o pasmo no arraial dos fugitivos.

O conde, indignado, exclamou:

— O conde D. Gonçalo falta á sua palavra?

— Foi o que me disse... o que eu repeti... replicou o escudeiro.

— Que razão deu? perguntou D. Affonso.

— Nenhuma, volveu o escudeiro.

— Preciso de falar ao conde exclamou D. Pedro; que me apparelhem o cavallo, já.

Correram a cumprir a ordem.

O conde montou, apressado, fez-se seguir por dois escudeiros e correu a falar a D. Gonçalo.

Do alto de um torreão, este ouviu a exposição de D. Pedro; mas velhaco e desconfiado como era, receioso de que fosse traição urdida por este, não lhe mandou abrir as portas.

Fulo de raiva o conde D. Pedro voltou para o arraial, n'uma perplexidade angustiosa.

Que haviam de fazer?

Por esta desconfiança, esta deslealdade de D. Gonçalo é que ninguem esperava. Era impossivel voltar para Hespanha, era perigoso permanecer alli, em campo descoberto, porque a justiça de el-rei de Castella não tardaria em procural-os...

Como resolver tal problema?

Quando estavam reunidos, como em conselho deliberativo, veio um recado de D. Gonçalo.

O emissario veio dizer ao conde que uma escolta de mil homens de cavallo, mandada pelo rei João vinha em seu seguimento. Parece que quando soube a noticia d'este facto D. Gonçalo devia ver que não havia traição alguma da parte do conde D. Pedro, visto que o rei de Castella o mandava perseguir. Viu; mas como era de boa raça, a raça da manha, o que lhe mostrava como inutil a generosidade com o conde fugido e com a irmã de novo em azar, não esteve para incommodar-se e limitou-se a avizar os fugitivos da perseguição.

Até alli, chegava a alma nobre do conde D. Gonçalo Tello de Menezes; para deante, não.

O aviso foi, porém, recebido com agradecimento e como a informação dizia que a escolta do rei de Castella estaria a uma hora de Coimbra, D. Pedro e os seus cavalgaram a toda a pressa e a galope desenfreado partiram pela estrada que conduzia ao Porto.

Quando os homens d'armas de D. João á frente dos quaes vinha D. Carlos de Navarra chegaram ante Coimbra, foi-lhes dito que de ha muito D. Pedro e D. Affonso iam caminho do Porto.

Iam extenuados homens e cavallos e fizeram arraial para descançarem, reconhecida a impossibilidade de alcançar os fugitivos.

No outro dia de manhã alguns soldados de D. Gonçalo vieram escaramuçar com os de D. Carlos, que, apanhados desprevenidos, foram batidos e alguns mortos.

D. Carlos resolveu voltar para Lisboa e, pela tarde, deu as suas ordens e partiu.

No outro dia D. Pedro chegava ao Porto.

Esta cidade tinha voz pelo Mestre de Aviz. O alcaide ao ouvir D. Pedro contar-lhe o succedido e pedir protecção, não hesitou um momento e mandou-lhe abrir as portas.

D. Pedro entrou e os seus; mas ao saberem-no dentro da cidade com a força que levava, começaram alguns a receiar que fosse ardil de guerra a historia da fuga e foram ter com o alcaide.

Este concordou que fôra precipitado na annuencia; mas prometteu remediar tudo.

Assim, foi ter com o conde e o irmão e expoz lhe as duvidas em que todos estavam.

Elles concordaram em que eram justas as suspeitas e foram de harmonia com o alcaide, em que os seus fossem desarmados, emquanto se escrevia ao Mestre e elle mandasse dizer o que haviam de fazer.

Por então, os dois irmãos estavam seguros contra o rei de Castella e era esse o ponto importante.

Deram-lhes pousada no castello, n'um quarto alto e interior, onde as communicações, fóra d'horas com os seus, lhe não seriam faceis.

Especie de prisão, que elles perceberam perfeitamente, mas que como sem tenção alguma maliciosa, não se importaram de habitar, com o maior contentamento.

Ao deitarem-se, podemos calcular quaes fossem as suas conversas emquanto a lampada silenciosa e triste allumiava o frio aposento de pedra.

Saudades, raivas, esperanças, projectos ousados, tudo teria passado pelos labios dos dois rapazes, n'aquelle momento indeciso, triste, desconsolador.

A mocidade, porem, zomba dos perigos e dos prenuncios do futuro, acreditando piamente n'este e transformando ainda as más situações da vida, em motivos de coragem e desconfiança.

Quando a aurora assomou, conversavam ainda tendo chegado á conclusão de que em breve estariam vingados, satisfeitos os seus amores, felizes, emfim.

Sob esta impressão adormeceram e nunca se viu somno mais descançado, nem mais profundo.

* * *

O que aconteceu em Santarem?

O rei vestira a armadura completa, como para combater e esperava no quarto o signal dos gritos contra D. Pedro, para intervir.

Como se demorasse qualquer ruido indicador de que chegasse D. Pedro, mandou fóra perguntar ao conde de Mayorca a razão de tal socego.

N'este momento recebia o conde por um escudeiro, que mandara espiar o paço da Alcaçova, que D. Pedro e D. Affonso tinham reunido os seus homens no Alfange e tinham partido a caminho de Coimbra.

— Uma praga grosseira acompanhara a narração do escudeiro.

Chegava o emissario do rei:

— Sua Alteza manda-me saber se ha alguma novidade?

— Não a ouvistes?

— Não ouvi, replicou o emissario.

— Eu vou comvosco, accrescentou o conde, eu vou comvosco, e dando, ainda, algumas ordens ao escudeiro, entrou pelo paço direito aos aposentos reaes.

— Então? exclamou o rei ao vêl-o.

— Fugiram como cães, bradou o conde.

— Fugiram? perguntou o rei.

— Vão a caminho de Coimbra, ha bem duas horas, emquanto eu os esperava confiadamente, aqui.

— Foram avisados? perguntou D. João.

Parece que sim, volveu o conde.

— Quem seria o traidor?

O conde não respondeu.

— Não ha tempo a perder, continuou o rei. Ha quanto tempo partiram?

— Duas horas.

— Podem apanhar-se. Quantos homens podeis apromptar, já, para os caçarem? Mil homens?

— Talvez.

— Pois ordenae, já, que os sigam. Que vá com elles D. Carlos e ficae vós. Aonde os apanharem, ou vivos ou mortos... os dois... tragam-m'os.

O conde ia a sahir. El-Rei chamou-o de novo.

— Voltae logo que derdes a ordem; temos outras resoluções a tomar.

Uma hora depois, D. Carlos á testa dos mil cavalleiros partia em perseguição dos dois irmãos.

O resultado da perseguição vimol-o já.

O conde, partida a hoste, veiu ter com o rei.

D. João estava n'um estado de exaltação extrema.

Vociferava contra os dois, contra Leonor Telles, sobretudo contra esta, com inaudito furor.

Jurava que lhe ia pagar e caro, a traição premeditada; que seria a ultima que havia de commetter na sua vida, que pagaria por uma vez todas as vilezas e miserias e intrigas da sua vida feita de traição e de vergonhas

O conde não interrompeu o rei que passeava nervosamente pelas lages do aposento.

De repente serenou

A sua natureza grave e fria triumphara da colera.

Em frente do conde, perguntou:

— O paço da Alcaçova está completamente fechado?

— Completamente.

— D. Judas dorme lá dentro ou na villa?

— Na villa, creio.

— E' precioso prendel-o, esta noite.

— Sim, meu senhor.

— Maria Pires, a camareira da rainha, se não está de serviço, dorme tambem em sua casa. Se alli estiver, prendei-a tambem.

Avisar o judeu David para que esteja aqui, ámanhã de manhã.

— Sim, meu senhor.

— Cedo.

O conde de Mayorca sahiu a executar as ordens.

El-Rei chamou o guarda-roupa, desarmou-se e deitou-se.

A rainha rezava, ainda!

⁂

Mas não dormiu, o rei.

Não podia dormir.

A traição do conde, o inexperado d'esta, o perigo em que estivera, as manhas da rainha, a maneira de se vingar, a forma de o conseguir em relação á rainha, isto é, em harmonia com o seu estado de mãe de sua mulher... todas estas coisas passaram na cabeça febril do rei de Castella e lhe roubaram naturalmente o somno.

Se adormecia por pouco tempo dormia e tão mal disposto acordava que muito antes da manhã se levantou.

Mal o dia raiava mandou ordem ao seu capellão para vir dizer missa.

Este veiu, e o rei e a rainha que, naturalmente, pouco tempo tambem conciliara o somno, foram ouvil-a.

Ao sahirem da capella o rei dizia para a rainha:

— Mandei prender D. Judas e a camareira Maria Pires.

— E, foram prêzos?

— Devem ter sido. O conde de Mayorca não tardará a vir informar-me.

O conde apparecia no corredor.

— Prêzos?

— Ambos.

— Trouxestel-os?

— Esperam as ordens de Vossa Alteza.

— Precisamos ouvil-os, assentar o que disserem... Preveni o meu escrivão de que venha aos meus aposentos.

— Ides interrogal-os? perguntou a rainha.

— Decerto. E' preciso que nos digam tudo. Devem sabel-o. São ambos da intimidade de vossa mãe, não o podem ignorar. Obtidos os seus testemunhos farei comparecer vossa mãe deante de nós para que se defenda.

— Ella virá? disse a rainha.

— Por fôrça, a bem ou a mal!

O rei empallideceu ao dizer isto.

— Ireis vós buscal-a, conde. Por meu mandado, que venha. Ella é hoje minha prisioneira. Respondeis-me por ella, continuou voltando-se para a conde. Eu mando que venha e ficae sabendo que m'a haveis de trazer a bem ou a mal?

— E repetiu a phrase com uma voz energica, cheia de rigor e de colera.

— Sim, meu senhor, disse, simplesmente, o conde, virá.

— Avisae D. Carlos de que preciso da sua presença.

O conde cortejou e voltou atraz, emquanto o rei caminhando dizia á rainha:

— Perdoa-me, Beatriz, o ter de ser aspero com tua mãe. Bem sabes que faço justiça. Uma tentativa de assassinato não é coisa que se possa deixar sem castigo.

— Não, meu senhor, não. Sêde justo; mas não sejaes cruel.

— E' escusado pedir-m'o. A despeito de tudo é tua mãe, uma má mulher e eu não posso esquecer, que lhe devo o ter-te por minha esposa, tu, que Deus quiz que fôsses tão differente d'ella para meu orgulho e exemplo da minha côrte.

Beatriz estendeu-lhe a mão n'um gesto de caricia.

O rei tomou-lh'a e beijou-lh'a amorosamente.

O rei D. João de Castella foi sempre de uma grande gentileza para com a mulher; muito a estimava e tão apreciador era dos seus bons e altos dotes que para ella creou por proprio respeito e exigindo o dos outros um ceremonial da côrte, rigido e inalteravel.

— Eu não lhe merecia uma tal offensa, continuou o rei; nunca lhe dei razão para me querer tanto mal.

— Minha mãe foi sempre muito orgulhosa, lembrou a rainha, negastes-lhe o cargo de rabbi para o seu judeu favorito...

— Foi para vos ser agradavel...

— Se eu o soubesse...

— Não vos arrependaes, como eu me não arrependo. Quiz fazer-vos a vontade e a fiz. Contra o desejo de todo o mundo a faria.

Era a vossa e era a minha. Eis tudo.

— Obrigada, agradeceu sorridente a rainha.

— Não acrediteis que tão pequena razão motivasse tão alta vingança. Não a justifica. Ha uma grande maldade no intimo da rainha, vossa mãe. Vêde como conseguiu chamar a si, perder, dois amigos, quasi irmãos meus...

— Os pobres! disse a rainha commovida.

— Ella não tem o menor respeito pela vida ou pela felicidade de quem quer que seja.

— Nunca teve, disse a rainha, com voz triste.

— Tudo e todos sacrifica aos seus planos, que são sempre do genero d'este, crueis e sanguinarios.

— E' preciso, continuou o rei, parando junto da porta que dava para os seus aposentos, impossibilital-a de poder continuar, para sempre, com as suas proezas e intrigas. Eu o farei, deixae, eu o farei, por uma vez.

— Sêde, quanto puderdes, clemente, em todo o caso, pediu a rainha com a sua voz de uma doçura intensa.

— Descansae que o serei. Estae prevenida para quando vos mandar chamar, porque tereis de assistir ao interrogatorio.

— Irei quando ordenardes.

D. Beatriz fez signal ás damas que a seguiam de longe, para se approximarem e cortejando o rei, passou adeante.

O rei esperou que ella fôsse voltando ao fundo do corredor e saudando-a recolheu-se ao quarto, chamando um pagem.

Esse pagem transmittiu as suas ordens.

CAPITULO LX

Prêsa

No paço da Alcaçova, a rainha Leonor Telles acabara de tomar a refeição da manhã.

Esta consistira n'um copo de leite, apenas.

Leonor Telles cuja noite, depois do primeiro somno, a passara em calculos e juizos sobre a sua situação, levantara se um pouco mais cedo do que o costume.

Informara-se de tudo o que se tinha passado depois de deitada; soubera da prisão de D. Judas e de Maria Pires e isto a inflammava em rudes coleras.

Contivera-se porém.

Tomado o leite, recolhera-se á camara e com D. Beatriz conversava, animadamente, sobre o que se passara.

Propunha-se escrever ao irmão, contando-lhe o succedido e pedindo-lhe que a viesse libertar, fosse como fosse, quando lhe annunciaram que o conde de Mayorca a procurava, da parte do rei.

Mandou o entrar.

O conde beijou-lhe galantemente a mão e disse-lhe que a vinha convidar, da parte de D. João, para ir ao paço.

— Que me quer El-Rei? perguntou, altivamente, a rainha.

— Não sei dizel-o a Vossa Alteza.

— O que vos disse?

— Que viesse pedir-vos a fineza de me acompanhardes ao paço porque deseja falar-vos.

— Ignoraes, então, o que me quer meu genro?

E D. Leonor teve a mais amarga expressão de despreso que os labios de uma mulher podem exprimir, ao dizer esta phrase.

— Ignoro-o, completamente.

— Pois é para admirar, senhor conde, que ignoreis coisa tão simples, quando tão bem sabeis descobrir coisas mais altas.

— Vossa Alteza lisonjeia-me, replicou o conde com o maior sangue frio. Beijo-lhe as mãos.

— E' então negocio de urgencia, para virdes a esta hora com o recado?

— Obedeço a el-rei.

— Bem, disse a rainha, com a maior altivez, lá irei.

— Perdôe-me Vossa Alteza, replicou, com voz submissa, o conde de Mayorca; mas El-Rei mandou-me que vos dissesse, que fizesseis a honra de me acompanhar.

— Já?

— Já.

— El-Rei, meu genro, está matutino hoje. Dizei-lhe que os dias são grandes e os annos e que o que se não faz em dia de Santa-Maria se pode fazer n'outro dia. Lá irei, podeis retirar-vos.

— Não quereis fazer-me a honra de me acompanhar?

— Não posso sahir, já.

— Esperarei.

— Não quero, exclamou, resoluta, Leonor Telles. Irei quando quizer, tendes ouvido?

— Perdôe-me de novo Vossa Alteza; mas esta resposta vae irritar profundamente El-Rei, que me deu ordem para vos levar...

— A bem ou a mal! exclamou Leonor Telles, collocando-se em frente do conde de Mayorca, como se leva um salteador? Não é assim?

O silencio respeitoso do conde confirmou a pergunta da indignada rainha.

— D. João é um fidalgo, continuou a rainha com ar de fundo escarneo, um gentilhomem!

De modo que se eu não quizer ir, tendes ordem para me arrastar em cadeias como um scelerado da peor especie!

A mim! que sou sua mãe! que lhe dei um throno!

Leonor Telles, erguida em toda a magestade da sua bella figura, um ricto de colera e de despreso a vincar-lhe a face, olhou com incomparavel altivez os olhos do conde e disse-lhe:

— Quero evitar-lhe, senhor de Mayorca, o commetter uma villania indigna de si e da sua nobreza. Vou obedecer ao seu rei e deixar-lhe a elle a responsabilidade da ordem tão miseravel como o seu espirito vil e egoista.

Porque não veiu elle; se é um homem e eu uma mulher? E' porque me considera uma criminosa, que tem nas mãos e que ha-de obedecer-lhe... a bem ou a mal!

Que rei!

Eu vou acompanhar-vos, senhor de Mayorca, esperae-me um instante.

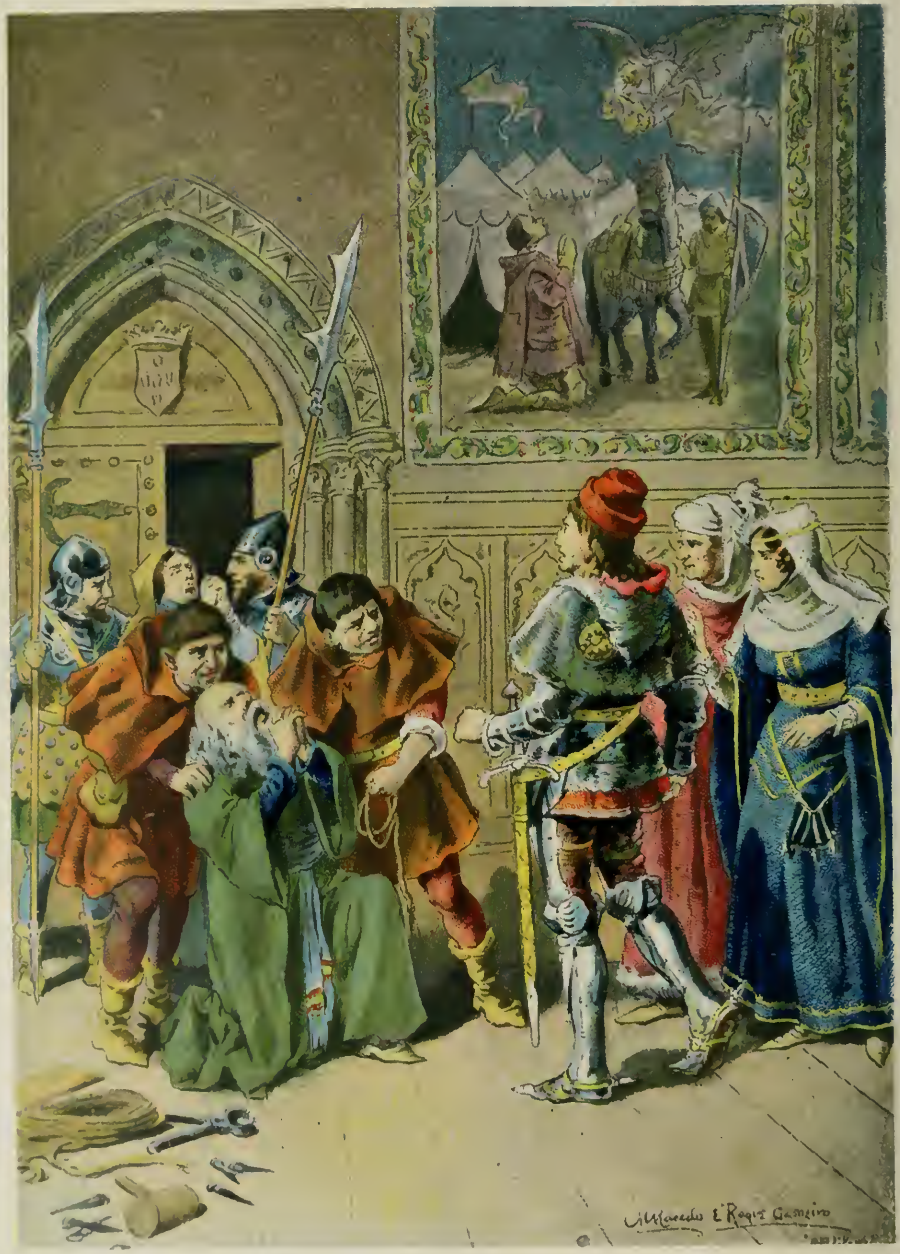
A rainha, dizendo isto, fez signal a D. Beatriz que, muda, assistira a toda esta scena, e entrou para o quarto de vestir.

Uma hora depois a rainha entrava no convento de S. Francisco, paço do rei de Castella.

Atraz seguiam-nos cem homens de cavallo de lanças erguidas.

Nem a filha nem o genro vieram ao seu encontro.

Fizeram-n'a entrar n'um amplo salão, puzeram-lhe guardas ás portas com ordem terminante de não permittirem que sahisse e o rei foi avisado de que D. Leonor Telles, se achava no palacio.


Alfredo E. Roque Gameiro

Eu direi tudo, senhor! tudo que souber...

CAPITULO LXI

O tribunal

No gabinete particular do rei estavam pouco depois reunidos, o proprio rei, a rainha D. Beatriz e D. Carlos, principe de Navarra.

D'ahi a pouco, conduzidos por quatro homens, entraram D. Judas, o judeu nosso conhecido, velho thesoureiro de Leonor Telles e de D. Fernando e Maria Pires, a camareira da ultima.

— Ponham-nos em ordem para os tratos, mandou o rei para os conductores.

Estes chegaram ao pé do judeu e iam começar a despil-o quando este se lançou de joelhos, tremulo de medo.

— Eu direi tudo, senhor, tudo o que souber; tende piedade da minha velhice.

— Toda a verdade? exclamou o rei olhando-o furioso.

— Toda a verdade, meu senhor, por Deus o juro.

A camarista, tremula e anciosa, viu approximarem-se os algôzes e rompeu em pranto.

Ao agarrarem-n'a, brutalmente, a rainha interveiu:

— Fazei egual promessa de revelardes a verdade e poupar-vos-heis aos tormentos, Maria Pires.

— Oh! senhora, sim. Pela Virgem Santissima nossa mãe o juro, minha senhora. Salvae-me d'este transe.

A rainha olhou D. João, que percebendo a intenção piedosa da mulher fez signal aos executores que a largaram.

A uma mesa sentara-se o escrivão, prompto a lançar ao papel todas as revelações dos dois.

— Escrevei, disse o rei dirigindo-se a este e voltando-se para o judeu que esperava, pallido e tremulo, o interrogatorio, exclamou:

— Não vos tolero a menor mentira. A' primeira em que vos achar cahido, quebrar-vos-hão os ossos.

— Oh! meu senhor, exclamou alterado D. Judas, na perspectiva da realisação de tal ameaça, direi a verdade, só a verdade.

A rainha e D. Carlos de Navarra tinham-se sentado. D. João foi junto d'elles, sentou-se tambem e interrogou.

— E' certo que de ha muito a rainha D. Leonor, minha mãe, tentava roubar-me o throno?

— E' certo, respondeu o judeu.

— Desde quando?

— Desde que escreveu aos alcaides dos castellos, que tinham voz por ella, que vol-os não entregassem.

— Isso escreveu ella?

— Sim, meu senhor.

O rei dirigiu-se ao escrivão:

— Tende cuidado em notar bem o que se fôr dizendo, recommendou, sollicito.

— Nada deixarei de notar, meu senhor.

— Podeis precisar a epocha em que a rainha escreveu essas cartas?

— Meu senhor, logo depois de lhe recusardes, para mim, o logar de rabbi-môr dos judeus de Castella.

O medo tornava o judeu um miseravel que nem occultava um facto, cuja revellação era para elle de uma eterna vergonha.

— Desde então?

— Sim, meu senhor.

Vêde, disse o rei o meia voz para os dois, para a rainha e para D. Carlos: vêde de ha quanto machinava contra mim, forjava a minha perda!

— Bem vol-o dizia eu. Aquella recusa foi o signal da discordia.

— E, estava, então, já unida ao conde D. Pedro?

— N'essa occasião?

— Não o sei dizer, meu senhor; mas parece-me que não.

— Foi então, mais tarde que a rainha o chamou para o seu lado?

— Sim, meu senhor?

— E, quando?

— Não o posso dizer a Vossa Alteza; mas foi depois.

— Conheceis muito bem a conspiração urdida contra mim e os conspiradores todos, dizei-me quem eram.

— A rainha D. Leonor, seu irmão o conde D. Gonçalo, o conde D. Pedro e D. Affonso seu irmão.

— Ninguem mais?

— Que eu soubesse ninguem.

— E vós?

— Eu não senhor. Nunca fui ouvido para tal.

— Como o soubestes?

— Como muita gente o sabia, no paço da Alcaçova. Não era segredo lá dentro.

— Nunca fizestes acto algum que em consciencia vos torne cumplice no attentado?

— Não, meu senhor.

— Vêde bem.

— Dei um dia, ha quatro dias, a D. Gonçalo, antes de partir para Coimbra, por mandado de D. Leonor, mil dobras de oiro.

— Não sabieis para quê?

— Ninguem m'o disse; mas calculava-o.

— Era o premio da sua adhesão, disse o rei voltando-se para D. Carlos.

— Qual era o fim da conspiração? tornou o rei.

— Desapossar-vos do throno.

— Como?

— Matando-vos.

— Quem o faria?

— D. Pedro.

— Porque premio?

— Casaria com D. Leonor Telles e acclamar-se-hiam reis.

— Isso se sabia?

— Muitos o sabiam.

— Quando estava combinado o fazer-se?

— O dia?

— Ou a noite.

— Não o sei; nem nunca o sube, senhor.

— O que sabieis então.

— Que seria feito, durante uma guarda de D. Pedro, quando vos achasseis só, ou pouco defendido.

— Entregue a elle?

— Naturalmente.

— Era pois a ambicção que levava D. Pedro a matar-me?

— Talvez.

— Talvez, não é resposta, o que pensaveis, o que se dizia?

— Alguns acreditavam que fosse a ambicção, outros o negavam.

— O que julgavam que fosse, esses que negavam a ambicção?

— Uma cega paixão pela rainha.

O rei olhou a mulher e D. Carlos. Aquella explicação é que nenhum d'elles tinha ainda considerado.

— Amava-a D. Pedro? continuou o rei.

— Dizia-se que sim.

E é natural, disse, quasi em segredo D. Carlos para D. Beatriz, só a loucura do amor poderia obrigar D. Pedro a uma deslealdade tão insensata.

— Foi então a rainha que reduziu, que arrastou D. Pedro? E' essa a vossa opinião?

— Sim, meu senhor.

— E este arrastou D. Affonso na aventura? E' o que se diz?

— Não, meu senhor.

— O que é então?

— D. Affonso seguia tambem os impulsos do coração. Amava D. Beatriz de Castro, a camareira.

— Foi ella que o attrahiu?

— Diz-se que foi.

— Deslealmente, disse a rainha a meia voz; ia jural-o.

— Dizia-se que ella o amava? perguntou o rei, e como o judeu demorasse a resposta, D. João voltou-se para a camareira dizendo-lhe: respondei vós, que n'estas coisas deveis saber mais do que ninguem.

Maria Pires, tremendo, respondeu: Assim parecia, meu senhor.

— E, esse amor começou, naturalmente? Não houve um calculo da parte de D. Beatriz para trazer um novo adepto á conjuração? Não estariam ella e a rainha ligados n'um mesmo plano?

— Ninguem o poderá dizer, meu senhor. O que se viu é que começaram a andar amorosos pelos saraus e passeios e que não se apartavam nunca.

Maria Pires, mulher e mais heroica defendeu assim D. Beatriz de Castro de uma vingança certa. Todos tinham conhecido a historia d'aquelles amores, de principio encommendados pela rainha e verdadeiros, no fim.

Isso era, porém, um segredo, um facto improvavel, que ninguem poderia justificar e como tal a camareira entendeu que, sem perigo, o podia occultar.

— Ouvistes o que tem dito D. Judas? perguntou o rei

— Sim, meu senhor.

— Negaes algum dos factos que elle relatou?

— Não, meu senhor.

— Quer dizer que os confirmaes a todos, não é verdade?

— Sim, meu senhor.

— Que de ha muito a vossa ama conspirava contra mim; que mandava que se voltassem contra mim os alcaides; que acabara por combinar a minha deposição e a minha morte com o irmão o conde D. Gonçalo, com D. Pedro e D. Affonso? Isto sabieis, isto é verdade?

— Sim, meu senhor.

— E, sereis capazes vós ambos de o repetirdes deante da rainha D. Leonor?...

Ainda que com uma leve hesitação, vinda da ideia de uma accusação contra Leonor Telles que ambos respeitavam e temiam; lembrança dos tormentos, que uma recusa acarretaria fatalmente, responderam, os dois, quasi unisonamente:

— Sim, meu senhor.

— Tudo está apontado? perguntou o rei ao escrivão.

— Tudo, respondeu este, levantando-se.

— Mandae ao conde de Mayorca que conduza a rainha, ordenou o rei a um pagem que se perfilava á porta.

O pagem cumprimentou e sahiu.

Podeis retirar-vos mandou o rei aos homens que tinham conduzido o judeu e Maria Pires.

Sobraçando cordas, cunhas, varas e outros instrumentos de supplicio que estavam no chão a um dos lados da sala, os quatro homens apressaram-se em obedecer o mais depressa que puderam á intimação do rei.

CAPITULO LXII

A criminosa

Poucos instantes depois, á porta da sala, conduzida pelo braço do conde de Mayorca, apparecia Leonor Telles.

Uma penna épica, affeita aos grandes lances dramaticos, devia descrever a entrada da rainha, n'esta fria sala feita tribunal, a sua grandeza, a sua superioridade revelada no andar, no gesto, na expressão nobilissima do rosto magestoso e inalteravel.

Ella era bem uma rainha, pela graça magnifica do andar, pela esculptura do seu corpo de estatua, pela nobreza altiva que irradiava da sua cabeça erguida, pela expressão superior dos seus olhos negros e profundos.

O rei indicou-lhe com a mão uma alta cadeira de espaldar que a ninguem servira.

A rainha lançou um rapido olhar pela sala e percebendo que entrava n'um tribunal, teve um ligeiro sorriso de desdem, avançou e sentou-se.

Houve um silencio que D. João interrompeu nervosamente.

— Sabeis porque vos mandei chamar, minha senhora e mãe?

— Não sei, respondeu a rainha.

— Ides saber.

Voltando-se para o escrivão o rei, disse-lhe: lêde o que acabam de depôr D. Judas e D. Maria Pires.

— D. Judas? disse a rainha, voltando-se para elle, como se pela primeira vez o visse. Estaes aqui?

O judeu calou-se e encolheu-se quanto poude no capote que lhe cahia dos hombros.

— Estaes aqui? continuou a rainha e sois vós então que me fazeis aqui vir?...

— E' mais natural que elle aqui esteja, como quem me deu vida, do que quem me urdia a morte, disse o rei.

A rainha olhou-o, fixamente, como a pedir-lhe a axplicação da phrase; mas o rei fingiu não reparar e ordenou ao escrivão:

— Lêde o que escrevestes.

E o escrivão poz-se a ler o depoimento do judeu.

A rainha ouviu ler. Uma nuvem de colera por vezes lhe empanou o olhar brilhante e vivo.

Terminada a leitura, n'um impeto de colera, voltou-se para D. Judas, exclamando:

— Perro, tu disseste aquillo, de mim?

— Disse e é verdade! exclamou o judeu para ganhar as completas graças do rei de Castella, porque do odio terrivel da rainha ninguem o livraria mais, no mundo.

— Mentiste, cão traidor, mentiste!

A rainha perdera um momento a serenidade ao ver esse homem que ella enchera sempre de favores e de dinheiro, durante longos annos, por quem se indispuzera ainda com o genro, pagar-lhe tão miseravelmente os favores.

Recuperara porém, immediatamente a serenidade, e sangue frio de modo que quando o rei lhe perguntou:

— Que tendes a dizer a isto minha senhora e mãe?

Leonor Telles olhou D. João com o maior desprezo e respondeu:

— Que quereis vós que eu diga?

— Se é verdade ou falso, se confessaes ou negaes.

— Que fará que eu negue? Acreditar-me-heis?

— Não o negaes, pois.

— Negar o quê?

Que sois um falso rei, um egoista, um perjuro?

Que vos dei um reino? que faltastes ás vossas promessas, aos juramentos, commungando, commigo, o corpo de Deus, em Santarem?

E' isto que quereis que eu negue?

Como poderei fazel-o, se é a verdade núa e crúa?

A rainha, de accusada tornava-se em accusadora.

Não terei razões para me offender?

Tendes-me tratado como a uma mulher qualquer, sem posição e sem nome; desconfiado tendes-me tido como presa e sob falsas apparencias de amizade tendes pretendido anniquilar todo o meu poder, toda a influencia que eu pudesse ter nos fidalgos que me são dedicados, de modo a expulsar-me, completamente, de qualquer questão que dissesse respeito a Portugal.

A' lealdade com que vos recebi, á generosidade com que vos tratei, respondestes com a ambição, com a falsidade, com a hypocrisia.

Quereis que o negue?

E' isto que pretendeis que eu confesse que senti e sinto?

O rei de Castella, querendo ter para a rainha todas as attenções, começava, no emtanto, a impacientar-se.

— Não vos disse isso aquelle judeu?

Não vos disse que o rei de Castella faltou á sua palavra de cavalleiro e que faltando assim, quebrava o contracto de amizade e de lealdade que havia feito?

Não vos disse que quem é escarnecido e enganado tem o direito de se defender, de se armar, de luctar contra quem falsamente o enganou?

Não vos disse isto D. Judas? Não o sabeis vós?

E, mandaes-me vir, aqui, porque um miseravel, que pelo medo diria o contrario de tudo o que disse, dirá o que se quizer que diga, ousou assacar-me de que pretendia arrancar-vos o governo, o throno, matando-vos!

Continuaes a esquecer a minha posição e o que deveis á mãe de vossa mulher!

Então a rainha D. Beatriz, que se conservara sempre muda durante a scena, interrompeu a mãe, dizendo:

— Mulher a quem queries ver, n'um anno, viuva, orphã e desamparada!

Leonor Telles olhou-a friamente e disse:

— E' a ordem do mundo que uns vivam e outros morram!

— De suas mortes naturaes, observou o rei.

— Todas o são, porque são determinadas por Deus; replicou Leonor Telles sobranceiramente.

Em palavras nem o rei, nem pessoa alguma levava vantagem á intelligente mulher.

Era de longa data esse conhecimento. A doçura ou ironia da sua palavra egualava á intelligencia com que Deus a dotara.

O rei percebendo-o tambem, replicou com gestos de ira:

— Deixemo-nos de razões; o que é certo e está provado é que tentaveis matar-me, que isso tinheis combinado, perfeitamente combinado. Não é verdade?

Leonor Telles calou-se, olhando-o.

— Sabeis muito bem, continuou o rei, em que pena incorrestes?... a pena de morte!

Leonor Telles teve um ligeiro sorriso.

— A pena de morte! confirmou o rei, que eu poderia mandar applicar-vos immediatamente, porque tenho esse direito.

Leonor Telles olhava-o, imperturbavelmente.

— Não o farei, accrescentou D. João, por amor de vossa filha. A ella deveis a minha clemencia e podeis agradecer-lh'a.

O mesmo ironico sorriso franziu a face da rainha.

— Não é possivel, porém, continuou o rei, que permaneçaes mais tempo junto a mim, não podereis d'hoje em deante ter a minha companhia nem eu a vossa. Eu exporei ao meu conselho a idéa que tenho a vosso respeito e approvada ella a mandarei executar.

— Poderei saber qual é? perguntou Leonor Telles, friamente.

— E' a de fazer-vos recolher a um honrado mosteiro de Castella, onde já teem estado rainhas viuvas e filhas de reis e onde podereis viver em harmonia com o vosso estado, porque eu o providenciarei.

— Agradeço-vos o cuidado, respondeu Leonor Telles; mas dispenso-vol-o.

Isso fazei vós a alguma irmã vossa, se a tendes. Mettei-a a ella em mosteiro, porque a mim não o fareis, não o verão os vossos olhos!

E, indignada, colerica, exclamou:

— Isto é a paga que me daes de quanto vos hei feito! Este o galardão, este o premio. Perjuraes porque a tudo o que promettestes e sobre o que commungastes commigo o corpo de Deus, nada cumpristeis. Desculpaes-vos com as vozes de um perro de um judeu, que dirá que Deus não é Deus, se o obrigar o medo, para faltar e para vos desculpardes ante a vossa consciencia!

— Será o que vós quizerdes, exclamou o rei; mas haveis de provar-me primeiro que estaes innocente de todas as más intenções de que vos assacam e podereis falar então da minha deslealdade.

— Isso seria perder tempo e palavras, respondeu a rainha; nem vós me acreditarieis, nem eu tenho o menor empenho em ser acreditada. Nunca desci a justificar as minhas acções, até hoje, a ninguem e não será agora que o faça.

E, levantando-se, com um grande ar magestoso, concluiu:

— Este é o caso de dizer: que quem o seu cão quer matar, alcunha-o de damnado. Fazei como e o que quizerdes; mas poupae-me o desgosto de vos ouvir e ver!

Encaminhou-se altivamente para a porta, sem que ninguem ousasse obstar-lhe á passagem, ou dirigir-lhe a palavra e correndo com mão energica o pesado reposteiro, sahiu.

No corredor, o conde de Mayorca, ao vel-a, dirigiu-se-lhe, e de novo a acompanhou á Alcáçova, onde ficou guardada pelos homens d'armas, prohibida de sahir sob qualquer pretexto, presa, emfim!

CAPITULO LXIII

O exilio

Logo que Leonor Telles sahiu, o rei mandou reunir o conselho, como costumavam os reis fazer sempre para os casos graves e propoz-lhe, depois de lidos os depoimentos, o alvitre que desejava.

Como sempre o conselho dividiu-se.

Uns opinavam que se fizesse o que o rei queria, por ser de toda a vantagem tiral-a do reino; outros, attendendo a que era mãe da rainha, e mulher de grande honra como então se dizia eram de parecer que se conservasse em seu estado, havendo o cuidado de a vigiar e cercando-a de pessoas de confiança.

Esta segunda opinião era a mais delicada, mas a mais trabalhosa com uma mulher como Leonor Telles.

O rei decidiu pela primeira, e assente isto em conselho, mandou recado a Leonor Telles que no dia immediato se apromptasse para ir para Castella.

Foi escolhido para a levar um fidalgo de maior confiança Diogo Lopes de Estunhega a quem foi entregue.

A' ordem do rei no paço houve um grande alarido, de raivas, de impercações e de choros mulheres.

Um ou outro velho fidalgo affeiçoado á rainha ousou propor a desobediencia ao rei, a sahida á força do paço, a lucta até á ultima extremidade.

Eram loucuras que a rainha agradeceu, mas que impediu serenando os animos e promettendo uma desforra completa. O animo varonil d'aquella mulher era superior a todas as tempestades da vida.

Taes e tantos revezes, em tão pouco tempo soffridos teriam abatido a coragem mesmo de um homem.

Leonor Telles, retemperava-se na lucta, tomava novas forças com os desastres e por cada revez soffrido, mais se lhe levantava o animo sequioso de vinganças e de castigos.

Acalmou os impetos dos homens e os prantos das mulheres e mandou que se completassem os preparativos para a partida.

Como todos a quizessem acompanhar escolheu apenas Beatriz de Castro, para sua companheira, o que mandou participar ao rei, perguntando-lhe se o podia fazer.

D. João respondeu:

— Que levasse as pessoas que necessitasse para seu serviço; de mulheres, porque de homens não lhe consentiria que levasse nenhum.

O rei acautelava-se.

Fechou se no seu quarto a rainha e escreveu duas cartas uma a Martim Ennes da Barbuda e outra a Gonçalo Ennes de Castro Vide.

Contou-lhe o que tinha acontecido e pedia-lhes para a libertarem no caminho.

As cartas levadas por um velho servidor não chegaram ao seu destino senão muito tarde.

Quando Martim Ennes e Gonçalo Ennes as conheceram, a rainha caminhava já por terras de Castella.

Porque o rei temendo-se de qualquer artificio que ainda conseguisse arranjar, fel-o partir, no dia immediato.

Era manhã quando á porta do paço da Alcaçova parou Diogo Lopes de Estunega com cem homens de cavallo.

No pateo os moços carregavam sobre possantes azemolas compridos caixotões e arcas contendo as roupas da rainha.

Duas mulas ricamente ajaezadas esperavam por Leonor Telles e pela formosa camareira, que a acompanhava.

Envolta em veus negros, toda de preto a rainha appareceu em breve, como uma apparição funebre. Seguia D. Beatriz tambem de escuro e o rosto cheio de uma grande tristeza.

Atraz seguiam-nas muitas damas chorosas, alguns fidalgos com aspecto carregado e algumas creadas em alto pranto.

A rainha despediu-se de todos com grande firmeza e deixou que lhe beijassem a mão reverentemente.

Depois d'isso montou.

Um escudeiro tomou-lhe a redea da mula e a um signal de Diogo Lopes a cavalgada sahiu o portal entrou pela villa e sahiu pela porta da Artamarmara, descendo a ingreme ladeira que conduzia para a estrada da Beira.

Diogo Lopes seguia a rainha que n'um silencio absoluto caminhava em profundas meditações. O sol dardejava sobre as laminas das lanças dos cavalleiros fazendo-as rebrilhar em scintillações vivas de luz e espalhando uma nota alegre em roda do vulto merencorio de Leonor Telles, cujo olhar velado pelo veu negro dardejava ao longe, procurando o apparecimento de alguma força que a viesse libertar.

Não veio.

A rainha seguia definitivamente o caminho do exilio.

Nem filha, nem genro, tinham vindo dar-lhe o adeus de despedida; partira sem uma palavra de consolo ou de perdão.

Para ella, para o seu caracter, fôra melhor assim.

Assim ficava-lhe toda a liberdade de operar, toda a justiça de poder servir-se de todos os meios que acudissem á sua imaginação fertil, para uma vingança estrepitosa e completa.

Como seria?

Era o que ella trabalhava no silencio da marcha.

Um convento toma-se, ou foge-se d'elle. Em toda a parte ha almas generosas; em toda a parte ha quem seja capaz de sacrificar a uma bella mulher descahida o seu coração e a sua espada.

O que teria acontecido a D. Pedro e a D. Affonso? A essa hora estariam em Coimbra combinando com o irmão a maneira de expulsarem o rei, de o guerrearem até á morte.

Quando soubessem do triste caso, os cavallos poderiam correr a Tordesillas, com os seus emissarios, levar-lhe a esperança, a certeza da victoria, porque o rei não seria capaz de vencer os estorvos dos seus partidarios e do Mestre d'Aviz.

Isto era infallivel.

A derrota do rei seria a sua liberdade e esta seria a sua vingança, dura, feroz, como nunca fôra, cruel!

Taes pensamentos enchiam a cabeça da rainha, quando fizeram a primeira paragem para descançarem.

A rainha tinha pressa de acabar a viagem; marcharam sempre com a maior pressa, descançando n'esta ou n'aquella aldeia, dormindo em conventos sempre que os havia, demorando-se pouco depois do descanço preciso, logo que entraram em terras de Castella.

Oito dias depois avistaram no alto as terras do mosteiro de Tordesillas e em breve, o amplo portão rasgado no alto muro da cêrca se abria para dar entrada a Leonor Telles, a famosa rainha cuja fama lá chegara dentro, motivo de espantos e de admirações.

*
* *

Deixemol-a subir a ampla escadaria conventual, seguida da sua fiel Beatriz e voltemos a Santarem.

Em breve teremos de voltar ao historico mosteiro e encontral-a de novo na clausura dos seus aposentos, conspirando sempre, sempre altiva, indomavel e prodigioso espirito.

Leonor desappareceu assim, escreve n'este ponto o historiador allemão Schoeffer, da scena, onde durante muito tempo representara um importante papel, sempre digno de interesse.

Tão seductora que não podia deixar de attrahir e de encadear todos os que se approximavam d'ella, tão activa e tão habil que não podia deixar de arrastar muita gente na sua orbita, exerceu uma tal influencia no seu tempo que ainda hoje merece a nossa attenção e justifica o termos lhe consagrado muitas paginas.

Dotada de uma grande formosura e de altas faculdades intellectuaes, teve que dar graças á sua habilidade, muitas á natureza e ainda mais a um feliz destino que lhe pousou na fronte uma corôa regia.

Infelizmente não lhe bastou esse elevado favor da fortuna.

Leonor quiz provar todos os gosos, mesmo aquelles que o dever lhe inhibia, e assim provocou ella mesma castigos que resultaram dos seus erros e dos seus prazeres culpados.

No seio da sua familia, ao lado d'ella, ergueu-se um vingador das suas infedilidades, que matou quasi á sua vista o seu amante e o seu cumplice.

Verteu-lhe sangue o coração; mas em vez de se erguer das profundezas da sua dôr, purificada e ennobrecida por uma sanguinolenta expiação, só á vingança aspirou.

A sua paixão não mudou senão d'objecto.

A planta envenenada produziu novos fructos, e da mesma forma que pouco antes o relaxamento dos seus principios e do seu temperamento a haviam entregado aos ardores do amor, deixou-se agora arrastar pelos furores do odio.

Mas occupando-se em satisfazer esse sentimento que a dominava perdeu o seu poder, os seus direitos incontestaveis e a sua liberdade exterior.

Cega pela vingança, abandonou o que lhe era indispensavel e aquillo de que na realidade não queria despojar-se, porque esperava obter intacto e mais seguro, um bem, que alterado e ameaçado, parecia não poder ser possuido por ella senão com difficuldade; mas esse bem, apenas foi cedido, ainda que condicionalmente, nunca foi voluntariamente restituido.

Foi o mesmo braço a quem entregou o sceptro para a vingar que lhe roubou esse sceptro, e quando desilludida percebeu o seu erro, a humilhação da sua posição, as vistas do rei, e meditou uma sanguinolenta vingança, foi ainda aquelle que cuja ruina traçara quem na derrubou.

Quando a rainha, cahida, não teve já a quem dominar senão a si propria, mostrou uma resignação cheia de dignidade e uma resolução viril.

E' de lamentar que a historia não lançasse algumas vistas para dentro do carcere de Tordesillas: ter-nos-hia revelado talvez o estado da sua alma entre as espessas muralhas do mosteiro que lhe foi prisão e tumulo.

Engana-se nas considerações finaes o historiador.

Leonor Telles continuou a conspirar e a luctar como veremos.

CAPITULO LXIV

Caminho de Lisboa

O rei ficara mais socegado com a sahida da sogra.

Ella era realmente um ponto de discordia e um grave perigo para a tranquillidade do seu arraial.

Como era previsto, porém, muitos alcaides que tinham voz pelo rei de Castella em attenção á rainha, se desobrigaram da obediencia ao rei, em vista do procedimento d'elle com a rainha viuva.

A primeira foi Alemquer que, como vimos, resistira intrepidamente ao Mestre, a que lhe mandou dizer que se entregaria a elle com a condição de na volta da rainha elle lh'a entregar lealmente.

O Mestre respondeu que assim faria. Que lh'a entregaria com todos os seus apanagios sempre que a rainha não pactuasse com o estrangeiro.

Antes que peores novas de desanimo chegassem ao seu conhecimento e dos seus, o rei de Castella resolveu ir atacar Lisboa.

O conselho dividira-se, como era da praxe, querendo uns que sim, outros que não, e dizendo estes que melhor era cercar Lisboa, quando a frota castelhana chegasse ao Tejo e a podesse cercar pelo lado do mar.

O rei decidiu-se, porém, a ir cercal-a e escrever ao marquez de Vilhena, ao arcebispo de Toledo e a Pero Gonçalves de Mendonça que estavam perto de Toledo, que lhe trouxessem com a maior brevidade, mil lanças.

Poucos dias depois, a dez de março, o rei partia com o seu exercito caminho de Lisboa, deixando como alcaide do castello Lopes Fernandes de Padilha e ainda do castello de Alcaçova onde vivera a rainha mãe, Fernão Carrilho, com gente bastante para os defenderem se fosse preciso.

N'esse dia chegou a Alemquer, onde Vasco Pires de Camões que era seu alcaide e que havia pouco o offerecera ao Mestre, lh'o veiu offerecer tambem e lhe prestou homenagem.

Partiu, pois o rei com todo o seu exercito e chegou ao Bombarral onde descançou quatro dias.

Do Bombarral partiu para a Arruda.

A' approximação do exercito castelhano os moradores das villas e dos logares abandonaram as casas, escondiam os objectos e maior preço.

Quando os castelhanos chegaram a Arruda, uns quarenta, homens e mulheres fugiram e foram esconder-se n'uma caverna proxima julgando-se assim salvos das violencias da soldadesca.

Por infelicidade, uns soldados que andavam explorando os arredores deram com elles.

Como receiassem entrar dentro da lapa resolveram matal-os por um processo brutal só digno da imaginação barbara d'aquelles tempos.

Foram buscar matto e lenha e fizeram á entrada da gruta uma fogueira enorme.

O vento levava, em torrente, o fumo para o interior e os pobres cahiram asphixiados, morrendo miseravelmente, aos montes, pelo chão; como foram encontrados mais tarde.

Os officiaes do rei que vinham adeante a preparar-lhe os aposentos, ao entrarem no quarto destinado ao rei deram com dois homens debaixo da cama, armados com espadas e punhaes. Interrogados responderam, que se tinham escondido alli com medo.

Quando o rei chegou levaram-lh'os á presença.

— Que fazieis alli? perguntou colerico o rei.

— Senhor, respondeu o mais animoso dos dois. Tinhamo-nos escondido com medo.

— Medo de quê? perguntou novamente D. João.

— Dos vossos respondeu o homem.

— Sois d'aqui?

— Não, meu senhor, iamos de viagem.

— Ah! disse o rei, e d'onde vinheis?

— De Lisboa, meu senhor.

— De Lisboa? então já sei, foi recado do mestre de Aviz.

E, virando-se para os soldados que ladeavam os presos, mandou com furia:

— Enforquem-nos.

D'ahi a meia hora os dois corpos pendiam a baloiçar na haste de um carvalheiro proximo.

Assim, avançava, como é costume, em todos os exercitos invasores, a caminho de Lisboa, o exercito de D. João de Castella.

Chegado ás proximidades da cidade, começou a pensar que a empreza não era das mais faceis e resolveu esperar a chegada da esquadra.

Ordenou ao almirante Sanches de Toar que logo que a esquadra entrasse e ancorasse em frente de Lisboa se partisse para Castella e se puzesse á testa de todas as forças que pudesse reunir e com o conde de Niebla, D. Affonso de Gusman, com o Mestre de Alcantara, e as forças que lhe levasse o prior dos Hospitaleiros D. Pedro Alvares Pereira, irmão de D. Nuno, e os fidalgos portuguezes que lá estavam servindo Castella, entrasse pelo Alemtejo, tomasse, destruisse, arrazasse todas as praças que reconheciam o Mestre de Aviz, e viesse até Lisboa completar o cêrco.

Com os soccorros já pedidos de Santarem, ao arcebispo de Toledo, ao marquez de Vilhena e a Gonzales de Mendoza, todo o poder de Castella ia erguer-se para esmagar esse punhado de portuguezes agrupado em torno do seu rei eleito, do seu Mestre de Aviz.

Esperando todos estes reforços o rei approximou-se de Lisboa, mas deixou-se ficar ainda a distancia sem tentar qualquer aggressão.

CAPITULO LXV

Nuno Alvares Pereira

Temos de entrar agora na descripção de um periodo guerreiro do maior interesse.

Desde a defeza de Lisboa até ao dia da batalha de Aljubarrota a vida portugueza é uma epopeia de valor e de audacia.

O rei de Castella chama todo o seu poder para esmagar Lisboa, dentro da qual o Mestre de Aviz e os seus homens se preparam para uma defeza energica.

Ao lado do Mestre valentes capitães esperavam anciosos a hora do combate.

Entre elles, mais novo e o mais arrojado, cujo temperamento e genio conhecemos de paginas passadas, estava o Nuno Alvares Pereira, que começa agora a serie das suas proezas guerreiras, que acontecidas seculos antes teriam de passar por inventadas fabulas.

Foi o caso que as cidades e villas do Alemtejo que tinham tomado voz pelo mestre souberam dos preparativos que se faziam em Castella e da proxima chegada do Mestre de Alcantara e do almirante Sanches de Toar.

A situação ia ser seria.

Os valentes alemtejanos não receavam a vinda das forças castelhanas por menos coragem, mas porque não possuiam um chefe que os levasse ao combate, que os guiasse nas luctas e defezas.

Foi isto que mandaram dizer ao Mestre, pedindo-lhe um capitão de reconhecido valor e pericia.

Achou justo o pedido o Mestre de Aviz e pensou em quem havia de enviar-lhes.

Demais era preciso decidir de prompto porque as primeiras forças andavam já pelo termo de Portalegre cortando vinhas e olivaes, arrazando a terra.

Reunido o conselho o Mestre propoz Nuno Alvares Pereira.

João das Regras, o celebre doutor, oppoz-se um tanto, lembrando a pouca edade e pouca experiencia de Nuno Alvares.

Dizia elle que não era preciso um chefe bravo, mas antes prudente. Que no exercito invasor militavam os irmãos de D. Nuno e que isso podia vir a ser origem de situações difficeis.

Lembrava D. Alvaro Peres de Castro, capitão valente e homem de muita prudencia e serenidade.

O Mestre não o acceitou. Pensava na sua dedicação pela rainha, no pouco enthusiasmo que parecia notar-lhe pela sua causa e ainda no caso de ter a filha ao lado de Leonor Telles, o que lhe quebraria as energias.

Resolveu-se, pois, por D. Nuno e este foi nomeado fronteiro do Alemtejo.

Nenhuma nova podia agradar tanto ao espirito irrequieto de Nuno Alvares como esta resolução do Mestre.

Em Lisboa estava-se preso e elle queria os campos de batalha, a largueza dos horisontes, os cercos, os assaltos.

Louco de alegria alliciou quarenta escudeiros da sua confiança e mandou fazer a sua bandeira.

Profundamente religioso determinou-a assim:

Em campo branco uma grande cruz vermelha que o quartejava. No primeiro quarto superior junto á haste a imagem de Jesus Christo crucificado, Nossa Senhora e S. João junto d'elle.

No do lado a imagem da Virgem com o filho ao collo.

No quarto inferior da haste S. Jorge armado e de joelhos orando; no ultimo S. Thiago da mesma fórma.

Ambos os santos tinham o capacete, no chão, deante d'elles.

Aos cantos da bandeira havia os escudos da sua casa que eram uma cruz branca em campo vermelho, aberta pelo meio.

Recebeu do Mestre cartas conferindo-lhe todos os poderes e o ordenado de um mez.

Tudo prompto partiu com a sua hoste para Almada e d'ahi para Coina onde o Mestre o foi encontrar para se despedir d'elle, sahindo de Lisboa n'uma galé.

Houve entre estes dois homens uma profunda sympathia desde o encontro, sympathia que se tornou em amizade durante toda a vida de ambos.

Não quiz o Mestre deixal-o partir sem um adeus mais intimo e foi encontral-o em Coina onde jantou com elle.

Depois de jantar sahiram todos a passear por um espaçoso terreiro, e o Mestre fallou das difficuldades que iam ter, da confiança que em todos tinha e de quanto era preciso que obedecessem a Nuno Alvares como a elle proprio.

— Fal-o-hemos com o maior prazer, responderam alguns.

Depois o Mestre voltando-se para Nuno Alvares pediu-lhe que fosse para elles um pae, que os tratasse e agazalhasse como elle o fazia e que isso lhe seria muito agradavel de saber.

— Serão como meus irmãos replicou-lhe D. Nuno.

Entre diversas manifestações de alegria, entre todos, o Mestre despediu-se.

Beijaram-lhe todos a mão como se fôra rei. Então se partiu para Lisboa, e Nuno e os seus cavalgaram em direcção a Setubal.

Em Setubal os habitantes que não sabiam a intenção que levava Nuno Alvares e os seus, receiosos não quizeram abrir-lhe as portas, de modo que elle teve de ficar no arrabalde. Esta necessidade suggeriu-lhe uma experiencia, que prova quanto era previdente o novo e valente Nuno.

Entre os da sua hoste havia homens que nunca tinham pelejado.

Nuno Alvares não tinha d'elles uma opinião certa de coragem e de dedicação.

Como habil capitão, precisou de ter absoluta confiança nos seus, uma confiança que sendo mutua proporciona, como lh'o fez a elle, as maiores victorias.

Lembrou-se de os experimentar mandando pôr esculcas ou vigias a uma legua de distancia, contra o castello de Palmella, dizendo-se receioso de que os homens d'armas do rei de Castella que estavam em Santarem, não viessem fazer-lhe alguma surpreza.

Combinou depois com um escudeiro Lourenço Fernando de Beja, que pela noite viesse dar o signal de clarim, dizendo que realmente iam ser atacados.

Em segredo combinou a passagem e assim se fez.

Quando todos estavam dormindo o escudeiro veio a correr prevenir Nuno Alvares de que Pero Sarmento, vinha para ali com tresentas lanças, pelo menos. Que elle vira os fogos do seu arraial a uma legua o maximo.

Nuno Alvares mostrou-se surprehendido, mandou tocar a reunir. Soou a trombeta e em pequeno espaço de tempo os homens estavam a seu lado armados e promptos.

Ao amanhecer Nuno partiu com elles ao encontro do supposto inimigo.

Contou-os, não faltava nenhum.

O escudeiro disse que se enganara; que os fogos eram de almocreves que cciavam e voltavam para o acampamento.

No outro dia o engenhoso rapaz reuniu os seus homens todos e propozlhes que, para não haverem discordias nem emulações entre elles, para melhor se guardarem os segredos, tantas vezes precisos, de resoluções a tomar, nomeassem os de Lisboa dois de entre elles para formarem conselho e assim os de Evora e os de Beja.

Approvaram a idéa e nomearam os de cada terra, entre si, os homens que formaram assim o conselho.

Feito isto, nomeou os seus officiaes, fez um seu escudeiro, que muito estimava, alferes da sua bandeira, nomeou um meirinho-mór e um thesoureiro, ordenou capellão e pregador. Começou por habito a ouvir duas missas por dia, coisa que, nota Fernão Lopes, nenhum rei ou senhor fizera até então.

Tendo assim ordenado o seu sequito partiu para Monte-Mór onde animou as tribus e de lá para Evora onde foi calorosamente recebido e agasalhado.

D'alli escreveu a todos os logares da comarca para que se lhe juntassem todos os que deviam seguil-o.

Vieram-lhe com o chamamento trinta lanças.

Como levava duzentas ficou com duzentas e trinta ao todo.

Peões e besteiros andavam por mil.

Com este pequeno exercito chegou a Estremoz. Alli escreveu novamente pedindo gente e conseguiu reunir ao todo tresentas lanças, cem besteiros e mil homens de pé. Foi esta a força a quem no Rocio da Villa um dia passou revista.

N'esta occasião como se approximassem, pois vinham no Crato as forças castelhanas, Nuno Alvares propoz que em vez de as esperarem lhes fossem ao encontro.

A proposta era para fazer pensar os mais valentes e assim pediram-lhe, os do conselho, para decidirem com exame sereno.

Nuno Alvares é que não ficou contente com a resposta, mas esperou pelo dia seguinte, a resolução ultima.

No dia seguinte um dos delegados dos lisboetas falou assim na reunião:

— Nuno Alvares, senhor, pensámos na vossa proposta e achamos o caso muito duvidoso.

Somos muito poucos e os inimigos devem ser dez vezes mais, a julgar pelos capitães que os commandam.

Só de lanças nos dizem que trazem acima de mil, além de bésteiros e homens de pé correspondentes.

Então um escudeiro de Nuno Alvares, Alvaro do Rêgo, accrescentou:

— Pelos capitães que lá veem pode-se calcular que virão tantos fidalgos como nós somos de plebeus.

A isto accrescentou Pedro Lobato, outro escudeiro:

— Isso não é razão, o melhor é pelejar sempre com grandes senhores delicados do que com escudeiros esfaimados e homens de trabalho. Esses é que eu receio. Quanto aos senhores que vem cheirosos de agua rosada e de agua de flor de laranja, esses facilmente se vencem.

Olhae senhor D. Nuno, muitos receiam de vos acompanhar porque vindo ahi vosso irmão D. Alvares, acham estranho que queiraes combater contra elle. Receiam que os enganeis e sejam mortos.

Quando Nuno ouviu tal resposta, conteve um momento de colera e brandamente replicou:

— Amigos, eu não sei que mais quereis que vos diga, de tanto que vos tenho dito. Se elles são, como dizeis, muitos mais do que nós, maior honra será vencel-os. Muitas vezes os poucos tem vencido os muitos, porque as victorias não as fazem os homens, mas determina-as Deus.

Sobre duvidardes que eu vos atraiçôe porque vem meus irmãos no exercito castelhado, eu vos affirmo que nada isso tem que vêr com o meu dever. N'estas circumstancias eu não os conheço como irmãos, porque não são meus irmãos os que vem assolar a terra que os criou.

Meu pae que fôsse no logar em que elles veem e eu seria contra elle em serviço do Mestre e meu senhor.

Se o duvidaes, para vol-o provar, eu serei o primeiro, deante da minha bandeira, a pelejar, a dar o primeiro golpe. Entre os inimigos da minha terra, da nossa terra, não conheço irmãos!

Isto é assim; mas eu não quero forçar nenhuma vontade, os que quizerem ir para suas casas podem fazel-o e vão com Deus, porque eu com os que ficarem, qualquer que seja o numero, de portuguezes, lhes hei de sahir a campo.

* * *

CAPITULO LXVI

Atoleiros

Ao ouvirem estas palavras, tão simples, tão leaes, tão cheias de verdade e de nobreza, começaram todos a dizer que o acompanhariam, que fizesse como quizesse e entendesse que elles estavam promptos a combater e a morrer ao seu lado se fôsse preciso.

— Pois bem, disse Nuno Alvares apontando uma regueira que lhe corria aos pés, quem quizer seguir-me passe commigo para além d'este regato.

Nenhum deixou de o seguir; mas na passagem um ou dois dizia entre dentes:

— Para lá vamos, mas não voltaremos.

Ouviu-o Nuno Alvares, mas não se deu por ouvido, contente com o resultado obtido.

No outro dia, bem cedo, mandou tocar a trombeta e todos correram ao toque. Caminhou para a Fronteira, quatro leguas d'ali, por onde o inimigo devia de vir e mandou adeante alguns cavalleiros para virem dar novas dos inimigos.

Mal tinham começado a marcha, appareceu ao longe, correndo, e veiu direito a elles um cavalleiro, bem armado, que chegando e olhando a bandeira se dirigiu a Nuno Alvares.

Este o conheceu. Era Ruy Gonçalves, escudeiro de seu irmão Pedro Alvares, que com elle fôra creado em casa de seu pae e de quem era amigo.

— Que vos trás Ruy Gonçalves? perguntou-lhe Nuno, depois da saudação.

— Procurava-vos, senhor.

— E, para que? perguntou D. Nuno.

— Senhor, constou no nosso arraial que nos hieis acommetter.

— E, então?

— Todos os fidalgos se maravilharam muito da vossa tenção...

— Porquê?

— Porque lhe parece impossivel que com tão pouca gente como tendes ouseis dar-lhe batalha.

— Sim?...

— E então falaram com vosso irmão...

— Elle o que disse?

— Que não sabia bem o que querieis fazer; mas que alguma coisa era e que se fosse a de lhe sahir ao caminho o farieis ainda que vos custasse a vida.

— Meu irmão conhece-me, observou com um bello riso superior o bravo Nuno, conhece-me e não se enganou.

— Então os fidalgos todos, o marquez de Vilhena, o arcebispo de Toledo, o Mestre d'Alcantara, D. João Affonso de Gusmão, D. Garcia Gonçalves de Grijalva...

— Todos esses... todos o que veem... completou com curiosidade Nuno Alvares...

— Todos os que veem, pediram a vosso irmão que me mandasse ter comvosco, para vos pedir, em seu nome, que os não acommettaes, porque será para vós um acto funesto.

— Dizem elles? perguntou, altivo, Nuno Alvares.

— Sim, meu senhor; porque ahi veem taes e tantos capitães de tal modo armados e corregidos que a D. Fernando, o proprio rei, se fosse vivo, custar-lhe-hia a poder defrontar-se com elles.

Por isso vosso irmão vos manda dizer que, não por cobardia mas por differença de poder, vós só podereis ter um triste fim na batalha, se tentardes dal-a.

Por isso tambem vos roga que o não façaes e tomeis uma das duas resoluções: ou volteis para seu senhor o rei de Castella, que vos fará muitas mercês, ou que vos deixeis ficar em Extremoz, socegadamente, deixando-nos ir para onde vamos e não vos percaes assim, a vós e aos vossos.

A' frente da hoste, Nuno Alvares, erguido no seu cavallo de batalha, sereno e altivo, ouvira os ultimos pedidos e as considerações que em nome do irmão lhe fazia o escudeiro Ruy Gonçalves.

Quando elle acabou, Nuno Alvares respondeu, com a maior gravidade:

— Ruy Gonçalves, estou ainda a ouvir o que me dissestes e vou responder breve: dizei a meu irmão que n'este caso eu não quero o seu conselho e Deus permitta que o não haja de querer. Que isto diga aos outros senhores, accrescentando, que da tenção que tenho tomada só Deus pode fazer que a não leve por deante. Essa tenção é de, com estes poucos portuguezes que vês, e apontava o pequeno exercito que o ouvia silencioso e attento, lhe dar batalha e que não ha coisa que eu mais deseje n'este momento do que começal-a.

E' isto, Ruy Gonçalves, que direis a meu irmão e por meu amor vos peço que lh'o vades dizer a galope, a toda a brida, porque vos afianço que por muito depressa que vades, não chegareis muito antes de mim.

Ruy Gonçalves, que conhecia bem o seu irmão de creação, cumprimentou e despedindo-se disse:

— Ficae com Deus, senhor D. Nuno.

— Ide-vos com elle, volveu-lhe o valoroso rapaz.

Ruy Gonçalves partiu á rédea solta e só parou em Fronteira onde todos esperavam a sua volta.

— O que disse meu irmão? perguntou o prior logo que elle descavalgou.

Ruy Gonçalves repetiu as phrases de Nuno Alvares.

Então mandaram parar todas as obras que estavam fazendo para o assalto da villa e começaram a ordenar rapidamente as forças para irem á batalha.

Elles que começavam a sahir pelo caminho de Extremoz quando divisaram n'um logar chamado *Os Atoleiros*, uma meia legua distante de Fronteira, Nuno Alvares e a sua tropa.

A' approximação dos castelhanos Nuno Alvares formou as suas batalhas, como então se dizia.

Ordenou a ala direita e a esquerda, a rectaguarda e a vanguarda e pôz os bésteiros e peões onde lhe pareceu melhor.

A estes juntou alguns homens d'armas para que no caso de elles tentarem fugir com o medo, os matassem.

Aos homens de cavallo mandou apear e formar com as lanças em riste.

Posta assim a batalha, Nuno Alvares em cima de uma mula correu as alas, exhortando os soldados, com palavras, animando-os a pelejar um dia inteiro se fôsse preciso.

O pequeno exercito portuguez estava confiado e sereno.

Como os castelhanos estivessem já muito perto, Nuno Alvares apeou-se junto da sua bandeira, que o alferes levantava garbosamente acima das cabeças, na primeira fila dos homens d'armas apeados.

Apeou-se, ajoelhou, levantou para o céu as mãos erguidas e como a um signal todo o pequeno exercito, de joelhos, o imitou na préce.

De commoção alguns choravam.

Nuno Alvares acabou a oração, beijou a terra e ergueu-se.

Pondo na cabeça o capacete sem vizeira, tomou das mãos do pagem a lança e voltando-se para os soldados exclamou:

— Ninguem duvide de mim; aos que me ajudarem, Deus os ajudará; aos que me trahirem, se eu morrer pela traição, Deus pedirá contas pela minha morte.

E dizendo isto, ergueu nas mãos a lança e esperou a investida da cavallaria castelhana que dava a primeira carga.

CAPITULO LXVII

A carga

Ao verem a disposição da batalha de Nuno Alvares, os castelhanos tinham rido, além da pequenez dos inimigos, do modo que tinham adoptado para a peleja.

Os fidalgos castelhanos e os portuguezes que com elles vinham resolveram esmagar, logo de entrada, com os mil homens de cavallaria a pequena força, que ousadamente lhes queria impedir a passagem.

Assim, á distancia conveniente, a cavallaria tomou a deanteira e endireitou com a vanguarda onde esperava Nuno Alvares.

A uma voz, enristaram as lanças e aos gritos de Castella e S. Thiago cahiram sobre os portuguezes, em impeto brutal.

Nuno Alvares e os seus gritaram Portugal e S. Jorge e baixando as lanças esperaram firmes o embate.

O resultado não se fez esperar.

Grande numero de cavallos cahiram atravessados e um numero maior, feridos, com a dôr do golpe, voltavam-se nas pernas, esbarraram nos que vinham atrás, lançavam a confusão e a desordem nas fileiras, que os bésteiros crivavam com os béstas e os peões dardejavam.

Refeitos um pouco do pasmo, os cavalleiros voltaram em segunda carga e de novo a simples tactica lhes anniquilou a valentia e a superioridade numerica.

Se a segunda carga mal succedida começara a desanimar os castelhanos, a terceira recebida pelos portuguezes com a maior confiança e sangue frio — cheios d'aquelle valor moral que dá a confiança na victoria —, mais dizimados os cavallos e homens, desmoralisou muitos que começaram a sahir da batalha, crendo-a perdida e a fugir por diversos caminhos.

Ao verem fugir alguns cavalleiros a peonagem não esperou segundo aviso e debandou em corridas loucas. Então ao vêr a desordem o resto da cavallaria debandou.

A batalha estava ganha e Nuno Alvares percebendo-o pediu o cavallo e com os poucos que puderam achar depressa a montada, correu em perseguição dos fugitivos, por espaço de mais de uma legua.

Alguns dos que o acompanhavam começaram a dizer-lhe que era tentar a Deus com tão perigosa e inutil perseguição e então voltou de redea para o logar da batalha.

Como a primeira carga fôra dada pela nobreza castelhana, foi esta logo victimada.

No chão quedavam-se mortos o Mestre d'Alcantara Pero Gonçalves de Sevilha, Craveiro, Ruy Gonçalves e outros de menos nome e foram feridos o almirante, o prior, irmão de Nuno e Garcia Gonçalves de Guijalva.

Dos anonymos ficaram no chão da batalha uns cem homens, pouco mais ou menos.

Não durou mais do que uma hora a batalha entre a primeira carga e a fuga.

Pelo dizer do chronista, levaria meia hora.

Morreram varios fidalgos castelhanos e cem homens: dos nossos capitães nem um, dos nossos peões houve apenas feridos.

Bem pensado o caso tem o seu quê de maravilhoso: favor do céu, poder extraordinario do capitão, quem sabe?

Sobre os homens d'armas a impressão foi enorme.

Nuno Alvares na primeira fila, a pé firme, não arredou um passo e cada cavallo que o entestava era varado e morto.

Ninguem percebia como aquella poderosa molle de cavallos e cavalleiros lançada a galope estacava ante uma tenue barreira de homens a pé, se lhe espetava nas lanças, se desordemnava e retrocedia.

Não entrar algum santo a pelejar ao lado de Nuno Alvares foi caso não se ter visto.

A tactica de Nuno Alvares fizera o milagre. Por uma intuição genial de homem de guerra, o bravo Nuno descobrira aquella manobra militar que havia de ser mais tarde o recurso dos grandes generaes, nas grandes crises e um elemento poderosissimo de victoria: — descobrira o quadrado.

Assim, a rapida batalha dos Atoleiros produziu o mais alto effeito moral. Desanimou os castelhanos e deu aos portuguezes uma grande fé no seu capitão.

Quando se espalhou a nova, muitas cidades e villas que estavam em poder dos castelhanos mandaram pedir a Nuno Alvares que as fosse libertar.

No outro dia pela manhã, dia de Endoenças, foi a pé e descalço a Santa Maria de Açumar, que era egreja de muita devoção, a uma legua de Monforte para onde fôra e quando lá chegou, ao ver a egreja cheia de esterco de cavallos — os castelhanos recolhiam alli as bestas quando passavam — começou, elle o primeiro, a limpar o chão do estrume e o templo ficou composto.

Feita a devoção partiu para Arronches d'onde recebera recado dos habitantes.

O castello não se quiz render.

Assaltaram-no com escadas pelos muros, e fogo nas portas, tomaram-no e prenderam o alcaide Affonso Sanches com trinta lanças que tinha, e ao irmão Sancho Sanches.

Os despojos foram cavallos e armas, que fizeram um grande arranjo.

A seguir tomou a villa de Alegrete. Como era a paschoa fel-a elle em Arronches e mandou a muitos dos seus que fossem para suas casas passal-a, estando sempre prestes á primeira voz.

* * *

CAPITULO LXVIII

Gil Fernandes

Um episodio dos muitos do Alemtejo fará conhecer os costumes guerreiros da epocha e o valor dos homens.

Entre os castellos que não tinham reconhecido a auctoridade do mestre havia o de Campo Maior, que tinha por alcaide Paio Rodrigues Marinho.

O mestre escreveu a Gil Fernandes, um bravo guerreiro já celebre no reinado de D. Fernando, que lhe fosse pedir que levantasse voz por elle, pelo que lhe fazia muitas mercês.

Gil Fernandes cavalgou, levando comsigo cincoenta homens d'armas e foi-se a Campo Maior.

Acampou perto de uma egreja fóra da villa e mandou dizer ao alcaide que lhe precisava falar em coisa do seu interesse.

Paio Rodrigues respondeu que não iria falar-lhe, mas que fosse elle com dez homens d'armas entre o muro e a barreira do castello e ali lhe falaria.

Gil Fernandes concordou, com tanto que jurasse elle que seria seguro na entrevista.

Paio Rodrigues assim o jurou, e Gil Fernandes com os dez homens, foi á barreira do castello.

Paio Rodrigues sahiu a porta e dirigiu-se a Gil Fernandes.

Quando se chegou a elle, no acto de o abraçar, como era costume e signal de amizade, deitou-lhe o braço esquerdo por sobre o hombro e com a mão direita arrancou-lhe a espada, dizendo:

— Estaes preso.

Gil Fernandes tomado de surpreza, olhou em volta e viu-se cercado pelos homens d'armas de Paio Rodrigues.

Aquietou-se, prudentemente.

Dos homens d'armas cinco fugiram e cinco foram presos.

Levado para dentro do castello, avaliaram-lhe a liberdade em duas mil dobras.

Para sahir teve de arranjar fiadores do dinheiro e como estes o não tinham, os clerigos de Elvas deram as cruzes das egrejas e os leigos espadas, facas e cintos para que fossem vendidos e o producto applicado em pagar o resgate.

Como tinha preso os dois escudeiros Affonso e Sancho Sanches exigiu-lhes Gil Fernandes duas mil dobras pelo resgate, mil no dia em que elle havia de dar as duas mil a Paio Rodrigues e outras mil, n'outro dia marcado.

Assim se fez e assim lhe ficou de graça o resgate.

Gil Fernandes não era, porém, homem para soffrer tal affronta e além de uma correria que fez em terras de Paio Rodrigues esperou occasião melhor para se desforrar.

Essa não tardou.

Nas correrias que os alcaides inimigos faziam pelas terras uns dos outros, aconteceu que Paio Rodrigues mandou a Elvas vinte homens de cavallo n'uma d'ellas.

Gil Fernandes sahiu-lhe ao encontro com cincoenta de cavallo, seguiu-os apertou-os e prendeu-lhe quatro escudeiros.

Calculou que logo que chegassem a Campo Maior com a nova os que fugiam, viria por elle Paio Rodrigues.

Não se enganou.

D'ahi a pouco apparecia Paio Rodrigues com oitenta cavalleiros, e vinham pela encosta.

Gil Fernandes em baixo viu-os e não se moveu.

Os de Paio Rodrigues pararam e pareciam conferenciar. De verdade discutiam se deviam attacal-o ou não.

Vendo que se não resolviam Gil Fernandes disse para os seus:

Affastemo-nos nós um pouco: ao ver-nos andar cobrarão animo para descerem.

Assim aconteceu. Logo que os de Gil Fernandes começaram a andar, Paio Rodrigues correu a tomar-lhes logar superior. Gil Fernandes pela ladeira opposta poz-se em egual altura. Olharam-se e mediram-se os dois inimigos.

Paio Rodrigues mais exaltado enristou a lança e correu para elle. N'isto metteu-se de permeio Affonso Esteves com tanta infelicidade que a lança de Paio Rodrigues o apanhou em toda a força da carreira, lhe entrou pela ilharga do cótta, lhe partiu duas costellas e lhe entrou pelo pulmão.

Cahiu morto.

Gil Ennes, primo de Gil Fernandes corre sobre Paio Rodrigues, mette-lhe a lança pela ilharga, levanta-o na sella e prega com elle em terra.

Os de Paio Rodrigues cahem sobre Gil Ennes e desmontam-n'o tambem.

A briga torna-se renhida e geral.

Gil Fernandes que ainda não pudera entrar em combate, parte de galope, ás lançadas e a cada uma um castelhano cahe no chão.

Fez-se o panico e os de Paio Rodrigues fugiram.

Paio Rodrigues estava preso por dois escudeiros. Ao passar por elles, Gil Fernandes exclamou:

— Esse guardem-m'o bem, que me ha de tornar as minhas duas mil dobras.

E, partiu em perseguição dos fugitivos.

N'isto chegou-se a Paio Rodrigues um escudeiro, Martim Vasques, que fôra um dos presos na cilada do castello e começou a insultar Paio Rodrigues e este a responder-lhe.

Palavra puxa palavra; zangou-se o escudeiro, puxa da espada e dá-lhe uma cutilada, que o mata.

Agarra-o pelos cabellos, corta-lhe a cabeça e leva-a para Elvas.

Na volta, Gil Fernandes lamentou o caso, escolheu dos presos os que que queria levar, contou os mortos que eram vinte e cinco peões e abalou para Elvas.

Era assim que se exercitavam para os dias de combate, os alcaides dos castellos e os seus cavalleiros.

⁂

CAPITULO LXIX

Uma lição

Com as noticias da approximação da esquadra, o rei de Castella fôra-se acercando de Lisboa. Viera do Bombarral com todo o descanço.

A vinte e seis de maio estava no Lumiar, quando soube da chegada ao Tejo das treze primeiras galés, da esquadra.

Poz-se em marcha para Lisboa.

Foi n'um sabbado de madrugada, que os primeiros cavalleiros da vanguarda do exercito de D. João chegaram a Campolide. Pararam n'um outeiro coberto de oliveiras, a que chamavam o Monte-Olivete, cercado de vinhas e que corresponde hoje ao sitio da Escola Polytechnica.

D'ali podia El-Rei vêr desdobrar-se a cêrca da cidade, torreada e guarnecida de bésteiros e de homens d'armas.

Alguns cavalleiros chegaram aos muros e falaram para cima.

— Que quereis? perguntou, de cima de uma torre, um cavalleiro portuguez.

— Queremos falar ao Mestre d'Aviz.

— Para que? interrogou o fidalgo, do alto.

— Para lhe noticiarmos que vem ahi El-Rei de Castella...

— Obrigado pela noticia, já o sabemos, respondeu com ar de zombaria o fidalgo.

— E' que, continuou o castelhano, El-Rei queria mandar fazer o seu pregão, com os seus editos e protestando contra a rebeldia do Mestre.

Como constasse que alguns cavalleiros se dirigiam para as portas, muitos cavalleiros dentro da cidade tinham para ali corrido.

Entre elles fôra o Mestre.

Repetiram-lhe as palavras dos castelhanos.

Cheio de colera, o Mestre d'Aviz chegou-se ao muro e gritou para baixo:

— Ide-vos d'ahi já, com o vosso recado, ou mando-vos correr como a cães! Vá! é andar para longe!

Como a estas palavras se sentisse mecher nos ferrôlhos da porta mais proxima, os castelhanos, acharam prudente não concluirem o recado e partiram á desfilada, ter com o rei.

Dentro da cidade começava a levantar-se o brio dos soldados e dos homens d'armas. A chegada do rei incitara os patrioticos animos de todos os defensores. Ardia-se no desejo de combater.

Assim, poucas horas depois, abria-se a porta de Santa Catharina e um grupo de homens d'armas e de bésteiros ia desafiar os castelhanos.

Entre os cavalleiros ia Pedro Alvares Pereira, irmão de Nuno Alvares e outros fidalgos.

O Mestre d'Aviz foi para uma torre a vêr o que os castelhanos faziam.

O grupo de velentes foi-se approximando do arraial castelhano, insolentemente, gritando desafios e atirando béstas n'aquella direcção.

Os castelhanos não se moviam, até que o rei de Castella, já incommodado com a provocação, disse para alguns dos seus:

— Não vêdes como estes villões andam por fóra da cidade sem medo nenhum, a provocar-n'os? E' preciso fazel-os entrar para dentro dos muros.

Alguns que lhe ouviam estas palavras, responderam:

— Não se gasta nada em os atacar; fugirão para dentro dos muros, fecharão as portas e nada lhe poderemos fazer.

O Rei, com gesto de enfado, pela resposta, pediu o capacete e disse ao Mestre de Santiago:

— Tomae a vossa bandeira e ide em frente.

O Mestre de Santiago obedeceu e partiram contra os portuguezes todos os fidalgos e homens d'armas que os rodeavam.

Attacado de subito por uma grande maioria de combatentes, o pequeno grupo dos portuguezes, recuou desordemnadamente. No recúo cahiram alguns no fosso que ahi era baixo e attacados com furia, alguns foram mortos e sel-o-hiam todos, se de cima dos muros não começassem a chover as pedras e as frechas.

Animados os castelhanos excitaram-se, já na idéa de poder entrar as portas da cidade, com gritos.

Um tal Pedro Fernandes de Velhasco, gritava aos seus: Avante, senhores que a cidade é nossa; e D. João Affonso Tello, irmão da rainha, dizia, cheio de animo:

— Avante, avante, que por ali é o caminho para minha casa.

O mestre que, como vimos, espreitava de uma torre, quando viu que os portuguezes recuavam sem ordem e que os castelhanos se endireitavam para as portas, correu a uma d'ellas, fechou-a e mandou fechar a outra.

Então subiu ao muro e gritou para baixo:

— Que é isso? Volta, volta. Eu vos farei que façais o que deveis, ainda que o não queiraes.

Entalados entre os castelhanos e os muros os portuguezes voltaram-se rijamente e sustentaram por muito tempo um combate tão firme como desegual.

De cima o mestre valia-lhes, porem, commandando os besteiros, mandando arrojar pedras que mulheres traziam em cestos, sobre os castelhanos.

Já com alguns mortos e bastantes feridos, os castelhanos vendo a inutilidade do combate, desistiram de mais e começaram a retirar.

Os muros ficaram crivados de settas e de virotões, tal fôra a violencia do attaque.

Dos portuguezes morreram quatro e muitos ficaram feridos; dos castelhanos morreram muitos mais entre os quaes Ruy Duque e mais dois fidalgos.

Esta pequena victoria encheu de animo os sitiados, que começaram a perceber, ou melhor a convencerem-se de que podiam facilmente resistir aos assaltantes.

* * *

CAPITULO LXX

O arraial

Logo no outro dia el-rei approximou-se da cidade para estabelecer o cêrco.

O exercito do rei, era n'aquelle momento de cinco mil lanças, mil ginetes, seis mil besteiros que com os homens de pé correspondentes, devia orçar por trinta mil homens.

O rei fixou-se em Santos, onde lhe fizeram uma casa de sobrado, sobre quatro traves grossas cercadas de pedra, e ao redor levantavam-se muitas e nobres tendas, tanto do proprio rei como dos senhores que o acompanhavam.

O resto do exercito desdobrava-se por Alcantara, Campolide a cercar a cidade.

As tendas estavam ordemnadas em ruas e praças, cheias de bandeiras e pendões de cada fidalgo a quem pertenciam.

O arraial assim formado tinha o aspecto de uma grande rica e buliçosa feira, pelo movimento collossal das suas ruas e praças, os toques de cornetas continuados, o deslumbramento de milhares de bandeiras coloridas, escudos e signaes, o vozear estrepitoso de milhares d'homens, limpando armas conduzindo cavallos, vozeando em grupos, pelas tavolagens e barracas de bebidas.

Do lado trazeiro do arraial, lado de Lisboa, as vedetas da cavallaria vigiavam continuamente.

Attrahidos pelo lucro centenares de mercadôres, de homens de toda a especie de negocios tinham vindo estabelecer-se no arraial e formado ruas especiaes.

Assim havia a rua dos medicos, dos cirurgiões, dos armeiros, dos alfagemes, dos mercadores de pannos, dos cambistas e até de mulheres mundanarias, que eram em tão grande quantidade, diz o Chronista, como costumam ser nas grandes cidades.

Havia ainda boticarios que não só tinham os ingredientes usados no seu tempo, mas assucares, conservas em grande quantidade, aguas distilladas e aguas rozadas de que usavam, em grande dose, os viçosos fidalgos d'aquelle tempo.

Era uma bella cidade, como se vê o arraial castelhano.

Nada faltava, por dinheiro. Christãos e judeus faziam o mais rendoso negocio, dia e noite.

A esquadra chegara toda ao Tejo. O cerco completava-se pois por terra e por mar. Para que não entrassem provisões na cidade, os navios eram ligados uns aos outros por solidos calabres.

Duas galés cruzavam constantemente entre Lisboa e Almada para impedirem a entrada de mantimentos.

Estabelecido assim o cêrco o rei e os fidalgos olhando da eminencia de Santos as poderosas forças ficavam seguros da victoria e mais prolongavam pelas noites os jantares e festas.

No meio d'este circulo, de envolta nos seus muros pardacentos a cidade parecia adormecida, n'um somno permanente.

Dir-se-hia estar morta se pelos muros e barbacans e pelo alto das torres não apparecessem as cabeças das sentinellas e se não vissem brilhar, de quando em quando, por sobre as ameias os estoques polidos das lanças.

O que faziam lá dentro?

A vida não era alli tão amoravel como a do acampamento.

Não havia ainda falta de alimentos. O Mestre accumulara dentro dos muros tudo quanto pudera arrebanhar nas visinhanças e suburbios da cidade.

A disciplina, como era de necessidade, era inabalavel.

As setenta e sete torres da cidade estavam cheias de armas de toda a especie, que haviam de servir para os voluntarios que convergissem a defender a cidade, nos momentos de perigo.

A vigilancia era extrema.

A das quadrellas dos muros estava confiada a companhias de fidalgos e cidadãos e cada uma das quaes tinha um sino para tocar a rebate, chamando os defensores

A qualquer acommettida, o sino avisava e os homens d'armas corriam áquelle sitio, os que ali pertenciam e não outros e a defeza fazia-se methodica e proficuamente.

Se era grave, então repicavam os sinos da cidade toda, a começar pela Sé, e toda a população, abandonava os seus misteres e trabalhos e corria em massa, á defeza.

Ao menor signal de ataque havia sempre na cidade um enthusiasmo louco; os lisboetas corriam aos muros e entre chufas e apupos desafiavam os castelhanos:

— Vinde, se quereis saber como se tratam perros.

— Esperaes que vos abramos as portas?

E, as mulheres que ajudavam a construir um muro do alto, hoje de S. Roque, ás portas de Santa Catharina, cantavam emquanto levavam as pedras á cabeça, defronte dos tiros dos besteiros que difficultavam a empreza.

Esta é Lisboa,
Privada, mirada e deixada:
Se quizerdes carneiro
Qual deram a Andeiro,
Se quizerdes cabrito
Qual deram ao arcebispo
E' vir cá.

Havia roldas e sobre roldas e muitas vezes, de noite, o Mestre inesperadamente, percorria a cidade, sondando as muralhas.

Deante dos muros tinham-se levantado duas ordens de estacas e junto á porta de Santa Catharina, em largo barracão de madeira, estabelecera-se uma ambulancia.

D'este modo a população de Lisboa estava bem defendida e confiante em si.

Cheia de coragem e de esperança no triumpho, olhava amorosamente o seu chefe que julgava tão capaz de a defender e tão digno da alta dignidade em que o investira.

A situação, todavia, não era risonha.

Fóra, havia forças enormes de terra e mar; um rei poderoso cercado de toda a melhor nobreza de Castella e ainda muita de Portugal, o cêrco era apertado, podendo prolongar-se por muitos mezes e os sitiantes tinham ainda a confiança do numero, e quasi certeza da victoria.

O Mestre, não se descuidava nunca de agradar aos seus por palavras e por obras.

⁂

Aconteceu então um caso que prova evidentemente este cuidado.

Aquelle velho Diogo Lopes Pacheco que fôra um dos tres assassinos de Ignez de Castro, então velho de oitenta annos, que se refugiara em Castella e que diziam não ter tido parte no crime, começou a sentir-se menos considerado pelo rei D. João, talvez por suggestões da mulher.

Entendeu que devia vir pôr-se ás ordens do Mestre e com quarenta homens d'armas partiu para Portugal.

Chegado a Cacilhas quiz atravessar o rio; mas como visse o estado do cêrco percebeu que o não podia fazer.

Quando esperava maneira de o conseguir e n'ella pensava, por infelicidade um corpo de tropas consideravel desembarcava em Almada, das galés de D. João.

Quando viram D. Diogo e os seus homens desconfiaram d'elle, cahiram-lhe em cima, e o velho fidalgo depois de curto, mas renhido combate, foi preso e os seus.

Soube o Mestre em Lisboa do acontecido e penalizou-o o infortunio do velho Diogo Lopes Pacheco.

Por acaso tinha em Lisboa prisioneiro um dos melhores cavalleiros castelhanos, um tal D. Juan Ramirez d'Arellano.

Propoz a troca.

Censuravam-no os seus porque ia trocar por um velho já incapaz de combater um guerreiro novo e esforçado.

A nada o Mestre attendeu: comprou o castelhano aos que o tinham aprisionado e a quem, segundo o costume da epocha, pertencia o resgate e fez a troca.

O velho Diogo Lopes Pacheco, foi recebido dentro da cidade nos braços generosos do Mestre.

Feita a acção, o coração bondoso dos portuguezes, louvou immediatamente a resolução do chefe.

* * *

CAPITULO LXXI

Ao norte

Aquelle exercito que o rei de Castella mandou vir pelo norte a atacar Portugal, chegava ao pé do Porto, commandado pelo arcebispo de Toledo e Fernando Affonso.

Os do Porto sahiram-lhe ao encontro perto de Leça e desbarataram-no, prendendo o segundo.

A pequena esquadra que o Mestre pudera arranjar estava no Douro e lembraram-se de offerecer o commando ao conde D. Gonçalo, o celebre irmão da rainha que estava ainda em Coimbra, sem ninguem saber porque partido se decidiria.

Era a maneira de o fazerem vir para o Mestre e de acabarem com os receios que lhe causava a proximidade de Coimbra, praça das mais fortes; o silencioso e enygmatico no seu proceder.

D. Gonçalo acceitou, com a condição de lhe darem as terras e bens da irmã!

Mas estas tinha-as o Mestre promettido a Nuno Alvares e ficou perplexo. Nuno Alvares soube-o e escreveu ao Mestre desligando-o de qualquer compromisso.

D. Gonçalo partiu para Lisboa com a esquadra; mas antes de descer, subiu, devastou as costas da Galliza, queimou muitos navios que estavam para partir para Lisboa carregados de munições e mantimentos, apropriou-se d'elles, como de diversos engenhos de guerra e tão grande foi a preza que chegou para pagar tres mezes de soldo ás tripulações.

Feito isto velejou para o Tejo

* * *

Desejoso o Mestre d'Aviz de ter junto a si o seu fiel Nuno, escreveu-lhe a dizer-lhe que aproveitasse a vinda da esquadra e que viesse para Lisboa.

Nenhuma outra ordem podia ser mais agradavel ao inquieto Nuno.

Partiu logo, a marchas forçadas, para entre Douro e Minho, mandando adeante um correio com carta para os commandantes do forte, para esperarem por elle.

Ruy Pereira e o tio que já conhecemos como um nobre e valente homem de guerra, tinha ciumes do sobrinho.

A esquadra não se demorou e quando Nuno Alvares chegou ao Porto, a esquadra levantara ferro.

Voltou furioso, caminho de Coimbra e chegado ali, teve de pernoitar.

Habitava a cidade a condessa de Ceia mulher do conde D. Henrique Manuel que tinha grande odio a Nuno Alvares desde que elle assolara o termo de Cintra, em busca de gados, que trouxera para Lisboa, sendo alcaide do Castello, o marido.

Mulher ousada e valente ao saber da vinda de Nuno teve a idéa de vingar o marido.

Reuniu os escudeiros e homem d'armas que possuia, chamou parentes e amigos e propoz-lhe prenderem Nuno Alvares.

Assente a idéa combinaram que de noite se reuniriam todos no seu palacio e arredores e tentariam a empreza surprehendendo Nuno e os seus.

O segredo não foi guardado, de modo que os homens de Nuno Alvares souberam da combinação.

Sem dizerem nada a Nuno Alvares, resolveram elles atacar antes da noite e de repente o palacio da condessa e prendel-a a ella.

Assim o decidiram e partiram, cerca de duzentos, direitos ao palacio. Os primeiros creados que apanharam levaram-nos á pancada para dentro dos pateos e dispunham-se a invadir as casas quando Nuno Alvares prevenido appareceu correndo e os obrigou a suspender o ataque.

A condessa não ganhou para o susto.

Resolveu Nuno Alvares partir de novo para o Alemtejo mas reconheceu, então, que estava sem dinheiro, sem recurso algum, para emprehender a viagem.

Os soldados já empenhavam as armas e como solução do momento Nuno Alvares empenhou toda a prata que possuia e deu dinheiro aos soldados para se desempenharem.

Mas todo o dinheiro junto não chegava para fazer a viagem e Nuno Alvares foi ter com os vereadores de Coimbra e pediu-lhes o dinheiro preciso, sob sua palavra.

Os camaristas não tiveram duvida e emprestaram-lh'o.

Então se partiu para Torres Novas d'onde era alcaide Gonçalo Vasques d'Azevedo; mas antes, ao postigo do Castello de Coimbra, foi fallar a Gonçalo Mendes de Vasconcellos que o governava na ausencia de D. Gonçalo.

Quando Nuno Alvares partiu, ao ver os homens que o seguiam, mal vestidos e mal armados, Gonçalo Mendes disse para os seus:

— Pois, senhores, ha-de ser curioso que homens assim possam disputar o reino a D. João de Castella, um tão alto e poderoso rei. Salvo se Deus andar por capitão entre elles!

Tal era o aspecto da hoste do valoroso rapaz.

Chegou Nuno a Torres Novas e quiz persuadir Gonçalo Vasques a ir para o Mestre. Fallaram, como bons amigos, sobre o caso.

Gonçalo Vasques não acreditava na possibilidade de victoria e excusou-se com boas razões; mas sabendo do estado precario de Nuno Alvares lembrou-se de o converter a elle.

Logo que elle partiu mandou um correio ao rei de Castella, dizendo-lhe o estado de Nuno Alvares e perguntando-lhe se lhe podia offerecer dinheiro e honras?

O rei respondeu logo que sim e que offerecesse o que melhor lhe parecesse.

O guerreiro merecia boa compra.

Gonçalo Vasques despachou então para Thomar, onde Nuno já estava, um judeu David, irmão da mulher d'aquelle D. Judas tão nosso conhecido, a offerecer-lhe, como coisa sua, o dinheiro preciso.

Nuno Alvares quando o judeu lhe appareceu não teve a menor suspeita de d'onde elle vinha.

O habil D. David apresentou-se, como obedecendo a uma idéa sua, suggerida pela dedicação que tinha por D. João de Castella.

— E, d'isso vos lembrastes vós? perguntava Nuno Alvares.

— Eu vim, meu senhor.

— Com que interesse?

— O interesse de vos servir...

— A mim, só? volveu Nuno Alvares.

— E, a meu amo e senhor, accrescentou maliciosamente D. David.

— Foi elle que vos encommendou o recado?

— Por Deus vos juro que não, senhor D. Nuno.

— Foi lembrança vossa.

— Minha e só minha. Soube que não estaveis bem de dinheiro, não fui eu só a sabel-o, em Coimbra...

— De certo não.

— Pois vêde, disse commigo. Tenho em meu poder alguns milhares de dobras do rei D. João. Talvez quizesseis servir-vos d'algumas... Até mil, posso pôl-as ao vosso dispôr desde já... se os quizesseis tomar...

— Sem condicções? interrogou arteiramente Nuno Alvares...

— As dobras não são minhas, respondeu, evasivamente, o finorio judeu.

— O favor era então recebido do vosso rei?

— Naturalmente; affirmou D. David.

— Levai as vossas dobras, amigo D. David e agradeço-vos a boa intenção, disse ironicamente Nuno Alvares. Um favor do rei de Castella seria cargo pezado para a minha consciencia. De mais, não preciso agora de dinheiro e quando o precisar sempre hei-de encontral o, com cargo menos penoso.

— Como quizerdes, meu senhor, disse com ar triste D. David, sinto não vos poder ser util; mas acreditae-me que julgava fazer-vos mercê.

— Obrigado, voltou-lhe Nuno Alvares; não esquecerei a vossa boa vontade.

Então, o judeu se despediu; mas ao ir-se não se conteve que não dissesse ainda:

— Senhor D. Nuno, eu não saio de Thomar agora; se por qualquer casualidade vos fôr preciso... para qualquer coisa... honrar-me-heis dirigindo-vos a mim.

— Ide com Deus, volveu-lhe Nuno, não me esquecerei de que estaes ao meu dispôr.

Depois da conferencia foi-se ter com os seus e contou-lhe tudo.

— E, não acceitasteis? perguntou-lhe um d'elles.

— Naturalmente, respondeu D. Nuno.

— E por que? retorquiu o interpellante.

— Porque não é dígno acceitar-se dinheiro de alguem, senão quando a alguem servimos.

— Esse serviço é a paga?

— Pode ser.

— Mas quem vos diz que o acceitar dinheiro do judeu David importa pagal-o em serviços ao rei de Castella?

— Quem o mandou offerecer?

— E que podia exigir, se lh'o pagasseis?

A argumentação habil do escudeiro não convenceu o bravo Nuno.

A' sua bella alma sincera e leal repugnaria receber, em qualquer condição que fôsse, em serviço do rei de Castella, e d'um inimigo a quem seria preciso d'ahi a horas, combater a todo o transe.

Assim disse-lhes:

— Até hoje temos andado sempre limpos, continuemos a andar, sem que possam incommodar-nos suspeitas nem calumnias. Não falemos mais n'isso. O judeu ficou com o dinheiro e ficará.

No outro dia partiu para Punhete para seguir a estrada para a sua comarca de entre Tejo e Guadiana.

Ali soube que estavam no Crato muitos castelhanos, para se partirem para Santarem e d'ali para Castella.

Levavam grande somma de roubos, de camas, roupas, vestidos e alfaias de toda a especie, pratas e ouros.

— Rapazes, disse Nuno Alvares aos seus, é Deus que nos envia a compensação das dobras de D. David, vamos esperal-os.

Indagou quando e como viriam.

Soube que d'ahi a tres dias deviam passar pela estrada do castello, vindos de Santarem.

Na noite d'esse dia, sahiram de Punhete e foram até á estrada, que alcançaram, pela madrugada.

Perto d'ella corria uma pequena ribeira, orlada de freixos.

Descavalgaram, puzeram os cavallos e mulas em ponto accenderam fogueiras e sentaram-se pelo chão a almoçar, tendo primeiro Nuno mandado collocar atalayas a alguns tiros de bésta.

E, postas estas, ainda não tinham acabado de comer, quando uma d'ellas veiu, a galope, dizer que pela estrada, muito ao longe, vinham grandes nuvens de poeira e homens de cavallo.

Nuno ergueu-se, de prompto.

Mandou que sellassem sem ruido e que se juntassem todos.

Feito isto desviaram-se da estrada para trás de um pequeno outeiro coberto de matto, que os occultava aos que vinham.

Não tardou a apparecer a caravana composta de oito homens a cavallo e uns cem de pé, armados com lanças, adagas e punhaes.

Nuno deixou-os chegar sem suspeita e mal os viu em sitio proprio mandou tocar as cornetas e correndo todos, ladeira abaixo, cahiram sobre elles.

Turvados pelo inesperado do ataque, como bons ladrões recuperaram depressa o sangue frio e começaram a defender-se, valentemente.

De nada lhes valeu. Uma carga dada por Nuno Alvares com os trinta dos seus escudeiros desbaratou-os n'um momento.

Uns vinte peões ficaram mortos e os restantes presos, excepto os que fugindo pelo matto, não poderam ser apanhados.

Foi grande o despojo em azemolas, cavallos e bois, além de muita prata, ouro e dinheiros cunhados.

Com este soccorro providencial, Nuno Alvares partiu alegremente para Evora, onde chegou e onde, por agora, o deixaremos ficar.

CAPITULO LXXII

Conselho

Sabia o rei de Castella da vinda da esquadra do Porto e imaginou-a mais poderosa do que ella era realmente.

Imaginava tambem que vinha a bordo Nuno Alvares Pereira com um reforço consideravel tirado do Alemtejo e isso ainda mais preoccupava o animo do rei.

Preoccupava-o tanto que reuniu conselho na egreja de Santos junto ao altar-mór illuminado, em cima do qual estava n'uma estante um missal fechado.

O rei depois de fazer jurar a todos que guardariam o maior segredo nas resoluções, sentou-se n'um degrau do altar e abriu o conselho.

Tratava-se de saber qual seria o melhor modo e sitio para combater a esquadra, se no mar, se no rio. Se ir-lhe ao encontro fóra da barra, se esperal-a convenientemente no Tejo.

O almirante Fernão Sanches opinou porque se atacasse no mar.

Iriam esperal-a, escondidos atrás das Berlengas, e no momento proprio com a ajuda de Deus, vencel-a-hiam.

Ali não podiam ter soccorro algum; no Tejo poderiam ainda tel-o de terra.

O commandante Pedro Afan, como é de regra em conselhos desde que os ha no mundo, foi logo de parecer opposto.

Queria que se esperasse e combatesse no Tejo e as razões eram estas: porque os ventos predominantes no mar seriam favoraveis á esquadra portugueza e contrarios a elles; combatendo no Tejo venceriam pela certa; mas se fossem vencidos tinham para refugio e soccorro qualquer das margens.

O rei inclinara-se para esta opinião; mas Sanches de Toar, que era brioso, retorquiu ainda:

— Mas, ao menos, senhor, permitti-nos que sahiamos até Cascaes; as vantagens de entrar com vento favoravel tel-a-hemos tambem e não passaremos pela vergonha de deixar entrar pelo rio dentro sem lhes darmos um unico tiro.

— Mas, disse o rei, supponhamos que vos acontecia apanhardes n'esse mar tal vento norte que vos desbaratasse? que farieis então?

— Se isso acontecesse, o que Deus não permittirá, viriamos com grande pressa nas galés pelo soccorro de gentes que terieis já prompto.

Almirante, replicou o rei, a vossa opinião é sensata; mas o luctador que uma vez cahiu, de má vontade procura segunda queda. O melhor é pelejar dentro do rio, terei para vos ajudar se fôr preciso os bateis cheios de gente.

— Melhor se pode ser soccorrido de perto que de longe, confirmou Pero Afan. O rei concordou plenamente.

Ia a levantar-se o conselho, quando Pero Fernandes de Vellasco senhor de Briviesca, joelhando deante do rei, pediu para falar. Tinham o rei, e todos os que estavam o maior respeito pelo experimentado e intelligente fidalgo.

— Fala, ordenou o rei, temos assentado o que é mister; mas se desejas falar, ouviremos.

— Senhor é a minha opinião sobre os casos do momento que eu desejava expôr a Vossa Alteza, com a lealdade e a franqueza com que sempre falo e com que falando sirvo.

— Fala, voltou o rei, ouviremos todos com a attenção que mereces. Ergue-te.

— Ergueu-se Vellasco e disse:

A minha opinião é a mais estranha e a que menos esperarieis ouvir. Esta é de que se não deve combater, nem no Tejo, nem no Mar!...

— Então, aonde? interrompeu o rei admirado.

Pedro Vellasco continuou, depois de breve pausa. Não se deve combater mais em parte alguma.

Pedro Vellasco começava a tornar-se original nas idéas perante os conselheiros.

— Note, Vossa Alteza, continuou, serenamente, e pensem-no todos os mais, que esta guerra é para os portuguezes uma guerra nacional. Veja-se o que aconteceu no Porto, o que se está vendo em Lisboa. Os portuguezes hão de vencer ou morrer. Este é o seu fito, a sua resolução clara e franca. Se vencerem peor para nós; se forem vencidos como é natural, Vossa Alteza poderá reinar sobre os corpos dos homens, mas nunca sobre os corações: ora o poder de um rei firma-se, exclusivamente no amor dos vassallos.

O dominio de Vossa Alteza será ephemero, porque o seu reinado assentará sempre sobre revoltas e levantamentos.

Esta é a minha opinião e sendo esta, concluo, naturalmente, porque se não combata.

— Que farieis então? perguntou o rei, com espanto, no meio dos não menos espantados conselheiros.

— Chamaria o Mestre d'Aviz, dar-lhe-hia o primeiro logar de Portugal e assentaria a paz. Assim ficaria rei, com a amizade d'elle e dos portuguezes.

— Nunca, replicou o rei, faria tal. A maior parte das terras e fidalgos de Portugal eram por elle e por sua mulher. Que seria, disse, prova de cobardia maior, que tendo tão superiores e poderosas forças de terra e mar fosse pedir a paz ao Mestre, quando podia vencel-o, sem a menor duvida.

E, concordando todos com o rei e dando-lhe plena razão, o conselho acabou, ficando assente que se pelejaria dentro do rio.

Pedro Vellasco, humildemente se desculpou de ter ousado manifestar a sua opinião e nem o rei, nem nenhum outro lhe ficou querendo mal por isso, pois sabiam que a lingua do cavalleiro era tão ousada mas tão leal como a sua bella espada de Toledo.

CAPITULO LXXIII

Ruy Pereira

No dia 17 de junho de 1835 á vista da esquadra castelhana fundeada no Restello a esquadra portugueza entrava a barra, Tejo acima.

Compunha-se de desasete naus e desasete galés; a castelhana de quarenta naus e treze galés.

Na cidade ao saber-se da proximidade da esquadra reinou a maior agitação e anciedade; se a esquadra fosse vencida era um golpe gravissimo; se conseguisse fundear deante da cidade e trazer-lhe reforços seria quasi uma grande victoria.

E, n'essa noite, as egrejas abriram-se e os populares e soldados, mechanicos e homens d'armas, mulheres e velhos, Lisboa inteira, correu ás egrejas, de cirios accesos, em prece, sollicitando na sincera crença de então o auxilio divino.

Os castelhanos das alturas de Campolide puderam ver por cima dos muros as procissões devotas caminhando lentamente a engolfarem-se nos portões dos templos.

Alta noite, o Mestre recebeu recado de que mestre João Ramalho, mercador rico do Porto, chegava para lhe falar.

O Mestre correu-lhe ao encontro, suspeitoso de caso grave e recolheu-se com elle a um quarto.

— Vindes?

— Da frota.

— Já entrou a barra?

— Está em Cascaes.

— E, como vem, dizei-me, como vem? Bem armada?

— As galés vem bem armadas, porque as commanda o conde D. Gonçalo.

— O conde D. Gonçalo?

— Sim, meu senhor. Como o Mestre não sabia ainda a resolução dos do Porto, rapidamente João Ramalho contou-lh'a.

— E, as naus?

— Essas, mal. Trazem poucos homens d'armas.

— Veremos se lh'os posso mandar, disse para si o Mestre. Como operareis, agora?

— E' isso sobre que vinha buscar a vossa opinião.

— Ouvi, disse o Mestre, eu tenho alguns barcos grandes e naus em Sacavem. De manhã estarão prestes, para vos soccorrer com homens d'armas.

Como o vento é favoravel, partireis logo cedo com a maré. As galés ao longo do rio e as naus perto d'ellas do lado de Almada, o mais juntas possivel.

Não penseis em pelejar, observou o Mestre, sem estardes bem defronte da cidade, porque então eu irei nos barcos e pelejaremos todos. Se alguma nau castelhana vos atacar é defender-vos mas sempre andando, a alcançar a cidade. Eu estarei prompto para a soccorrer.

João Ramalho despediu-se e no batel em que tinha vindo, no escuro da noite, abafando as remadas, foi de novo para a frota e contou a conversa com o Mestre.

Este não se deitou e na cidade poucos foram os que dormiram, na anciedade do dia seguinte.

Ao romper d'alva já o Mestre na Ribeira, enchia de soldados os barcos e naus que tinham vindo de Sacavem e elle proprio, contra os desejos do povo entrava n'uma d'ellas.

A esquadra castelhana fundeara no Restello, de prôas para Almada.

Manhã cedo a frota portugueza appareceu pela ponte de S. Julião e entrava ousadamente pelo Tejo dentro.

Vinham adeante cinco naus; na maior chamada a *Abelheira* vinha Ruy Pereira com sessenta homens d'armas e quarenta besteiros. As quatro que o seguiam capitaneavam-nas quatro briosos fidalgos, Alvaro Pires, Ruy de Tavora, Lopo da Cunha, Vasco da Cunha e outros.

Atraz seguiam as galés, navios de transporte, cheios de bandeiras, seguidos pelas onze naus restantes.

O vento era-lhes de feição e corriam velozes.

A esquadra castelhana não se moveu.

Ruy Pereira, homem valente e destemido, quando viu que as naus de Castella se ficavam quêdas, bordejou para ellas, n'um desafio claro.

Como os visse continuarem a permanecer immoveis, bordejou em direcção de Almada.

Logo que toda a frota portugueza passou em frente da castelhana esta

— era esse o plano — largou toda com o mesmo vento favoravel em sua perseguição.

Pelos montes, pelos muros da cidade, viam-se milhares de cabeças alçadas, espreitando as peripecias preliminares do combate.

Portuguezes e castelhanos seguiam com uma anciedade crescente as manobras dos navios, que iam em breve chocar-se, n'uma peleja rude.

De maior andamento do que as galés, por carregadas de mantimentos para cidade, os navios castelhanos corriam sobre aquellas e iam empolgal-as.

Ruy Pereira já salvo pela distancia, quando viu o perigo, voltou e sem receio da desproporção immensa, com as suas cinco náus atirou-se ao meio dos quarenta navios castelhanos.

O valoroso embate susteve, pela confusão e desordem, a marcha das náus castelhanas e as galés tiveram tempo de se pôrem em salvamento.

Agglomerados, estorvando se pelo aperto, uns aos outros continuavam andando, batalhando as guarnições, ás settadas, quando o mar e o vento os separava, á lança e á espada quando se approximavam e se uniam.

As doze náus que seguiam as galés vieram a seu turno entrar na peleja e ajudar Ruy Pereira na lucta desegual que sustentava como um verdadeiro bravo.

Com o calor do dia e da peleja, Ruy Pereira levantara a viseira para respirar melhor e continuaram combatendo, como um verdadeiro leão, quando uma setta o apanhou pela testa e o fez tombar.

Fendido o craneo, em breves minutos o heroico fidalgo morria.

As náus combatendo approximavam-se da cidade, onde as galés tinham já vindo aportar uma a uma.

O Mestre, como o vento e o mar não lhe consentira fazer-se ao largo, andava pela praia, armado, rodeado dos seus, recebendo com abraços os capitães das náus e fazendo conduzir para cima, para dentro dos muros os abastecimentos, já providenciaes das galés.

Approximando-se da terra as náus castelhanas, sustiveram a marcha e voltaram as prôas para o sul.

Tinham morrido muitos de lado a lado e sido tomadas tres náus portuguezas.

A desfeita valera menos do que a salvação das galés, que representavam, aprezadas, nada menos do que a entrada da fome em Lisboa, talvez a sua conquista, a sua perda e d'ahi a perda de Portugal.

Ruy Pereira, morrera na mais elevada acção, no sacrificio da vida pelos seus e pela sua terra.

Morrera, como era de justiça morrer tão bravo capitão, heroicamente, em pleno combate, ferido no rosto, que nunca se baixara n'um perigo, que nunca se voltara a um inimigo.

O Mestre, os fidalgos, inteira a cidade lhe pranteou a morte.

A frota portugueza veiu enfileirar-se ao longo da praia, desde as Tercenas até á porta do Mar.

O rei de Castella mandou que puzessem fóra dos navios os portuguezes que lá tinham ficado presos e os feridos, mas que lhe levassem um dos presos para lhe contar como fôra a batalha.

Levaram-lhe um escudeiro chamado Vasco Leitão.

Logo que o rei o viu, perguntou-lhe:

— Dize-me, vinhas na armada Nuno Alvares Pereira?

— Não, meu senhor.

— Quem vinha, então?

— Vasco Leitão nomeou os capitães todos, começando pelo almirante Ruy Pereira.

— Esse morreu?

— Sim, meu senhor.

— Era um valente homem de guerra, accrescentou o rei; não fará pouca falta ao Mestre d'Aviz.

N'isto a rainha ia passando para uma camara, junto áquella em que falavam. Vasco Leitão, quando a viu, adeantou-se, gentilmente e beijou-lhe a mão.

Ella que o conhecera como creado de Gonçalo Vasques d'Azevedo e o via ali, perguntou-lhe

— Então estás aqui?

— Sim, minha senhora, á mercê de Deus e á vossa.

A rainha não replicou e continuou andando.

Vasco Leitão voltou para junto do rei, que lhe disse, sorrindo:

— Bonito beijo esse! Com a lança na mão contra vossa senhora natural para lhe fazer perder o reino que é seu por direito e ao mesmo tempo beijar-lhe a mão! E' um beijo de escarneo que merecia cortados os beiços que o deram!

— Senhor, disse Vasco Leitão, não nol-o fazem entender assim os que melhor sabem d'essas coisas do que eu.

— Então, como? perguntou o rei.

— Dizem-nos que entrastes no reino sem respeito pelos contractos, feitos e não invalidados, que esquecestes as clausulas que lá estão ainda, e que por isso perdestes o direito á nossa terra, que nós devemos por isso defender do vosso dominio.

Então, Fernão Vellasco, aquelle que falava, tão nobremente ao rei na egreja de Santos, ao ouvir as palavras do escudeiro, voltou-se para o rei João dizendo:

— Tomada a terra, senhor, o que nos direis? Vêde se me enganei nas palavras que vos dirigi no conselho, pelas palavras que acaba de dizer este homem.

— Levae esse homem, ordenou o rei, com ar pensativo.

Levaram-n'o para junto dos outros prisioneiros, dos quaes uns foram remidos, outros conseguiram fugir, outros foram mandados para Sevilha.

A pequena victoria nada lisonjeou o rei de Castella, antes se lhe afigurava, que não tendo podido evitar o soccorro de viveres á cidade, tinha perdido um dos melhores lances do combate.

CAPITULO LXXIV

O castello d'Almada

Irritou-o, antes, o mau successo da batalha naval.

Senhor do rio, o rei resolveu apossar-se de Almada, que desde aquelle dia em que Diogo Lopes Pacheco fôra preso, estava cercada e resistia tenazmente a qualquer tentativa de posse.

Demais os almadenses não só resistiam tenazmente, mas faziam suas sortidas contra os castelhanos, que apanhavam dispersos em busca de forragens e matavam n'elles muito conscienciosamente.

Só d'uma vez mataram trinta que tinham sahido a roubar a Arrentella e que na volta, mal conhecedores do caminho do porto, atacados, foram todos mortos.

Tentativas de minas, assaltos vigorosos, tudo era baldado.

D. João resolveu ir elle proprio tomar o castello.

Partiu com muitos capitães e gentes e mandou fazer um mirante de madeira na torre de S. Thiago, para vêr d'alli como se combatia.

Mandou atacar o castello todo em volta, quanto podia ser, por homens de pé e bésteiros e por toda a qualidade de machinas de guerra que levara desde a manhã até depois do meio dia.

Os da villa como viram o rei na varanda resolveram cumprimental-o com um tiro.

Mandaram-lh'o e mataram dois homens e feriram tres.

El-rei descera á egreja para comer, o que lhe valeu, talvez, o não ter sido apanhado pelas pedras ou virotões, porque o chronista não explica o genero das armas de arremêsso.

Quando os que desceram o vieram dizer ao rei, este, mais colerico, ordenou que parassem o combate n'aquelle dia e que trouxessem no outro uma bombarda das melhores.

Lá estava no outro dia.

O primeiro tiro que deu como foi muito baixo, não fez mal algum a nenhuma coisa ou pessoa; no segundo quebrou-se, de modo que não poude mais servir.

Estas pequenas contrariedades em caso tão perigoso mais irritavam o espirito do rei que prometteu que nunca perdoaria, nem faria pazes com os de Almada, mas que os havia de passar todos a fio de espada.

Foi-se para Lisboa; mas deixou o cêrco commandado por Pedro Sarmento e João Rodrigues de Castanheda, com ordem de não deixarem descançar os sitiados, nem de dia nem de noite.

Então começaram os do castello a soffrer todos os horrores de um cêrco apertadissimo, e em breve a fome e o que é mil vezes peor, a sêde, entravam de braço dado para dentro dos muros da heroica fortaleza.

Começaram os sitiados por lançar do alto do muro que dá para o Tejo os animaes de serventia que lá estavam, cavallos e mulas, compadecidos dos tormentos que os viam passar.

Os d'elles não eram menores.

Amassavam o pão com o vinho, de fórma que só o podiam comer emquanto estava quente; isto emquanto houve milho e cevada porque em breve faltavam tambem.

A agua faltou completamente.

Junto á alcaçova havia um tanque que a chuva tinha enchido de agua e onde as mulheres tinham lavado as roupas, onde jaziam animaes mortos, cães e gatos, suja, immunda, esverdeada.

Pois, de noite, iam os desgraçados com baldes, apanhar aquella agua, que bebiam sofregamente.

Souberam-no os castelhanos e foi-lhes preciso, d'ahi em deante disputal-a em combates successivos.

Mas até esta acabou e começaram a morrer á sêde, não só as mulheres e creanças, mas ainda os homens.

O castello, no emtanto resistia sempre.

Soube o Mestre os tratos que passavam os almadenses, mas não ainda todos quantos eram com seus horrores de soffrimentos phisicos.

Um homem de Almada que viera na frota do Porto offereceu se para ir a nado, saber tudo como era.

Assim foi e veio, seis vezes, durante varias noites e na ultima levou o recado do Mestre para que se entregassem os do castello. Tanto sacrificio era inutil.

Renderam-se e lá foi o rei e a rainha de Castella receberem lhes as homenagens.

A heroica defeza de Almada tinha enchido de enthusiasmo o reino, de agradecimento o coração do Mestre e de espanto o inimigo.

Começava D. João a perceber que não era sem fundamento o que o senhor de Briviesca lhe dizia: que um reino se não conquistava apenas com a espada, nem se dominava apenas pela força um povo capaz de tão grandes sacrificios.

Havia mez e meio que estabelecera o cêrco a uma villoria mesquinha e só depois d'elle a conseguira tomar.

O que lhe aconteceria em Lisboa, cidade fortificada, com bons capitães e o povo animado dos mesmos sentimentos de valor e de resistencia?

O orgulho do rei começava a sentir se profundamente ferido e já receoso do bom exito dos processos que estava empregando resolveu seguir outros, que em muitos casos, se não na maioria d'elles, dão melhor e mais prompto resultado.

Recorreu á traição, ao suborno.

D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, aquelle que fôra indigitado para fronteiro do Alemtejo, e morrera durante o cêrco, tinha por guarda, elle e João Lourenço da Cunha que por odio á mulher viera pôr-se ao serviço do Mestre, tinham a seu cargo a defeza de uma quadrella, o muro de Santo André até á porta de Santo Agostinho.

Com estes dois se entenderam emissarios do rei e conseguiram que elles combinassem a entrega da cidade, por aquelle lado.

Tudo combinado, maneira, horas e noite, adoece João Lourenço da Cunha.

No receio da morte confessa-se e declara tudo; os rendidos, o signal para subirem os castelhanos ao muro, a hora et coetera.

Fez se o signal e os castelhanos não prevenidos foram recebidos á pedrada e a tiro.

D. Pedro foi preso e os creados postos fóra da cidade. O povo indignado dizia ao Mestre que o matasse, o conde e todos os conspiradores. O Mestre d'Aviz, como sempre serenou os animos.

Furioso o rei de Castella resolve tomar as galés portuguezas que, como vimos, se achavam na Ribeira, protegidas pelos muros da cidade, tenta tomal a e é repellido, os seus vencidos e perde ainda uma náu.

* * *

CAPITULO LXXV

A proposta

Em escaramuças continuadas em que umas vezes os nossos, outras vezes os castelhanos levavam a melhor, se passava o tempo e os dias, sem resolução maior.

Na cidade começava a haver fome e no arraial castelhano um outro inimigo, maior, mais terrivel, ainda, começava a alastrar, ameaçador e cada dia mais cruel, ceifando vidas — a peste!

No exercito de terra e no do mar os soldados cahiam já ás dezenas, victimados pelo terrivel mal.

Emquanto a doença se conservou pela plebe ninguem reparou n'ella.

Mas os mais altos começavam a ser atacados, escudeiros e senhores e ao redor do rei começava a fazer-se um grande vácuo de capitães e amigos...

Pelo estado de coisas, Lisboa não capitularia tão cedo, era assim que pensava o rei que ignorava a fome que já lá ia dentro, e a continuar o rigor da peste, em breve todo o exercito seria dizimado.

Lembraram então os conselhos de Pedro Vellasco e o rei conferenciou com elle.

— Não tendes remedio, senhor, senão virdes a accordo com o Mestre.

— Quanto me peza, replicava o rei.

— E' hoje a opinião de todos, disse Vellasco. Hoje todos são da minha, que é a que expuz ha tanto tempo e todos acharam má.

— Variaram as condicções, disse o rei.

— Se não fôra a peste outra seria a causa de virmos a este ponto, meu senhor.

— O que é preciso, Vellasco, é falar ao Mestre. Escolhi-te para seres embaixador n'este negocio, confio-te o bom exito do negocio.

Vellasco mandou pedir ao Mestre para lhe falar, em nome do rei; mas com as seguranças devidas.

O Mestre d'Aviz já quasi certo da missão de Pedro Vellasco, deu-lhe todas as seguranças e Vellasco, no dia seguinte, pelo meio dia, seguido de varios fidalgos castelhanos, montado em soberbo cavallo, ladeado pelo pagem da lança, veio fallar ao Mestre.

Este recebeu-o á porta de Santa Catharina, entre a barbacan e os muros e, a cavallo tambem, armado de cota e braçaes e espada á cinta. Por sobre tudo um tabardo rico.

Quando se viram fizeram as continencias, as mesuras do estylo e approximando os cavallos, abraçaram-se.

Então um pouco afastados disse-lhe, Vellasco:

— Manda me el-rei para que concertemos a paz, tão necessaria a ambos. Dizei-me, primeiro, se a desejaes tambem.

— Tanto como el rei de Castella.

— N'esse caso, dizei me as condicções em que a acceitaes.

— Como nunca pensei em tal, não posso dizer-vos immediatamente, quaes desejo; vós porém que deveis ter fallado e pensado no assumpto com el-rei vosso senhor, deveis poder dizer-me quaes as que acceita, ou exige.

— El-rei resolveu que o accôrdo seja feito nas seguintes bases:

Vós ficareis regente de Portugal, reconhecendo a realeza de D. Beatriz; entregareis o reino ao primeiro filho que ella tiver, logo que este chegue á maioridade.

— Acceito, disse o Mestre. São essas as unicas condicções?

— Ha uma outra, respondeu Vellasco.

— Qual?

— E' que não sereis vós o unico governador do reino: comvosco governará um outro fidalgo castelhano da nação e á escolha de el-rei.

— Regeito, disse o Mestre com o mesmo sorriso que usara na anterior resposta.

— Regeitaes?

— Absolutamente. Nenhum portuguez consentiria em ser governado por um castelhano.

— E, por vós...

— Acompanhado? Não; nem elles o acceitariam, nem eu o acceito.

— Lembro-vos, senhor, que estaes n'um apertado cêrco, que sereis um dia obrigado a acceitar um accôrdo...

— Nunca! replicou o Mestre.

— Não receiaes que essas gentes vos tornem um dia culpado de tantos soffrimentos que hajam de soffrer?

— Não, replicou o Mestre.

— Não acceitaes pois a proposta de el-rei, tão razoavel e que em nada fere a vossa honra de principe, de filho de reis?

— Não, respondeu ainda o Mestre. Acceito a regencia; comprometto-me a deixal-a logo que o primeiro filho de D. Beatriz, tenha edade de governar. Isto assim, simples e claro. Tudo o mais, não.

— E' essa a resposta definitiva que levarei a el rei?

— E' esta.

Então de novo se cumprimentaram e despediram e Vellasco partiu para a tenda do rei de Castella.

— Que disse o Mestre? perguntou-lhe este, mal Vellasco se apeava.

— Dai-o ao diabo, respondeu Vellasco, não sabe senão dizer a tudo: não, não, não.

O rei ficou apprehensivo e triste e conservou-se calado.

Então o prior do Hospital, irmão de D. Nuno, que estava presente e fôra amigo do Mestre disse:

— Ir-lhe-hei eu falar, se me derdes licença e prometto conseguir um accôrdo.

— Não ireis, disse D. João, não quero que esse senhor imagine que desesperei de o vencer e quero mesmo provar-lhe o contrario.

Simplesmente a minha vingança sobre essa cidade será mais completa... e, accrescentou como modo concentrado, o Mestre que se livre de me cahir nas mãos.

Todos se calaram perante o visivel estado colerico do rei.

D'ahi a vinte dias, porem, forçado pelos seus, atemorisado já pela peste que ameaçava e prostrára já alguns dos seus melhores fidalgos e homens de guerra, concedeu ao prior a licença para ir conferenciar com o Mestre.

Veiu o prior; mas servindo-se dos mesmos argumentos de Pedro Vellasco, trazendo as mesmas condicções, levou a mesma resposta.

D. João de Castella ao ouvil-o, ainda mais se excitou, e jurou: que nunca mais fallaria em pazes, nem abandonaria o cêrco fosse porque fosse, mas ficaria até tomar a cidade á força de armas, para a fazer pagar cara a resistencia.

O prior enraivecido pelo máu exito da sua tentativa, para vêr se arrancava o irmão ao rei, escreveu-lhe para Evora a dizer lhe que o Mestre, tratava de pazes com o rei de Castella sem fazer caso d'elle.

Nuno, que comprehendeu a intenção, respondeu-lhe:

— Que o Mestre podia fazer como quizesse, porque não faria coisa em que perigasse a sua honra e a dos seus. Terminava a carta com uma observação, que mostra o fino espirito de Nuno.

Dizia-lhe: que se admirava de que elle, irmão, estando de tão pouco tempo entre os castelhanos, já soubesse tantas castelhanarias!

O prior ficou passado com a resposta.

⁂

Lisboa é que começava a estar n'uma situação seria.

O Mestre vendo que por negociações nada se poderia conseguir, resolveu com os do conselho atacar os Castelhanos.

A fome começava a produzir os seus effeitos de senhora absoluta.

Concordou-se que se mandasse recado a Nuno Alvares para vir atacar o arraial por um lado, emquanto os da cidade faziam por outro uma sortida.

Nuno cheio de alegria, communicou o recado aos seus.

— E' uma empreza temeraria, responderam.

— Que nos importa? replicou Nuno.

— Tudo. Que é um remedio de ultima extremidade; para se fazer é preciso que Lisboa chegue aos ultimos apuros e parece-nos que ainda o não está.

Nuno replicou; mas os seus homens valentes como eram e decididos, tinham correspondente opinião propria, e Nuno percebeu que obrigal-os a ir contra vontade, o mesmo era que não ir.

Desistiu da ida e disse-o ao Mestre, por carta.

Este concordou, tambem. Que remedio tinha?

* * *

CAPITULO LXXVI

A retirada

Não estava, porém, socegado Nuno Alvares.

As questões, os casos graves accumulavam-se e appareciam continuamente e a sua espada inquieta, não se demorava em resolvel-os.

Assim tomou a Gonçalo Rodrigues de Souza o castello de Monsaraz.

Não tinha acabado esta proeza, quando soube que Pedro Sarmento o valoroso cabo de guerra, já distincto nas guerras de D. Fernando e seu irmão Pero — o despeitado prior — com mais de doze mil homens se preparavam para entrar pelo Alemtejo.

Reune Nuno as suas forças e acha-se com cinco mil homens, se tanto!

Que lhe importa? Não vence elle sempre assim? Não é combatendo um contra cinco que elle tem derrotado os inimigos, inflingido as mais inesperadas derrotas, aos melhores fidalgos, mais valentes e mais sabedores da arte da guerra do seu tempo?

Irá dar batalha a Pedro Sarmento.

As cornetas tocam e elle que parte com a sua hoste invencivel.

O rei de Castella ordenara a Pedro Sarmento que lh'o touxesse vivo ou morto!

O exercito castelhano parou em Arrayolos depois de ter assolado o Crato e redondezas.

D'ali Pedro Sarmento enviou a Nuno Alvares um escudeiro com uma espada de duas mãos, a que chamavam montante e uma carta.

A carta era um desafio, o montante um presente.

Dizia-lhe, entre outras coisas, Pedro Sarmento alem do desafio, que o escudeiro fez tambem de viva voz, que se com elle ousasse bater-se, em campo razo, havia de lhe dar açoites como se fosse uma creança.

Nuno Alvares leu a carta e sorrindo, acceitou a espada e o desafio e mandando tratar cavalheirosamente o emissario, disse-lhe que d'ahi a pouco lhe daria a resposta.

No dia seguinte, ouviu a sua missa muito cêdo e mandou chamar o escudeiro.

Com a voz mais suave, o seu melhor riso engatilhado, disse-lhe:

— Cavalleiro, dizei a Pedro Sarmento e aos capitães que com elle veem que quando quizerem, me podem vir procurar porque me acharão ás suas ordens. Ide com Deus.

Garcia Gonçalves foi-se com a resposta.

Quando preparavam o almoço vieram dizer-lhe que os castelhanos vinham perto. Tocaram as cornetas, cavalgaram todos rapidamente e pararam a uma legua de caminho esperando o inimigo.

Este não apparecia e Nuno Alvares que nada comera ainda durante o dia, mandou procurar pelo soldados qualquer coisa de comer.

Encontrou-se apenas, um boccado de pão dentado e uma pequena cabaça com vinho.

Foi o que durante o dia todo comeu o bravo Nuno.

No outro dia de manhã appareceram os castelhanos.

Nuno dispoz a sua gente como costumava e esperou. Os castelhanos não atacaram, mas foram-lhe andando á roda, de modo que o pequeno exercito de Nuno ficou completamente cercado.

Um emissario veio propôr-lhe o render-se.

Nuno, com voz aspera, respondeu-lhe:

— Que querem esses senhores? Então mandam-me desafiar e agora propõem-me que me renda? Ide-vos em paz e dizei-lhe se não vêem a vergonha de serem tantos e tão bem montados e tardarem tanto em me atacar ...

O emissario levou a resposta; mas coisa curiosa o exercito conservou as suas posições, cercando completamente a hoste de Nuno e não se moveu...

Era uma tactica ideada por Pedro Sarmento e os seus.

Sem poderem sahir d'aquelle cêrco, tendo de estar sempre álerta, sem comerem, já durante um dia e uma noite, render-se-hiam pela fome, Nuno e os seus.

O calculo era bem feito; mas Nuno percebeu-o, pela tarde. Não podia ser outro.

Percebeu-o e comprehendeu-lhe o perigo. A hoste bem menor, cançada, exgottada pela fome, seria aniquilada, fatalmente.

Era preciso sahir d'aquelle laço, fosse como fosse.

O sol começava a empanar-se de grossas nuvens, os trovões começavam a silvar ao longe; uma tempestade ia em breve estalar sobre o campo.

Avisinhava-se a noite; uma cerração enorme começou a cahir sobre a terra e grandes bátegas de agua encharcaram os homens e os animaes.

Nuno resolveu romper o circulo, do lado de Evora e refugiar-se na cidade.

Em segredo, deu as suas ordens e a hoste como um animal monstruoso de milhares de pernas, começou a mover-se frente para a cidade.

Ao chegar á linha inimiga rompeu-a com impeto. Quando os castelhanos perceberam a manobra, Nuno Alvares caminhava já direito a Evora.

A cavallaria açolava-os na rectaguarda, mas difficilmente, porque o negro da noite tapava os caminhos, os riachos numerosos de agua espantavam os cavallos, o chão escorregadio e irregular difficultava-lhes a marcha.

Aos ataques indisciplinados a peonagem de Nuno Alvares enristava as lanças do quadrado, repellia-os e continuava a marcha.

Alta noite, Nuno entrava em Evora.

Vinham encharcados, cheios de fome, os homens, a custo podendo mover-se nas pernas, alguns feridos gravemente.

A retirada heroica effectuara-se e o brioso rapaz salvara a sua hoste aguerrida de um desbarato cruel.

No outro dia, Pedro Sarmento depois de assolar os arredores de Evora, partiu para Lisboa, e veiu ter ao arraial de D. João, seu rei.

Este não o recebeu com muita alegria, antes parece que o censurou por não continuar a combater Nuno Alvares até o agarrar.

* * *

CAPITULO LXXVII

A desforra

Nuno Alvares é que ficou enraivecido com o que lhe acontecera e meditando uma vingança de estrondo.

Soube que Pedro Sarmento e João Rodrigues de Castanheda tinham ido a caminho de Lisboa.

Juntou tresentos cavalleiros e uns cem homens de pé e partiu-lhes no encalço.

A trote e a galope chegaram, ao romper do sol a Almada, onde pousava a hoste castelhana.

Pero Sarmento estava em Lisboa no arraial do rei; Castanheda dormia ainda, como a maior parte dos soldados e homens d'armas.

Nuno Alvares entra de subito pela villa, mata todos os que se lhe oppõem e, de bandeira erguida, chega ás portas do castello que elle imaginara entrar atraz dos fugitivos que alli se acolhessem.

A porta estava fechada.

Nuno destacou para o arrabaldes parte das tropas onde mataram e prenderam alguns capitães castelhanos.

D'ahi a uma hora, os castelhanos tomados pelo terror abandonavam armas e cavallos fugindo em todas as direcções.

Nuno Alvares mandou tocar a reunir.

Todos reunidos postaram-se no monte, ao lado do castello e em frente a Lisboa. Então fizeram soar todas as trombetas e gritaram chufas e apupos para os castelhanos.

O rei de Castella espantado com aquellas manifestações, que não comprehendia, mandou chamar Pedro Sarmento e perguntou-lhe o que era aquillo

— Em verdade não o sei, meu senhor; mas não pode ser outra coisa senão Nuno Alvares.

— Na verdade, replicou o rei, com máu medo, é essa uma boa resposta

Serdes vós fronteiro d'aquelle logar e vir-vos um escudeiro de má morte fazer tal affronta!

— E' facil de dizer isso, meu senhor; mas podereis acreditar que se não fora este rio que ahi corre, que o terieis por cá ha muito tempo.

Nuno Alvares esteve no cabeço quanto tempo lhe appeteceu, depois com os despojos, armas e cavallos, partiu com os seus para Palmella.

O Mestre d'Aviz e os da cidade ficaram contentissimos quando perceberam que era Nuno Alvares e ainda mais, á noite, quando tiveram essa certeza, pelas fogueiras que Nuno mandou accender no castello de Palmella.

Então o Mestre mandou collocar grande numero de tochas accezas no eirado do paço, e para que de lá os vissem tambem e soubessem que os comprehendiam e os saudavam.

Estiveram as tochas accezas por muito tempo, até deshoras, emquanto o Mestre aos que o rodeavam falava enternecido das virtudes de Nuno Alvares e do seu valor heroico, da sua lealdade inquebrantavel.

Apagaram-se os fogos de Palmella, apagaram-se os do paço e a escura noite desdobrou, mais cerrado, o seu manto de trevas sobre a cidade.

CAPITULO LXXVIII

Fome e peste

O Mestre recolhera-se e deitara-se, mal podendo dormir.

Nunca a cidade de Lisboa estivera mais a ponto de se perder.

A fome fazia-se sentir na cidade, desapiedadamente.

O trigo era pouco e carissimo, assim como a carne.

Por fim, um e outro faltaram completamente.

A grande quantidade de gente que dos arredores de Lisboa se acolhera á cidade tinha tornado a população de tal modo densa, que os alimentos que poderiam ter chegado para seis mezes se apenas alli estivessem os habitantes vulgares, se consumirem em menos de tres.

Então, as scenas mais commovedoras se passavam dentro dos muros. Fazia se pão, uma especie de bolo, do bagaço da azeitona; disputavam-se a herva e as raizes.

Nos sitios onde se vendera trigo, esfaimados escarvavam a terra procurando alguns bagos.

As creanças esfaimadas esmolavam em chôros pelas praças e ruas. Muitas alimentavam-se de alfeolas.

Seccaram-se os peitos ás mães que alimentavam os filhos e não poucas, como elles, exhaustas, morriam.

Pelas ruas e junto ás fontes encontravam se homens e rapazes, mortos, inchados horrivelmente de tanta agua que bebiam.

Em presença de taes factos, no meio de tão horriveis scenas, proprias para desanimar os mais ousados, o Mestre resolveu mandar sahir da cidade os judeus e as meretrizes.

Quando sahiram, os castelhanos acolheram-nos com bondade; mas quando souberam a razão da sahida, expulsaram-nos tambem do arraial.

O rei publicou as penas mais severas contra quem ousasse receber alguem que fosse expulso da cidade.

Os desgraçados vagueavam pelos campos, soffrendo as maiores privações e miserias.

A expulsão d'esta gente veio revellar ao rei de Castella o estado da cidade.

Isto mais o fez presistir na intenção de não levantar o cêrco.

Os de Lisboa sabiam do estado sanitario do arraial e resolviam-se a esperar, até á ultima extremidade.

A lucta, é claro que teriam de sustental-a de ambos os lados com egual furor.

A victoria havia de pertencer áquelle que persistisse.

Dentro reinava a fome; fóra reinava a peste.

O ultimo a succumbir esse seria o vencedor.

O rei de Castella percebendo-o, teimava em continuar o cêrco a despeito da enorme mortandade que os seus soldados soffriam.

A peste, porém, não se limitava já aos de baixa condicção e matava successivamente, o Mestre de S. Thiago, o commendador-mór Pedro Sandoval, o Pedro Vellasco, camareiro-mór, a Sanches de Toar almirante e Fernão Alvares, marechal de Castella, Pedro Sarmento e o conde de Mayorca e muitos outros fidalgos de primeira grandeza.

De peões, por esta occasião, tinham morrido para cima de dois mil.

O rei, no emtanto, lugubre, cheio de persentimentos, ainda mais mysanthropo, do que vulgarmente andava, não tinha animo de levantar o cêrco.

Tantos sacrificios e despezas e trabalhos, em vespera de terem um condigno premio, serem aniquilados só pela vontade do rei, por sua ordem, era realmente coisa para fazer hesitar o animo real, a quem toda a responsabilidade seria lançada.

Depois, não era o juizo dos mais que o rei temia, era a propria consciencia, o orgulho ferido, a vaidade irritada, por tão inesperado desenlace.

Os fidalgos murmuravam já da teimosia do rei, dizendo entre elles, tentar a Deus tal obstinação.

Haveria muito tempo de voltar outra vez. Ficavam muitos castellos pelo rei. Era irem-se; acabar assim com a crescente polemica e voltarem depois em melhores condições, para outra guerra e para outro cêrco.

Um d'elles, o maior, que já conhecemos, D. Carlos infante herdeiro da Navarra, foi por mandado e opinião de todos procurar o rei.

— O perigo é enorme, dizia-lhe elle; Deus que manda esta epidemia é porque que quer que espaçeis a vossa victoria.

— Levantar o cêrco, na vespera da victoria? dizia o rei.

— Olhae, senhor, não queiraes que vos aconteça como a vosso avô no cêrco de Gibraltar.

— O que lhe aconteceu? perguntou o rei que parece que sabia peior de que D. Carlos a historia dos seus.

— O que lhe aconteceu? Não vos lembraes? Cercava Gibraltar quando deu a peste no arraial. Aconselharam no, tambem, a que levantasse o cêrco e elle respondia: isto é certo, é uma questão de dias e terei a villa. Por coisa nenhuma a abandonaria agora! E não sahiu e deu-lhe a doença e lá morreu!

— E, isso era para conquistar um ninho de corujas, de pouco valor, que admira que eu o faça por uma tão bella e grande cidade como é Lisboa. Se a tenho, tenho todo o reino.

Ninguem tem mais pena do que eu de todos esses fidalgos que me tem morrido; mas supponho que estiveram n'uma grande batalha e que lá foram mortos! Não falemos mais n'isso.

Eram de sobreposse as palavras do rei.

Elle queria que o instigassem, que lhe pedissem, que quasi lhe ordenassem a retirada, para o poder fazer sem remorsos.

Não, por elle, por seu motuo-proprio não levantaria, nunca, o cêrco.

Os fidalgos deixaram-se de falar-lhe em tal.

Mas n'um dia proximo, a rainha depois de comer começou a sentir-se mal...

Vieram os phisicos, mesinharam-n'a e no outro dia estava melhor, se não completamente boa.

O rei sobresaltou-se. Como D. Beatriz melhorasse socegou um pouco.

Dois dias depois, de subito, D. Beatriz, sentiu-se mais incommodada do que da primeira vez, com caimbras e vomitos.

O rei, não querendo a responsabilidade do mal que pudesse vir á mulher, por permanecer ali, mandou levantar o arraial e partiu de Santos para o Mosteiro de S. Antão.

Uma pequena fogueira brilhou, ao anoitecer, nas alturas de Campolide e começou a erguer-se e a caminhar, lentamente n'um circulo em redor da cidade.

Eram as barracas, as estacadas, todo o acampamento que ardia.

Noite fechada, um circulo de fogo colossal envolvia Lisboa em nuvens negras de fumo, com relampagos rubros.

Era um fumo enorme, que subia ás nuvens, no meio de ruidos bruscos, estalidos, derrocadas, impregnando o ar de emanações asfixiantes.

Correram os da cidade aos muros, sem perceber, a principio; imaginando estranho ardil de guerra.

De Palmella, Nuno e os seus que mal viam a origem do incendio, absortos e magoados contemplavam a labareda colossal, julgando ser Lisboa que ardia.

O rei de Castella, caminhava para Torres Vedras e d'ahi para Santarem, onde chegou, tres dias depois.

Quando o fogo ia morrendo e os de Lisboa perceberam, claramente, que o arraial ardera e o rei levantara o cêrco, esqueceram a fome, os tormentos do cêrco, todas as privações passadas e entregaram-se a todos os transportes que a alegria pode fazer nascer.

E então deram-se os parabens pela mutua coragem e louvavam o Mestre por não ter desanimado.

D. João Escudeiro bispo de Lisboa, de cruz alçada, appareceu entre o povo, gritando graças ao Senhor, e uma procissão enorme o seguiu á egreja da Trindade a agradecer á Providencia o ter afastado da bella cidade de Lisboa o flagello da guerra e com elle o não menor o flagello da peste.

Um frade prégou sobre o caso, arrancando lagrimas, aos ouvintes.

Acabado o sermão, foi dita missa e a procissão que partira da Sé, com o corpo de Deus, voltou a ella.

Desde o romper da manhã, as portas, ainda que bem guardadas, para evitar qualquer surpreza abriram-se e os encarcerados de quasi quatro mezes puderam jubilosamente pizar a terra calcada pelas hostes inimigas.

Um grupo de cavalleiros e alguns peões dispersos foram no seguimento do rei, para lhe expiar as passadas.

Convencidos de que a retirada era decidida e para sempre, talvez, voltaram á cidade, confirmando a boa nova.

Lisboa esfaimada, andava radiante.

CAPITULO LXXIX

Uma visita obrigada

O cêrco durara quatro mezes; do fim de maio ao fim de setembro.

Durante este tempo a causa da independencia de Portugal ganhara fóros de coisa viavel.

A victoria dos *Atoleiros*, a mal succedida tentativa da conquista de Lisboa, pelo proprio rei, foram factos de importancia a justificarem a possibilidade de uma resistencia prolongada e energica.

Todavia se o animo entrava mais fortemente no coração dos portuguezes, não de todos, se o desanimo invadira bastante os castelhanos e o rei, diga-se que nem todos suppunham, de absoluto valor estes dados para fazerem triumphar a causa do Mestre.

A peste, caso fortuito, fôra um grande auxilio, sem o qual não se sabe qual teria sido a sorte de Lisboa; ou melhor, sabe-se que não teria sido dos mais felizes.

Comparando as forças materiaes, o poder do Mestre era exiguo.

Castella era, então, o maior reino da Peninsula, logo o mais poderoso. A's suas proprias forças tinham que juntar-se ainda as de muitos fidalgos portuguezes, a maior parte, que eram pelo rei de Castella.

A pendencia não estava ainda resolvida, nem, naturalmente, passado o maior perigo.

Assim o pensavam muitos e pensavam acertadamente.

Quem não attendia a considerações tristes era Nuno Alvares Pereira.

Quando, no outro dia, o sol illuminou a Terra e elle viu Lisboa garbosasamente erguida nos seus outeiros encheu-se-lhe de alegria a alma.

Horas depois, sabia o que acontecera e resolveu para logo de vir falar ao Mestre.

Partiu de Palmella, veiu ao Montijo alugar um batel e pela meia-noite metteu-se n'elle direito a Lisboa.

A esquadra castelhana pejava ainda o rio. Avisaram-no de que a evitasse o que era a melhor maneira de elle o não fazer.

A prudencia era para elle uma palavra vã.

Assim, mandou aproar direito á esquadra e quando lhe passava ao meio, mandou tocar as trombetas.

Alvoroçados e estrenoitados os da esquadra acordaram e perguntavam:

— Quem vem lá?

Nuno Alvares, risonho, de pé, á prôa, a mão na espada e o penacho ao vento, respondia-lhes:

— E' Nuno Alvares Pereira.

Quizeram ainda perseguil-o, mas foi debalde.

De madrugada desembarcou.

Quando o viram na praia houve um grande alvoroço de alegria e todos o queriam abraçar e saudar.

Trouxeram-lhe uma mula em que montou e foi ouvir a sua missa ao convento de S. Domingos.

D'ahi dirigiu-se ao paço, onde o Mestre estava.

Este que já o sabia chegado, correu a saudal-o quando lhe disseram que vinha.

Quando Nuno Alvares se apeava, apparecia o Mestre á porta do palacio, no largo que o defrontava.

Ao verem-se correram um para o outro e assim os das comitivas que se abraçavam e beijavam nas faces.

Nuno Alvares ao chegar junto do Mestre lançou-se de joelhos para lhe beijar as mãos.

O Mestre não o queria consentir e tentava levantal-o, dizendo:

— Nuno Alvares, Nuno Alvares, levantae-vos.

Nuno Alvares nada respondia e agarrando a mão do Mestre forçava por beijar-lh'a.

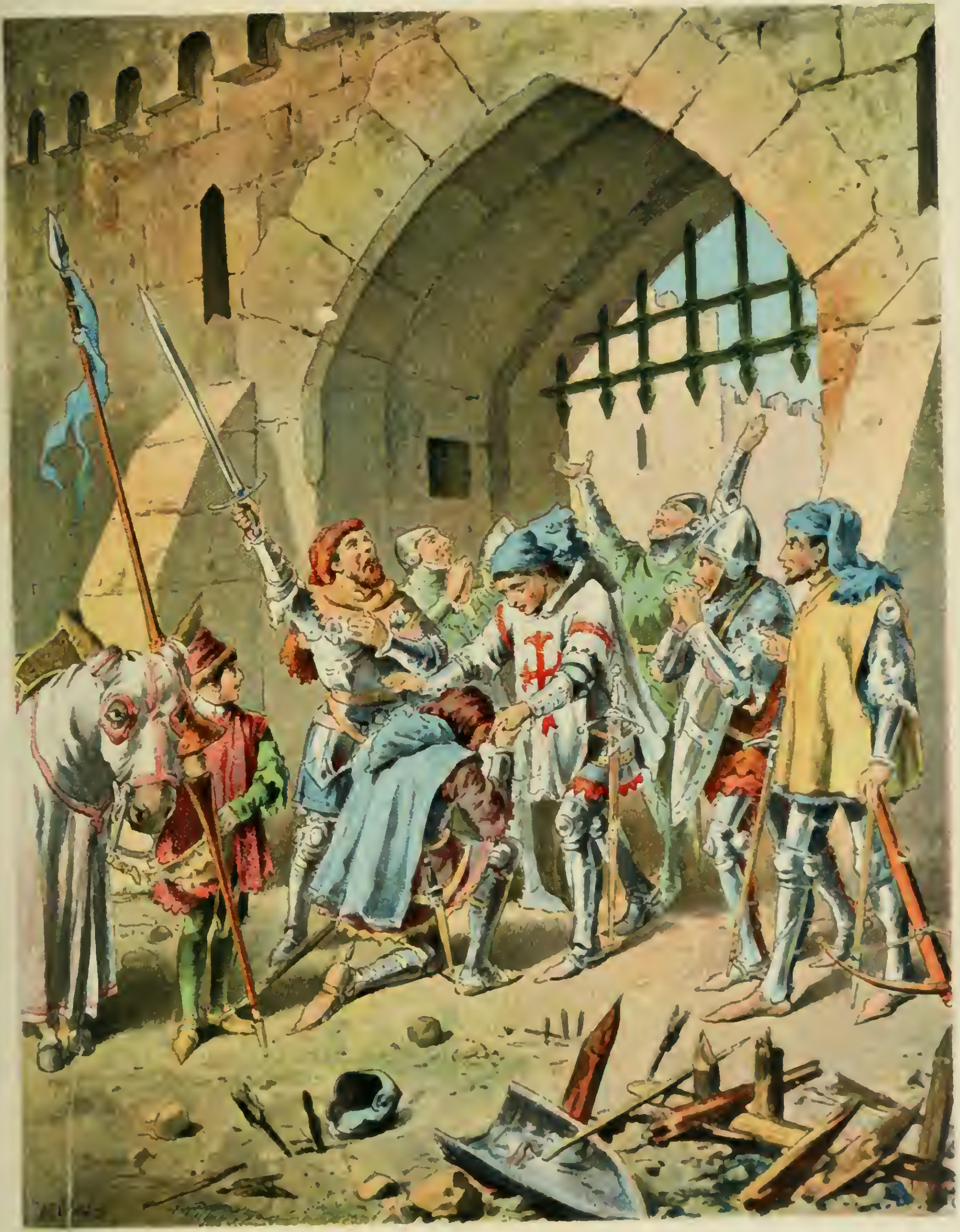
— A mim me quereis beijar as mãos? Porque? Que fiz eu mettido n'este curral?

Mas Nuno Alvares conseguiu, emfim, beijar-lhe a mão e deixou-se levantar.

Então se lançaram nos braços um do outro, com a maior effusão de amisade.

Alguns circumstantes choravam.

De braço subiram os degraus da porta, entraram pelo paço e foram-se para os aposentos do Mestre.



— Nuno Alvares, Nuno Alvares, levantae-vos!

⁂

Por dias se demorou o bravo Nuno no paço, onde residia o seu grande amigo, o Mestre.

Em que conversaram? E' de suppôr em quê. Planos para a tomada dos castellos que não eram pelo defensor, supposições sobre as futuras resoluções do rei de Castella; maneira de attrahir alguns fidalgos descontentes; experiencias para se conhecer bem da fidelidade não muito garantida de alguns; premios á cidade de Lisboa pela sua dedicação heroica; e mil outras pequenas coisas de pequena monta que era preciso remediar ou curar.

Emquanto ao rei de Castella ao chegar a Santarem, nomeava os alcaides dos seus castellos e mandava que se lhe juntassem todos os que deviam acompanhal-o para Castella.

Mandou trazer os cadaveres de todos os fidalgos mortos durante a guerra, e collocal-os em andas uns, outros sobre largos albardões para irem com elle.

Pagou, dizem que cortando aos boccados uma baixella preciosa de oiro, o soldo ás tropas, que ficaram e o haviam de o acompanhar e poucos dias depois partiu.

A caravana era lugubre.

Na vanguarda iam os de pé e bésteiros da hoste de cada fidalgo morto, ladeando o caixão, todos com grandes signaes de lucto no fato e armas; atraz seguiam os de cavallo seguindo a bandeira do morto coberta de crepes.

Como eram muitos os mortos o cortejo era comprido.

No coice ia o rei D. João, quasi sempre só, calado, de aspecto carregado e triste.

Atrás a rainha e o sequito.

Assim entraram pela raia e seguiram direitos a Sevilha.

Quando se topava o caminho que levava á terra d'onde era um dos mortos, a hoste desligava-se do comboio e endireitava para lá.

Assim iam sendo enterrados nos seus dominios os senhores que tinham vindo a Portugal encontrar a morte.

Assim a companhia triste do rei era cada vez menor e foi apenas com os seus proprios homens d'armas e poucos senhores, comparativamente com os que tinham abalado que entrou na capital de Sevilha.

Como é de prever a entrada foi triste e a impressão que ella fez nos castelhanos a mais desagradavel que se possa imaginar.

El-Rei, porém, não pensava desde o dia da retirada de Lisboa, senão na desforra.

N'ella consistia todo o empenho, toda a vontade da sua vida; e, desde que chegou começou a preparal-a.

CAPITULO LXXX

Aos castellos

Emquanto o rei de Castella começou a chamar gentes para o seu serviço, o Mestre e Nuno Alvares, executam os seus planos commuemnte pensados.

Entre o Tejo e Guadiana, Portel era por D. João de Castella. Nuno Alvares foi tomal-o.

Favoreceu-o na empreza um clerigo que era todo pelo Mestre e que mandou fazer chaves falsas, em Evora, depois de ter tirado com cêra os moldes das fechaduras.

Nuno partiu de Evora com os seus e chegou ainda de noite ao pé de Portel.

Tinha-se combinado que a voz de se chegarem ás portas fôsse de — lá vae a raposa, lá vae a raposa — quando passasse a ronda dos castelhanos.

Assim se fez. O padre Matheus abriu as portas, Nuno e os seus entraram. O alcaide fugiu para o castello, em camisa, com alguns outros. Nuno mandou-lhe dizer que se entregasse. Pediu para ouvir o seu conselho. A' noite, porém, os soldados de Nuno Alvares começaram a combater o castello, gritando que puzessem fogo ás portas.

O alcaide que via isto, exclamava:

— Beberam de mais, agora aturem-nos.

Parece que em Portel havia bons vinhos e moitas, segundo se vê.

Pediu para falar a Nuno Alvares o alcaide. Aquelle foi á beira do castello e quiz converter Fernão Gonçalves.

— Não posso, disse-lhe este. Deus sabe se estou arrependido de fazer o que fiz; mas não devo ser falso, agora

— Porque o fizeste? perguntou Nuno.

— Por causa de minha mulher, senhor. Lembrei-me que foi aia da, hoje rainha D. Beatriz, de Castella, no tempo em que era infanta. Foi ella que me resolveu a ser pelo rei de Castella. Se prezaes a lealdade e a palavra de um guerreiro, deveis querer que eu respeite a minha.

— Fazei como quizerdes, então.

— Concedei-me uma capitulação honrosa se entendeis que a mereço e abandonarei o castello, que não poderei defender.

Concedeu-lh'a Nuno Alvares e mandou-o acompanhar e á mulher até os pôr a salvo, em Castella, por um escudeiro de confiança.

Assim, ficou Portel pelo Mestre.

N'esta occasião pretendeu este tomar Cintra, mas uma tempestade, como não havia memoria desencadeada na noite do ataque fel-o retrogradar.

Quatro dias depois a esquadra levantava as ancoras e partia, barra fóra.

O Mestre foi a Almada que se lhe entregou jubilosamente.

D'ahi pelo rio foi desembarcar no terreno de Villa Franca, d'hoje, então Villa Nova, n'um porto perto da Castanheira a uma legua de Alemquer.

Cavalgaram e foram para a villa. Chegaram ao convento do Espirito Santo onde poisaram, e o Mestre mandou dizer a Vasco Pires de Camões os melhores motivos e razões para que lhe entregasse o castello.

Vasco Pires socegou. Então foram buscar-se a Lisboa os engenhos de guerra e poz-se o cêrco.

Um moço e valente Affonso Henriques, irmão d'aquelle Affonso o apaixonado de D. Beatriz de Castro, alli morreu fazendo proezas.

Uma pedra lançada dos muros alcançou-o pela cabeça matando-o instantaneamente.

Alemquer capitulou, no fim de energica defeza.

De Alemquer o Mestre partiu para Torres Vedras.

* * *

CAPITULO LXXXI

Traidores

Este cêrco durou emquanto Nuno Alvares cercava sem resultado Villa Viçosa.

Não persistiu este no cêrco, porque tinha a opinião de que era inutil ou de pouca vantagem cercar castellos.

Dizia que uma boa batalha ganha os entregava a todos, sem os inconvenientes de um cêrco, caro, debilitante, que levava fazenda e homens.

O Mestre, porém, queria tomar, de uma vez, Torres Vedras, por ser praça importante e que já uma vez possuira entregue por Vasco Pires de Camões seu alcaide.

Assentados os engenhos de guerra, abriu-se uma mina, abriu segunda, mas foi sempre mal succedido.

Os defensores eram habilissimos; estavam sempre nos sitios do ataque; appareciam fortificados os sitios onde as minas se abriam; emfim, todos os ardis de guerra ficavam impotentes perante a estranha previdencia dos cercados.

Esta previdencia, de que ninguem suspeitava chamava-se traição.

Na villa, começava a entrar a sêde porque as cisternas que havia iam no fim e a respeito de carnes nenhuma havia já.

N'um dos dias João Duque o habil defensor, mandou ao Mestre n'um prato, um boccado de burro cosido e ladeado por duas laranjas.

O prato era acompanhado de uns versos que lhe dizia que era aquella a carne que lá havia. Que lhe mandasse elle um boccado de carne fresca de que estava muito desejoso, pois que elle não tinha culpa de defender o logar, visto executar as ordens do seu rei.

O Mestre poz-se a rir muito, mandou-lhe muita carne, quanta podia, e respondeu-lhe, que não lhe levava a mal o que fazia; que se defendesse elle bem, porque elle fazia toda a diligencia por lhe tomar a villa.

E repetiram-se os ataques, sempre sem resultado.

Ora, a explicação d'esta infelicidade dos atacantes era que presos aos virotões e settas iam para dentro dos muros, escriptos os planos e obras que se faziam no arraial do Mestre.

Quem eram os traidores? Eram:

Aquelle D. Pedro apaixonado de Leonor Telles que viera do Porto, depois de mandado soltar pelo Mestre e a quem este enchera de favores; D. Pedro de Castro filho d'aquelle D. Alvaro Pires de Castro a quem o Mestre perdoara a traição no cêrco de Lisboa; um Affonso Beça, fidalgo castelhano que viera para Portugal no tempo de D. Fernando, pela morte de D. Pedro e Garcia de Baldes, escudeiro asturiano, homem de grande corpo e fôrça, que se offerecera ao Mestre durante o cêrco de Lisboa.

Uma carta do rei D. João de Castella, trazida no maior segredo por um judeu, fizera a conjura.

Fôra dirigida aos dois irmãos Affonso e Pedro. O rei promettia-lhes o perdão da conspiração antiga se o livrassem do Mestre d'Aviz, o seu maior inimigo. Lembrava-lhes o seu parentesco chegado e promettia-lhes e aos que os ajudassem, as mais largas recompensas.

N'aquelle tempo, como temos visto, a ambição, o desejo das riquezas era tão grande como hoje, porque os vicios foram sempre eguaes na especie humana e os taes homens que puchavam das espadas sob o menor pretexto, não se envergonhavam de as sujar no assassinio, ao mais futil motivo de interesse.

D. Pedro aspirava voltar a Castella onde estava Leonor Telles e os companheiros, por mau caracter, ou por avareza associavam-se-lhe.

Assim, não só, prejudicavam o Mestre com falsos conselhos e descobrindo-lhe escuzamente os planos do cêrco, mas tinham resolvido matal-o.

Matal-o como e quando pudessem e a Garcia e ao Beça fôra encarregado, com maior empenho, o caso difficil.

Como o Mestre visitava a meudo os engenhos, quasi só, lembravam-se que seria boa occasião n'uma das visitas o matal-o.

Então João Duque prevenido pela algazarra, correria de dentro com os seus e recolheria os que fugissem.

Outro modo seria assim: João Affonso de Beça era um grande cavalleiro, muito adestrado. Quando o Mestre sahia a cavallo ia sempre na frente e costumava, brandindo a lança, partir a galope contra o Mestre, fazer menção de a arremessar e estacar-se.

O exercicio era curioso, difficil e feito magistralmente.

Percebe-se: um dia o cavallo não parava, a lança sahia por qualquer motivo da mão, ou não sahia e o Mestre era atravessado, por um lamentavel desastre.

Por confiado, D. João não reparava no perigo; mas Fernão de Alvares de Almeida, commendador de Villa-Viçosa, homem avizado e fino, que cavalgava sempre ao lado do Mestre para toda a parte, vendo que a graça se repetia muitas vezes e não a achando muito conveniente, n'um dia em que o Beça vinha em galope rijo, brandindo a lança, esporeou o cavallo, metteu se-lhe adeante, atravessou-lhe a lança, gritando:

— Affastae a vossa lança; isto não é coisa que se repita. E' uma falta de respeito; é melhor acabar de uma vez, com tal exercicio.

O Beça, um pouco enfiado, desculpou-se dizendo que o fazia por julgar que dava prazer ao Mestre.

— Pois fazei contra outro o exercicio e não contra vosso senhor e amo.

O Beça começou a dar-se por offendido e a replicar.

O commendador ia a exasperar-se, já, quando D. João interveio.

— Não vale a pena, senhores, acalmem-se.

O jogo não se repetiu mais e assim o calculo feito, por aquella maneira, falhou.

Andavam as coisas n'este pé quando se começou a fallar e chegou aos ouvidos do Mestre que Diogo Gomes Sarmento que estava em Santarem com quatrocentas lanças, Vasco Pires de Camões em Alemquer com cento e oitenta, João Gonçalves em Obidos com cem, o conde D. Henrique Manuel em Cintra com outras cem, d'accordo com João Duque, se preparavam para uma noite, subitamente, virem atacar o arraial por todos os lados e desbaratal-o.

Aconteceu tambem que o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves de Figueiredo, andavam um pouco indispostos com o Mestre julgando que elle auctorisara a destruição do castello de Gaya, que o segundo guardava, por ordem do primeiro.

Como corresse o boato, o Mestre mandou reunir o conselho.

Aconteceu que os primeiros a chegar foram estes dois.

O Mestre chegou-se a elles e sem mais explicações prendeu-os e entregou-os a Vasco Martins de Mello.

Correu o arraial a noticia da prisão e o conde D. Pedro e D. Affonso de Castro mal que tal ouviram, imaginaram a conspiração descoberta.

O conde fugiu para dentro da villa e D. Pedro de Castro acompanhado de João de Beça, fugiu para Santarem.

Quando Garcia Gonçalves, o ultimo dos quatro, ia a fugir atraz de D. Pedro para dentro dos muros, não teve tempo de o alcançar e foi agarrado pelos soldados do Mestre.

Foi grande o alvoroço no arraial e o proprio Mestre ficou sem perceber coisa alguma com taes fugas.

Quando soube que Garcia Gonçalves estava preso, mandou-o vir á sua presença.

— Porque fugias? perguntou-lhe.

— Eu não fugia, meu senhor.

— Então o que fazias?

— Seguia o conde D. Pedro que me mandou que o seguisse.

— Para quê?

— Não o sei, meu senhor.

— Não tiveste tempo de compor o recado e sahiu-te mal amanhado. Porque é que o conde D. Pedro fugiu para dentro dos muros?

— Não o sei, meu senhor.

— Vaes sabel-o, replicou o Mestre em colera, e vaes dizel-o. Tragam os açoites.

Aos primeiros o escudeiro, pediu para fallar.

— Ainda bem, disse o Mestre, falla.

Então Garcia Gonçalves contou tudo o que sabemos sobre a conspiração, como se entendiam e quem eram os traidores.

Pasmou o Mestre do que ouvia e regosijou-se por ter escapado tão milagrosamente a tão grave perigo, confiado e sem suspeita como vivia com todos.

Mandou chamar todos os seus capitães e homens d'armas e perante elles, mandou Garcia Gonçalves repetir o que havia pouco dissera.

Acabada a repetição, mandou-o queimar.

Ataram-n'o a um poste, lançaram-lhe lenha á roda, incendiaram-n'a; assim acabou o escudeiro.

João Duque viu do alto dos muros que queimavam a Garcia Gonçalves. Encheu-se de grande colera e não tendo outra maneira de se vingar, mandou que lhe trouxessem uns seis portuguezes que tinha presos, mandou-lhes cortar as mãos e os narizes, pendurou-os todos ao pescoço de um d'elles e assim os mandou ao Mestre.

O Mestre ficou incommodado com a apparição e em resposta, mandou metter nos engenhos os prisioneiros castelhanos que tinha e atiral-os para a villa, por cima dos muros!

Gracinhas dos cavalleiros despeitados da edade média.

Ao conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves mandou o Mestre presos para Evora.

N'isto chegou Nuno Alvares que o Mestre mandara chamara a Evora.

Como tinham de estar em Coimbra, d'ahi a quinze dias, para o grande conselho para alli ajustado de todos os senhores e fidalgos, bispos e procuradores do reino, levantou-se o cerco.

Quando iam a partir, d'alli, o Mestre e Nuno, uma chusma de trabalhadores, homens, mulheres e filhos creanças, começou em grandes choros deante d'elles.

Diziam que estava a terra toda assolada e que ficavam desgraçados, sem terem que comer e entregues aos castelhanos.

Até um cego, pedia por Deus que o não deixassem alli e que o levassem, ao menos, para outro sitio, longe de inimigos.

O Mestre mandou que fossem todos adeante e Nuno mandou que lhe puzessem o cego na anca da mula em que montava e marchou com elle.

O quadro devia ser pittoresco. Adeante a multidão caminhando a custo; atraz, o Mestre e os seus homens regulando a marcha pela dos velhos, como elle ia recommendando sempre.

A's vezes apeava-se tambem e, a pé, ia conversando com todos irmãmente, em boa companhia, para os entreter e tornar menos aborrecida a marcha.

Assim foram indo, a tres leguas por dia, passando pelo Cadaval e por Obidos até Alcobaça. O cego ficou aqui.

D'ahi foram para Leiria.

Não os recebeu o alcaide do Castello, homem crivado de favores pelo Mestre.

Diz-se que quando Leonor Telles, que em breve iremos procurar ao seu mosteiro de Tordesillas, soubera da traição do conde D. Pedro e dos outros em Torres Vedras, dissera com aquelle fino criterio e alto juizo que não a abandonou nunca:

— Todos os dentes abalam ao Mestre, excepto um.

Este dente, na pittoresca face da rainha, era Nuno Alvares Pereira.

Quando Fernão Lopes conta a ingratidão d'este tal alcaide Garcia Rodrigues Taborda, termina o capitulo dizendo: «assim que se ao Mestre abalaram todos os dentes, como a rainha disse em Castella, sem abalo este apodreceu, até que cahiu de todo, como tantos outros.

O Mestre partiu para Coimbra.

* * *

CAPITULO LXXXII

Côrtes de Coimbra

Estavam convocadas as côrtes para Coimbra.

O fim primeiro era de apresentar perante os fidalgos e os procuradores dos povos as circumstancias do paiz e chegar-se ao modo de as providenciar.

Mas sabiam todos de antemão que se havia de debater a questão da eleição do rei e por isso maior interesse despertavam em todo o paiz.

O povo esse era, indiscutivelmente, pela eleição do Mestre; mas grande maioria dos fidalgos, não approvavam a escolha e segundo o seu modo de pensar eram varios os candidatos ao throno.

Os representantes do povo levavam todos ordem para votarem, sem discussão, no Mestre. Faltava que a nobreza e o clero concordassem.

Havia outros pretendentes, com solidos direitos, pela hereditariedade e pelos tratados e não era facil convencer os seus adeptos a desistirem da sua eleição.

A lucta foi renhida, como vamos vêr.

O povo de Coimbra veio esperar o Mestre a uma legua da cidade em grande procissão meia sagrada, com clerigos; e meia profana pelos leigos que n'ella entravam com suas danças e jogos proprios dos seus officios.

Ao approximar-se da cruz o Mestre desceu do cavallo e todos o imitaram.

Ajoelhou e de joelhos beijou-a e erguendo-se incorporou-se na procissão, em direcção á cidade.

Assim o levaram até ao paço da alcaçova onde ficou.

Reunidos então, na cidade como era natural, começaram todos a communicarem-se, mutuamente as opiniões, de modo que dois dias depois já se sabia quaes eram por D. João ou D. Diniz, filhos de D. Pedro e de Ignez de Castro, quaes pelo rei de Castella, quaes pelo Mestre de Aviz.

Quando se abriram as côrtes já se sabia a opinião dos grupos que as formavam.

No dia marcado, todos os bispos e priores, todos os fidalgos e cavalleiros, todos os procuradores do povo se reuniram n'um paço apropriado, e, postos em seus logares, na ordem que lhes competia, abriu-se, como se diria hoje, a sessão.

Seria longo, citar-lhes os nomes.

Então, um homem que se chamava o Dr. João das Regras e mais tarde «o grande doutor», formado na Universidade de Bolonha, amigo e companheiro dedicado do Mestre, tomou a palavra.

— Senhores fidalgos e honradas pessoas que estaes, que Deus vos tenha a todos em sua santa guarda e mercê.

Aqui estamos todos para resolvermos dois graves problemas: o primeiro a defensão do reino; o segundo assentar em quem haja de o governar, ou melhor a quem pertença esse cargo e essa honra.

Desde a morte de D. Fernando que o logar de rei ficou vago e desamparado e nós precisamos de determinar quem o occupe, para com elle provermos ás suas necessidades urgentes.

A assembleia approvou.

— Antes de continuar, disse o doutor, n'este assumpto, preciso dizer que é falsa a opinião d'aquelles que dizem que por sermos poucos não podemos eleger rei.

Responderei a esses que o Papa, o maior senhor da Terra, pode ser eleito até por um só cardeal e se o não houver pode elegel-o a clerezia e ficará de qualquer dos modos, verdadeiro Papa.

Estamos poucos, mas somos os bastantes para elegermos o rei que quizermos e esse terá toda a propriedade do seu logar, sel-o-ha tanto, como se fosse eleito por um numero, dez ou cem vezes superior ao nosso.

Mas deixando esta questão, que pouco importa, vejamos que realmente estes reinos estão desamparados e precisam de rei e defensor. Vejamos tambem, a seguir, quem temos em herdeiros para elle e quem o deva herdar.

O fino doutor seguiu a nomeal-os, sem nomear o Mestre, para não ferir o orgulho dos fidalgos, apresentando-lh'o logo em primeiro logar.

A primeira, pela sua posição de rainha, quem pretende este reino e com ella o marido — é D. Beatriz de Castella.

O marido, D. João, perdeu todo e qualquer direito desde que quebrou a fé dos tratados; desde que reconhece como papa o falso papa de Avinhão, desde que é um estrangeiro.

— Perjuro, hereje e extrangeiro, não pode ninguem ter a pretenção de reinar entre nós. Ou pode?

A assembléa que tinha a mesma opinião appoiou energicamente a opinião de João das Regras, gritando:

— Não, não, nunca!

— Vejamos D. Beatriz. A rainha D. Beatriz, no tempo em que nasceu não nasceu legitimamente, porque quando D. Fernando casou com D. Leonor Telles, esta não podia casar com elle, porque era casada. Filha illegitima não pode succeder, nem pode herdar.

Eu peço, observou o fino doutor, como n'um parenthesis, que deixem n'este momento as suas affeições de lado Aqui não podem entrar, porque falseariam o juizo, que tem de ser recto e independente.

Ora a affeição prejudica a razão.

Disse que D. Beatriz era filha illegitima e não preciso proval o. Todos sabem que D. Leonor não podia casar com D. Fernando, pois era casada com João Lourenço da Cunha de quem tinha uma filha que morreu e um filho Alvaro da Cunha que aqui está.

Todos sabem que elle o é, ainda que D. Leonor o tenha negado em vida de D. Fernando, porque ainda á hora da morte, João Lourenço o certificou ao Mestre e lhe pediu para lhe conceder suas terras e bens.

O Mestre vol-o affirmará.

Dizem alguns que Leonor Telles e João Lourenço eram parentes e que por isso o casamento estava nullo: eram; mas tinham dispensa de Roma como sabe Diogo Lopes Pacheco que a ouviu e a leu, assim como Vasco Martins de Souza, tambem presente, que a leu.

O casamento com D. Fernando é que era ainda nullo por outra razão: a de parentesco.

E com uma genealogia um pouco imaginaria o doutor provou que Lourenço da Cunha era co-irmão do rei, logo Leonor Telles, era uma cunhada!

E, concluiu: que por caso algum se podia escolher para rainha D. Beatriz em quem pesava tão claramente a mancha da illegitimidade.

A assembléa ainda applaudiu com mais enthusiasmo.

Dar o reino á mulher, era dal-o ao marido, e sobre este cahiu o doutor ao terminar esta primeira parte, recordando a violação dos tratados, que desobrigava a todos dos juramentos prestados e appellando para os sentimentos religiosos lembrou a obediencia do rei a um falso papa e acabou por perguntar se queria alguem que alli estivesse ser escravo do estrangeiro?

Responderam-lhe os applausos unanimes da assembléa: todos o sentiam e se sentiam lisongeados por vêr a sua opinião tão bellamente defendida por argumentador de tal força.

O fino rabula, começando pelos mais facilmente alienaveis, empregava, sabiamente, todos os argumentos para que não restando duvida no animo dos ouvintes, todos reconhecessem a auctoridade com que falava.

Assim, os primeiros adversarios estavam postos de lado. A rainha era uma filha adulterina; o rei um perjuro e um estrangeiro.

Qual d'elles podia arrogar-se o direito de se assentar no throno de Portugal? Nenhum d'elles.

E, postos estes fóra do combate, o doutor, deixando com uma longa pausa descançar a attenção do auditorio, continuou:

— Vejamos agora se encontramos alguem, outros parentes chegados que reinem em vez dos que acabámos de excluir do nosso voto.

Temol-os: são D. João e D. Diniz, filhos de El-Rei D. Pedro, a quem os partidarios apresentam como legitimos herdeiros.

Sel-o-hão? Ha aqui duas questões a ventilar: a primeira é saber, de verdade, se D. Pedro casou com D. Ignez de Castro; a segunda esclarecer, se sendo realmente casado, se podia ser ella sua mulher por direito e os filhos aptos para herdar.

Ouvistes acreditarem que Ignez de Castro foi sua mulher e recebida; não é de admirar, porque vistos os juramentos que el-rei e outros sobre isto fizeram, as declarações do conde de Barcellos e uma dispensa de Roma que appareceu para o casamento, nada é mais natural do que acreditar-se.

Todavia, se me perguntarem, em consciencia, que é a minha opinião, se acredito que Ignez de Castro foi casada com D. Pedro, o primeiro, eu responder-vos-hia — que não!

Houve murmurios na assembléa.

— Se alguem achar estranha a minha crença, eu vou justifical-a.

E' certo que reinando El-Rei D. Affonso IV, pae de D. Pedro, sendo o infante casado com D. Constança, foi trazida á côrte de El-Rei, D. Ignez Castro, sobrinha de D. Thereza de Albuquerque, para servir como dama da rainha.

Em seu serviço, andando em casa de El-Rei, por ser formosa, se namorou d'ella o infante.

Ao rei D. Affonso e a D. Constança não escaparam os amores do infante pela camarista e nem um nem outro, como é de suppôr, tiveram com a descoberta, uma grande satisfação.

Foi resolvido que D. Ignez de Castro voltasse para Castella, para a sua terra.

Aconteceu, porém, que n'esta occasião, morreu D. Constança.

O infante, a quem não passara a paixão por Ignez de Castro, chamou-a para si e com ella começou a viver maritalmente, á vista de todos.

Assim teve ella do infante os filhos que teve.

Ora para se certificar — D. Affonso IV — se ella era ou não mulher do infante, mandou um dia, aqui, a esta cidade, ao paço onde habitava D. Pedro, Diogo Lopes Pacheco que aqui está e nos ouve, e Mestre João, do seu conselho, pelos quaes mandou dizer a D. Pedro:

— Que já que não queria casar com filha de rei e tanto lhe agradava e amava D. Ignez de Castro, que casasse com ella e a recebesse por sua mulher.

Qual foi a resposta do infante?

— Que não estava disposto a recebel-a por imposição de ninguem, nem a receberia em dias de sua vida!

E, falando o rei com alguns dos seus prelados sobre a má resposta, elles concordaram em que o Infante não queria casar e fazia bem, pela grande desegualdade do casamento.

Diria que D. Ignez de Castro, quando viera para creada da rainha não tinha dom; nem lh'o davam, porque era filha bastarda de D. Pedro de Castro e de mãe desconhecida.

Só depois de viver com o Infante lhe chamavam D. Ignez, como só depois de D. Affonso IV morrer, começaram a chamar infantes aos filhos.

O rei D. Affonso, persuadido e crente de que era apenas manceba do filho quando doava alguma coisa aos filhos de Ignez, dizia na carta de doação:

«Querendo fazer graça e mercê a D. João, meu vassallo, filho do Infante D. Pedro, meu filho» e não de outra maneira. Porque se a suppuzesse mulher de D. Pedro, mulher legitima, por coisa alguma do mundo, seria capaz de a mandar matar!

O fino advogado, tinha, n'esta altura, de novo empolgado toda a attenção da assembléa.

Repousou um instante e continuou:

«Ha a declaração e o juramento de D. Pedro e a deposição do conde de Barcellos, de que El-Rei casara com D. Ignez de Castro.

Ora, coisa curiosa, nem D. Pedro, elle proprio, nem o conde Barcellos, nem Mestre Affonso das leis, nem Estevão Lobato, nem o bispo da Guarda, testemunhas d'este casamento, nenhum se recorda, nem do anno certo, nem do mez, nem do dia do casamento!

Parece que Estevão Lobato affirmara ter sido, sete annos atrás, pouco mais ou menos e no dia primeiro de janeiro.

Pois foi no dia de anno novo, de anno bom e, coisa extraordinaria, nem um facto passado em tal dia, ficou em memoria das testemunhas.

Parece, concluiu sorrindo ironicamente João das Regras, parece que n'aquelle tempo os homens perdiam com muita facilidade o sentido e a memoria.

A assembléa sorriu approvadoramente.

Dizem que D. Pedro não querendo molestar o pae o não dissera nunca, em vida d'elle.

D. Pedro? E' ridicula a explicação do proceder de D. Pedro, elle que fez ao pae a mais crua guerra! Não receou nunca desfraldar o estandarte da rebellião, e teria receio de declarar a D. Affonso IV, que era marido de D. Ignez de Castro?

A razão é pueril.

Ainda mais: porque é que D. Pedro que devia logo que o pae morreu declarar o seu casamento, publical-o, legalisal-o, não o fez e só o fez quatro annos depois?

Foi assim porém que fez e porque o fez?

E' facil de perceber. D. Pedro pretendeu durante todo este tempo obter do papa a legitimação dos filhos.

Este não lh'a concedeu até áquella data em que elle despeitado resolveu legitimal-os por sua vontade propria.

Foi então que declarou ter-se casado, deante de testemunhas que infelizmente *esqueceram* as menores circumstancias do casamento.

Não houve tal casamento; a verdade é que El-Rei D. Pedro nunca recebeu por mulher Ignez de Castro!

O silencio absoluto da assembléa provava ao fino doutor que a sua opinião era a da grande maioria, senão de todos os presentes.

Erguendo a figura, cada vez mais animado e vigoroso, perguntou:

E, se tivesse realmente casado? Quereis que o admitta?

Admittil-o-hei: casou! Pois se casou, esse casamento foi absolutamente nullo, por illegitimo.

D. Pedro e D. Ignez eram parentes em grau em que a Egreja não permitte o casamento, sem dispensa, que não tinham tido.

E, fazendo a genealogia dos dois, viu-se que D. Pedro era primo co-irmão do pae de D. Ignez!

Mas havia ainda uma segunda razão e essa insuperavel: era que D. Pedro e D. Ignez eram compadres, porque Ignez fôra madrinha do infante D. Luiz, filho de D. Pedro e de D. Constança.

Com este parentesco a Egreja não permittia, por preço algum, o casamento. Ouviam-n'o testemunhas do facto.

Logo, se o casamento se realisou, concluiu o sabio doutor, é como se não tivesse nunca realisado: foi illegitimo, foi nullo!

Ha ahi, perguntava orgulhosamente o bacharel de Bolonha, alguem que possa contestar o que acabo de dizer?

E, como ninguem replicasse, concluiu: se não ha, já vêdes que se não pertence legitimamente o reino, nem a D. Beatriz, nem a seu marido o rei de Castella D. João; menos o pertence a D. João e a D. Diniz, filhos de D. Ignez de Castro!

Então, tomando folego longo, exclamou perorando:

— Que ainda que o casamento se tivesse feito, válidamente, nem um nem outro podiam ser reis de Portugal, porque tinham commettido a mais negra acção que podem commetter cavalleiros: tinham invadido a sua terra ao lado do estrangeiro!

D. João está prisioneiro do rei de Castella; quereis que prestemos obediencia a um homem que está nas mãos do nosso maior inimigo?

Quereis para rei um homem manchado com um crime barbaro, o assassinato de sua mulher, a desgraçada Maria Telles?

Quereis vós para reis homens que não conhecem os seus deveres de portuguezes, pois puderam, bandeados com o inimigo do seu paiz, assolal-o, devastal-o, empobrecel-o e que se a maiores desgraças o não levaram, foi porque a sorte lhes foi adversa, porque os verdadeiros patriotas lh'o impediram com o seu esforço, com o seu trabalho, com a sua dedicação?

Não, nunca!

Escolhamos outro, que seja filho de rei, tão legitimo como elles — que o não são — mas que conquistou a carta da legitimidade, com a sua espada, que soube defender-nos, que pelejou ao nosso lado, pela patria, pela patria commum!

O throno está vago, porque não tem herdeiros forçados. Eleja o povo o que encontrar mais perto do solio e mais digno d'elle.

Esse, temol-o entre nós, escuta-me, é o Infante D. João, é o Mestre de Aviz!

Resolvei, pois.

No meio de demonstrações de assentimento, de louvores, o doutor, o grão-doutor, calou-se, mettendo, na volumosa pasta, a papelada que d'ella tirara, documentos, cartas, genealogias.

A assembléa... ou como diriamos hoje, levantou-se a secção.

Os fidalgos espalharam-se pela sala, aos grupos, em variadas conversas.

Uns applaudiam, sem reserva, todas as opiniões, todo o discurso de João das Regras e d'esses o mais influido, no maior grupo, estava Nuno Alvares Pereira.

Outros, defendiam a todo o transe, a candidatura de D. João, filho mais velho de Ignez de Castro e d'esses o capitão era o altivo e honrado fidalgo Martim Vasques da Cunha.

Foram sahindo do paço os fidalgos e clerigos, em animadas conversas, e espalhando-se pela cidade.

O discurso de João das Regras fôra habilissimo; mas não pudera convencer, em absoluto, toda a gente, e se era rico em razões irrespondiveis, havia, como ha sempre, casos de consciencia que as melhores razões não vencem.

Não oppunham razões, seguiam um sentimento que lhes parecia de justiça e por lhes parecer, ou talvez sêr, julgavam-se prezos a elle com a responsabilidade da sua honra de fidalgos, que lhes impunha a lealdade aos seus verdadeiros reis.

CAPITULO LXXXIII

Luctas

Durante a noite, é de suppôr que não parassem reuniões e conversas, discussões e argumentos, o que preparava uma sessão tumultuosa, para o dia seguinte, como realmente foi.

Então falou Martim Vasques, por si, pelos irmãos e pelo grupo de fidalgos que seguiam as suas opiniões.

— Senhores, disse, ouvi com a maior attenção e com o maior respeito, o discurso proferido, aqui, hontem, pelo dr. João das Regras.

Com respeito ao direito da rainha D. Beatriz e de El-Rei de Castella, concordo plenamente com o sabio doutor, mas com respeito ao dos filhos de D. Ignez de Castro, não concordo.

Que se casou D. Pedro não ha duvida porque elle o declarou, e se o não revellou immediatamente foi porque esperaria a necessaria dispensa do papa para o poder fazer.

O que é certo é que os infantes D. João e D. Diniz, andaram na côrte como taes, como taes os considerava D. Fernando, seu irmão, como taes os reconhecemos sempre, nós todos, sem que ninguem se lembrasse de lhes recusar as honras que se lhe deviam, como a principes, a filhos de rei, tal como foi D. Pedro.

Logo, a corôa de Portugal, n'este momento, pertence a D. João, o filho mais velho de El-Rei D. Pedro, quer elle esteja solto ou esteja livre.

— Quereis libertal-o? perguntou do lado Nuno Alvares Pereira.

— Não sei, respondeu placidamente Martim Vasques; mas combateremos em seu nome, até vermos como se possa resolver o caso da sua prisão.

— E, como se ha de resolver? perguntou ironicamente Nuno Alvares.

— Senhor, não vol-o posso dizer, tornou Martim Vasques; não posso adivinhar o futuro; mas o que vos affianço é que tudo no mundo tem um fim.

— Decerto, respondeu Nuno Alvares, e será essa a vantagem para confiarmos em que a nossa resolução chegue breve.

— Tomae qual quizerdes, replicou Martim Vasques; podeis fazer rei a quem quizerdes, porque valho pouco e tenho um unico voto.

Esse rei, seja qual fôr, a minha qualidade de portuguez obriga-me a servil-o e a ajudal-o, a defender o reino quanto eu puder, até morrer se fôr preciso; mas que o Mestre d'Aviz seja eleito com o meu voto, isso não.

— Não se precisava d'elle, volveu Nuno Alvares.

— Mas devieis precisar, porque é o d'um leal e valente cavalleiro, como tenho sido sempre e me proponho a sustental-o a quem o duvidar.

Martim Vasques falara com a maior lealdade e desassombro.

Os proprios contrarios o reconheciam e respeitavam a sua palavra honrada.

— Vinde para nós, vinde para nós, gritou-lhe Nuno Alvares.

— Daixae-me ficar onde estou, senhor, respondeu-lhe Martim Vasques, estou com a minha convicção e o que é mais com a minha consciencia. Não estaes vós com a vossa?

Então um fidalgo do grupo de Nuno Alvares, falou:

— Para que gastar palavras e tempo, sem proveito para pôr duvidas áquillo que todos vêem claramente?

Quereis fazer a guerra em nome do Infante D. João até que morra ou que seja solto?

Mas se o elevarmos ao throno, El-Rei de Castella terá um meio seguro de lhe arrancar a realeza, matando-o.

Elegeis o rei e matal-o-heis.

Mas que assim não fosse? Havemos de ir expôr nossos corpos e tudo o que possuimos por um homem que veiu contra nós, contra o seu reino e nosso, para o offerecer ao rei de Castella?

Nunca tal conselho nos saia da bôcca.

Temos um rei indicado; esse é o Mestre d'Aviz. E' a elle que devemos eleger, porque comnosco esteve nos perigos e nos ajudou a defender o que era nosso. A elle e a outro não.

Martim Vasques, seu filho e irmãos e outros parentes, eram amigos particulares de D. João. Tinham varios castellos e muito dedicados amigos, por isso D. João pedia a Nuno Alvares e a todos os que falavam, em seu seu favor, que os não offendessem por qualquer modo, porque seria inconveniente desvial-os do seu serviço.

Na sessão do dia immediato ainda se não conseguiu resultado satisfatorio.

Martim Vasques e o seu grupo conservaram-se na opposição leal, mas intransigente.

Martim Vasques declarara peremptoriamente: nenhumas razões, de direito, superiores ás do Infante D. João, militam pelo Mestre d'Aviz. Se é uma questão de dedicação e de amizade, dedicados e amigos de D. João, o infante, conservaremos até ao final o nosso posto e a nossa intransigencia.

— Enganaes-vos, replicou, ao ouvir estas palavras o dr. João das Regras; enganaes-vos. Posso provar-vos que se são eguaes os direitos entre D. João e o Mestre d'Aviz, todas as outras razões são a favor do ultimo.

— Isso nem se discute, nem é preciso discutir, interrompeu exaltado Nuno Alvares.

— Desculpae, senhor, respondeu-lhe João das Regras; desculpae que vos contradiga, mas não só se deve discutir, mas ainda assentar claro e irresponsavel, por uma vez o facto.

E, voltando-se para Martim Vasques, disse:

— E' nobre a vossa attitude, senhor Martim Vasques e o proprio Mestre d'Aviz, a quem guerreaes, a louva e admira intimamente. Sois um leal amigo e um bravo cavalleiro.

Nuno Alvares dava aos hombros, sem perceber o fino proceder do doutor.

Elle pouco comprehendia d'estes processos.

João das Regras continuou:

— Sois um leal amigo e julgaes fazer assim o vosso dever. Como o julgaes procedeis e falaes, como tendes feito.

Deixae-me, porém, lêr no vosso espirito e explicar, perante todos, a vossa attitude.

Imaginaes e no intimo acreditaes ainda que o casamento de D. Pedro e D. Ignez se fez e foi válido.

Não puderam as minhas razões e argumentos convencer-vos do contrario, nem a vós nem aos vossos.

Assim, a vossa consciencia manda-vos luctar.

Se eu vos provar, porém, por documentos indiscutiveis, a não validade d'esse casamento (que se não fez) mas que eu quero admittir que se fez para vos comprazer, nem vós, nem todos os outros fidalgos que vos seguem terá mais razão para porfiar no seu intuito.

Então, reconhecendo o nullo direito dos filhos de D. Ignez podereis, ainda pela vossa consciencia livre, escolher aquelle que melhor direito tem aos vossos suffragios.

— Então, será o vosso orgulho de portuguez e o sentimento de justiça que tendes em vossos corações, que vos obrigará, o primeiro, a acceitar o Mestre d'Aviz, como nosso rei.

Não é assim?

E, olhando o grupo rumoroso dos fidalgos de Martim Vasques, ninguem de lá pediu a palavra, signal de assentimento e de concordancia.

— Escutae, pois, disse o doutor, os ultimos documentos que pude obter, que sujeito á vossa attenção e ao vosso exame.

Estimaria mais de os não ter, por honra e por consideração dos Infantes; mas não se dirá que os li senão forçado pelas circumstancias.

E, abrindo a pasta, tirou um primeiro pergaminho.

Abriu-o e leu:

Era uma carta que D. Affonso escrevera ao papa, rogando-lhe que não concedesse ao filho, D. Pedro I, a dispensa que elle lhe ia pedir para casar com D. Ignez.

A attenção do auditorio era profunda.

Tirou segundo pergaminho e leu:

Uma carta de El-Rei D. Pedro ao papa a pedir-lhe dispensa para o mesmo casamento.

Abrindo um terceiro pergaminho, leu:

A carta de Innocencio VI a D. Pedro negando-lhe a dispensa que este lhe sollicitava.

Ora, vêde agora, concluiu o habil doutor, vêde o que foi e como foi o celebre casamento de D. Pedro e de D. Ignez! Eu quizera calal-o e occultar assim o nascimento incestuoso dos Infantes; mas a occasião obrigou-me e vêde, com a mão na consciencia, qual o não faria no meu logar?

Calou-se o fino rabula.

O golpe tremendo estava dado. A assembléa inteira ignorando a existencia d'estes documentos, que habilmente reservara para o momento opportuno, estava cheia de pasmo.

Martim Vasques e os seus não ficaram menos admirados e ainda que levemente desgostosos pela quebra do seu amor proprio, confessaram que os documentos apresentados os levavam a suspender o seu voto, até uma determinação formal.

— Ainda não? praguejava o Nuno Alvares junto do Mestre. E' aquelle roncador do Martim Vasques o unico e a causa de não se resolver já a questão: se quereis, senhor, facilmente vos livrarei d'elle.

— Tende prudencia, Nuno Alvares, aconselhava em voz baixa o Mestre. Olhae que me desagradareis se fizerdes alguma coisa contra Martim Vasques. Nuno aquietou-se.

A reunião dissolveu-se, para se reunir no dia immediato e dar o seu voto definitivo.

A batalha estava, porém, vencida. Livre do escrupulo da consciencia, Martim e os seus concordaram que a justiça os forçara a acompanhar o Mestre.

Assim o resolveram e aberta a sessão o declararam, depois do ultimo discurso de João das Regras, recapitulando em habil summario tudo o que dissera e concluindo, que ao Mestre, pelo sangue, pelo coração, pela coragem, devia offerecer-se o throno.

Todos concordes, depois de assentes ligeiras condições, resolveu-se que participassem ao Mestre, que não estava n'essa sessão, mas em casa e lhe fossem offerecer a corôa.

Prelados, fidalgos, procuradores de todos os conselhos sahiram do paço das côrtes e dirigiram-se ao paço onde o Mestre estava.

Então o bispo de Coimbra tomou a palavra, dizendo:

— As côrtes resolveram e elegeram para novo rei, a vós, senhor Mestre d'Aviz. A eleição foi a mais livre e espontanea por parte de todos os poderes reunidos. Vimos pedir-vos para acceitardes a eleição e serdes nosso rei, tomando o cargo de nos defender e ao reino dos nossos inimigos communs, pois que Deus e nós vos escolhemos para tal missão.

Então o Mestre, hypocritamente, com ares de quem responde a uma decisão não esperada, nem desejada, respondeu:

— Agradeço a Deus o ter posto em vossos corações a vontade de me honrades elegendo-me para tão alto logar; mas contra a minha vontade não o posso acceitar.

Sinto que não tenho valor nem qualidades para o desempenhar e não posso faltar aos votos feitos á Ordem de Aviz. O meu nascimento mesmo prohibe-me de subir a tal grandeza.

Os ingenuos embaixadores pasmavam de tanto desinteresse e humildade.

— Além d'isso, dizia: estando-se em guerra com Castella, melhor é não acirrar na sorte d'uma batalha a honra da corôa portugueza. Como defensor seria uma derrota pessoal e não uma vergonha para a corôa.

Que não! que muito obrigado; mas que não podia acceitar.

Então os bondosos plenipotenciarios começaram a desfazer as duvidas, que julgavam dentro do espirito do Mestre.

— Ao contrario, diziam-lhe:

— Melhor é que sejaes rei, porque com mais força vos defenderemos.

O Mestre teimava que não! que não!

Os emissarios tornaram a pedir-lhe por tudo, que os não deixasse n'aquelle aperto, n'aquella má situação, n'aquelle desconforto!

Tanta magua commoveu o espirito bondoso do Mestre d'Aviz e, coitado, com toda a má vontade, que sempre mostrara desde que quizera casar com Leonor Telles, encheu-se de coragem para o sacrificio e disse-lhes:

— Visto pedirdes tanto, acceito; por vós e em honra e reverencia do Santo Padre e da Sé Apostolica de Roma.

O chronista não diz se houve lagrimas de agradecimento, mas é quasi certo que houve.

— Até que emfim, foi a unica expressão que se ouviu quando o Mestre annuiu. Dissera-a Nuno Alvares, para desabafar do estado de desespero em que se achava n'aquelle quarto de hora em que o Mestre philosophava sobre as razões que o impediam de ser rei.

Um momento mais e teria respondido por elle.

Acceite o cargo, tratou-se de se proceder á coroação.

Nuno Alvares andava tão enthusiasmado, que como se fosse batalha a dar, com a mesma dedicação, dirigiu os arranjos do paço e ornamentações.

Tão contente andava que, sendo de poucas expansões, dizia a meudo:

— D'esta vez o Mestre será rei, pela vontade de Deus, peze a quem pezar.

A seis de abril de 1385, com o cerimonial já descripto para D. Fernando, foi acclamado o Mestre d'Aviz, filho bastardo de D. Pedro I e D. Thereza Lourenço, aos vinte e sete annos de edade, rei de Portugal, com o nome de João I.

Eleito rei, a primeira coisa que fez foi elevar a condestavel do reino o seu fiel e valoroso amigo Nuno Alvares Pereira.

Todos acharam bem.

* * *

CAPITULO LXXXIV

No Porto

Feito rei e feito condestavel D. Nuno, D. João primeiro organisou a sua casa real, nomeando todos os dignitarios e serviçaes.

Reuniu as côrtes em que se resolveram as coisas de primeira necessidade e concedeu regalias e fóros a Lisboa, que tão heroicamente se portara, e libertou Almada, a invencivel, de impostos de guerras.

Na prevenção da vinda certa do rei de Castella, Lourenço Annes Fogaça foi encarregado de contrahir uma alliança com Ricardo II de Inglaterra e de alistar besteiros e homens d'armas inglezes para virem combater com os portuguezes.

O condestavel foi para o Porto reunir os navios que pudesse para ir defender Lisboa no Tejo.

Emquanto se arranjavam os navios, o condestavel para não estar ocioso resolveu ir fazer uma romaria, então muito da moda, a Santiago da Galliza.

Partiu com cento e cincoenta homens, para qualquer coisa que pudesse acontecer.

Pelo caminho juntaram-se-lhe mais outros tantos e assim chegou deante de Neiva, que era por Leonor Telles.

Investiu a praça e tomou-a, para se desenfastiar.

Em seguida, chega a Vianna. Os de Vianna não se demoraram muito a resistir e depois de breve cêrco renderam-se.

Monsão, Caminha e Villa Nova da Cerveira ao verem que era melhor, excusar combates sem resultado, entregaram-se ao condestavel.

Assim, de passeio, antes de chegar ao rio Minho o condestavel tomara cinco villas.

Ao chegar ao rio, porém, não o poude vadear. Ia caudaloso pelas chuvas e teve de esperar-lhe a vazante.

Emquanto esperava, n'uma aldeia perto, veiu-lhe recado do rei para ir tomar Braga.

Voluto.

El-rei D. João I sahira de Coimbra para ir ao Porto, cidade que lhe fora sempre fiel, por tantos serviços lhe fizera e que elle não vira ainda. Era de boa politica ir visital-a. Assim foi resolvido, com grande alegria dos portuenses.

Como quadro pittoresco, pintal o-ha Fernão Lopes, com a sua graciosa linguagem.

«Partiu o rei de Coimbra para o Porto, como tinha ordenado, que era d'alli distante dezoito leguas, cidade onde nunca fora, como a nenhum outro logar d'onde a pudesse ter visto.

Esta cidade está situada junto a um rio a que chamam Douro, na qual se fazem muitas e boas náus e outros navios, em maior numero do que em qualquer outra terra de Portugal.

E' mui profundo este rio e tão perto d'elle, de modo que de bordo de qualquer náu, uma prancha lançada á terra permitte entrar e sahir d'ella.

Os d'esta cidade, sabendo que el-rei a vinha vêr appressaram-se em recebel o, determinando que ninguem usasse do seu officio, n'esse dia e cerrassem completamente os trabalhos do costume.

Todas as náus que estavam no rio, muito cedo, de manhã, foram apendoadas de bandeiras e estandartes e postos por mastros e vergas muitos verdes ramos, onde a cada um parecia que melhor ficavam.

Os bateis d'ellas andavam todos enramados, com trombetas e pendões d'avante da ré, providos de bons remadores, com camizas de côres, e os chapeos enfeitados com flôres, como cada qual melhor se podia ornar.

A gente da cidade, aboliu todo o luto e com as melhores vestiduras que cada um podia usar, fervia, andando por toda a parte e cada um tivera o cuidado de se apresentar tão bem que não pudesse merecer senão louvores.

As ruas por onde elle havia de ir até aos paços, o paço aonde havia de poisar, eram estradas de ramos e flores e hervas de bons cheiros, de forma que do chão não apparecia coisa nenhuma em todo o caminho.

As portas das casas eram todas abertas e enramadas de loiro e d'outros frescos ramos, uns que cahiam onde cumpria, outros tecidos tão apertadamente que escondiam as paredes.

Era no mez de maio e por isso foi facil de fazer tal ornamentação.

Um visinho esforçava se por vencer o outro no arranjo e gosto do portal e das janellas do sobrado e todos punham ás portas defumaduras de nobres cheiros, que afugentavam qualquer máu cheiro que pudesse haver.

Das janellas pendiam pannos e mantas e outras roupas o que aformoseava muito as ruas, policiadas por muitos homens encarregados de prohibir e tirar d'ellas tudo o que pudesse desfear-lhe o conjuncto e desordemnar a marcha.

As janellas das casas todas eram ornadas de formosas donas e mulheres de outra condicção, com grande desejo e amor de o vêr, de tal modo enfeitadas e vestidas que a fealdade, o máu parecer não ousavam, n'aquelle dia celebre, entrar na cidade.

Em certos logares, havia bandos de mulheres que cantavam cantigas e cordas armadas para homens treparem por ellas, quando o rei passasse.

Aos homens de officio foram encommendadas danças e jogos no que andavam com a melhor vontade homens de todas as edades, novos e velhos.

As mulheres por seu lado isso mesmo fizeram, fazendo danças muito bem corregidas que acompanhavam com seus cantares; não só as de baixa condicção mas muito boas donas por honra do Mestre.

A' porta por onde o rei havia de vir estavam muito bons cidadãos honradamente vestidos, com guarnecimento de oiro e prata e muito outro povo.

Foram com a insignia da cidade, uns com varas nas mãos para reger os jogos, como el-rei chegasse, outros para irem em sua companhia, até aos paços onde havia de pousar.

Nem com menos sentido de o receber se fez prestes com sua clerezia o honrado D. João, bispo d'esta cidade, honesta e ricamente vestido, isso mesmo todos os outros festivalmente, com as melhores vestimentas que possuiam.

Sendo todos assim aguardando, cada um em seu logar, appareceu a gente de El-Rei da parte d'além de Gaya, por onde havia de El-Rei de vir, e os bateis que andavam coleando pelo rio foram logo ali mui prestes com grandes saudações e tanger de trombetas, mostrando grande alegria.

Entre todos avultava um maior e formoso batel ricamente ornado e toldado em que El-Rei havía de passar.

Logo que El-Rei o entrou com quantos cabiam e se encheram os restantes começou a vogar, ao longo do rio, a brilhante comitiva.

O de El-Rei ia adeante muito apendoado e os outros todos detraz· que era grande prazer de vêr.

A' porta de Miragaya onde o estavam esperando como diziamos, sahiu El-Rei em terra por uma larga e espaçosa prancha, onde o beijar da mão e o *mantenha-vos Deus*, *Senhor*, era tanto que nem todos podiam satisfazer sua vontade e depois de um bom espaço que n'isto estiveram, falou um cidadão, que d'isto estava encarregado e disse:

— Senhor — apresentando-lhe a bandeira da cidade — tomae esta insignia em vossas mãos; por ella nos pomos em vosso poder e vos fazemos preito e menagem de vos servir, com os corpos e haveres até dispendermos a vida por honra do reino e por vosso serviço.

D. João emquanto o homem falava teve na mão a haste da bandeira e quando elle terminou, respondeu:

— Assim eu serei prompto para dispender a vida e o corpo por honra do reino e na defeza dos seus subditos e aos do Porto haverei sempre como leaes e dedicados e lhes farei com prazer muitas mercês quando me forem pedidas.

Então começando a andar, adeante se começaram a mover as danças e os jogos, entre os gritos, por toda a parte repetidos:

— Viva El-Rei D. João! Viva!

El Rei ia a passo lento pela cidade porque não podia d'outra maneira andar, pois que a gente era tanta pelas ruas para o vêr, que parecia que se queriam afogar; e as donas que estavam ás janellas diziam-lhe para baixo, que o mantivesse Deus por muitos annos e bons e muita fosse sua vida e boa e outras taes razões e assim dizendo lançavam-lhe de cima muitas rosas e flores e trigo e milho e outras coisas.

A qual festa e recebimento, d'esta maneira, obrigava muitas d'ellas a regarem suas formosas faces com doces e aprazíveis lagrimas: e assim foi El-Rei levado, com este prazer e regosijo aos paços onde havia de pousar e as gentes se tornaram aos folguedos cada um para suas casas.

N'esse dia, depois de comer, recebeu a visita da mulher do Condestavel a quem elle nunca vira nem ella a elle.

El-Rei a recebeu muito bem e lhe fez grande agasalho e lhe deu honras.

Tal é, ligeiramente modificada para melhor comprehensão a descripção pittoresca da Chronica, pintando a entrada de D. João I, na gloriosa cidade do Porto, já então celebre pelas suas opiniões radicaes, pelo valor e lealdade dos seus habitantes.

Assim recebido e mais influido ainda pela recepção da segunda cidade do seu paiz D. João, a exemplo do seu condestavel, resolveu ir tomar algumas praças.

*
* *

Não nos demoraremos nos episodios dos cêrcos.

Temos de chegar ao fim da guerra chamada da *Independencia* e tornar a encontrar no seu recolhimento de Tordesillas a nossa heroina, a grande Leonor Telles, porque o foi no bem e ainda mais no mal

De ha muito a olvidámos, sem vontade; mas não o poderiamos fazer de outro modo.

Os factos que temos narrado depois do seu exilio, são todos filhos da conspiração que urdira contra o genro.

Foram estes e os que eu ainda contarei.

Elles deram á historia portugueza, quer dizer, á vida de Portugal, esta feição e caminho.

Se Leonor Telles não conspira contra o genro, quem sabe o que teria acontecido.

Quem pode prevel-o?

Mas o que não teria sido é certamente o que aconteceu depois.

Talvez que uma juncção tivesse ligado para sempre Castella a Portugal e a nossa historia bem differente da que foi d'ahi por deante.

Em breve porém iremos encontral-a, a essa Leonor Telles.

Antes porém vejamos a terminação da lucta que o seu odio, primeiro, o seu impensado furor de vingança e depois o seu despeito pessoal fez nascer, tão cheia de peripecias e de episodios.

CAPITULO LXXXV

Pela Beira

D. João sahiu do Porto e tomou Guimarães.

Depois de Guimarães, Ponte de Lima, defendida heroicamente por Lopo Gomes de Lira.

Quando cercada, dois escudeiros de D. João foram perguntar-lhe se os da fortaleza não consentiriam em bater-se dois a dois com campeões de fóra?

— E quem sois vós que isso me propondes? perguntou desdenhosamente Gonçalo Lopes, ardido cavalleiro.

— Eu, respondeu um d'elles, chamo-me João Gil Sapo e o meu companheiro é Gonçalo Aranha.

— Um sapo e uma aranha, respondeu Gonçalo Lopes, quem é que se batia com duas peçonhas d'essas?

O dito espalhando-se foi applaudido; tanto mais que os sitiados tinham apenas uma torre cercada de lenha e matto junto ás portas que iam incendiar.

Incendiaram-n'a e os sitiados só puderam descer, em cêstos.

El-Rei e o condestavel foram para Guimarães para descerem ao sul.

Tinham conquistado mais oito villas importantes.

Ainda em Guimarães recebera a nova da victoria de Trancoso, batalha ganha por aquelle Martim Vasques que tanto lhe guerreara a eleição.

O altivo e nobre fidalgo, como dissera, combatia pelo rei eleito com uma dedicação de velho partidario, se o tivesse sido.

Ainda, alli, em Guimarães, o rei recebeu a noticia de que o rei D. João de Castella com grande exercito se preparava para entrar em Portugal. Que a sua frota estava já em Lisboa e a cidade cercada, assim, pelo lado do mar, por quarenta grandes naus, doze barcos, dez galés, tres lenhatos e cinco borchotes carregados de mantimentos.

Falou com o condestavel e concordaram ambos que a melhor maneira, a mais decisiva, ainda que a mais grave; mas em todo o caso a melhor a adoptar era a de darem batalha ao rei de Castella.

O rei foi ao Porto alliciar gentes; do Porto a Coimbra, de Coimbra a Thomar. Aqui veio ter com elle um cavalleiro francez, da Gasconha, chamado João de Monferrate.

Recebeu-o El-Rei, delicadamente. D'alli caminhou para Torres Novas que tomou e d'alli para Santarem.

Iam já a esse tempo com o rei e o condestavel umas seiscentas lanças.

De frente de Santarem, onde houve escaramuças com os castelhanos, seguiram pelas margens do Tejo.

Partindo d'alli El-Rei foi dormir á Leziria da condessa, onde se achava muito gado, que bem lhe conveio, pois vinham os homens já faltos de mantimentos.

No dia seguinte, passou o Tejo em Muge, frente á estrada que n'esse tempo levava a Lisboa e assentaram o arraial na ponta de Sant'Anna, alem do Cartaxo.

D'alli partiu e chegou a Alemquer, só com os seus homens d'armas porque o condestavel de Sant'Anna fôra para o Alemtejo, voltando a passar o rio em Muge.

Chegado ao Alemtejo, a Evora, começou a alliciar gentes, e andando n'este trabalho recebeu carta de D. João para que viesse, pois lhe constava que o rei de Castella, já estava em Portugal.

Veio trazendo seiscentas lanças, o que quer dizer pouco mais ou menos tres mil homens ao todo.

Encontrou o rei em Abrantes com Fernão Rodrigues de Sequeira, fronteiro de Lisboa, que lhe trouxera quinhentos homens entre os quaes se contavam cem inglezes.

Escrevera El-rei aos vencedores de Trancoso pedindo-lhes para se virem reunir a elle.

O rei de Castella, impaciente por vingar a affronta da ultima campanha atravessava a fronteira e cercava Elvas.

De Elvas passou a Arronches e pelo caminho foi mutilando todos os prisioneiros que fazia, crueldade que os proprios castelhanos condemnavam, mas que o rei na sua raiva fazia não ouvir ou não ouvia.

Seguindo a fronteira de sul a norte, chegado a Ciudad-Rodrigo, o rei reuniu, como era costume, o conselho, para resolver como devia dirigir a guerra.

Uns diziam que o rei entrasse immediatamente em Portugal, por que o exercito era muito mais numeroso do que o dos portuguezes; porque assim o promettera ás guarnições de Santarem, de Alemquer e de Cintra; porque a despeza com tão numeroso exercito era extraordinaria e insustentavel por muito tempo; porque, emfim, os portuguezes esperavam fortes soccorros de Inglaterra, e era melhor não os deixar chegar.

Os contrarios allegavam que el-rei estava mal restabelecido de uma doença que desde Lisboa o não deixara; que os seus melhores capitães tinham ficado mortos na invasão anterior, nos Atoleiros e em Trancoso e era por isso prudente não invadir Portugal; que os portuguezes pelas ultimas victorias andavam audazes e exaltados; que as guarnições castelhanas, mal pagas, não combateriam com grande furor.

Que deixasse parte do exercito nas fronteiras para os incommodar e voltasse a arranjar novos recursos em Castella.

El-Rei, optou pelo voto de abrir desde logo a campanha.

Se os portuguezes estavam exaltados mais o ficariam com a retirada do invasor; quando voltasse acharia novas praças na mão de D. João I e um exercito inglez ao lado do inimigo.

Entrando, pois, pela Beira tomou, El-Rei de Castella, Celorico e veio, commettendo crueldades, eguaes ás já feitas, de começo.

Quando passou por junto de Trancoso, logar da brilhante victoria dos portuguezes, enraivecido, mandou derrubar e arrazar completamente uma pequena ermida de S. Marcos que lhe ficava mais proxima.

Riam-se os portuguezes da furia ridicula do rei.

Passando por Coimbra foi ter a Leiria, onde se lhe juntaram alem dos commandantes das praças que tinham voz por elle, os capitães das galés que estavam deante de Lisboa, com todos os homens que o forte poude dispensar.

Todos estes reforços elevavam a um algarismo respeitavel o exercito castelhano.

* * *

CAPITULO LXXXVI

Antes da batalha

Entretanto D. João I, em Abrantes, ao saber todas as minucias da invasão, enchia-se de serios cuidados.

Conforme o habito reuniu o seu conselho, para se deliberar a melhor maneira de vencer a difficuldade.

Ahi, como era de regra, chocaram-se duas opiniões.

Uma era de que se devia evitar a batalha porque o numero era desproporcional e porque se devia esperar a chegada dos inglezes.

O condestavel é que não podia ouvir taes razões, ancioso de se encontrar face a face com o rei de Castella e replicou:

— Não dar batalha? mas isso é grande prudencia que eu não sei se posso classificar de cobardia! Isso vae quebrar os corações dos portuguezes e animar os castelhanos, porque é mostrar medo, é fugir.

Irão assim até Lisboa, e os de lá, postos em duros tratos, talvez não tenham a mesma coragem, abandonados, que tiveram quando estavamos com elles e podem render-se.

Perdida Lisboa, o reino está perdido!

Depois dirigindo-se ao rei:

— Demais, senhor, vós mandastes dizer aos de Lisboa que fossem fortes e resolutos porque impedirieis que o rei de Castella lá chegasse. Demais sabeis que não pode haver absoluta confiança nos defensores de Lisboa. Quereis assim abandonal-a?

Somos poucos, dizem? pois juro-vos que com a quarta parte dos que somos eu não hesitarei em dar batalha ao rei de Castella, venha elle com quantos vier.

Deante de mim, direito a Lisboa, não passa, ainda que tenha de lhe sahir ao caminho eu só com os meus vassallos!

Phrase que Luiz de Camões immortalisou, nos versos:

> Eu só com meus vassallos e com esta
> (E dizendo isto arranca meia espada)...

Nobre e altivo continuou:

— Que será bom esperar pelos inglezes ninguem duvida; mas já agora me parece que só chegarão ao atar das feridas.

Que esperemos os fidalgos da Beira que El-Rei mandou chamar? decerto; com a condição de elles apparecerem antes do rei de Castella se vira lançar sobre Lisboa, aliás, não.

Isto disse já a El-Rei, meu senhor, em Guimarães, e n'isso concordámos, ao sabermos da vinda de D. João de Castella.

Dirigindo-se aos conselheiros, terminou:

— E, agora, se lhe fizerdes mudar de parecer e elle vos seguir a vontade, pode fazel-o, a minha não se mudará por coisa alguma do mundo e não falarei nunca mais em tal assumpto.

E dizendo isto, sahiu do conselho, precipitadamente.

O rei ficou perplexo, os conselheiros sem saberem o que resolver e o conselho acabou, combinando-se continuar, no dia seguinte.

No outro dia de manhã, romper d'alva, o condestavel ouviu as suas missas do costume; acabadas de ouvir, mandou tocar as trombetas, reuniu os seus homens, montou á frente d'elles, partiu caminho de Thomar, a encontrar-se com o rei de Castella.

Era uma loucura sublime!

Reunido o conselho e dito o succedido, o rei ficou petreficado.

Começaram a dizer que o condestavel errava, fôra menos prudente em se partir, d'aquelle modo.

D. João, passado tempo de reflexão, disse-lhes:

— Amigos, eu pensei esta noite, toda a noite, no que hontem, aqui, se disse e discutiu.

Afinal, vejo, que a unica solução que podemos dar a esta conjunctura é seguir a opinião de D. Nuno Alvares Pereira.

O conselho admirou-se.

— O rei explicou: a tenção de D. João é ainda de aproveitar as guarnições de Santarem, Alemquer e Cintra para cançar Lisboa. Depois de bem experimentada, elle e os seus refeitos por bom descanço em Santarem, irão sobre Lisboa, que não poderá resistir.

A victoria não a dá o numero, mas o céu. Somos poucos, mas muitas vezes os poucos teem vencido os muitos. Os exemplos vem da Biblia. Enchamo-nos de coragem esperando em Deus, na Virgem Maria e no precioso martyr S. Jorge, que elles nos darão a victoria e os castelhanos, que por graça me chamam agora o rei de Aviz, chamar-me-hão, a seu pezar, rei de Portugal.

— Como quizerdes, senhor, responderam os conselheiros, estamos aqui para vos seguir como e onde mandardes.

Mandemos pois chamar o condestavel, que calculo como vae despeitado e vindo elle, decidiremos a batalha e vamos dal-a onde se achar que melhor seja!

O doutor Gil Docem exclamou depois da fala do rei:

— Senhores, tomae os dados e supponde que jogaes com El-Rei de Castella, a vêr se haveis de perder ou de ganhar. Se ganhardes, ganhareis a melhor batalha que já se viu n'esta terra; se perderdes, sei que não podereis sahir do jogo com quebra na vossa honra.

Riram-se todos do alvitre, a começar pelo rei.

Chamado um escudeiro, João Affonso, de Santarem, o rei disse-lhe:

— Monta já e vae pelo caminho de D. Nuno. Dir-lhe-has que lhe peço que volte, que tudo se resolveu em conselho, como elle desejava.

O escudeiro montou, seguiu a galope pelo caminho do condestavel e encontrou-o a tres leguas, em descanso, no arraial.

— Meu senhor, manda-vos El-Rei pedir para voltardes.

— Para que? perguntou o irritado Nuno.

— Tudo se resolveu, em conselho, ao vosso agrado.

— Que se dê a batalha?

— Sim, meu senhor.

— E El-Rei manda-me pedir para voltar?

— Sim, meu senhor, com o maior empenho.

— Pois, diga a El-Rei, meu senhor, volveu o condestavel, que não sou homem de muitos conselhos e que como já uma vez por elle foi determinado que se não deixasse passar o rei de Castella, ou de se lhe dar batalha, que eu não mudo de tenção, nem voltarei para traz, um pé.

Digo-lhe que lhe peço que me deixe ir meu caminho; porque com estes poucos e bons portuguezes que commigo vão, eu obrigarei o rei a voltar ou a bater-se.

Se El-Rei quizer estar comnosco, mande dizer que vem e venha: esperal-o-hei em Thomar.

Voltou o escudeiro com a resposta.

Mais uma vez o rei viu a tempera do seu fiel amigo.

* * *

Mandou-lhe logo outro escudeiro, Fernão Alvares d'Almeida, a dizer que voltasse e se decididamente o não quizesse fazer, então que o esperasse em Thomar.

— Bem, disse o condestavel a Fernão d'Almeida, para lá vou, e lá espero o rei.

E partiu para Thomar.

Dois dias depois, juntava-se-lhe o rei.

Juntos, em Thomar, começaram a combinar a batalha, depois de tomarem conhecimento das forças que tinham.

Assim combinaram qual seria a vanguarda, que Nuno Alvares commandaria, como a retaguarda que seria dirigida por El-Rei.

Do mesmo modo as alas direita e esquerda, nomeando-as assim á moda ingleza, que viera no reinado de D. Fernando, pois que antes d'isso se chamavam em Portugal aos lados do exercito formado em batalha, — costaneiras.

Mandados alguns cavalleiros a irem espionar o arraial do rei de Castella, forças, disposição, costumes nocturnos e diurnos, o condestavel escreveu ao rei de Castella, uma carta que dizia assim:

— Direi ao rei de Castella que meu senhor, El-Rei de Portugal, e todos os seus naturaes que com elle estão lhe dizem da parte de Deus e do Martyr S. Jorge que lhe não queira destruir sua terra.

Que El-Rei meu senhor, salva em tudo a sua honra, reconhecendo-o elle como rei de Portugal lhe fará boa avença, como foi combinado e que não querendo, entregará nas mãos de Deus a sorte da batalha que lhe houver de dar e esperará d'elle os altos juizos.

El-Rei de Castella, recebeu o mensageiro e respondeu egualmente por escripto:

— Dizei vós a Nuno Alvares Pereira que elle sabe muito bem que eu sou casado com a rainha D. Beatriz. Que ao meu casamento veio o Mestre de Aviz que hoje se chama rei e todos os grandes fidalgos do reino e me beijou elle e todos a mão, como a rei e á rainha D. Beatriz como rainha de Portugal.

Que se o Mestre de Aviz e os que o seguem quizerem vir para mim, esquecerei as offensas que d'elles tenho, os honrarei e lhe farei muitas mercês; não querendo entregarei egualmente nas mãos de Deus a minha causa que espero vencer, porque tenho a razão e o direito.

Recebeu a resposta o Condestavel e depois da leitura, exclamou laconicamente: — seja.

Os quatro cavalleiros que tinham ido rondar o arraial dos castelhanos prenderam um escudeiro que andava pelos casaes á procura de qualquer coisa e trouxeram-no, escondidamente, ao Condestavel.

Este perguntou-lhe novas do arraial, gentes, disposições e numero.

O escudeiro falou-lhe a verdade.

— Então elle disse-lhe: agora, deante de El-Rei e dos que estiverem, has de dizer o contrario, que os castelhanos são poucos e mal armados, e o que mais te lembrar de mau.

Assim fez o escudeiro levado á presença do rei e todos, ao ouvil-o, ficaram mais alegres e animados.

Era o que o condestavel tinha querido obter.

Então, por sua vez, D. João I, mandou recado ao rei de Castella, recommendando ao mensageiro que reparasse bem em tudo o que visse.

Gonçalo Ennes Peixoto, levado á presença de D. João de Castella, disse-lhe.

— Senhor, El-Rei de Portugal, meu senhor, vos manda dizer que bem sabeis como já por vezes tendes entrado n'este reino, talando-o e destruindo-o, fazendo-lhe quanto mal tendes podido fazer-lhe. Tendes pretendido havel-o, como se fosse um bem da vossa herança, sabendo que não tendes direito algum, porque se já o tivesteis o perdesteis pela quebra dos tratados...

De novo vindes e de novo o assolareis e destruireis quanto vos fôr possivel: que se vos approuvesse, para não prejudicar a terra e fazer padecer tanta gente, vos resolveis a ser seu amigo, porque salva a sua honra, elle o será vosso.

Não pelo receio do vosso poder, mas para socego das gentes e evitar sangue derramado, vos manda propor lealmente esta amizade que será de grande utilidade para ambos, para elle e para vós.

Com voz aspera, D. João de Castella respondeu:

— Dizei ao Mestre, que se diz rei de Portugal que não é seu, que eu me maravilho muito de elle querer sustentar guerra contra mim, como está fazendo. Dizei-lhe mais que o reino é meu por casamento com minha mulher.

Calou-se, de repente, estacando em frente do escudeiro perguntou-lhe de chofre:

— Mas dizei-me, antes de mais, o que quer elle dizer com *salva a sua honra?*

— Quer dizer, respondeu o escudeiro, ficar elle rei como é, n'aquelle logar em que Deus e os povos o puzeram.

— Ora, amigo, replicou o rei desabridamente, podeis ir por onde viestes e dizei ao Mestre que nunca em sua vida o será. Que mesmo que fosse preciso sacrificar Castella inteira n'esta demanda elle não ha de ser rei de Portugal.

E que me não culpe a mim de todo o mal que acontecer, porque elle só será o culpado.

— Se assim é, volveu o escudeiro, Gonçalo Peixoto, visto não quererdes assentar amizade com El-Rei meu senhor, elle vos manda dizer que vos dará batalha no logar que achar mais proprio e quando acontecer encontrar-vos.

— Pois dizei-lhe que muito folgo com a sua resolução e que em breve nos encontraremos.

Gonçalo Peixoto logo que chegou a Thomar foi perguntado pelo rei:

— Que gente traz?

— Vou falar-vos lealmente, meu senhor, o mais verdadeiramente que posso.

— Então? dizia o rei.

— No dia em que lá cheguei havia revista. Pelo meu calculo estavam sete mil lanças e dois mil cavallos.

— E homens de pé e besteiros?

— Senhor, são tantos que é impossivel contal-os E começando a nomear os capitães que viu e sommando as forças de cada um concluiu «a multidão é tanta que é bastante para dar batalha ao maior rei do mundo!»

El-Rei fingiu não ligar grande importancia á informação do escudeiro e disse-lhe:

— Não digaes isso lá fóra, hein? A quem vos perguntar dizei o contrario: que são poucas gentes e mal armadas, poucos peões, poucos cavallos e poucos besteiros. Nem a algum vosso amigo digaes o contrario, ouviste? Mando-vol-o eu!

O escudeiro respondeu, humildemente: descance Vossa Alteza que o não direi.

Então o rei partiu de Thomar, com o exercito em ordem de batalha, o Condestavel á frente, o rei na rectaguarda, balões ao vento, bandeira na funda.

Quando chegaram a Ourem, levantada a barraca do rei, um veado appareceu no arraial.

Correram sobre elle muitos de cavallo e não o alcançaram até que se metteu na tenda do rei, onde foi morto.

Este caso foi para muitos de bom presagio.

No sabbado seguinte partiu o Condestavel para Porto de Moz, d'alli cinco leguas seguido pelo rei.

Alli acamparam e todo o exercito.

Ao domingo ouviram suas missas, descançaram e pela manhã foi o condestavel, com cem homens de cavallo, com cóttas e braçaes, subir ao alto das serras a ver se podiam distinguir o inimigo.

Nada avistando tornou-se ao arraial e o dia todo passaram folgando.

Na segunda-feira, pela madrugada, soaram as trombetas e de noite ainda, pois não amanhecia bem, um clerigo disse missa junto á tenda do Condestavel e outros davam a todos os que queriam commungar o Santo Sacramento.

Rompendo bem o dia, toda a hoste abalou em direcção ao campo, onde depois foi a batalha, que é d'ahi a uma pequena legua.

Assente o logar onde se devia esperar o inimigo o Condestavel parou, apeou-se e começou a dispôr os seus homens nos logares que lhe pareciam mais proprios.

Em breve o alcançou o rei com a rectaguarda. Então ordenaram as alas, os pagens, os carros de bagagens que collocaram atraz de tudo ladeados pelos homens de pé e pelos besteiros.

O inimigo devia vir do lado de Leiria, onde assentara arraiaes d'ahi a umas duas leguas.

Esperaram pois.

Era já dia alto, cerca das dez horas quando começaram a apparecer os castelhanos.

Eram tantos por toda a terra, diz a Chronica, que não havia homem que ao vel-os pudesse imaginar que os portuguezes os poderiam vencer, ou sequer fugir-lhes.

Os apravezados e besteiros vinham adeante parecendo rebanhos de vaccas ou manadas de muitos gados, assim valles e oiteiros se escondiam sob a grande multidão de uns e de outros.

Dando o sol em suas resplandecentes armas, fazia-os parecer ainda muito mais do que as gentes diziam, de modo que a sua vista enchia de terror e espanto os que os olhavam.

Vinham muito devagar e assim chegaram perto dos portuguezes.

Voltando a fronte para Aljubarrota, para o lado do mar, pararam.

Então appareceu em todo o seu esplendor a brilhante vanguarda do exercito de Castella, resplandecente de armaduras, semeada de signaes e balsões batendo como azas de aves multicôres, ao sopro do vento.

No meio d'ella divisava-se o pendão de Castella, que um alferes sustentava ao lado do rei.

Por toda a parte, dos lados, pela frente, uma nuvem de cavalleiros, descia os montes, cobertos de ferro e de lanças ao ar brilhando como enxame de estrellas moveis, que se deslocasse das nuvens.

Esta molle de gente parou, logo que a vanguarda se deteve.

Em roda do pendão do rei muitos fidalgos se agrupavam como recebendo ordens.

CAPITULO LXXXVII

A altivez de D. Nuno

Chamara El-Rei a Pero Lopes de Ayala e Diogo Fernandes, marechal de Castella e a Diogo Alvares irmão do Condestavel e dizia-lhes:

— Ide fallar a Nuno Alvares e mostrae-lhe como será loucura pelejar comnosco. Dizei-lhe que recuse a batalha porque será em proveito de nós todos.

Então se destacaram do grupo cinco cavalleiros e com elles mais dois cavalleiros gascões que queriam ver de perto o já lendario e heroico Nuno Alvares e chegados aonde podiam ser ouvidos no arraial portuguez, um d'elles bradou: — que chamassem Nuno Alvares, que estava alli o irmão e lhe queria fallar.

D. João I estava mais perto e ouvindo o brado, mandou chamar o Condestavel.

— Montae a cavallo (Nuno andava de mula a ordenar a batalha e dar ordens) e ide ver o que vos quer vosso irmão, que pede que lhe faleis.

O Condestavel montou n'um cavallo e, apenas com outro cavalleiro, dirigiu-se ao grupo, que o esperava.

Chegado a elle, apeou-se, como o irmão, abraçaram-se e Diogo Alvares beijando Nuno na face, com ar de grande alegria, disse-lhe:

— Oh! meu irmão quanta saudade tinha de te ver! Era tanta que o não posso dizer! Quando me lembra da nossa infancia parece-me que morro de pena. Nosso irmão, o Mestre de Calatrava, tantas saudades tem tambem de vós que vos quizera ver como eu, ao nosso lado e ao lado de El-Rei nosso senhor.

— Tambem as tenho de ti e d'elle, Diogo, e como vós me desejaes ver ao vosso lado, assim eu vos desejaria ver ao meu. Se viestes para me dizer só isso, é esta a minha resposta; se mais alguma coisa queres, é dizer-m'a para não perdermos tempo.

Então fallou Pedro Lopes de Ayala.

— Nuno Alvares dizei ao Mestre de Aviz, que El-Rei, meu senhor, lhe requer da parte de Deus e do apostolo S. Thiago que guarde o juramento que lhe fez e á rainha D. Beatriz, sua mulher, sobre o seu natural direito ao reino de Portugal.

— El-Rei de Castella, vosso amo, tornou o Condestavel, quebrou os contractos que fez. A justiça está da parte de El-Rei, meu senhor, que lhe requer que da parte de Deus e do martyr S. Jorge, elle lhe deixe livre a terra que piza e não volte a entral-a, em nome de guerra.

— A El-Rei meu senhor não pode ser prohibido entrar n'esta terra que é sua, porque lhe pertence, por direito de casamento.

El-Rei, meu senhor, não quebrou a fé dos tratados, pois que a rainha D. Leonor lhe cedeu a regencia do reino, em Santarem, por sua livre vontade.

— A rainha D. Leonor, volveu D. Nuno Alvares, não tinha o direito, o poder de entregar o regimento do reino, segundo a lettra do contracto, senão depois da approvação e licença das côrtes.

Essas côrtes não se fizeram. Os grandes do reino não foram consultados: a cedencia foi nulla.

— Não nos entenderemos, já vejo, sobre este assumpto, disse Pero Lopes.

— Entendemos muito bem, volveu o condestavel.

— Mas não concordaremos.

— Nunca, disse o condestavel. Quereis mais alguma coisa?

— Fazer-vos um pedido de El-Rei, meu senhor.

— Qual? disse Nuno Alvares.

— El-Rei quer-vos muito por serdes irmão de D. Alvaro, por serdes nobre e valente e tem pena de vos vêr, aqui, sem defeza nenhuma entre essa gente.

— Pede-me, pois, a amizade do vosso rei...?

— Que vos tireis de tal perigo e que venhaes para elle. Dar-vos-ha quantas mercês forem necessarias para que fiqueis contente.

— Todos nós temos pena de te vêr n'este aperto, Nuno, e te pedimos para que venhas para nós. El-Rei recompensar-te-ha como generoso principe que é. Assim o prometteu e t'o manda dizer e o fará.

— Obrigado, irmão, pelo teu interesse por mim. Interesse que não é de amigo.

Não é d'amigo? interrompeu o Mestre de Calatrava?

— Não; sabes ou deves saber quaes as relações que me ligam a D João I, meu senhor e rei.

De ha longo tempo amigos, o trahil-o, n'um momento d'estes, seria o mais vergonhoso acto, proprio de um villão, de um miseravel.

E tu propões-m'o a mim? a mim que o tenho elevado com a minha espada e sustentarei até morrer?

Voltando-se, altivamente, para trás, para o pequeno grupo do exercito portuguez que, firme e unido, esperava o resultado da conferencia, n'uma disciplina de ferro e n'uma ordem inalteravel, o condestavel exclamou:

— D'aquelles que alli estão, a nenhum as tuas offertas fariam mudar de logar. Do mais alto ao mais baixo. Podes ir experimental-o. Sendo assim, como ousas tu fazer-me uma proposta, tu, meu irmão, a mim, o condestavel de Portugal?

Excepcionalmente, D. Nuno, levado por uma indignação facil de perceber, falara alto e rapidamente, contra o sabido costume.

Em todos os presentes, as palavras do moço guerreiro tinham produzido uma impressão de sympathia e de louvor.

Depois, voltando-se para Pedro Lopes d'Ayala, disse-lhe ainda:

— Dizei ao vosso rei, que não pense mais em me mandar falar sobre este assumpto. Todo o seu reino eu não trocaria pela gloria de ser quem sou e de me encontrar, aqui, contra elle.

Quanto ao receio da minha posição, que o perca, porque confio em Deus, que sahirei d'ella com melhores honras do que elle.

— Perdes-te, Nuno, disse-lhe do lado o irmão.

— Guarda-te tu, respondeu-lhe este e guarda-te bem, que o dia de hoje ha de ser-te mais fatal do que a mim!

— Senhor, disse então Diogo Fernandes, marechal de Castella, perdoae-me, mas tenho em minha consciencia o dever de vos falar tambem.

— Dizei, disse-lhe D. Nuno.

— Não podereis defender-vos, somos tantos que facilmente vos poderemos tomar e vencer. Vinde para nós; ide dizer ao Mestre d'Aviz que El-Rei, meu senhor, lhe perdoará...

— O que? interrompeu D. Nuno.

— E lhe fará, continuou sem responder o marechal, um tal augmento em estado e honra que ficará satisfeito.

E' uma resolução melhor para todos, evitar-se-ha uma batalha, má para ambos, mas muito peor, sem dúvida, para elle...

Acabasteis? interrompeu D. Nuno.

— Acabei, respondeu o marechal.

— Sei que sois dez vezes mais e melhor armados do que nós; mas o poder de Deus é ainda maior.

D'esse não falo, respondeu o marechal; falo-vos do poder d'El-Rei meu senhor, só por si bastante para vos vencer, mesmo sem o auxilio dos estrangeiros que nos acompanham e que por si sós bastariam.

— Repito-vos, tornou o condestavel, sei qual é o vosso poder; mas maior é o poder de Deus.

— Torno a concordar, mas lembro-vos que nós não somos herejes ou infieis a quem Deus não proteja.

— Não sereis, replicou D. Nuno; mas nós temos a razão e o direito e vós não.

— Bem, replicou o marechal, El-Rei não terá culpa do que vos acontecer e aos vossos.

Visto não quererdes mudar de tenção por modo algum, pelejaremos.

Se nos vencerdes sereis os mais valentes homens que nunca houve no mundo; se fôrdes vencidos, sereis os mais honrados vencidos que o mundo tenha visto.

Estas palavras foram, porém, ditas com um leve tom de sarcasmo.

Percebeu-o o condestavel e saudando, altivamente, disse:

— Dissestes a mais pura das verdades e vós outros, senhores, tomai nota d'ellas porque as ides conhecer em breve.

Voltando o cavallo, dirigiu-se ao arraial com o velho companheiro.

*
* *

Chegado ao rei o condestavel contou rapidamente a conversa.

Emtanto o rei de Castella á chegada, de Pero Lopes e comitiva, reuniu novamente o conselho.

Quando chegaram o rei discutia com os seus generaes a forma do combate e parece que tinham resolvido, o acommetter os portuguezes, immediatamente.

Quando viu chegar os emissarios, perguntou:

— Então? qual resposta trazeis?

— Falámos, ao condestavel, respondeu Pedro Lopes; demos-lhe as razões que tinheis dito e as que nos pareceram boas para o vosso empenho e serviço.

Querem combater e entregam a sua sorte nas mãos de Deus.

— E como estão elles?

— Em ordem de batalha.

— Sois de opinião, que os ataquemos, já? perguntou o rei.

— Não, meu senhor, respondeu o marechal Diogo Fernandes; o sol vae baixo.

Virá a noite e muitos d'elles, porque viram já as nossas forças fugirão, por medo.

Além, d'isso as nossas tropas veem cançadas pelo calor e ainda não comeram hoje.

E' melhor deixal-as descançar e ámanhã, de manhã, atacarão com mais valentia e terão duplicada resistencia.

E, como sempre, dividia-se o conselho, quando João de La Rie, cavalleiro francez, velho de sessenta annos, que viera a Castella em mensagem ao rei D. João, pelo rei de França, sabendo que iam batalhar, não quiz deixar de o fazer tambem e seguira D. João e o exercito, disse:

— Senhor, sou como sabeis, cavalleiro de El-Rei de França vosso irmão e vosso amigo; tenho a edade que vêdes e assisti por isso a muitas batalhas de moiros e de christãos. Em duas batalhas em que estive com El-Rei Fillipe e o rei João, meus senhores, contra El-Rei de Inglaterra e contra o principe de Galles, seu filho, ambas se perderam por não haver n'ellas boa ordem. Por isso concluo que a razão de se perderem muitas batalhas é o não serem bem ordenadas.

Pelo que dizem, os portuguezes estão em perfeita ordem e o nosso exercito não o está. Dae pois razão a D. Diogo Lopes e ao marechal Diogo Fernandes e adiae a peleja para amanhã.

N'este tempo ordenareis o vosso exercito como vos parecer.

Concordou El-Rei com a opinião do velho guerreiro.

Outros fidalgos eram porém de outra opinião. Uns nem queriam que se combatesse, dizendo:

— Que gloria tereis em vencer tal inimigo? que honra? O mais logico, por mais util, é seguir para Santarem e d'ahi para Lisboa, que se renderá sem demora, abandonada quasi como está, porque tomada ella está tomado todo o reino, sem mais duvidas.

Então, D. João Affonso Tello, irmão de Leonor Telles, ex-conde de Barcellos, um dos portuguezes que alli estava, tambem, oppoz-se:

— Digo-vos, senhor, que não sigaes esta opinião. Ella não vos dará honra nem gloria.

Dizem-vos que será coisa de nada vencerdes os portuguezes? pois eu digo-vos que não. Vêde como são poucos e como estão firmes, se tivessem medo, teriam fugido ou ter-se-hiam retirado. Estão alli e hão de vender caras as vidas.

— Isso, disse-lhe o prior de S. João, D. Pedro Dias, dizeis vós porque são portuguezes como vós sois.

— Sei que são portuguezes, mas não é só por isso que o digo. Digo-o porque conheço a maior parte dos que lá estão, que não são homens que se vençam com a facilidade com que se diz. Dirigindo-se a D. João, disse:

— Ides combater um rei, ainda que lh'o não chameis, mas que elles fizeram, um rei que vos embarga um reino com todo o seu poder, fraco ou forte, mas que ainda assim vos está a dar o cuidado que se vê.

Já vêdes, que o vencel-o trará honra e gloria.

Depois voltando-se, para o prior de S. João, accrescentou:

— Disseste que sou portuguez, assim é; nem me peza de o ser, porque me não tenho, sendo-o, por melhor ou peor do que outro qualquer; mas sempre vos quero dizer que a este portuguez que sou, não sereis vós quem ponha o pé adeante nem leve vantagem em coisa alguma.

— Tendes razão D. João Tello, disse o rei, para evitar talvez um desaguisado que ia rebentar, tendes razão.

— Toda, meu senhor, volveu-lhe então o conde de Mayorca, o vosso dever é desbaratar o Mestre de Aviz. Desbaratado agora é vosso todo o reino. Tendel-o, alli, com todo o seu exercito, n'uma occasião em que o podeis vencer e haveis de passar por elle? irdes-vos?

Que dirão? Que é covardia. Pois se vos esperam haveis de fugir, vós, ao combate? Melhor fora não tendes sahido de Castella.

Deus poz-vol-os todos, alli, como n'um curral, juntos, para os poderdes agarrar e haveis de passar por elles como se os não visseis? Que dirão de seu grande rei, como vós sois, com um tão alto poder, evitando uma batalha, em que decidireis da posse de um reino que quereis conquistar?

Lembrae-vos que esperam os portuguezes os fidalgos da Beira, que é um bom refôrço e que vem no mar a frota ingleza em seu auxilio.

Se hesitaes agora o que fareis então?

A maior parte dava, claramente, razão a D. João Affonso.

— Tendes razão, diziam vozes.

— Dizeis muito acertadamente, diziam varios.

— Assim o creio, observou D. João e quero dizer-vos todo o meu parecer.

Escusaes de discutir se se dê ou não a batalha, porque haveis de pelejar, por força.

Acreditaes que lhes podeis passar ao lado e que elles vos deixarão ir, socegadamente, caminho de Lisboa?

— Não? pergunta o rei.

— Não, meu senhor. Não o acrediteis. Ir-vos-hão, como cães, ladrando atraz e mordendo, até que vos resolvaes a parar e a dar batalha.

— Senão passassemos?

— Então vos sahiriam á frente e vos obrigariam a fazel-o.

Calaram-se todos e D. João concluiu:

— Esta é, senhor, a minha opinião leal, que entendi dever dizer-vos, em descargo de consciencia. Agora, senhor, vós podeis ordenar, como vos approuver.

Pouco mais tempo se dividiram as opiniões do conselho.

El-Rei acabado de persuadir pelas razões de D. João Affonso Tello decretou que se désse a batalha.

Então se retiraram todos cada um para o logar que lhe competia e foram pôr em ordem os seus homens para o combate.

Começava a noite a envolver a terra: accendiam-se em ambos os lados as fogueiras: rolavam pelo ar os ruidos multiplos dos acampamentos. El-Rei de Castella, deitado na sua barraca, minado pela febre de uma sezão intensa — sezões que o não tinham deixado desde que estivera em Portugal — dormitava inquieto.

* * *

CAPITULO LXXXVIII

A ala dos namorados

Feito o comer, os soldados de um lado e d'outro descançavam dormitando, uns sobre molhos d'herva arrancada para esse fim, outros sobre a propria terra ainda quente dos raios do sol do dia passado, outros sobre os carros das bagagens, outros por baixo, aos grupos, aos molhos, na caricia tepida de uma noite de agosto, serena e clara.

Aqui e alli, n'algumas barracas, armadas á pressa, havia luz. Eram tendas de fidalgos.

Conversava-se sobre o exercito castelhano, sua grandeza e brilho, sobre o rei, sobre os fidalgos portuguezes que lá vinham, sobre as probabilidades da victoria, a sua difficuldade, e mil outros assumptos correlativos.

Uma das tendas estava cheia de rapazes novos que haviam de formar a *Ala dos Namorados*, assim foi chamada e tão bravamente haviam de pelejar.

— Havemos de dar-lhes uma lição, Mestre, dizia sorrindo e dirigindo-se a Mem Rodrigues deVasconcellos, commandante da Ala, um rapaz novo, escudeiro de Castello de Vide.

— Nunca teremos melhor occasião na nossa vida para mostrar a esse D. João e aos seus, o que são portuguezes.

— Por mim, accrescentou Vasco Martins de Mello, que falava, vou fazer um voto.

— Qual é? disseram.

— Juro prender o rei de Castella!

— Oh! disseram vozes, esse voto é uma loucura.

— Sósinho? perguntou Ruy da Cunha.

— Sósinho! respondeu enthusiasmado D. Vasco.

— Não o podereis fazer; nem se devem fazer votos impossiveis. Como podereis, só, vós ou algum prender D. João de Castella?

— Bem, voltou D. Vasco; mas juro pôr-lhe a mão no hombro se o não puder prender.

— Ficae-vos por ahi, que não será facil a empreza.

— E, eu, exclamou Gonçalo Ennes de Castello Branco, juro que serei quem dê o primeiro golpe, na batalha. (1)

— E, eu, disse Martins Affonso de Souza, com ar ironico, se Deus me tirar com vida da batalha vou fazer uma quarentena com a D. Abbadessa de Rio Tinto.

Uma gargalhada geral, sublinhou a promessa do alegre rapaz.

---

(1) Deram estes votos origem a varios romances. Entre elles ha um *Os votos denodados* de Ignacio de Moraes Sarmento, que pela simplicidade transcrevo, em parte:

Os mancebos mais ousados,
Portuguezes cavalleiros,
A ala dos namorados
Formavam aventureiros;
E' verde a sua bandeira
Côr da esp'rança do amador,
Precursora lisongeira
De victorias e de amôr,
Uma usança então havia
Fazer votos denodados,
Esse voto consistia
Esses feitos muito arriscados.

Gonçalo Castello de Vide
E Vasco Martins de Mello
Amam Anna de Athayde,
Que é de belleza um modêlo.
Ambos elles são amigos
Ambos elles são rivaes
Ambos valentes nos perigos
Ambos nas forças eguaes;
Ambos elles suspiravam
Por D. Anna mas em vão;
Por isso amigos ficavam
Rivaes sim, amigos não;
Ambos elles pertenciam
Á ala dos namorados
E por D. Anna faziam
Estes votos denodados.

Era sabido que entre elle e a abbadessa havia as mais intimas relações.

A conversa continuou, n'este tom, seria e altiva por vezes; por vezes alegre e despreoccupada. Por alta noite, espalharam-se mais pelas tendas diversas os fidalgos e uns repousando e outros conversando, esperaram a madrugada.

* * *

O exercito portuguez constava apenas de seis mil e quinhentos homens, que eram setecentas lanças, oitocentos besteiros e quatro mil peões. Entre os besteiros haveria um cento dos celebres besteiros inglezes.

O exercito castelhano era extraordinariamente maior.

Contava seis mil lanças, dois mil ginetes, oito mil besteiros e quinze mil peões.

Gonçalo Ennes

Eu juro ser o primeiro
Que ha-de com lança ferir:
Juro á fé de cavalleiro
Que hei-de o meu voto cumprir.

Vasco Martins

Eu juro como christão
Prender El-Rei de Castella:
Ou ao menos pôr-lhe a mão,
Que hei-de o meu voto cumprir.

Entre todos disputavam
Qual dos votos é maior;
Porém todos aventavam
Que eram votos de primor;
Qualquer d'aquelles empregos
Arriscados de fazer;
Porém almas portuguezas
A nada sabem temer:
Muito mais um namorado
Que tudo acha possivel;
Invocando um nome amado
É o seu braço invencivel.

Uma desproporção esmagadora.

Eram enormes as bagagens, pois só carretas havia setecentas, e oito mil cabeças de gado, tudo isto acompanhado por innumeras gentes, pagens e serventes, de fórma que, diz Schoeffer, attendendo a que os portuguezes tinham tambem não poucas bagagens e bastantes homens não combatentes «a velha lenda que levanta o exercito de Castella a oitenta e sete mil homens e o de Portugal a onze mil, mettendo em linha de conta, pagens, creados, conductores e carreiros, deixa de parecer tão exaggerada como á primeira vista se nos affigura.»

O exercito castelhano, trazia ainda, desaseis bombardas ou trons, primitivas peças de artilheria, que iam fazer ouvir as suas boccas, pela primeira vez, na peninsula.

Taes eram as forças com que os dois reis se preparavam para se combater e que, ao romper da manhã, começaram a dispôr, da seguinte maneira.

A vanguarda portugueza, era commandada pelo Condestavel e compunha-se de seiscentas lanças.

A ala direita, a ala dos Namorados, commandava-a Mem Rodrigues de Vasconcellos, contava duzentas lanças.

A ala esquerda era governada por Antão Vasques, composta a maior parte por estrangeiros, teria duzentos homens, approximadamente.

A rectaguarda, ou a reserva como se diz hoje, era commandada por El-Rei D. João em pessoa e continha setecentas lanças.

Entre as duas alas e a rectaguarda, estavam os besteiros e os peões.

As bagagens estavam no fundo do exercito, defendidas por peões e besteiros, em boa ordem.

A vanguarda castelhana era formada por toda a nobreza de Portugal e Castella, e era a sua força de mil e seiscentas lanças.

A ala direita, commandada pelo Mestre de Alcantara, tinha setecentas lanças; a esquerda, commandada por D. Pedro Alvares Pereira, irmão de D. Nuno tinha as mesmas setecentas lanças.

Em perfeita desordem, sem obedecerem as suas posições a um plano determinado, aos grupos, irregularmente, no intervallo das alas, uniam-se os peões e os besteiros, n'uma confusão absoluta.

El-Rei de Castella, doente, mal podendo mover-se, n'um accesso febril, dentro da berlinda, estava á frente da rectaguarda, mas sem poder dar ordens e sem que ninguem se lembrasse de tomar o commando absoluto do exercito.

⁂

Aljubarrota é uma pequena villa que fica a Sueste de Leiria entre Alcobaça e Porto de Moz, de terra fertil. E' fundada n'uma eminencia onde outr'ora se levantara a cidade romana denominada *Arancia*.

Os dois exercitos tinham caminhado para este ponto, um caminhando de norte a sul, outro de leste a oeste.

O exercito portuguez viera de Abrantes a Thomar, de Thomar a Ourem e d'aqui a Porto de Moz.

O exercito castelhano descera de Coimbra a Leiria.

O rei D. João I de Portugal collocou o seu exercito com o rosto para Leiria.

Os castelhanos desfilaram por deante d'elle e foram tomar posição em Aljubarrota, n'um plaino.

Então o exercito portuguez operou uma conversão de frente e assim esperou que alvorecesse.

Ao romper do sol, avistaram-se, claramente, os inimigos. O exercito castelhano, numeroso e animado, sobre o qual voavam na briza da manhã innumeros balsões e signas de tão grandes e ricos fidalgos, matizado pelas côres das vestes, illuminado pelos reflexos vivos das armaduras, contrastava com o pequeno e modesto exercito de D. João I, sem brilhos, quieto e soturno, no seu logar, immovel e desconfiado.

Na vanguarda, o Condestavel, sem espalhafato de armas ou de fatos, percorria as fileiras, dando as ultimas ordens.

Vestia uma jaqueta de lã verde bordada de rozeiras, cótta, peitoral e braçaes, arnez de pernas e quartos. Trazia espada á cinta e adaga.

Recommendava que avançassem, quando soasse o signal, em ordem, lentamente e que recebessem os castelhanos, com os pés bem firmes no chão, os contos das lanças bem apertados debaixo dos braços, e estas o mais prolongadas que fosse possivel.

Deviam combater a pé, como nos *Atoleiros*.

Quando elle passava, acclamavam-no:

— Viva D. Nuno!

— Viva o nosso capitão!

D. Nuno agradecia risonho e dizia-lhes:

— Coragem rapazes e confiança em Deus, que a victoria é nossa.

Era um illuminado, acreditavam-no, e a sua bella presença enchia de valor que dá a consciencia da victoria, os pobres e bisonhos camponezes que pela primeira vez guerreavam.

Na ala direita, a dos namorados, tremulava a bandeira verde, symbolo da esperança.

Todos esses juvenis cavalleiros pensando na sua dama, em Deus e na patria que o rei symbolisava, estavam anciosos de se sentirem lançados no meio da peleja e ganharem as suas esporas de ouro.

Passava por deante d'elles o arcebispo de Braga, D. Lourenço, que fazia exhortações religiosas.

— Tende fé em Deus, amigos, que elle ha de proteger a justiça e a razão, dizia o arcebispo e accrescentava:

— Ao entrardes a combater recitai com fervôr estas palavras:

— *Et verbum caro factum est.*

Uns d'elles perguntavam:

— O que quer dizer aquelle latinorio?

Ao que um outro respondeu:

— Que em verdade ha de ser caro este feito.

Então as gargalhadas sublinharam a graça do traductor e uma alegria de mocidade se espalhou nos rostos frescos dos valentes rapazes.

Na ala esquerda os bésteiros inglezes, fleugmaticos, imperturbaveis, revistavam os arcos e alguns comiam, para se reforçarem para o combate.

Na rectaguarda, El-Rei, completamente armado, tendo sobre as armas um loudel bordado com ramagens em circulo e escudos de S. Thiago, percorria as fileiras, animando com boas palavras os guerreiros e armando cavalleiros todos os que se lhe apresentavam para isso.

Ao seu lado, o alferes-mór cavalgava levantando a bandeira, o marechal da hoste e varios cavalleiros estrangeiros.

Entre estes, distinguia-se pela gentileza e porte, um gascão, cavalleiro francez, que viera para o rei, pelo espirito alto de aventuras que então animava tantos cavalleiros.

Este dizia-lhe, ao vêr as acclamações de que era alvo D. João, á sua passagem por entre as fileiras:

— Tenho assistido a sete batalhas campaes e nunca vi soldados com melhor aspecto, mais alegre e resoluto. Apesar da desproporção absoluta do numero, prophetiso-vos, senhor, que haveis de vencer.

— Obrigado pela vossa prophecia, volveu-lhe o rei; e dar-vos-hei boas alviçaras pelo vosso bom agouro.

— Vencereis, tornou-lhe o gascão.

— Assim o espero na Virgem Maria e em Deus, concluiu o rei.

Os vivas atroavam os ares, emquanto o arcebispo de Braga na sua missão, erguendo uma cruz de prata, animava os soldados a pelejarem contra os invasores e contra os herejes.

⁂

No exercito castelhano. Havia animação, mas não influencia.

O rei doente, montara com esforço n'uma mula e quedava-se triste e abstracto, ante a sua retaguarda brilhante, mas fria.

Alguns bispos distribuiam indulgencias do papa de Avinhão.

CAPITULO LXXXIX

Aljubarrota

Estava correndo a manhã n'estes preparativos e scenas, quando do lado de Porto de Moz, se ouviram soar trombetas, se viu bracejar no ar uma bandeira e um grupo de homens d'armas apparecer, correndo em direcção ao arraial portuguez.

Chegava um reforço e por pequeno que fosse causou uma grande alegria.

Era João Fernandes que vinha da Beira com quantos pudera trazer comsigo. Vinha com elle Egas Coelho.

D. João escreveu, como se disse, a todos os fidalgos beirões para virem logo, para elle.

Escrevera uma e mais vezes. João Fernandes Pacheco trabalhava para juntar homens; mas o fidalgos desculpavam-se sempre com o pouco tempo e necessidade de virem bem armados e defendidos.

João Fernandes percebeu, emfim, que elles addiavam a partida a verem se a batalha se dava.

Vencido D. João, o rei de Castella mais facilmente os conservaria em seus logares e honras: se fosse vencedor coisa alguma os comprometteria ante o seu rei, visto que estavam trabalhando para o ir soccorrer.

Este modo de arranjar a vida não era muito pouco vulgar. O alcaide da Guarda, Martim Vasques, quando o rei de Castella por alli passou e lhe mandou pedir para vir com elle, mandou-lhe dizer:

— Vá, El-Rei a seu feito. A quem Deus der a victoria a esse pertencerá a Guarda e os outros logares.

Este ao menos era franco.

Ora como se demorasse em vir João Fernandes Pacheco, El-Rei ás vezes, lamentava-se deante dos seus.

— Porque não vem? Não virão?

Então o velho Diogo Lopes Pacheco que o ouvia, respondia:

— Dos outros não falo; mas de João Fernandes, de meu filho, d'esse não haverá falta. Vem.

Ora, como João Fernandes e Egas Coelho vissem que a batalha estava imminente e que os outros fidalgos cada vez espaçavam mais a partida; percebendo, claramente, qual as suas intenções, um dia resolveram partir com os que os quizessem acompanhar e isto sem mais demora.

Reuniram os seus homens de confiança, que eram sessenta lanças e cem homens de pé.

Com esta pequena hoste partiram a toda a pressa.

A' medida que avançavam, iam sabendo novas dos dois exercitos, do caminhar do exercito castelhano e concluiam que se a batalha não estivesse dada, que não podia demorar-se.

Assim, ultimo dia de marcha e ultima noite em direcção a Thomar, João Fernandes e Egas Coelho tinham accelerado a marcha de tal modo que muitos dos seus homens de pé tinham ficado pelas estradas exhaustos de fadiga.

Em Porto de Móz disseram-lhe que a batalha era prestes e elles, a galope, subiram a um monte proximo onde viram os exercitos.

Um sol d'agosto illuminava cruamente as coisas distantes.

Então, n'um grande impeto de audacia, João Fernandes mandou tocar as trombetas, passou rez-vez pela ala direita dos castelhanos, attonitos, e metteu-se no arraial portuguez.

Saudaram-n'os com bravos e vivas e logo que se apeou, o primeiro homem que correu para João Fernandes foi o velho Diogo Lopes Pacheco.

Contente, gritava-lhe:

— Filho! filho!

Egas correu para elle e abraçando-o, dizia-lhe:

— Tambem vós aqui estaes, senhor meu pae?

— Então aonde hei de estar? respondeu-lhe o velho

— Na vossa edade? nem podereis pelejar!

— Farei o que puder. E' preciso ajudar este homem a defender este reino.

Então se approximou o rei e João Fernandes beijou-lhe a mão.

— Sempre viestes, disse-lhe D. João.

— Senhor, como e logo que pude.

— Agradeço-vos o não faltardes. Haveis de ser preciso.

— Serei porque estou cá. Não o seria se não viesse São muitos e nós poucos? Não tenhaes receio. Conheço-os bem; ainda ha pouco lhes provei a coragem.

E dirigindo-se aos soldados, gritou-lhes:

— Ha de haver um grande trabalho, rapazes, é o de matar tantos. Outro não haverá, mercê de Deus.

Esta confiança mais encheu de animo todos os que o ouviam. De novo montando seguiu elle com os seus atraz de El-rei, em cuja ala se incorporaram.

⁂

Estava a pino o sol.

O Condestavel acabava de dar as ultimas ordens aos seus soldados, a cavallo, com um escudo no braço, do lado dos castelhanos, d'onde vinham de vez em quando uns virotões dirigidos a elle.

Parara em frente da hoste.

Firme, unido como um só homem, silencioso e grave o pequeno exercito esperava.

N'isto destacou-se um escudeiro da vanguarda castelhana e dirigiu-se a D. Nuno.

Trazia uma espada d'armas guarnecida preciosamente e ao chegar a D. Nuno apresentou-lh'a, dizendo:

— Da parte de D. João Affonso Tello.

Era um costume da epocha. Era o desafio.

D. Nuno agradeceu-lh'a e mandou buscar uma boa facha de chumbo, e entregando-lhe, disse-lhe:

— Levae-a ao conde.

N'este momento uns trinta homens, bisonhos lavradores, ao sentirem a imminencia da batalha fugiram, com medo, da guarda das bagagens e carros.

Uns cavalleiros hespanhoes mataram-nos todos correndo sobre elles. Se alguns mais medrosos, tinham pensado em fugir, detiveram-se, ante o castigo.

Alli era vencer ou morrer. E morrer, seria então mais rasoavel batendo-se, do que fugindo.

Como por encanto, os alaridos e apupos, com que o exercito hespanhol insultava o silencioso exercito portuguez, calaram-se.

E' que o corneteiro que ao lado de João Affonso Tello recebia as suas ordens levara á bocca a trombeta.

Pela planicie, pelos valles e montes, o som vibrante, ondeou, como um grito, fazendo correr em todos os corpos um estremecimento de frio.

Camões disse:

> Deu signal a trombeta castelhana,
> Horrendo, ingente fero e temeroso,
> . . . .
> E as mãis que o som terribil escutaram
> Aos peitos os filhinhos apertaram.

Para os castelhanos foi um signal de carnagem, a voz de accommetter um miseravel exercito, que ia ser derrotado em minutos e cujo espolio se decidiria d'ahi a momentos.

Para os portuguezes foi o grito de prevenção, de cautella, de apuramento de todos os sentidos, da evocação de todo o sangue frio e de toda a coragem.

E o som da primeira trombeta repetiram-no a das alas, a da rectaguarda, n'um concerto de furias.

Um alarido enorme correu o campo castelhano; ergueram-se pelo ar apupos e injurias e vozes clamaram:

— A elles! a elles!

Como de um monstro de milhares de cabeças o corpo do exercito castelhano moveu-se, com um desenferrujar de membros.

Na vanguarda composta de fidalgos portuguezes, brilhante, rumurosa e descuidada, avançou, D. João Affonso Tello, á frente, de lança erguida, como valente cavalleiro que era.

Soaram as trombetas portuguezas e do lado opposto, a vanguarda, á frente Nuno Alvares, começou a avançar lenta e firme ao encontro da vanguarda castelhana.

A vanguarda castelhana, marchava n'uma extensa linha capaz de envolver toda a linha portugueza.

Avançava, porém, desordemnada, em tumulto.

Mais perto dos nossos quando os castelhanos viram que os portuguezes combatiam a pé, começaram a cortar os contos das lanças para as fazerem mais curtas e a lançal-os ao chão.

Os obstaculos da terra, os contos das lanças quebradas, a falta de commando superior, tudo isto fez com que a columna que avançava se fosse adelgaçando na frente, crescendo para traz.

Se é certo que os portuguezes tinham formado com troncos de arvores uma especie de trincheira, com uma larga abertura ao centro, melhor se comprehende, esta diminuição da frente da vanguarda inimiga, que se sabe, de certo, que se deu.

Os flancos dobravam á rectaguarda e o exercito portuguez não foi envolvido como era de suppôr e naturalmente os castelhanos desejavam.

No emtanto a columna inimiga era poderosissima e veio bater, com estranho impeto, nas seiscentas lanças de Nuno Alvares.

Ao choque, os portuguezes resistiram recebendo-os nas lanças e gritando — Portugal e S. Jorge «a que os castelhanos respondiam: Castella e Santiago.»

E, alli, junto do Condestavel, travou-se uma renhida peleja.

Havia valor e coragem de ambos os lados; os golpes eram repetidos e tão fortes que soavam ao longe.

Gonçalo Ennes de Castello de Vide, que atirara a primeira lançada adeantando-se a todos, foi derribado por um cavalleiro e se não lhe acodem matavam-no.

O pezo da enorme columna pezava, porém, cada vez mais, n'um crescendo de força sobre a fraca linha de Nuno Alvares. Elle e os seus combatiam como leões.

Ao julgarem as lanças inuteis, mesmo encurtadas, os cavalleiros castelhanos deitavam-nas fóra e lançavam mão dos estoques e das achas d'armas.

Entre os dois exercitos ficaram montes de lanças.

Unindo-se mais, os cavalleiros de novo vieram á carga e a poderosa columna de tresentos cavalleiros de frente, rompeu n'um impeto irresistivel o fragil obstaculo das duas fileiras de lanças de Nuno Alvares.

Rompeu e entrou como uma serpente monstruosa no corredor formado pelas alas.

Estas á voz dos seus chefes approximaram-se.

Da ala esquerda uma nuvem de virotões e settas cravejou cavallos e homens. A certeza do tiro dos besteiros inglezes, ao encontrar tão approximado e gigante alvo, duplicou os effeitos mortiferos.

Cavallos e homens atravessados pelo ferro cahiam enrolando-se pelo chão.

A' ordem de Mem Rodrigues a ala direita precipitou-se, com um enthusiasmo louco, contra a columna invasora e na sua pequenez sumiu-se na brecha que lhe abriu no flanco.

Como um sorvedoiro, a enorme massa de trinta mil homens avançando e batendo-se, sepultava em seu seio, ginetes e homens.

Desfeita um momento, lacerada n'um ponto, refazia-se e continuava avançando.

A batalha pendia para os castelhanos!

Então, á voz do seu rei, a vanguarda, a flor do exercito, as setecentas lanças da reserva, cahiram como um ariete na cabeça da columna e fizeram-na parar.

Parou e turvou-se.

N'um esforço heroico, o rei e os que o seguiam redobraram de golpes.

Com a acha d'armas D. João deu em terra com tres cavalleiros, quando lhe surdiu pela frente Alvaro Gonçalves de Sandoval, rapaz forte, de grande coragem.

El-Rei levantou a acha e atirou-lhe o golpe; mas Alvaro Gonçalves aparou-lh'o no braço e lançando mão á haste puxou-a das mãos do rei, com tal força, que este cahiu em terra, sobre os joelhos.

Levantou-se de um salto.

No momento em que Alvaro Gonçalves levantava a acha contra a cabeça do rei, Martim Gonçalves de Macedo atirou-lhe uma estocada que o derribou.

Como desesperados, os da hoste real laceravam a cabeça da serpente, permittindo-me a comparação primeira, que oscillava, se sacudia, cada vez menos vigorosa, n'uma grande confusão de homens e de animaes.

Os besteiros inglezes, imperturbaveis, continuavam a escarvar-lhe o flanco esquerdo, emquanto a heroica *Ala dos Namorados,* feita dos restos do primeiro ataque, se engolfava para não mais apparecer, heroica e indomavel, no flanco direito.

Nuno Alvares reune os seus homens dispersos, anima-os com o seu valor e, bravo, de uma bravura invencivel, cae sobre o flanco da columna e rompe-a...

A vanguarda ao sentir-se isolada, desamparada, recúa...!

Recuar era perder-se.

— Recuam, já! disse alguem; e esta voz que as vistas confirmaram duplicou o esforço dos portuguezes, que centuplicaram os golpes.

N'isto a bandeira castelhana cae!

Tinham-n'a tomado os portuguezes.

Um grito, feito de cem gritos de alegria, correu nos ares e a vanguarda batida de todos os lados com o maior impeto, começou a recuar com mais força.

Recuando a massa formidavel atropellava-se a si propria, ennovelava-se sem ordem e começava a esmagar a retaguarda contra as bagagens, que se misturavam com ella n'uma confusão cada vez maior.

O que faziam as duas alas castelhanas, sete mil homens e dois mil ginetes?

Nada!

Sem mando superior, assistiam ao combate.

Alguns dos fidalgos que a compunham tinham vindo lançar-se no meio da peleja, nos sitios mais renhidos em combate.

Quando o mestre d'Alcantara se lembrou de vir atacar pela retaguarda os peões portuguezes, sahiu-lhe pela frente Nuno Alvares, que os animou, defendeu e os fez conservar firmes e ousados.

Era já tarde.

A vanguarda recuando estabelecera a desordem absoluta; misturara tudo: cavalleiros, peões, carros e bestas, n'uma desordem inextrincavel.

O desanimo foi tão prompto como a confiança e quem deu o exemplo foi o rei de Castella, que passando da mula em que estava montado para o cavallo do seu camareiro-mór Gonçalo de Mendoza fugia á redea solta, dizendo-lhe:

— Não voltes ao combate, Mendoza.

O mesmo lhe diziam os fidalgos que fugitivos partiam atraz do rei.

— Tudo está perdido, disse-lhe um d'elles, o que queres?

— Quero, respondeu o Mendoza, morrer combatendo, para que as mulheres de Guadalajara não me possam accusar de ter levado á morte os seus maridos e os seus filhos.

Voltando ao combate, alli morreu.

O rei caminhava, já longe, quando Vasco Martins, aquelle que fizera voto de o matar, ou ao menos em lhe pôr a mão no corpo, deu pela ida.

Mette a galope atraz do rei, sósinho e alcança o grupo fugitivo, a uma legua da batalha.

Temerario, metteu-se pelo grupo, em direcção ao rei.

Reconhecido, pela cruz de S. Jorge, da jaqueta, que era portuguez, os castelhanos alçaram das espadas e mataram-n'o.

Com a derrota dos ginetes do Mestre d'Alcantara a batalha ficou definitivamente perdida.

* * *

Então com a mesma desordem com que tinham iniciado o ataque, começaram a retirada.

As alas debandaram dispersamente.

Os combatentes fizeram-se fugitivos, cada um ia para seu lado: uns procurando e agarrando os animaes soltos e dispersos, montando-os e fugindo ao acaso; outros correndo a pé a esconderem-se pelos vallados; estes procurando as estradas, aquelles procurando os mattos.

Uma hora depois da batalha que pouco mais durou, se durou tanto, no vasto campo só havia portuguezes; uns que levantavam os feridos, outros que descansavam extenuados pelo chão; uns que remechiam e saqueavam as bagagens, outros que despojavam os mortos.

A mortandade, que fôra grande na batalha, foi ainda maior pelos campos.

Os castelhanos encontrados eram mortos pelo povo.

Fizeram-lhes caça em regra.

Cada homem se orgulhava de ter morto seis ou sete.

No termo de Alcobaça e logares em redor, calcula-se que mataram tantos de pé e de cavallo, quantos morreram no combate.

Grande ou pequeno não tinha protecção possivel dos proprios portuguezes.

Matavam-lh'o nas mãos.

Havia um odio intimo, uma raiva indomavel contra todos elles.

O perigo fôra imminente; o terror profundo.

Sahidos d'um pesadello, os portuguezes tinham a sêde cruel do exterminio, da vingança, do sangue dos malditos que por tantas vezes os tinham immolado, á sua ambição, talado as suas terras, assassinando os paes e as mães.

O odio latente achava aberta uma valvula, protegia-o uma victoria inacreditavel, saciava-se, matando, sem dó, sem remorso, sem piedade; antes com goso, com alegria, com prazer.

Nenhum escapou.

Homens e mulheres todos se esforçavam na caça.

Uma padeira d'Aljubarrota diz-se que, com a pá do forno, á sua parte matou sete.

Este furôr não respeitava nem os grandes, nem a vontade do proprio rei.

Aconteceu que depois da batalha, D. João I viu na sua frente um cavalleiro, sem capacete e que lhe pareceu conhecer, pela cabeça.

— Diogo, chamou o rei; mas o cavalleiro não deu pelo nome. Diogo, gritou mais forte o rei.

O cavalleiro voltou a cabeça e o rei viu que era realmente Diogo Alvares Pereira irmão de Nuno.

— Correu para elle, deitou-lhe as mãos ao peito e irado disse-lhe:

Oh! Diogo, estaes, aqui, vós?

Alguns homens tinham corrido ao rei, entre elles aquelle Egas Coelho que chegara com João Fernandes Pacheco, pela manhã.

— Que devia fazer-vos? continuou o rei; depois serenando disse: não, quero ser melhor amigo, para comvosco, do que o tendes sido para mim.

Voltou-se para Egas Coelho e disse-lhe:

— Guardae-o.

Entregando-lh'o continuou o caminho, rapidamente.

Com Egas Coelho tinham corrido alguns peões, como vimos; e logo que o rei se foi, começaram a murmurar:

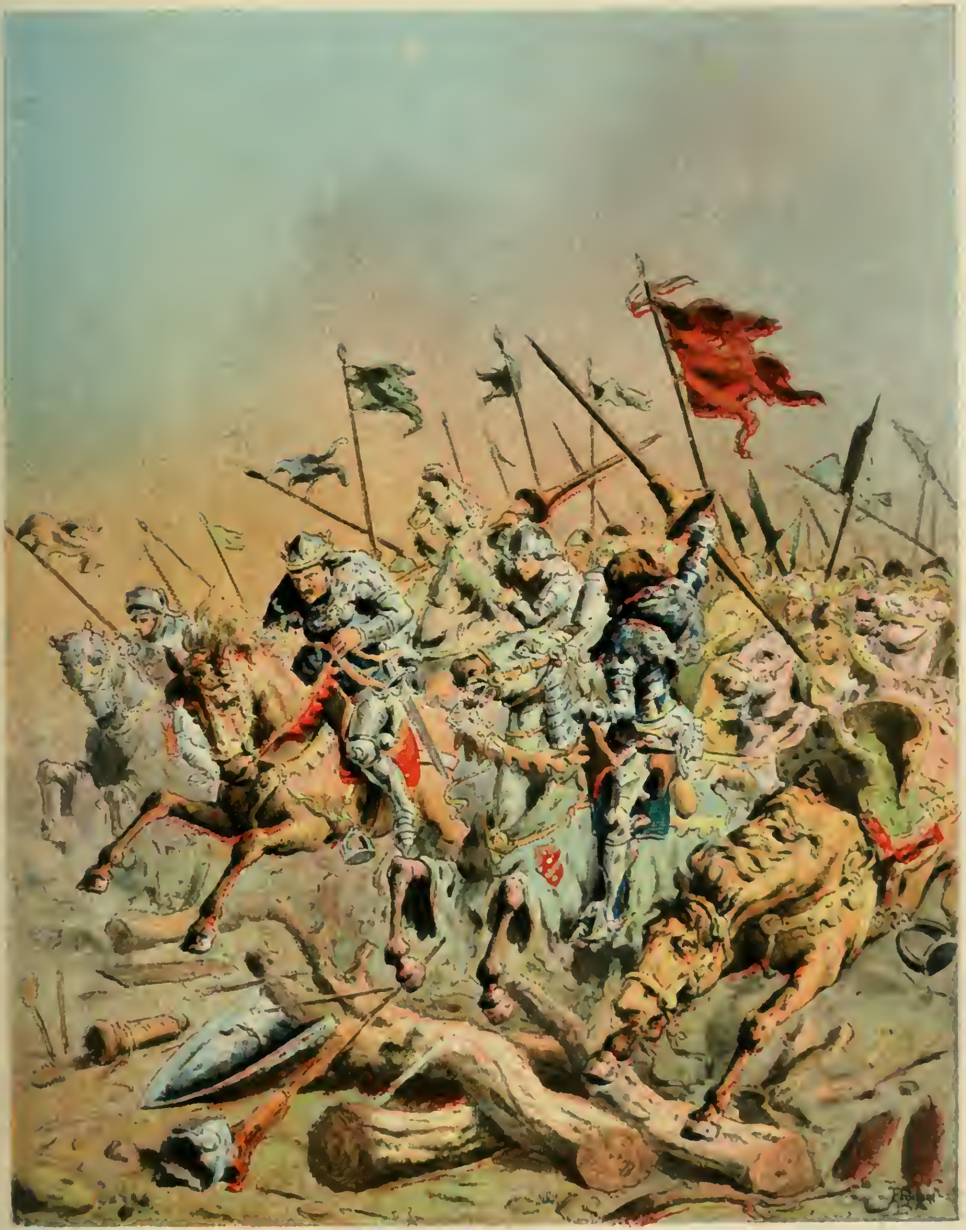
— E' melhor matal-o!

— Morra o traidor!

— Morra o hereje!

E, crescendo-lhes a furia, começaram a estoqueal-o e mataram-no, alli mesmo.

Quando o rei o soube teve pena; mas estava feito.



Aljubarrota.— Fuga do rei de Castella, perdida a batalha.

CAPITULO XC

Depois da batalha

A tarde era quente. O rei cançado do trabalho do dia recostara-se sobre um marco de pedra, perto do sitio onde estavam presos D. Pedro de Castro e Vasco Pires de Camões.

N'isto appareceu embrulhado na bandeira de Castella, Antão Vasques, cavalleiro. Quando chegou ao pé do rei poz-se a dançar e a dançar lh'a lançou aos pés dizendo:

— Tomae, senhor, essa bandeira, que é a do vosso maior inimigo.

El-rei sorriu-se e mandou-a guardar.

Então começaram a discutir quem a tinha tomado e Lourenço Martins d'Avellar sustentava que fora elle que a derrubara.

El-rei tinha mandado por um cavallo. Eis que chega o pagem com um, e com um escudeiro castelhano, preso, em cima de uma mula.

Este tinha posto ás vessas o fato para não ser conhecido.

Era rapaz de bom corpo e distincto.

O rei ao ver o estranho caso do prisioneiro e de quem o trazia preso, perguntou ao escudeiro:

— Como vos deixastes prender por uma creança?

— Senhor, respondeu o escudeiro; melhor é que me deixasse prender por uma creança, do que me matasse o melhor escudeiro da vossa hoste.

— Dizeis bem, disse o rei. Vou dar-vos maior honra do que quem vos prendeu.

Fel-o de novo cavalgar, o rei montou tambem no cavallo e seguidos de varios outros foram percorrer o campo dos mortos.

Andava a pionagem a revolvel-os, a despojal-os de todos os objectos de valor.

O rei com o escudeiro paravam-se aqui e alli, emquanto voltavam os corpos.

Em alguns reconhecendo um fidalgo da sua estimação o escudeiro castelhano apeava-se e rezava-lhe ao pé.

A's vezes corriam-lhe pela face as lagrimas.

— Esse quem é? perguntara o rei.

— Este é D. João, senhor da Galliza.

— E, aquelle?

D. Pedro, bisneto de el-rei d'Aragão.

— Est'outro?

— E' o almirante de Castella João Fernandes de Toar.

— Esse que está ao lado?

— E' Pero Gonçalves de Mendonza, mordomo-mór de el-rei D. João.

Assim passando, por entre os grupos dos mortos, reconheceram ainda: Pero Dias prior de S. João, Gonçalo Manique adeantado-mór, D. Gonçalo de Cordova, Pero Carrilho, marechal de Castella, José Godoy filho do mestre de Calatrava, João de La Hire, aquelle velho cavalleiro francez que viera em embaixada ao rei, Gonçalves de Sandoval, Diogo Gonçalves de Toledo, Gonçalo Affonso de Cervantes, Christovam Fernandes de Sevilha, João Affonso de Alcantara, Ayres Pires de Camões, João de Vellasco, João Duque, Ruy Vasques de Cordova e muitos outros que seria logo de innumerar.

Dos fidalgos portuguezes que vinham com os castelhanos encontravam-se: o altivo D. João Affonso Tello, D. Pedro e D. Diogo Alvares Pereira irmão do condestavel, Gonçalo Vasques d'Azevedo e o filho Alvaro, Garcia Gonçalves Taborda e João Gonçalves alcaide-mór de Obidos.

Prisioneiros tinham ficado D. Pedro de Castro filho do conde de Arrayolos, Vasco Pires de Camões e Pero Lopes de Ayala, o celebre chronista hespanhol. (1)

Dos nossos, o fidalgo de maior nome que lá morreu foi Vasco Martins de Mello, que seguindo o rei quando fugia, em virtude do voto que que fizera de o prender ou tocar, se metteu entre os fidalgos da comitiva em direcção a elle e foi morto pelos cavalleiros que o seguiam e o reconheceram pela cruz de Christo.

Não se pode calcular, em verdade, o numero dos mortos.

Devia ser grande, tanto pela consternação que houve em Castella, como porque só d'homens d'armas ficaram estendidos, no campo de batalha, dois mil e quinhentos.

---

(1) Pero d'Ayala nasceu em 1392. Entrou aos dezoito annos na vida publica. Foi alferes-mor de D. Henrique de Trastamara. Na batalha de Najera foi povo pelos inglezes e assim esteve, annos, em Londres. Resgatado foi feito chanceller e veiu assistir á batalha da Aljubarrota, onde ficou prisioneiro e se resgatou por trinta mil dobras. Foi poeta e chronista notavel. Fez as chronicas de D. Pedro I de Castella, D. Henrique II, D. João I e Henrique III.

Dos peões o numero foi muito superior; porque fugidos, sem tino, por pinhaes e mattos, os homens das villas e logares, começaram a dar-lhes caça como a féras e nem um escapou.

Dormiu El-Rei tres dias no campo da batalha, como era de lei, para que a victoria fosse confessada indiscutivel e ao terceiro dia, levantou o acampamento e foi caminho de Alcobaça.

As emanações fetidas dos cadaveres corrompiam o ar e grande numero de corvos começavam a pairar sobre o arraial, n'um antegoso de festim.

No sequito do rei eram levados os cadaveres dos fidalgos que tinham comprado com a vida a gloriosa batalha.

Foram enterrados na egreja do Mosteiro.

Os soldados e fidalgos iam carregados de espolios: armas, pratas, oiro, roupas, que tudo isto vinha em grande abundancia e do mais precioso, na bagagem do rei e dos fidalgos castelhanos.

El-Rei reservara, apenas para si um pedaço do Santo Lenho da capella do rei e o Condestavel um enorme caldeirão que deu ao convento, para a coşinha dos frades.

*
* *

A noticia da victoria encheu Lisboa de um alvoroço, tão grande como o panico e a anciedade que ahi reinavam nas vesperas da batalha.

Foi um delirio.

Quando chegaram, mandadas pelo rei, as bandeiras tomadas ao inimigo, vieram todos, em procissão, recebel-as, descalços, beijando a imagem de S. Jorge, o causador da victoria.

Prégou fr. Pedro de S. Francisco sobre o thema: Isto fez Deus e é a maravilha dos nossos olhos.

Decretaram tres procissões e encheram, por dias, as ruas de danças e de folias.

Portugal inteiro respirou, como desoppresso de um grande pezo e de um grande perigo.

Por toda a Europa correu a fama d'esta batalha e foi considerada como a maior, a mais extraordinaria, que até então tinha havido na Peninsula.

O nome do Condestavel, como o do heroe lendario corria o mundo!

No seu retiro de Tordesillas onde breve a iremos encontrar, Leonor Telles teve um accesso de alegria e pensou aproveitar mais uma vez em seu favor, a derrota do genro.

Aljubarrota ficou sendo para Castella um nome fatidico e o dia da batalha um dia de luto nacional!

Diz Schoeffer: A batalha de Aljubarrota foi a acção mais memoravel que se travou na Peninsula entre christãos. A superioridade incomparavel do exercito vencido, a mocidade dos dois chefes opposta a tantos guerreiros, anniquilados, experimentados por campanhas anteriores; os curtos instantes que bastaram para se decidir a acção, a grandeza do premio disputado, todas estas circumstancias auguravam á batalha de Aljubarrota o interesse da posteridade.

Tal foi na opinião de escriptores nacionaes e estrangeiros a gloriosa batalha, que as intrigas de Leonor Telles fizeram que se désse, para gloria do Condestavel, verdadeiro vencedor, pelo seu plano e tactica e fixamento da patria portugueza que pode dizer-se, ahi se fez.

Quasi dois seculos depois, é tão viva ainda a impressão de tal victoria, tão fundas lembranças conserva no animo popular, que dá a Camões a descripção magistral dos seus Luziadas.

Depois de descrever as audacias de Nuno Alvares, nas Côrtes de Coimbra, quando elle «arranca meia espada» jurando que só com ella e seus vassallos defenderá a terra da patria, o poeta continúa:

Das gentes populares, uns approvam
A guerra com que a patria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha,
Outros fazem vestidos de mil côres
Com letras e tenções dos seus amores.

Conta depois como D. João I, na lustrosa companhia dos seus vassallos sahe da fresca Abrantes.

Chegados ao campo da batalha diz como Alves Rodrigues de Vasconcellos tem a ala direita e na esquerda está por capitão Antão Vasques d'Almada.

E, descreve:

Estavam pelos muros, temerosos,
E, de um alegre mêdo, quasi frias,
Rezando, as mães, irmãs, damas, esposas
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias
Que com grito grandissimo as recebem
E todas grande duvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e tambôres;
Alferezes volteiam as bandeiras
Que variadas são, de muitas côres.
Era no sêcco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrêa o sol, no mez d'agosto
Bacho das uvas tira o dôce môsto.

Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, ingente, fero e temeroso:
Ouviu-o o monte Artabro; o Guadiana
Atraz tornou as aguas de medroso:
Ouviu-o Douro e a terra Transtagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso,
E, as mães que o som terribil escutaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Quantos rostos alli se vêem sem côr!
Que ao coração accode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temôr
He menor muitas vezes que o perigo:
E se o não é parece-o; que o furôr
De offender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que é perda grande e vara
Dos membros corporaes, da vida cara.

Começa-se a travar a incerta guerra:
De ambos os pontos se move a primeira ala
Uns leva a defensão da propria terra
Outros as esperanças de ganhal-a.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba e encontra e a terra, emfim, semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

Já pelo espesso ar os estidentes
Farpões, settas e varios tiros vôam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles sôam.
Espedaçam-se as lanças e as frequentes
Quedas c'o as duras armas tudo atroam,
Renascem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno que os apouca.

Notando que na primeira fila dos castelhanos, vão os irmãos de Nuno e muitos outros portuguezes, Camões exclama:

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem de portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompeu-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos oiteiros
De Ceuta 'stá o fortissimo leão
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão,
Perseguem-no c'o as lanças e elle iroso
Turvado um pouco está, mas não medroso.

Com tôrva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem.
Tal está o cavalleiro que a verdura
Tinge c'o sanque alheio. Alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentiu Joane a affronta que passava
Nuno, que, como sabio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida bôa fera e brava,
Que os filhos que no ninho sós estão
Sentiu que, emquanto pasto lhes buscara,
O pastor da Massylia lh'os furtára:

Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos, atrôa e abala,
Tal Joane, com outros recolhidos
Dos seus, correndo accode á primeira ala.

E correndo os anima de modo a recomporem-se e investirem de novo tão briosamente que:

A muitos mandam vêr o Estygio logo.

D'estes muitos, alguns são fidalgos, como o Mestre de S. Thiago, e o Mestre de Calatrava e os Pereiras.

O resto são plebeus.

N'este momento, a bandeira castelhana é derribada e o poeta exclama:

> Aqui a féra batalha se encruece
> Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
> A multidão de gente que recresce
> Tem as flôres da propria côr mudados.
> Já as costas dão e as vidas; já fallece
> O furôr e sobejam as lançadas;
> Já de Castella o rei desbaratado
> Se vê e desproposito mudado.
>
> O campo vae deixando ao vencedor
> Contente de lhe não deixar a vida:
> Seguem-no os que ficaram e o temôr
> Lhes dá, não pés, mas azas á fugida.
> Encobrem no profundo peito a dôr
> Da morte, da fazenda dispendida,
> Da mágua, da deshonra e triste nojo
> De vêr outrem triumphar do seu despôjo.
>
> Alguns vão maldizendo e blasfemando
> Do primeiro que guerra fez no mundo;
> Outros a sêde dura vão culpando
> Do peito cubiçoso e sitibundo.
> Que, por tomar o alheio, o miserando
> Povo aventura ás penas do profundo,
> Deixando tantas mães, tantas esposas,
> Sem filhos, sem maridos, desditosas!
>
> O vencedor Joane esteve os dias
> Costumados no campo, em grande gloria:
> Com offertas depois e romarias
> As graças deu a quem lhe deu victoria.

……………………………………………………

Camões concorreu tanto ou mais do que os chronistas para espalhar, mais tarde, a victoriosa batalha.

A fama do valor portuguez, pode dizer-se, porem, que tomou a deanteira á de todos os povos da peninsula iberica, mercê do grande ruido d'esta assignalada victoria.

Foi, pode dizer-se, tambem a primeira grande batalha campal entre principes christãos.

Ainda hoje o seu nome evoca nos portuguezes um sentimento de altivez e de orgulho.

CAPITULO XCI

El-Rei foge

E, para terminarmos, para vermos todas as consequencias do odio de Leonor Telles ao Mestre d'Aviz, sigamos o pobre rei D. João de Castella, na sua fuga precipitada, até Santarem.

Quando viu a batalha inclinada, em bem, para os portuguezes saltou da mula, montou no cavallo do Mendoza e abalou, seguido de varios fidalgos.

Abalou de roldão, abandonando tudo, fidalgos e peões, sem deixar uma ordem, sem nomear um chefe, sem marcar um itinerario a seguir, um ponto de reunião, nada.

Fugiu e fugiu cheio ainda de medo, como se lhe fossem no encalço as hostes do condestavel ou do rei.

Cançou o primeiro cavallo; deram-lhe outro e sempre a galope por montes e valles, chegou á noite a Santarem, quasi só, por que a maior parte dos que o acompanhavam tinham cançado ás bestas, pelo caminho.

Chegou á porta do castello, bateu e gritou que viessem abrir a El Rei.

Rodrigo Alvares de Santoio, que governava o castello, duvidando não quiz abrir, até que o rei de baixo lhe gritou:

— Abre; sou eu, sou eu.

Conhecendo-lhe a voz desceu a abrir-lhe a porta.

O rei entrou, com o rosto coberto, como trouxera pelo caminho, apeou-se e sentou-se n'um banco, a tremer com o frio da sezão, concentrado, lugubre.

Ninguem se atrevia a falar-lhe.

Assim esteve, por tempo, até que começou a queixar-se, afflicto e andando pela casa.

— Que máu rei e que sem ventura que eu sou! Mata-me aqui, dentro, já, que não tive a sorte de morrer com os meus!

N'isto, arrepellava-se, esbofeteava-se, chorando, encostando a cabeça contra a parede.

Depois, exclamava:

— Bons vassallos, que máu parceiro tivestes, que vos trouxe á morte e nem vos acudiu!

Porque me abandonaste, Senhor; porque me condemnaste ao desespero toda a minha vida?

De que valho agora? rei sem gente!

Voltou-se para os seus que o ouviam e viam mudos de espanto e de dôr e ia a cahir em syncope quando lhe acudiram e o agarraram.

Fizeram-n'o sentar.

Voltou a si.

Então Rodrigo Alvares perguntava-lhe, a animal-o:

— Porque desanimaes assim? é essa a coragem que nos daes? não ha mais gente em Castella? Socegae, socegae.

O rei replicava afflicto:

— Se eu tivesse perdido Castella e tivesse ficado com os meus vassallos, tel-a-hia outra vez; mas assim: os fidalgos morreram e eu perdi as duas coisas Portugal e Castella.

Pediu que lhe trouxessem um caldo; faltavam-lhe as forças.

N'isto, chegava Gomes Peres de Val de Ravanos alcaide da Alcaçova e vendo o rei assim, começou a dizer-lhe:

— Que desespero é esse, senhor?

Pois pensaes que isto que vos acontece agora, não aconteceu já a outros reis e senhores do mundo?

Não sois vós o primeiro.

— Eu o sei, eu o sei, exclamava o rei.

— Pois se o sabeis, continuou Gomes Peres, para que é essa excessiva dôr que vos não trará a vingança?

Um tão alto rei, como vós, a desejar a morte, quebra os corações e a vontade dos que o ouvem.

— Que má sorte, continuou o rei.

— Tomae exemplo em El-Rei vosso pae, replicava Gomes Peres, que tambem foi vencido e que nunca por isso perdeu a coragem e pelo contrario, trabalhou para vingar a sua deshonra e pelejou e venceu e conquistou o seu reino.

Tomae este exemplo e fazei vós o mesmo.

— Imaginaes que me daes conforto com essas razões? exclamou o rei

Umas coisas não são eguaes ás outras.

Sei bem que a muitos reis tem acontecido serem vencidos.

Mas como?

Meu pae foi vencido? foi; mas por quem?

Pelo principe de Galles, um grande senhor e guerreiro que venceu o rei de França.

Que gentes o venceram?

Os inglezes que são a melhor cavallaria do mundo.

Quem me venceu a mim?

O Mestre d'Aviz que nunca na sua vida fez coisa que se visse.

Que gentes me venceram?

Esses chamorros (nome que davam aos portuguezes por cortarem o cabello rente, na testa) que ainda que os tivesse todos na minha mão presos com cordas e os degolasse eu mesmo, não seria satisfeita a minha honra.

Não sou tão simples que não veja a differença que ha n'estas coisas, que parecem eguaes e que o não são.

Deixae-me, deixae-me.

E continuou a soluçar até que lhe trouxeram um caldo ou sopa.

O medo não deixára ainda o rei de Castella.

D'ahi a pouco poz-se a pensar que não estaria seguro, que poderiam vir por elle e mandou que lhe fossem preparar uma barca para ir para Lisboa.

Uma hora depois embarcava, com o rosto tapado, quatro tochas accesas, muito baixas, deante d'elle, ia Tejo abaixo.

Na terça feira, pela tarde, chegava a Lisboa, chegava á esquadra e mettia-se a bordo da náu de Pero Affan.

Esteve alli dois dias; ao terceiro metteu-se n'uma galé e foi para Sevilha.

Desembarcou, de noite.

Previra o alvorôço causado pela sua chegada e pela nova terrivel que trazia.

Não se enganou.

No outro dia de manhã logo que lhe souberam da chegada, foi um inferno.

Deante do paço, homens, mulheres, creanças, homens de classe elevada, senhoras das melhores familias, vieram fazer um ruido ensurdecedor de gritos, de lagrimas e prantos.

Cada um queria saber novas dos seus e ao sabel-as, tristes, como era natural rompiam em imprecações contra o rei, contra a sua desgraça, contra a sua sorte.

Este vozear permanente da multidão chorosa incommodava solemnemente o rei, não o deixava descançar e mais lhe avivava a memoria da catastrophe.

Sahiu de Sevilha n'essa noite e foi para Carmona, d'ahi a seis leguas.

No paço de Carmona, exerciam os mais humildes misteres alguns portuguezes, que tinham sido feitos prisioneiros na batalha naval em frente de Lisboa.

Uns d'elles varriam a sala aonde o rei devia descansar, quando este chegou.

Um escudeiro, ao vel-os no mister, adeantou-se e dando um coice, como diz o chronista, a que nós mais respeitadores da raça hespanhola, chamaremos um pontapé, no mais proximo, disse-lhes:

— E' varrer e de pressa, filhos da....

O rei interveiu:

— Deixae-os e não os maltrateis, porque os portuguezes são bons e leaes.

Quantos foram commigo eu os vi combater e morrer deante de mim e os meus me roubaram a corôa da cabeça.

Calaram-se todos. No outro dia El-Rei mandou que os soltassem e assim se fez.

Vestiu-se de preto o rei, e mandou que fossem pretos os pannos da mesa, da cama, crendo-se o mais desgraçado de todos os reis, que tinham existido antes d'elle.

A todos que se chegavam a elle e que tinham parentes de que não havia ainda noticia certa, recebia com o maior agrado e com elles se carpia e tomava alento, para futuras emprezas.

As más novas correm depressa e assim não tardou que a Valladolid chegasse a nova do terrivel desastre.

Quando a rainha o soube, cahiu no chão sem sentidos e as damas que havia um mez resavam todos os dias pela boa sorte das armas castelhanas, desandaram n'um berreiro ensurdecedor.

Correu a noticia a villa inteira, que se encheu de lamentos e de pragas.

Mais pragas do que lamentos, porque a raiva era n'esse momento maior do que o desgosto.

Os emissarios que seguiam adeante o rei, ainda mal senhores de si pela serie dos acontecimentos, receiosos tambem ou envergonhados, não contavam toda a crueldade do desastre.

Alguns fugitivos que a cavallo tinham atravessado a Beira, chegaram, antes do rei.

Como não soubessem o destino que elle tivera, começaram alguns a fazer suspeitar que tivesse morrido, pela confusão das informações.

No povo, houve alguem que começou a espalhar a sua morte.

Não obstante os correios affirmarem o contrario, o povo acredita sempre o que quer, o que á sua exaltada imaginação mais lhe agrada acreditar.

Bastou que um dissesse:

— O rei morreu!

A turba começou a gritar em altas vozes:

— O rei morreu!

O rei morreu ás mãos dos portuguezes! Ora a rainha era portugueza e esta casualidade levantou no espirito popular a idéa de vingança.

Começaram a ouvir-se gritos:

— Fóra a rainha! morra!

A multidão engrossou nas ruas e começou a dirigir-se ameaçadora para o paço.

A pobre D. Beatriz, que no meio das suas damas se entregava, chorando, a scenas de desolação, soltando queixumes, foi distrahida pelo ruido crescente da praça.

Um dos officiaes do palacio correu a uma janella e viu a attitude aggressiva da multidão.

Centenas de populares armados de lanças, chuços e pedras approximava-se.

Guiava-os um mau pensamento, que era facil de adivinhar na attitude em que vinham.

Correu abaixo e mandou fechar as portas immediatamente, sem nada dizer á rainha.

Os gritos, porém, redobravam e alguns vidros de uma das janellas do salão, onde a rainha estava, voaram em estilhaços.

As damas assustadas correram a outra sala levando a rainha meia desmaiada.

Alguns creados mandados a armarem-se pelo official que primeiro dera pelo motim, vestiam á pressa as armaduras.

No emtanto o ataque ao paço ia iniciar-se, indubitavelmente.

Os populares depois de arrojarem pedras, dirigiram-se ás portas.

Ouviam-se sem interrupção os gritos de:

— Morra a portugueza! morra a rainha!

Algumas mulheres berravam furiosas entre a populaça, instigando-a, embravecendo-a.

Subiam já alguns populares os degraus das portas, promptos a despedaçal-as a machado, quando de uma das ruas lateraes, um cavalleiro armado de cótta, seguido de um grupo de homens d'armas, appareceu, montado n'um forte cavallo, brandindo uma espada.

Era D. João Tenorio, arcebispo de Toledo.

Chegara ao paço, onde vivia, a nova do motim.

O arcebispo chegou a uma das janellas e viu a corrente do povo que se dirigia para os lados do palacio real.

Percebeu, n'um momento, o perigo da situação.

Gritou a um escudeiro que mandasse armar os homens d'armas da sua comitiva que estivessem no paço, vestiu com a maior pressa a cótta d'armas, desceu e cavalgando, á testa de uns vinte cavalleiros, dirigiu-se ao paço da rainha.

Chegou no bom momento, no momento em que das palavras iria passar-se ás obras.

No paço havia uma consternação funda.

Quasi abandonada a rainha no meio das suas damas, perguntava:

— O que quer essa gente?

Não lh'o diziam; mas a pobre D. Beatriz adivinhava-o, nos gritos que de vez em quando lhe chegavam aos ouvidos.

Por entre o vozear da multidão, mais uma vez julgara ouvir:

— Morra a portugueza!

Um grupo mais decidido, mais exaltado, armado de lanças e machados, correu para a porta principal.

Correu-lhe ao encontro o arcebispo, gritando-lhe:

— Amigos, pacificae-vos; por Deus não queiraes juntar a uma derrota um crime repugnante!

A multidão acuou.

— Ninguem sabe se o rei é vivo se morto. Se é vivo e preso, por sua mulher, melhor se conseguirá a sua liberdade; se é morto, teremos tempo de pensar o que se ha de fazer, com a sua morte.

Poude o arcebispo socegar os amotinados e salvar a rainha.

O rei chegara d'aqui a pouco a Valladolid. Alli tinham chegado, antes d'elle, varios fidalgos, avisados de que iam reunir-se, já, as côrtes, que El-Rei queria que fossem as mais proximas que fosse possivel.

Devia ser commovente a scena entre o rei e a rainha D. Beatriz. A chronica não a menciona, julguemol-a nós que conhecemos já os caracteres.

* * *

CAPITULO XCII

Valverde

Tendo assistido á batalha de *Aljubarrota* a mais gloriosa tida entre portuguezes e castelhanos, batalha homerica que teve por causa primeira, como vimos, o odio de Leonor Telles, ao Mestre d'Aviz, odio que lhe veio da morte do conde Andeiro, e que a levou a entregar o reino ao genro na ancia de vingar-se, assistimos á mais alta scena das que temos contado n'esta narrativa historica.

A' mais alta scena de guerra, porque das que relatamos filhas de sentimentos affectuosos e de intrigas cortezãs, a seu modo, em suas consequencias, algumas se se lhe não avantajam, decerto a egualam.

O amor, ou melhor, o ciume levaram a intriga cortezã, intima, a expandir-se, a chegar fóra do reino e a trazer como consequencia, uma modificação na vida dos portuguezes, na successão do seu throno, muito diversa, naturalmente, da que deveria ter sido.

Um bastardo occupou o throno em que nunca pensara, até á revolução burgueza feita por Alvaro Paes e um heroe da raça brava dos Cid, consolída pelas suas victorias, que mais antigas teriam entrado no dominio das lendas, esse throno.

Dos tres, D. João I, João das Regras e Nuno Alvares Pereira, o menos dotado é o rei.

O maior, o extraordinario, é esse rapaz que foge de casa ainda quasi imberbe, para vir combater ao lado do então simples Mestre d'Aviz e cuja espada e cujo coração tem a grandeza épica dos semi-deuses.

Não descança nunca, o bravo; não pára, como se a sua vida se alimentasse antes dos cuidados e perigos dos combates do que das regalias da paz.

Batalha vencida, batalha empenhada.

Fronteiro do Alemtejo sabe que os castelhanos, alguns, fazem correrias na fronteira.

Isto lhe basta para pretexto de invadir Castella e dar uma licção mais aos castelhanos. Reune os seus homens, diz-lhes a sua intenção e todos o seguem com aquella confiança, que é já cega, tão desproporcionaes são as emprezas para o numero dos commettentes.

Sabem os castelhanos a intenção do condestavel e resolvem esmagal-o.

Juntam-se o conde de Niebla, o conde de Medina, o mestre de Santiago, o mestre d'Alcantara Martim Soares de Barbuda, portuguez; o mestre de Calatrava, outros grandes fidalgos e os vinte e quatro de Sevilha, reunem suas gentes e veem esperal-o.

Com fanfarronadas começavam os hespanhoes a contar da victoria que ainda não tinham, de modo que um escudeiro, que os ouvia, disse-lhes um dia:

— Pois veremos o que fareis, agora.

— Porque dizes isso? perguntou-lhe um dos fidalgos.

— Porque andaes sempre a dizer, que tendes muita pena de não terdes estado em Aljubarrota, porque outra seria a sorte da batalha e ides agora encontrar-vos com o seu grande general.

— Vol-o-hemos.

— Pois veremos; mas sempre vos posso dizer que haveis de ter que fazer.

— E' então invencivel? perguntou despeitado o mestre d'Alcantara.

— Não sei, volveu o escudeiro; mas acautelae-vos.

— Porque dizes taes coisas? interrogou um outro.

— Conhecel-o? indagou um terceiro.

— Muito bem.

— De d'onde?

— De Aljubarrota. Estive lá com Fernão Peres, filho de Pero Gonçalves, que ia na vanguarda e que encontrou na frente o tal D. Nuno. Sabeis que eramos dez vezes mais? vinte? cem vezes? ou tal parecia? Pois ninguem foi capaz de os fazer recuar um passo.

— Pois graças a Deus, disse o conde de Niebla, que o vamos ter deante de nós; e pena é que não esteja tambem o tal Mestre d'Aviz, porque haviam de pagar ambos o desgosto que deram a El-Rei Nosso Senhor.

N'estas boas disposições, estes valentes fidalgos, preparavam-se para obstar á entrada de Nuno Alvares.

Este á testa de mil lanças dois mil peões e um punhado de besteiros entrou pela fronteira de Badajoz.

Chegou a Villa Garcia, doze leguas da fronteira e appareceu-lhe Martim Sanches da Barbuda, mestre d'Alcantara, mas não ousou combater e refugiou-se n'uma serra proxima.

D. Nuno tomou posse do castello abandonado.

Em Villa Garcia chegou um trombeta, com um recado dos inimigos.

Trazia, na mão, um molho de varas e joelhando deante do condestavel que se sentara começou assim:

— Senhor condestavel, o Mestre de Santiago, D. Pedro Muñoz meu senhor, sabendo que andaes por suas terras e lhes fazeis muito mal, vos manda desafiar e vos manda esta vara.

E deu-lhe uma das varas que o condestavel acceitou, com a mão direita e passou para a esquerda, prevendo já que tinha de acceitar todas as outras.

O trombeta continuou:

— Senhor, o conde de Niebla, D. João Affonso de Gusmão, ouvindo dizer que andaes na terra de el-rei, roubando e destruindo como não deveis, vos manda desafiar e vos manda esta vara.

Segunda, terceira, todas as varas passaram, assim, da mão do trombeta para a mão do condestavel, depois de publicado o desafio de cada um dos senhores, tantos como as varas.

Recebida a ultima, o condestavel, disse para o mensageiro:

— Sêde bemvindo com taes novas. Nenhuma outra me seria mais agradavel do que a de saber que o vosso proprio rei me desafiava.

Dizei a esses senhores que recebi os presentes e que em breve os hei-de castigar com elles.

A nova foi agradavel, dai cem dobras ao emissario.

Deram-lh'as e foi-se com a resposta.

Levantado o arraial passou, internando-se, duas leguas acima de Merida, n'um sitio, ou logar, chamado Valverde.

Seguia-o o exercito castelhano, avaliado em trinta mil homens.

Ao passar o Guadiana, os castelhanos tentaram desbaratal-o, ahi, collocando-o entre o rio e o exercito.

Nuno Alvares rompeu por entre os castelhanos e depois de uma audaz passagem, forma o seu exercito, na ordem do costume, do lado opposto e desaloja d'ahi as tropas que se lhe antepôem.

Estas refugiam-se pelos outeiros proximos.

⁂

Um a um, o Condestavel subia os cabeços sacudindo d'elles os castelhanos, tão bastos como a herva dos campos.

De repente, repara que a rectaguarda corre grande perigo. Vae a ella, anima-a, com a voz, com a presença, com a espada.

Salva, volta á vanguarda e continúa a combater denodadamente. De novo volta a soccorrer a rectaguarda, mais uma vez em perigo, e, liberta, corre á vanguarda que combate com todo o valor a cavallaria inimiga.

Mas o valor, a coragem, a furia indomavel não bastam.

Os inimigos multiplicam-se, crescem sempre, uma barreira viva, os cerca, os aperta, os dizima.

Ha um momento de panico, no pequeno exercito; faltam as forças, os castelhanos combatem com vontade, renovando-se, frescos e poupados.

Alguns soldados, pelo cançaso, sentaram-se.

Os que combatem, sentindo por tempo a falta do Condestavel olham por toda a parte e não o vêem.

Torna-os uma afflicção. Que será feito d'elle?

Aonde não estivesse o condestavel o ataque era sempre maior. Assim estava sendo. Não o viam e a sua ala era crivada de settas e de virotões.

Caso estranho, desapparecer o Condestavel, no meio da peleja, no mais acceso do combate, quando mais era preciso o seu esforço e conselho?

Onde estaria?

Accentuava-se o desanimo; um pouco mais de abandono e viria o medo, a falta de confiança, a certeza da lucta impossivel, o desbarato.

Então, Ruy Gonçalves, escudeiro, começou a procural-o fóra da batalha depois de se certificar que não estava n'ella.

Circumdando uns penedos que estavam á direita da hoste, viu-o estar de joelhos, de mãos postas, a rezar!

Ao pé o pagem da mula com a cabeça inclinada, a lança e o escudo na mão.

Ruy Gonçalves, mal que o viu, correu direito a elle.

— Senhor, vinde que nos fazem o maior mal possivel e estamos prestes a perder a batalha.

O Condestavel voltou para o escudeiro o rosto, muito mansamente e respondeu-lhe com a maior serenidade:

— Ruy Gonçalves, amigo, ainda não é tempo; esperae um pouco, deixae-me acabar de orar!

Affastou-se um pouco para o lado o escudeiro, maravilhado da situação.

N'isto chega a correr Gonçalo Ennes de Castello de Vide e dirige-se ao Condestavel:

— Senhor, vinde; deixae de rezar, por agora, e mandae seguir a vossa bandeira, porque estamos muitos feridos e mortos e não podemos aguentar-nos mais tempo.

O Condestavel não respondeu coisa alguma. De mãos erguidas, como suspenso na oração, ficou-se quedo e alheio.

Todos se calaram.

De repente o Condestavel ergueu-se, com o rosto alegre. Vamos, disse, e caminhou para a sua vanguarda, bandeira erguida.

Ao vel o os seus romperam em gritos de alegria.

— Diogo Gil, disse elle para o seu alferes, amigo, vês tu aquella bandeira, no topo d'aquelle monte?

— Sim, meu senhor.

— E' a do Mestre de Santiago.

— Bem vejo, respondeu o alferes.

— Bem, vamos pôr a nossa no sitio onde aquella está.

— Com toda a alma, senhor.

— Então o Condestavel virou-se para a hoste:

— Agora, amigos, para deante! Um contra quatro!

Como uma avalanche a pequena hoste desceu a encosta onde estava, atravessou o valle, e começou a subir o cabeço onde se erguia a bandeira do Mestre de Santiago.

Unidos, de lanças em riste, a pé, em carga cerrada, os portuguezes receberam o Mestre de Santiago e muitos dos seus que vieram, descendo, obstar-lhe á subida.

Como sempre a furia castelhana, quebrava-se contra os ferros das lanças e os estoques da hoste de D. Nuno, que á frente a cada accommettida, vibrando a espada, derrubando um e dois, exclamava: amigos, para deante!

Cahiu morto o cavallo do Mestre de Santiago, arrastando o cavalleiro. Nem se poude erguer; uma lançada o matou. Cortaram-lhe a cabeça que um soldado ergueu no topo da lança.

Um grito de alegria sahiu do peito dos bravos soldados que, cheios da maior confiança, levavam deante das lanças tudo o que se oppunha á sua passagem, cavallos e homens. O cabeço foi tomado.

Os castelhanos começaram a fugir pelas encostas a baixo já tomados por aquelle panico que o Condestavel fazia apparecer nas suas investidas de leão invencivel.

Aos outros, senhores, que ainda não tinham pelejado correu um escudeiro do conde de Niebla, a dizer:

— Senhores, que fazeis? Acautelae-vos que o Mestre de Santiago é morto e quantos valentes estavam com elle.

— Não, disse o Mestre de Alcantara iremos attacal-os, uns por um lado e outros por outro. São poucos e estão cançados, desbaratal-os-hemos.

E, sem mais reflexão, com os seus correu a atacar a carriagem (que sabemos ser o comboio de viveres e aprestos de guerra.)

O conde de Niebla e os restantes não estiveram pelo ajuste e começaram a retirar-se, manhosamente.

O Mestre de Alcantara foi repellido ao primeiro ataque e não voltou.

Quando o Condestavel percebeu que os inimigos se retiravam, mandou perseguil-os e elle mesmo os acossou até uma legua distante.

Cahia a noite. Cheio de alegria, o Condestavel voltou ao arraial e acampou proximo de Valverde onde procurou poisada para a noite.

No outro dia voltou para Portugal; dois dias depois estava em Elvas, dezoito depois de ter partido, com grande quantidade de gados e prisioneiros.

A força moral dos portuguezes era já a grande arma.

O terror da derrota de Aljubarrota, diz Schoeffer, pezava ainda sobre os castelhanos e paralisava-lhes os movimentos, emquanto a esse nome, cheio de confiança e de orgulho, o portuguez brandia as armas desafogadamente.

Loiros immortaes pertencem ao vencedor de Valverde.

Antes que o reino de Castella se podesse recobrar do golpe de Aljubarrota, segundo golpe o feriu, que se fez correr menos sangue do que o primeiro, não actuou menos dolorosamente no espirito publico.

Valverde sôa tão tristemente aos ouvidos dos castelhanos e é invocado com tanto orgulho pelos portuguezes, como Aljubarrota.

❧

CAPITULO XCIII

Homenagens

Contando, para fixar, melhormente, o valor e o feitio heroico do moço Condestavel, o prelio de Valverde, fazemos d'elle o ultimo episodio guerreiro circumstanciado da nossa narrativa.

Vamos dizer, rapidamente, como se chegou ao final d'esta guerra de independencia, se conseguiu a paz e ficou governando placidamente o seu reino D. João I, que a historia alcunha o — de boa memoria.

Então voltaremos a Leonor Telles e contaremos o seu fim.

* * *

Como é de prever, depois da batalha de Aljubarrota, grande numero de alcaides vieram prestar homenagem ao Rei e entregar as villas correspondentes.

Algumas que se não entregaram foram tomadas.

Fizeram-se novas invasões, em Castella.

N'este momento, chegou a Portugal um cavalleiro inglez portador de uma carta do duque de Lencastre, annunciando ao rei a sua proxima visita á peninsula, para sustentar os direitos da sua mulher á corôa de Castella, e pedindo ao rei que lhe enviasse navios de transporte.

D'isso tratou D. João I e fez partir do porto de Lisboa para a Inglaterra seis navios e doze galés, commandadas por Affonso Furtado.

Isto passava-se em 1386.

Que bellos tempos esses em que nós forneciamos navios de transporte á Inglaterra!

No emtanto tomava-se Chaves, Bragança rendia-se, assaltava-se e vencia-se Almeida.

Poz-se cêrco a Ceia; mas o condestavel que era inimigo de cêrcos dos que tinha a opinião que nada adeantavam e faziam perder homens e tempo, depois de expôr, com a maior publicidade a sua opinião, o que fez? Quando foi do assalto, não interveiu e deixou-se ficar socegadamente, vendo, com a sua hoste em repoiso.

O assalto foi repellido.

O rei não poude conter o despeito que lhe causou a inercia do seu amigo e queixou-se.

Mas não ousou accusar directamente o seu irmão d'armas querido e limitou-se a dizer para os seus:

— Que falta que nos fizeram hoje os cavalleiros da Tavola Redonda!

Ao que Mem Rodrigo de Vasconcellos, aquelle que commandou a gloriosa e heroica Ala dos Namorados, respondeu:

— Não me parece que tenhaes razão de queixa.

Aqui temos nós Martim Vasques da Cunha que vale bem Galaad; Gonçalo Vasques Coutinho que pede meças a Tristram e João Fernandes Pacheco que excede Lancelot. Por mim, creio que posso competir com o bom cavalleiro Key.

Não nos faltaram cavalleiros, continuou Mem Rodrigues com desassombro, quem nos faltou parece-me que foi o rei Arthur!

O rei levou o caso a rir, em vista de tão peremptoria resposta e replicou:

— Quando disse que faltavam os cavalleiros, não me esqueci do rei que era cavalleiro como elles.

O rei levantou o cêrco.

No emtanto, o duque de Lencastre aportava á Corunha, com duas mil lanças, tres mil besteiros e muita peonagem.

Os embaixadores que ao rei vieram, noticiaram que rejeitadas as pretençães do duque em Castella, elle invadira a Galliza, onde muitos fidalgos pelo medo das suas armas, se lhe tinham sujeitado.

Mandou chamar Nuno Alvares ao Alemtejo e todos os seus fidalgos e aprazou conferencia com o duque, em Ponte de Mouro, entre Melgaço e Monção.

Esse encontro realisou-se na grande tenda que pertencera a D. João I de Castella e fora tomada em Aljubarrota.

D'ahi nasceu a alliança nova, offensiva e defensiva contra Castella.

D. João I casára com D. Filippa, segunda filha do conde.

Isto passava-se em julho.

Em março entraram os dois alliados por Castella.

D'ahi se foram a assolar Benavente, Roales e Valdeves, Villa Lobos e outras terras.

N'esta altura, convencionou-se que o duque iria a Inglaterra buscar mais forças.

Voltaram para Portugal.

O rei para uma romaria para Nossa Senhora do Olival; o condestavel para a sua fronteira e o duque para Coimbra onde estava a filha.

Ahi o procuraram os mensageiros do rei de Castella e lhe propuzeram um tratado de tal modo vantajoso que o duque acceitou.

O duque partiu embarcado n'uma esquadra que o esperava no rio Douro.

D. João I, mais livre de guerras, dedicou-se á administração interna do paiz.

Então vieram para elle muitos fidalgos que andavam por Castella e entre elles aquelle brioso e ousado D. Diniz que recusára beijar a mão a D. Fernando, quando fora do casamento, no mosteiro de Leça do Bailio.

Receioso d'elle, D. João I, mandou-o com uma missão a Inglaterra, com o proposito de o afastar do paiz.

Era um inquieto.

D. João temeu-o e por este modo habil quiz afastal-o dos negocios de Portugal.

O principe foi; mas ao chegar perto de Inglaterra começou a duvidar da lealdade do rei e a pensar se elle o quereria mandar, secretamente, matar, em Inglaterra.

Com este receio, mandou virar de bordo e dirigia-se novamente a Portugal quando foi assaltado por uns navios flamengos que o aprisionaram.

Sabendo, estes, que o prisioneiro era irmão do rei de Portugal, exigiram pelo seu resgate cem mil francos.

D. João recusou-se a pagal-os, dizendo que se elle soffrera esta desfeita por desobedecer ás suas ordens, que não era culpado do que lhe tinha acontecido.

Depois de longo captiveiro, vendo os flamengos que nada aproveitavam com a prisão, soltaram-no.

Solto, voltou novamente para Castella, onde, de novo, se collocou ao lado de D. João, contra Portugal.

A sorte da aventurosa vida d'este principe e de seu irmão parece que fazia cahir sobre a cabeça dos filhos da malfadada Ignez, a desgraça da mãe.

A guerra continúa.

Para offerecer á Rainha, que estava em Coimbra, o espectaculo de um cêrco e de uma victoria, D. João I mandou-a buscar para o arraial, em frente de Melgaço.

Mas os da villa defenderam-se como homens e o rei mais uma vez fez fiasco, como já fizera em Alemquer, em Obidos, em quasi todos os cêrcos que fez.

Quando não estava o condestavel o nosso glorioso rei não ia longe.

Em Aljubarrota mesmo, em que mostrou valentia (e não é para admirar porque os ultimos peões a mostraram, em combate de vida ou de morte) alli mesmo, se não é o Macedo que o escoltava e o salva das mãos do Sandoval não tinha sahido do campo.

E' este o unico combate, a valer, em que entrou e de que sahe milagrosamente.

Em politica não era nem mais decidido nem mais arrojado.

Para matar o Andeiro foi quasi levado pelo medo de uma denuncia a Leonor Telles: foi este que o decidiu, como vimos.

Para se deixar acclamar regente e defensor foi preciso agarral-o, para não fugir para Inglaterra.

Preso com Gonçalo Vasques d'Azevedo, por ordem da rainha, passou a noite a chorar a sua sorte.

Para ir a Aljubarrota foi empurrado pelo condestavel; para pôr a corôa na cabeça foi preciso que lh'a encaixasse João das Regras.

Assim, no final d'esta historia, chega-se á conclusão de que o Mestre d'Aviz foi um d'aquelles homens felizes para quem o destino abriu todos os seus sorrisos.

Por elle só, não teria sido coisa alguma, porque até para começo de vida foi preciso que Alvaro Paes lhe fizesse a revolução.

⁂

Tomada Melgaço, por capitulação, dirigiu-se a Monção que tomou pela mesma maneira, note-se, e voltou a Lisboa a reunir côrtes.

O rei de Castella lá andava a angariar a alliança de França que obteve; mas esta nação não poude soccorrel-o logo, como elle queria, por andar em guerra com os inglezes.

Quando o soccorro veiu foi tarde.

O rei deu uma queda desastrosa de um cavallo e d'ella morreu.

Fez se o tratado de paz.

Como o filho Henrique III, ou melhor os seus ministros, era menor o rei, não cumpriam as clausulas, o rei tomou, por traição, Badajoz e fez valer a tomadia, perante o castelhano.

O rei não quiz ouvir explicações e entrou em guerra.

Então o condestavel entrou em Castella mais uma vez, assolando tudo.

D. João mette-se em brios e quer invadir a Galliza.

Junta quatro a cinco mil homens e quando tenta passar o rio Minho, que ia caudaloso, de tal modo o faz que morrem, n'uma noite, quinhentos homens afogados.

Não desanimou e foi cercar Tuy que não tomou; mas capitulou.

N'isto entra pela Beira, á testa de numeroso exercito, quem?

D. Diniz o segundo filho de Ignez, acclamando-se rei de Portugal, por concessão de D. Beatriz, do throno portuguez.

O condestavel sae-lhe ao caminho e os fidalgos que o acompanhavam, não esquecidos de Aljubarrota, acharam mais prudente, voltar para traz.

Foi a ultima proeza d'este infante, que sahiu de Portugal, entre apupos, pela ultima vez.

Depois de varias peripecias, de escaramuças, n'um e n'outro ponto a paz foi, definitivamente, assignada.

El-Rei D. João podia pôr a sua corôa na cabeça com toda a tranquillidade.

Casado com D. Filippa de Lencastre, grave e fria senhora filha de uma raça ponderada e ferozmente honesta, quando o é — porque quando o não é a penna não póde bosquejar, sequer, os meandros em que se encharca — o seu heroico condestavel ao lado, prompto a arrancar da espada, o seu grão doutor João das Regras prompto a aplanar-lhe os pleitos, cercado de fidalgos dedicados, creada a sua côrte á moda ingleza, D. João I começou, realmente, a reinar feliz e contente.

Pois que assim está e vae, deixemol-o ir e despeçâmo-nos d'elle, por agora.

Voltemos, emfim, ao encontro de Leonor Telles a quem deixámos no caminho de Tordesillas, escrevendo cartas á pressa aos parciaes de maior confiança, para que a viessem soltar, no caminho.

As cartas chegaram tarde aos seus destinos e a orgulhosa rainha teve de parar junto ao portal do convento sem outra novidade na sua marcha.

* * *

CAPITULO XCIV

Chegada a Tordesillas

Vieram recebel-a, a abbadessa e as freiras, com todo o cerimonial que competia á sua alta gerarchia.

A rainha subiu com aspecto turvo os degráus da portaria do afamado e amplo convento de la Mercêd.

Envolta nos seus trajes de luto, a brancura da sua pelle mais realçava a formosura do seu rosto, impregnado de uma tristeza profunda.

— Bem vinda sejaes, senhora, a esta nossa casa, dissera-lhe a abbadessa em cumprimento de recepção.

— Pouca felicidade vos trarei, dona abbadessa, replicou a rainha, porque venho contra vontade, e estas casas só devem ser habitadas, por aquellas a quem uma intima vocação e um fundo desejo aqui conduza.

Senhora, replicou a abbadessa, é possivel que não venhaes ainda na disposição de viver entre nós, no resguardo e no retiro da nossa vida. Pedirei a Deus, que, tantas vezes, ouve as nossas preces que depressa vos affaça á tranquillidade feliz do nosso viver.

— Pedir-lhe-heis um impossivel, boa madre.

— Talvez não, senhora. Aqui morrem, porque se esqueceu todas as vaidades do mundo, as suas illusões e as suas nupcias.

Aqui se vive em paz; aqui e só aqui se pode encontrar a paz do espirito, o que quer dizer a maior felicidade do Terra. Deus vos soccorrerá.

— Talvez assim seja, replicou Leonor Telles; mas tenho para mim que difficil me será encontrar essa paz e essa tranquillidade. Offenderam-me gravemente corpo e alma e a memoria d'essas offensas parece-me não poder apagal-a, nunca, com orações e com praticas de caridade.

— Assim o acreditaes, agora; d'hoje a um mez não pensareis assim, espero em Deus.

Assim conversando atravessavam os largos corredores do mosteiro.

No angulo de um longo corredor, que semelhava uma rua, ladeado de innumeras portas, com o seu numero no alto, a abbadessa parou.

— Eis aqui os vossos apozentos disse para a rainha. Não serão nem tão bellos, nem tão alegres, como os dos vossos paços, espero que vos hão de agradar.

— Quaesquer me agradam, observou Leonor Telles.

— Constavam de uma ampla sala de entrada, caiada, com uma elegante abobada, de um quarto de dormir, de um oratorio e demais dois quartos amplos, para as creadas da rainha.

Feita a entrega a abbadessa retirou-se.

Era uma pobre e boa velhinha, de raça fidalga, que para alli entrara havia bem cincoenta annos, desilludida do mundo, infeliz e desprezada em seus amores terrenos.

A sua conformação, a santidade da vida, a simplicidade e singeleza dos costumes, a bondade extrema do coração, tinham-lhe grangeado o amor de toda a communidade e o respeito da cidade inteira.

Sorôr Maria do Ceu, era um exemplo vivo de santidade em todo o logar de Tordezillas, em todos os conventos, no que a cidade abundava.

Recebera ordem do rei para hospedar Leonor Telles e procurara ser-lhe o mais amavel possivel.

Bem sabia ella a historia inteira da vida da heroina; mas o amor de todos sobrelevava n'ella a quaesquer considerações.

Comprehendendo que quanto maior é a perda, maior é a dor do cahido, resolveu de si para si, amenizar quanto perdesse a vida da desditosa rainha.

Procurou-lhe os melhores apozentos. As janellas davam para os campos e para os jardins do claustro, as casas eram amplas.

Não havia melhor, no convento. A regra não permittia grandes luxos de ornamentação. A casa da rainha se não era seu palacio não tinha tambem a estreiteza vulgar das cellas, compridas e abobadadas, com uma pequena janella gradeada ao fundo.

De mais, a ordem que o rei mandara dizia que a tratasse, a abbadessa, com respeito; mas com rigor.

Logo que entraram as duas, Leonor Telles e Beatriz de Castro para os seus novos apozentos — o leitor não se esquecera de que a formosa Beatriz a acompanhava — entravam duas creadas que a superiora lhe mandava para seu serviço e que ficavam residindo com ellas.

Trazia, uma especie de bandeja de verga coberta com alvos pannos rendados e a outra, um pequeno cesto, tambem coberto.

A abbadessa, gentilmente, em vista do estado de cançaço em que deviam estar, lhes mandava de comer e de beber.

Atraz, com pequeno intervallo, chegavam as malas, os bahús chapeados, a bagagem que as mulas tinham conduzido e que de perto as seguia, na viagem.

Rainha e dama se recolheram ao quarto que fôra destinado para dormir e mudando de fatos, feitas as abluções necessarias, voltavam á outra sala onde sobre uma meza de páu santo, especie dos nossos contadores, mas menos artistico, as creadas tinham disposto um assado rodeado de dôces e de fructas.

— Podeis retirar-vos, disse a rainha ás creadas que, de pé, esperavam as ordens. Chamarei quando fôrdes precisas.

As creadas sahiram emquanto D. Beatriz perguntou:

— Tendes vontade de comer?

— Tenho fome, replicou a rainha, sorrindo e deixando pela primeira vez, o ar grave e triste que a não desacompanhara, desde que sahira de Santarem.

D. Beatriz fazia-lhe o prato e lançava vinho n'um calice.

Como permaneceu de pé, em ar de a servir, não ousando sentar-se Leonor Telles, disse-lhe:

— Não tens vontade de comer?

— Alguma.

— Porque esperas então? Que eu coma? Senta-te. Aqui já não ha rainha. Se alguem é livre és tu. Eu sou uma prisioneira para o resto dos meus dias. Somos eguaes. Senta-te.

D. Beatriz sentou-se.

— Comiam ambas com verdadeiro prazer. A viagem fora longa e a cosinha pouco appetitosa.

Comiam, porém, quasi em silencio, como embebidas em meditação, cheias de pensamentos, muitos, atropelados, a seguirem-se vertiginosamente.

A imaginação recordou-lhe a vida dos ultimos tempos, cheia de peripecias, de amores, de luctas, de transes, já alegres, já cheios de perigos e temores.

Assim, o muito que pensavam, que teriam a dizer, que recordavam, impedia as de fallar. Assim acabaram o repasto.

Vibrando uma campainha de timbre, Beatriz chamou as creadas a quem mandou apromptar os leitos com roupas proprias e levantar a meza.

Emquanto as creadas executavam a ordem, Beatriz e D. Leonor encostadas ao vão de uma alta janella, contemplavam o sol que se sumia por detraz das serras longinquas e a extensa planecie, que escurecia, tristonha e erma de ruidos.

CAPITULO XCV

Saudade

Uma grande saudade, uma grande tristeza invadira-lhes a alma.

Os primeiros momentos dos prisioneiros, contemplando a terra ampla, cheia de ar, onde não lhes é permittido caminhar, andar, na liberdade suspirada e querida de todo o ser que vive, que tem uma vontade, um desejo!

Durante o seu silencio. as creadas tinham feito as camas, levantado a meza e accendido as luzes.

Um candieiro alto de metal de tres bicos espargia pelo salão frio uma luz indecisa e fraca.

Leonor Telles e D. Beatriz voltaram para junto da meza.

— As minhas *Horas*, disse a rainha.

D. Beatriz estranhou o pedido. Leonor Telles não era muito dada a rezas; mas n'aquelle momento e n'aquella impressão de momento, percebeu que o querer rezar era uma distracção e um allivio.

Foi buscar-lhe o livro.

Tinham-se sentado, ambas, havia um momento, quando bateram, suavemente, á porta.

— Entre? disse a rainha.

A porta abrira-se e o vulto delicado e bondoso da abbadessa appareceu no limiar.

Vinha saber se estavam satisfeitas, se desejavam mais alguma coisa.

Leonor Telles, agradecendo o cuidado, affirma-lhe que nada lhe faltava e nada mais desejava.

— Tudo o que eu puder fazer-vos, senhora, o farei com a maior boa vontade. Haveis de estranhar e muito a vossa nova vida. Haveis de estranhar.

— Por certo, exclamou a rainha.

— Por certo: não se deixa impunemente a terra e os seus encantos, porque em tudo os tem, e um alto logar, sobretudo, para não achar frias as paredes d'um mosteiro.

— Conforme, disse Leonor Telles; tudo tem na vida a sua compensação: é possivel que uma grande tranquillidade seja agradavel ao meu espirito. E' possivel que a minha alma attribulada por tantas dores, possa encontrar, aqui, na vossa companhia, momentos de felicidade, que de ha muito não gosa. Socegarei, pelo menos, deixarei de soffrer com intensidade. A saudade é já um agradavel soffrimento, minha boa irmã, disse com um aspecto angelico de bondade.

— Praza a Deus, volveu a abbadessa, que assim seja. Como eu lhe agradeceria o virdes, aqui, achar um repouso, durante o tempo em que habitardes comnosco.

— Que será longo, disse a rainha.

— Quem sabe? volveu a abbadessa.

— Os reis não esquecem, nem perdoam facilmente, replicou Leonor Telles e eu não mendiguei nunca, nem mendigarei, nem esquecimento, nem perdão.

— Os reis, disse a abbadessa, com delicado gesto, esquecem e perdoam tudo e sempre, quando lhes convem. Nas suas resoluções o coração poucas vezes entra; o interesse é em geral o seu movel e o seu conselheiro. Porque vos não perdoará El-Rei?

Eu não sei quaes são as offensas que de vós possa ter; mas quaes podem ser, que um momento de bem estar não faça desapparecer?

— D. João? disse Leonor Telles...

— De mais, volveu a abbadessa, tereis, se quizerdes, um bom procurador.

— Quem? perguntou Leonor Telles.

— A Rainha, nossa senhora.

— Ah!

— Pois não é vossa filha? El-Rei D. João, tem por ella o mais elevado amor e o maior respeito. Coisa alguma ella lhe pedirá que elle não faça.

— Minha filha fez causa commum com o marido, n'este pleito. Eu sou, fui, emendou a rainha dando-se ares tristes, um inimigo... e um inimigo forte e poderoso, minha boa irmã.

Mas, hoje, sois um inimigo vencido, disse acautelando a palavra com a doçura da voz, a cauta abbadessa.

— Vencido e impotente, sublinhou a rainha com uma voz onde a tristeza impunha uma dolorida expressão.

— D. João, nosso senhor, não deixará de perdoar-vos, acreditae-me. Não estareis aqui por muito tempo.

— Talvez, replicou Leonor Telles. Se El-Rei consegue, o que lhe não será difficil — e hypocritamente o dizia — conquistar, ou melhor, fazer-se acceitar como rei de Portugal, é possivel que todos os resentimentos que de mim tem, lhe passem um pouco mais e ao vêr-me conformada, tão outra do que fui, me mande offerecer a liberdade, n'esta cidade, ou em qualquer outra de Castella.

— E, porque não no vosso paiz?

— Ahi não; El-Rei temeria, sempre, que eu o viesse a incommodar com a minha presença entre os meus.

— Tinheis verdadeiros amigos?

— Alguns.

— Não foram porém bastante fortes...

— Não, minha irmã: eram os que mais força tinham.

— Então?...

— Fui eu, que abdiquei dos seus serviços, porque, perturbada de espirito, me lancei, ás cegas, nos braços de D. João de Castella, do vosso, do nosso rei.

— E, elle não foi generoso...?

— A generosidade é uma virtude que os reis não conhecem.

— Alguns.

— Nem devem conhecer... nos tempos de hoje, accrescentou Leonor Telles, com um ar de desprezo.

— Seja, como fôr, volveu a delicada abbadessa, que estejaes muito ou pouco tempo, o que eu quero é que estejaes bem.

— Agradeço-vos, disse a rainha...

— Não é a primeira vez, que esta casa recebe uma hospeda da vossa qualidade...

— Bem sei...

— E, não sendo a primeira vez, preso-me de que tenham encontrado sempre em mim uma irmã, aquillo que sou na Ordem, aquillo que devo ser para todas, por amor de Nosso Senhor Jesus Christo.

— Sei que sois uma santa, interveio Leonor Telles.

— Uma santa? oh! não; disse com um sorriso de bondade extrema a abbadessa.... Uma peccadora como todas, que teve apenas a vantagem de fugir ás tentações e ás miserias da vida, mais depressa do que as outras. Minha senhora, accrescentou a abbadessa; se aqui permanecerdes algum tempo haveis de sentir-vos dominar pouco a pouco, por uma felicidade nova, extranha, que nunca haveis suspeitado no mundo, a despeito da vossa grandeza e do vosso alto logar.

— Não duvido.

— Tendes ouvido falar d'essa felicidade, talvez? pois haveis de sentil-a. Tão grande e tão certa é que muitas damas que vieram, por limitado tempo, recolher-se a estes claustros, pedindo um socego de dias, um esquecimento passageiro, levadas por ella, aqui ficaram, para sempre, por sua livre vontade. Eram ricas, formosas, bellas... e tudo esqueceram... e ficaram!

A voz da abbadessa era como um murmurio doce de palavras meigas.

A fronte de Leonor Telles, quedou-se, por momentos, pensativa. Uma nuvem passageira de tristeza lhe turvou o semblante, como se uma idéa de intima e profunda magua lhe atravessasse o coração.

A abbadessa levantou-se.

Sempre attenciosa, despediu-se, aconselhando o repouso pela fadiga da viagem; perguntando se de alguma coisa careciam e indicando que a menor necessidade lhes seria satisfeita a seu pedido: as creadas estavam ao seu dispôr, ao menor signal.

Beijando a mão da rainha que por seu turno lhe beijou o habito, sahiu.

As duas mulheres, sós, ficaram ainda alguns instantes conversando, languidamente.

Aberto o livro das horas e recitada uma oração, separaram-se, cada uma para o seu quarto.

Era noite fechada no convento.

Um silencio profundo reinava nos amplos corredores e nas cellas frias das monjas.

Apenas, de espaço a espaço, o sino do relogio avisava n'uma voz de uma plangencia extrema, o correr das horas.

D. Beatriz dormiu, rapidamente.

Leonor Telles, meia deitada no leito, ouvia bater compassadamente o bronze e era quasi manhã, quando conseguiu adormecer.

Em que pensava a rainha?

◆

CAPITULO XCVI

A primeira noite

Por mais extraordinaria que fosse essa mulher, por maior que fosse a grandeza do seu espirito e por melhor a tempera do seu caracter, aquella primeira noite do convento havia de impressional-a, verdadeiramente.

As janellas tinham grades, o aposento era em verdade uma prisão.

Depois de quatorze annos de uma vida cheia de aventuras, das mais simples ás mais crueis, dos simples caprichos sem consequencias, ás vontades supremas, que se completavam por assassinatos, depois de pairar por todas as regiões, do amor, do odio, da amargura, do vicio, ao poderoso impulso das suas remiges de aço, a aguia sentia-se, emfim, presa, encarcerada como um misero pardal, entre grades.

Qualquer que fosse a sua coragem, a rainha havia de sentir n'aquella noite um desusado mal estar.

Assim foi; mas como era da raça dos valentes, em vez de sentir a humilhação pela situação difficil, começou a encher-se de revolta.

Mais uma vez a imagem do genro lhe appareceu com toda a repugnancia do seu mesquinho coração e da sua deslealdade.

Mais uma vez a imagem do Mestre de Aviz, lhe accudiu á mente e o viu brandindo o punhal, no paço d'Apar.

Então, cruel como um pezadelo, o corpo do Andeiro, do seu Andeiro querido, lhe appareceu coberto de sangue, o rosto pallido como a cêra, os olhos abertos, a bôcca escancarada a pedir vingança!

Era preciso vingal-o, absolutamente, era preciso vingal-o.

Esquecer era uma cobardia.

Uma cobardia a que ella não estava acostumada; que não era do seu temperamento, nem do seu caracter.

Esquecer, Leonor Telles!

Precisou claramente a situação. Estudou, meditou longamente na maneira de resolver o difficil problema.

N'estes pensamentos levou quasi a noite, nervosa, febril, cheia ainda de esperanças.

Pela madrugada, adormeceu, cançada.

Tinha um ultimo plano. A habil aranha tecera na imaginação a ultima teia.

Era preciso começar a urdil-a com a maior presteza, e na manhã seguinte, á hora de comer, disse para Beatriz a quem uma pallidez doce, tornava ainda mais bella.

— Precisamos de conversar.

— Não nos faltará tempo, aqui, disse aquella, rindo

— Talvez, disse Leonor Telles, quem sabe?

Pouco depois, conversavam, as duas.

— Pensei longamente, dizia a rainha, na maneira de fugir ao meu senhor genro.

— Será difficil.

— Seja como fôr, pensei e hei de fugir.

— Deus o queira.

— Não vás pensar que me hei de resignar a ficar, aqui, o resto dos meus dias, como uma d'essas amantes de que os reis já fartos se desfazem como de objectos inuteis...

Beatriz ouvia, em silencio.

— Não, continuou Leonor Telles. Ficarei talvez; mas não sem que tenha luctado até á ultima hora, até ao ultimo instante da minha vida.

— Ajudar-vos-hei, minha senhora, quanto puder, replicou Beatriz.

— Bem sei e é comtigo que conto; tu, a minha melhor, a minha mais dedicada amiga.

— Podeis contar.

— Vejamos, pois, qual o recurso ainda que me resta; qual a maneira porque eu poderei illudir todas as tenções do senhor meu genro, para libertar-me d'este carcere.

Depois de breve silencio, Leonor Telles, continuou:

— O que será feito de D. Pedro e de D. Affonso?

— Quem sabe? respondeu D. Beatriz.

— Não é crivel que se deixassem apanhar. Estão livres. Aonde? Eis o que não sabemos.

— Sabel o hemos, em breve, respondeu Beatriz.

— Quem sabe?

— D. Affonso não deixará de me enviar novas suas; não é natural que D. Pedro vos não faça qualquer communicação.

— Em todo o caso, disse Leonor Telles, não lhes será facil corresponderem-se comnosco. Sabida a traição, em Castella, elles ou seus correios, não chegarão, aqui, facilmente.

— Hão de chegar.

— Difficilmente e o tempo urge. E' preciso aproveitar o tempo em que D. João está em Portugal; será a melhor occasião de trabalhar, aqui.

— Que tem que venha? interrogou Beatriz.

— Seremos, ou antes, serei objecto da mais intensa espionagem. O meu genro conhece-me e o que é mais do que conhecer-me, teme-me.

— Dizeis bem.

— O que é preciso, pois, é não perder tempo. Pensei n'esta noite, maduramente...

— Pouco dormistes, então?

— Quasi nada.

— E, achastes?... uma solução?

— Pelo menos uma tentativa... talvez a unica que me resta, com vislumbres de exito.

— Qual é?

— Ouve: perdi-me por odio pelo Mestre d'Aviz. Foi o unico passo mal dado na minha vida.

— Talvez...

— Decerto. Eu devia ter acceitado o seu pedido...

— Qual?

— O da minha mão.

— Ah!

— E vingar-me, depois.

— Teria talvez sido melhor.

— Podes ter a certeza. D. João de Castella não venceria Portugal, completamente unido, como o poderá fazer agora e eu teria sido rainha outra vez ou melhor, sempre, reservando-me para fazer pagar caro ao bastardo, a sua audacia e a sua ambição.

— Cegou-vos o amor!

— Ou o odio!

— Quem imaginaria que D. João seria tal como é?

— Ninguem; mas a finura da vida não está em perceber depois com quem lidamos; está em descobril-o e conhecel-o antes. Eu não desconhecia o meu genro; esqueci-me, repito, de quem era elle e eu, e precipitadamente operei. Este foi o passo tão extraordinario da minha vida, que ainda esta noite perguntava a mim mesma, se realmente eu tinha sido tão ingenua, ou tão louca.

— Não vos resta duvida?

— Nenhuma, porque estou aqui. O mal, porém, está feito e agora ha apenas o remedial-o, se fôr possivel.

-- Será tão difficil...

— Outras maiores difficuldades venci... hei de vencer esta.

— Estou tão acostumada a admirar-vos que não posso duvidar de que mais uma vez canteis victoria.

— Espero em Deus. Ouve: a leviandade, por força, a leviandade de Pedro e Affonso, comprometteu a minha vingança, tão habilmente planeada. Comprometteram-n'a e comprometteram-se elles, absolutamente, para com o seu rei.

A tentativa burlada de assassinato é d'estas coisas que um rei nunca perdoa.

— Se vos parece.

— Logo, do auxilio dos pobres rapazes nada podemos esperar, porque fraco será. Banidos de Castella, que poder poderão ter?

— Terão fugido para o Mestre d'Aviz?

— E' natural.

— Era mesmo o unico recurso: ou terão abandonado Portugal e ido para o estrangeiro.

— Em qualquer das hypotheses, disse a rainha, em nada poderão servir-nos. Na primeira, estão em vesperas de serem vencidos e perseguidos; na segunda quem sabe quando voltarão a Castella, se voltarem, o que não é provavel. Os meus parciaes, os poucos amigos que lá poderei ter, nada poderão contra o Mestre e contra Castella.

— Muito pouco.

— Restam me os dois: El-Rei e o Mestre d'Aviz.

Só, inclinando-me e favorecendo um contra o outro e tendo aquelle que eu auxiliar a victoria, poderei depois alcançar a liberdade, servir-me d'ella. Com qual imaginas que eu deva ligar-me? a qual dos dois poderei eu offerecer o resto, ainda valioso das minhas joias, ou a minha sagacidade?

D Beatriz parou um momento sem responder.

— Qual dos dois? interrogou de novo Leonor Telles, com um ar de ironia no rosto?

— Parece-me, respondeu D Beatriz, um pouco curiosa a pergunta; pois pode hesitar-se...

— Em quê?

— Na resposta?

— Diz então, volveu Leonor Telles.

— Deveis favorecer o Mestre d'Aviz.

— Como te enganas; o contrario é o que devo fazer.

— Favorecer el-rei?

— D. João de Castella.

— E, como?

— Prestando-lhe um enorme serviço que o leve a ser-me grato, ou pelo menos a não me hostilisar mais na minha vida.

— E porque não o prestareis ao Mestre, assim o podeis fazer? Poderoso, poderia empregar a sua força em vos servir... e olhae que havia de ter d'isso uma grande vontade.

— Acreditaes?

— Tenho a certeza.

— Porquê?

— Elle amava-vos!

— O quê? replicou a rainha olhando fixamente a formosa amiga, o Mestre?...

— O Mestre.

— A mim?

— A vós.

— Quem vol-o disse?

— Eu o vi; todos o perceberam.

— A rainha, como sahindo de um sonho, como exercendo uma força de concentração nervosa que a levava a reparar pela primeira vez n'um caso por que não dera, replicou com ar estranho, de pasmo:

— Todos o perceberam?

— Todos.

— E, eu, não...?

— Vós? andaveis muito longe da vida e das coisas da terra, para o perceberdes.

— Quereis dizer?

— Que o amor é cego, para tudo e para todos que não sejam o seu objecto.

— Crês então, disse a rainha depois de uma longa pausa em que profundamente meditou, crês, então, que o ciume entrou na punhalada do Mestre?

— Estou certa d'isso. Não foi toda; mas foi a maior força.

— Talvez, accrescentou Leonor Telles, elle nunca foi muito decidido e... d'aquella vez...

— E o seu pedido immediato?

— De perdão?

— E de casamento.

— Era uma medida de politica habil, seguida, naturalmente pelo Alvaro Paes.

— Acreditaes que se não tivesse grande amor ou grande desejo por vós, concordaria tão facilmente no casamento?

— E' possivel.

— Para quê?

— Seria o throno socegadamente alcançado.

— Contra Castella? Socegadamente? Não me parece.

Leonor Telles tornou a reflectir, por espaço.

Pouco depois, começou:

— Seja como for, que elle me tivesse amado, que me ame ainda hoje, de nada valerá o seu amor passado ou presente para o meu plano.

— De nada valerá?

— De nada; como a de D. Pedro e de D. Affonso, a sua espada não pode cortar o nó gordio da minha situação.

— E porquê?

— Por uma razão muito simples. Uma e bastante. Antes de um mez el-rei D. João de Castella será rei de Castella e de Portugal e o Mestre d'Aviz, se é um meu apaixonado irá juntar-se, no exilio, aos nossos outros dois.

Uma vez rei de Castella e de Portugal D. João, será o mais poderoso rei da Christandade; não terá inimigos que lhe mettam respeito e será pois senhor absoluto e despotico das suas acções.

Concentrado e reservado não perdoará nunca aos que o offenderam e eu terei de passar o resto dos meus dias ou aqui, ou n'outro qualquer convento, que por mais seguro elle julgue mais adequado para a minha reclusão perpetua. Não será assim?

— Parece.

— Tudo o leva a crêr: logo, qual é ou será a unica maneira de eu poder um dia tornar á liberdade, á vida?

— Vós o direis.

— E', continuou, Leonor Telles, com um riso de ironia nos labios entreabertos, fazer a el-rei meu poderoso senhor e genro, um favor de qualidade tal, que me torne credora das suas boas graças e as possa alcançar.

— Que tal será o favor!

— O maior; por que elle daria annos de vida!

— Grande deve ser.

— Adivinha, continuou, sorrindo a rainha.

— Como poderei adivinhar. Nem pela cabeça me passa o que possaes fazer de tão grande a el-rei, agora, aqui, presa como uma criminosa. Offerecer-lhe as vossas joias, para as despezas da guerra?

— El-rei é rico.

— Os vossos conselhos para a guerra?

— Não os ouviria.

— A vossa parte no reino?

— Já a tem.

— Decididamente, disse sorrindo a formosa Beatriz, é impossivel adivinhar.

— O que dirias tu que faria el-rei a quem lhe entregasse Lisboa?

— Oh! disse Beatriz o que faria el-rei?

— Entregar-lhe Lisboa é entregar-lhe, sem duvida alguma, Portugal.

O que pensarias tu que el rei faria?

— Enchia de honras e de mercês essa alguem.

— Sem duvida nenhuma?

— Sem duvida nenhuma.

— Lisboa, é hoje, continuou a rainha, quasi inexpugnavel. As suas muralhas novas garantem-lhe a resistencia para um longo cêrco. Isso ha de ser tomada, não haverá duvida; mas ha de custar rios de dinheiro e de sangue e milhares e milhares de vidas aos castelhanos. Quanto daria el-rei por a haver ás mãos, sem os encargos e perigos do cêrco, sem o trabalho e os azares de uma longa guerra?

— Não se pode calcular, senhora.

— Pois bem é esse o serviço que eu vou prestar a el-rei; que eu vou tentar prestar-lhe: — entregar-lhe Lisboa!

— Como?

Leonor Telles, descançou um momento, tomou uns golos de agua, levantou-se, foi á janella, olhar a paisagem que se desenrolava, monotona, a perder de vista pelas veigas extensas que ladeavam o convento e pouco depois voltou.

Beatriz não se movera da cadeira, immersa em reflexões profundas.

Leonor Telles veiu de novo para sentar-se.

Brincava lhe nos labios um sorriso contente e approximando-se da bella camarista, beijou-a effusivamente na testa e ficou se olhando-a, meigamente:

— E's ainda minha amiga? perguntou.

— Ainda? volveu Beatriz. Que pergunta! Acaso deixei de o ser durante todo o tempo que tenho estado ao vosso lado? Tendes alguma prova do contrario?

— Nenhuma; mas é que é de tal modo grave o que quero pedir-te que um pequeno receio, me fez hesitar

— Bem sabeis que nada tendes a recear. Eu sou, como meu pae e meu irmão e todos os meus, a mais dedicada que uma mulher vos possa ser. Foste sempre desvelada protectora dos meus; minha amiga a elevar-me, até vós, aos segredos da vossa cabeça e do vosso coração. Pertenço-vos intimamente. O que me pedirdes de antemão heis-de ter a certeza de que vol-o faço, a questão é poder fazel-o. Não tendes d'isto mais do que uma prova?

— Em resposta, Leonor Telles beijou-a de novo e sentou-se-lhe ao lado.

— Estaes alegre, notou Beatriz olhando a face da rainha.

— Estou? disse esta; talvez. Animada estou.

A rainha estava realmente com um ar de alegria que não tivera mais desde o dia fatidico de Santarem.

E' que entrava em combate e como esses velhos generaes em repouso, que se animam de novo ao soar a primeira trombeta de guerra, Leonor Telles, sentia-se, de novo, reviver para a lucta.

O marasmo passara.

A serie precipitada dos acontecimentos tinha-a perturbado um pouco.

Os choques tinham sido rudes, a começar pelo primeiro, o da morte do Andeiro.

A face da rainha illuminava-se.

Recapitulemos, disse ella, na nossa conversa. Não podendo serem-n'os uteis 'os que nos amam, temos de lançar mão dos que nos odeiam. O serviço a prestar tem de ser ao meu maior inimigo, e quem m'o ha de prestar a mim serás, tu!

— Como?

— Sacrificando-te mais uma vez por mim.

— Dizei.

— Tens de sahir d'aqui, voltar novamente para Portugal.

— Irei.

— Qualquer pretexto servirá para sahires: aborrecimento, tristeza, doença.

— Nem necessito de pretexto: sou vossa creada, não sou prisioneira.

— Assim é. Sahirás, pois, o mais breve que possa ser, irás para Lisboa, juntar-te a teu pae e a teu irmão.

A esta hora devem ir a caminho de Portugal o marquez de Vilhena, o arcebispo de Toledo e Gonçalves Mendoza.

Se não foram, não tardarão a ir, sollicitados pelas cartas de El-Rei.

Com este reforço caminhará o rei sobre Lisboa, que era o seu plano, e cercal-a-ha.

A defeza deverá ser heroica. Estão dentro d'ella D. Nuno e o Mestre de Aviz.

Conto com os teus; para poder contar com mais alguns levarás o resto das minhas joias. E' um argumento que nunca deixou de convencer .. e deixo á tua perspicacia o descobrir os que melhor e mais facilmente se convençam.

Além de joias, continuou a astuta Leonor, levas ainda o teu rosto adoravel, os teus encantos, que postos ao meu serviço, valem bem mais do que ellas.

D. Beatriz escutava, em silencio.

— E', continuou Leonor Telles, o meu ultimo recurso. Se elle der o resultado que eu creio que ha de dar, eu serei livre para sempre de estorvos e poderás acarretar sobre a tua bella cabeça, todas as generosidades de um rei; se falhar, tu seguirás o teu destino, o que compete ao teu nascimento e á tua bondade, casarás, viverás. Eu ficarei aqui, definitivamente, resolvida a esquecer-me a mim mesma, do que fui, o que fôr, no silencio d'estas paredes.

Tu virás, um dia, visitar-me. Falaremos, recordaremos; e se eu puder chorar, será ainda no teu collo amigo que as minhas primeiras lagrimas de saudade terão de cahir amorosamente.

A rainha olhou, com o seu bello olhar sereno, o rosto da amada Beatriz.

Com o mais resoluto ar, esta esperava que Leonor Telles terminasse.

Quando Leonor Telles lhe perguntou:

— O que respondes?

Beatriz respondeu cheia de confiança e de boa vontade:

— Farei como quizerdes.

Feito o pacto, resolvida a volta de Beatriz a Portugal, communicada a resolução da camarista a quem Leonor Telles, dizia não querer sujeitar, em plena mocidade ao isolamento da sua vida, esperou-se que algum fidalgo, de tantos que então se dirigião a Portugal, para a guerra, viesse para cá.

Poucos dias depois as trombetas annunciavam a chegada de um grande senhor com seus homens d'armas á cidade de Tordezillas,

Era o arcebispo de Toledo que com quinhentas lanças se dirigia para a fronteira.

Mandou-lhe recado a abbadessa, para ir ao convento.

O arcebispo foi e por pedido da abbadessa consentiu em trazer Beatriz para Portugal.

No dia seguinte, passada essa noite, entre as duas, concertando hypotheses e planos, Beatriz despedia-se com sinceras lagrimas de Leonor Telles e na sua azemola de luxuosos arreios, seguida de um punhado de lanças, caminhava á frente da hoste do arcebispo a caminho da Beira.

Depositou-a o arcebispo em Santarem; d'onde foi levada junto a Lisboa pelo conde de Mayorca que enfeitiçou pelo caminho.

O rei de Castella ia-se approximando lentamente de Lisboa, não com a rapidez que podia, porque, como sabemos, esperava que se lhe juntassem os homens d'armas dos poderosos senhores a quem havia mandado que se lhe reunissem.

Esperava além d'isso que chegasse ao Tejo a esquadra, que d'ahi a pouco dava entrada no amplo porto de Lisboa.

Isto passava-se a 26 de maio.

Entrada a esquadra e chegados os ultimos grandes reforços, o rei de Castella cercara Lisboa, como vimos.

D. Beatriz chegara á cidade e recolhera-se a casa do pae o conde D. Alvaro de Castro.

CAPITULO XCVII

Conspiração

Na noite seguinte, reunidos n'uma das salas do palacio o conde D. Alvaro, o filho D. Pedro de Castro e D. Beatriz a filha, conversavam animamente. Beatriz expôz tudo.

A surpreza do conde, pela chegada da filha acabara ante a revelação do fim, que a trazia.

O conde D. Alvaro de Castro era um dos que seguia o Mestre d'Aviz, com certa má vontade.

Fôra forçado, como tantos outros fidalgos, a unir-se-lhe pela decisão das côrtes de Coimbra.

Essa má vontade augmentara extraordinariamente, com as successivas concessões feitas pelo Mestre ao D. Nuno Alvares Pereira, preterindo-o nos seus logares primaciaes de velho e experimentado guerreiro.

Poucos dias havia que vendo perigo de uma invasão, mandara de fronteiro para o Alemtejo, o Mestre, (contra a opinião de João das Regras e de mais alguns fidalgos), não o velho D. Alvaro de Castro, mas o heroico e fogoso Nuno.

O conde mais uma vez escondera o despeito.

No intimo, porém, o desamôr pelo Mestre d'Aviz crescia desmedidamente.

A mensagem da filha veiu encontral-o, no melhor momento.

No começo da guerra, logo depois da revolução de Lisboa, tinha vindo de Castella, pôr-se ao serviço do Mestre, João Lourenço da Cunha.

João Lourenço da Cunha, o primeiro marido de Leonor Telles, conservou sempre por Leonor Telles o mais entranhado odio.

Retirado na côrte de Castella e bem recebido pelo rei, D. João Lourenço nunca poude occultar o despeito por uma côrte, d'onde sua mulher o obrigara a sahir tão humilhadamente.

Emquanto elle reinou parece que nunca veiu a Portugal; ou se veiu foi tão escondidamente que não deixou rastro da vinda.

Quando o Mestre d'Aviz matou Andeiro, a rainha fugira para Alemquer e Santarem e o Mestre d'Aviz foi nomeado defensor do reino.

João Lourenço achou uma occasião magnifica para vir guerrear a mulher e correu para junto do Mestre. Elle e o filho.

As circumstancias, porém, mudaram.

O rei de Castella vem por seu turno, pelas razões que temos visto, disputar o throno e a situação de João Lourenço da Cunha torna-se espinhosa.

Quem elle queria e a quem viera a combater era a mulher.

Esta estava presa em Castella.

Quem elle teria agora de combater era o rei de Castella, de quem não tinha aggravos, antes recebera finezas.

Ao Mestre nada devia, nada lhe queria, nada lhe importava fazer por elle desde que o seu inimigo deixara de ser, a adultera, a desalmada que o abandonara e ao filho, a perversa mulher que o despresara, ridiculisando-o!

Apparentemente estando com o Mestre, o seu coração estava do lado do rei de Castella.

Era um caracter reservado e decidido o de João Lourenço da Cunha.

Se se apresentasse occasião de o servir, servil-o-hia.

Essa occasião appareceu.

Os Castros pae e filho que lhe conheciam os sentimentos chamaram-n'o a si.

João Lourenço trouxe o filho e mais alguns amigos.

A conspiração germinou.

As joias de Leonor Telles luziam com brilhos tentadores e alguns outros fidalgos ou escudeiros, menos escrupulosos ou remediados, deixaramse attrahir pelo seu brilho.

O rei de Castella, não perdia ensejo de juntar aos esforços dos conspiradores, algumas razões, em boas moedas de oiro.

N'isto, morreu o conde D. Alvaro.

O filho D. Pedro tomou a chefia da conjuração e as coisas continuaram a caminhar em silencio e bem.

Quando se imaginou haver gente bastante para tentar o golpe, discutiuse a maneira de o levar a cabo.

Da viagem de Santarem para Lisboa o conde de Mayorca enamorado de Beatriz, não se cançava em lhe mandar solicitar a mão, prezo de um amor intenso, como era de uso então os cavalleiros possuirem-se pelas damas, em poucas horas de convivio.

Attenta na sua obra a intelligente rapariga, entretinha o conde com delongas, ainda que pensasse que tal casamento por todos os motivos lhe convinha absolutamente.

Convencida, como todos, de que o Mestre seria vencido, perdido para sempre n'uma vida aventurosa e quem sabe de que difficuldades cheia, o seu D. Affonso, o casamento com o conde de Mayorca, favorito de D. João de Castella, collocal-a-hia junto nos degraus do throno castelhano, onde poderia advogar a causa da sua Leonor Telles.

Essas delongas iam ter um fim, por ella calculado.

O fim era no momento proximo o rebentar a traição do irmão e dos seus.

Então convinha-lhe a ella, não estar em Lisboa, onde um insuccesso lhe podia, por ser da familia, acarretar algum desastre grave.

Como se vê, a discipula de Leonor Telles, fazia honra á afamada mestra. .

Depois de varias reuniões combinara-se a entrega da cidade do modo seguinte.

D. Pedro de Castro tinha a guarda do muro de Santo André, até á porta de Santo Agostinho.

A cidade, como se sabe, estava assim defendida pelos fidalgos, cada um dos quaes tinha a seu cargo um espaço das muralhas.

D. Pedro teria ás suas ordens umas cem lanças.

O combinado foi que n'uma noite marcada, que era a noite de quinze de agosto, noite da Assumpção da Virgem Maria, os castelhanos encostariam a uma parte do muro escadas proprias, subiriam por ellas e ajudados pelos homens de D. Pedro abririam as portas, por onde os castelhanos prevenidos, poderiam entrar.

O signal seria uma candeia accesa, posta n'uma setteira do muro.

Isto combinado e assente, vendo D. Beatriz que nada mais lhe restava a fazer por Leonor Telles de quanto podia, tratou de si propria e condescendeu com o conde de Mayorca em casar se, immediatamente

Tres dias depois á porta da Sé, o conde de Mayorca, seguido de dois fidalgos seus amigos apeava-se ao mesmo tempo que D. Beatriz com acompanhamento de amigos descia de um palafrem coberto de velludo e ouro.

Estavam no templo, entre muitos fidalgos, o Mestre de Aviz e Gonçalo Telles, aquelle conde tão celebre, irmão de Leonor Telles.

O arcebispo de Braga abençoou os noivos, entre cirios e nuvens de incenso.

A' sahida, o Mestre de Aviz tomou a redea da mula onde montava D. Beatriz, signal de consideração maior e levou a até ás portas.

Chegada, alli, a comitiva, o conde de Mayorca apeando-se agradeceu ao Mestre a delicadeza, bem como os fidalgos castelhanos que o acompanhavam...

Então o conde D. Gonçalo tomou por seu turno a redea da mula e assim foi até ao arraial do rei de Castella.

A galanteria não é apanagio do nosso seculo; os rudes batalhadores tinham, ás vezes, d'estas sahidas.

D Beatriz de Castro era d'ahi a horas recebida, em Santos, pelo rei e rainha de Castella, que puderam ver não serem exagerados os louvores que tributavam á belleza e graça, da nova e gentilissima condessa de Mayorca.

A côrte de Castella ia possuir mais uma formosa mulher.

⁂

D'ahi a tres noites...

Não relatarei o acontecido, que atraz fica descripto.

Um dos chamados para a conspiração, o maior d'elles, João Lourenço da Cunha adoeceu com uma colica.

Tal foi ella, que o pobre homem percebendo que morria se quiz confessar.

A traição confrangia o, á hora da morte; confessou a traição, na presença do Mestre ao lado do confessor.

Posto o signal, quando os castelhanos iam a encostar as escadas foram recebidos com settas e pedras.

D. Pedro foi preso; os cumplices, desarmados, foram expulsos da cidade.

D. Beatriz estava a salvo do odio da populaça que indignada quiz matar a todos os culpados e parentes. Na sua tenda de campanha, saboreava os primeiros fructos de uma lua de mel.

CAPITULO XCVIII

A condessa de Mayorca

Todas estas coisas, oito dias depois de acontecidas, soube-as Leonor Telles, no seu retiro, por um correio do conde de Mayorca mandado a Tordesillas.

Invadiu-a uma tristeza enorme.

Era mais um plano que se lhe esboroava.

Decididamente, a fortuna que tão grata e tão amiga lhe fôra por tantos annos voltava-lhe as costas.

Encerrou-se, por largos dias, recusando fallar a quem quer que fosse; confrangendo-se no isolamento e na solidão.

Respondeu a D. Beatriz dando-lhe os parabens pelo casamento e pedindo-lhe que logo que viesse para Castella não deixasse de a ir ver.

E assim foi, como veremos.

Como sabemos, obrigado pela peste, que atacando primeiramente, os soldados, depois os generaes, não hesitou em ameaçar a rainha: deante de um cêrco que se antolhava de longa duração, o rei de Castella abandonou, forçadamente, Portugal.

Sahido elle, as côrtes de Coimbra, acclamando D. João rei de Portugal, varias praças capitularam e varios castellos, que eram pelo rei, voltaram ao mestre, já rei, e Nuno Alvares Pereira, feito condestavel do reino, á moda ingleza, tomara varias villas e derrotara os castelhanos nos Atoleiros e em Trancoso.

O rei de Castella que ficara em Sevilha a organisar o exercito para uma nova e mais feliz campanha, cançado de ouvir contar derrotas e antes que as coisas de Portugal fossem a peior, porque, dia a dia, cada vez mais se complicavam e difficultavam, entra pela Beira com um numeroso exercito, assolando a terra e praticando os mais vis actos de barbaria.

Atravessando a Beira chegou a Coimbra, d'ahi a Leiria para parar finalnalmente e ser vergonhosamente vencido no campo de Aljubarrota.

Entre os fidalgos portuguezes que o seguiam, outra vez, vinha o conde de Mayorca.

D. Beatriz sua mulher, como sabemos, pedira-lhe para a levar a Tordesillas, emquanto durasse a guerra, que todos imaginavam ser, d'esta vez, coisa de rapida resolução.

Assim, consultado o rei João, e obtido o seu consentimento o conde não foi, mas mandou uma escolta acompanhar a mulher até ao convento.

Havia quasi um anno que D. Beatriz de lá sahira.

Que de novidades a dar! que de factos extraordinarios se não tinham passado n'aquelle curto periodo de tempo.

Foi uma surpreza para Leonor Telles a chegada da condessa.

— Quero occupar o mesmo quarto, dissera esta ao chegar, sabendo que a abbadessa lhe destinava novo apozento, por ordem do rei. Encommodar-vos-hei? perguntou para Leonor Telles.

— Quanto prazer me daes, replicou esta.

A voz parecera estranha á condessa Beatriz que fixando pela primeira vez o rosto meio velado da amiga, estremeceu de pasmo.

Leonor Telles não era a mesma mulher.

Pallida, magra, o seu rosto exprimia a passagem de um soffrimento atroz, amargo, indefinivel.

Conteve-se na descoberta e continuou, alegre, cuidando de fazer collocar os bahús que a seguiam, com suas roupas e utensilios.

Refeita um pouco da viagem pelo repasto, despedidos creados e creadas, a condessa teve, emfim, occasião de se encontrar a sós com Leonor Telles.

Anciava pelo momento.

Logo que ella chegou perguntou-lhe:

— Estaes doente?

— Um pouco, respondeu Leonor Telles.

— De que vos queixaes?

— Nem sei.

— Não tendes chamado um physico?

— Tem-me visto o do convento; mas o pobre homem não dá com a minha doença, disse a rainha, rindo com um amargo sorriso.

— Rides, minha senhora, tornou com verdadeira magua a gentil condessa; e não é para rir o estado em que vos vejo.

Estaes magra, abatida, sem côr; pareceis mais uma irmã, uma monja, do que uma rainha.

— Uma rainha, eu? por que hei-de parecer?

— Não o sois, acaso? podereis deixar de o ser, nunca?

Leonor Telles olhou-a com uma expressão de ternura viva, muito longa, muito fixamente.

— Olhae, volveu a condessa travando-lhe das mãos, trago-vos bôas novas, com que haveis de folgar.

— Sei que sois casada e parece-me que sois feliz, quanto me alegra o ver-vos assim.

— Essa não é a mais importante, nem é já novidade para vós. Outras tenho, que mais vos hão de interessar. Em breve, tenho a maior esperança, sahireis d'esta casa. Já vejo que este ar e a inação vos fazem mal. Não é para o vosso genio, o ficardes-vos apathicamente, sem alguma coisa que vos force ao movimento, ao trabalho, á vida.

A rainha sorria vendo o cuidado, a graça, o interesse com que a bôa condessa, com uma volubilidade nervosa, fallava, procurando interessal-a.

— Sinto-me bem, sinto-me bem, dizia ella.

— Não é possivel, replicava a condessa. Ainda ha pouco vos sentieis doente... salvo se a minha vinda vos melhorou.

— Deu-me bastante alegria: a alegria, continuou a ex-rainha com voz lenta, é a saude.

— Pois se ella é para vós a saude e eu vol-a posso dar, melhorareis em breve, porque vos não deixarei, senão curada.

Leonor Telles, n'uma effusão de ternura, beijou-a na face.

Era em principios de agosto.

As janellas fechadas não permittiam a renovação do ar; abrazava se no quarto, onde as duas conversavam.

— Não tendes calor? perguntou a condessa.

— Sempre, replicou Leonor, sempre e muito.

A condessa levantou-se e com as frageis mãos abriu, de par em par, as altas janellas, grandes como portas, envidraçadas. Um ar mais fresco percorreu o aposento. Depois sentou-se, de novo junto de Leonor Telles e ao tomar-lhe amigavelmente as mãos, sentiu-as escaldando.

— Tendes febre? perguntou.

— Sempre, replicou a rainha, com uma voz mais clara; febre e frio.

Então, reparando no rosto pallido da rainha onde os olhos brilhavam afogueados, como loucos, a condessa, verdadeiramente afflicta, excclamou:

— Estaes muito doente, minha senhora!

E levantando-se, tocando o timbre disse para a creada que appareceu á porta:

— Ide dizer, da minha parte á D. Abbadessa, se me pode fallar.

— Já? interrogou a creada.

— Já, confirmou a condessa.

A creada sahiu.

*
* *

— Que tem a nossa rainha? perguntava a bôa da abbadessa entrando, d'ahi a momentos, no aposento de Leonor Telles, que tem a nossa rainha?

— Não vêdes como está mudada, como o seu rosto exprime soffrimento? disse a condessa olhando a rainha.

— Ha muito que o noto, replicou a abbadessa... e notae, senhora condessa, que me não dizia nada e que a obriguei, quasi, a tratar-se.

— Se eu estou bem! replicou Leonor Telles.

— Bem, volveu a condessa... Estaes um pouco melhor desde que eu cheguei... Melhor não; mais animada.

Voltando-se para a abbadessa, perguntou:

— Porque não vem o medico, todos os dias?

— Virá; mas sua alteza não o quer.

— Ha de querer, volveu a condessa, meigamente, dirigindo-se á rainha; não é verdade?

— Que venha, disse esta com um riso bom, se assim o desejaes.

— E' que é preciso, concluiu a condessa.

— Se o podesseis mandar chamar, já?

— Já? Porque não? e dizendo a abbadessa sahiu, monologando: vou eu mesma dar a ordem para que o chamem.

Os medicos d'aquelle tempo eram sempre frades, ou quasi sempre individuos com ordens sacras.

Os conventos tinham o monopolio de todas as sciencias. As escolas publicas, universidades e *Estudos* de ha pouco instituidos, perdiam-se em discussões, em subtilezas philosophicas e a sciencia pratica só mais tarde começou a ser alli cultivada.

A sciencia medica, arabe, que ficara dos ultimos dominadores da Peninsula, recolhera-se pois aos conventos, modificada porém, de tal modo transtornada, que seria difficil reconhecel-a.

O medico, ou physico, como lhe chamavam, era um verdadeiro ignorante.

A doença de Leonor Telles não era das que precisam de medico, ou melhor, não era das que a sciencia das drogas poderia curar.

Era uma doença moral, filha do isolamento, dos ultimos acontecimentos, de uma vida cheia de peripecias e de romance.

Espirito imminentemente irriquieto e altivo, a monotonia da paz, a humilhação dos ultimos desastres, a impotencia contra o correr das coisas, tinham-n'o ferido e levaram-n'o, n'um estado doentio, para o desanimo e para a melancolia.

Para quem muito viveu, para o que tem uma vida cheia de movimento, de intensas paixões e luctas, o parar equivale a morrer.

Leonor Telles tinha ainda contra si o orgulho proprio, pizado, esmagado. As feridas no amor proprio são as que nunca saram.

A orgulhosa e poderosa rainha, reduzida a uma esquecida e mesquinha mulher, dentro d'um quarto do soturno convento, tinha de soffrer o reverso da recordação de todas as grandezas passadas, o ciume de todas as suas glorias mortas, a ferida aberta de todas as humilhações passadas, presentes e futuras.

A ultima cartada, jogada com a actual condessa de Mayorca, bem pensada, que devia entregar ao rei de Castella a cidade de Lisboa, tendo falhado, pela primeira vez na sua vida, cheia de vigorosos arrancos, tinha feito esmorecer o seu espirito affeito a todos os revezes.

E' que os annos não passavam debalde.

As luctas pela vida esgotam os mais poderosos organismos e Leonor que tinha passado quasi incolume por todas as incertezas e combates do seu coração orgulhoso, fôra ferida, a valer, no seu intimo quando esse mesmo coração se esquecera das suas qualidades heroicas e descera á mesquinheria de amar.

Os semi-deuses quando desciam aos amores terrenos, tornavam-se humanos.

A morte do valído, marcara o primeiro passo de decadencia da poderosa rainha.

A audacia era ainda a mesma; mas o espirito claro, a lucidez, ennublara-se.

Dominava-a a paixão e a paixão é a peor mestra, o mais prejudicial e perigoso dos conselheiros.

Basta recordar a conspiração contra D. João de Castella, depois da cedencia precipitada e impolitica da regencia e portanto do reino, para reconhecer que Leonor Telles, a seductora do rei, a vingadora da plebe, a acariciadora dos fidalgos, a assassina da irmã, a impudica de Andeiro, a orgulhosa de sangue, temida por todos, rindo dos odios, desprezando opiniões, audaz, cynica, invencivel, não era já a mulher cujos planos tinham uma segurança absoluta e cujas machinações jámais abortavam.

Taes factos, juntos á invasão de febres, vulgares em Tordezillas, no verão, já de si depressoras, tinham mudado o aspecto da rainha e imprimido no seu rosto evidentes signaes de soffrimento, de uma longa doença.

A vinda do physico em nada poderia beneficiar a rainha. Receitou-lhe as mesmas tizanas, beberragens feitas de molhos de hervas singulares, de virtudes medicinaes mais que suspeitas.

N'aquelle tempo a trova cantava:

> Medicos de Valencia:
> Muitas fraldas
> Pouca sciencia.

*
* *

A rainha, porém, melhorou.

N'esse mesmo dia, passadas horas, o seu aspecto de triste passara a alegre; diminuira a febre e a rainha poude comer, o que havia muitos dias não fazia, por invencivel repugnancia.

Fôra a chegada e a conversa da condessa?

De certo. Leonor Telles, sentia-se reviver. O mundo que ella mal conhecia e percebia na solidão do seu quarto frio, tornou a apparecer-lhe, vivo, cheio de movimento e de lucta e revigorou-a, fel-a dominar a doença sacudindo-lhe os nervos por uma vibração poderosa, de interesse novo.

Conversando as duas, a rainha mais bem disposta, já com um leve sorriso nos labios pallidos, dizia:

— El-Rei torna-se então galante commigo?

— Francamente, disse, com voz graciosamente ironica, a condessa:

— Elle sempre o foi.

— Sempre?

— Podia ser peor. Olhae que nos temos sahido bem da empreza, a esta hora já não poderia fazer galanterias.

— Dá-me então a liberdade...

— Todas as liberdades menos a de sahir do convento. Podeis receber quem vos approuver; podeis passear no jardim e na cêrca, o que não podereis fazer, apenas, é sahir.

— Esse pouco.

— Tenho porém a certeza de que isso mesmo vos será permittido, logo que El-Rei volte de Portugal.

— E, porque não antes?

— E' uma prevenção; um resto de receio pelas vossas qualidades politicas.

— El-Rei é cauteloso, disse Leonor Telles, rindo tristemente.

— Tem razão para o ser.

— Agora?

— Porque não? Não sois vós a mesma? não tendes amigos?

— Amigos?

— Onde houver um direito forte, hão de cercal-o ambições. As amizades o que são?

— O que desejas tu de mim? perguntou a rainha argutamente.

— Eu?... é differente, respondeu, séria, a condessa. Se nada espero, os meus muitos vos deveram. Imaginaes que se, amanhã, tiverdes quem levante por vós umas milhares de lanças e estiverdes em Portugal, não tereis outras milhares que vos sigam? Fizestes muito bem na vossa vida; muitos vos devem honras e fortunas, que muito é que vos seguissem?

— Talvez, disse pensativa a rainha.

— Quem os annulou? fostes vós. Faltar-vos-hiam braços para luctar com vosso genro? Se vos entregasteis a elle, como querieis que vos seguissem?

Fez-se breve pausa, na conversa.

— Cauteloso ou timido el-rei não vos deixa sahir; mas eu direi que o deixará logo que volte de Portugal; o que será breve.

— Tambem quando partiu na ultima vez ia por pouco e por lá se demorou mezes.

— E' differente o caso, agora.

— Porquê?

— El-Rei parte com o maior exercito que tem sahido de Castella. A esta hora devem estar reunidos os terços de todas as provincias, os homens d'armas dos maiores senhores, os cavalleiros de todas as ordens, para lá da fronteira. Calcula-se que o numero total não será inferior a trinta mil homens.

— El-Rei quer a desforra? perguntou Leonor Telles.

— Se vos parece que foi pequena a vergonha. Mezes deante de Lisboa e sem um ataque bem succedido, sem um feito d'armas que merecesse menção.

— Trinta mil homens, disseste?

— Trinta mil. O melhor que ha em Castella.

— E' um caso serio para o Mestre d'Aviz.

— Para o rei de Portugal, minha senhora.

— Que ha de ser?

— Que é, emendou a condessa.

— E' rei, já? perguntou a rainha.

— Não o sabieis?

— Foi acclamado?

— Nas côrtes, em Coimbra, não ha um mez.

— Não sabia. Pois ver-se-ha em máus lances o aprendiz de rei, disse Leonor Telles, depois de um momento de pensar.

— Tambem me parece; e por isso vos digo que a viagem do rei, será d'esta vez mais rapida.

— E' natural.

— Ora logo que elle volte, continuou a condessa, logo que seja rei de Castella e de Portugal é que me não parece que possa ter ainda receios de vós, da vossa preponderancia.

— Que poderei eu então, se já nada posso? commentou com ar triste a rainha.

— Pouco podereis, então, é certo; por isso creio bem que el-rei vos dará inteira liberdade. E' essa a opinião de meu marido.

— Elle deve saber, o conde, o que pensa D. João. Ainda são amigos?

— Intimos, confirmou a condessa. Tomando-lhe as mãos proseguiu: se el-rei vos der ampla liberdade, ficareis em Castella?

— Não, disse Leonor Telles, resolutamente.

— Para onde ireis?

— Para Portugal.

— Tendes saudades d'elle?

— E' a minha terra; lá nasci e lá vivi. O que fui, lá o fui.

— E o que fareis então, livre, novamente?

— Eu? disse a rainha com o ar mais natural d'este mundo, em agradecimento ás bondades de D. João de Castella, conspirarei!

A condessa soltou uma gargalhada argentina, que alegrou por um momento o silencio pezado das abobadas.

A rainha não se poude conter perante esta explosão subita e começou a rir tambem, alto, como havia muitos mezes que não ria.

Decididamente a formosa condessa tinha o condão de fazer voltar, á rainha, o seu antigo bom humor, a sua alegria passada.

⁂

Em virtude das ordens que D. João mandara á abbadessa do convento de la Mercê, por intermedio da condessa, concessões arrancadas ao rei pelo conde de Mayorca, Leonor Telles começou a viver mais desafogadamente.

A companhia da condessa, que com ella se hospedou esperando a chegada do marido, contribuiu, absolutamente, para o seu rapido restabelecimento.

O physico do convento cresceu em creditos, perante a communidade, por tão assignalada cura.

Restabelecida a rainha, começou a interessar-se novamente pelas coisas da guerra. Esperava, com a amiga, anciosamente a vinda do correio semanal que o conde lhe enviava, passeiava alegremente pelo amplo jardim, pela cêrca cheia de aguas correntes e de arvores copadas, comia bem, dormia melhor.

A' noite, a sua sala começava a encher-se de gente: velhos fidalgos que já não tinham ido á guerra; abbades sapientes, pessoas nobres que vinham saber noticias da marcha do exercito.

Conversava-se, discutiam-se victorias, relembravam-se feitos heroicos, criticavam-se os guerreiros, commentando-lhes as façanhas.

A rainha presidia, já, a estas reuniões, como se realmente ainda o fosse, com aquelle ar senhoril, altivo e delicado, que a começava a fazer respeitar e amar.

Mulheres e homens começavam a sentir aquella influencia extranha, aquella attracção poderosa, que era o segredo da mulher perante a qual ninguem se podia sentir indifferente.

Os dias passavam-se alegremente e as noites não menos, porque ninguem tinha preoccupações pelo resultado da guerra.

Castella inteira tinha a certeza da victoria do seu rei.

Onde haveria em Portugal exercito capaz de se oppôr ao collossal exercito de Castella, dirigido pelos mais valentes capitães e armado até com novos instrumentos de guerra, temiveis e devastadores — os trons?

Corriam, pois, os dias com relativa tranquillidade quando uma carta, a ultima do conde de Mayorca, veiu lançar no meio da sociedade um fermento, não direi de sustos, mas de impaciencia.

A carta relatava que:

El-Rei tinha atravessado a fronteira de Portugal e tinha posto cêrco a Elvas.

Que estava dentro d'ella um tal Gil Fernandes, homem corajoso e decidido.

— Conheço, interrompera Leonor Telles. E' um valente; El-Rei terá de vencer um grande cavalleiro.

A carta continuava:

Que El-Rei mandara a Gil Fernandes dois prisioneiros (que fizera) com as mãos decepadas, ameaçando-o de que faria o mesmo a todos os que estavam no castello quando lhe cahissem nas mãos.

Algumas vozes não approvaram o procedimento do rei. Era barbaro, diziam; não havia necessidade de se fazer.

A carta porém ia dizendo:

Em troca, Gil Fernandes mandou-lhe dois prisioneiros castelhanos no mesmo estado, dizendo-lhe que tinha mais oitenta para servirem de cambio.

Que El-Rei furioso, não podendo demorar-se, partira e passando em Aronches aprisionara dezesete homens e os mutilara da mesma maneira.

Os murmurios de reprovação cresceram mais.

Mais dizia a carta:

Que El-Rei tomara Celorico e commettera eguaes crueldades inuteis, raivoso porque não vinham ao seu encontro, como da primeira vez, nem alcaides, nem populares.

Que arrazara a ermida de S. Mamede, perto d'alli, por lhe recordar uma victoria dos portuguezes e que finalmente chegara a Coimbra.

A carta tinha uma interrupção e começava depois da partida de Coimbra, dizendo que se dirigiam a Leiria onde acampariam esperando o Mestre d'Aviz que lhes constava estar perto.

A carta terminava por assentar que a batalha estava imminente e o conde pedia para elle as orações da mulher.

Estas noticias, como é natural, animaram ainda mais as conversas nocturnas do salão de Leonor Telles e por dias se esperou, com verdadeiro interesse, o novo correio, que se suppunha que naturalmente viria, antes do prazo, noticiar a victoria.

Os dias passavam e nenhuma nova chegava.

Até que ao oitavo um grupo de soldados, entrado de madrugada na cidade, espalhou por toda ella um grito de terror e de miserias.

Dera-se a batalha de Aljubarrota!

* * *

CAPITULO XCIX

A nova

O que foram essas primeiras horas, o que foi esse dia na cidade, é indiscriptivel.

Mal o grupo estropiado dos soldados acabava de contar o desastre terrivel, começaram a chegar outros, aos tres, aos quatro, os fatos sujos e rôtos, os pés em sangue, as caras pallidas, emmagrecidas pela fome de dias, arrastando-se, febricitantes, quasi cadaveres.

Pela tarde um dos senhores dos arredores, chegou, entre os restos da sua hoste dizimada, merencorio e funebre.

A chegada successiva d'estas reliquias do brilhante exercito encheu a povoação de um pavôr sombrio.

As mulheres começaram a gritar pelos paes, pelos maridos, pelos filhos, vomitando pragas, rasgando-se os vestidos, arrancando os cabellos.

Praças, ruas, bêcos, tinham-se enchido de multidão curiosa, que abandonara as casas, para ouvir contar os incidentes do assombroso combate.

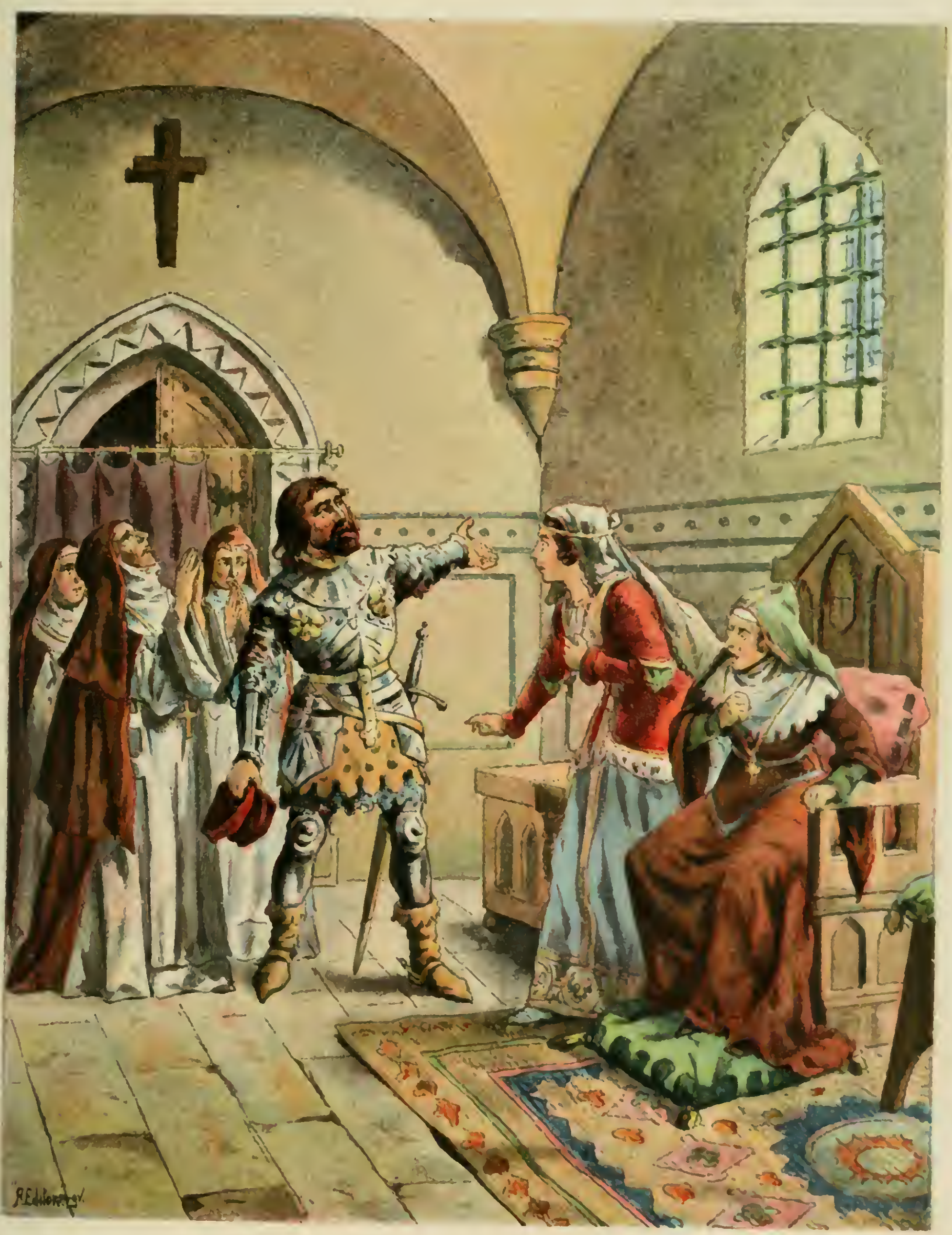
Ao ouvil-os, mais se prolongavam os gritos, as imprecações; amaldiçoavam os santos, insultavam Deus.

No convento reinava uma oppressão em todos os espiritos; havia lagrimas em todos os olhos das mulheres que em roda de Leonor Telles e da condessa, ouviam o que repetia, por o ter ouvido a um soldado, uma creada do convento.

Indagando o nome do fidalgo que chegara e que era o conde D. Pedro Diaz, de Toledo, a condessa mandou-lhe pedir se a podia receber n'aquelle instante, ou se lhe faria a graça de entrar no convento.

Como cavalleiro que era, o conde respondeu que em breve a procuraria e, uma hora depois, fazia-se annunciar á portaria e era recebido pela abbadessa, que o levava aos aposentos de Leonor Telles, onde estava a condessa.

Entrou o conde pelo aposento, seguido por multidão de freiras a quem


A Editora gr.

— Sêde bem vindo, senhor Conde, que novas me daes de meu marido ?

o extraordinario do acontecimento quebrava a disciplina quasi momentaneamente.

Vestia meia armadura. Era lavrada de fino aço, aqui e alli vincada por golpes recentes.

Adaga e espada de Toledo cahiam-lhe á cinta, onde se distinguiam, sob a camada de pó, finos arabescos de oiro.

Novo ainda, tinha a barba comprida e escura, os olhos brilhantes, o cabello amplo e negro.

Aprumava com altivez o corpo; mas pelo estado das vestes, pelo desalinho da barba e do cabello, a sua figura meia marcial, meia civil, produzia uma impressão estranha de comico temor.

Depois de beijar a mão a Leonor Telles, a condessa correra para elle dizendo e perguntando-lhe:

— Sede bem vindo, senhor conde. Que novas me daes de meu marido?

— Desde o começo do combate que não o vi mais, senhora.

— Nem sabeis se algum mal lhe aconteceu?

— Não o sei. Como vos digo, senhora, o combate foi rapido e terrivel; não deu tempo a que nos encontrassemos na acção, nem que nos avistassemos na retirada.

— E El-Rei? perguntou Leonor Telles.

— El-Rei sahiu da batalha a caminho de Santarem.

— Não ia só, decerto?

— Não, senhora; acompanhavam-no muitos fidalgos, para sua defeza.

— Com elle iria meu marido? aventou a formosa condessa, cujo rosto desde a entrada do cavalleiro, se cobrira com uma nuvem de tristeza.

— E' quasi certo, respondeu o conde.

— E' certo; confirmou a rainha para socegar a amiga.

O conde não abandonava El-Rei. Depois voltando-se para o conde perguntou-lhe:

— Como se explica, senhor conde, um tal revez? Ereis tantos, tão bem armados, tão brilhante de valentes cavalleiros o vosso exercito, como poude ser vencido pelos portuguezes? Estranho caso é este.

Quem reparasse bem no rosto de Leonor Telles, perceberia que mau grado a tristeza que queria aparentar, tinha nos olhos o quer que fosse de uma alegria reprimida.

— Senhora, disse o conde, estes são os azares da sorte, ou as determinações da vontade de Deus.

— Bem parece decreto de Deus, volveu Leonor.

— Assim foi. Coisa alguma poderia fazer prever um desastre. Tão seguros estavamos da victoria, tantos eramos e tão poucos os contrarios, que antes da batalha alguem propoz que os desprezassemos e marchassemos sobre Lisboa.

— Teria sido melhor.

— Não nol-o deixariam fazer. Estavam para pelejar e decididos, não nos deixariam ir adeante.

— Poucos eram, então?

— Um terço de nós.

— Santa Maria, disse com compungido ar, ficticio, a rainha, e tão poucos vos tolheram o passo?

— Bravamente.

— Abaixo de Leiria. Antes de uma villa a que chamam de Aljubarrota... situada n'um alto...

— Sei, disse a rainha, conheço-a.

— Pois foi ahi. O que nos perdeu, uma das razões, foi a nossa confiança absoluta na victoria. Se nos tivessemos acautelado mais um pouco, não teriamos, agora, a contar este vergonhoso revez.

O rosto do conde exprimia, ao dizer esta phrase, um sentimento de colera profunda.

— Dissestes que durou pouco o combate?

— Pouco mais de uma hora.

Tinham-se collocado á direita e á esquerda de um valle, nas encostas sobrepostas, de um lado a cavallaria do outro os archeiros.

O conde mentia. A batalha dera-se em plena planicie como sabemos; mas não lhe consentia o orgulho o não procurar uma desculpa para a derrota.

— As posições eram as melhores, continuou. Em baixo no valle com a sua infanteria, na vanguarda, o condestavel...

— Nuno Alvares? perguntou a rainha.

— Esse. Formava a vanguarda. Por detraz o rei com as suas lanças.

Esta era ordem que observámos antes do ataque. Ao tocar das trombetas a nossa vanguarda, composta quasi toda de portuguezes, cahiu sobre a vanguarda do condestavel e rompeu-a.

Todos julgaram a batalha ganha, á primeira carga; mas, Deus dispõe. Em breve a vanguarda portugueza se recompõe, a nossa vanguarda é dizimada.

No corredor aberto engolfam-se os nossos, hoste a hoste, e sobre cada uma que entra, cahe-lhe, como um raio, a cavallaria dos flancos e baralha-a, desordemna-a, destroça-a.

A nossa artilharia não faz senão a principio um passageiro espanto, para nada mais servir.

Acordados do espanto de tão singular resistencia os nossos cavalleiros, carregam, uma, duas, tres vezes, sobre a vanguarda que de novo, compacta, ás ordens do condestavel, aguenta, como um rochedo, as cargas e não arreda pé.

Cavallos, homens, lanças aos milhares, impedem amontoados pelo chão, o manejar dos cavallos: os cavalleiros recuam.

Os frecheiros inglezes envolvem n'uma nuvem de lanças homens e cavallos.

Estes, feridos, desbocados, arrastam os cavalleiros, em desordem por entre os nossos, estabelecendo a confusão, prostrando os peões.

A batalha é geral, agora, cada um combate como pode e não ha ordem nem methodo, nem plano, porque se o ataque é brioso, a resistencia é brava.

Ninguem seria capaz de descrever as peripecias d'aquella meia hora.

Como um trovão permanente, rebôam no ar os echos de mil gritos, de pragas, dos choques das armas, do correr dos cavallos, das quedas dos corpos.

Os portuguezes, diga-se, teem o seu plano, seguem-no como valentes, porque d'ahi a pouco, esgotados, em combates parciaes, os nossos recuam!

Conhecem-n'o elles e redobram de esforço?

E' natural.

A nossa bandeira, cae, tomam-n'a.

Então como doidos gritam:

— Victoria! victoria!

Este grito que os anima, esmorece os nossos.

Já sem ordem, acommettidos pelo medo, a desordem torna-se barafunda.

Os primeiros fogem: os outros seguem-nos.

E'-se arrastado, levado, nas ondas que fogem, deante das cargas dos que, perante fugitivos sentem duplicar as forças.

Está perdida a batalha.

El-Rei que o conhece, abandona o campo, parte á pressa com os seus.

Vendo que El-Rei parte, a debandada é geral.

Cada um foge como pode, defendendo-se ainda dos que o perseguem sem saber de amigos, nem de companheiros.

— Digo-vos que não foi da vontade de Deus que vencessemos os chamôrros, porque depois de perdida a batalha, quando se quer procurar como se perdeu e porquê, não se percebe.

— Custa a perceber, confirmou Leonor Telles; por mais valentemente que pelejassem os portuguezes... ereis tantos a mais!

— Pobre rei, exclamou a abbadessa, como estará elle, agora!

— Imagino-o doido de desgosto, envergonhado...

— A vontade de Deus é omnipotente, tornou a abbadessa; os homens teem de conformar-se com ella, em todos os seus designios e vontades.

— Morreram muitos cavalleiros? perguntou a condessa que ouvira, silenciosa, a narrativa.

— Alguns devem ter morrido, senhora, porque nenhum recuou; nenhum faltou ao seu dever.

— Não foi possivel notar a falta d'alguns?

— Se vos digo, senhora, que a desordem e a confusão, não deram tempo a que pensassemos nos vivos, quanto mais nos mortos.

— O golpe é terrivel para Castella, disse Leonor Telles com um ar compungido, ou parecendo-o.

Que enormes despezas custou o arranjar e sustentar tão numeroso exercito!

— Perda grande de dinheiro e de vidas, tanto mais para lamentar que muito mais difficil nos será agora, recuperar o reino de Portugal.

— Pois pensaes, ainda?... ia a completar a rainha, quando o conde a não deixou acabar, exclamando:

— Pensaes que El-Rei não quererá vingar-se de tal vergonha?

Que importam os sacrificios?

Elles valerão bem um reino; um bello reino como é o de Portugal.

— Depois é de justiça, disse a rainha n'um tom inexprimivel, o reino pertence a D. João: o Mestre d'Aviz é um usurpador.

— El-Rei tem o dever de lh'o arrancar ainda que seja preciso que Castella inteira se despovóe e empobreça.

— Aonde estará El-Rei? perguntou a condessa, como se quizesse assim saber onde estaria o marido.

— A estas horas deve estar em Sevilha, ou perto.

— El-rei vem a Castella, por mar?

— Assim deve ser. Se abalou para Santarem, de lá iria a Lisboa onde estava a esquadra.

— Sabel o-ha a rainha? perguntou a abbadessa.

— E' natural que não.

Os que seguiram o caminho mais curto fomos nós e vêde que só hoje chegámos.

— Vindes só?

— Seguem-me outros cavalleiros d'estes sitios.

— Trarão elles outras noticias?

— Quaes? se partimos quasi á mesma hora.

— Descançae, senhora, disse o conde voltando-se para a condessa que fizera a pergunta, descançae.

Vosso marido deve estar com El-Rei.

Era o seu logar ao lado d'elle e a comitiva que o seguia quando partiu era grande.

N'isto um ruido maior se erguia na cidade.

Era que chegavam mais foragidos, recontando ao povo episodios da desgraça e indicando mortos.

Então aquelles a quem as perdas tocavam, alvoroçavam a rua com as lamentações e os gritos.

O conde despedia-se:

— E' isto o que vos posso e sei dizer, senhora condessa.

Em breve saberemos todo o alcance dos nossos males, que hão de ser maiores do que eu imagino.

— Deus tenha dó de nós, clamou a abbadessa.

— Quanto ao vosso marido e senhor, quasi que vos dou a certeza de que é vivo.

— Deus vos oiça, clamou pressurosa a condessa.

— Senhora, continuou o conde dirigindo-se a Leonor Telles, dae-me as vossas ordens, que muito estimarei.

— Partis hoje da cidade?

— Não, senhora. Demorar-me-hei ainda a esperar que se me juntem os restos dispersos da minha hoste que ainda existam, para que chegue a casa levando ás mulheres e ás mães dos meus dominios a menor quantidade de luto e de lagrimas.

— Aonde poisareis? perguntou o abbadessa.

— No convento de S. Francisco, aonde já estive.

— Disponde do nós quanto vos approuver e necessitardes, volveu soror Maria do Ceu.

— Obrigado senhora, volveu o conde, não esquecerei o vosso offerecimento bem que o não acceite.

— Mas voltae vêr-nos, disse Leonor Telles. A D. Abbadessa o permittirá, continuou ella, voltando-se para a abbadessa que fez com a cabeça um signal affirmativo. A' noite virão por certo aqui muitas nobres damas que desejam saber novas da guerra. Podereis socegal-as; ao menos com a incerteza das mortes deixareis ainda nos seus corações afflictos permanecer a esperança.

— Virei se o puder fazer, volveu o conde. Ha tres dias e noites que quasi não paramos... Farei, no emtanto, por vir; bem que mais nada saiba do que o que contei.

— Fazei como puderdes, disse Leonor Telles com o seu ar de grande dama; se vierdes sereis sempre bemvindo.

O conde beijou-lhe a mão e á condessa. Inclinou-se um pouco deante da abbadessa beijando-lhe o habito e sahiu.

Freiras e servas, a propria abbadessa acompanharam o conde; de modo que d'ahi a um momento, na vasta sala só ficavam, de pé, olhando-se, n'uma grande perplexidade, a rainha e a condessa.

CAPITULO C

Pensamentos

Depois de um momento de silencio Leonor Telles dirigiu-se á condessa, que se absorvera em meditações.

— E' preciso que não estejas a affligir-te sem razão, Beatriz.

— Sem razão?

— Sem razão. O que ha de positivo? nada.

— Nada?

— A não ser a perda da batalha. Do mais... coisa alguma, ao certo.

A rainha foi fechar a porta á chave e, voltando, sentou-se e fez signal á condessa para se sentar.

— Que me dizes de tudo isto?

— Que hei-de dizer? parece-me um sonho.

— E' inacreditavel. Olha — e a rainha chegou-se mais para D. Beatriz — aqui para nós, porque eu não o poderia dizer a outrem, tenho uma grande alegria em mim.

— Que tendes a ganhar...

— Naturalmente nada; mas é o meu orgulho que se sente acariciado.

Esse sorambatico D. João, essa nobreza orgulhosa e insolente que bella licção levaram.

Que me dizes do Mestre e do seu condestavel?

— O condestavel, o condestavel, é um heroe. Todos o tinham já por isso. Parece tel-o confirmado agora.

— Que espantosa derrota! monologava a rainha; e que tal foi que apparecem, aos poucos, allucinados, como se atraz d'elles corressem ainda os cavalleiros de Portugal. Aos chamôrros como lhes chamam, com ar de desprezo.

— Por isso receio por meu marido.

— Se o conde disse e é natural que seguisse o rei. A rainha está em Avila?

— Está.

— O rei não se demorará em Sevilha. Virá para cima; em tres ou quatro dias estará com ella. Não te afflijas, não te incommodes debalde, repetia Leonor Telles, cariciosamente, a desterrar do rosto d'amiga o ar de tristeza que o velava. D'aqui a tres ou quatro dias estará o conde comtigo e se não estiver ter-te-ha mandado novas suas.

— Sabeis que tenho um presentimento no coração?

— Deixa-te de presentimentos, que são tolices; o que é certo é que o senhor meu genro recebeu uma licção estrondosa e que não sei agora como ha de reconquistar o throno de que eu lhe fiz presente.

Tem-lhe custado caro, coitado!

Ha-de tel-o amaldiçoado, algumas vezes. Não tive culpa, continuou Leonor Telles, como fingido dó, eu fiz-lh'o com a minha melhor boa vontade.

N'isto, bateram á porta.

Eram as serviçaes que traziam a collação da noite.

A conversa interrompeu-se emquanto comiam. A condessa não disfarçava o seu mal estar: Leonor Telles cahira n'uma meditação profunda, como se os mais graves problemas se debatessem na sua formosa cabeça.

A condessa sabemos nós em que pensava: em que pensaria a rainha?

A rainha pensava nas consequencias de tal acontecimento.

O golpe fora cruel. Mais do que a honra de Castella, Leonor Telles percebeu que fôra ferido o seu poder.

Era, n'esse tempo, a mais poderosa nação da peninsula e ainda a mais rica.

A guerra, a começar na invasão do cêrco, tinha-lhe custado, já, rios de dinheiro.

Seria difficil, muito difficil, agora, recuperar qualquer das duas coisas. A aclamação do Mestre d'Aviz para rei de Portugal, tendo a brilhante consagração da victoria sobre Castella, ganharia perante as cortes estrangeiras o valor de um facto consummado.

N'esse tempo era rei quem conquistava um throno e o sustentava com a espada.

O Mestre d'Aviz era d'esses e o seu reconhecimento como rei, que não podia deixar de obter de outras nações, grangear-lhe-hiam allianças, com que tornaria impossivel a Castella o desthronal-o.

Portugal tinha, pois, um rei; mas esse rei que difficilmente poderia ser vencido por estranhos, não poderia ser vencido pelos seus proprios, pelos de casa?

Podia e era essa a unica maneira.

A derrota vergonhosa de D. João de Castella, alegrara-a, vingara-a do que elle lhe tinha feito soffrer; mas o ella ter-lhe sido infligida pelo ex-mestre d'Aviz isso é que lhe transtornava um pouco todo o dôce gosto da vingança.

Porque o odio ao ex-Mestre d'Aviz, esse é que lhe ficava no intimo do peito, inalteravel, se não avolumando-se com o tempo.

Pensando bem, a derrota do rei de Castella poderia ainda servir-lhe para se vingar do Mestre. Victorioso aquelle, por fórma alguma ella poderia procurar enfraquecel-o contra o inimigo odiado; agora, porém, humilhado, corrido de vergonha, elle poderia bem esquecel-o, ou o que seria ainda melhor, aproveital-o.

Aproveital-o? E o seu forte cerebro começou a trabalhar sobre esta idéa.

Pensativa a rainha quedava-se de tal modo, abstrahida e alheia que a condessa não se teve que lhe não dissesse:

— Em que pensaes com tanto affinco?

Como acordando, Leonor Telles respondeu:

— No que poderá acontecer, depois d'esta batalha.

— Já vos importa?

— Muito.

A condessa olhou-a e viu-lhe o rosto animado, os olhos luminosos, a cabeça levantada e altiva. Era a Leonor Telles de outros tempos, quando uma idéa lhe passava pela mente, quando um plano se lhe antolhava no cerebro, quando uma idéa, fixa, inabalavel, poderosa, a dominava, inteira

Olhava-a de novo e com espanto.

— Porque me olhas assim? perguntou a rainha.

— Estranho o vosso olhar, a vossa animação; lembraes-me a minha senhora d'outro tempo; desconheço-vos do que ereis ha dias, ha horas, ha instantes, mesmo.

— Talvez, disse Leonor Telles, sorrindo, passou-me outra vez pela cabeça a ancia... e parou ..

— De que? minha senhora.

— De viver!

*

* *

N'essa noite e noites immediatas os aposentos de Leonor Telles encheram-se das pessoas nobres de Tordesillas.

Todos os que tinham parentes na guerra, como sabendo que a condessa seria a primeira informada e essa informação se esperasse a cada momento, alli iam procurar uma nova tranquillisadora, a respeito dos seus.

As novas, porém, não chegavam e os dias iam passando.

Um ou outro villão retardatario, a quem o cançaço do caminho prohibira mais rapida marcha e que chegava depois, nada adeantava sobre as victimas da batalha.

No final cada um tinha fugido por onde podia, a livrar-se da perseguição da soldadesca, ebria de sangue, brutal e feroz que os perseguia por longas distancias.

Que tinham morrido muitos, sabia-se; quaes? era impossivel dizel-o; a precipitação da fuga não dera tempo de olhar para traz.

De modo que a falta de noticias começava a tornar-se um verdadeiro supplicio e os dias e as noites passavam-se, cada vez com menor alegria, porque todos presentiam que o futuro proximo vinha carregado de sombras.

Dias depois soube-se que o rei se dirigia a Toledo, que já devia vir em caminho, pelo tempo em que partira de Sevilha.

Que tinha dado como ponto de reunião a todos os fidalgos a cidade de Valladolid, para ahi se reunirem e as côrtes.

Esta noticia causou grande alegria.

Ia finalmente saber-se quaes os fidalgos que o acompanhavam, porque logo que se approximassem mais, não deixariam de mandarem noticias.

Vivia-se, pois, n'um sobresalto continuo, quando, n'uma noite, á porta do convento, parou uma ruidosa cavalgada, cujo tropel pelas ruas da villa acordara os habitantes, que estremunhados sahiam das casas a inquirir o que fosse.

Os contos das lanças bateram rijos no amplo portal do mosteiro e á voz do guardião, que saltara lesto da cama e perguntava, de dentro, entre intrigado e medroso:

— Quem é?

A voz d'um cavalleiro, vestido de armadura completa, que a luz do nicho do portal fazia faiscar por vezes, respondeu:

— Abra, em nome da rainha.

* * *

CAPITULO CI

Partida

O leitor não esqueceu de que, quando a noticia chegou á terra de Avila onde a rainha Isabel fôra deixada por D. João de Castella, a população se amotinara e caminhara para o paço, resolvido a vingar na rainha a victoria dos portuguezes.

O bispo conseguira apaziguar a multidão e salvar não só a rainha do serio desgosto; mas ainda a vida de muitos portuguezes e de algumas damas da mesma nacionalidade que com ella estavam.

Acalmara a populaça, mas a rainha n'um estado de excitação nervosa justificada, mal chegou a noite, mandou chamar Ruy Perez a quem o rei encarregara a sua guarda e ordenou-lhe que apromptasse a hoste para antes do romper da manhã.

O fidalgo perguntou:

— Para quê?

— Para me acompanhar.

— E aonde ides, senhora?

— Dirvol-o-hei amanhã, quando partir.

— El-Rei mandou...

— El Rei, interrompeu a rainha, não sabia que me tinha deixado tão pouco segura da vida; aliás não o teria feito. Fazei o que vos digo.

Ruy Peres, cortejando, ia a sahir quando a rainha o chamou.

— Olhae, accrescentou com modo imperativo, que é absolutamente secreta a minha ordem.

Ruy Perez cortejou de novo e sahiu, quando entrava o bispo.

— Daes-me licença, senhora? inquiriu este, á porta.

— Entrae, D. João.

— Estaes mais tranquilla, minha senhora?

— Não; pelo contrario.

— Socegae, que não correis perigo algum, agora.

— Posso correl-o, ámanhã. Se por acaso aqui não estivesseis, dizei-me onde poderia chegar a ousadia d'esses villões!

Tenho eu culpa por ser portugueza, que os portuguezes vencessem os castelhanos? Vêde se ha mais ruim e desvairada gente?

— Tendes razão, senhora; mas o que quereis de gentes bestiaes que não podem dominar os instinctos?

— Não me quero entre elles; parece-me que será a melhor maneira de os evitar.

— Que remedio tereis...

— Já o achei.

— Qual? minha senhora.

— Partirei esta manhã... ao romper d'alva.

— Partireis? para onde?

— Para um convento... Para o convento de La Mercêd, em Tordesillas.

Alli, mais segura, poderei esperar El-Rei e estar tranquilla.

— Podereis partir se o quereis, minha senhora; mas se o fazeis por segurança vossa, apenas, garanto-vos que nada tendes a temer.

— Será certo, replicou a rainha, mereceis-me toda a confiança; mas sinto que não posso estar, aqui, uma hora mais, tranquilla.

Preciso repousar, sentir-me só, até que El-Rei chegue.

Não me queiraes mal, D. João, por não acceder aos vossos conselhos.

— Minha senhora, replicou o bispo, se vol-o dou é para vos evitar incommodos inuteis.

De modo algum desejarei oppôr-me á vossa vontade.

Quereis socegar, nada mais proprio do que a tranquillidade de um convento.

— Tranquillidade e segurança, volveu a rainha. De ambas as coisas preciso para repousar o espirito.

— Quereis que vos acompanhe?

— Não é preciso.

Mandei já a Ruy Perez preparar a escolta.

Partirei antes do romper da manhã e pela noite, ao anoitecer, poderei estar no convento?

— E' preciso andar muito, de manhã; por que tereis de descançar ao meio dia, ou antes.

— Pelo calor?

— Que tem abrazado tudo n'estes dias.

— Descançarei.

— Partireis á tarde, pela fresca.

Tendo feito mais de metade do caminho pela manhã, alcançareis Tordesillas ao anoitecer.

Levaes o infante?

— Não o deixaria, nunca, por caso algum.

— Mais cautellosa tendes de ser.

— Irá n'umas andas.

— Será melhor.

— Previnireis El-Rei, logo que chegar, da minha resolução e dos motivos d'ella...

— Sim, minha senhora.

— ... E se algum mensageiro vier para mim, mandae-m'o com a maior pressa.

— Assim farei.

— Dae-lhe o melhor cavallo, o mais rapido...

A rainha ficou, por momentos, pensativa.

— Dizei-me, D. João, demorar-se-ha muito, El-Rei?

— Não vos mandou dizer quando voltava?

— Não; nem a vós?

— Nem a mim.

Mas não poderá demorar-se, senhora.

Consta que a todos os fidalgos deu ponto de reunião em Valladolid e é natural que El-Rei tenha a maior pressa em se reunir a elles.

— Ainda para tratar de guerras, disse a rainha com modo triste.

— Agora mais do que nunca, minha senhora.

El-Rei não poderá deixar sem vingança a affronta recebida, nem de procurar uma compensação para as enormes despezas que se teem feito.

Além d'isso quer o seu direito, direito assentado em tratados, de que ninguem poderá esbulhal o.

El-Rei não o cederá nem por morte.

— Sempre a guerra! disse a rainha, como se falasse para si propria.

— Faça-se a vontade de Deus, disse beatamente o arcebispo.

Precisando de ordenar as coisas para a partida, a rainha despediu, amavelmente, o prelado.

Fecharam-se as roupas em amplos bahús forrados de coiro e cobertos de pregaria, em fortes arcas de carvalho chapeadas de ferro, preparou-se a anda para o infante que teria então approximadamente cinco annos, ajaezaram-se as mulas e os cavallos, para a comitiva da rainha e pela madrugada, ao chegar da escolta de Ruy Perez, todos promptos no palacio, abalaram de subito pela estrada que de Avila conduzia a Tordesillas.

Os poucos da villa que viram partir a cavalgada espalharam em breve a noticia.

Não ficaram muito satisfeitos os impetuosos da vespera.

A rainha sahia receiosa, por não ter confiança n'elles.

Era uma fuga; e, o rei que estimava a mulher, talvez não ficasse muito satisfeito com o caso de ver a rainha fugir ás arremettidas dos seus subditos de Avila.

Se lhe désse para indagar dos culpados, se a rainha se lhe queixasse, a situação de muitas cabeças não era das mais invejaveis.

Assim, os exaltados da vespera ficaram perplexos com a sahida de D. Isabel e alguns resolveram, no seu intimo, dar um pequeno passeio pelos arredores de Avila á chegada do rei.

Era prudente.

Emquanto se espalhava e commentava pela cidade a partida precipitada da rainha, a cavalgada seguia a estrada que conduzia a Arevalo, terra pittoresca, ora contornando, ora subindo serras.

A manhã era fresca, os cavallos e azemolas caminhavam com vontade, o caminho desapparecia debaixo dos pés dos animaes.

Depois de rapido descanço em Arevalo, andaram mais umàs quatro leguas e encontrando na falda da serra um sitio coberto de arvoredos, com aguas correntes, como o sol quasi a prumo começasse a castigar as bestas e os homens, pararam, bivacando, erguendo as tendas.

Quando o calor diminuiu cavalgaram de novo e, como vimos, pelo começo da noite, entravam em Tordesillas e paravam á porta do convento de La Mercêd.

*

* *

A entrada da rainha, das damas de serviço e do infante, produziu no convento o reboliço que é de suppôr.

A abbadessa correu immediatamente á portaria, mandou illuminar a sala chamada das rainhas, fazer camas, preparar, em momentos, os aposentos que a rainha devia occupar.

Esperando, D. Izabel, desculpava-se de a ter vindo incommodar, e a todos, a tal hora; mas que fôra obrigada a fazel-o, porque não se encontrava segura, nem ella nem o infante ante a villanagem exaltada de Avila.

A abbadessa respondia, sollicita:

— Muito bem fizestes, minha senhora, em procurar o nosso mosteiro; aqui estareis perfeitamente tranquilla, livre de qualquer desgosto.

— A rainha, que era aquella bondosa creatura que nôs conhecemos na primeira parte d'esta narrativa, agradecia os cuidados da abbadessa.

— Como então, dizia esta, essa gente ousou insultar-vos? faltar-vos ao respeito?

— Se não fôra o arcebispo de Toledo, ter-me-hiam invadido o paço e quem sabe o que mais fariam!

— Santa Maria, exclamava a abbadessa, que bons açoites merecem esses villões! E qual a razão? Qual a razão?

— Porque sou portugueza... por odio aos meus...

— Vède que gentes sem razão. Como estarieis afflicta, minha senhora; em tal lance! Seriam capazes de vos maltractar os malditos.

— Se ouvisseis os gritos que davam e visseis as suas caras medonhas, terieis, como eu tive, por longo tempo, receio pela vossa vida. Pela minha e pela do infante.

— Quem o duvída? Nada ha peior do que a gentalha revoltada que a nada attende, que a ninguem escuta.

— Mas escutou, então, o arcebispo.

— Protege-vos a nossa mãe do Ceu, minha senhora; porque sois boa e aos bons ella não desampara nunca!

Passado um instante, a abbadessa perguntava:

— E, de el-rei nosso senhor, minha senhora e da sua comitiva ha novas certas? Passa el-rei bem e os que o acompanham?

— El-rei vem muito desgostoso, como elle mesmo m'o mandou dizer; mas a saude não é peior do que a que tinha ao partir.

— Que não é perfeita, dizem.

— Desde o malfadado cêrco de Lisboa, que el-rei não vive bem.

— El-rei não teve o cholera?

— Não; mas attacaram-no grandes febres, que de vez em quando se repetem ainda.

— Tem havido e ha ainda aqui grande anciedade, por tão grande falta de noticias. D'estes sitios, poucos fidalgos teem voltado. Ha esperança que alguns d'elles venham na comitiva de el-rei.

Tantos faltam, porem, que não é natural que todos sigam sua alteza.

— Foi grande o numero dos mortos. El-rei m'o diz.

— Por força, aliás, em oito dias, teriam já mandado novas mas, onde estavam e como. Aqui, no convento, está a boa senhora condessa de Mayorca a quem já não é possivel consolar, imaginando morto o esposo.

— Está aqui? perguntou a rainha, desde quando?

— Desde que o senhor conde foi para a guerra.

— Está, só?

— Veio só; mas alojou-se nos aposentos de...

A abbadessa parou; só então se lembrou de que Leonor Telles era mãe da rainha.

— De quem? perguntou D. Beatriz.

— De vossa mãe e Senhora.

Por seu turno a rainha ficou silenciosa. Com a precipitação da vinda, nem se lembrou de que no convento de La Mercêd, estava Leonor Telles, a mãe.

Pouco depois, como se desterrasse uma idéa de desgosto, o rosto desanuveado, perguntou:

— Como está minha mãe e senhora?

— Agora, bem; respondeu a abbadessa.

— Esteve mal?

— Quando chegou. Poucos tempos depois, começou a entristecer, a recusar o alimento; entrou com ella a febre e esteve verdadeiramente mal. N'esta occasião, chegou a senhora condessa e começou a melhorar, a melhorar de modo que hoje se encontra perfeitamente de corpo e de espirito.

— Deve saber que cheguei, a esta hora.

— E' natural.

— Fazei-me favor de me desculpar perante ella, porque a não vou já vêr e beijar-lhe a mão. Ella estará accommodada e eu preciso repousar, eu e o infante.

Uma serviçal entrava annunciando que tudo estava prompto para a rainha, a mesa e o leito.

A abbadessa levou-a para os aposentos contiguos.

Uma das aias fazia tomar ao infante uma taça de leite, acompanhada de doces: a rainha bebeu tambem uns golos, ajudou a deitar o filho e feito isto, recolheu-se ao quarto ao lado, abriu o seu livro de Horas, resou e deitou-se.

Como vinha cançada da rapida viagem, o corpo cedeu á fadiga e promptamente adormeceu.

* * *

CAPITULO CII

Visita

Nos aposentos de Leonor Telles, a entrada de uma das madres annunciando a chegada da rainha produziu espanto.

A rainha, alli, áquella hora? O que poderia ser? O que teria acontecido?

Foi despachada, logo, uma serva com o fim de ir saber o que havia, o que queria dizer tal vinda.

Leonor Telles, de principio, concluiu que houvera novidade grande para a filha chegar áquella hora á villa, e escolher o convento onde ella estava.

A creada voltou d'alli a meia hora e sabia tudo.

A condessa pensou em ir immediatamente procurar a rainha e saber d'ella noticias do marido.

Objectou-lhe Leonor Telles, que estava já convencida de que qualquer infelicidade acontecera ao marido, que a hora era impropria, que a rainha devia vir cançada, que seria prudente esperar a manhã seguinte.

A pobre senhora conformou-se cheia cada vez mais de pensamentos de dó, deitou se e mal dormiu, tanto mais que a abbadessa, entrando pouco antes, para noticiar a Leonor Telles a vinda de sua filha, repetira as palavras de D. Izabel: que nada se sabia sobre a comitiva do rei e que elle dissera, em carta, que muitos tinham morrido.

Uma esperança lhe restava só. Era a de que tivesse ficado prisioneiro. E' natural que muitos o estivessem tambem e que assim não pudesse ainda ter-lh'o participado.

Vir com o rei não era natural, sem lh'o ter já feito saber.

O correio de D. João tinha chegado a Avila havia dois dias, o que o conde mandasse teria já tempo de estar em Tordesillas.

O conde não teria deixado de dar noticias suas, até pelo mesmo correio.

Não tinham vindo; o conde não estava com o rei e se não estava é porque estava captivo ou morto.

Estes raciocinios, aliás bem deduzidos, enchiam de tristeza a pobre condessa que já apellava para o captiveiro, como ultimo refugio na sua duvida.

N'isto passava as horas do dia e da noite.

Na manhã seguinte, a rainha com o infante pela mão apparecia nos aposentos de Leonor Telles.

Se não foi effusiva a visita das duas, foi amavel.

A ex-rainha não vira mais a filha desde a sua partida de Santarem desde aquelle celebre julgamento, em que tinham ficado tão mal dispostas uma contra a outra.

Os mezes tinham, porém, passado e D. Beatriz se não amava Leonor Telles, não pudera nunca libertar-se de um certo respeito com que sempre a vira; nem esquecer, na bondade de que sempre deu provas o seu coração, de que aquella mulher, fossem quaes fossem os seus defeitos, era sua mãe...

O pequeno infante serviu ainda para pôr mais á vontade as duas rainhas uma em frente da outra, porque amigo e formoso se chegou para a avó e a acariciava com beijos e outras galanterias de creança.

— A tua vinda causou-me verdadeiro espanto, dizia Leonor Telles a D. Izabel. Por força coisa singular acontecera, para uma vinda a tal hora.

— Se os visseis, minha mãe e senhora.

— Esses não vi, respondeu Leonor Telles; mas adivinho-lhes bem os modos e os gestos, o arremeço e a furia.

Leonor Telles lembrava-se, n'esse momento, d'aquella scena que havia tantos annos se passara nos paços de S. Martinho, com os populares e Fernão Vasques, mas que não esquecera ainda.

— Se não fôra o arcebispo, continuou D. Izabel.

— Muito lhe deves e faze por o premiar. Aos bons servidores nunca são de mais os beneficios que se façam.

E' preciso, no teu logar, ter amigos; mas verdadeiros, com que se possa contar, sempre, nos momentos difficeis que tantos tem o reinar.

— Pedirei a El-Rei que o recompense.

— Não deixará de o fazer pois sei que te ama ainda muito.

— Como sempre minha senhora e mãe, respondeu D. Izabel com um ar de orgulho no rosto.

— Faz-te Deus grande mercê n'isso, minha filha; faze porque nunca a amizade do rei affrouxe para comtigo; será o maior sustentaculo da tua felicidade.

O pequeno infante que ouvia sem perceber e se aborrecia com a conversa, perguntou, interrompendo:

— Minha mãe, o rei meu pae vem ter, aqui, comnosco?

— Vem, respondeu D. Izabel.

— Como elle ha de gostar de ver a avó, concluiu a creança, olhando risonho para Leonor Telles.

Esta escondeu o epigramma infantil n'um longo beijo cheio de carinho.

— Sabes, perguntou Leonor Telles, levantando a cabeça de beijar o neto, sabes quaes os cabeças do motim de Avila?

— Não sei; não tive tempo.

— Não tencionas, então, fazer?

— A que respeito, minha mãe?

— Sobre o seu castigo. Quererás talvez perdoar?

— Não é melhor?

— Perdoar? No teu caso, quasi estrangeira, com os odios das populações, porque és portugueza, em que farás consistir a tua auctoridade? Como alcançarás o respeito a que tens direito como mulher, como rainha, como mãe do futuro rei de Castella?

A rainha indicava o infante.

D. Beatriz ficando submissa, Leonor Telles continuou:

— Perdoando? Tu julgas que o povo agradece o perdão? Depois de o receber esquece-lhe a qualidade e imagina-o um dever. Quem perdôa quasi que se confessa culpado; porque onde ha crime a justiça não manda perdoar, manda castigar.

O perdão é para os santos não é para os reis. Não sejas nunca má, cruel, jámais! mas justa e sobretudo orgulhosa do teu estado, senhora dos teus direitos, isso não deixes nunca de o ser. Olha que o amor dos subditos parece-se muito com o mêdo.

— El-Rei meu marido fará o que entender quando o souber.

— Estou certa que não deixará de vingar a affronta.

— Que o faça. Eu não lh'o exigirei.

O pequeno infante interrompeu de novo:

— Avó, aqui na tua casa não ha jardim?

— Ha jardim, ha, respondeu Leonor Telles; porque? querias ir passear?

— Vamos? perguntou o infante olhando para D. Isabel.

— Quereis ir? perguntou a rainha, para a mãe.

— A manhã está fresca, vamos; disse Leonor Telles, levantando-se.

Assim conversando desceram ao jardim, até que se separaram para o almoço.

CAPITULO CIII

A carta

Por mais do que um dia ou dois a vida do convento não foi alterada no seu correr monotono e triste, fundamentalmente.

Muitos prisioneiros tinham sido feitos em Aljubarrota e tinham sido enviados, com uma poderosa escolta, para Santarem.

O Mestre foi da maior gentileza com os captivos, sobretudo com os fidalgos a quem deu por homenagem as fortalezas, permittindo-lhes negociarem a sua libertação, fornecendo-lhes de entre os captivos de menor categoria correios para as suas terras.

Entre os presos que foram conduzidos á Alcaçova de Santarem estava Pero Lopes de Ayala.

Pero Lopes de Ayala que tinha então uns cincoenta e tres annos, se realmente nascera em 1332, era ainda um forte e bello typo de homem e de guerreiro.

O primoroso chronista que desde os 18 annos, chamado por Pedro o cruel, revelara um precoce talento, na gerencia dos negocios publicos, abandonara este D. Pedro para seguir o partido de D. Henrique, cuja historia conhecemos.

Como manejava a penna, manejava a espada.

Era, porém, infeliz.

Na batalha de Najera, onde combatera, ao lado de D. Henrique, ficou prisioneiro dos inglezes.

Foi levado para Londres onde soffreu longos annos de captiveiro, maltratado, cruelmente.

Voltou, emfim, a Castella e era, ao tempo de Aljubarrota, chanceller de D. João I.

Como disse, estava prisioneiro em Santarem e mandou um emissario a Castella, buscar o dinheiro para o seu resgate.

A quantia era avultada: eram trinta mil dobras.

Era em Valladolid, em casa de um rico judeu que Pero Lopes d'Ayala, guardava as suas economias.

O emissario levava, além da ordem de levantar o dinheiro, varias cartas.

Uma d'ellas era para o prior do convento de La Mercêd, um velho amigo, a quem o futuro chronista, contava os acontecimentos, a sua situação e lhe recommendava, que advogasse perante o judeu o rapido envio do dinheiro, responsabilisando-se perante elle, caso não chegasse á quantia pedida o dinheiro depositado.

A carta produziu no velho prior uma impressão profunda.

Era natural, porque era concebida n'estes termos:

«D. Prior.

Como deverá já saber, por algum mais feliz do que eu, que tenha chegado ahi depois da memoravel batalha do dia 14 d'este mez de agosto de 1385, a batalha perdeu-se.

Não satisfarei a sua curiosidade, por falta de tempo e de serenidade explicando-lhe as razões da derrota.

Um tão grande exercito, vencido e posto em fuga, por um inimigo que não chegaria a um terço dos seus homens, é realmente caso para admittir uma intervenção sobrenatural.

Naturalmente parece-me poder explicar-se a catastrophe por varias razões, que não dão grande elogio á prudencia dos nossos capitães.

Mais valentes do que prudentes, fiados no numero, no proprio valor despresaram todas as cautellas dos combates e a sua imprudencia, aproveitada, deu a victoria aos portuguezes.

Assim foi que começámos combatendo deante de um monte cortado que nos dava pela cinta e onde os portuguezes nos esperavam.

Isto de um lado; do outro, o ataque era difficultado por fundos barrocaes mais altos do que um homem alto.

A vanguarda estava cercada de ambos os lados por dois rios, de modo que nunca poude acommetter, com uma frente de mais de trezentas lanças».

E' preciso relembrar que é falso o que Ayala contava e mais tarde escreveu na sua chronica.

A batalha foi dada n'uma planicie de ligeirissimas ondulações, se as tinha, como já foi descripto, quando se tratou da batalha.

Perdôa-se, no emtanto, ao escriptor.

Era castelhano, patriota e não podia furtar-se ao, aliás justificado intuito, de defender os seus.

A carta continuava:

«Estas razões e ainda outras, que mais tarde lhe referirei, quando tiver o prazer de o abraçar, fizeram de tal modo correr o combate desde o principio, de tal modo animou os inimigos, que empregando todo o seu ardor e valentia, que foi grande, devemos dizel-o até para nossa desculpa, nos derrotaram.

De novo, a minha má sina me fez ficar prisioneiro.

Aqui estou em Santarem, no castello da Alcaçova, de onde vos escrevo».

Seguiam-se as recommendações sobre o envio do dinheiro, ou melhor da ordem, sobre um negociante judeu de Lisboa no caso de o acharem assim mais prudente.

Depois continuava, escrevendo:

«Foi um terrivel dia aquelle, meu amigo, para as armas e para a nobreza de Castella.

Alem dos milhares de peões, que se saiba já hoje, reconhecidos como taes encontraram-se os corpos de D. Pedro filho do marquez de Vilhena; D. João de Cantanheda, filho do conde D. Tello, primo d'El-Rei; D. Fernando, filho do conde D. Sancho; o prior dos Hospitaleiros; o conde de Vilhalpando; o almirante-mór de Castella D. João Fernandes de Toar; o mordomo de El-Rei, Pero Gonçalez de Mendoza; o marechal de Castella, João de Arelano, Diogo Sarmento e João Duque.

Dos portuguezes leaes que batalharam sob a bandeira d'El-Rei nosso senhor, morreram combatendo valorosamente:

D. João Affonso Tello irmão da rainha D. Leonor Telles; D. Pedro Alvares Pereira, mestre de Calatrava; o conde de Mayorca; Alvares Pereira, irmão de D. Pedro, mestre de Calatrava; Gonçalo Vasques de Azevedo e o filho Alvaro; Garcia Taborda alcaide-mór de Leiria; João Gonçalves alcaide-mór de Obidos e Ayres Pires de Camões.

A meu lado, prisioneiros como eu, estão: D. Pedro de Castro, o filho do conde de Arrayolos e Vasco Pires de Camões.

Como vê pelo numero e grandeza dos mortos, o combate foi renhido, de parte a parte.

El-Rei, ao ver a batalha perdida, retirou-se para Santarem; aqui passou a noite, sem se deitar, sem poder comer, n'uma grande crise de dôr e de raiva.

Não puderam os fidalgos socegal-o, nem evitar que desafogasse a sua dôr, maltratando-se, batendo os muros com as mãos e com a cabeça.

Ainda noite, fez apromptar um batel e n'elle se metteu com os seus, seguindo, rio abaixo, até Lisboa.

De lá a esquadra o levou a Sevilha, onde não sei se ainda estará, porque outras noticias não tivemos, aqui, mais a seu respeito.

A carta terminava por pedir ao prior que rogasse pelas almas dos que tinham morrido, tão valentemente, pela patria e pedia-lhe que o não esquecesse tambem nas suas orações, para que chegasse em breve á patria, onde tencionava repousar de vez de seus trabalhos de guerra e entregar-se, exclusivamente ao seu mister de chronista.

Era datada de Santarem aos 26 de agosto de 1385.

Antes de continuar, é devido, como poderemos não mais encontrar o habil chronista dizer que assim aconteceu.

Libertado, em pouco tempo, pelas trinta mil dobras, voltou a Castella, onde escreveu as chronicas de D. Pedro o cruel, D. Henrique, D. João I, e ainda do filho, o pequeno infante que deixámos passeiando no jardim do convento com a avó e com a mãe.

A d'este, que foi Henrique III, só a escreveu até ao sexto anno do seu reinado, porque n'elle morreu em 1407, com setenta e cinco annos.

* *

Ao receber a carta o velho prior ficou perplexo sobre o que havia de fazer.

Conhecia o que ia pelo convento, os receios, os sustos, as preoccupações.

Quanto ao irmão da rainha, pouca duvida tinha em revelar a sua morte. Conhecia a tempera de Leonor Telles.

O desagradavel era ir dar a essa sympathica e bondosa condessa de Mayorca, a desagradavel noticia da morte do marido.

Ella tinha, porém, de o saber; o rei não tardaria a chegar e era melhor que o soubesse por uma camareira, mais sabiamente calculada, mais branda.

Como? eis o problema.

O prior lembrou-se que as mulheres teem um geito especial para essas coisas; que a abbadessa servia mais para desempenhar tal mister do que elle e foi ter com ella.

— Que novas me vindes dar? perguntou-lhe ella logo que o avistou. Boas, más?

— Já sabeis que recebi noticias?

— Sei que vos entregaram uma carta, vinda de Portugal.

— E' verdade.

— E que novas?

— As peores.

— Era de esperar. Com respeito á condessa?...

— Está viuva, disse o prior com verdadeiro compungimento.

— Viuva? pobre senhora, disse a abbadessa, pondo as mãos em prece, que Deus a proteja. De quem é a carta que recebestes? E' de pessoa de fé?

— Da maior. De Pedro Lopes de Ayala.

— Onde está elle?

— Prisioneiro, com outros.

— Castelhanos?

— Castelhanos. A carta é sobre o seu resgate.

— Houve mais mortos, dos senhores e fidalgos?

— Lêde que é melhor, disse o prior apresentando-lhe o pergaminho, lêde e vereis a desgraça.

A abbadessa, pegou tremula no rolo, desdobrou-o e poz-se a ler.

A' maneira que lia exclamava: Santa Maria mãe de Deus! Jesus nos valha! Mãe Santissima!

Ao terminar a leitura, ficou-se olhando o prior sem saber o que havia de dizer.

— Depois de breve pausa, disse:

— Não me tinheis falado no irmão da rainha D. Leonor.

— Esqueci-me; mas essa noticia não me importava eu dal-a.

— Qual vos importa, então?

— A do conde de Mayorca.

— Não a quereis dar?

— Se vos encarregasseis, vós, antes, boa madre.

E, continuou, persuasivo:

— Não vos parece que é melhor que ella o saiba, com certa cautella, de que haver de o saber abruptamente? A dôr deve ser grande... Casada tão de fresco... Amando o marido... Não vos parece que será melhor preparal-a... hoje e amanhã...

— Qualquer artificio que se empregue será inutil.

— Porquê?

— Perceberá, no estado apprehensivo em que vive, um disfarce, um manejo para encobrir a verdade.

— Se fôr bem feito.

— Eis o difficil e o que eu sinto que não serei capaz de fazer bem. Optaes, então, porque se lh'o diga? antes quereis dizer-lh'o?

— Dil-o-hei á rainha D. Leonor; ella lh'o dirá melhor do que eu.

— Lembraes bem. Quereis a carta?

— E' melhor.

— Pois levae-lh'a.

O bom do prior passou a carta para as mãos da abbadessa e sahiu contente por ter resolvido o problema.

A abbadessa sahiu após elle pelo corredor e dirigiu-se aos aposentos de Leonor Telles.

* * *

Com Leonor Telles a abbadessa não tinha cerimonias.

D. Beatriz estava no seu quarto e era pois uma boa occasião para poder entregar a carta.

A rainha leu, lentamente, de principio a fim, sem uma contracção na face, sem uma exclamação de espanto.

Ao acabar, olhando a abbadessa que a observava cheia de pasmo — não lhe conhecia a tempera nos revezes — Leonor Telles, exclamou:

— Que longo rastro de cadaveres!

Depois, olhando a porta que dava para o aposento da condessa, disse, baixo:

— Pobre Beatriz!

— Infeliz senhora, confirmou a abbadessa, tão nova e tão cheia de desgostos. Dirigindo-se á rainha accrescentou: como lh'o direis, minha senhora, que menos soffra!

— Boa madre, respondeu Leonor Telles, a melhor maneira de lh'o dizer é sem subterfugios. Demais ella quasi que tem já a certeza da viuvez. Como poderia o conde ha tanto tempo, não dar novas de si, se fosse vivo? Morto o imagina ella.

— A esperança de que estivesse prisioneiro...

— Era a que lhe restava. Fraca era, porém. O golpe não será tão forte, como seria se de começo o soubesse. Preparou a o tempo.

— A Mãe Santissima a console, pediu a abbadessa, levantando os olhos para o céo.

Leonor Telles, pegou no pergaminho, que estava sobre a mesa.

— Ides dizer-lh'o já? perguntou a abbadessa.

— E' melhor.

— Quereis que vos acompanhe?

— Como quizerdes.

Tocou o timbre. Uma creada appareceu.

— Levae esta carta a D. Beatriz.

A creada entrou no quarto com a carta Leonor Telles sentou-se pensativa. A abbadessa de mãos cruzadas no peito, erecta, os olhos cerrados, percebia-se pelo mover dos labios que resava.

Passaram-se minutos.

As duas mulheres, immoveis, uma sentada, outra de pé, pareciam estatuas.

No quarto interior, nenhum ruido, nenhum movimento se ouvia.

Passaram ainda outros minutos. De subito a porta do quarto abriu-se e, no limiar, pallida, com a carta pendente da mão esquerda, um rosario de lagrimas a despenhar-se-lhe pelas faces, a condessa appareceu, exclamando, com voz de intima dôr:

— Vêde como sou infeliz, minha senhora!

A rainha levantara-se de subito, abrindo-lhe os braços, apertava-a contra o peito, silenciosa.

A abbadessa correra solicita e ajudava a amparar-lhe o corpo victima de um desfallecimento progressivo.

Sentaram-n'a e emquanto uma convulsão de chôro a dominava, a rainha dizia-lhe:

— Coragem, Beatriz, coragem; são os espinhos da vida. Todos os tem.

A abbadessa novamente, alheiada, resava, baixo, á Virgem para que lançasse o balsamo do conforto no coração magoado da bondosa condessa, viuva.

Quando serenou um pouco mais, desculpava-se:

— Perdoae-me por vos ter incommodado, com a minha dôr.

— Desabafa, dizia-lhe meigamente a rainha.

— Chorae, minha senhora, chorae, aconselhava a abbadessa:

As lagrimas são um dom do céo!

⁂

CAPITULO CIV

O castigo

O rei de Castella estava em Toledo na occasião em que estes factos se passavam.

Na redobrada furia de vingança, vinha lançando mão de todos os meios para um novo e terrivel ataque.

Encontrava, porém, o reino empobrecido, a população dizimada, dizimados os seus melhores homens de guerra.

Todavia expedia ordens, sobre ordens aos concelhos, reenviava para seus dominios os fidalgos que o seguiam, para que fossem alistar tropas o mais rapidamente possivel, de modo a não faltarem no mez immediato em Valladolid á convocação das côrtes.

O rei não tinha dinheiro, não tinha generaes, não tinha homens e precisava de arranjar tudo, rapidamente, para invadir Portugal, para o esmagar d'uma vez, para se libertar da vergonha de ter sido vencido por um punhado de chamôrros, como elle dizia.

As difficuldades cresciam, continuamente. A má vontade das populações era manifesta.

O poder de Castella era n'esse tempo muito grande e por isso, com o resto das tropas que se iam encontrando, com a boa vontade de alguns nobres irritados e offendidos no seu patriotismo, pelo desastre, o rei lá ia formando um novo exercito.

Andava, porem, mal humorado, irascivel; tanto mais que pelos trabalhos da guerra, falta de repouso, ausencia de tratamento, as febres não o largavam, agora, mais teimosas, augmentando-lhe, umas vezes, a melancholia, acirrando-lhe, outras vezes, os nervos excitados.

A approximação da rainha e do filho tinha-lhe acalmado um pouco o espirito e resolvera ir para junto de ambos descançar, até que fosse tempo de ir ás côrtes de Valladolid.

Tendo resolvido todos os seus negocios em Tolêdo, resolveu partir para Avila ao encontro de D. Isabel e do infante.

Para lhe fazer surpreza agradavel, não mandou correio, adeante, a prevenir da chegada e abalou elle, á frente de duzentas lanças, caminho da antiga villa.

Dois dias depois, entrava pela porta do velho castello e ao dirigir-se para as casas onde a rainha devia de estar, soube pelo alcaide, que sua alteza a rainha D. Beatriz e o filho tinham partido para Tordesillas.

— Quando? perguntou o rei.

— Na ultima semana.

Estranhou o rei a partida de tão pouco tempo; porque sabendo a rainha da sua vinda era natural esperal-o e não o affastar-se e perguntou de novo:

— Porque sahiu a rainha? Doente?

— Não, meu senhor. O alcaide economisava as palavras, temendo a explicação, que via que pelo rosto cada vez mais carregado do rei, iria causar desgraças.

— Porquê, então? exclamou D. João olhando fito o alcaide. Que é que me occultaes com o vosso receio de fallar? Sabeis ou não porque sahiu a rainha d'aqui e foi para Tordesillas?

— Quando chegou, aqui, a nova da derrota da Aljubarrota o povo alvoroçou se.

— Então?

— Alvoroçado, correu as ruas gritando contra os portuguezes e dirigiu-se ao paço...

— A quê? perguntou o rei, já fulo de cólera, adivinhando.

— Gritando...

— Ameaçando a rainha? Ameaçando meu filho?

— Sim, meu senhor; mas...

— Mas o quê? interrompeu D. João, com os olhos injectados, n'um momento de colera terrivel... Mandae-me já prender todos os que se sabe que ousaram insultar a rainha... Immediatamente. Raça de cães!

Voltando-se para o alcaide:

— Quem acompanhou a rainha?

— Ruy Peres.

— Mandae-m'o.

O rei chegava ao paço. Descavalgou.

O alcaide correu, como côrça, a prevenir Ruy Peres.

El rei sobre um estrado, com accesso febril, esperava com alvoroço, quando o cavalleiro entrou.

E's tu, Ruy Peres? conta-me o que succedeu á rainha e o que fazias, que me não partiste os ossos a um canalha de gritadores rebeldes.

— Meu senhor, respondeu Ruy Peres, quando cheguei, o motim estava serenado, mercê de D. João o arcebispo, que poude conter o povo.

— E que é que queria o povo? Chegou a invadir o paço?

— Não, meu senhor.

— Mas chegou junto d'elle? A rainha ouviu os gritos e as ameaças?

— Sim, meu senhor.

— E por isso fugiu?

— Sim, meu senhor. A despeito de lhe garantirmos que podia ficar socegada; que não correria mais perigo. Que não correria perigo algum.

O rei levantou-se e passeiava raivoso.

— Como partiu? perguntou, parando deante de Ruy Peres.

— Pela noite sua alteza mandou me chamar e mandou-me que lhe preparasse uma escolta, para a acompanhar a Tordesillas. D. João, quiz ainda convencer sua alteza de que não havia necessidade de partir. Foi debalde. Sua alteza estava afflicta, nervosa, nada queria ouvir.

— Hão-de pagar-m'o, monologou o rei.

— Pela ante manhã partimos; sua alteza de mula e o infante de andas. A' noite chegámos a Tordesillas e a rainha, minha senhora, alojou-se no convento de La Mercêd.

— Já dei a ordem ao alcaide para colher ás mãos todos os que entraram no motim...

— Meu senhor; foram quasi todos da villa.

— Pagarão, por todos, os principaes. Hoje mesmo. Ponham meia duzia nas forcas e açoitem um cento d'elles, até que o possam aguentar. Ha-de ficar-lhes de lembrança a ousadia.

Ide vêr se o alcaide se não descuida e voltae porque tenho que vos fallar, ainda.

N'isto annunciavam ao rei que estava servido o almoço e D. João foi para a meza.

⁂

A' chegada do rei, muitos dos que mais se tinham salientado no motim contra a rainha, houveram, por bem, sahirem por uma porta quando o rei entrava pela outra.

Isto porém não difficultou ao alcaide o arranjar um cento de revoltosos e de os conduzir para o castello.

Assim, á tarde, quando D. João I depois de ter dado as suas ordens a

Ruy Perez, ao alcaide e a alguns ricos-homens que chamara para tratarem de angariar de novo gente para a guerra, sahia as portas da villa, se olhasse para traz e para o alto, teria visto balouçarem-se, nas forcas, a tal meia duzia de populares.

A justiça n'aquelles tempos era sumaria e para as sentenças se não demorarem, havia sempre uma ou outra forca prompta n'este alto ou n'aquelle.

O rei, porém, nem se demorou a olhar para o espectaculo, nem pareceu ouvir, na marcha, um ou outro grito dos açoitados.

* * *

No outro dia, estava em Tordesillas.

A entrevista entre o rei e a mulher foi, ao principio pungente.

Passados os primeiros desabafos da saudade mutua, beijado o filho, despedidos os cortezãos, depois de frugal repasto, D. João, com um semblante triste, porque na intimidade se não esforçava por occultar a dôr que o moía, sentou-se ao lado da mulher.

— Que longa e triste ausencia, disse elle.

— Longa e triste; mas mais triste do que longa, volveu a rainha.

Se viesses contente, satisfeito, não importava que eu soffresse com a tua demora. Assim...

— E' extraordinaria, é inconcebivel a minha má sorte... Só á sorte eu posso attribuir os meus desastres.

Vê tu, continuou elle, depois de uma leve pausa; um exercito tres vezes maior, os mais valentes e mais habeis capitães, que combateram com tal ancia e tal descuido pela vida que lá a deixaram todos, ou quasi todos.

Pois bem, fomos vencidos... vencidos vergonhosamente: accrescentou D. João com um accento lugubre.

— Desterra para longe esses pensamentos.

Nada está perdido.

Todos os reis teem os seus desgostos: os melhores guerreiros teem sido vencidos.

A victoria dá-a Deus conforme elle entende. A'manhã serás feliz; vencerás a teu turno.

— Hei de vencer, disse o rei com energia.

— Porque não? disse a rainha, muito convencida.

— Hei de encher aquelle reinosito de soldados. Mandei que se reunam as côrtes no proximo mez em Valladolid e vou pedir-lhes o maior sacrificio que se possa fazer.

— Estou certo de que o farão.

— Hão de fazer. E' pela honra de Castella... e pela minha. Enviarei pela alliança do rei de França. Se fôr grande d'esta vez o exercito, duplical-o-hei. Hei de esmagal-os. A's praças que me resistirem não deixarei pedra sobre pedra.

O rei levantava-se e passeava.

— Se já viste uma coisa assim!... O Mestre d'Aviz! ser vencido pelo Mestre d'Aviz e por meia duzia de villões bisonhos, tirados da charrua!

Passeando, o rei desabafava, queixava-se, insultava, como n'aquella celebre noite de Santarem, depois de chegar da batalha.

Era um desabafo; precizava-o, porque a derrota ferira sobre tudo o seu amor proprio, o amor proprio de um melancholico, o que ha de mais delicado e de mais perigoso em ferir.

A rainha ouvia-o, sem o interromper, comprehendendo que era a melhor maneira de vir mais rapido o socego e a tranquillidade do espirito.

De repente o rei parou, dizendo:

— Esquecia-me de te dizer que os alvoroçados de Avila, não se poderão levantar outra vez contra ti.

— Soubestes?...

— Naturalmente.

— E?...

— Mandei enforcar alguns e açoitar o resto.

— Ter-vos-hia pedido que lhe perdoasseis.

— Nunca. Ousaram ameaçar-vos?

— Não imaginaes que horrivel noite. Se não fôra D. João o arcebispo...

— Teriam invadido o paço.

— Sem duvida nenhuma. Eram horriveis. Ouvi-lhes, distinctamente, os gritos:

A portugueza que morra!

— E quem pensou que eu lhes perdoaria? Que mal lhe havieis feito ou que mal havia em que fosseis portugueza?

— Não temi tanto por mim como pelo infante, accrescentou a rainha, com a voz tremula, como se ouvisse ainda os gritos da multidão desvairada.

— Tão cara me era uma vida como a outra, exclamou o rei e bastava-me que alguem tentasse contra qualquer d'ellas, para que eu não pudesse ter clemencia.

— Minha mãe é da vossa opinião, disse a rainha.

— Vossa mãe... o rei calou-se um momento... vossa mãe, está aqui; nem me recordava de tal. Tendes-lhes falado?

— Todos os dias lhe tenho falado e alguns tem vindo comer commigo.

— Como está ella?

— Bem.

— Resignada?

— Penso que sim.

— Não vos tem falado em mim?

— Sempre.

— Não terá razão para falar mal; ella teria feito bem peor, no meu logar.

— Não falou em vós senão em bem.

— Era de opinião que se não devia perdoar?

— Assim m'o disse.

— Devia ser. E' do seu temperamento e da sua maneira de pensar.

Fez-se um longo silencio que a rainha interrompeu:

— Acompanha-a a condessa de Mayorca, sabieis?

— Sabia. Dissera-m'o o conde... um bom e bravo amigo... que tambem lá ficou.

— Pois lembrou-me, agora. A pobre senhora muito soffreu com a noticia.

— Quem a trouxe?

— Um emissario de Pero Lopes d'Ayala.

— E' vivo?

— Era-o ha dias, porque escreveu.

— Prisioneiro, então?

— Em Santarem. Julgaval-o morto?

— Não tive mais noticias d'elle. Quanto folgo.

— Foi por elle, por carta que escreveu ao prior do convento, que ella soube da morte do conde.

— A que escreveu, Pedro Ayala?

— A pedir o dinheiro de remissão.

— E conseguiu-o?

— Creio que já vae em caminho, bem escoltado.

— Sabeis quanto foi.

— Trinta mil dobras.

— Trinta mil! O Mestre d'Aviz faz pagar caro os seus resgates. Talvez se arrependa. A condessa continúa, aqui?

— Agora, pelo menos, não pensa em sahir tão cedo.

— Faz bem.

— Minha mãe sempre lhe foi muito affeiçoada e ella paga-lhe na mesma moeda.

— Era um amigo aquelle... disse o rei para si, evocando a memoria do amigo morto. E' preciso saber se a condessa pode viver como lhe compete. Eu não consentirei que tenha a menor difficuldade.

— Nunca indaguei, nem ouvi falar dos seus proventos.

— Eu o indagarei, disse D. João. Amanhã. Vou repousar.

A rainha levantou-se, dizendo:

— E' melhor. Deveis vir fatigado.

— Algum tanto. Temos, porém tempo de falar.

— Demoraes-vos, aqui?

— Até ao fim do mez; até ás côrtes.

— Bem vos fará o repouso de alguns dias.

O rei beijou-a, na testa.

CAPITULO CV

No convento

Resolvera D. João, como dissera á rainha, ficar no convento a descançar, por dias.

Alem d'isso, o rei necessitava tratar-se, porque de vez em quando as febres perseguiam-n'o, cruelmente.

Tinham sido um presente com que o haviam mimoseado os pantanos do Ribatejo, na occasião do cêrco, gratos á barbaridade com que mutilava os indefezos camponeos, assolava os campos e arrazava as pobres casas meias feitas de terra mal amassada, meias feitas de côlmo.

As beberagens dos physicos conseguiam, de vez em quando, minorar os ataques ; mas qualquer trabalho physico ou moral exacerbava-os e a organisação do rei, já não muito robusta, ia-se ressentindo lenta, mas progressivamente da permanencia do mal.

O rei que no dia immediato mandara chamar a condessa de Mayorca, e se entretivera com ella por longo tempo, consolando-a e, sollicitamente, inquirindo se de alguma coisa necessitava, pedindo-lhe que a elle recorresse sempre porque muito lhe aprazeria o servil-a, não teve egual pressa em se avistar com Leonor Telles.

Não era já tanto o odio ou a má vontade que contra ella tivesse; mas o desagrado que lhe causaria conversar com ella sobre Aljubarrota.

O rei sentia que ainda que ella o disfarçasse, no intimo, a ex-rainha havia de sentir um verdadeiro prazer por o ver humilhado e batido.

Era uma prisioneira, pode dizer-se, de guerra; teria consolação em ver, por seu turno, vencido, o seu vencedor.

D. João não tinha interesse nenhum em se avistar com ella e a rainha percebendo o melindre, não instou por que se encontrasse com a mãe e assim o rei passou dias e dias, na mesma casa sem lhe falar.

Leonor Telles, por sua vez, nenhum desejo tinha de se encontrar com o genro a quem a não prendia especie alguma de affecto.

Um dia, porém, em que o rei entrava nos aposentos de D. Beatriz, sahia a rainha e o neto.

O rei não poude deixar de a cumprimentar.

Leonor Telles perguntou-lhe delicadamente pela saude e ensinou-lhe mesmo qualquer receita vulgar em Portugal.

O rei agradecendo inquiriu se estava satisfeita com a sua moradia e se era tratada como tinha direito a sel-o.

Leonor Telles, com um grande desdem, occulto n'um riso entre grato e ironico, respondeu:

— Que estava bem. Isto devia á generosidade d'elle D. João e lh'o agradecia muito.

O rei seguiu para o interior, cumprimentando, depois de beijar o filho.

A rainha foi-se, com o neto, pensando em como lhe seria facil, se o quizesse, entrar nas boas graças do genro, tão mudado o achava.

Mas não queria; que lhe importava a ella o bom ou o mau acolhimento do genro?

N'aquelle momento a propria rainha devia ter desejos de que não se estabelecessem melhores relações.

Porquê?

Porque no animo da rainha havia, uma suspeita, um plano, uma preoccupação de qualquer coisa grave que iria acontecer.

Nem ella o podia nem saberia explicar; mas o facto dava-se.

A derrota do rei que enchera o coração da rainha de prazer, que ella soube disfarçar convenientemente, parecia-lhe o nucleo de qualquer facto, que viria modificar completamente a face das coisas.

Conversando com Beatriz ella dizia-lhe:

— Sabes tu, depois de Aljubarrota a minha vida mudou completamente.

— Já o tinha percebido.

— Um presentimento me leva a suppôr que vão passar-se coisas singulares na minha vida.

— Na minha, dizia a enlutada condessa, é que não se passarão mais.

— Quem sabe? dizia Leonor Telles.

Prendeste tão intimamente o teu futuro ao meu, que me parece que terás ainda que acompanhar-me n'alguma aventura.

A rainha sorria e a condessa, tambem com um riso, ainda que dolorido, confirmava:

— Quanto a isso, minha senhora, terei de seguir-vos, como sempre.

O fim do mez approximava-se e alguns fidalgos de passagem para Valladolid iam apparecendo.

Os que não estavam, já, no Alemtejo pretendendo invadir a fronteira e vingar assim o seu odio, iam chegando á terra marcada pelo rei.

Padres, bispos, fidalgos, alcaides de castellos, chegavam acompanhados de pequenas hostes, ou apenas de alguns pobres rendeiros.

O rei recebia-os, dava-lhes as suas ordens e preparava-se elle proprio para partir.

O convento tinha um ar de quartel general, d'onde não sahiam nem entravam senão homens armados, guerreiros cobertos com as armaduras luxuosas do tempo de então.

Entre muitos já nossos conhecidos de batalhas chegaram dois que conhecemos do começo da nossa historia e que nos são particularmente interessantes.

Eram elles os dois filhos de Ignez de Castro: D. João o terrivel e aspero infante e D. Diniz, já homem, um bello e orgulhoso rapaz, cheio de esperanças no futuro, sem saber bem porquê.

Alojaram-se os dois no convento de S. Francisco que ficava do outro lado da cidade.

Vamos ouvil-os, n'um d'aquelles dias da azafama em que almoçavam juntos.

— Que te parece, dizia D. Diniz, ainda d'esta vez o rei não conseguirá vencer o Mestre d'Aviz?

Entre elles nunca lhe davam o nome de rei.

D. João respondeu com ar grave.

— Parece-me que não.

— Se é verdadeiro o auxilio, que elle mandou pedir ao rei de Inglaterra e se este lh'o dá, podemos ter a certeza de que é bem o rei de Portugal.

— Os castelhanos estão desanimados, já; os portuguezes cheios de confiança, o rei tem que luctar.

— Sabes tu, que elle vae pedir soccorro ao rei de França?

— E' natural que o consiga. Oxalá.

— E'-me indifferente, disse D. Diniz.

— Porquê?

— Desejaria antes, ou repousar, ou fazer alguma coisa que mais me interessasse directamente.

— Que havias de fazer?

— Sei lá; mas nada ha mais cruel do que andar como um rafeiro atraz das peugadas de um homem, a quem se deve uma obediencia obrigada, para poder ter jus ao seu reconhecimento e favores.

— D. João tem sido para nós de bom porte.

— Talvez; mas não nasci, nem tu, para servirmos; e a servidão expugna-me.

— Que poderemos fazer?

— Sei lá. Hoje, nada.

— Eu, pelo menos disse D. João. Aquella mulher quebrou-me completamente a vida.

— Como estará ella, disse, D. Diniz. Nunca mais a vimos. Terá conspirado? Estará quieta a final?

— Duvido; disse D. João só se estiver morta. Foi a nossa ruina, continuou D. Diniz, a tua porque viste e ouviste; a minha porque muito a offendi.

— E' um genio do mal, confirmou, gravemente D. João.

— Será; mas foi uma rainha que se encontra ao lado um de nós, em vez do nosso pobre irmão, teria sido uma grande mulher.

— Porque não voltaste quando D. Farnando te escreveu para voltares de novo?

— Não poderia estar ao lado d'ella.

— Porquê?

— Teria, naturalmente sido levado a fazer o que fez o Mestre d'Aviz.

— Terias...

— Assassinado o Andeiro.

— Teria sido um bem de que colherias os fructos.

— Naturalmente, se nosso irmão fosse outro rei.

— Porquê?

— Porque assim o que faria era causar ainda mais fundo o odio entre mim e essa mulher, e teria de fugir do reino, novamente, com mais um motivo de perseguição. O que ganharia com isso?

D. João levantando-se passeava.

D. Diniz, continuava:

— O grande erro, foi não transigir e não conquistar as bellas graças de Leonor Telles e servir-me d'ellas.

— D. João replicou, com um riso triste:

— Haviam de servir-te de muito... se as aproveitasses como eu.

— Enganas-te, meu irmão. Tu eras um amigo, acariciado; eu seria um inimigo, sempre temido e respeitado.

Tu eras um perigo e eu seria um auxilio. Quem te mandou acreditar-a como um innocente? Não sabias tu, não sabiam todos a força do seu orgulho, da sua vaidade e do seu odio?

— Tu terias sido enganado, como eu fui.

— Nunca! disse erguendo-se, D. Diniz, nunca. O laço era claro de mais.

Depois de uma pausa, accrescentou:

— De certo se ella queria, ou dizia querer casar-te com a filha, havia muito tempo. Tu não estavas casado officialmente, era como se o não estivesses.

D. João passeiava, meditabundo.

— Para que é renovar antigas lembranças? Tudo se perdeu na desdita.

— E' que parece que de vez em quando, a idéa da nossa terra e de tudo o que me aconteceu me produz uma saudade maior.

D. Diniz foi junto do irmão.

— Como seria bello, João, termos sido dos que venceram; estar ao lado dos novos a ter dado n'estes orgulhosos fanfarrões a licção de Aljubarrota.

Não sentes, tanta vez, continuou, a saudade da nossa Lisboa, dos nossos castellos, da nossa cidade, tão tranquilla e tão alegre?

D. João não respondia.

Parecia que uma lucta persistente se lhe travava na cabeça: que uma dôr se lha espalhava pelo rosto, que um grande dó lhe nublava o olhar.

— E' o destino, disse elle, é o destino!

— Eu não posso supportar a idéa de ver um dia D. João rei de Portugal.

— E'-me indifferente, disse baixo D. João. Não é nosso parente, não é dos nossos?

— Não, não é, disse com fogo D. Diniz. Não é dos nossos.

Os nossos são esses bravos rapazes da ala dos namorados, os nossos são elles. Não viste, João, como carregaram, como morriam e como se bateram? Eram bravos como leões.

Esses é que são os nossos.

D. João quasi não ouvia.

D. Diniz continuava:

— Os mesmos somos. E esse bello e heroico Nuno Alvares Pereira, que lembra um paladio antigo! E' um bravo.

E' Gil Fernandes, ainda do nosso tempo, como tantos outros, fracos em forças, temiveis no combate, valendo por centenas, como um lidador.

A' bella alma heroica e nobre de D. Diniz agradava-lhe o recordar as figuras gloriosas da terra, da sua terra querida de quem um destino — que outra coisa era? o tinha apartado forçadamente.

D. João, menos sensivel, mais orgulhoso, de ruim orgulho, mais fino, por temperamento e por uma rudeza propria, se de vez em quando pensava n'estas coisas, era mais com rancor do que com mágua.

D. Diniz, na situação em que se encontrava, vivendo em terra estranha, com um quê de fatalidade a pesar-lhe sobre a vida, sentia, por vezes, a falta da terra onde nascera, onde os mais bellos exemplos de bravura lhe despertavam os brios.

Os irmãos estiveram por algum tempo em silencio.

— Se o rei vencesse, disse depois de tempo D. Diniz, o que pensarias tu que elle faria de nós?

— O que faria?

— Sim, que papel nos destinaria no seu novo reino?

— O mesmo que nos dá agora.

— Deixar-me-hia ir para Portugal?

— Talvez.

— Não o penses.

— Porquê? perguntou D. João.

— A nossa situação seria peor do que a de hoje.

— Não vejo a razão.

— Seria, porque então sendo D. João rei de Portugal e Castella, nós teriamos a prohibição de ir a Portugal.

— Não me parece.

— De lá irmos? com certeza.

— Que lhe importaria que lá vivessemos?

— Seria um pezadello.

— De conspirações?

— Naturalmente. O peor... ia a continuar a dizer D. Diniz.

— O peor? perguntou D. João.

— E' que nenhum de nós seria lá acceite.

— Talvez.

— Ainda tens essa illusão? Somos odiados hoje. Sel-o-hemos sempre.

— Os odios esquecem.

— Os odios contra os que combateram contra a patria? Não, esses não esquecem nunca. Nós o fizemos!

— E pensas o que havemos de fazer?

— Eis o terror da nossa situação. Termos de combater aquelles ao lado dos quaes queriamos antes estar, para defender o berço. Tu não achas, João, que isto é um supplicio de vida?

D. João, que não tinha como D. Diniz estes bellos escrupulos de patriota, respondeu indifferentemente:

— Acho, mas quando se é forçado...

— Em qualquer outro paiz se pode viver, sem ser n'este. E' o que me tem lembrado já de fazer mil vezes e hei de fazer, logo que possa.

— E para onde queres ir?

— Para Inglaterra.

— Porque o não tens feito já?

— Porque o não tenho podido fazer. De mais ha lá muitos fidalgos gallegos, que para lá foram ainda no tempo de Fernando e que lá estão, bem acolhidos e considerados.

— O rei é generoso.

— Generoso e amigo. Com elle não haverá receio de termos de combater os nossos, nem de maldizer a sorte. Pode até acontecer que seja a maneira de entrar em Portugal e ser perdoado.

— Como?

— Combatendo ao lado duque de Cambridge contra... estes.

A idéa de D. Diniz não era desarrazoada e a tel-a executado teria tido occasião de resgatar a mancha que pesava sobre elle, de que o povo, que tanto o amava, o fazia réu: — de combater a sua terra.

Estava, porém, determinado que D. Diniz seria victima da fatalidade que pesava sobre elle e pesaria sempre até ao fim da vida.

Voltando á conversa da guerra, D. Diniz continuou:

— Quando calculará el-rei abrir de novo a campanha?

— Logo que passe o inverno, diz-se.

— Dará tempo a que se previnam em Portugal.

— Talvez não.

O que poderá salvar os portuguezes é o reforço dos homens inglezes.

Se elles veem, poderão resistir; se não veem serão vencidos.

— Não o creio; todavia, vencedores ou vencidos esta será a ultima vez que entrarei em Portugal.

— Que razão dareis para não ires?

— Nenhuma. A razão de não estar aqui.

A conversa prolongou-se, por mais algum tempo, sempre no mesmo pé.

Saudades e esperanças de D. Diniz; desconfianças e pouca fé em D. João sobre o futuro da defeza de Portugal.

Elle tinha razão.

No Alemtejo os restos ainda enormes, relativamente, do exercito, com novos contingentes, arranjados á pressa, assolavam as terras em correrias permanentes e difficultavam assim a tranquillidade precisa para se poderem preparar com tempo e ordenadamente os portuguezes.

Lá estava porém D. Nuno, o terrivel Condestavel a expulsal-os e batel-os como guarda temivel de um thesouro.

Isto porém não dava socego e dizimava sempre os nossos cujas perdas por pouco numerosas eram sempre sensiveis.

— Temos de ir ver o rei, disse D. João.

— Pois vamos.

— Falar a D. Isabel.

— E cumprimentar a condessa D. Beatriz.

Vestiram-se e sahiram, a pé, em direcção ao convento de La Mercêd.

CAPITULO CVI

Razões do chronista Ayala

Tinham chegado, já, mais fidalgos, de todos os lados.

Entre elles e ainda com o fato coberto de pó da jornada que fizera a cavallo e sem descanço, encontrava-se o nosso chronista Lopes de Ayala.

Foi rodeado e apoquentado com perguntas:

— Qual a impressão da victoria sobre os portuguezes?

— Extraordinaria, dizia elle, julgam-se invenciveis.

— O Mestre d'Aviz radiante?

— O mais feliz dos homens.

— E o condestavel?

— Um Deus, em quem toda a gente confia, que vencerá todas as batalhas.

— Sendo verdadeiramente um bravo.

— Isso, confessava Ayala, não se pode negar. E' o mais completo dos cavalleiros portuguezes.

Altivo sem soberba, generoso, de uma bondade absoluta para os seus soldados e de uma bravura feroz para os inimigos. Elle proprio se crê invencivel.

— Desilludil-o-hemos observou um dos guerreiros que rodeavam Ayala.

— Será difficil.

O condestavel tem uma crença superior, na sua estrella.

— As estrellas tambem morrem.

— Tambem; mas depois de darem grande brilho. O condestavel tem uma confiança cega na justiça divina.

— Na justiça?

— No que elle entende que o seja.

— Que justiça é a que elle entende que tem n'este pleito?

— A de crer defender a sua terra de um jugo estranho.

— Estranho? perguntaram varias vozes.

— Julga-o, elle, assim.

Como cada qual é escravo do seu pensar e da sua consciencia, e não da dos outros, D. Nuno julga-se destinado para consolidar a corôa na cabeça do seu grande amigo o Mestre d'Aviz.

— Bem pode dizer que o tel-a o tempo que tem tido a elle o deve.

— Sem duvida alguma.

— O Mestre é um valente, disse alguem do lado.

— Não é um fraco, accrescentou o chronista; mas a batalha deveu-se, sobretudo, á habilidade e á nova maneira de combater que D. Nuno adoptou.

— Nova maneira? disse alguem.

— De certo,

Não será d'elle a invenção pois os inglezes já se serviram da idéa contra os francezes em Crecy; mas o certo é que elle a tem posto em pratica e a ella deve quanto a mim, a victoria.

— Qual é?

— O combate, a pé, da infanteria contra a cavallaria.

— Julgaes que pode ser vantajoso?

— Creio-o, absolutamente.

— A infanteria resistir á cavallaria!

— Não o viste em Aljubarrota?

— Não vi, atalhou um dos senhores; antes vi o contrario. A' primeira carga a hoste do condestavel foi rôta.

— Enganais-vos ou vistes mal. Nem á primeira, nem á segunda, nem á terceira.

— A' terceira?

— Seria; mas o que vistes mais? A ala rôta recompoz-se novamente, retomou o seu logar e formou uma barreira, que prohibindo que os nossos cavalleiros entrassem na batalha central, isolou os que estavam dentro e foram mortos.

— E nunca mais a romperam?

— Aqui ou alli, por vezes, eu a vi vacillar e fraquejar; mas um grito do condestavel, reanimando os homens e mandando-os segurar bem as lanças, uns contra o chão, outros debaixo do braço, fazia-a recompor-se como uma muralha formidavel.

— Combateram, bravamente, observou do lado um outro guerreiro.

— O grande numero de cavalleiros mortos attesta a verdade do que digo.

— Tendes muita razão.

— De d'onde seria essa mortandade?

— A lucta foi brava.

— Mas rapida, de mais, observou Ayala, para produzir tão grande numero de cavalleiros mortos.

— Como explicaes, então?...

— E' que nas cargas, os cavallos eram feridos nos peitos pelas lanças. Desordenados e obrigados pela dôr, revoluteavam, ou cahiam, ou partindo em carreira, desordenavam e atropelavam os de traz.

Os cavalleiros cahidos, embrulhados entre peões e cavallos revoltos, sem espaço para combaterem, sem poderem evitar o aperto, eram trocidados, já pelas frechas dos archeiros inglezes — que n'isso são de uma certeza terrivel — já pelas cargas da cavallaria que dos lados os acommettia e prostrava.

— Combates singulares poucos houve, observou ainda o mesmo fidalgo.

— Parece que poucos. A batalha foi uma batalha de peonagem: já o vi, repito vos, em Crecy e foi ella que deu a victoria aos inglezes.

— E' uma tactica nova.

— E' nova e é respeitavel quando se vêem claramente assim, os seus resultados.

— E' preciso adoptal-a.

— Assim o creio. Parece-me, no emtanto, que a primeira tactica que temos que adoptar será a da ordem e da providencia nas batalhas.

— Porquê?

— Perde-nos a confiança na nossa força. Os portuguezes combatem com serenidade. Nada os perturba nem exalta, antes do combate.

Estabelecem o seu campo; escolhem-no; assentam, os capitães é claro, — o seu plano de batalha e executam-no fria e bravamente. Não se desmandam em gritos; observam com sagacidade o inimigo, esperam-no com uma grande confiança, e resistem-lhe com desespero, cada um no logar que lhe foi marcado, porque percebem que da realisação dos planos parciaes resultará, a victoria.

Todos ouviam attentos.

— Eu sei, continuou Ayala, que sobre tudo isto o que é mais valioso é o valor e a pericia de um grande capitão; mas tambem é certo, que sem uma grande disciplina e um engenho provado, se não pode resistir ao embate de forças seis e oito vezes superiores.

Somos acaso cobardes? Não eramos dez vezes mais? porque fomos vencidos?

Ninguem respondeu.

— E' preciso encontrar a razão. A rasão está, alem de no valor pessoal que é preciso conceder aos portuguezes, na sua disciplina. Marchámos indisciplinados, avançámos em desordem, começámos a combater cada um como lhe approuve, com valor? quem o duvida? Os portuguezes, quietos como o leão no fojo, olhando-nos, observando-nos, cuidadosos, sempre attentos ás ordens dos seus capitães, e executando-as com energia indomita, com confiança absoluta, venceram nos!

O combate não é um acaso: é o resultado de sabias medidas, de rapidos golpes de vista, de modificações e manobras que teem de se modificar na occasião.

A indisciplina é o maior inimigo dos exercitos e o condestevel de Portugal fez dos seus homens uma familia. Onde ha amor e respeito o reforço centiplica-se e uma pequena hoste é um colosso de energias e de valor.

Juntae a isto o recurso de uma tactica nova e proficua e tereis explicadas as façanhas dos portuguezes.

Aprende-se na desventura: é tempo de aprendermos.

Todos ouviam o experimentado guerreiro, silenciosamente, quando um pagem veiu noticiar que el-rei esperava.

Dirigiram-se para o salão maior e a conversa terminou.

CAPITULO CVII

Pedidos

Tinham chegado a Valladolid todos, ou quasi todos os maiores do reino de Castella.

Não todos, porque alguns estavam por fronteiros na Extremadura e Andaluzia, como sabemos; uns desejosos de represalias fazendo continuas correrias, em Portugal, outros vigiando as terras da raia onde os nossos por vezes se vingaram talando-as e assolando-as.

A maioria, porém, dos maiores homens do reino, um grande numero de procuradores dos concelhos tinham, como disse, chegado á cidade.

Abriram-se as côrtes, como era costume, n'aquelle tempo, com os representantes do clero, da nobreza e do povo.

Eram as que se chamavam — côrtes geraes; e eram d'estas porque os procuradores dos concelhos eram indispensaveis.

Eram assim, porque o fim principal do rei era pedir dinheiro para, com firmeza, se refazer de todos os prejuizos, levantar um exercito forte, poderoso invencivel.

N'um dia antes da abertura, o rei chamou alguns fidalgos do seu conselho e disse-lhes:

— Preciso que faleis aos procuradores do povo sobre um assumpto em que tinha pensado e resolvido tratar.

Escutavam os fidalgos.

— Preciso, disse o rei, que me augmentem as quantias que recebo como rei, porque me não bastam. Se quizerdes podeis consultar os livros dos meus procuradores.

— Para que, meu senhor? respondeu um d'elles.

— Podeis, se o quizerdes fazer. Ahi vereis que tudo se me vae em partidos para vassallos, em mantimentos de fronteiros, em mercês voluntarias e dadivas e despezas de embaixadas.

A propria despeza da minha casa é grande.

Tenho que supprir as despezas da rainha; da rainha da Navarra que veiu comnosco, da rainha D. Leonor Telles, dos infantes de Portugal D. Diniz e D. João, e ainda de outros fidalgos portuguezes que perderam, para me seguirem, quanto tinham.

Se quizerdes verificar todas estas despezas, vereis que me não fica coisa alguma e antes me falta.

— Quereis, então? disse um dos do concelho.

O rei não o deixando concluir, interveio, dizendo:

— Quero que me alcanceis dos procuradores uma verba especial para constituir um deposito, á parte.

Os do conselho acharam o pedido extemporaneo.

Era a occasião em que se ia pedir ao povo um grande e novo sacrificio de dinheiro, responderam-lhe:

— Senhor, nós falaremos aos procuradores, da melhor maneira que pudermos. Desconfiamos, porém, que não seremos servidos, porque isto vae sobrecarregar-lhes os tributos.

Um dos do conselho explicou, mais:

— Senhor, nós temos o maior desejo em vos servir, mas ha uma grande difficuldade. Viemos aqui como mandados do povo para o proteger o mais possivel contra novas contribuições, se lhe vamos falar em augmental-as seremos mal recebidos.

— Fazei-o o mais dôcemente que puderdes, disse o rei.

— Fal-o-hemos; mas parece-me que será debalde.

Alguns outros foram da mesma opinião.

— Como fazer, então? disse D. João.

— O melhor, parece-me ser que o mandeis propôr nas côrtes, da vossa parte. Nós falaremos por vós, apoiando a vossa pretenção e será mais facil que assim os procuradores o consintam.

Pareceu ao rei sensato o conselho e deliberou que assim se faria.

Falou para isso a um bispo e a um cavalleiro que se promptificaram a fazer a proposta.

As côrtes iam, porém, ser tumultuosas e a proposta cahiu n'uma indisposição e má vontade dos procuradores.

Reuniram-se estes em separado e concordaram em não conceder mais dinheiro.

Respeitosamente, um d'elles expoz em sessão:

— Que já davam a El-Rei uma quantia grande e que o povo não podia pagar mais.

O rei não negava.

Recebia, é certo, perto de trinta e cinco contos de réis, mas não lhe chegavam.

Como sempre, fizeram-se pedidos para reducção de despezas; mas a guerra?

Quanto á diminuição de homens d'armas e ginetes, n'aquella occasião, seria absurdo.

Alvitrou-se que se fizessem treguas, por tempo, para se alcançarem, com socego, recursos.

Abertas, pois, as côrtes, assentou-se primeiro que tudo, que a guerra era indispensavel.

Sobre isto não houve duas opiniões.

Os proprios procuradores dos povos não podiam recusar os seus serviços, nem deixar de prometter os maiores esforços para alcançarem o dinheiro preciso.

Mandaram-se mensageiros ao rei de França pedindo-lhe auxilio cimentado por uma alliança offensiva e defensiva; escreveu-se a todos os senhores e ricos homens de Castella pedindo-lhe um ultimo sacrificio, encommendaram-se armas para todos os armeiros; mandou-se por cavallos a todas as provincias.

Nada esquecia, n'uma azafama enorme, n'um desejo de vingança rapida; n'uma sêde geral de desforra.

Este estado foi levado ao ácume quando um bello dia, dia já de alegria pela antevisão de um futuro vingador, chegou uma noticia terrivel inesperada, esmagadora: a derrota de Valverde!

Seguramente os portuguezes estavam em sorte! Deus era por elles! seria preciso ser contra o proprio Deus!

Castella, blasphemando, ia levantar-se como um só homem: tremesse a terra!

* * *

CAPITULO CVIII

Morte do rei

Com o decrescimento da população, que as guerras successivas tornavam cada vez maior, a fraca agricultura do paiz cada vez se ressentia mais.

D. João, por conselhos dos seus privados, resolvera-se a mandar convidar muitos cavalleiros e homens que viviam em Marrocos, que eram christãos, e para lá tinham ido e lá viviam desde longos tempos, do tempo do rei Rodrigo em que a Hespanha fôra conquistada.

Mandara-lhes varios emissarios com propostas vantajosas, para voltarem de novo á Hespanha.

Dar-lhes-hia terras com que se sustentassem fartamente e dispensal-os-hia, por annos, dos serviços do reino.

Os emigrados acharam convenientes os offerecimentos do rei, combinaram entre si o voltarem e assim o mandaram dizer a D. João de Castella.

Este impetrou do imperador de Marrocos a licença precisa e uma caravana de centenares de pessoas atravessou o estreito e internou-se pela Hespanha.

Vinham de toda a maneira, em carros, em mulas; os cavalleiros montados em bons cavallos de sangue arabe; a maior parte a pé.

Atraz vinham as bagagens e por cima d'ellas, mulheres e creanças sentadas.

Um rebanho de carneiros seguia a caravana fornecendo alimento nos logares de descanço.

Soube o rei que vinham em caminho e no dia em que deviam chegar á cidade, quiz por curiosidade esperal-os.

Mandou apparelhar um cavallo suão, cavalgou e com elle o arcebispo de Toledo e muitos outros cavalleiros.

Em tropel sahiram por uma das portas da cidade, pela que endireitava com o caminho seguido pelos repatriados.

O rei mette o cavallo a galope por um terreno alqueivado de pouco tempo.

Seguiam-n'o os fidalgos a pequena distancia, quando, de repente, o cavallo do rei tropeçou, chapou-se, arrastando na queda o cavalleiro que cahiu redondo.

Correram a elle os fidalgos.

O cavallo levantou-se de um impeto, resfolegando, assustado; o rei porém, estendido no solo, de bruços, não se movia.

Descavalgaram rapidos.

O arcebispo levantou o rei abraçando-o. O corpo, porém, inerte, vergava para a terra.

O rosto do rei tinha uma côr cadaverica; os olhos meio cerrados, a bocca fechada, a perda do conhecimento, indicavam um estado grave.

— El-Rei está sem espiritos, disse o arcebispo, pretendendo conservar erecto o corpo que vergava, depressa, buscae agua, que venha um physico e trazei uma tenda que talvez se não possa levar d'aqui.

Dois ou tres fidalgos correram, á desfilada, para a cidade.

Um quarto de hora depois, erguia-se uma tenda no local, o rei descançava n'uma cama de campanha, vellado pelos physicos qué tinham corrido.

Descançava para sempre... porque estava morto! .

Horas depois, a rainha sabia da nova e corria para junto do marido a quem suppunha ainda com vida, porque lhe não tinham dito toda a verdade.

Veiu com o filho.

Ao chegar á tenda, o arcebispo de Toledo adeantou-se para a ajudar a desmontar:

— El-Rei? perguntou a rainha, offegante.

— Senhora... disse o arcebispo interrompendo a phrase para não dar a noticia subita.

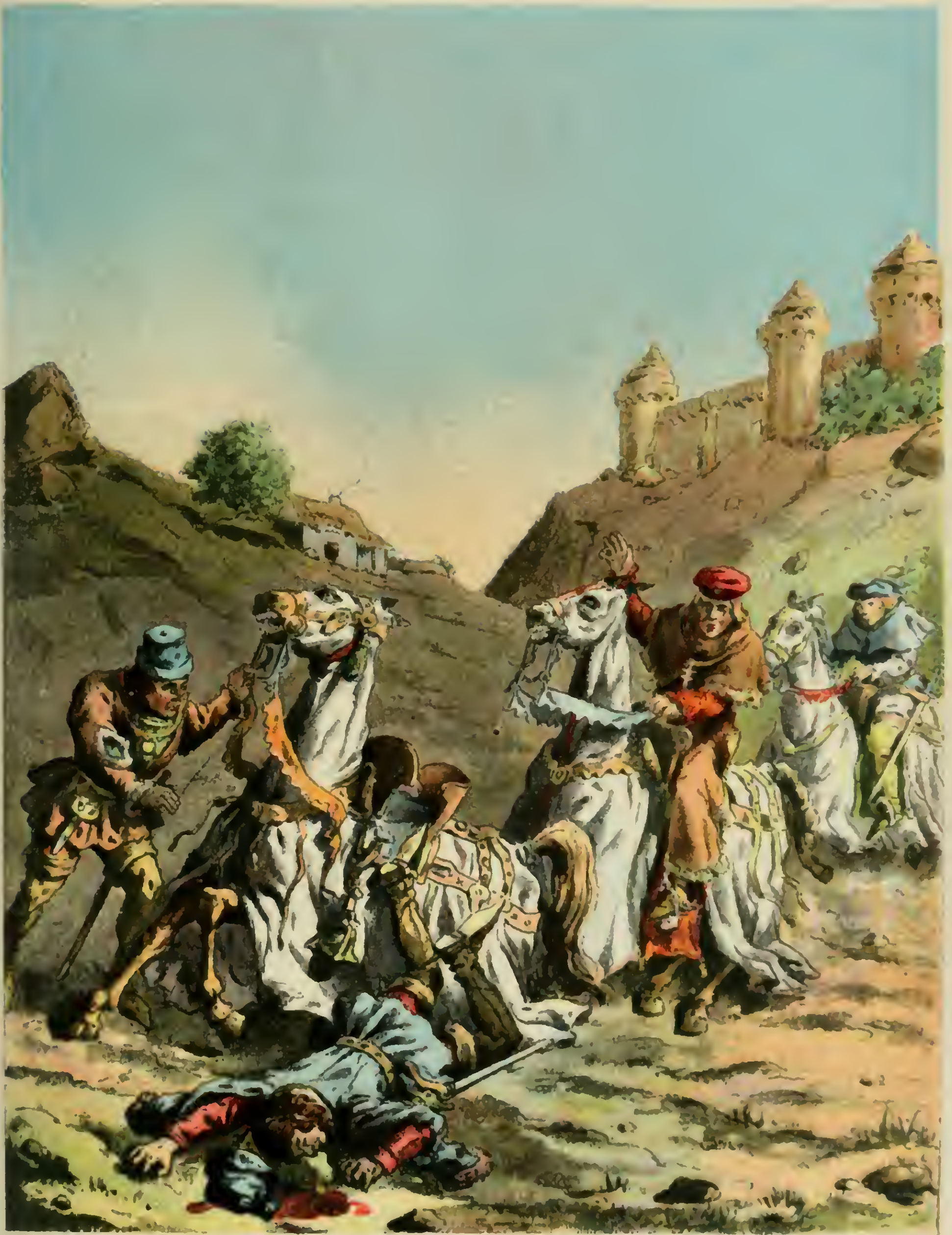
— Está mal? está melhor? interrogou de novo a rainha, emquanto tomava o infante pela mão.

— Senhora, respondeu o arcebispo com voz triste, el-rei já não vive!

Rainha e filho precipitarm-se na tenda e depois de beijarem o cadaver ajoelharam chorando.

A rainha mandou sahir o infante e sentada á cabeceira do rei indagou, entre lagrimas:

— Como não lhe acudistes?



Morte desastrosa do rei de Castella

— Senhora, explicava o arcebispo, fôra impossivel. A queda foi tão subita, como inesperada.

— Ninguem ia a seu lado?

— Muito perto, todos. El-Rei partiu a galope e n'um momento, andados poucos passos, o cavallo cahiu, cahindo-lhe em cima.

Participou se a toda a Castella.

El-rei vestido nobremente foi levado á cathedral onde lhe fizeram solemnes officios e sepultado na capella de Santa Maria, que o pae, Henrique II, mandara edificar.

O rei João morreu, pois, sem ter conseguido desforrar-se dos continuos desastres da sua vida de guerreiro infeliz!

⁂

A rainha, gravemente magoada, ficava, pois, com o filho de onze annos, n'uma situação embaraçosa.

Mettido o rei no seu mausoleu, chamou a conselho os nobres que pertenciam a elle e perguntou-lhes a opinião sobre a maneira por que havia de continuar a ser regida Castella.

— Por mim, disse-lhes a rainha, peço-vos que me dispenseis de qualquer cargo, se assim puder ser.

De mais terei que fazer com a educação do infante que vos peço me não tireis por modo algum.

— Socegae, senhora, disse o arcebispo de Toledo. Ninguem pensará em tal.

Em nenhumas outras mãos melhor no que nas vossas poderá estar o infante D. Henrique, nosso senhor.

Todos os do conselho confirmaram a affirmativa do arcebispo, porque por todos a rainha era considerada como uma virtuosa e bondosa senhora.

— Agradeço-vos, disse a rainha; resolvei, pois, como melhor vos parecer, o problema.

— Quanto a mim, replicou o prior, o que me parece mais facil e mais simples é que se proclame rei de Castella, sua alteza o infante e que se lhe dê, durante a menoridade, a tutella de alguns nobres de reconhecido valor, a quem as côrtes indiquem, visto estarem abertas.

A opinião do arcebispo foi approvada e approvada nas camaras, onde nomearam tutores do joven rei: o proprio arcebispo, D. João Manrique arcebispo de Santiago, D. Gonçalo Nuno de Gusmão mestre de Calatrava e João Furtado de Mendonza como mordomo-mór.

CAPITULO CIX

O tractado

Resolvido este ponto nas côrtes, entraram em officio os nomeados e foi perguntado aos procuradores dos povos, o que poderia fazer-se pela guerra.

As circumstancias tinham, porém, variado absolutamente em dois dias e os animos da maior parte dos representantes tinham seguido a variação das coisas.

A nação estava, exhausta, pobre, arruinada.

Havia falta de braços e de homens para a guerra. De dinheiro uma carestia enorme.

Quando vivia o rei, era um dever de vassallos, dar-lhe os meios de se libertar da vergonha dos seus desastres. Morto elle, o melhor era acabar com a guerra; guardar a desforra para mais tarde e tractar de libertar o paiz da crise terrivel que atravessava.

O rei estava uma creança. Quando fosse homem, se o quizesse, elle que vingasse o pae. Até lá era melhor pensar nas coisas da paz.

Isto era o que sentiam todos, áparte alguns fidalgos cujos brios estavam ainda combalidos das ultimas derrotas.

Estes, eram a minoria e as côrtes não os ouviram.

Era um descanço, uma folga precisa para Castella; estava no animo de todos.

O ultimo desastre de Valverde viera trazer o desanimo a muitos dos mais intrepidos.

Depois de ligeira discussão decretou-se que se fizessem treguas, que se pedisse a paz.

Nomearam-se embaixadores D. João Bispo de Siguença, Pero Lopes de Ayala, e o doutor Antão Sanches.

As côrtes fecharam e estes partiram para Portugal.

Encontraram o rei em Lisboa.

D. João I recebeu-os com a maior lhaneza, mandou-os agazalhar regiamente e nomeou para com elles tractarem, o que fosse a beneficio do reino e seu, Alvaro Gonçalves prior do Hospital e o nosso conhecido e celebre dr. João das Regras.

Dois mezes depois publicavam-se as escripturas de treguas por quinze annos, com as condicções de:

Nenhum dos dois reinos poderia fazer guerra ao outro, por mar ou por terra.

Nem tomar, nem roubar, villa ou cidade, ou Castello.

Que todos os prisioneiros de ambos os lados seriam livres e soltos desde aquelle dia e que para isso se nomeassem dezesseis frades, oito portuguezes e oito castelhanos, que misturados andassem uns por Portugal e outros por Castella, fazendo soltar todos os presos.

Outras clausulas tinham por fim reparar muitos damnos e estragos que de uma parte e d'outra tinham soffrido muitas pessoas em suas fazendas e bens.

No ultimo paragrapho, decretavam-se os refens de um lado e do outro e quaes as pessoas que haviam de servir, como taes.

Foram doze fidalgos filhos ou sobrinhos dos maiores nobres de Hespanha que vieram para Portugal ficar sob a guarda do prior do Hospital; foram seis fidalgos portuguezes e seis filhos de cidadãos importantes que sofreram a mesma ordem.

Os reis eram responsaveis pelo cumprimento integral das clausulas dos contractos e podiam, por essa vontade — era das condições — pagar-se por suas mãos, sem que isso quebrasse as treguas combinadas.

* * *

CAPITULO CX

A paga

Ora aconteceu que o rei D. João de Portugal, cumpriu immediatamente todas as condições do tractado. Mezes depois não havia um castelhano em Portugal, nem em refens, nem preso.

Em Castella era o contrario.

Quando os frades andavam na busca, os castelhanos escondiam, á força, os portuguezes captivos e enchiam-nos de maus tractos.

Isto sabia-se, os frades queixavam-se de Badalhouce onde se reuniam; mas o rei de Castella, addiava o cumprimento dos seus deveres, desculpando-se.

O rei de Portugal começava a irritar-se com o caso.

Mandou-lhe um dr. Alpoim por emissario. Muitas explicações, muitas razões e factos nenhuns.

Com os do conselho o rei calculou que as penas pertencentes á falta de cumprimento de clausulas, o numero de portuguezes ainda prisioneiros e outras pequenas coisas representavam para Portugal um prejuizo de cincoenta mil dobras, perto de cento e cincoenta contos, moeda de então.

— Parece-me que o melhor, disse o rei, é resolver-me a pagar-me pelas minhas mãos.

— Não ha outro remedio, accrescentou logo Martim Affonso de Mello que era o guarda-mór; não sereis pago d'outro modo.

— Teremos de tomar qualquer praça fortificada para penhora.

— Talvez vos possa ajudar, disse o guarda-mór.

— Como? disse o rei.

— Entregando-vos Badalhouce e Albuquerque.

— Tendes facilidade em as entregar?

— Talvez.

— Como? perguntou o rei.

— Preciso ir estudar, disse Martim Affonso. Parece-me que terei por lá quem me ajude e eu direi a Vossa Alteza o que se poderá fazer. Quereis que parta?

— Já, respondeu o rei.

Martim Affonso partiu logo para Campo Maior e d'ahi ia de noite espiar como se faziam as rondas em Badalhouce e Albuquerque.

Acontecia que estava em Campo Maior, n'esse tempo, um escudeiro Gonçalo Annes, que matara um homem em Elvas e fugira para alli.

Martim Affonso que o conhecia muito bem como homem de bravura e ousado, mandou-o chamar.

Não queria ir o escudeiro, sem segurança e mandou-lhe pedir um alvará, ou ordem para ir.

Logo lh'a mandou Martim Affonso e o escudeiro veio.

Recebeu-o muito bem, sentou-o á mesa para ceiarem e depois da ceia levou-o para a torre de menagem e depois de lá estarem, disse:

— Gonçalo Annes, todos estes cuidados são para podermos conversar socegadamente.

— Estou ás vossas ordens.

— Tenho da parte de El-Rei que te dizer alguma coisa que elle me recommendou que só a ti dissesse.

E' segredo absoluto.

— Dizei, senhor, replicou Gonçalo Annes.

— Saberás pois que El-Rei tem uma sentença contra El-Rei de Castella — não só dos juizes portuguezes, mas tambem dos castelhanos — em que este lhe é obrigado a dar muitas mil dobras.

— Por falta de cumprimento das clausulas do contracto, disse Gonçalo Annes.

— Isso mesmo, explicou Martim Affonso.

— E El-Rei quer-se pagar?

— Nem mais nem menos.

— Como, porém?

— Esse é o segredo.

O tempo de cumprir as promessas já passou e porque El-Rei não quer fazer-lhe penhora em bens moveis d'elle ou de seus subditos resolveu antes tomar Badalhouce e Albuquerque...

— Tem razão, El-Rei.

— Ambas na mesma noite, continuou Martim Affonso.

Bem sabeis como El-Rei é generoso e como além de vos perdoar o vosso homicidio, vos ha-de recompensar ainda.

— Sempre fui por El-Rei, disse o escudeiro, sempre o fui e sou.

— El-Rei conhece-vos bem e a prova é o eu estar aqui a falar comvosco da parte d'elle.

Pois bem, conheceis o desejo secreto de El-Rei, vamos agora a ver se podemos, eu e vós, sermos-lhe agradaveis.

— Com a melhor vontade, interrompeu o Gonçalo, com a melhor vontade vos ajudarei.

— Tendes alguma idéa ou calculo?...

— De Albuquerque, disse Gonçalo Annes, pouco ou nada sei e por esse castello não me responsabiliso; mas pelo de Badalhouce tomo a responsabilidade de vol-o entregar, n'uma noite proxima.

— Já não é mau, commentou Martim Affonso; veremos quem nos poderá valer para o outro.

— Preciso, para isso, de cincoenta homens de armas e outros tantos de pé.

— Tel-os-heis, disse Martim Affonso.

— Oito dias depois será de El-Rei, Badalhouce.

Despediram-se e Gonçalo Annes foi pelo caminho a pensar, que se não era facil entrar por escalada, muito peor era entrar pela porta, visto que o porteiro dormia atraz d'ella e tinha uma ronda por cima.

Em todo o caso decidiu ir arranjar cêra para tomar os moldes das fechaduras.

Assim, foi entrando pela praça, deixando anoitecer.

Pela noite, foi vigiar como se faziam as rondas, estudar bem como tudo se passava para d'ahi concluir como poderia realisar a empreza.

O assalto viu elle que era impossivel.

Era preciso inventar um estratagema para ter segura a entrada pela porta.

Uma tarde acercou-se do porteiro, homem pobre e credulo, e metteu conversa com elle.

Lisonjeado o homem, todo elle era ouvidos e delicadezas.

Fingindo passeio, voltou na outra tarde e ainda outra até que, ganha a confiança do porteiro, lhe disse particularmente:

— Já vejo que ambos nós somos pobres.

— Vossa mercê, tambem? não parece.

— Pois sou.

Os bens que tenho, não os posso aproveitar e vejo-me em grandes apuros.

Tanto que se vós me ajudasseis eu repartiria comvosco alguma coisa do que pudesse alcançar.

O porteiro não percebeu nada do que o escudeiro queria dizer e pediu-lhe que se explicasse.

— Se me juraes discrição, disse o Gonçalo Annes, não duvidarei de me explicar; mas jurae me que se não me quizerdes servir, o não direis a ninguem.

O porteiro era honrado e replicou:

— Pela Virgem Santissima vol-o juro, cavalleiro.

— Pois bem, disse o arteiro Gonçalo, o caso é este:

Eu sei onde está, perto de Evora, uma bella cova de trigo.

O monte é despovoado, que já o sondei e resolvi ir lá buscar algum.

Preciso, porém, fazer isto fóra de horas, para que ninguem o suspeite.

Vós podereis ajudar-me, abrindo-me a porta, de noite, para eu entrar. Repartirei comvosco do que trouxer... não vos haveis de arrepender do meu serviço.

O porteiro, a cuja miseria sorriam uns saccos de bom trigo, concordou sem grande difficuldade.

Abriria pois a porta, ou melhor, iria com elle e á volta a mulher, tambem prevenida, abriria a porta.

— Nada de mulheres no negocio, objectou logo Gonçalo Annes, prudentemente.

Vou eu, vou só, e voltarei só.

Assim estaremos mais seguros do segredo.

O porteiro concordou e assim ficou resolvido que Gonçalo Annes avisaria das noites em que iria ao trigo.

Escreveu Gonçalo a Martim Affonso mandando-lhe que tivesse trigo junto a Evora e assim por varias vezes e a diversas horas da noite, Gonçalo Annes apparecia com duas bestas carregadas de trigo e, ás vezes, para incutir maior confiança no porteiro pedia-lhe que as levasse elle para dentro.

O homem assim fazia e andava tão satisfeito como se Deus lhe tivesse deparado no generoso escudeiro, a felicidade.

Tudo bem calculado e estudado foi a Evora Gonçalo Annes fallar com Martim Affonso contar-lhe tudo e dizer-lhe que se preparasse para uma noite proxima.

Esperou de novo em Badalhouce recado, mas este não vinha.

Voltou a Evora e soube de Martim Affonso que por então não poderia ir, porque tinha de ir por ordem de el-rei a sua casa de Bragança, por negocios proprios.

Ficou descançado o escudeiro e voltou a Badalhouce.

Perder-se-hia tal occasião? Resolveu-se e escreveu a el-rei contando lhe minuciosamente tudo o que tinha acontecido e que lhe mandasse dizer o que queria que se fizesse.

Ficou esperando a resposta.

⁂

N'esse intermentes passava um dia na praça de Badalhouce, quando se lhe approximaram alguns moradores do logar.

No meio da conversa entabolada, um d'elles disse-lhe:

— Sabes Gonçalo Annes que vos andais tornando suspeito para nós?

— Eu? porquê?

— Andais sempre muito por fóra da villa.

— E que quer dizer com isso? tornou o Gonçalo com o ar mais natural d'este mundo.

— Quer dizer que muitos suspeitam que quereis entregar a villa ao rei de Portugal.

— Diz-se isso perguntou Gonçalo Annes fingindo-se encolorizado, diz se isso?

— Dizem-no.

— Pois quem o diz é um calumniador, respondeu com gesto altivo o escudeiro. Sou portuguez e esse quem foi me quererá mal. Todos sabem porque estou aqui. Quem quer que seja desafio-o a affirmar deante de mim tal coisa, porque me baterei com elle, a pé ou a cavallo, aqui, já, antes de comer ou beber.

Quem quer que seja que o diga se é capaz.

Ninguem respondeu.

— Se não quereis juizo pelas armas, a todos me sujeito, continuou o Gonçalo, mais forte pelo primeiro silencio; mandae erguer aqui na praça dois postes e atem-me a um e esse que tal coisa affirma ao outro. Lancem-nos o fogo e mostre Deus a verdade, no milagre.

— Isso não se deve fazer observou um dos do grupo. A suspeita porem não morre por que digaes isso.

— Pois deve morrer, exclamou o escudeiro. Dizei-me: se algum de vós estivesse em Olivença ou em Elvas, não tendo ahi mais parentes do que eu aqui tenho — que são nenhuns — não velasseis nem soldasseis como eu, nem tivesseis chave de porta ou de postigo, poderieis dar um logar d'esses a alguem, fidalgo ou rei?

— Naturalmente, não; responderam.

— Se o não poderieis vós fazer, com o posso eu? De resto, o rei de Portugal está em tregua e amizade com o rei de Castella e é de sua lealdade não encommendar tal acção a ninguem.

— Alguns davam lhe razão. O escudeiro era senhor bem falante e ousado.

— Porque sou portuguez desconfiaes de mim: de mais sabeis porque me refugiei e vivo aqui.

— Uns, porém, mais finos não se levavam pelas razões do escudeiro e replicavam:

— Tudo isso são palavras e palavras são coisas que o vento leva. O melhor que tendes a fazer para evitardes suspeitas e irdes-vos embora.

A maioria approvou:

— E' melhor: ficamos todos descançados; vós e nós.

— Pois isso, concordou Gonçalo, achando do bôa tactica o não teimar em justificações, irei se assim o quereis.

Peço-vos porém que me deixeis viver, no arrabalde.

— Peior gritaram alguns: peor é estardes fóra, longe da nossa vista, do que dentro dos muros, onde vos poderemos observar.

E' sahir e para longe.

Gonçalo Annes concordou plenamente com os desejos dos de Badalhouce e no outro dia mandou a mulher e os filhos para Elvas e elle foi para Sevilha.

Passado tempo soube Gonçalo Annes que Martim Affonso voltara a Evora.

Partiu de Sevilha e, de noite, por caminhos invios, desviando-se dos sitios onde podia ser conhecido, chegou a Evora.

Quando Martim Affonso o viu abraçou-o muito e como já sabendo tudo, disse-lhe:

— Agora é que já não podeis fazer a tal coisa, Gonçalo Annes?

— Porque, senhor Martim Affonso?

— Lançaram-vos fóra da cidade.

— Não importa, emendou o escudeiro. Dizei-me, trazeis algum recado para mim, de El-Rei?

— Trago, respondeu Martim Affonso.

— Para que se faça?

— Para que se tente... e se faça se puder ser. Mas como haveis de conseguir, agora...?

— Eu vou a Badalhouce.

— Não vos ameaçaram...?

— . . que me punham pendurado nas ameias.

— Não vades então. Podem prender-vos e arrancar-vos, pelos tormentos, uma confissão.

— Nem uma palavra me arrancariam inda que me matassem com tractos.

Ficae descançado.

Quando souberdes que estou lá dentro, parti para Campo Maior; porque se lá me deixarem estar, dois ou tres dias, tereis noticias minhas.

Assim ficou assente e o valente Gonçalo Annes partiu para Badalhouce.

*

* *

Como a fortuna protege os audaciosos, Gonçalo Annes entrou, alojou-se e começou a andar pela cidade como se nada tivesse acontecido dias antes.

Os cavalleiros da cidade, começaram, no emtanto, a reparar que o Gonçalo vivia na cidade e um dia com Affonso Sanches governador ou alcaide, reunidos em casa de um tal Gonçalo de Guates, começaram a conversar sobre o caso:

— Gonçalo Annes está outra vez entre nós, dizia um.

— E' um homem ousado e tenho-o por perigoso, dizia outro.

— O mais prudente é mandal-o chamar, aventava um terceiro.

O alcaide foi da mesma opinião, accrescentando:

— Mandal-o chamar e mandal-o sahir por uma vez. No caso de não obedecer prendel-o...

— Ou enforcal-o, concluiu um quarto cavalleiro.

Mandaram-n'o intimar a que viesse, alli.

Gonçalo Annes veio, com um ar de grande honestidade e innocencia.

Logo o alcaide Affonso Sanches se voltou para elle e lhe disse, com mau modo:

— Estaes de novo entre nós, Gonçalo Annes?

— Estou, senhor alcaide.

— Não sabeis que vos mandámos sahir de Badalhouce, prohibindo-vos de voltar aqui?

Gonçalo Annes não respondeu.

— Não vos lembraes de que vos dissemos que vos penduravamos n'uma das ameias ou vos mandariamos de presente a El-Rei de Castella?

Gonçalo Annes continuava calado.

— Fostes e viestes, andastes d'aqui fóra dias, por que razão voltastes contra a nossa ordem?

— Tendes mais que dizer? perguntou Gonçalo, ao ver que o alcaide se calava esperando a resposta.

— Nada mais, respondeu o alcaide.

— Nem vós outros? perguntou para os outros, que tinham estado silenciosos.

Todos disseram que não.

Quanto á vossa teima em me imaginardes traidor, que quer entregar a cidade ao rei de Portugal, repito vos que é uma supposição sem fundamento e se alguem ousar dizer o contrario, o desafio: o que de outra vez lhe fiz lhe faço novamente.

Dissestes-me que se voltasse me mandarieis enforcar ou preso ao rei de Castella.

E' verdade que o dissestes e o ouvi e me não esqueceu ainda.

Pode porém mais a necessidade do que a vontade e por isso fui obrigado a vir.

Parou um instante e continuou:

— Sabeis que vivo homisiado, que não posso gerir o que é meu, que os meus bens, os poucos que tenho são agora como se me não pertencessem.

Vivo desterrado e pobre.

Vendi, aqui, ao meu hospedeiro, um pouco de trigo que elle me não pagou.

Como lhe tinha já mandado pedir o dinheiro sem resultado e precisava muito d'elle, resolvi-me a vir ver se lh'o alcançava.

Eis o que vim fazer.

Não m'o pagou ainda e pediu-me espera de seis dias. Era o que eu fazia, esperava.

Esta é a verdade.

Podeis mandar-me matar, mas ficar-vos-ha na consciencia o remorso de um crime injusto e inutil.

Em palavras, como se vê, ninguem egualava o nosso atrevido escudeiro.

— Seja como fôr, disse o alcaide, que como os outros não tinha que responder, mas que não estava para se sujeitar ás razões do escudeiro, seja como fôr, mandámos-vos sahir da outra vez e de novo vos mandamos sahir agora e com as mesmas condições.

Na certeza porém de que se ousardes tornar a apparecer, não sahireis vivo.

— Quando quereis que saia?

— Hoje mesmo, antes da noite.

— E podereis fazer com que o hospedeiro me pague o valor do trigo?

— Isso é comvosco, disse o alcaide. Nada temos com isso.

E terminou, dizendo:

— Sahi e tende bem certo o que vos disse, porque não haverá para vós perdão.

— Obedecer vos-hei, senhor alcaide, disse Gonçalo Annes com um rosto compungido; que remedio tenho senão obedecer-vos.

Sahiu, cumprimentando.

Pela tarde sahiu pela porta por onde entrava o trigo e lamentava-se ao porteiro:

— Tenho que sahir de todo, agora.

— Mandam-vos sahir?

— Que quereis? por ser portuguez. Meu amigo não ha peor mal do que a pobreza... se eu fosse rico...

— A quem o dizeis, volveu o porteiro.

— Ficamos porém amigos?

— Como d'antes.

— As noites que eu puder trarei o trigo. Ireis buscar as bestas á cerca velha e apurae-me o dinheiro.

— Ficae descançado.

— Tirareis a vossa parte, sempre.

O porteiro agradecia, commovido.

— Até á vista, disse-lhe o escudeiro simulando tristeza, tempo virá em que tudo se apazigue e se viva descançado.

Não vos esquecerei os favores.

Até á vista.

— Nossa Senhora vos acompanhe, murmurou o porteiro, olhando saudosamente o escudeiro que descia a encosta.

* * *

CAPITULO CXI

O assalto

Gonçalo Annes foi caminho de Evora a falar com Martim Affonso.

Este, pelos modos, muito contente, dizendo que sim, que se ia preparar tudo, não preparou nada.

Gonçalo Annes percebeu que se deixasse o negocio entregue á actividade do Martim Affonso era negocio perdido.

Depois de tantos perigos passados, tudo tão bem disposto, era uma dôr d'alma.

Escreveu de novo a el-rei dizendo-lhe que perdido este ensejo não se cobraria o logar nunca mais, ou muito difficilmente.

D. João recebeu a carta, louvou muito o valor de Gonçalo Annes e escreveu logo a Nuno Alvares Pereira que estava em Arrayolos.

Nuno mandou logo chamar Martim Affonso e com Gonçalo Annes fallaram do assumpto.

Como haviam de ir?

Gonçalo Annes explicou, que pela noite a gente iria juntar-se no Azinhal de Arronches, desceriam pela ribeira, passariam no váu do Mouro e iriam, á pé, até ao logar.

Isto assente, partiu Martim Affonso para Albuquerque com um tio seu Rodrigo Affonso e foi-lhe mostrar por onde havia de escalar o castello. Em Campo Maior, á volta, mostrou-lhe as escadas, como se armavam e disse-lhe quaes os que deviam subir primeiro e quaes os segundos.

Em recommendações era forte o Martim.

Gonçalo Annes que não pensava n'outra coisa senão na tomada de Badalhouce, logo que viu tudo preparado foi, de noite, ter com o seu amigo porteiro.

Era a quatorze de maio, na quarta feira, vespera do dia da Ascenção.

— Amanhã, antes de romper do dia, trago trigo. Não vos esqueçaes e estae prevenido.

N'essa madrugada, appareceu á porta Gonçalo Annes a pé dizendo-lhe:

— Andae por aqui e trazei as bestas com o pão.

O porteiro sahiu com elle e desceram para a cêrca velha.

— Esperae aqui, disse-lhe o escudeiro. As bestas estão hoje mais longe, lá em baixo, com o meu creado. Não sahiaes d'este logar que eu volto já.

O porteiro sem nenhuma desconfiança ficou emquanto Gonçalo Annes corria ao váu do Mouro a Martim Affonso:

— Temos a porta aberta. Dae-me dez homens para ir commigo adeante. Poucos não seremos presentidos. Vinde vós atraz.

Caminhou com os dez homens, entrou pela porta do Rio da cêrca velha e encostou-os, de fóra, á torre.

Então chegou á porta, metteu-lhe os hombros e — como estava apenas encostada — abriu-a.

A mulher do porteiro que estava atraz, em pé, quando o viu disse-lhe:

— Gonçalo Annes, meu senhor, em boa hora chegueis: que é de meu marido?

— Vem ahi com as mulas carregadas, respondeu elle.

Dizendo isto abriu a outra meia porta, dizendo: deixae abrir as duas porque as bestas são muitas e não caberão por uma.

Travou as duas meias portas com uns pedregulhos e poz-se no meio da soleira em pé.

N'isto a mulher viu sahirem da sombra da torre alta tres homens, que se approximavam:

— Jesús, gritou ella, de subito, que má hora é esta, senhor Gonçalo Annes.

— Cala-te, disse-lhe este deitando-lhe a mão á garganta, cala-te ou morres!

A mulher luctava.

— Trazes ahi um punhal ou uma adaga, perguntou para o escudeiro Affonso Rebejo.

— Trago.

— Degola-me este diabo, exclamou.

— Não me mateis senhor Gonçalo Annes, disse a porteira cheia de medo, não me mateis, que eu me calarei.

Então, por dó d'ella, empurrou-a para casa, a casa do lado do portão onde ella vivia, dizendo-lhe: se dás um grito morres.

Apagou a candeia e fechou a porta por fóra.

N'isto os dez valentes estavam entre as portas.

— Rapazes, disse elle, esta porta não se desampara por coisa nenhuma; e desceu correndo a chamar alto por Martim Affonso.

— Vinde depressa, vinde depressa, exclamou elle topando-o já á porta Rio da cêrca velha.

Começaram a andar todos o mais rapidamente.

Gonçalo Annes disse a um trombeta: vem commigo e começaram correndo os dois, em direcção á porta.

Quando estavam quasi a alcançal-a e viam já no escuro os vultos dos dez que tinham ficado silenciosos e hirtos como estatuas, começaram a gritar de cima da torre de vigia:

— Armas! armas! Castella! Castella!

N'isto corriam vultos e os dez com Gonçalo á frente subiam aos muros.

Davam-se os primeiros golpes, no rubor da madrugada.

Os de dentro despertados em sobresalto, correndo meios espavoridos, vinham enterrar-se nas espadas e lanças dos homens de Martim Affonso que entrando pelo portal franco, começavam a trucidar quantos appareciam.

Gritava-se São Jorge e Portugal e o panico estabeleceu se instantaneamente na cidade tomada de surpreza.

N'isto chegava com Alvaro Coitado o concelho d'Elvas de pé e de cavallo e gentes d'Olivença e Campo Maior.

A resistencia era uma loucura, renderam-se todos.

Ficou prisioneiro Garcia Gonçalves de Grizalon marechal de Castella, Affonso Sanches o alcaide e o bispo.

O rei recommendara que fizessem o menor damno possivel nos habitantes e assim se fez, porque alguns que se tinham apoderado de bens dos moradores foram obrigados a restitui-los.

Nuno Alvares quando soube que a cidade estava tomada chamou Martim Affonso e deu-lhe os homens precisos para a guarnição.

Rodrigo Affonso, em Albuquerque, não foi feliz na empreza.

Não quiz tomar primeiro as torres; assaltou pelas escadas o que deu resultado, que presentidos os assaltantes, pelo grito d'um velho, se precipitaram na fuga e ficaram sem escadas, sem béstas e todas as armas que levavam.

* * *

CAPITULO CXII

Os doze de Inglaterra

Por este tempo, aconteceu uma singular aventura.

Estava o rei João em Coimbra, convalescendo da doença que o tivera, gravemente, enfermo.

Alli o fôra visitar Nuno Alvares Pereira.

Melhorava o rei, dia a dia, ao approximar-se o praso marcado para as côrtes que se haviam de reunir em Braga.

Era pelo inverno, em dezembro, quando começaram a chegar á velha cidade, os fidalgos e senhores, os prelados e os mandatarios do povo, que era costume reunirem-se.

Nuno Alvares era o procurador dos fidalgos.

Lá falou; mas parece que mais inclinado ás suas opiniões do que á que elles exigiam que elle expusesse, não agradou como procurador e teve questões.

Como, porém, algumas das suas propostas não eram agradaveis ao rei, tambem com este se indispoz.

Este resultado fel-o proferir a sentença celebre, ainda e sempre verdadeira, no tracto do mundo:

— «Quem serve o commum, não agrada a nenhum».

Houvera um pequeno intermedio de paz, no meio das luctas continuas.

As côrtes, pouco proveitosas, iam fechar sem mais demora quando se soube que dois fidalgos inglezes, desembarcados no Porto, seguiam para Braga.

Traziam ordem de procurar El-Rei, o mais rapidamente possivel.

No dia immediato, a surpreza que tinha causado o saber-se da sua inesperada chegada teve o seu fim.

Soberbamente montados e luxuosamente vestidos á ingleza, as armadu-duras cobertas de ricas sedas, apearam-se á porta do paço, onde residia o rei.

Eram embaixadores do rei Ricardo II.

Mandou-os D. João I receber e agasalhar como a grandes fidalgos e d'ahi a horas recebeu-os.

*

* *

Inteirado de que a missão dos embaixadores nada tinha de secreta El-Rei rodeado de varios fidalgos, dos melhores capitães do seu tempo, entre os quaes sobresahia Nuno Alvares, fez-lhes saber que os esperava.

Entraram na sala.

Roberto de Vere, o favorito de Ricardo II, rapaz altivo e ousado, a quem o rei inglez fez, na volta, duque da Irlanda, adeantou-se, gravemente, depois de saudar e apresentando a el-rei um pergaminho, disse-lhe:

— Ao muito nobre rei de Portugal, manda o muito alto e poderoso rei de Inglaterra, meu amo, saudar como amigo e como alliado.

El-Rei respondeu:

— Que El-Rei de Inglaterra, meu alliado e meu amigo, esteja sob a protecção de Deus, que elle o tenha na sua santa guarda! Que me manda El-Rei?

Roberto de Vere dobrou o joelho e apresentou a El-Rei o pergaminho.

El-Rei passou-o ao doutor João das Regras, que o leu em voz alta e ao mesmo tempo o traduziu.

Era uma carta de Ricardo II auctorisando o rei de Portugal seu alliado, a contractar as pazes com o rei de Castella.

Ouvida a leitura, El-Rei disse ao embaixador:

— Penhora-me a confiança de El-Rei Ricardo. Responder-lhe-hei ámanhã.

Quanto a vós, peço-vos que estejaes á vossa vontade e que tudo o que necessitardes, para vós ou para a vossa comitiva, vos digneis requerer.

Roberto de Vere, inclinou-se, agradecendo.

Quando El-Rei imaginando ser este o fim unico do embaixador perguntava a Roberto se mais alguma coisa d'elle desejava, o elegante inglez respondeu:

— Sim, meu senhor.

— Dizei, então, disse o rei.

Roberto de Vere, inclinando-se de novo e olhando para traz para um escudeiro que sobraçava uma especie de pasta, com fechos de prata, fez a este signal para se approximar.

Ao mesmo tempo apresentava a El Rei um novo pergaminho.

— Esta é, exclamou Roberto, a maior distincção de consideração e de estima que El-Rei, meu senhor, tem feito, até hoje, a qualquer rei.

Envia-vos, senhor, e pede-vos que lh'o acceiteis como penhor de longa amizade e alta consideração que liga aos vossos feitos e ao vosso valor, as insignias da muito nobre ordem da Jarreteira, creada, como sabeis, por El-Rei seu pae.

D'esta ordem vos nomeia cavalleiro e eu peço para vos fazer notar quanto a offerta de El-Rei meu senhor deve lisonjear a Vossa Alteza, visto que sois, senhor, o primeiro rei, o primeiro estrangeiro que a recebe.

Aberta a caixa encontraram-se as insignias da ordem.

El-Rei agradeceu commovido pela gentileza do rei inglez.

⁂

Falou-se muito sobre a Ordem.

Quaes os cavalleiros que até áquella data tinham sido feitos, por que serviços, por que actos de valor ou de heroicidade.

O mais nobre, o mais valente, o mais heroico de todos elles, morrera.

Era o Principe Negro, o lendario guerreiro de Poitiers e de Crécy, o temido e admirado filho de Eduardo III.

Fallou-se n'essas batalhas, de quanto este principe era amado por todos os inglezes e como fôra sentida a sua morte.

Poucos o tem sido, realmente, mais em Inglaterra.

Lembrou-se o soccorro prestado por elle a D. Pedro, o Cruel, de Castella, a sua generosidade e o seu desprezo por esse falso rei, quando fugiu ás combinações feitas antes da batalha.

A proposito fallou-se do rei Henrique, de como matara o irmão, este D. Pedro — o Cruel!

A pêllo veio D. Fernando e suas guerras com D. Henrique e a proposito a vinda do duque de Cambridge a Portugal.

A sessão começava a ter um ar familiar.

O rei D. João foi, sempre, fundamentalmente, um burguez enthronisado.

O sangue de Thereza Lourenço se lhe deu a sornice propria de um videiro, não a acompanhou, nunca, de um grande caracter altivo.

Não era um mal.

Para elle foi, até, um bem: deu-lhe um throno.

Por isso a recepção levada pelo espirito democratico do rei estava nas condicções, a esta altura, de uma reunião familiar e intima.

Depois do Cambridge e de D. Fernando veio Leonor Telles de quem o duque fôra fazer para Londres os mais rasgados elogios.

Fallou-se de Castella, do rei João a quem ella quizera matar.

A seguir veio o cêrco de Lisboa e depois Aljubarrôta.

Roberto de Verne desfez-se em prosopopêas de espanto, relatando o echo de heroicidade que chegara a Londres de valor estranho dos Portuguezes.

E fallou, sem o conhecer, de Nuno Alvares Pereira.

O rei apresentou-lh'o:

— Dae-me licença que vos aperte a mão, exclamou, Roberto; tendes hoje a fama de um grande capitão e honrar-me-heis permittindo-me.

Nuno Alvares, pouco expansivo agradeceu-lhe o cumprimento, apertando-lhe a mão.

— Sois bem novo ainda, disse Roberto, olhando-o: bem certo é que os grandes capitães nascem feitos.

— Pela vontade de Deus, replicou Nuno.

— Decerto, elle os fez, concluiu Roberto.

Depois accrescentou:

— Lembraes-me o Principe Negro, tio de el-rei meu senhor, que aos 16 annos ganhava as maiores batalhas que os francezes tem perdido contra nós.

El-Rei ouvia, jubiloso os elogios feitos ao seu amigo, ao seu valente condestavel.

Não tinha a má qualidade da inveja o bom do rei e lia-se-lhe nos olhos o prazer de vêr Nuno Alvares, conhecido e respeitado n'esse grande paiz alliado.

Isto parecia-lhe que protegia essa alliança, porque a coragem e o valor sempre uniu os valentes.

Voltando á Hespanha fallou-se na pretenção do duque de Lencastre ao throno Castelhano.

Contou-se, sumariamente a sua vinda e o caso feliz da sympathia do rei pela rainha sua mulher, cujo caracter e bondade, enchia a todos de veneração e de amôr.

Trazia, tambem, para ella, cartas do pae e de varias amigas que lá deixára, Roberto de Verne.

Havia ainda um terceiro negocio que lhe faltava tractar com o rei.

Este era, porém, de caracter particular, porque era entre D. João e o duque de Lencastre.

Disse-o ao rei, pedindo licença — se não offendia as praxes cortezãs officiaes — de o apresentar.

— A minha missão, como embaixador, terminou disse elle, se Vossa Alteza o permitte...

Seja, disse o rei. N'outra sessão fallaremos do que vos trouxe e vos darei minhas cartas; agora podeis fallar como amigo e enviado do duque de Lencastre, meu muito amado sôgro.

Da escarcella do cavalleiro sahiu uma nova carta, para as mãos do rei.

O chanceller lia baixo, com gestos de admiração.

O rei que lh'as notava interrogou, intrigado:

— Que lêdes que tanto vos espanta?

— E' particular a carta, meu senhor, não vol-o posso dizer se não particularmente.

— E' negocio de estado?

— Não meu senhor.

— Porque a não podereis ler de rijo?

— Se Vossa Alteza a quizer ouvir ler primeiro e achar, como me parece — que se pode ler, eu o farei.

Não posso, porém, fazel-o sem a vossa permissão.

Afastaram-se do rei e do chanceller os fidalgos.

Inclinado para D. João o chanceller lia, a meia voz, emquanto, aos grupos, os fidalgos e senhores, conversavam ruidosos.

No rosto de D. João notava-se a surpreza, misturada com a alegria.

Acabada a carta disse para o chanceller:

— E' curioso. Ides lêl-a, alto; vae causar espanto e enthusiasmo a ideia.

— Senhores, disse João das Ragras com voz alta, el-rei pede-vos o silencio.

N'um momento este se fez.

O chanceller começou a ler, com voz sonora.

«Ao muito nobre rei de Portugal, D. João I...»

* * *

CAPITULO CXIII

A carta

Antes da leitura, vamos a Inglaterra, para podermos comprehender a carta.

Sentava-se, então, no throno inglez Ricardo II.

Ricardo II era filho do heroico rapaz — o principe Negro — a quem Eduardo III, o pae, fizera duque da Aquitania cedendo-lhe a Guiana e a Gasconha em premio de seus serviços.

Este devia succeder a Eduardo III.

Uma doença, lenta, consumptiva, parece que a tuberculose, matou-o aos quarenta e tantos annos.

Eduardo III nomeou como seu successor, o filho do heroe, o neto — Ricardo II.

*

* *

Eduardo III é considerado pelos inglezes como um grande rei.

O seu reinado é visto como um dos mais gloriosos da sua historia.

Consideram-n'o o ultimo periodo da Cavallaria, aquelle em que elle lançou na Inglaterra, o seu ultimo e brilhante clarão.

Eduardo III foi um guerreiro; mas havia no fundo do seu organismo uma ponta de voluptuosidade.

Em novo as guerras e os trabalhos não o deixaram pensar em prazeres; mas já não muito novo começou a entregar-se a elles.

Foi assim que Alice Perrers, sua amante, o começou a dominar.

Morrera-lhe a mulher, a boa e heroica Philipina de Hainaut e o rei deixou-se cahir, indolentemente, nos braços da formosa Alice.

A favorita começou a intrometter-se em todos os negocios do reino.

A nação queixou-se ao rei e este, prudentemente, afastou-a de si.

Começou, então, a cortejar a formosa condessa de Salisbury e foi com ella que aconteceu aquelle caso da liga, cahida, na França.

O rei viu-a no chão, baixou-se e apanhou-a.

Os cortezãos começaram a rir.

O rei, que era cavalheiroso, voltou-se para os cortezãos e disse-lhes:

—«Honni soit qui mal y pense»: o que quer dizer que reputava criminoso aquelle que pensasse mal de tal acto.

Dizendo, poz a liga na propria perna e accrescentou:

— Muitos se julgarão felizes, no futuro, por usarem esta insignia.

Os risos cessaram.

O rei creou a ordem da Jarreteira, que só se conferia a vinta pessoas das de mais alta jerarchia.

Foi esta a ordem que, como vimos, Roberto de Verne trazia ao nosso D. João I.

Passado tempo, Eduardo III perde as suas conquistas de alem-mar; perde o filho muito amado, que era toda sua esperança e Alice Perrers volta de novo para junto d'elle.

Então a nação começa a desprezar o rei.

Os proprios servos o trahem e tão desgraçado foi que, á hora da morte, abandonado, quasi só, todos o roubaram.

Quando agonisava, até o annel do dedo lhe furtou a amante e ficou, só, acompanhado de um padre, que com um crucifixo na mão o exhortava a bem morrer!

⁂

Subiu, então, ao throno Ricardo II.

Se era valente, como o pae, não era guerreiro.

Deu-se aos prazeres da paz, ás seducções do ocio.

Depois de ter subjugado uma insurreição, no principio do seu reinado, causada por um imposto, que se dizia para a guerra com a França, sobre todas as pessoas de mais de quinze annos; depois de ter apaziguado os tres tios, João de Lencastre, Edmundo de York e Thomaz de Glocester o rei continuou a vida que iniciara, logo que subiu ao throno.

Era um effeminado.

Como tal, começou a prender-se a pessoas obscuras a quem elevou nobilitando-as.

Tal o Roberto de Verne que veiu como embaixador.

O rei não pensava senão em musica, em danças, em procissões.

Quando subiu ao throno, durante tres dias, os chafarizes de Londres deitaram vinho em vez de agua: quando foi da coroação, não foram só os chafarizes, os canaes publicos conduziram vinho de quatro qualidades.

Imagine-se o que seria Londres n'esses dias.

Era um exagerado, um perdulario.

Tinha dois mil cosinheiros; quer dizer pessoas empregadas nas cosinhas.

Os seus jantares eram enormes.

Em cada um d'elles matavam-se vinte bois, duzentos carneiros e gallinhas sem conto.

Depois da meza ampla, os jogos, os cavallos e as mulheres.

A côrte era um escandalo!

Ricardo era porém, ousado, quando era preciso e, ainda que de má vontade, toleravam-lhe as loucuras.

Os nobres, como sempre acontece, seguiam o rei e um luxo desenfreado reinou no palacio real.

Os fatos eram das mais ricas fazendas e ornados com a maior prodigalidade, em bordados de flores, cobertos com pedras preciosas.

O rei tinha um casaco avaliado em quarenta contos de réis, tal era a profusão de bordados e pedras.

*

* *

Um dia, n'um dos saraus do paço em que as cabeças dos homens e naturalmente as das mulheres, estavam aquecidas pelos vinhos generosos, analysavam-se as damas presentes.

Eram ellas, muitas, da primeira nobreza.

Mas se eram de primeira qualidade em sangue parece que o não eram em formosura.

O que é certo é que se fizeram epigrammas aos seus rostos magros e ás suas claviculas, por demais proeminentes.

No grupo do rei ria-se muito.

Era o grupo dos insoffridos, dos ousados.

El-Rei dava-lhes liberdade em demasia, associando-se-lhes, nas suas folias nocturnas.

Eram por isso livres em palavras e gestos.

— E' preciso confessar, dizia um, que a sua belleza emparelha com a sua honestidade.

— Qual honestidade?...

Riram-se.

— A que teem ou a que fingem? continuou o segundo fidalgo que re-

— E' preciso distinguir, objectou do lado um rapaz magro dos seus vinte e cinco annos. Ha aqui verdadeiras fortalezas de castidade... Vejam a condessa de...

Ao apontal-a com os olhos, uma gargalhada geral approvou o dito.

Era uma pobre senhora alta como um eucalypto e magra como um osso.

— Aquillo não é uma fortaleza, disse o rei, aquillo é uma torre de menagem.

— Esburacada, disse alguem.

Os risos prolongavam-se, com os ditos.

Alguns fidalgos approximaram-se, attrahidos pela alegria do grupo.

Uns concordavam em que nem todas eram feias e deshonestas, outros calavam-se.

— Não, meus senhores, não vale discutir; basta olhar.

Olhemos e confessemos que a côrte de El-Rei, nosso senhor, tem este grande peccado — a fealdade das damas.

E' um crime de lesa galanteria.

Um crime que El-Rei nosso senhor, que Deus guarde, nunca permittiria.

Depois passaram a examinar uma por uma.

Atraz das qualidades physicas lembraram-se as qualidades moraes e na bôcca d'aquelles estouvados, as damas inglezas soffreram verdadeiros martyrios.

Naturalmente, d'ahi a pouco tempo, as damas sabiam-se alvo das desagradaveis conversas do grupo real e umas sahiram, outras replicaram despeitadas.

Foi um escandalo no saráu.

As fidalgas juraram vingar-se dos gracejadores insolentes.

*

* *

Como vingarem-se?

Cada uma procurou um parente ou um amigo para a desaffrontar; mas, caso curioso, todos rejeitaram a empreza.

Era, realmente, pela verdade dos epithetos de que as damas tinham sido alvo?

Eram realmente assim tão feias?

Não é licito acredital-o.

O vinho desata as linguas e desorienta o cerebro.

Palavra attrahe palavra, um dito outro mais grave e assim se chega muitas vezes, á injustiça.

Tal seria o caso.

A recusa vinha de que tendo-se dado a provocação, no grupo onde estava o rei, todos temiam que elle se offendesse com quem quizesse desaggravar as damas.

Assim, o desafio, que seria a fórma do desaggravo, ninguem o quiz fazer e as pobres senhoras, enraivecidas, desesperavam da vingança quando um facto inesperado as veio animar.

Um dia, dos proximos ao caso, censurava-se n'uma sala onde estava o duque de Lencastre, o comportamento do rei.

Censurava-se e não era o duque o mais benigno censor.

Então uma das damas lembrou que a offensa não estava ainda julgada.

— Todos teem receio do rei? perguntou o duque

— Parece que sim.

— Teem razão, disse o duque, é vingativo e orgulhoso, assim fosse prudente e regrado.

D'ahi a momentos, discutindo a sua politica falava-se em que ia mandar a Portugal um embaixador, por causa do tractado de paz com Castella.

O duque teve uma ideia luminosa.

— Não tendes quem vos defenda? perguntou este ás damas.

— Bem vêdes que não.

— E' que tive uma lembrança...

— Qual?

— De vos arranjar defensores. E' possivel que venham... se puderem.

As damas ouviam, com interesse.

— Quem? quaes? perguntavam.

— Os portuguezes.

— Como assim?

— Estive em Portugal, como sabeis, quando pretendi o throno de Castella, onde está hoje minha filha.

Vi lá muitas justas e quebras de lanças e afianço-vos que são insignes na lucta, os fidalgos de Portugal.

— Luctaram com os nossos?

— E com os castelhanos.

— E viriam?

— São homens de grande audacia, amigos de aventuras e de feitos perigosos.

— E que seria preciso fazer?

— Convidal-os.

— Nós mesmas?

— Naturalmente.

— Era esta agora a occasião, visto termos portador para Portugal.

— Não é razão; mandava-se algum dos nossos. Todavia, se quereis aproveitar...

— Escrever-lhe-heis, vós, tambem?

— Escreverei, ao rei, a meu genro, n'esse sentido.

Combinou-se que se reuniriam as doze offendidas, pois parece que eram doze, que o duque nomearia doze portuguezes que tivesse conhecido; que se tirasse á sorte aquelle a que cada dama havia de escrever e lhe escrevesse.

Camões conta, assim, o caso:

No tempo que do reino a redea leve,
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que de neve
Boreal sempre abunda, semeava
A féra Erinnys dura e má sizania
Que lustre fôsse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da côrte ingleza
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira acceza:
Ou foi opinião ou foi porfia,
Os cortezãos, a quem tão pouco peza
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

Frente a frente, não é natural que os fidalgos inglezes assim fossem tão faltos de delicadeza e de vulgar educação.

Appello antes para o cavaco isolado e para o vinho que o animava.

Continúa Camões:

E, que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo ou estacada
Lhe darão feia infamia ou morte crúa.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobios taes, vendo-se núa
De forças naturaes convenientes
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes nem fervidos amantes
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes,
A fazer que em soccorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

Era este inglez potente e militara
C'os portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros a benigna estrella:
Não menos, n'esta terra experimentára
Namorados effeitos, quando n'ella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei, que por mulher a toma.

Este que soccorrer-lhe não queria
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino, lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi, tanta ousadia,
Tanto primôr e partes tão divinas
Que elles poderiam se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E, se agravadas damas, sois servidas
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas
Do vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras de affagos e de amores
Lhes sejam vossas lagrimas, que eu creio
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

D'esta arte as aconselha o duque experto
E, logo lhe nomeia doze fortes,
E por que cada dama um tenha certo
Lhe mande por sobre elles lancem sortes.
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos
E todas a seu rei e o duque a todos.

A carta que o rei mandava ler e que lhe causara a elle espanto e alegria era a carta do duque de Lencastre.

Referia, o que sabemos já.

Contava a ousadia dos fidalgos offensores.

A tristeza e raiva das damas injustamente criticadas e perguntava ao rei se permittia que doze dos seus fidalgos, os que elle nomeava ou outros, fossem a Inglaterra desagravar as damas.

A escolha, a lembrança, era uma honra enorme para Portugal, n'aquelle tempo de cavallarias.

O rei deixou fazer, alto, a leitura da carta e foi vendo no rosto dos ouvintes o effeito.

Produziu o que lhe produzira a elle: alegria e desejo.

Quando a carta foi lida o rei disse, para o embaixador:

— Penhora-me a lembrança do duque meu sogro e quanto á minha permissão dou-lh'a com toda a boa vontade do meu coração.

Depois, olhando os assistentes, disse:

— Alguns dos nomeados pelo duque, estão aqui. O que respondem?

— Dizei senhor, clamaram todas as vozes, quem são os felizes nomeados?

El-rei fez ler uma relação que vinha á parte, e continha os nomes dos fidalgos.

Os que estavam na sala romperam em exclamações de alegria.

Os que não vinham nomeados entristeceram.

Todavia a lista não podia cumprir-se: alguns dos nomeados tinham morrido; outros não podiam deixar os seus logares.

— E' preciso, disse o rei, que alteremos a relação do senhor duque; vereis que não é possivel conserval-a intacta.

— Vós vereis, senhor, como melhor se poderá servir a vontade do nobre duque. Quanto ás damas, parece-me que ficarão sempre bem, qualquer que seja o padrinho que as defenda.

O valor é, aqui, qualidade geral e na substituição de um fidalgo por outro, haverá apenas a variante do nome, porque a bondade do defensor ficará inalteravel.

Um murmurio de agradecimento seguiu as palavras galantes de Roberto de Vere.

— Quanto me peza ser rei, n'este momento, accrescentou D. João I.

Como eu desejaria ir a Londres por uma tão nobre causa!

Nuno Alvares nada dizia, encostado á espada.

— Meu caro D. Nuno, disse o rei dirigindo-se-lhe, não sois da minha opinião?

— De qual, senhor?

— De que é pena não poder ir a Londres entrar em tão raro combate?

— Decerto; mas consolae-vos de que vos não faltarão por cá outros de menor monta.

— Como a vós.

— Já recebi carta do Alemtejo, para me appressar.

— Se pudessemos ir! disse o rei, com voz que denotava verdadeira vontade, seria uma distracção e um grande prazer.

— Deixae ir os que vão, meu senhor; elles saberão cumprir o seu dever.

— Lá por isso, disse o rei, não tenho eu pena de não ir. Não me bateria melhor do qualquer d'elles que vá.

*

* *

No dia seguinte fez-se a relação definitiva.

Feita esta o embaixador entregou a cada um dos cavalleiros designados uma carta autografa da dama a quem a sorte tinha designado para defender.

Eram, segundo os melhores dados, os cavalleiros famosos, citados por Mendes da Silva na sua *Poblation general de Hespaña*, os seguintes:

Alvaro Gonçalves Coutinho. (o Magriço) filho do marechal Gonçalo Vaz Coutinho.

Alvaro Vaz d'Almada — Futuro conde de Avranches.

Alvaro de Almada — seu sobrinho.

Soares Fernandes Pacheco.

Pedro Homem da Costa.

João Pereira — sobrinho de Nuno Alvares Pereira.

Luiz Gonçalves Malafaia.

Alvaro Mendes.

Ruy de Cerveira.

Ruy Gomes da Silva.

Soeiro da Costa.

Martim Lopes de Azevedo Mendes.

*

* *

Nomeados, tratam de preparar cavallos e armas, com o enthusiasmo de peninsulares aventureiros.

Preparam-se, no Porto, as galés que os hão de conduzir a Inglaterra.

Quinze dias depois, partem.

Partem todos, excepto o Magriço, que desejando aproveitar a viagem vendo outras terras, assim falla aos companheiros:

Já do seu rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que, escolhidos por sentença
Foram do duque inglez, experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro ou esforçado;
Mas um só que Magriço se dizia,
D'est'arte falla á forte companhia:

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito, já, de andar terras estranhas,
Por vêr mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
— Pois que do mundo as coisas são tamanhas —
Quero se me deixais ir só, por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

E quando caso fôr que eu impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não fôr comvosco ou praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas se a verdade o espirito me advinha,
Rios, montes, fortuna ou sua inveja,
Não farão com que eu comvosco lá não veja.

Os companheiros abraçaram-no e partiram-se, entre os applausos do povo que os victoriava, ao saber-lhes da intenção.

Magriço montou no seu cavallo negro, direito á fronteira de Hespanha.

Passou por Castella, atravessou Leão, seguiu pela Navarra e entrou, atravessados os Pirineus, na bellicosa França.

Parou em Flandres.

Alli attrahido, ou encantado pelos costumes, ou por qualquer outro motivo desconhecido, deteve-se o nosso Magriço, mais tempo do que era preciso para satisfação da sua curiosidade.

Um bello dia, porém, sentiu a necessidade absoluta de partir para Inglaterra e para lá se dirigiu.

*

* *

As galés chegaram a Londres, sem novidade, com os nossos compatriotas.

Veiu esperal-os e recebel-os com as maiores honras o duque de Lencastre que os levou para o seu palacio.

Alli correram as damas immediatamente e julgue-se o prazer que houve n'esse dia e seguintes em que o duque honrava a presença dos hospedes com jantares preciosos e saraus e festas do maior esplendor!

Passavam-se os dias e o Magriço não chegava.

Começou a sua falta, primeiro a causar admiração, depois a produzir receio.

Não era Alvaro Gonçalves homem que faltasse á sua palavra e a sua falta representaria qualquer máu passo, ou infelicidade que lhe acontecesse.

O duque propoz que esperassem ainda algum tempo.

Uma das damas, aquella a quem a sorte designara o Magriço, estava inconsolavel.

Como, no emtanto, a ausencia do Magriço se prolongasse, os portuguezes falaram ao duque.

— Estamos deliciosamente, mas é preciso saber a que viémos.

Pedimos a vossa honra o favor de marcar o dia para o combate.

O duque entendeu-se com o rei Ricardo e o dia foi assente.

*

* *

Tinha-se construido um enorme palanque de madeira, forrado de preciosos pannos para o rei e para a nobreza.

N'um amplo terreiro limitava-se, como era costume, a area do duello com postes, ligados por correntes de ferro.

A manhã, excepcionalmente clara, dava á multidão agglomerada um ar pinturesco.

Sobresahiam, brilhantes, batidos pelo sol, os fatos luxuosos dos senhores; as flores, as pedrarias dos vestidos das damas irradiavam luzes vivissimas.

Dado o signal pelas trombetas, entrou luzido e riquissimo o grupo inglez.

Preciosos cavallos e armas; cotas e arnezes reluzentes, amplos pennachos, e sobretudo um porte, uma magestade de andar e de gestos como não tinham então, na Europa, nenhuns cavalleiros.

As ultimas victorias sobre a França eram a causa da sobranceria ingleza; sobranceria, porém, se cheia de orgulho, distincta e fidalga.

Ao novo toque entraram os cavalleiros portuguezes.

Não tinham o brilho e a riqueza das armaduras; mas não eram menos bellos pelo garbo com que cavalgavam e a serenidade imperturbavel com que fitavam a retribuiam os cumprimentos que vinham dos palanques. Havia uma differença.

Eram doze de um lado: eram onze do outro.

Faltava o Magriço.

A dama, inconsolavel, parece que não vestira os seus fatos alegres, mas envergara os de lucto, como signal de mágua, pela ausencia do seu defensor.

Não começara, porém, o combate, quando se fez reboliço entre o povo e uma trombeta annunciou a chegada de um cavalleiro.

Voltaram-se todos os rostos; e, viu-se, correr, Magriço chegar junto da arena a pedir licença ao rei para entrar.

Entrou. Foi saudar o rei e a rainha e cumprimentando com a lança, garbosamente, os contrarios, com um sorriso para os seus, enfileirou-se n'um dos lados.

Diz o epico:

Mastigam os cavallos, escumando,
Os aureos freios com feroz sembrante,
Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante.

— El-rei mandou acommetter.

....

Já dão signal e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflama;
Picam de esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

*
* *

Pode suppor-se como seria terrivel o primeiro ataque.

Os inglezes orgulhosos e valentes sentindo-se, em sua casa, reptados por estrangeiros.

E' certo que elles tinham consideração pelo valor portuguez, que n'esse tempo corria, como de bom quilate, a Europa inteira.

Mas o orgulho britannico não podia deixar de calcular o que seria uma derrota para os brios da sua fidalguia, em tão curiosa contenda.

Os portuguezes sentiam toda a responsabilidade do singular combate e quanto o serem vencidos cobriria, não direi de ridiculo porque se póde ser vencido com honra, mas de magua, toda a cavallaria portugueza.

Se os inglezes tinham a dar-lhe a raiva da coragem o seu proprio orgulho, os portuguezes tinham a levantal-os o sentimento de que uma victoria, n'aquelle momento, seria perpetuar-lhes o nome de invenciveis, como se julgavam e encheria de gloria o seu paiz e de alegria o seu rei.

Nos breves instantes em que se esperou o toque das trombetas via-se de um lado e outro a anciedade dos gestos.

Havia mais altivez e confiança no grupo inglez: o grupo portuguez firme e sereno, esperava o toque.

Ignoram-se os nomes dos fidalgos inglezes que entravam no torneio.

Do lado portuguez sabe-se quaes foram.

Entre elles havia dois nomes de reputada fama, alcançada em proezas singulares.

O Magriço e Alvaro Vaz d'Almada.

Occupavam cada um seu extremo da fila; e, ou fosse pelas armas ou pela estatuas o que é certo é que se faziam notados.

*

* *

E' impossivel seguir com a vista a approximação de vinte e quatro cavallos que em linha e vertiginosamente se vão chocar.

Vêem-se dois corpos, ondeados, cuja distancia diminue em relampago, compostos de coisas heterogeneas, pernas de cavallos, cabeças, telizes coloridos, lanças, pennachos.

Bem mais difficil será extremar choques singulares na occasião do encontro.

Assim, dado o signal, viu-se os cavalleiros de um e de outro lado cravarem brutalmente as esporas nos ilhaes dos cavallos, darem-lhe redea e apertando as lanças na anilha, enristarem-n'as na altura e direcção do cavalleiro contrario e partirem como flexas.

O choque foi terrivel, sobretudo para os inglezes.

Alvaro Vaz atirara a alguns metros de distancia com o cavalleiro antagonista; o Magriço fizera o mesmo ao d'elle, com menos energia, mas com egual pericia.

Voltaram á carga.

De novo Alvaro Vaz prostrou no chão o cavalleiro da frente mas d'esta vez fazendo rolar pela terra cavallo e cavalleiro.

Uma ovação coroou o feito do heroe.

Magriço desembaraçara-se, novamente, do inimigo.

Quanto aos outros portuguezes pelejavam com egual valor e tanto que na arena, ao fim do segundo choque, estavam tres cavallos dos inglezes mortos e os cavalleiros estropiados e apeados.

Dos nossos apenas um tinha perdido o cavallo.

Fez-se terceiro ataque, mais desesperado ainda.

Com mais furia os cavallos, já enthusiasmados pelo ardor do combate obedeceram aos acicates e se procuravam cheios de pó e de espuma: com mais raiva as lanças procuravam os corpos, com mais furia se encontravam rompendo arnezes, retalhando carnes.

N'este final, entre nuvens de pó que se desfaziam varios cavallos corriam a pista, sem dono; dois inglezes tinham um o peito outro o pescoço atravessados e estavam mortos; quatro de entre elles, a pé, tinham tirado as espadas.

Tres portuguezes, a pé, tinham feito o mesmo, tendo perdido os cavallos.

Os restantes, firmes nas sellas, com uma ou outra amolgadura no escudo ou na armadura, voltavam aos seus logares.

Esperava-se as ordens do rei, que parecia disposto a fazer terminar o combate quando se deu um caso significativo.

Alvaro Vaz tinha notado que os tres portuguezes apeados ou lançados fóra dos seus cavallos, o tinham sido todos, apenas por um cavalleiro inglez.

A armadura era das mais ricas e a viseira escondendo-lhe o rosto não podia esconder a nobreza.

Era alto, forte, montava com firmeza e o seu braço, a julgar pelos golpes da lança, devia ser de temivel poder.

Ao ver o terceiro portuguez desmontado pelo forte guerreiro Alvaro Vaz não poude conter-se e fazendo rodar rapidamente o cavallo, com um ar preciso de desafio, foi postar-se atrevidamente deante do desconhecido.

Este parece que comprehendeu o repto e perfilou-se, elle e o cavallo.

Não passou a ninguem despercebido o manejo dos dois.

O proprio rei que ia a mandar dar signal de terminar o combate, não poude evitar a curiosidade e conhecendo, decerto, o fidalgo que estava em frente de Alvaro Vaz, mandou de novo acommetter.

Partiram os cavalleiros no meio do interesse e da anciedade geral.

A lança de Alvaro Vaz não encontrou o corpo do adversario que habilmente a evitou, emquanto que a lança do inglez lhe apanhou um hombro e o fez desequilibrar-se, um pouco na sella.

O leão rugiu, lá para dentro, em segredo e postou-se de novo no seu logar.

Via-se-lhe atravez da viseira o olhar incendiado.

Os portuguezes olhavam-no com amor e com medo.

Dado, novamente, o signal, os dois partiram de novo enraivecidos e terriveis.

Alvaro Vaz fez o mesmo golpe.

A sua lança mais docil seguiu-lhe o olhar previdente e penetrou pela ligação da cota do inimigo.

Com sua força herculea, Alvaro Vaz susteve o choque do corpo que se levantou na sella, agitou-se no ar, pendurado na lança e cahiu estatelado no chão.

Um hurrah geral coroou o golpe do vencedor!

Com um sangue frio e uma altivez, já então calculada, n'um relativo silencio.

Alvaro Vaz voltou a cavallo, serenamente e foi collocar-se de novo no mesmo logar, n'uma attitude theatral de desafio!

A multidão prorompeu em bravos e palmas.

O proprio rei não poude evitar o manifestar-se, applaudindo.

Dos palanques, as damas agitavam os lenços, lançavam flôres, gritavam bravos, de pé clamavam, nervosas, satisfeitas, vingadas no seu amôr proprio:

— Honra e gloria aos portuguezes!

— Honra aos valentes!

— Gloria a Portugal!

Ninguem reparava nos combates singulares, que os cavalleiros apeados estavam travando entre si.

Ninguem reparava.

O rei rodeado dos fidalgos, esquecera-se de dar ordens, na effervescencia da conversa; no commentario das peripecias da lucta.

Reparando que se batiam e que o sangue começava a manchar as malhas, mandou ao trombêta, que desse o signal de acabar.

Dado o signal, os cavalleiros apearam-se ajudados pelos creados. Levantaram-se do chão cavallos e homens.

Apearam-se e abraçavam-se os sobreviventes n'uma grande fraternidade e mutua estima!

Os valentes não teem odios.

O rei Ricardo desceu á arena, acompanhado dos seus fieis favoritos.

Conversou com todos, amavelmente; e, sobretudo com Alvaro Vaz a quem cumprimentou, dizendo-lhe:

— Desejava ter muitos cavalleiros, como vós, no meu reino.

— Tende-los, decerto, senhor; todos os que hoje combateram comnosco em nada me podem invejar em valentia e coragem.

— De ha muito, tornou o rei, os portuguezes teem entre nós a fama de perfeitos cavalleiros.

Estimei poder apreciar, hoje, com os meus proprios olhos o valor das suas qualidades.

Alvaro Vaz agradeceu, reconhecido.

O rei mandou vir o cavallo e seguido da sua comitiva dirigiu-se para o paço.

⁂

Doze tinham sahido os portuguezes para o combate e doze voltaram ao palacio do duque de Lencastre.

Esperava-os um banquete principesco, ao lado das suas damas.

Lá estavam todas quando chegaram e, caso curioso, foram ellas quem os ajudou a mudar de fato, para o jantar.

Lançaram-lhes nas mãos aguas perfumadas e conta-se, até, que a dama do Magriço, quando com um gomil de prata lh'as perfumava derramando sobre ellas, aguas de rosas, lhe notara, com estranheza, a quantidade de cabello que as enchia.

Era cabelludo o Magriço.

Esta nota revela-nos, que como suppunhamos, estes homens d'aquelle tempo, guerreiros temiveis, haviam de ter o quer que fossê de brutos.

Não podia deixar de ser.

⁂

Não restam memorias escriptas do festim.

Imaginamos, porém, o que devia ser esse jantar, no meio da alegria e reconhecimento das damas, saboreado com um intimo prazer pelos portuguezes, servido no salão nobre do palacio do duque de Lencastre, orgulhoso do seu nome e da sua cortezia, opulento, faustuoso e liberal.

As chronicas não o dizem.

Não tiveram os portuguezes só esse banquete.

Cada uma das damas favorecidas e desagravadas quiz mostrar o seu reconhecimento.

Assim, durante todo o tempo que os portuguezes se demoravam em Londres, os dias correram-lhe em festas continuadas.

A hospitalidade ingleza é proverbial.

Como não seria, excitada por um nobre motivo e levada a effeito pela vontade das damas, querendo pagar em galanterias e primores de affabilidade, o beneficio recebido.

* * *

Para homens affeitos aos trabalhos da guerra, os prazeres muito prolongados, emfim, cançam.

Assim, os nossos entenderam que era tempo de voltarem a Portugal onde, suppunham e bem, que deviam ser precisos.

Publicaram o dia da sua partida e um ultimo banquete, seguido de um longo saráu, marcou o fim da sua estada na brumosa cidade do Tamisa.

Vieram as damas todas despedirem-se e cada uma com seu objecto, ou prenda, ou joia, para recordação.

O navio que os levara os tornou a trazer; mas não vinham todos.

O Magriço que parece que alguma coisa interessante achara em Flandres, embarcou para França, depois de pequena demora e para lá voltou.

Alvaro Vaz d'Almada ficou em Londres, muito estimado por todos e sobretudo pelo rei.

* * *

Não era Ricardo II homem que captivasse Alvaro Vaz.

Não era um rei como elle desejava servir.

Todavia a affabilidade de Ricardo, as suas repetidas delicadezas e amabilidades faziam-n'o ir ficando.

O rei, que desde que retomara a auctoridade real, contra vontade dos tios, mais e mais avançara na prodigalidade, no luxo e nos prazeres, ameaçava subverter o reino, com os esplendores da côrte e a protecção aos que cahiam debaixo das graças.

A reacção de novo começava a levantar-se, mais energica do que da primeira vez.

Um dos tios, o duque de Glocester, um dia não poude conter-se, falando com Ricardo censurou-o, deante de alguns.

— Eu sou o rei, disse-lhe Ricardo, em cólera.

— Bem o sei, replicou o duque e por que o sois devieis ter mais conta nas vossas despezas.

— Não gasto o que é vosso.

— Não é razão, volveu o duque, friamente; mas gastaes os rendimentos da nação todos, os que vos pertencem e aquelles que alcançaes por impostos.

Um rei deve poupar os que trabalham e o servem.

O rei Ricardo, que era irascivel, parece que respondeu ao tio com pouco respeito.

Este sahiu do paço, clamando contra o sobrinho.

Por pouco tempo clamou.

Dias depois era mandado matar pelo rei e infamada a sua memoria.

A morte de Glocester augmentou o poder da casa Lencastre, já antes d'isto muito poderosa e rica.

Alvaro Vaz sentiu-se mal n'este meio.

Um dia resolveu e foi para a Allemanha.

Voltou, mais tarde, quando Henrique V usurpou a corôa a Ricardo II e o metteu no castello de Prefost.

D'este foi amigo intimo e defensor celebre.

* * *

N'uma bella manhã de inverno os nossos nove heroes chegavam ao Tejo,

Vinham só nove.

Tres tinham ficado, por lá.

Desembarcaram e perguntaram se el-rei estava na cidade.

Por acaso, D. João estava havia dias em Lisboa a conferenciar com João das Regras que lhe enchia a cabeça de leis e de decretos, que elle não entendia, na maior parte dos casos, mas que assignava, sempre, com um ar de riso complacente.

Era só quem estava.

O condestavel vigiava no Alemtejo, sempre prompto á primeira voz de «castelhanos na fronteira» e sempre infallivel no castigo a infligir.

Traziam cartas do rei e do duque de Lencastre.

D. João, como bom portuguez, ficou encantado e fartou-se de perguntar por tudo.

— A cidade?

— Escura e triste.

— Menos bella do que Lisboa?

— Não tem comparação alguma.

— E' triste?

— Raras vezes vimos o sol e quando o viamos, era amarello, como se soffresse de quartãs.

Riram-se todos da idéa.

— Como fosteis recebidos?

— Como reis, meu senhor. Nada ha que eguale a hospitalidade ingleza; a sua franqueza e liberalidade.

— São ricos, disse alguem.

— E' certo, muito ricos; mas podiam ser mesquinhos como os castelhanos... ou como outros.

Nunca um portuguez de então podia deixar de dar o seu belliscão n'um castelhano, sempre que vinha a talho de foice.

— O combate foi, pois, uma grave empreza? perguntou o rei, lendo-se-lhe no rosto uma satisfação mal contida.

— Foi féro.

— Nenhum dos nossos morreu, nem soffreu damno maior? observou D. João.

— Mercê de Deus, porque foi quasi milagre a geral salvação.

— Morreram alguns dos inglezes?

— Dois, meu senhor.

— Dizei-me, amigos... as mulheres... as damas eram realmente feias?

— Por Deus, meu senhor, que não.

Até as achámos formosas porque a sua pelle é de uma finura inegualavel e a sua graça e primores de convivio inexcediveis.

— Como foi então? perguntou o rei...

— Conversas depois de banquetes, em que muitas vezes se diz o que se não sente.

O vinho...

— O vinho é mau conselheiro, concluiu o rei.

— Todavia devemos n'este caso agradecer-lhes a maldade.

— Porquê?

— Porque elle fez com que tivessemos occasião de honrar Portugal, no meio de uma côrte luxuosa, de modo a que a Europa o haja de saber em breve.

— Tendes razão, disse o rei.

Mais uma vez o velho ditado se justifica: Ha males que veem por bens.

Como vos pareceu El-Rei Ricardo? perguntou, passado um curto espaço de tempo.

— Um altivo e bello rapaz, cheio de vida e de saude.

— E' amado? respeitado? perguntou D. João.

— Infelizmente, não.

— Não?

— E' extraordinariamente gastador.

Um perdulario.

O seu luxo e estravagancia offende a nação, com quem tem já tido desavenças.

— Os tios, os irmãos do Principe Negro?...

— Não os escuta.

Prophetisa-se-lhe um mau fim.

Nobres e plebeus começam a encarar o seu reinado,, como desastroso para a Inglaterra.

E' a opinião geral.

O rei é cego, porque não vê, ou não quer ver.

— Tenho pena, disse D. João.

Peza-me, porque além de alliado, me acostumei a ter sempre, no mais alto conceito, os reis da Inglaterra.

A conversa derivou para os costumes inglezes.

De novo voltou ao assumpto, a mulher ingleza, que aos nossos surprehendeu pela fria belleza e pela dedicação absoluta.

Falou-se das tropas e dos homens do mar, da arrogancia dos fidalgos e da miseria do povo.

— Vivemos melhor, nós, disse o rei. A nossa grandeza não péza aos pequenos, o nosso bem estar é o d'elles.

Concluiram que nada havia como a nossa bella e amada terra, cheia de sol, fertil e alegre.

N'estas disposições se despediram.

No dia seguinte cada qual foi tomar o logar no seu posto de guerra e se não fosse a referencia do grande poeta, hoje, ninguem se lembraria d'elles.

O rei, sempre feliz, mais uma vez sentiu fortificarem-lhe o throno as espadas gloriosas dos seus vassallos.

A historia ha de mudar-lhe, um dia, o epitheto de: «De boa memoria» no de «Boa sorte».

◆

CAPITULO CXIV

Deslealdade

Logo que foi tomada a cidade, o rei D. João mandou a Cordova onde estava então o rei de Castella, o commendador Affonso Vasques participar-lh'o.

— Como assim? perguntou o castelhano indignado, vosso rei quebra as treguas estipuladas?

— Não, meu senhor, replicou Affonso Vasques, não teve nunca tal tenção. El-rei, meu senhor, aproveitou-se apenas da clausula do contracto que lhe permitte pagar se por suas mãos das dividas que lhe devem.

O rei olhava, com colera, o embaixador.

— Vossa alteza, permitte-me lembrar-lhe que os juizos castelhanos, elles proprios, declararam que Sua Alteza deve ao rei de Portugal...

— Que quer elle então?

— Senhor, que lhe pagueis. Ninguem foi maltratado na cidade; os proprios presos de nome foram immediatamente soltos e a vossa propria cidade vos será entregue logo que ordemneis que el-rei, meu senhor, seja pago.

O rei affirmando e repizando que as suas cidades tinham sido, uma tomada e outra escalada contra a lettra dos tratados, não quiz attender mais o mensageiro e despediu-o dizendo-lhe:

— Mandarei a Portugal mensageiros junto do vosso rei.

O commendador despediu-se e retirou-se para Portugal.

Atraz d'elle vieram o marechal Garcia Gonçalves e dois doutores em leis.

Depois de ouvidos, D. João respondeu lhes:

— Tomei como tinha direito a cidade de Badalhouce em penhora das dividas de el rei vosso amo. Elle que m'as satisfaça e entregar-lhe-hei a cidade immediatamente.

Como el-rei de Castella tratara o seu embaixador assim el-rei D. João tratou os d'elle.

Respondeu-lhes de uma vez seccamente, como se disse e accrescentou:

— Mande el-rei, vosso amo, junto á raia, entre Elvas e Badalhouce um juiz ou juizes que com os meus decidam a questão, para mim está resolvida.

Foram-se os embaixadores e o rei de Castella não mandou juiz algum; mas um Garcia Gonçalves, dizendo que lhe aprazia satisfazer a divida.

O rei concordou e emquanto se estipulava a quantia devida, a soltura dos prisioneiros, soube que o rei de Castella se preparava para a guerra.

Disse-lh'o o condestavel, avisando-o.

— Não importa respondeu D. João, esperemos-lhe a primeira pancada.

Esta não tardou.

O rei de Castella mandara armar, com o maior segredo, alguns navios na Biscaya, com que aprisionaram no Cabo de S. Vicente, duas náus portuguezas que vinham de Genova.

Tinham ido levar trigo e vinham carregadas de armas e apetrechos de guerra alli comprados.

D'ahi a pouco Rodrigo d'Avalos, com as forças portuguezas bandeadas em Castella com outros fidalgos, chegaram até Vizeu e incendiaram-n'a.

O rei teve grande desgosto e mandou recado a muitos senhores e fidalgos para que viessem para junto d'elle e não vinham.

O proprio condestavel recebeu dois recados antes que chegasse.

Foi em todo o caso o primeiro a apparecer e o rei teve tal alegria que ao apear-se o condestavel da mula o rei o abraçou, dizendo:

— Agora posso dizer que este é o primeiro homem d'armas que até hoje tenho visto.

Depois do abraço, foram para o paço.

O rei perguntou ao conde:

— Que me dizeis do condestavel Rodrigo d'Avalos?

— Que vos hei-de dizer?

— Vizeu está a esta hora queimada.

— Já está, respondeu o conde. Era justamente para vos pedir licença para ir contra elle que vim.

Combinaram que o conde fosse a Evora buscar as suas gentes, se juntassem e fossem para o Norte, invadir Castella.

Mas n'isto soube-se que os Mestres de Santiago e de Calatrava tinham entrado por entre o Tejo e o Guadiana, assolando tudo e então resolveram ir combatel-os.

Passaram o Tejo, n'uma ponte de barcos, perto de Punhete e foram até Evora.

Ahi porém, por differentes motivos resolveram outra coisa e o rei voltou para Coimbra deixando o conde, só.

O Mestre de Santiago era o mais poderoso e mais respeitado inimigo que o conde tinha na sua fronteira.

Um dia recebeu d'elle uma carta em que lhe pedia, que sempre que pensasse em invadir Castella lh'o dissesse, que o mesmo lhe faria elle se invadisse Portugal.

Assim se preveniriam, mutuamente, lealmente, de qualquer surpreza e se preparariam para a lucta.

O conde respondeu-lhe, que assim o faria.

Mandou logo prevenir todos os cavalleiros e escudeiros da comarca.

Que viessem para elle com suas gentes, o mais escondidamente que pudessem.

Mandou prevenir o Mestre d'Aviz de que viesse para elle, para o ajudar no serviço que intentava prestar ao rei.

O Mestre respondeu que com muito prazer o iria encontrar o mais breve que pudesse; mas particularmente, parece que dissera:

— Quem tem tudo a ganhar é o conde. A mim fica-me o trabalho e o cansaço a elle ficar-lhe-ha, no final, a fama.

Soube o conde do dicto e quando o Mestre, veio d'ahi a dias a Villa Viçosa, onde elle estava, o conde disse-lhe:

— Mestre senhor e amigo, pedi-vos para me acompanhardes n'esta empreza por ser serviço d'el-rei; mas quero que tenhaes de empreza toda a fama e gloria e que eu não tinha outra senão a de ser vosso companheiro.

— Como assim? perguntou o Mestre.

— Porque vós não precisareis de mim para mais de que para vos servir e obedecer ás vossas ordens.

O Mestre comprehendendo que o conde assim fallava porque saberia do que dissera, appressou-se a responder:

— Se eu não preciso senão do vosso serviço, menos precizaes vós de mim que nem do meu tendes necessidade.

Vim para servir el-rei e honro-me em estar ao vosso dispôr, como entendaes, que deva estar.

— Como companheiro e como amigo, volveu o conde respeitosamente grave.

— Pois seja assim, disse o Mestre, que como tal não poderei nunca offuscar nem o vosso valor, nem a vossa gentileza.

Amavelmente continuaram a troca de cumprimentos, por algum tempo.

Passado este, o conde mandou tocar as trombetas a reunir n'um rocio do arrabalde, em frente de Alandroal e passou revista ás suas gentes.

E aos cavalleiros, armados com lanças compridas nas mãos e os bacinetes na cabeça o conde andou regendo, em evoluções, mais ou menos complicados, por espaço de duas horas.

No dia seguinte, ou n'um dos proximos, o conde e o Mestre partiram de Villa Viçosa pela tarde, foram dormir n'uma charneca, para cá de Elvas.

Pela manhã, na revista á força, o condestavel achou apenas setecentas lanças e tão poucos homens de pé que ficou maravilhado.

Bem, anda-se mais depressa, concluiu; e poz-se na vanguarda, o Mestre na rectaguarda e duas partes das gentes mandou correr terra até Caceres, para pilharem o que pudessem.

Elle partiu no outro dia passou perto de Ouguella e foi dormir junto d'Albuquerque.

Os corredores que adeante iam, como houvesse uma feira perto de Caceres, agarraram grande numero de homens e de mulheres que para ella iam e grande quantidade de cavallos, carneiros e porcos.

Dos muros de Caceres sahiram uns cincoenta de cavallo para combater os corredores.

Foram depois da lucta obrigados a fugir para dentro dos muros da villa, onde se fecharam com as gentes das visinhanças.

Quando o condestavel chegou ao pé dos muros, gritavam-lhe de cima, ironicamente:

— Não te valeu de nada o madrugar, Nuno madruga.

Diziam-lhe isto, pela rapidez e pelo inesperado com que o condestavel apparecia, sempre.

De noite, chegaram os corredores com muitos gados. Pela madrugada o condestavel e os seus forçaram o arrabalde e roubaram tudo e queimaram-n'o.

Partiu o conde d'alli para Arroyo del Puerco, onde mandou soltar todas as mulheres que trazia prisioneiras.

D'alli voltou para Portugal por Valença d'Alcantara, muito devagar, á espera de que alguem viesse contra elle, mas sem encontrar obstaculo algum.

— Ninguem vos virá atacar Nuno, dizia-lhe o Mestre de Aviz.

— Ninguem. Vêde vós a valentia d'esses castelhanos, dizia o condestavel.

— Não é por ignorancia, tornava o Mestre, ha oito dias que andamos em correria por terras de Castella e não é crivel que o não saibam.

Demais o sabem, volvia o condestavel; mas é sina minha que não encontre no caminho nem o rei, nem alguns dos da sua linhagem.

Quando vinham conversando assim, viram vir, de galope, um escudeiro castelhano.

— Lá vem recado, disse o Mestre d'Aviz; olhae que corre para nós um escudeiro, a toda a brida.

Pararam.

O escudeiro approximou se, saudou e entregou ao conde uma carta.

— De quem é?

— Do Mestre de Santiago, meu senhor, respondeu o escudeiro.

O conde leu, sorrindo, a missiva.

— Tem graça, disse, voltando se para o Mestre e entregando-lhe a carta, lêde.

O Mestre lia, emquanto Nuno Alvares, se dirigia ao escudeiro:

— Dizei a vosso amo, que me desculpe de lhe não responder por escripto, porque, como vêdes, vou em marcha, mas que a minha resposta é esta: Não tem razão de se queixar porque lhe invadi as terras da sua frontaria, estando elle aqui para as defender.

Se o não fez foi porque não quiz, porque ha oito dias as piso e devasto bem á luz do sol e á vista de todos.

Que isto não é senão a paga do que elle me fez, porque me fez o mesmo, em minhas terras, quando sabia que eu não estava aqui para as defender.

Fica uma coisa pela outra; mas visto que tem desejos de se encontrar commigo, ou melhor, visto que duvida que eu seja capaz de lh'o fazer outra vez, sem o prevenir primeiro, dizei-lhe que em breve volto e que me espere, porque terá pouco tempo para esperar.

O escudeiro saudou e foi-se com o recado.

— A dar-se ares de offendido e de melindrado o Mestre de Santiago; que me dizeis, D. João?

— Faz o seu dever.

Para resgatar por fingida ignorancia a sua cobardia, accrescentou o condestavel.

— Como explicaria elle ao seu rei, a sua inacção? perguntou o Mestre d'Aviz.

— Ha-de custar-lhe caro, dizia para si o conde.

Chegaram a Marvão.

Como de costume, o conde dividiu pelos seus homens toda a presa que haviam feito, de gados e prisioneiros, como costumava nada reservando para si e partiu com o Mestre para Evora, despedindo os seus.

— Estae porém preparados que em breve vos tornarei a chamar.

Cada um foi para a sua terra contente com os despojos de uma correria, que de mais, nenhum sangue nem vida tinha custado.

CAPITULO CXV

Nova invasão

Foi o conde para Evora e ahi escreveu logo a todos os capitães do Alemtejo e do Algarve para que viessem reunir-se-lhe com os seus homens.

Constou-lhe que o Mestre de Santiago tinha já ás suas ordens para invadir a fronteira duas mil lanças e oitocentos ginetes e peões e besteiros correspondentes.

Logo que o soube o conde mandou por um seu moço de estribeira esta carta, ao Mestre de Santiago.

«Senhor e amigo:

Nuno Alvares Pereira, conde de Barcellos e de Ourem e de Arrayolos e Condestavel por el-rei de Portugal meu senhor e seu mordomo-mór, me encommendo á vossa graça.

Faço-vos saber que me foi noticiado que tendes feito ajuntamento das vossas gentes, para invadirdes este reino de cuja guarda estou encarregado.

Tal noticia me encheu de prazer, porque de ha muitos dias que não penso n'outra coisa, a não ser a de vos ir procurar e encontrar onde quer que fosse.

Não o fiz mais cedo porque uma doença m'o prohibiu; mas agora que Deus me tornou a dar a força e a saude, nada mais desejo do que satisfazer esta vontade.

Como, agora, é tempo de grandes calores por esta minha terra, não vos apresseis, nem vos deis ao trabalho de cá virdes o que vos dará grande trabalho; eu irei ter comvosco e com a maior brevidade, ficae certo.

Prevenide-vos pois com tudo o que achardes conveniente para a minha ida.

Em Evora, aos dezesete dias do mez de julho de 1389»

A demora tinha sido motivada, realmente por doença, que durara tres mezes.

Ao chegar a Evora tinha sido atacado de dôres que subitamente o prostravam em paroxismos.

Vinha-lhe o frio, depois grandes calores, como nas sezões, com grandes abrimentos de bocca.

Os lombos começaram a doer-lhe cada vez mais, até se declarar uma dôr aguda, finissima, por impulsos successivos, cada vez maiores, a fazel-o gritar, contorcer-se, encher-se de suores, quasi a desmaiar, com a face livida.

Parecia-lhe que lhe enterravam um dardo no corpo e que lh'o remexiam lá dentro.

Passado o accesso cahia em grande prostração.

Os physicos nunca tinham visto colicas tão prolongadas de figado, que a coisa alguma obedeciam e aconselharam a que fosse levado a Lisboa.

Prepararam-se umas andas e vieram caminho de Lisboa.

Tiveram, porém, de parar em Palmella.

As dôres exacerbaram-se com a marcha; o doente não podia mais.

Hospedaram-se, elle, a mãe e a filha que o acompanhavam doloridas, na quinta da Alfarara.

De Setubal veio o povo inteiro vêl-o.

Zangou-se; mandou por todos fóra da quinta.

Vieram os physicos de Lisboa e á força de drogas, ou por decrescimento da doença, começou a melhorar.

Tres mezes depois andava já; mas alquebrado, fraquissimo.

A convalescença parece que foi rapida; as forças voltaram com presteza e mais se avigoraram com a noticia de que o Mestre de Santiago juntava as suas forças.

E partiu de novo para Evora escreveu aos capitães e escreveu a carta, que transcrevemos ao Mestre castelhano.

A força, a alegria, o vigor, voltavam apressadamente com o trabalho, com a actividade empregadas, todo o dia e a toda a hora.

Reuniam-se-lhe os seus. Tinham chegado Mem Rodrigues de Vasconcellos, Mestre portuguez de Santiago, D. Lourenço de Goes mestre do Hospital e outros.

As forças sommavam dois mil e trezentos de cavallo e cinco mil peões e besteiros de pé.

Partiu para Estremoz e entrou por Castella.

Era em tempo secco, faltava muito a agua. Os castelhanos, fugindo, entulhavam as fontes e queimavam os pastos e tudo que viam que podia aproveitar aos invasores.

Nuno Alvares ia na vanguarda; na rectaguarda o Mestre de Santiago; Martim Affonso de Souza n'uma das alas; na outra Gonçalo Annes de Abreu.

Chegaram a Vilalva.

⁂

O conde mandou corredores adeante:

— Ide e trazei-me noticias da terra, bois e vaccas que puderdes pilhar para mantimentos; mas não tragaes nem gado meudo, nem mulheres, nem homens.

Eu vim apenas pelo Mestre de Santiago e, de homens, é só este o que desejo ver deante de mim.

Partiram.

Ao chegarem a Vilalva, souberam que o Mestre de Santiago que alli dormira, se retirara para mais longe, para junto do Castello da Feira.

Em Vilalva bivacaram. Os soldados começaram a cortar os trigos para fazerem pães. Houve escaramuça com os castelhanos e mortos e feridos de parte a parte.

Estavam a quinze leguas da raia. O inimigo não ousava embargar-lhes os passos: acompanhava o exercito, ao lado, pelos altos, escaramuçando de vez em quando, com os que pilhavam gados.

O conde, sempre attento, viu ao longe n'uma serra distante uns pontos brancos.

— Que vos parecem aquellas coisas brancas, além, na serra? perguntou.

— São tendas, disseram alguns.

— São pedras, aventavam outros.

— Quaes pedras! são tendas.

Chamou os guias, perguntando:

— Que coisas são aquellas que se veem na serra, ao longe?

— São tendas, confirmaram os guias.

— Maravilho-me, de mim, que vos não mando cortar as cabeças.

Pois os meus inimigos tão perto estão e vós não o sabeis para me prevenirdes?

Que não vos aconteça isto outra vez.

Um resto de nervosismo da doença, revellava-se n'esta censura aspera.

Emquanto lhe faziam de comer, o conde sentara-se a vêr armar a tenda, quando pelo meio dia, chegou um trombeta do Mestre de Santiago.

Annunciaram-lh'o.

— Que venha, disse o conde.

O trombeta chegou-se a elle.

— Que novas trazes?

— Senhor condestavel, o Mestre de Santiago meu senhor, o Mestre de Alcantara e os mais senhores que com elle estão, mandam-vos dizer que estão na Feira d'aqui a legua e meia para vos dar batalha; mas que se vos quizerdes ir de novo para vossa terra sem fazer mais damno n'esta, muito lhes aprazerá.

Do contrario que vos prepareis para o combate.

— Amigo, disse-lhe o conde, já vos respondo. Ide folgar um pouco ahi pelo arraial.

Mandou-lhe dar de comer e o mais que desejasse e chamou os do conselho.

Disse-lhes o recado recebido e todos concordaram em pelejar.

Como porém o dia seguinte era domingo da Trindade combinaram que fosse na segunda feira.

Chamou o trombeta e disse-lhe:

— Ireis com este meu escudeiro João Esteves Correia. Elle leva a resposta.

— Sim, meu senhor.

O conde mandou-lhe dar roupa e dinheiro.

Então chamou de parte o escudeiro e disse-lhe:

— Agradece ao Mestre e aos mais senhores a sua attenção para commigo. Diz-lhe que vim para pelejar e que na segunda feira, n'aquelle valle adeante, da Alameda, os esperarei ou irei ter com elles.

Dando-lhe uma carta, explicou:

— Leva-lhe este escripto e dá-o pessoalmente ao Mestre. Não bebas nada do que te quizer dar; vê quantos são e como estão preparados; volta depressa.

Quando chegaram, os dois, ao arraial, o Mestre andava de cavallo falando a alguns capitães.

— Que novas trazes? perguntou.

O trombeta disse o recado, appellando para o escudeiro que o acompanhara.

— Onde está?

— Além.

— Chamae-o.

O escudeiro, deu seu recado, concluindo:

— Isto, senhores, vos certifico ser verdade. O desejo de todos é combater, porque tanto damno e mal nos fizestes, que não deixastes em nossa fronteira, que não fossem roubadas, mais do que as lanças e os punhaes com que vos vimos procurar.

O escudeiro era digno do amo, pela audacia.

O Mestre olhou-o com o sobrolho carregado e exclamou:

— O diabo que lhes agradeça a idéa.

— Tal vontade vos trazem todos, continuou o escudeiro, que todos vos mandariam desafiar se não fôra meu senhor o conde.

A'manhã estariam, aqui, se não fôra domingo e o condestavel meu senhor, não tivesse por assente não caminhar aos dias santos.

Elle vol-o diz, n'esta carta.

Então o Mestre se retirou um pouco para o lado com o escudeiro e leu a carta.

— Pelo que dizeis e pelo que me diz esta carta o conde vosso senhor está indignado commigo.

— Muito, senhor.

— Se elle soubesse, continuou o conde, como fui obrigado a proceder, desculpar-me-hia.

— Talvez.

— El-Rei, meu senhor, me mandou o Mestre d'Alcantara, mandando-me que invadisse Portugal.

Sabia que o condestavel não estava e expuz-lh'o.

Retorquiu-me que o fizesse, com palavras asperas, e que se o não fizesse El Rei me tiraria o mestrado e toda a minha honra.

Já vêdes como fui forçado a fazel-o.

D'estas conversas e casos se está a vêr que o senhor Mestre de Santiago estava com uma grande vontade de se safar ao combate.

O Nuno madruga fazia-lhe pezadêlos.

Isto que causa certo espanto pela somma de cobardia que revella e que mostra o caracter do alto senhor castelhano, nada é comparado com o facto que o chronista escreve, passado n'esta altura.

Ao dizer: Já vêdes que fui forçado! o historiador accrescenta: Ao dizer isto, chorava!

O grão-mestre da ordem de Santiago a chorar deante de um pobre escudeiro com medo do conde, parece-nos caso para uma sonora gargalhada ou para um piedoso dó.

— Não duvído que faleis a pura verdade, senhor; mas não vejo maneira de vos livrardes da culpa.

— Santa Maria, disse o Mestre, não haveria maneira, qualquer coisa que se mandasse dizer ao conde para evitar a batalha?

O homem continuava com o terror.

— Nada sei, disse o escudeiro, a não ser o poderdes conseguir a paz para sempre, de futuro, entre Portugal e Castella.

— Para sempre! exclamou o Mestre, isso é impossivel! Por mezes... talvez se pudesse conseguir...

— Então...

— Mas se me dizeis que vosso amo estará, aqui, na segunda feira...

— Isso sem falta alguma.

Estaria ámanhã se não fosse domingo.

— Que fazer? disse o Mestre.

Pensaram um instante, no fim do qual disse o escudeiro:

— Consultae esses senhores.

Vêde se achaes alguma coisa que responder, que seja acceite pelo conde meu senhor.

O Mestre chamou particularmente os seus.

Descavalgaram todos e entraram na tenda do Mestre.

Trouxeram fructas e vinho ao escudeiro.

Comeu e fingiu que bebia.

Meia hora depois, chegavam junto d'elle, os senhores e um d'elles perguntou-lhe:

— Escudeiro, que homem sois?

— Sou vassallo de El-Rei de Portugal e do Condestavel.

— Sois casado ou solteiro?

— Sou casado.

— Onde moraes?

— Em Lisboa.

— Que gentes veem no arraial do conde?

— Serão setecentos bacinetes, quatro mil homens de pé e alguns besteiros.

— Como é isso se o nosso trombeta nos disse o contrario?

— Creio que digo a verdade. E' possivel que me engane, que sejam menos ou que sejam mais... Ora vós tendes maneira de saber, ao certo, quantos são.

— Como? perguntaram.

— Na segunda feira, descendo ao valle da Alameda, onde vos esperarão todos e podereis contal-os.

Mais uma vez a audacia do escudeiro, pasmou os senhores que o escutavam.

O Mestre de Santiago chegou-se a elle:

— Levae esta carta ao conde; n'ella vae a resposta. N'ella vão as propostas de treguas. Se as acceitar, muito bem; se não, aqui o esperaremos.

Ide em paz.

Quando o escudeiro voltava a redea para sahir do arraial, chegou-se a elle um camareiro do Mestre de Santiago com uma veste, um chapeu e uma espada, dizendo:

— O meu senhor e Mestre não tem aqui joias algumas mais das que pertencem ao seu corpo, nem outro vestido além d'este. Pede-vos que o vistaes e acceiteis esta espada e este chapeu, grato pelas boas novas que lhe daes da proxima batalha.

O escudeiro agradecia, recusando, quando o Mestre de Santiago se chegou a elle:

— Porque recusaes os meus presentes?

— Preciso que o conde meu senhor m'o permitta.

— Levae-os com essa condição. Creio bem que o conde se não opporá a que os useis.

— Agradeço-vos, senhor.

E, escoltado por alguns homens de cavallo, foi posto em seguro, fóra do arraial.

* * *

Com a opa rica, toda bordada, uma viseira no peito em alto relevo entrou o escudeiro João Esteves, todo janota, pela tenda do conde, pela noite, quando este rezava.

Contou o que lhe acontecera e entregou a carta.

— Isto é uma perfidia, disse o conde.

E mandou chamar os do conselho.

Lida a carta, que propunha treguas por seis mezes, concordaram todos que era um artificio:

— Pretende que sahiamos de Castella.

— Para dizer depois que fugimos.

O que vos garante a sua boa fé?

— Se quizesse, em boa fé, treguas, que as mandasse propôr, por emissarios proprios, que já tinha tido tempo para isso.

— O que está resolvido, está resolvido e parece-me que bem? perguntou o conde.

Todos approvaram.

Na segunda feira ouviram missa, deram as trombetas o signal de partir e abalaram para o valle da Alameda, onde não estava ninguem.

O conde ordemnou os seus homens em batalha; esperaram até á noite, baldadamente.

Dormiram alli.

No outro dia moveu-se a hoste até junto ao Castello da Feira, onde houve pequenas escaramuças, mas a respeito do exercito castelhano nem sombra.

Tinha-se retirado o Mestre já para mais longe, para outro monte onde se viam as barracas.

Para lá se dirigiu o conde no dia immediato esperando que descessem; mas pelo contrario o inimigo subiu mais, approximando-se dos muros do castello.

O conde, já aborrecido, caminhou até á raia do monte e mandou dizer ao conde que fizesse favor de descer a pelejar; que já lhe parecia demora demasiada para quem tinha tanto desejo de combater como lhe mandara.

O Mestre, que era inegavelmente, um exemplar extremo de cobardia mandou um recado secreto a D. Nuno, por um creado chamado Fernão Domingues.

Mandou-lhe dizer:

— Que o não envergonhasse mais, conservando-os assim encurralados. Que lhe pedia que voltasse para Portugal, que elle conseguiria a paz entre os dois reinos.

O conde enojado respondeu:

— Que não voltaria para traz, mas que iria para deante. Assim despediu o creado.

Então andou a ver se era possivel ir lá acima onde estavam; mas a aspereza do monte e a posição do inimigo tornava impossivel o ataque.

Se não impossivel, pelo menos louco.

Não desciam? iria elle por deante, assolando e talando tudo á vista d'elles.

Levantou o arraial e caminhou até Lofa, duas leguas adeante, pilhando gados, queimando os olivaes, derrotando.

Como era terra de Mestre de Santiago peor faziam para que elle o visse.

A' noite, como o vinho da terra era muito bom, os soldados beberam a cahir.

Houve grande barulho no arraial.

O conde sahiu a ver o que era, coberto apenas com um mantão e chegou ao logar da desordem.

Ao vel-o no meio da confusão, muitos correram a elle tirando as espadas e rodeando-o, julgando que era contra elle a lucta.

De tal modo o cercavam, tão apertado, que o conde ficou sem o manto.

Afinal serenado tudo soube-se que fôra um tal Affonso Peres que começara a desordem, contra outro escudeiro João Paes, dando-lhe um murro.

Isto levantara partidos e d'ahi as cutiladas.

Causa primeira: o vinho.

O conde restabeleceu a ordem e perdoou ao escudeiro a quem queria castigar, por pedido de muitos.

N'essa quarta feira, largaram d'alli, indo acampar a Buaguillos onde o Mestre tinha setecentas lanças.

Não fez o conde mal algum aos habitantes assustados, antes os divertiu fazendo no arraial a procissão do Corpo de Deus, com a ordem e companheiros, como se fosse feita na cidade.

No outro dia o conde partiu para cerca de Jerez de los Caballeros a pizar, pela primeira vez, a extrema fronteira austral da Castelhana.

Em Jerez estava o Mestre de Santiago com toda a força que trouxera da Feira; mas não se atreveu a sahir-lhe ao encontro.

Abarrotados de despojos, de prisioneiros, de milhares de bestas, cavallos, bois, carneiros, resolveram voltar para casa.

Desceram por Borcarota a Villa Nova junto a Olivença, onde tres dias esperaram ainda o inimigo e como não apparecesse, definitivamente, passaram a fronteira em Jaromenha e chegaram a Villa Viçosa.

A correria durara duas semanas.

Esperavam ahi o condestavel a mãe e a filha.

Era o dia dois de julho.

CAPITULO CXVI

O que fazia o rei

El-Rei D. João estava em Coimbra onde lhe chegou o mau recado de que os Pachecos, Gil Vasques da Cunha e João Affonso Pimentel o tinham abandonado e ido para Castella.

Com este abandono o rei perdia as villas e os castellos de que elles tinham feito homenagem ao rei de Castella.

Eram esses os de Bragança, Vinhaes, Mogadouro e Villa Maior.

Entristeceu-se o rei, dizendo:

— Contentar todas as vontades é impossivel: se a uns se agrada a outros se enoja.

Como estava para invadir a Galliza, o desgosto mais lhe esporeou a vontade e partiu para o Porto onde juntando quantos homens d'armas poude, contou quatro mil lanças e muitos peões e besteiros.

Do Porto partiu para Ponte de Lima, d'ahi para Monção, subiu ás Choças na margem do Minho, onde devia passar.

O Sarmento adeantado da Galliza, quiz lançar-se em Tuy logo que soube da vinda do rei, parecendo que era para lá que elle ia; mas os de dentro da cidade, recusaram-se a recebel-o, allegando que eram bastantes para a defenderem.

O rei soube que os gallegos o esperavam do lado de lá e pediu um guia para passarem a váu.

Era sol posto, quando a hoste guiada por dois escudeiros chegou ao sitio da passagem.

Era um váu formado por estacas.

A noite cahiu e o céu cheio de nuvens, tornava a terra escura.

Mal se via o caminho pela agua.

— Apressemo-nos, dizia o rei, para Diogo d'Abreu, alcaide de Mourão, a noite vae cada vez mais negra, não fiquemos detidos na passagem.

— Vou mandar um guia adeante.

— E' o mais prudente, disse o rei.

Por ordem do alcaide, um guia, pratico na passagem, metteu-se á agua.

O rei esperava olhando, na margem, com o cavallo mettido na agua até aos peitos.

Sem novidade o guia foi e voltou. Voltou mais depressa porque a agua descia com força.

Para dar coragem aos soldados, o rei mandou:

— Passe a bandeira.

João Gomes da Silva, que era o alferes que a levava, esporeou o cavallo e entrou pelo rio.

A poucos passos homens e cavallos desappareciam na sombra.

Subito porém, começaram a ouvir-se vozes, palavras altas e os que iam entrando dirigiam-se para aquelle lado.

Foi o mal.

João Gomes, com os primeiros, cahira n'um pégo fundo que o rio tinha a mais de meio e bradava, agarrado ao cavallo, que voltassem.

As vozes, porém, não eram ouvidas e d'ahi a pouco, no meio das trevas, quasi completas, uma scena horrorosa se passava.

Os que vinham esbarravam com os que luctavam na agua, uns já soltos dos cavallos, outros agarrados a elles e eram por sua vez arremessados para fóra de pé.

Os que chegavam ao lado opposto não podiam subir pelo ingreme da margem e cançados, cavallos e cavalleiros eram levados pela corrente.

Ao conhecer o perigo, o guia adoptou outro caminho e atraz d'elle seguiram tantos que a agua cresceu e os atirou rio abaixo na maior parte.

Aos gritos começava a perceber-se na margem que qualquer coisa de extraordinario se passava, quando um dos que ia atraz poude voltar o cavallo e correndo ao rei, disse-lhe:

— Senhor, que morremos todos.

A maior parte já vae arrastada pelo rio abaixo e ninguem pode salvar os que se afogam.

— Tem mão, gritou o rei: que ninguem mais entre no rio.

N'este momento por entre o ruido da agua, ouviam-se distinctamente gritos de soccorro, pragas, maldições.

Firme e sinistro D. João, esperou que o dia lhe revelasse a grandeza do desastre.

Mal rompeu a manhã passou n'uma barca para o outro lado e começou a mandar tirar com redes e croques os cadaveres que appareciam á tona d'agua.

Em tres dias appareceram mais de cem, que foram enterrados.

A perda total fôra porem maior.

Faltavam quinhentos homens entre os quaes D. Affonso sobrinho de El-Rei.

O rei mal conformado com o triste successo passou o Minho de dia. atacou e cobrou Salvaterra e por Souto Maior veio a Tuy que cercou.

A praça estava bem defendida por muita gente e boa desejosa de combater.

O rei fez-lhe apertado cerco; mas os de dentro que tinham pão, vinho e muitos mais mantimentos, concordaram em não se render senão em ultimo extremo.

Poz o rei os seus engenhos de guerra junto aos muros e começou a fazer grande estrago na cidade.

Havia dentro uma Sé muito antiga e muito honrada onde estava o corpo de Frei Pedro Gonçalves.

Acontecia que as pedras lançadas por um dos engenhos batiam nas suas paredes e causavam damnos.

O rei, muito religioso, quando o soube, mandou parar os arremessos e combinou-se que só de dia, para se poder ver onde iam os projecteis, se atirasse.

Os de dentro concordaram em não arremessarem settas envenenadas.

Passaram-se assim alguns dias e a despeito dos estragos produzidos na cidade e haver muitos mortos dos habitantes, a cidade não dava signal de se render.

— Precisamos de a levar de escalada, dizia o rei, na tenda, ao grupo de fidalgos e escudeiros.

— Não a teremos d'outro modo, respondiam.

— O feito ha de ser serio, accrescentava o rei; precisamos de escolher, não muitos, mas dos mais decididos e de maior confiança.

Puzeram-se a ver quaes seriam os escolhidos para o ataque e entre elles assentaram que fosse João Preto, homem forte e de grande valor.

N'essa tarde este João Preto falando com um tal Gonçalo Paredes que diziam ser o mais habil bésteiro que havia na cidade, o João Preto dizia-lhe:

— Amigo Gonçalo, tens bem preparada a tua bésta?

— Como sempre, amigo João Preto; mas porque me perguntas isso?

— E' porque ha de ser-te precisa, ámanhã.

— A'manhã, volveu Gonçalo, atacareis a cidade?

— E' como dizes.

— E tu és dos que hão de subir pelas escadas?

— Eu mesmo.

— Ah? disse o Gonçalo Paredes, queres peitar-me. Queres prevenir-me para não te atirar?

— Olha a idéa, disse orgulhosamente o João Preto, lá imaginas que alguem tem medo da tua bésta.

— Muitos o teem.

— Nanja eu, voltou-lhe o Preto; e para te mostrar que tenho tanto medo de ti como de coisa que nunca veja, te digo que aquelle que vires com umas folhas cobertas de velludo verde e uma fita coberta de bordados d'oiro, esse sou eu.

— Fico sciente, disse-lhe o Gonçalves, sorrindo; farei a diligencia por te mostrar que raras vezes me falha o alvo.

— Pois será assim, disse o João Preto fanfarronamente, e até ámanhã.

— Com saude, disse o outro, e acabaram a conversa.

No arraial o João Preto contou, deante do rei, a conversa.

— E' uma imprudencia, disse D. João; para que serve agora o teres revelado como ias vestido?

— O homem imaginou que eu o queria peitar e para o desenganar lh'o disse.

— Pois terás cuidado com elle, disse o rei, que é perigoso inimigo.

Pela madrugada D. João deu ordem para se começar a escalada e o primeiro a subir foi o João Preto.

— Leva o meu bacinete, disse-lhe o rei; o teu não me parece bastante forte.

João Preto pôz o capacete do rei e mandou encostar a escada ao muro.

Ia vestido como dizia e de cima o Gonçalves, logo que houve rebate da escalada retezara a corda da bésta e metteu lhe um virotão, esperando.

Encostada a escada, o João Preto como valente que era, começou a subil-a.

Como visse mal, levantou a viseira para vêr melhor.

Ao vêr tal, o Gonçalves que o não perdia de vista, ergueu a bésta, aponlh'a á cara e despediu o dardo.

Com um sibilar agudo o virote feudeu o ar e foi cravar-se entre os olhos do João Preto, pela abertura estreita que elle fizera para melhor vêr.

Rolou pela escada, arrastando outros e quando cahiu no chão e o ergueram mal respirava.

Levado para a tenda, quando alli chegou, estava morto!

D. João ficou mal impressionado com o desastre; porque não só morreu João Preto mas mais alguns escudeiros e muitos peões e parou o assalto.

Os de dentro, como tal viram, começaram a gritar de cima dos muros, escarnecendo dos atacantes.

O rei indignado mandou fazer uma grande palissada para defender o arraial e os engenhos da guerra.

Os cercados perceberam que em vez de retirar o rei ia tornar o cêrco mais serio e mandaram logo recado ao rei de Castella, para que os viesse soccorrer no apuro em que se encontravam.

Receberam em resposta que se aguentassem firmes, porque o auxilio não tardaria.

Com estas novas, subiam aos muros e redobravam de injurias e de desafios.

No emtanto caminhava para Tuy Ruy Lopes d'Avalos com a sua hoste para proteger os cercados.

Chegado, porém, a Pontevedra aonde estava o arcebispo de Santiago, este, porque se inclinava mais para o rei de Portugal, a quem mais tarde adheriu, não o recebeu muito bem.

A má colhida parece que penalisou a marcha guerreira da hoste, porque ella não appareceu e D. João depois de prevenidas as coisas para qualquer ataque de Avalos, mandou de novo encostar aos muros a sua machina de escalar.

Não foi mais feliz d'esta vez.

No outro dia determinou o rei que os muros fossem atacados por diversos lados, ao mesmo tempo que as torres e a cidade estava em tal risco de ser tomada que se não chegasse a noite tel-o-hia sido.

Então os de dentro, visto que não chegava o auxilio, tiveram vindo e resolveram mandar um emissario ao rei pedindo-lhe para os poupar no caso de se entregarem.

Veiu logo de manhã Pero Fernandes de Andrade sahindo por uma das portas onde tinham alçado uma bandeira branca e pediu para ser levado a El-Rei.

Recebido, de joelhos deante de D. João, disse-lhe:

— Senhor, venho pedir-vos a mercê de não mais nos combater, porque de boa mente vos entregaremos o logar.

— Como? disse o rei.

— Se nos deixardes sahir com nossas armas e haveres.

— Porque o mereceis? disse o rei.

— Senhor, nós combatiamos para que não minguasse a nossa honra;

porque bem sabeis que tendo-nos sido confiada a defeza d'esta terra, tinhamos, por dever, fazel-o quanto pudessemos.

— Esse era o vosso dever, disse o rei, e por isso vos não quero mal. Mas não era o vosso dever o insultar-nos desbragadamente todos os dias, como cães ladrando do alto dos muros. O que merecieis, continuou o rei, com voz altiva, era que eu vos fizesse aquillo que tinha determinado.

— O quê, senhor? interrompeu, humilde, o emissario.

— Era quando agarrados, o que estará por pouco, mandar-vos cortar as cabeças com as linguas, para não poderdes mais palrar n'outro logar.

O emissario que queria serenar o rei, o todo o custo, redarguiu ainda mais humildemente:

— Bem sabeis, senhor, como é difficil sustentar a lingua a tão diversas gentes que comnosco andam. Não foi, decerto, nenhum escudeiro, ou fidalgo ou homem honrado, o que offendeu os vossos e a vós senhor; mas quaesquer d'essas gentes rudes que lá dentro estão.

E como o rei parecia não ligar grande importancia ás razões, o Andrade continuou a arranjar mil desculpas e mil promettimentos de respeito e de consideração.

O rei, naturalmente propenso á piedade, por fim, respondeu mandando-o levantar:

— Concedo-vos o sahirdes com as vossas armas. Os bens, esses ficarão.

O Andrade deu-se por satisfeito, beijou as mãos ao rei e sahiu, correndo a levar a nova.

Assim acabou o cêrco.

No outro dia El-Rei mandou que se entrasse na cidade.

Encostaram ao muro a torre de madeira e João Gomes da Silva seu alferes, de bandeira erguida, subiu, o primeiro, aos muros.

Seguiram-n'o muitos homens d'armas, armados de lanças e bacinetes na cabeça, precedidos de grande numero de trombetas.

Quando chegaram a cima, aos muros, El-Rei e sua comitiva D. João armou cavalleiro seu filho D. Affonso, aquelle filho que tivera, como sabemos, da filha do Barbadão de Veiros.

Armou, ainda, mais seis ou sete cavalleiros e feito isto deram com a bandeira erguida, entre gritos d'alegria, a volta a todos os muros.

Pela porta chamada da Pia entrou Gonçalo Vasques Coutinho com todo o resto do exercito.

As duas partes caminharam e encontraram-se na Sé em cujo alta egreja foi collocada a bandeira.

Na Sé foi encontrada muita riqueza junta, porque os moradores de Tuy e dos arredores tinham ido alli depositar o melhor que tinham, na imminencia do perigo.

Essa riqueza ficou para Lopo Vasques e os que haviam de ficar acompanhal o na alcaidaria do castello e como fronteiro.

El-Rei veiu para o Porto, onde chegava o conde Nuno com cincoenta lanças.

CAPITULO CXVII

Ultimos arrancos

Para dar cabal ideia de como era a vida nos tempos da guerra de então, agora que o fim da lucta está proximo, a independencia de Portugal quasi reconhecida, contarei um curioso episodio, que se deu com os de villa de Serpa.

Souberam alli uns escudeiros que na serra do Roboredo perto da Cortegana andavam pastando umas cinco mil vaccas.

Eram elles Diogo Nunes, Vasques de Mello e Alvaro Mendes de Beja.

Juntaram-se com os seus, que seriam ao todo cem lanças e cem homens de pé e resolveram irem roubar as vaccas.

Dividiram-se em tres turmas, cada uma por seu sitio, de modo que se encontrassem na tal serra.

Quando lá chegaram as vaccas já lá não estavam; mas cada um levava já grande quantidade de cabras e carneiros e alguns captivos.

As povoações que elles tinham saqueado, levantaram-se á sua sahida e começaram a reunir-se para os perseguirem.

Como nào fosse prudente permanecer em terras de Castella os nossos homens resolveram voltar o mais depressa possivel com o gado e os prisioneiros, que eram treze.

Voltaram, pois, muito pressurosos para a raia quando n'um cabeço viram estar trinta cavalleiros.

— Olá disse Diogo Nunes, quem serão?

— Quem? replicou Vasques de Mello, quem hão-de ser? Naturalmente os donos das cabras que nos vem agradecer o favor de lh'as levarmos a pastar para Portugal.

— Pois vamos receber-lhes os agradecimentos, disse Diogo Nunes com o riso nos labios, pé em terra, se fôr preciso.

Juntaram-se em batalha, levantaram as lanças para parecerem mais e foi mandado um vedeta Alvaro Mendes, com dez de cavallo, a ver que gentes eram e o que queriam.

Chegado perto d'elles, Alvaro Mendes estacou e perguntou para o alto:

— Quem sois vós outros? Quem é o vosso capitão?

— O capitão, respondeu um d'elles, é o que aqui está. D'aqui a pouco o conhecereis melhor. Vós outros quem sois? perguntou por sua vez o castelhano.

— Somos nós mesmos, respondeu Alvaro Mendes; e, se quizerdes saber quaes os capitães que comnosco veem, affirmo-vos que vos não ha-de causar alegria o conhecimento.

Voltando a redea, deu de esporas, monte abaixo, seguido dos seus.

A pequena hoste caminhava sempre pela estrada, bandeira ao alto e lanças erguidas.

Os hespanhoes seguia-n'a, pelos montes.

Assim, os nossos escudeiros chegaram a um rio Aguas de Mel que levava muita agua.

Metteram-se a elle, os cavallos enterrados até ao peito e passaram para a outra margem.

Os castelhanos que os viram não recuar ante o rio, imaginavam que fugiam com medo e approximavam-se mais descendo a meia encosta, seguindo-os.

Os portuguezes passaram um cabeço chamado a Bramadeira e ao chegarem ao valle apearam-se todos.

Os castelhanos vinham perto. Formaram logo em batalha.

Os castelhanos que se tinham descoberto de todo descendo mais no monte eram umas tresentas lanças, sessenta ginetes, cem besteiros e oitocentos homens de pé.

A differença era de um para seis.

Quando viram os portuguezes ordemnarem-se para pelejar, tocaram as trombetas, formaram-se em batalha e assim formados, esperaram.

— Que esperam elles? perguntou Alvaro Mendes.

— Naturalmente que vamos lá, respondeu Vasques de Mello.

— Ainda em cima? cascalhou Diogo Nunes, seis vezes mais do que nós e no alto do monte?

— Que venham se quizerem, disse um outro.

Como se não movessem foi lá de novo Alvaro Mendes e gritou lhe:

— Olá, amigos, aquelles cavalleiros que alli estão mandam perguntar se o não virdes dar batalha é tudo medo ou que é?

Um dos do alto respondeu:

— Dizei a esses senhores que elles nos levam roubado o gado que os acompanha; que o deixem ficar e que se vão em paz.

— Não é para vol-o deixar que o levam, disse ironicamente Alvaro Mendes, nem elles tinham mais que fazer do que juntal-o para vol-o dar reunido. Haveis de descer abaixo a buscal-o, se o quizerdes.

Houve silencio no arraial; depois um castelhano disse para baixo:

— Pois seja assim; dizei-lhe que se vão com Deus, com o que levam que isso pouco nos importa.

— Inda bem, tornou-lhe Alvaro Mendes, n'isso mostraes que sois homens de juizo; mas para que vindes atrás de nós armados em ar de guerra?

— Porque assim o queremos, responderam.

— E' para nos fazer guarda de honra? Dispensamos-vos de tal trabalho; podeis retirar-vos para as vossas terras, vamos bem sós.

Chegado abaixo, contou os ditos e todos concordaram que o fim dos castelhanos era illudil-os.

Queriam vêr se elles começavam de novo a marcha desunidos, sem ordem, e ao chegar a noite acommettel-os e destroçal-os facilmente.

— O que nós não podemos é ficar aqui até á noite, parados, para ámanhã continuarmos na mesma.

— O que ha a fazer? disse Vasques de Mello.

— Se elles não querem vir a nós, vamos nós a elles, respondeu Diogo Nunes.

— E' isso mesmo, confirmou Alvaro Mendes.

— E' preciso começar por dar cabo dos prisioneiros, não vão elles voltar-se durante o combate e ajudar os outros.

Começaram os homens captivos e duas mulheres a clamar piedade quando ouviram esta opinião.

Tiveram-n'a os nossos escudeiros e socegaram-n'os com a promessa de que se deixariam ficar quietos, acontecesse o que acontecesse.

Para se distinguirem durante a batalha, cortaram ramos de trovisco e cada um os prendeu onde melhor podia.

Devia ser meio dia pouco mais ou menos quando os portuguezes, animando-se mutuamente, começaram a caminhar para o monte com a trombeta á frente.

Pasmavam da ousadia os castelhanos e esse pasmo, que se juntava á serie de victorias alcançadas nos ultimos tempos pelos portuguezes, não lhes pôz grande confiança em si proprios, nem grande valor nos animos.

Ao sopé do monte, a trombeta vibrava com mais força e ao seu som bellico, os portuguezes inflammados pelo valor, gritando S. Jorge! Portugal! Portugal! começaram a galgal-o furiosamente, como leões.

Os hespanhoes, que os viam chegar-se n'aquelle impeto, não tiveram outro remedio senão descerem, gritando tambem o seu grito de guerra Castella! Santiago!

O embate foi rijo, mas nem um só dos cavalleiros portuguezes que ladeavam a bandeira na vanguarda foi a terra.

Ao contrario, uns vinte cavalleiros castelhanos ficaram desmontados e cahidos no chão.

Tal vista bastou para animar os nossos e desanimar os contrarios.

N'aquelle tempo pode dizer-se que muitas vezes o primeiro choque decidia da sorte das batalhas. Porque se o bom começo em todas as coisas dá esperança e torna confiados os que o commettem, um mau principio intibia e esmorece os que não teem um animo superiormente formado.

E' de saber que os castelhanos andavam n'esse tempo tão escarmentados e batidos, os portuguezes tão anchos e tão confiados na sua valentia e superioridade moral, que os primeiros combatiam sempre a medo e os segundos com uma confiança illimitada nos seus braços e nos seus santos.

Assim, logo depois do primeiro impeto, os castelhanos fraquejaram no ataque e os portuguezes redobraram de energia.

A cavallaria castelhana desordenava-se no ataque; a pequena hoste portugueza ficara intacta.

De atacada passou a atacante, cahindo resoluta sobre os cavalleiros castelhanos, que mais destroçou, atirando muitos d'elles ao chão, uns já feridos, outros não, mas que morreram atropellados.

A peonagem ao vêr-se sem defeza dos cavalleiros começava a debandar.

As duas azas, como se dizia então, ou alas, da hoste portugueza folgadas, porque só até então a vanguarda tinha combatido, convergiram para o centro e apertando os cavalleiros que combatiam já sem grande valor, derrotaram-n'os pondo os em fuga.

A peonagem corria doidamente, encosta abaixo, fugindo a toda a presa.

— Vamos-lhe no encalço, gritou Diogo Nunes e com os seus cavalleiros precipitou se atrás dos fugitivos.

D'alli a meia hora, não havia nas visinhanças um castelhano, a não ser os que deitados pela encosta do monte, entre tojos e sarças, tinham perdido as vidas, varados pelas lanças e piques portuguezes.

Durou o recontro meia hora e no emtanto contados os mortos dos castelhanos, encontraram-se duzentos e sessenta homens de cavallo e de pé: dos portuguezes morrera Vasco Esteves e fôra ferido Diogo Lopes Sarrozino, escudeiro.

S. Jorge continuava a fazer milagres a favor de Portugal.

CAPITULO CXVIII

No Tejo

Emquanto estas coisas se passavam, Lisboa, a sua briosa e heroica povoação era mais uma vez experimentada no seu valor.

Um bello dia, sem que ninguem esperasse, viram-se começar a subir o rio galés e naus cheias de bandeiras.

A população correu ás praias.

Eram as duas esquadras hespanholas a de Sevilha e uma outra preparada em Santander que vinham bloquear o Tejo.

Ao chegarem perto da cidade saudaram-n'a com uma descarga de tiros e foram fundear no Restello.

Os habitantes sobresaltados correram a armar-se e instituiram patrulhas desde Xabregas até Cascaes.

No primeiro dia, os hespanhoes conservaram-se nos barcos, dizendo chufas e proferindo ameaças; mas não desembarcaram.

Ao segundo dia, pelo romper da manhã, alguns barcos aproveitando a monção, aproaram á margem.

Aos gritos de aviso correram os populares armados e os castelhanos, menos alguns que foram agarrados e os poucos mortos, tiveram de embarcar mais depressa do que tinham desembarcado.

O cuidado da população redobrou com o perigo e as rondas foram mais numerosas e mais augmentadas em gente.

Porque além dos homens d'armas que guarneciam o castello, os populares, os homens de officios, todos os que podiam manejar uma arma, correram ás praias.

Como era de verão, não recolhiam a casa, dormiam aos montes pelos areaes.

. Assim a esquadra começou a sentir falta d'agua, porque só a podia obter desembarcando e isso era-lhe além de difficil, perigoso, senão impossivel.

Quizeram fazer a tentativa na outra banda; mas alli ainda foram repellidos pela guarnição do castello.

Vinham bloquear e achavam-se bloqueados.

Como faltou a agua começavam a faltar os viveres e começaram a perceber que em breve teriam de se retirar.

A vigilancia não afrouxava por parte dos lisboetas que possuiam n'aquelle tempo uma energia tantas vezes provada e tão pouco parecida com a de agora.

Soube o rei e D. Nuno da entrada das esquadras e sobresaltaram-se.

Tinham fé no alcaide e nos muros novos da cidade para a preservarem; mas os arrabaldes esses é que era preciso defendel-os e a extensão das praias não tornava facil a empreza.

No Porto havia umas cinco galés.

Era n'esse tempo todo o poder maritimo de Portugal porque o resto das esquadras tinham-n'o levado os desastres de Sevilha e outros.

Ao falar-se n'ellas, D. Nuno observou:

— O que poderá fazer-se com cinco galés velhas e em mau estado, contra quarenta castelhanas, além das náus?

— Poderiam levar reforços, disse o rei.

— Onde os poderemos alcançar, voltou o conde e se pudessemos como entrariam no Tejo?

Era impossivel qualquer reforço por mar, a não ser com uma esquadra ao menos egual ou pouco inferior á de Castella.

Em breve as noticias tranquillisaram o rei.

Um emissario de Lisboa annunciara as tentativas de desembarque, a derrota dos castelhanos e a sua quietação dentro dos navios, como sardinhas em canastra.

O rei, consolado, dizia:

— Ainda bem que não faremos falta.

O condestavel redarguia:

— E se fizermos, n'um momento se pode lá chegar.

Não foi preciso.

Prolongado, por oito dias, o mesmo estado de coisas os da esquadra começaram a soffrer as torturas da sêde, a peor de supportar, e começaram a revoltar-se dentro das embarcações.

Os capitães o que haviam de fazer? Reuniram-se em conselho e resolveram partir.

Antes, porém, resolveram subir o Tejo e ir pela margem até poderem desembarcar e fornecerem-se de gados e de agua.

Um bello dia a esquadra levantou ferro, com vento favoravel e começou a subir o Tejo.

Aonde ia?

Pelos altos a população indagava com o olhar.

Foram subindo até Villa Franca á esquerda, até Samora á direita.

Ahi começaram a saltar em terra.

Desprevenidas e mal armadas as populações fugiam, furtando-se a pelejar.

Assim em dois dias roubaram quanto puderam e fizeram aguada.

Quando voltaram, os de Lisboa pensaram que de novo se quedariam no Tejo; mas, com surpreza alegre viram que a esquadra não parava e se dirigia para a barra.

Passando pela cidade, por identica fanfarronada, á da entrada, saudaram-n'a com uma saraivada de tiros e, de vellas cheias, continuaram rio abaixo, até se perderem de todo no horisonte.

Que tinham vindo fazer? Fôra apenas um passeio de recreio, um exercicio nautico?

Esperavam entrar na cidade?

Esperariam vel-a atacada por terra e viriam completar o cêrco por mar?

A explicação virá em breve ao relatarmos os ultimos acontecimentos de Castella, depois da morte do rei.

Voltemos para lá e vamos encontrar de novo Leonor Telles, que ha tanto tivemos de deixar.

*

* *

Voltemos a Tordesillas e a Valladolid.

A morte do rei, da queda do cavallo, fôra um acontecimento da maior gravidade, n'aquelle momento.

Como sabemos, levado pelo desejo de vingança, doido pelas derrotas continuadas soffridas na guerra com os portuguezes, o rei D. João, não procurava senão em reunir um grande exercito, o maior que pudesse, para invadir Portugal.

O reino todo, fidalgos e villões, o proprio erario, estavam cançados.

O rei, como para dar certo plano de bom successo á nova campanha, imaginára, como vimos, uma resolução curiosa do problema.

Os portuguezes não queriam rei castelhano para seu rei? elle resolveria a questão deixando de ser rei de Castella.

Abdicaria no filho: deixaria assim de ser rei e ficaria apenas com Cordova, o bispado de Jaen, o reino de Murcia e o senhorio da Byscaia.

Seria como que um particular e d'esse modo venceria talvez a repugnancia dos portuguezes em admittil-o como seu rei.

O plano era estranho.

Estranho e hypocrita porque não era natural admittir tal renuncia em tão ambicioso senhor.

Os cortezãos fingiram acreditar n'esta resolução e oppuzeram fracas razões contra ella, percebendo-a capciosa.

O rei mandara pois recado para todo o paiz aos seus senhores e mestres de cavallaria.

Não foram recebidas com grande prazer as suas ordens.

Tantas luctas, tantos revezes tinham cançado os mais dedicados; e, se é certo que muitos d'elles, por orgulho, desejavam a guerra, como maneira de conseguirem desforra, a maior parte, almejava pela paz, que o ultimo tractado de treguas lhe consentia.

A obediencia ao rei era, n'essa epocha, uma obrigação poderosa e os preparativos, o alistamento de homens, o fabrico de armas, o adestrar dos cavallos, começou a fazer-se com o maior empenho.

Andava o rei embebido n'estes preparativos quando lhe aconteceu o desastre que o matou.

Como é de calcular, a impressão produzida foi enorme.

O primeiro resultado sentiu-se logo nas côrtes que se reuniram immediatamente.

— Morto El-Rei, dizia o arcebispo de Toledo, parece-me, senhores, que devemos agora pensar mais na paz do que na guerra.

Iamos fazel-a por sua vontade; mais para ser agradaveis ao seu intento do que por reconhecermos que era adequado fazel-a, nas circumstancias em que nos achamos.

O conselho pronunciou-se quasi na totalidade pelas palavras do arcebispo.

Alguns mais pundonorosos explicavam que seria um desaire eterno para Castella não vingar as affrontas recebidas; mas a voz da prudencia foi mais escutada e resolveu-se pedir treguas por mais tempo que o estipulado.

* *

O rei João assentara-as, pedindo-as, por tres annos.

— De mais, fazia notar o bispo, a França acaba de concluir com a Inglaterra uma tregua de tres annos e estão assim em treguas pelo menos por este tempo, a França a Inglaterra e Portugal.

— Tambem estamos n'essa combinação, disse o arcebispo de Santiago.

— Decerto, replicou o de Toledo: mas ha uma differença: é que o soccorro da Inglaterra a Portugal será certo, se este o necessitar, emquanto que o da França a Hespanha é problematico.

D'ahi virá que nos poderemos encontrar sós, como não seria a primeira vez.

Estas razões eram as de maior pezo e de tanto foram que levaram o conselho a mandar como embaixadores a D. João I, Pero Lopes de Ayala, o nosso conhecido chronista, o bispo de Singuenza e o doutor Antonio Sanches.

Por nosso lado, conferenciaram o prior dos Hospitaleiros e D. João das Regras.

As treguas prolongaram-se, no contracto, por mais quinze annos.

Isto feito, o conselho dissolveu-se, os nobres foram para as suas terras, os villões para as suas glebas e a paz iniciou-se com todos os seus bens e beneficios.

O novo rei Henrique III, ficou sob a tutella do arcebispo de Santiago e do de Toledo, do Mestre de Calatrava e de João Hurtado de Mendoza, mordomo-mór da casa real.

Quinze annos de paz, de assentes treguas dariam realmente tempo bastante para um resurgimento de forças da parte de Castella e, emfim, todo o tempo seria tempo para um desforço.

Os hespanhoes que eram sempre faceis em conceder e concordar com condicções de tratados quando estes lhes eram vatajosos, não eram tão promptos em cumprir as clausulas depois de obtido o que queriam.

Ao contrario, os portuguezes cumpriam religiosamente os seus tratados.

Mais uma vez os castelhanos faltaram aos tractos jurados. Era da praxe.

Muitos dos nossos presos em Castella foram escondidos para não serem libertados, como era estipulado, muitos morreram miseravelmente tratados.

Debalde se appellava para as justiças, debalde se levavam queixas até ao proprio rei, o moço Henrique III.

Tudo era debalde.

Tres annos depois já D. João I ameaçava os hespanhoes de quebrar as pazes se não fossem mais leaes e se não se resolvessem a cumprir os tratados.

Cinco annos são passados, tomava-lhe Badajoz como penhor de homens e de dinheiros devidos.

O rei Henrique já então na posse do throno, de accordo com os seus conselheiros, rompe mais bem combinada a temerosa invasão.

* * *

CAPITULO CXIX

As tres viuvas

A morte do rei dera como vimos origem a que se tractasse da paz. A paz foi feita.

Impressionara profundamente os castelhanos, porque, se bem que o rei não fosse homem de grandes dotes militares era energico e novo.

A corte aventou-se em Valladolid e a rainha viuva começou a consagrar-se e a viver exclusivamente do affecto do filho que progredia, a olhos visto, em dotes de cavalleiro.

Os mortos vão depressa e o rei cedo esqueceu a cortezãos acostumados a ver na mudança do senhor, um motivo mais para alcançarem novas honras e proveitos, insinuando-se no espirito do novo astro.

Houve, porém uma pessoa a quem a morte do D. João não só não produziu pena, mas, ao contrario, causou prazer.

Esse alguem foi Leonor Telles.

No seu, já pouco solitario retiro, a nova da catastrophe veiu lançar um elemento novo de vida, fazer nascer uma vida nova.

Leonor Telles conseguira modificar a seu favor o coração da filha, a rainha viuva, que se não a amava com o extremo que seria natural entre filha e mãe, não lhe queria já o mal que d'antes lhe quizera.

O tempo tudo gasta e o coração da viuva de D. João era da melhor marca.

No convivio bem que limitado e pouco intimo que ultimamente o acaso lhes proporcionara, Leonor Telles apparecera-lhe sempre, se não como uma arrependida de tudo o que fizera, de todo o mal que causara, ao menos como uma conformada com a nova posição, vivendo serenamente, das suas recordações.

Mal sabia ella, quanto se enganava.

Boa, por isso, simples, não comprehende que uma mulher como Leonor

Telles, tal temperamento e caracter só se aniquila na morte, a filha quasi que começava a estimar a mãe.

Esta é que não variava um grau no affecto que dedicava á filha, nem no modo de ser.

Por finura, apparentava a tranquillidade maior no seu viver; quem porém, pudesse prescrutar-lhe o intimo, assistiria ás tremendas batalhas, que o ciume, a colera, a vaidade offendida, o amor proprio, não deixavam de dar-se na sua cabeça ainda bella e ainda poderosa.

Tinha, de novo, a sua côrte.

O seu talento da vida, a sua belleza, o segredo fascinador da sua conversa e da sua voz, a finura superior do seu tracto, tinham-lhe arrastado para o salão dos seus novos aposentos, os fidalgos, uns por prazer e outros por dever, que residiam na côrte.

Os mais considerados, os mais altos, não se poupavam em delicadezas para lhe agradar.

Conhecedora de Portugal e das suas coisas, melhor do que ninguem, Leonor Telles era consultada, sobre futuros planos para a maioridade do rei...

A sua alta intelligencia começou a impor-se e a ex-rainha começou a ser acatada e ainda respeitada, no seu convento, como se fôra uma sibyla ou um oraculo.

Não só as coisas de Portugal, mas ainda as de Castella lhe eram contadas e sujeitas á sua critica e apreciação.

Assim começou a ter um pequeno reino, que a final não era menor do que o da filha, porque assentava sobre o respeito dos cortezãos inferiores a ella em capacidade e manhas.

Como, de resto, ninguem suspeitava que ella pudesse ser perigosa, de qualquer maneira, todos usavam com ella de uma franqueza absoluta, como suppondo-a tão castelhana, como elles.

Este predominio que começava a manifestar-se ainda que fracamente antes da morte do rei, cresceu e consolidou-se, profundamente, com a morte d'este.

Sentiu-o Leonor Telles e como não era mulher que perdesse um momento de se fortificar, de dominar, começou a executar todas as suas manobras n'este sentido.

Mostrando um grande zelo pelas questões de Castella captivava os castelhanos como senhores e politicos; desenrolando toda a sua immensa tela de seducções começava a interessal-os como mulher.

Um anno depois do rei morrer, Leonor Telles reunia nos seus aposentos a flor da fidalguia cortezã, os homens do governo e os homens dos salões.

Muitos fidalgos de Castella que tinham vindo para Portugal no tempo de D. Fernando e que tinham ficado a acompanhar o então Mestre d'Aviz e que continuavam na sua côrte de rei, fiados no perdão da rainha ou dos regentes, certos de que não seriam incommodados pelo seu proceder, tinham voltado a Castella.

Nem a rainha nem os regentes tinham opposto a menor difficuldade á sua repatriação, antes tinham folgado porque assim augmentava o poder de Castella.

E' assim que vamos encontrar em Valladolid antigos conhecimentos que ha muito deixámos.

Aquelle D. Pedro, conde de Trastamara e o irmão D. Affonso cujas aventuras amorosas contámos, ahi estavam.

Andavam solicitando a posse das suas terras e rendas que lhes haviam sido confiscadas.

— D. João, o infante de tragica memoria, com um filho bastardo já homem, não abandonava a côrte da sobrinha e para que ninguem faltasse, das antigas personagens do drama, uma bella manhã, pela estrada que de Tordesillas vae a Valladolid um cavalleiro, no vigor da idade, mas um pouco pallido e alquebrado, de fato pouco cuidado, caminhava n'um mau cavallo seguido de um escudeiro de não mais captivante apparencia.

Esse cavalleiro era aquelle bello e brioso rapaz que recusou beijar a mão a Leonor Telles, que se homisiara em Castella, que viera para Portugal mais tarde depois da sahida do duque de Lencastre, quando o Mestre d'Aviz já rei e em paz tratava da administração interna do reino.

— D'onde vinha? De Portugal? Não; de Inglaterra.

A estranha aventura é esta.

Quando resolvera vir para Portugal D. João I recebeu-o com a maior amabilidade.

D. Diniz cuja memoria se não desvanecera ainda entre os portuguezes, apesar de se ter sabido que elle viera com os castelhanos contra a sua patria, era muito estimado.

Possuia um caracter inquieto e altivo, era valente e D. João bem que o estimasse muito e tivesse prazer em o ter junto a si, começou a receiar que, por sua causa, se levantasse qualquer complicação.

Esses receios parece que queriam justificar se de modo que D. João I que estava sempre em correspondencia com o rei de Inglaterra, se lembrou de que a melhor maneira de se livrar de D. Diniz era mandal-o, em embaixador, ou coisa parecida para Londres.

D. João I receiava discordias com D. Diniz, porque este dizia e affirmava que a unica pessoa que tinha direito ao reino de Portugal era elle.

Sustentava que o irmão D. João fôra gerado durante a mancebia de D. Pedro I com Ignez de Castro, e que elle nascera quando o mesmo rei estava já casado.

Para elle de nada valiam as razões do grande doutor João das Regras e o povo costumava dar e dá mais credito, a um brioso rapaz, fidalgo e valente, do que a um rabulista sagaz e misantropo.

Não o dizia, parece, D. Diniz com a intenção de prejudicar ou de ser desagradavel ao rei; mas este é, que querendo prevenir qualquer discordia, lhe pedira para se encarregar de uma missão para o rei de Inglaterra.

D. Diniz acceitou e partiu.

Chegado a Plymouth, alguns fidalgos portuguezes disseram-lhe que não partisse para Londres sem um salvo conducto do rei e D. Diniz achando justo e começando a desconfiar de alguma traição de D. João I, mandou-o pedir.

Passava o tempo e o salvo conducto não vinha.

Desconfiado ainda mais e receioso D. Diniz embarca de novo, fugindo de Inglaterra em direcção a Flandres.

Em caminho e encontrado por uns navios flamengos que pirateavam; deram-lhe caça e prendem-n'o.

Quando souberam que era um irmão do rei de Portugal os piratas rejubilaram.

D. Diniz, perguntando o preço do resgate, ouviu pedirem-lhe a bonita somma de cem mil francos!

Um irmão do rei D. João, não valia menos.

Escreveu D. Diniz para Portugal e D. João ficou indignado.

Trata de indagar a razão do captiveiro do irmão e sabe que foi por desobedecer ás suas ordens, por uma indigna suspeita de traição, que o infante deixara a Inglaterra e embarcara para Flandres.

Cem mil francos era uma avultada quantia para esse tempo, D. João que não possuia thesouros, recusou-se a pagar.

— O irmão que tivesse tido juizo. A culpa era d'elle, pagasse-a.

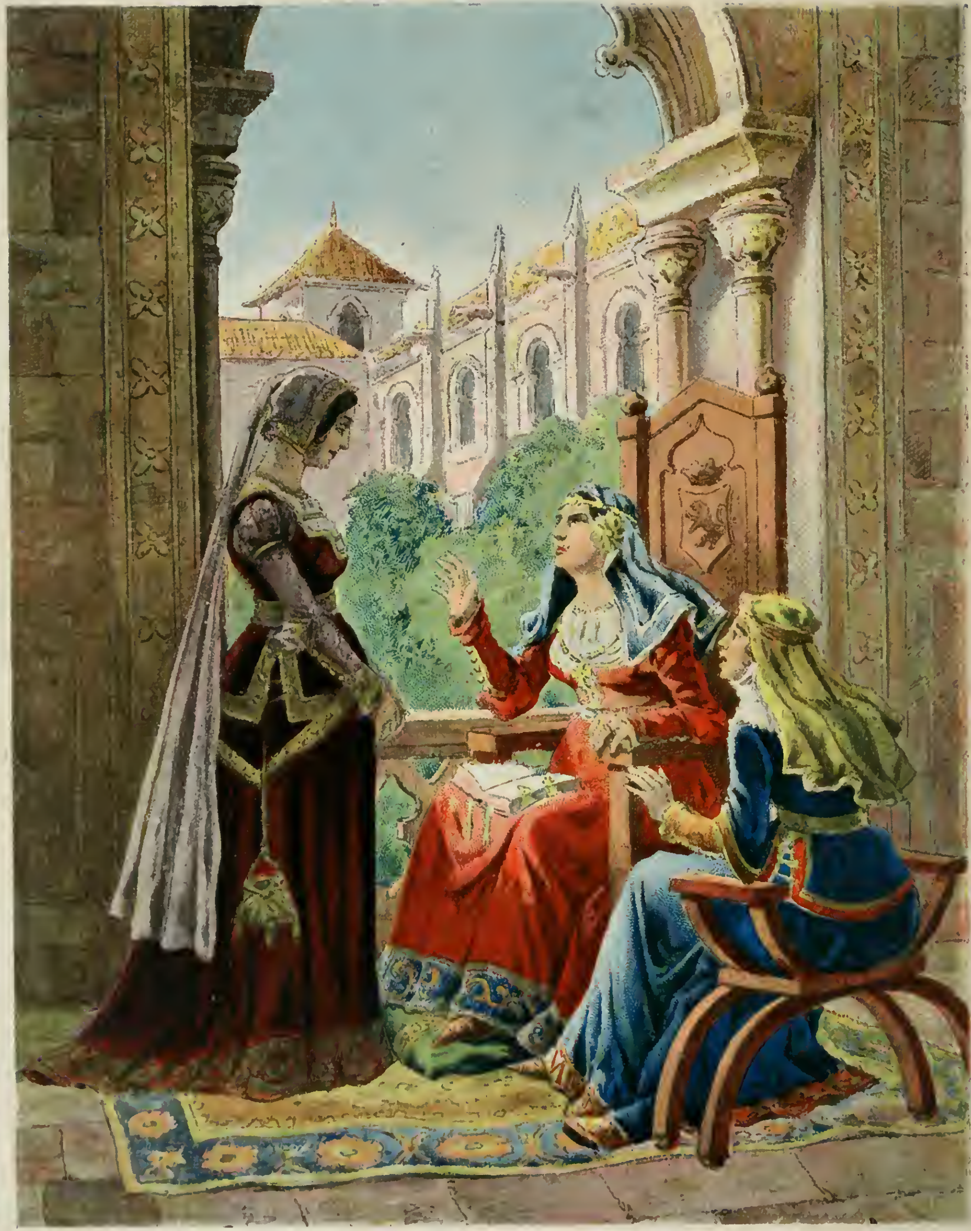
D. Diniz ficou enraivecido com a resposta do irmão.

Começava a viver miseravelmente, porque lhe tinham roubado tudo, incluindo a sua rica baixella de prata que, vendida, lhe poderia ainda garantir por tempo o bem-estar.

Como conseguiu sahir do captiveiro?

Não se sabe, mas o que é natural é que logo que os piratas se convenceram de que não receberiam coisa alguma pelo preso lhe dessem a liberdade.

E' o mais natural.



— Sabeis quem chegou a Valladolid? perguntava a rainha Beatriz á mãe, que sentada ao lado da condessa de Mayorca recebia a visita da filha.

Como conseguiu D. Diniz chegar a Castella? Quem o soccorreu pelo caminho? Eis o que se ignora.

O que é certo é que lá chegou, pobre, miseravelmente, quasi, com o coração cheio de raivas contra o rei D. João I, seu irmão.

A rainha D. Beatriz que tinha por elle uma grande sympathia acolheu-o com carinho e mandou-lhe abonar as quantias atrazadas, que lhe eram devidas em vida do marido.

⁂

— Sabeis quem chegou a Valladolid? perguntava a rainha Beatriz á mãe, que sentada ao lado da condessa de Mayorca recebia a visita da filha.

— Não sei, replicou Leonor Telles.

— Meu tio D. Diniz, accrescentou a rainha viuva.

— Com algum recado de Portugal?

— Não veiu de Portugal, emendou D. Beatriz.

— Então, de onde? perguntou Leonor Telles.

— De Inglaterra, ou melhor de Flandres.

— Como de Flandres? O que foi lá fazer?

Então a rainha contou o que o tio lhe contara em Valladolid.

A condessa de Mayorca perguntou:

— Achaes que D. Diniz levava realmente uma sentença de morte?

— Quem sabe? observou Leonor Telles.

— Não o creio, affirmou a condessa.

— Fazeis bem em não o acreditar, condessa, observou a rainha, porque não levava.

— Como o sabeis? perguntou Leonor Telles.

— D. Diniz abriu as cartas que levava e nenhuma fallava a seu respeito.

— Nenhuma?

— Excepto a de apresentação ao rei.

— O que lhe dizia?

— Que o portador era seu irmão. Que lhe pedia que o quizesse receber como tal e ao mesmo tempo o demorasse na sua côrte o mais de tempo possivel.

— Era um exilio.

Em todo o caso nada que se parecesse com um pedido de morte, accrescentou a rainha.

— Não acreditaria nunca, accrescentou a condessa, que o Mestre d'Aviz — davam-lhe ainda este nome de que se não podiam desacostumar — fosse capaz de mandar assassinar o irmão.

— Conforme, objectou Leonor Telles. O Mestre d'Aviz sabia manejar o punhal, quando apenas Mestre; não é natural que o tenha esquecido, pelo facto de ser rei.

Leonor Telles não poude ou não quiz disfarçar uma certa rudeza na voz, nem o ar colerico e despeitado que o rosto lhe exprimiu.

— N'esse tempo, disse a condessa, D. João precisava de se sentar no throno, hoje não precisa. Conseguiu o e bem solidamente.

— Solidamente? interrogou Leonor Telles.

— De certo, interrompeu a rainha nova; agora está definitivamente rei, com o auxilio dos inglezes.

— De nada lhe teria servido, disse Leonor Telles, se teu marido fosse um homem de guerra.

— Era valente, interrompeu Beatriz.

— Ninguem o nega, respondeu Leonor Telles; mas entre o ser valente e ser um bom commandante, ha uma grande differença.

A rainha e a condessa não responderam.

— Vê, tu, continuou Leonor Telles, dirigindo-se á filha, vê tu, se ha memoria de mais inacreditavel desastre do que o de Aljubarrôta. Nem precisavam de ter combatido. Bastava terem esperado um dia, cercando os portuguezes. Nada mais. Teriam sido esmagados, todos pela fome e pelo cançaço, se os incommodassem, apenas, picando-os de todos os lados.

— El-rei estava doente, objectou a rainha como para desculpar o marido; elle seguiu a opinião do conselho.

— Sempre se segue a opinião do conselho, observou Leonor Telles, quando o conselho é da nossa opinião. Quando não é, segue-se a nossa.

As duas ouvintes sorriram.

Leonor Telles accrescentou:

— A alliança ingleza será perfeitamente inutil no dia em que os castelhanos tenham quem os commande.

Voltando-se para a filha, insistiu:

— E' uma serie de vergonhas a ultima guerra; é preciso que haja quem vingue Castella, terminadas as pazes. E' preciso educar o teu filho sempre com esse sentido e pôr-lhe no coração essa vontade como a primeira prova a realisar logo que passe a menoridade.

A rainha concordou, apparentemente. No intimo ella dizia para si que era uma inconveniencia.

Abrir novamente a guerra com todos os seus desastres, para quê? O filho seria um poderoso rei com os seus dominios de Castella. Era o maior rei da peninsula e isso era bastante.

Para agradar á mãe, concordava, no emtanto.

De resto a educação do filho não podia ser senão a do seu tempo, educação guerreira, tendente a fortalecer o corpo, a adestral-o, a preparal-o para os grandes trabalhos e esforços physicos que as guerras continuadas exigiam.

Para o tornar ambicioso bastar-lhe hiam os conselhos dos aulicos, a avareza dos fidalgos, sempre promptos a provocarem luctas, em que se locupletassem.

Como eram tres portuguezes que falavam, a conversa recahiu, com todo o interesse, sobre Portugal.

Relembraram-se os annos passados; discutiu-se o valimento do rei D. João I, a quem Leonor Telles negava um valor maior do que o de qualquer outro guerreiro dos muitos que o cercavam.

— E' um valente, observou a condessa.

— Um valente? disse Leonor Telles; mas não se pejou de fugir ou querer fugir mais do que uma vez.

— Não era o perigo da guerra que o intimidava, observou a condessa.

— Qual, então? perguntou Leonor.

— O vosso. Tinha-vos mais medo do que a todos os vossos homens de armas reunidos.

— Acreditaes que um homem assim possa ser um valente?

— Porque não?

— Um homem que foge de uma mulher!

— Ereis mulher e poderosa, objectou a condessa.

— Que importa? Quereis a prova de que um verdadeiro valente não foge ante caso nenhum? Sobretudo deante de uma mulher, seja ella quem fôr?

A condessa não respondeu. Leonor Telles continuou: — Nun'Alvares. Lembrae-vos do que elle me fez e do que fez no banquete de Evora.

— E' um louco, explicou a condessa.

— A heroicidade é uma loucura, explicou Leonor Telles; mas que bella loucura. Se os castelhanos o tivessem tido por si, não haveria um palmo de terra, hoje portugueza, que não fosse de Castella.

— Não havia, não.

— Lembra-me ainda do dia em que o pae o levou ao paço.

Tinha doze annos o fedelho. Franzino, arruivado, olho pequeno, mas muito vivo.

Lembra-me do ar de orgulho com que se aprumava na armadura, que lhe vesti, eu mesma.

— Que era de D. João, o Mestre d'Aviz?

— Era. Não havia outra mais pequena, mandei-a pedir e vesti-lh'a.

Leonor Telles parou um instante pensativa e depois como obedecendo a um pensamento interior, disse a meia voz:

— Se elle me tivesse seguido!

— Serieis ainda hoje rainha de Portugal, observou D. Beatriz.

— Sem duvida nenhuma. Teu filho teria garantida a corôa d'aqui a dois annos e esse senhor rei de Portugal continuaria a viver submisso e burguezmente no seu castello de Veiros, ao lado da filha do barbadão.

— Que de mudanças um pouco de tempo traz ás coisas do mundo! disse a condessa, recordando, n'um instante pelo pensamento as scenas da sua vida passada.

— Que de mudanças, observou a rainha Leonor, inacreditaveis. Nunca a um Mestre d'Aviz lhe passou pela cabeça ser rei de Portugal; nem seria capaz — elle bem o sentia — por si proprio de o conseguir.

Empurraram-n'o para lá; um burguez velho e rico e um rapaz heroico. Uma boa espada e um bom thesouro fazem tudo.

Falaram ainda do cerco de Lisboa. A rainha Beatriz contou peripecias, como a do casamento da condessa que relembraram, e descreveu os horrores da peste, matando sem piedade os maiores fidalgos e enchendo de terror os mais valentes.

Foi uma sessão de recordações, as mais das vezes triste, porque tristes tinham sido todos os finaes, de guerra, de amores, e de casamentos.

A' nova rainha e á condessa por vezes os olhos se lhes embaciaram de pranto.

Leonor Telles recordava tudo serena e fria.

Depois de um espaço de silencio, a rainha nova perguntou:

— Não se vos daria de viver novamente em Portugal, minha senhora e mãe?...

— Teria um grande prazer em voltar alli; mas não tendo por rei o senhor Mestre d'Aviz.

Não é facil, continuou, depois de pausa, acostumarmo-nos a obedecer áquelles que primeiro nos obedeceram.

— O Mestre que conhecestes de tão pequeno, observou a condessa.

— E, tão humilde, ajuntou Leonor Telles com um riso de ironia e de desdem.

— Humilde? perguntou D. Beatriz, que como nunca fôra, se pode dizer da côrte, por arredada sempre d'ella com suas aias, fazia do rei D. João a ideia de um temivel e temerario homem, humilde?

— Humilde sim, confirmou Leonor Telles, até ao nôjo. O que imaginas tu que elle fez, no castello de Evora quando o mandei prender com Gonçalo Vasques?

— O que fez?

— Como passou a noite?

— Não sei.

— Chorando! disse Leonor Telles, rindo.

— A chorar?

— Como um pagem, volveu a rainha.

— Não é bem proprio de um guerreiro, observou Beatriz admirada de que tão valente homem chorasse.

— Pois era assim timido quem é hoje o muito alto e muito nobre rei de Portugal, o senhor D. João I, accrescentou a rainha mãe com um ar de profundo desprezo.

A conversa foi interrompida pelas criadas que traziam o jantar e as tres viuvas, sentaram-se familiarmente á roda da meza, continuando a evocar recordações, episodios da vida commum, fazendo considerações sobre o futuro.

Depois de comer, D. Beatriz retirou-se para o seu palacio e Leonor Telles e a condessa de Mayorca ficaram, de novo, sós.

A simplicidade e cordealidade da scena descripta mostra como a vida era apparentemente tranquilla em Tordesillas.

Apparentemente assim era; no fundo, porém, era o contrario.

CAPITULO CXX

Nova cilada

O rei Henrique de Trastamara, Henrique II, pae de D. João I, como conquistara a corôa, sendo bastardo, fez consistir o seu poder nos braços dos fidalgos.

O irmão, Pedro o Cruel, fizera justamente o contrario. Todo o seu poder assentava sobre o povo e sobre os moiros dos seus estados.

Ora, todos os reis que se estribam nas espadas dos seus fidalgos teem de pagar generosamente o appoio.

Foi assim, em todos os tempos e em todos os paizes.

Como consequencia da desenfreada ambição do homem, acontece aos poderosos, que nunca estão satisfeitos e que quanto mais valem e podem, mais querem poder e valer.

D'ahi as ambições desregradas, as audacias, o esquecimento dos deveres de obediencia e de sujeição.

Os fidalgos que tinham ficado como regentes além dos grandes favores recebidos por elles ou por seus antecessores, não perdiam occasião de mais se enriquecerem.

Enriqueciam-se e com a riqueza vinha o orgulho.

O novo rei não lhes merecia grande respeito. Henrique III era alegre, bondoso, muito dado á caça, de um natural acariciador e dado.

Estas boas qualidades não bastam para conter os orgulhos cortezãos, nem para trazerem para o possuidor aquella consideração feita de todos os respeitos que os reis precisam possuir na imminencia do logar.

Assim fidalgos nacionaes e estrangeiros em regra portuguezes, se não desrespeitavam o rei, não o consideravam bastante.

A rainha Leonor Telles convivendo com elles n'uma intimidade que já relatei, alcançou comprehendel-os a todos em seus intimos pessoaes e sentimentos.

Quando o conde de Trastamara, o seu fogoso apaixonado, chegou á côrte, tendo abandonado o serviço do rei de Portugal, ella fez que elle immediatamente a fosse visitar.

Fez-lhe saber que muito desejava a sua visita e D. Pedro sabendo das boas graças da rainha, com a mãe e os regentes apressou-se a correr ao convento.

Leonor Telles recebeu-o o mais amavelmente possivel.

Desterrara as côres pretas do vestuario; apresentava-se vestida com a maior simplicidade, mas de modo tão alto e tão distincto que era verdadeiramente rainha entre todas as mulheres que a ladeassem.

Um longo descanço rejuvenescera-lhe as feições A clausura branqueara-lhe a pelle; os olhos negros e os cabellos tinham pelo contraste, um brilho e uma seducção extranhos.

Apezar de ter passado o marco cruel dos quarenta annos a rainha passava ainda, aos olhos de todos, como a mais distincta e bella mulher de Tordesillas.

Por garridice, Leônor vestira no dia da visita de D. Pedro um trajo escuro, amplamente decotado.

O collo entremostrava-se opulento e turgido no debrum do decote quadrado, remedando pelo modelado rigido um collo de mulher joven.

Apanhava os cabellos, em pinha, n'uma facha branca orlada de perolas. Os braços nús sahiam pela abertura exaggerada das mangas, como primores de esculptura marmorea a que o succo das rosas tivesse emprestado o calor da vida.

Estava bella a rainha.

D. Pedro entrou.

A vista de Leonor Telles, o seu ar amavel, a sua recepção calculada, entre appetecida e receiosa, o ar alegre da comediante suprema, envolvendo-o n'uma nuvem de attenções cariciosas, a approximação d'aquelle corpo que elle encontrava ainda n'uma frescura incalculavel e pouco crivel em mulher de tão accidentada vida, fez-lhe despertar aquelle antigo desejo immoderado, que o levára á beira da traição e do assassinio!

— Como estou contente por vos vêr, D. Pedro! Como fostes bom em vir vêr-me!

— Senhora, replicou o fidalgo, ainda de pé, o gorro pendido e cortejante, como sois boa, vós, em me ter permittido que tão depressa tivesse o gosto de vos encontrar.

— O que? disse a rainha, apresentando-lhe um tamborete e sentando-se n'outro junto á meza, o que? não me tinheis ainda esquecido?

— Esquecer vos, quem um dia vos contemplou, senhora, acreditaes que o possa fazer?

— Oh! disse a rainha com ar gracioso, vindes dizer-me, por começo, um madrigal?

— Quando o madrigal seja uma verdade, por que não?

Leonor Telles sorria, fingindo-se enleiada, como se as palavras de D. Pedro lhe produzissem uma impressão maior.

— Admittamos que me não esquecestes, disse ella, depois de curto silencio; melhor será.

— Podeis crel-o, disse D. Pedro.

— Folgo que assim seja, volveu a rainha. Pagar-me-heis assim amor com amor, como se costuma dizer; porque vos affirmo que nunca me esqueceu nem me esquecerá o vosso valor e a vossa dedicação.

— Senhora, disse erguendo-se, a meio, D. Pedro, sois para mim de uma extrema delicadeza.

— Digo-vos a verdade, D. Pedro. Porventura me achastes em mentira, alguma vez?

— Nunca, senhora.

— Nem podieis. Todas as más qualidades terei, excepto a da mentira. Acho a vil, mesquinha, indigna de uma pessoa. Cada um seja como é; mas como fôr, tenha a coragem e a altivez de o ser. Sois do meu parecer?

— Absolutamente.

— Pois por assim ser vol-o digo. Sois um nobre e ousado cavalleiro; o que fizestes por mim, o que serieis capaz de fazer e o terieis feito como o demonstrastes, deu-vos um logar no meu coração, ao lado de todos aquelles que hei estimado e estimo ainda.

— Como sois boa! interrompeu D. Pedro, já preso nos braços da sereia.

— Boa? disse Leonor Telles, não o sou. Não o fui nunca; para o ser era preciso que me tivessem mudado o coração orgulhoso e me não tivessem sentado, nunca, n'um throno.

D. Pedro ouvia, em silencio.

— Como sou, porem, vos estimo sobre todos, como em tempo vos estimei e vol o disse. Lembraes-vos ainda?

— Senhora, poderei fallar?

— Por que não?

— Fallar... como se entre nós não medeassem annos de separação e de ausencia?

— Sois um fidalgo e um gentilhomem, por que não o podereis fazer?

— Não vos offenderá a minha linguagem por ousada?

— Desrespeitar-me-heis, porventura?

— Eu?

— Tendes d'isso receio?

— Não, senhora ; não receio faltar-vos ao respeito porque as minhas palavras serão como todas as que proferi ante vós, sinceras, vindas do coração...

— Então? interrogou a rainha com uma voz dolente.

— E' que os vossos ouvidos podiam não ouvir com o mesmo prazer os protestos de estima que ousasse fazer-vos, como os ouviram ha já longos annos.

— Meu caro conde, disse a rainha, com a mais doce expressão, eu podia não vos ouvir com a mesma crença; mas não poderia deixar de vos ouvir com o mesmo empenho, ou maior, talvez.

— Maior?

— Quando se envelhece, augmentam de valor para os nossos ouvidos as palavras amigas.

— Quando se envelhece! disse com um riso como que de duvida, o já enternecido conde; acaso vos julgaes menos bella do que ha quatro ou cinco annos, em que vos conheci?

— Não? disse a rainha dengosamente.

— Por modo algum, affirmou D. Pedro com impeto.

— Como tenho a agradecer aos vossos olhos, volveu galantemente a rainha. Começaes a tornar-me vaidosa...

— Bem o sabeis, disse D. Pedro.

— Que me faço vaidosa? perguntou, fazendo-se desentendida, a rainha.

— Que nada envelhecestes nem em corpo, nem em espirito. Sei que passaes ainda hoje pela mais bella mulher de Tordesillas e que vos teem na conta da mais fina, da mais attrahente e da mais captivante senhora!

— Quem?

— Toda a gente.

— Haveis de contar-me isso.

— Ha dias cheguei. Perguntei naturalmente, por vós e isto foi o que conclui das informações recebidas.

— De modo que vos parece que eu reino em Tordesillas?

— Absolutamente.

— Sem throno.

— Um throno não é o logar onde as rainhas sobem quando recebem os subditos..

— O que é então?

— Todo o logar onde ellas estão é um throno.

A rainha calou-se, um pouco admirada da linguagem animada de D. Pedro, porque o não conhecera tão bem fallante nos tempos em que o convivera.

— Não podeis negar que vindes de Portugal.

— Porque?

— Porque juntastes aos vossos antigos dotes um que vos não conhecia tão pronunciado.

— Qual é esse?

— O de poeta.

— Porque vos digo o que sinto, o que é verdade?

— Dizei-me, accrescentou Leonor Telles, parecendo não fazer caso da falla do conde, em que sitio estivestes na batalha de Aljubarrôta?

— Na hoste do rei.

— Pois não estaveis no vosso logar.

— Que quereis dizer?

— Que vos imaginava em outra.

— E... qual?

— Na ala de Mem Rodrigues... na dos namorados.

— Gracejaes commigo.

— Não ousaria fazel-o; mas a verdade é que desde que entrastes ainda não fizestes senão officio de trovador, que trova á sua dama...

A rainha não concluiu, porque D. Pedro interrompeu-a, dizendo:

— Que preferis que vos diga?

— Tudo o que quizerdes; mas deixando em paz todas as minhas perfeições e graças.

— Agora sois cruel, disse o conde, porque me quereis obrigar a fallar-vos, como a qualquer dona, que pela primeira vez encontrasse na vida e mal conhecesse..

— Supponde que assim seja.

— N'esse caso pedirei licença para me retirar, respondeu rapidamente o conde.

— Não vos comprehendo, volveu a rainha.

— Não me comprehendeis?

— Não sei que differença possa haver entre a nossa conversa, que vos deva obrigar a retirar-vos desde que não sejamos antigos conhecidos.

— Que razão haveria, se assim não fosse, para que tivesseis mostrado desejo de me receber e eu anciedade em vos fallar? Que viria eu aqui fazer? Que terieis vós a dizer-me que me importasse?

— Pois não podem um cavalheiro e uma dama conversar, como amigos novos?

— De certo, mas como eu não teria nem necessidade nem empenho em assentar novas amizades, teria deixado ao acaso de um encontro casual essa conversa e não viria perguntar-vos, com a rapidez da minha vinda: — o que me quereis?

— E' isso que significa a vossa delicadeza em acceder tão de prompto ao meu desejo?

— Que outra coisa poderia significar, D. Leonor? disse D. Pedro com profunda anciedade, fallemos como bons amigos, franca, lealmente, já que não podemos fallar como outr'ora. Quereis assim?

— De todo o coração, disse a rainha.

— Seja assim. Quando me fizestes saber por D. João de Portugal que desejaveis ver-me foi, apenas o desejo de me tornar a olhar, o que vos impelliu a isso. Não foi?

— Não, minha senhora. Não duvido que vos ficasse de mim uma recordação agradavel. Expuz com o maior sangue frio e a maior simplicidade a minha vida para vos satisfazer os desejos, que eu achava justissimos. Vistes quem eu era; sabeis quem sou e tendes de mim a idéa de que a minha espada é tão leal como a minha palavra. Não é assim?

— E' assim!

— Pois bem; d'aquelle interesse que vos mereci, as coisas da vida, o tempo, teve razão para apagar a energia, se não apagou completamente até a memoria.

— Não, D. Pedro, interrompeu solicita Leonor Telles.

— Obrigado, continuou o conde; mas o que vos não esqueceu decerto, porque tendes um coração altivo e nobre e sois a vosso modo valente, é que eu não sou um cobarde. Esta é a qualidade que eu creio que a rainha Leonor Telles não esqueceu do conde de Trastamara.

— Como tantas outras, emendou a rainha.

— Esta, porém, ficou. Durante annos não nos vemos, não nos encontramos, não sabemos sequer um do outro. As coisas do mundo mudam; exilado, vivendo da bizarria de um rei extranho, ainda que generoso, na primeira occasião em que possa voltar ao meu paiz, volto.

Volto, pobre, sem recursos, esperando que esquecida uma loucura que qualquer outro commetteria no meu caso, me sejam restituidos os meus bens, que na aventura perdi.

Que valho aqui, n'este momento? Nada.

O que posso, o que sou? Coisa nenhuma.

Pois bem; dias depois de chegado, poucos dias, a rainha Leonor Telles manda-me dizer que deseja fallar-me.

— Se o desejava? interrompeu a rainha.

— Nem eu o duvido; mas se a rainha Leonor Telles me mandou chamar é preciso procurar a razão.

— Qual suppondes?

— Não foi decerto por aquella que me levou a arrostar todos os perigos para a collocar no throno

— Olhae, D. Pedro, que se eu quizesse poderia juntar ás vossas palavras outras que tornariam mais verdadeiro o vosso dizer, observou altivamente Leonor Telles.

— Quaes, senhora?

— Dizeis «para a collocar no throno»; podieis antes dizer melhor: «para nos collocar no throno».

— Dizeis bem, dizeis justo; mas isso não diminue a sinceridade da minha dedicação.

— Mas altera-lhe um pouco a grandeza.

O conde pareceu não ficar contente com o termo; quando Leonor Telles accorreu a dulcifical-o:

— Não façamos porém questão de palavras e continuemos a fallar lealmente.

— Daes licença?...

— Ouvide, disse a rainha com o seu melhor sorriso; sei tudo o que me ides dizer. Deixae que me antecipe a responder-vos porque podeis ser injusto para mim — sem o querer — e quero poupar-vos a esse desgosto.

— Não ousaria sêl-o.

— Talvez... contra vossa vontade. Quereis ouvir-me?

— Precisaes da minha permissão?

— Ouvide, então. Uma razão qualquer ieis dizer-me que tinheis encontrado, para vos explicar o meu chamamento. Não era o poder, não era o affecto, o que podia ser? A recordação do vosso valor. Tendes um nome e tendes uma espada. A conclusão é logica. Como vol-o acabo de dizer em nada me offende a idéa; dita por vós, magoar-me-hia.

— Senhora...

— Magoar-me-hia, porque se houvesse da minha parte a idéa de aproveitar a vossa fidalguia, apenas como uma exploração, isso seria mesquinho e vil; se no meu espirito passou a idéa de procurar o vosso auxilio e eu tive a franqueza de vol-o revelar, ou vós tivestes a subtileza de o comprehender, no intimo, eu tenho a justificação d'essa vontade e portanto eu posso sentir em mim mesma esse desejo, esse querer. Dissestes comvosco: Leonor Telles manda-me chamar, o que quererá ella de mim? E do que eu vos queria julgastes mal.

— D. Leonor... interrompeu D. Pedro.

— Perdão, acudiu Leonor Telles, combinámos fallar como dois amigos, como dois irmãos.

— Assim é.

— Ouvide, então. Quando vos soube chegado exultei. Porque? quereis que vol-o diga? Porque vos estimo, porque vos não esqueci, porque vos devo um grande favor, uma enorme dedicação.

— D. Leonor...

— Que mais quereis? Por mim compromettestes a vossa vida, o vosso logar brilhante na côrte, a vossa fortuna. Achais pouco? Acho muito e eu não me esqueço.

Quando vos soube chegado, repito-vos, tive uma grande alegria, tanto mais que raras vezes soube de vós e muitas vezes vos julgava já morto, por não serdes fallado, aqui.

Alegrei-me por que vivesseis ainda; alegrei-me porque vos poderia fallar de novo, mas a minha alegria maior foi por me lembrar que de uma parte dos prejuizos que vos causei vos poderia remediar.

— De quaes, senhora?

— Dos prejuizos materiaes; da perda das vossas terras e dominios.

— Pensastes n'isso?

— Por que não? Estou nas melhores relações com o arcebispo de Toledo, com o bispo de Siguenza, com todos os senhores que exercem a tutella sobre o rei. Minha filha não terá senão empenho em me ser agradavel, desfeita a má impressão que de mim tinha, pelo meu comportamento exemplar, d'estes annos.

Ser-me-ha facil pleitear a vossa causa perante qualquer d'elles e d'antemão vos posso assegurar que a levarei a bom caminho.

Não é um favor que vos faço, é uma divida que pago, não na totalidade, mas em quanto posso.

Precisava, porém, de vos fallar antes; de vos pedir a permissão de tratar dos vossos negocios, que eram vossos e não meus.

O conde ia a fallar, e a rainha continuou:

— De modo que a idéa que vos suggeriu o meu convite não era bem, exclusivamente, a que pensastes.

— Desculpai-me, disse o conde, beijando-lhe a mão. Não imaginei que vos merecesse, ainda, tanto interesse.

— Por que não?

— Em regra os favores recebidos esquecem depressa e depois, continuou elle, com um riso malicioso, o que fiz era mais por mim do que por vós.

— Não vos mostreis resentido, disse a rainha rindo francamente, aliás fazeis-me arrepender da franqueza com que vos tenho falado.

— Mil vezes obrigado, emendou o conde; é ainda servindo-me de egual franqueza, que eu ouso fallar-vos.

Ficaram um instante silenciosos.

A rainha continuou:

— Dais-me pois licença para vos proteger os desejos?

— Como vos agradecerei tanta bondade, minha senhora?

— Nada me devereis, repito; eu pago, mal, uma grande divida.

Parecia que, por aquelle dia, a conversa deveria estar acabada.

D. Pedro esperava que Leonor Telles, levantando-se, lhe indicasse que se devia retirar.

A rainha porém em vez de o fazer, perguntou-lhe:

— Vosso irmão?

— Creio estar em Toledo,

— Voltou tambem?

— Assim combinámos na ultima vez que nos vimos em Lisboa. Elle partiu para o Alemtejo, para entrar por Badajoz, eu vim até Coimbra e d'ali pela Beira.

— Vem reclamar, tambem, os seus bens?

— Reclamar? melhor será dizer pedir.

— Interessar-me-hei por elle, tambem.

— Elle vos agradecerá.

— Não é verdade que tambem se sacrificou por mim? Não é justo que o ajude quanto puder?

— Se assim o entendeis, minha senhora.

A rainha parou um instante; depois como se tivesse a mais natural recordação do mundo, disse, com ar finorio:

— Sabeis que está viuva a condessa de Mayorca?

— Já o sei. Mas...

— Talvez esta nova não seja desagradavel para vosso irmão.

Dizendo isto, a rainha sorria-se, maliciosamente.

— Talvez, disse D. Pedro; mas estou convencido de que não.

— Porquê?

— Meu irmão teve um enorme desgosto com o casamento de D. Beatriz.

— E' natural.

— Sabeis que era o seu primeiro amor? Como elle não gostava de o recordar, de certo tempo deixei de lhe fallar n'isso.

— O que significa o primeiro amor? perguntou Leonor Telles.

— Senhora, respondeu D. Pedro, com um fogo suspeito, significa um querer sem fim, sem medida.

— Ah! disse a rainha tornando-se pensativa, seria o d'elle assim?

— Se o não fôra, explicou o conde, o que lhe importaria a elle o recordal-o?

A rainha levantou-se; D. Pedro imitou-a.

Leonor Telles conservou-se por momentos de pé e silenciosa olhando fixamente D. Pedro, como se pretendesse medir todo o grau de impressão que lhe produzira.

O despedir da primeira entrevista é para um olhar observador um claro espelho.

No rosto de quem se despede, nas maneiras, é facil revelarem-se os sentimentos que o dominam.

Leonor Telles sabia-o muito bem e procurava descortinal-os na pessoa do conde.

Eram os que ella esperava. D. Pedro não tinha pressa em se despedir. Havia o quer que fosse de acanhado na attitude do homem.

Um bom sorriso pairava na face da rainha, ao dizer-lhe:

— Quando terei o prazer de vos tornar a vêr, senhor conde?

— Quando o mandardes, senhora.

— Sabeis que recebo sempre, que estou sempre em casa, tornou Leonor com um riso ironico.

— Como vos terá sido pezada esta clausura, D. Leonor! observou o conde de Trastamara. Como pudestes acostumar-vos a um tal viver?

— Meu amigo, volveu a rainha, como pudestes vós viver longe da vossa terra, fóra do vosso logar, vivendo de estranhas mercês?

— O destino, disse o conde.

— Esse foi o que me fez habituar á tranquillidade claustral de um convento, depois de vida agitada de tantos annos.

— E sempre a supportastes bem?

— Oh! não, disse a rainha. Soffri immenso de principio e creio até que não resistiria, se não tivesse vindo para mim a condessa, a minha maior, a minha grande amiga.

Não imagineis que vivia como hoje. Esta liberdade possuo-a depois da morte de el-rei.

Nos primeiros annos, a minha vida foi completamente isolada: uma cella e um quarto. Não recebia, não podia receber visitas. O que se passava lá fóra, não chegava cá dentro. Depois de Aljubarrôta o rei magoado, tendo aqui estado, porque o filho muito sympathisava commigo e me via frequentes vezes, começou a permittir-me maior liberdade.

— Já vos temia menos.

— Tambem, disse a rainha. Começou a perceber que se elle com todo o seu poder, não vencia facilmente o Mestre d'Aviz e não lhe arrebatava o throno, era pouco provavel que eu o podesse fazer, com quaesquer poucos amigos que por lá pudesse ter ainda.

— Ainda os tendes.

— Em Portugal? Bem poucos devem ser.

— Serão; mas são grandes. Acreditaes que toda a nobreza acceitou de bom grado o Mestre, para rei?

— Acredito o contrario e o sei. Toda a nobreza o acceitou por força e não por vontade.

— Não estaes convencido de que um movimento poderoso da parte d'alguem que tivesse bons direitos á corôa portugueza a poderia ainda arrancar da cabeça do Mestre d'Aviz?

— Por mim estou e vós? perguntou a rainha a quem a nova direcção da conversa, parecia despertar o interesse.

Melhor do que eu o deveis saber, que vindes de seu lado e deveis conhecer bem os alicerces do seu throno.

— Estou convencido do que ao primeiro abalo que o Mestre soffresse, parte, grande parte da nobreza o abandonaria.

O Mestre não é estimado senão pelo povo e por dois ou tres fidalgos, que o seguem d'alma e coração.

Valeu-lhe o ter nascido debaixo de uma boa estrella, porque toda a guerra lhe tem sido favoravel, além de tudo o que era de prever.

— Realmente, caro conde, observou a rainha, os successos do Mestre teem sido quasi milagrosos. Vêde os Atoleiros, vêde Aljubarrôta...

— O Mestre é valente; mas não é por sua valentia que lhe teem sorrido, invariavelmente, a victoria.

— E' por D. Nuno?

— Por esse, que é verdadeiramente o maior guerreiro do nosso tempo.

— Tambem tendes por elle a adoração, quasi supersticiosa, que dizem que elle inspira?

— Tel-a-hieis vós se convivesseis com elle. Não ha mais grave e serio cavalleiro, mais honrado e leal. Assim é na paz. Na guerra não ha chefe mais previdente, nem mais heroico.

— Dizem que nunca foi vencido?

— Nunca! senhora. E, notae, que nunca combateu senão nas peores circumstancias, um contra dez. Esse foi quem collocou o Mestre no throno e quem o sustentará n'elle, emquanto viver.

— Está novo, ainda?

— Alquebrado, bastante, o corpo. O espirito porém é vivo ainda, como o de um rapaz, altivo e ousado.

— De modo que sem elle o Mestre nunca teria sido rei de Portugal?

— Nunca. Elle proprio o reconhece e tanto que se não farta de lhe accumular sobre a cabeça, titulos, honras, bens de toda a especie.

— Está rico.

— Riquissimo. Mais rico de que o proprio rei, talvez, porque não tem como elle tantos encargos.

— E, esse é um amigo certo, como sempre suppuz.

— Oh! esse, disse com convicção o conde, é amigo para a vida e para a morte.

— Voltae depressa, disse a rainha parando um instante e estendendo-lhe a mão. Sabeis que me honram continuamente com a sua visita os mais altos senhores. Não vos descuideis de os imitar.

— Não o esquecerei, disse o conde que tomara a mão da rainha e conservava estreitada na sua; se sois tão boa que me permittaes que volte...

— Exijo-vol-o, emendou a rainha com o seu mais amavel sorriso e deixando ficar intencionalmente a mão entre as do conde: somos amigos velhos e temos muito que conversar.

— Minha senhora, disse o conde curvando-se e beijando effusivamente a mão da rainha, sabeis que sou ainda o mesmo e que serei contente em vos prestar todo o favor de que me possaes encarregar.

— Não vos compromettaes, conde, disse a rainha apertando-lhe ternamente a mão, sabeis que os meus desejos são sempre graves, que sou difficil de contentar.

— Razão de mais para haver vontade em vos servir e orgulho de vos ter servido.

— Voltae breve, concluíu a rainha e sempre que quizerdes.

O conde, encantado, curvou-se, beijou-lhe novamente a mão e sahiu.

⁂

Leonor Telles ficou radiante depois da sahida de D. Pedro.

Parecia que uma alma nova a tinha invadido, tanta era a alegria que mostrava no rosto.

Não era decerto porque a vista do ex-amante a penhorasse tanto, nem tanto lhe agradasse ao coração, que uma funda impressão de prazer a excitava assim.

A rainha tivera o prazer, a que nenhuma mulher, por superior, pode furtar-se, de ver que a despeito do correr do tempo, os seus encantos não tinham perdido o valor antigo e que era ainda capaz de influir poderosamente no coração de um homem.

Esta não era, porem, a razão bastante.

Mais secretos pensamentos, mais intimas razões assim alegravam o rosto de Leonor Telles.

O plano que de ha muito acariciava, plano a que a morte do rei viera dar uma probabilidade maior, firmava-se com mais um poderoso auxiliar, uma nobre e valente espada, a de D. Pedro conde de Trastamara.

Receiava a rainha que assim não fosse e ao certificar-se de contrario a alma exultava-lhe.

Contente, mandou chamar a condessa.

CAPITULO CXXI

Nova côrte

Por coincidencia, de resto, vulgar no correr das coisas do mundo, Leonor Telles começava de novo a encontrar ao seu lado, a maior parte das personagens com quem se tinham passado as mais curiosas scenas da sua vida.

Encontrava-se ao lado da filha, da condessa de Mayorca, uma amiga dedicada e prestimosa.

Dos homens, cercavam-n'a D. Pedro de Trastamara, o irmão D. Affonso, o apaixonado de D. Beatriz e os mais importantes fidalgos hespanhoes d'aquelle tempo.

Dos portuguezes, além de dois ou tres fidalgos, os Vasques, os Cunhas, encontravam-se o infante D. João e um filho bastardo já homem, cheio de aspirações e de ambição insoffrida e o nosso D. Diniz, o de aventurosa e romantica vida.

Na dependencia do convento de la Mercêd, acotovelavam-se sahindo e entrando, excepto D. Diniz que não visitava Leonor Telles, todas estas personagens.

Pelo seu poder de attracção, Leonor Telles conseguira, a pouco e pouco, com rara sciencia, arte e galanteria, com seus finos dotes de mulher intelligente e bella, il-os captivando um a um.

Se em Valladolid a rainha tinha a sua côrte, ao lado do novo rei, essa côrte era tristonha e sem vida em comparação d'est'outra, pequena e buliçosa de Tordesillas, que Leonor Telles creara.

Como em todas as côrtes, logo que a vida se estabeleceu com mais intensidade, logo que mulheres e homens começaram a conviver em mais intimo viver a intriga desenvolveu-se rapidamente.

Leonor Telles começou a sentir-se no seu elemento.

Ella que não deixara de acariciar uma vingança no Mestre d'Aviz, ella que a começara a delinear ainda em vida do rei D. João, como já vimos pelas suas conversas meio veladas, tivera com a morte do rei uma alegria intima, enorme, que poude sabiamente occultar.

Essa morte viera facilitar-lhe os planos, tornal-os de uma facil execução perante os recursos do seu poderoso genio inventivo em estrategias de guerra.

O primeiro cuidado que tivera fôra o de captivar novamente as boas graças da filha.

Por sympathia natural, o novo principe affeiçoara-se lhe.

Os Medina Coeli, os Velasquez, os Gusman tinham pouco a pouco vindo para ella attrahidos pelo seu poder de captivar.

D. Pedro, o altivo e ambicioso arcebispo de Sevilha, quasi o rei, n'esse momento, porque era o fidalgo de mais valor do conselho da regencia, valente e ousado, não era o menos captivado pelos seus dons e graças.

Não era só o não menos captivado, era, até, o mais prezo.

Encontrara-se, pela primeira vez, com Leonor Telles nos aposentos da rainha D. Beatriz e áquella não escapou a impressão produzida no arcebispo.

Era um bello homem no pleno vigor da edade e dos desejos.

Leonor Telles encheu-o de louvores; agradeceu-lhe o ter tão nobremente feito face á multidão que queria invadir o palacio, n'aquelle celebre dia em que se recebera em Tolêdo a nova da derrota de Aljubarrôta e com a maior amabilidade convidou-o para o seu retiro, onde teria sempre o maior prazer em conversal-o.

O arcebispo não se fez rogar.

A principio começou a interessal-o a intelligencia e o fino espirito d'aquella mulher, já celebre, que discutia com elle com rara sciencia politica e um alto espirito de observação e de critica.

Mais tarde, a mulher começou a interessal-o ainda mais pelo estranho encanto do convivio e este interesse começou a multiplicar-se, a engrandecer, ante a contemplação dos dotes physicos.

N'esse tempo, os arcebispos não eram só homens da egreja; muitas vezes eram, mesmo, o que eram menos.

D. Pedro, fidalgo da melhor raça, filho de uma das mais nobres e poderosas familias de Portugal, homem de salão e homem de guerra, começou a sentir-se prezo pelos encantos de Leonor Telles.

Ainda a vaidade de subjugar a afamada rainha concorria para o fazer começar a ameudar as visitas, que em breve se tornaram quasi diarias.

O que é certo é que o altivo arcebispo, começava a acreditar que Leonor Telles o distinguia de uma fórma particular e n'essa crença foi elle deixando, mais e mais prender nos encantos da sereia, nos artificios engenhosos da sua galanteria, d'ella, tão falsa como bem simulada.

Por aquelle tempo, pois, um anno depois da morte do rei D. João, cahido do cavallo, a rainha Leonor tinha na mão o governo da regencia em Castella, pois que dirigia a seu modo e vontade o primeiro dos conselheiros o muito nobre e alto arcebispo de Toledo D. Pedro Tenorio.

O novo rei divertia-se a caçar.

Os cortezãos tinham mesmo o cuidado de o desviar das coisas do governo, para melhor exercerem o seu poder e se locupletarem com bens e honras.

A mãe, ou melhor dizendo madrasta, a rainha D. Beatriz que tinha pelo enteado, muito do affecto que dedicava ao pae e marido, era de natural bondoso e terno, mais apto para lhe incutir sentimentos doces e affectivos.

Todavia o principe e futuro rei, se por um lado se ressentia, por bondosos sentimentos da educação da mãe adoptiva, por outro, revelava uma grande força de vontade, energia e valor.

Estava, porém, ainda muito novo e as distracções proprias da edade afastavam-n'o de pensar, seriamente, nas questões politicas do paiz.

De resto, confiava, plenamente, na auctoridade e dotes do seu conselho e descançava n'elle.

Assim, Leonor Telles, das pessoas a quem, por dever de logar, competiria olharem pelos negocios de Castella era a unica que com elles se importava.

Não por Castella, é claro, mas por Portugal.

O Mestre d'Aviz, o rei, continuava a ser o seu pesadêlo.

Nunca lhe passara a sêde de vingança e essa vontade que a fizera erguer de novo para a vida, d'uma crise tremenda de aborrecimento e de desconforto, avigorava-se, energicamente, com a morte do rei.

Todos os planos parciaes que na mente creara, que abandonara para se desdobrarem em outros, planos formados com dedicações mais que problematicas, de portuguezes, as circumstancias encarregavam-se de fundir em um unico, alto, de certo arrojado, mas facil para a sua confiança, a sua ousadia e os seus dotes singulares.

Qual era o plano?

Dominar Castella como dominara Portugal.

N'esse tempo, em que os paizes estavam na mão de meia duzia de fidalgos ricos e poderosos, que aos proprios reis impunham as suas vontades, dominar aquelles era governar.

Assim Leonor Telles começou a chamar ao seu convivio os grandes; e como o maior era então D. Pedro o arcebispo de Toledo, pelo saber e auctoridade, esse foi o primeiro a seduzir.

Já vimos como o conseguiu.

Os mestres das ordens militares, esses não teriam mais do que obedecer ás ordens do conselho e portanto não era de absoluta necessidade o tel-os sob a mão.

Todavia a todos os que se abeiravam d'ella deixava encantados pelo seu bello espirito e desejosos pelo seu bello corpo.

Chegara o Trastamara como vimos, e vimos tambem como fazendo-o chegar até ella, de novo o captivou e prendeu, nos desejos acordados de um grande amor mal succedido.

D. Beatriz fôra encarregada de trazer novamente ao bom caminho o despeitado D. Affonso, o irmão do Trastamara, o apaixonado de Santarem.

Emfim, de toda a nobreza que mais ou menos vivia perto da côrte em Valladolid ou em Tordesillas, apenas um faltava, com quem Leonor Telles, não podia ainda contar.

Esse era D. Diniz.

Resistira a todos os convites do irmão para o acompanhar junto de Leonor Telles.

Era um resto de pudor pelos insultos que lhe arrojara á cara, no dia do casamento.

Era ainda a certeza de que no coração d'essa mulher elle não tinha, nem poderia ter, nunca, uma parcella d'affecto.

Não lhe conhecesse elle a vida inteira, dia a dia, para poder acreditar que perdoava uma creatura como Leonor Telles.

Por isso se tinha escusado sempre a visital-a no convento de la Mercêd e seria difficil, que lá tivesse ido se um laço habilmente armado o não tivesse collocado frente a frente com a rainha.

* * *

D. Beatriz, a condessa de Mayorca, montara casa propria fóra do convento.

Fôra isto para servir os planos de Leonor.

Por mais liberdade que houvesse no convento, nunca seria possivel transformar os aposentos das duas, em salão de côrte.

Leonor Telles necessitava de um logar neutro, onde se reunissem em liberdade fidalgos e damas, onde a vida pudesse circular, sem peias e sem entravos.

Assim, a condessa foi viver para a cidade e a sua casa, onde Leonor Telles ia quasi todos os dias, começou a ser o ponto de reunião de todos os moços fidalgos, de todos os aventureiros.

Os saráus e as festas começaram a ameudar-se, o que não é o menor attractivo para cortezãos e em breve a linda Beatriz começou a ter uma côrte de admiradores e de pretendentes que o seu estado de viuva rica e bella justificava.

Como se comprehende, a alma occulta de tudo isto era Leonor Telles.

A condessa tinha o cuidado de sondar todas as conversas, de reter todos os dictos, de sondar ambições, de conhecer emfim, todos os caracteres dos seus frequentadores.

Leonor Telles, quando não estava, sabia, palavra por palavra, o que se fazia e dizia.

Poder-se-hia comparar a casa de D. Beatriz a um confessionario, onde viessem ingenuamente dizer seus peccados de ambição e de vaidade os gentis fidalgos, as nobres damas e os poderosos senhores.

D. Beatriz começou a reinar em Tordesillas como a mais distincta das fidalgas.

Começou a abrir os salões em longos e interminaveis saráus e como não podia deixar de acontecer pelos costumes da epocha e em tempo de paz, decretaram-se caçadas.

◆

CAPITULO CXXII

Caçada real

Uma das mais bellas caçadas que se fizeram então foi a que se realizou em honra do rei.

Viera elle, do Barreiro a Valladolid.

Sabendo-o grande apreciador de montarias, Leonor Telles disse á condessa:

— De ha muito não fallo a el-rei e preciso fazel-o.

— Talvez nos visite.

— E' incerto.

— Como se poderá conseguir?

— Uma caçada.

— Mas...

— Depois o saráu. Irei ao saráu.

Uma caçada era, n'aquelle tempo, um animado e pittoresco divertimento, em Hespanha. Nos paços dos reis era grandioso.

Um episodio do Cid, contado por Zorilla, dar-nos-ha a ideia, do movimento do interesse, da grandeza cavalheiresca do divertimento, pelo começar.

....

Pela seguinte manhã,
Quando a fraca luz do sol,
Tremulo, apenas doirava
As janellas do palacio,
Esperavam, já, no pateo
Monteiros e caçadores,
Com os cães em suas trellas,
E os falcões sobre os piozes.

Rincham escarvando os cavallos
Amarrados pelos postes;
Os cães esticam as cordas

E correias das colleiras.
Chilream, sob os capuzes,
Que os cegam, cheios de raiva,
Os Açôres e os Nebris.

Os podengos de D. Sancho,
Os galgos finos e longos
Dos infantes, andam, soltos,
Pela regia imunidade,
Ostentando os seus brazões
Sobre as capas e levando,
Aos outros, furia e desordem:

Ainda mesmo ás pessoas;
Mas nenhuma se amofina,
Porque as gentes que rodeiam
As côrtes, paços e reis
Adulam até as bestas
Para agradar aos senhores!

Pagens vem e pagens vão,
Mordomos, moços, monteiros
Batedores, palafreneiros
Sahindo, entrando, em roldão.

A's costas de homens robustos
Passam canastras de viveres;
Outros conduzem aos hombros
Bojudos potes de vinho,
Luzentes, pelo vidrado
De varias côres que os envolvem.

Entre os que vem e os que vão,
Reina a maior algazarra:
Uns advertem com vozes,
Outros com gestos amaveis,
No meio da maior luta,
De encontros e tropeções.

Galeria, e escadaria
Tudo está cheio de damas,
De ricos homens, sentados,
De pé, fallando ruidosos.

Alli se veem soldados,
D'outro lado pagens novos,

De cabelleiras luzentes
Conversando alegremente,
Em grupos, muito animados.

Ha um tumulto de vozes
Que só a alegria causa;
Uns contam feitos de caça
Já passados; outros dizem
O que hão-de fazer no dia,
De arrojado ou perigoso.

N'isto, ao fundo, abre-se a sala
E o porteiro, ou o rei d'armas
Grita na porta: «Eis «el-rei»!
Todos ficaram calados.
Fez-se um silencio profundo.

Appareceu logo el-rei,
Vestido o mais ricamente.
Radiava uma alegria
Enorme em todos os rostos.

Atraz vieram os filhos
Com os rostos juvenis,
Como rosas orvalhadas
Pelo rocío da aurora.

El-rei mostrava-se armado
Com um temido virote,
Que manejava sorrindo
E conversando com todos
Com a maior cortezia.

Os principes levavam
Lindos estoques, gravados,
Feitos na grande armaria
De Tolêdo... maravilhas.

Appareceram atraz
Dos irmãos, lindas formosas
As duas bellas infantas
Airosamente vestidas.

Traziam, postos nos pulsos,
Os seus falcões favoritos,
Que empinavam cabeças
Ornadas de plumas altas.

Soaram pelo ambiente
Acclamações delirantes;
El-rei, os filhos, as filhas,
Rostos alegres, felizes,
Desceram para montarem.
Nos cavallos, relinchantes
Sob doirados telizes.

Pozeram-se em movimento
Pagens, trellas, batedores,
Monteiros e caçadores
El-rei, á frente, trotava.

Quando sahiam o pateo
Ouviram-se immensos brados:
A comitiva saudava
O seu rei, que muito amava
Os filhos, bellos infantes.

Agora, o mais, a caçada
Só, por meudo contada.

Pelo animado e caracteristico dos preparativos, pode julgar-se do que seriam, n'esse tempo, as caçadas das côrtes.

Sabemos que este divertimento galante foi sempre o favorito dos nobres e que permaneceu ainda em todo o esplendor, até á queda das monarchias absolutas.

Hoje, as caçadas, restos dos opulentos passatempos medievaes, mal remedam a antiga grandeza.

Paizes ha, onde ricos fidalgos de antigas casas conservam ainda a tradição, sustentando numerosas matilhas de cães proprios para a caça e dando, no verão, uma ou outra caçada, nos seus castellos.

Mas o divertimento é mais uma exigencia do luxo do que uma necessidade de vicio e se prima pela galanteria e pela distincção, falta-lhe em paga o interesse, a sinceridade, o furor das antigas eras.

E' um ponto de reunião, uma maneira de mostrar cavallos de preço, de ostentar riquezas; não é um prazer, é um pretexto.

Os reis de Portugal, como os de todas as nações, foram dados á caça nos tempos a que chamamos barbaros.

Porque o caçar não tinha só o prestigio de ser muitas vezes um perigo, de exigir dotes de cavalleiro e esforços physicos, mas era sobretudo a gymnastica e a esgrima d'esse tempo, o exercicio que adextrava os corpos e preparava os guerreiros.

Em Castella, as caçadas reaes tiveram a sua epocha de maximo esplendor e foram sempre um dos grandes divertimentos dos ocios dos reis.

Descrever a caçada seria prolixo e banal, a não inventar peripecias, que por demasiado conhecidas se tornam pueris.

O que se calcula é que alguns javalis foram mortos pelas lanças de atrevidos cavalleiros, que muitas aves foram perseguidas e agarradas pelos falcões, que dezenas de lebres corridas pelos galgos, pagaram com a vida os esforços de interminaveis canceiras.

Nos intervallos, á sombra de carvalheiros annosos, de rugosos e seculares sobreiros, damas e fidalgos sentados pelo chão, encostados aos troncos, reclinados nos cómoros, comeram, com vontade, os assados e os dôces fornecidos pelos conventos, beberam os generosos vinhos e fallaram de amor.

◆

CAPITULO CXXIII

Amor velho

A' volta, os pares que mais interesse tinham em caminharem perto tiveram modo de se juntar, por essa casualidade que colloca sempre os namorados uns juntos dos outros.

Assim a brilhante cavalgada, aos magotes, aos pequenos grupos, a dois ou a um, conforme os caminhos o permittiam, voltava para Tordesillas alegre e satisfeita.

D'alguns precisamos de conhecer as conversas; comecemos pela de D. Affonso, o apaixonado antigo da condessa Beatriz, que a ladeia garbosamente, domando o incançavel baio.

De ha muito que D. Affonso, preso novamente pelos encantos da gentil viuva, desejára encontrar-se com ella, a sós.

Em casa não tinha sido possivel.

D. Beatriz conhecia bem que D. Affonso de novo se sentia preso a ella.

Denunciavam-lh'o as palavras, as acções, o olhar, que não podia mentir.

Não via ella com bom modo, com agrado mesmo, o renascer d'um velho amor, no sympathico rapaz?

Se o via, não lhe conviria prendel-o, novamente, á sua vida?

De mais o percebera; mas como habil e conhecedora dos homens, boa discipula da eminente mestra, tambem não ignorava que o deixar-se requestar, fingir não perceber, prolongar a difficuldade de uma nova declaração, tudo isso irritaria o espirito inquieto do moço fidalgo e mais o prenderia a ella.

De mais, á roda d'ella, agitava-se um numero alto de pretendentes, de apaixonados.

Uns por verdadeira sympathia, outros por interesse, accumulavam-n'a de delicadezas, de cortejos, de galanterias.

Como boa entendedora, a nenhum melindrava com menos attenções, a nenhum excluia dos seus bons modos, da sua captivante palavra

A todos, por egual, dava esperanças, a todos recebia com aquelles modos, tão cortezes e tão distinctos, que com Leonor aprendera, na côrte do rei Fernando.

N'aquelle dia porém, ou fosse calculo, ou fosse acaso, mas é mais razoavel suppôr que fosse calculo, n'uma das voltas do caminho, a mula em que a condessa montava encontrou se ao lado do cavallo de D. Affonso.

E, como se encontrassem, a condessa com o seu melhor sorriso perguntou:

— Ides satisfeito com a caçada?

— Muito.

— O que matastes?

— Nada. Fui infeliz; nenhum javali teve a delicadeza de me vir ao encontro. E, vós?

— O meu falcão estava hoje muito pachorrento.

— Não apanhou nenhuma ave?

— Muitas; sobretudo garças.

— Quantas?

— Doze; além de innumeros patos e rôlas.

— E, dizeis que estava pouco activo?

— Sim, replicou a condessa, porque não foi o que mais caçou.

— Qual foi o heroe do dia?

— O da marqueza de Villalva.

— Foi elle então quem teve as honras da tarde?

— Pertencem-lhe.

— E... dos homens?

— Perguntais-me a mim? disse a condessa sorrindo; mas aonde é que andaveis, na caçada?

— Affastei me um pouco a seguir um pôro e quando voltei começava-se o jantar.

— Mas ao jantar não se conversou n'outra coisa, accrescentou ainda com um fino sorriso a condessa... aonde estaveis ao jantar?

— A olhar-vos; disse D. Affonso, com resolução.

— A olhar para mim?

— Para vós.

— E de tal modo olhaveis que nada ouvieis?

— Assim foi.

Calaram-se ambos.

O momento era, realmente, solemne.

Se quizermos relembrar, todas as relações, entre os dois, desde os seus primeiros encantos, em Santarem, até ao desfecho dramatico da conspiração, á fuga; se nos lembrarmos da surpreza para D. Affonso, com o casamento da condessa com o Mayorca, os seus ciumes provaveis, a sua desillusão, comprehenderemos, que o instante em que os dois, passados longos mezes, se encontravam, sem nunca terem tido occasião de falar d'essas coisas, era um pouco critico para ambos.

Como a condessa persistisse n'um silencio teimoso, D. Affonso que não queria perder occasião tão propria, que não seria facil reachar, falou:

— Admirastes-vos do meu olhar?

— Olhar tão extranho que nos afíasta do mundo a ponto de nada ouvir, é para admirar.

Isto foi dito com a mais bem fingida simplicidade que pode haver no mundo.

— D. Beatriz, disse D. Affonso, com uma voz sentida, quereis entender-me?

— Que quereis dizer?

— Pergunto-vos se me quereis entender, ou se o não quereis. Se o não quereis é inutil falar-vos. Poupar-me-heis um trabalho e um desgosto.

— Falai D. Affonso, replicou ella, com o mais vivo interesse na voz. Porque não haveis de falar? Sabeis quanto vos estimo e vos aprecio. Mal de mim se pudesseis imaginar que eu seria capaz de vos causar um desgosto, voluntariamente.

— Perdoae-me, volveu elle. Não seria o primeiro e como isso me lembra ainda, acautelava-me.

D. Beatriz não respondeu e D. Affonso continuou:

— Se quizesseis pensar um instante, não vos causaria espanto o poder que exerce sobre mim, o ouvir-vos. Se vos lembrardes que fostes a primeira mulher que amei, perceberieis facilmente, que esse amor que tantas vezes e tão sinceramente vos jurei não pode ter acabado, porque as circumstancias me desviaram e affastaram de vós.

D. Beatriz ouvia em silencio.

— Se não acabou, é elle que faz com que na vossa presença a minha cabeça se encha de recordações de saudade e a minha imaginação phantasie coisas para o futuro.

Sabeis que sois bella, distincta; todos vol-o dizem, todos em volta de vós se apressam em vol-o fazer sentir.

Que extraordinario é pois que eu, que fui o primeiro a sentir toda a força dos vossos encantos, me sinta ainda hoje preso a elles como então?

Não achaes que é natural?

A condessa não respondeu ainda d'esta vez.

D. Affonso continuou:

— O vosso silencio prova-me que me daes razão. Que muito vos amei não o podeis duvidar, não é assim?

E, como a condessa ainda não respondesse D. Affonso, interpelou-a:

— Respondei-me, senhora.

— Quem o poderia duvidar, D. Affonso?

— Ninguem, não é assim?

— Não eu.

— Amei-vos e tanto que não hesitei um instante em arriscar por vós, pela vossa ama e senhora, a vosso pedido, toda a minha posição, a minha vida, até.

— Ainda, hoje, vol-o agradeço, interrompeu a condessa.

— Nada tendes que me agradecer, replicou D. Affonso; nada tendes que me ser grata por isso. O que fiz, fil-o do coração e a mim tanto como a vós me agradava o fazel-o.

— A vós menos...

— O agradar-vos, executar as vossas ordens, ou satisfazer o vosso menor capricho, era para mim, n'esses dias, a felicidade.

— Foste sempre generoso...

— Não vos digo isto para me valer a vossos olhos; é porque me apraz relembrar os dias em que fui feliz e em que devi uma felicidade, que não mais encontrei, ao vosso amor.

— Apraz-me que os recordeis tambem, D. Affonso, disse D. Beatriz, ou antes agrada-me recordal-os comvosco.

Não acreditaes que eu sinto prazer na evocação dos primeiros tempos em que vos vi, em que nos conhecemos e em que eu pude conhecer todo o vosso valor e lealdade?

— Imagino que não tendes razão para vos desgostardes com taes lembranças.

— Nenhuma, antes motivo para me alegrar.

— Todavia, accrescentou D. Affonso, não fui eu quem...

A condessa interrompeu bruscamente:

— Não continueis. Ides fazer-me culpada de um esquecimento que não tive.

— Não me esquecestes?

— Nunca. Simplesmente, razões mais fortes me obrigaram a casar.

— Quaes razões?

— Deixae que as guarde para mim.

— Deviam ter sido fortes, porque conhecieis bem o quanto vos estimava e o quanto me havia de magoar, o saber-vos casada com outro.

— Se não fossem de ordem superior á minha vontade, eu não as teria attendido, naturalmente.

— Quem poderia mandar na vossa vontade?

A condessa, desviando a conversa, proseguiu:

— A prova de que vos não esqueci, de que sempre continuei a distinguir-vos com a minha amizade, entre todos...

— Qual foi, perguntou D. Affonso interessado.

— Qual foi? Mas estaes a vel a: é que vos escuto n'este momento, a vós; que vos tenho ouvido complacentemente; que vos tenho permittido, como se estivesseis ainda n'aquelle tempo, e eu tambem, e fossemos novos como eramos então, as vossas palavras, que são, no fundo, uma declaração de amor.

— Que mal ha n'isso, se ellas são sinceras?

— Quem vos diz que ha mal?

— Então?

— Mas ha muitas coisas que não teem nem fazem mal, mas que se não querem ouvir, nem ouvem, simplesmente por que nos não agrada ouvil-as.

— Agradeço-vos a permissão, disse D. Affonso.

— Não tendes que agradecer-m'a, replicou-lhe seriamente a condessa; desejo apenas que a noteis e que a leveis á conta dos meus sentimentos para comvosco.

D. Affonso, rejubilou-se intimamente com esta phrase, que a habil condessa soube, com rara mestria e doce voz, fazer-lhe chegar aos ouvidos.

— Posso então continuar? perguntou o enamorado rapaz.

— Podeis, volveu-lhe, com o mais amavel sorriso a encantadora mulher.

D. Affonso continuou:

— Se tendes percebido e acreditaes que são phrases de amor as que vos tenho dito, eu posso fazer-vos uma pergunta.

Olhou-a; a condessa nada disse.

— Posso fazer? repetiu D. Affonso.

— Quantas quizerdes, respondeu, sorrindo, a condessa.

— N'esse caso, peço a permissão de vos perguntar o que julgaes que eu deva pensar?

— A que respeito?

— A respeito do vosso consentimento em me ouvirdes taes palavras.

— Que sou attenciosa para comvosco, quanto o mereceis.

— E' apenas a delicadeza que vos leva a ouvir-me?

— Que mais querieis que fosse?

— Ouvides-me pois, como ouvirieis outro qualquer que vos falasse como eu vos tenho falado?

— Quem vos disse tal?

— Se o não contestaes.

A condessa, ergueu-se mais gentilmente sobre a cella ampla e olhando-o de frente, com um riso finamente ironico á flor dos labios, respondeu-lhe:

— Quereis então que vos diga que só a ouvir-vos tenho prazer, que nenhum outro homem eu poderia escutar com encanto senão a vós...

— Não, não, interrompeu, rapidamente, D. Affonso.

— Então? concluiu D. Beatriz.

— Dissestes-me, porem, que só a delicadeza vos levava a escutar-me.

— Tal não disse.

— Pareceu-me.

— Não; perguntastes-me se apenas vos ouvia por delicadeza e eu disse-vos:

Achaes pouco?

— Conclui... eu...

— Muito mal, porque o ser alguma coisa a só delicadeza não quer dizer que seja tudo.

— Se, porem, apenas por delicadeza me ouvisseis, o que levarieis da nossa conversa, depois d'ella acabada?

— E quem vos disse que só por delicadeza vos escuto? disse suavemente a condessa para levar ao espirito excitado de D. Affonso um pouco d'essa illusão dulcissima de se ser amado.

Quem vol-o disse?

— Era para mim tão agradavel o suppôr que mais alguma coisa seria, que por vos ouvir essas palavras tenho insistido, talvez de mais.

— Se vos era agradavel ouvil-as, folgo por vos ter proporcionado uns momentos de agrado.

— Que não serão os ultimos?

A condessa não respondeu.

Parecia meditar, pensar em coisas de ha muito passadas, ou entregue a calculos de acontecimentos futuros.

— Não me ouvistes, minha senhora? perguntou de novo D. Affonso.

— Ouvi, D. Affonso.

— Em que pensaveis então tão fortemente, que me não respondestes?

— Nem sei em quê.

Muitas coisas ao mesmo tempo.

— No passado ou no futuro?

— Em ambos, talvez.

— N'esse passado poderei eu ter entrado.

Entrarei no futuro?

A condessa riu-se e respondeu:

—Sois muito curioso, D. Affonso.

— Senhora quem não será curioso, quem o não é, em saber a sua sina?

— Imaginaes que vol-a possa ler?

— Mais do que isso.

— Como?

— Podeis decretal-a.

— Que extraordinario poder me collocaes nas mãos!

— Duvidaes, condessa, de que n'ella esteja, como já esteve uma vez, toda a minha felicidade futura? que os meus sonhos de ventura estejam novamente presos a vós, como estiveram; tão fortemente ligados como d'antes?

— Vejo-me obrigada a acredital-o porque m'o affirmaes, D. Affonso, mas afianço-vos, que o não suspeitava, sequer.

— Não o tinheis percebido, ainda?

— Que me estimaveis, sim; que os vossos sentimentos tinham, a meu respeito, tal intensidade, não.

O tempo tudo gasta!

— Tudo não.

Tudo o que é falso, fingido, imaginado, sim: tudo o que é sincero, intimo, da alma, como foi o amor que vos tive, não.

Porque o não pensaveis?

Nunca vos passou pela idéa o meu soffrimento com a vossa perda?

Porque não havieis de suppôr que elle fosse immenso, se immenso era o amor que vos tinha e que tão depressa desprezastes?

— Despresei, não; D. Affonso.

Que novas tive vossas?

Onde ereis?

O que fazieis?

Acaso m'o fizestes saber?

Quem me assegurava a persistencia do vosso amor?

— Devieis acredital-a, porque sabieis bem que força maior, a de fugir á morte certa, me separára de vós.

— Vós ereis facilmente impressionavel — prova o o rapido amor que por mim sentistes — ; quem me garantiria que uma outra mulher, mais valiosa, mais bem collocada do que eu, não arrastaria, não vos levaria, pelos seus dotes, pela sua fortuna ainda, a amal-a, a querel-a, a desposal-a?

A condessa quando falou de fortuna, olhou em face D. Affonso.

Nem uma contracção exprimiu o seu rosto.

Na sua sinceridade d'aquella hora, immerso já na nuvem de encanto que espalhava em torno de si a formosa condessa, D. Affonso, não percebeu, nem poderia perceber o que podia haver de indagador ou de cruel na phrase de Beatriz.

Como mulher habil, intelligente e creada no galanteio, conhecendo muito bem os homens, a condessa quiz ver que effeito produziria no animo de D. Affonso, o ella podel-o suppôr attrahido pela riqueza de uma mulher.

A setta envenenada resvalou, porem, na coiraça do encantamento, perturbador do sereno raciocinio, em que o moço fidalgo era envolvido, ao ladear a mulher que fôra o seu primeiro amor, e ainda o ultimo, porque mais nenhum outro se conhecera a D. Affonso.

O tempo já decorrido d'aquelle passeio, subindo oiteiros, atravessando valles cobertos de arvoredo, já ladeando-se em caminhos largos, já enfileirando-se em corrêgos, marcha cheia de pequenas peripecias; de conselhos, de avisos sobre o andar, sobre o voltar, á direita, á esquerda, pequenos nadas que são como élos successivos d'essa cadeia invisivel do desejo; o som da voz dôcemente timbrada, a luz dos olhos tanta vez consultados, tudo isso decorrendo no meio poetico do entardecer, luz para os sonhos, luz para os idylios, tirava da existencia vulgar o nobre D. Affonso e levava-o na inconsciencia dos sonhadores, n'um mundo áparte para feito de indeterminadas sensações amorosas, de felicidades, de chimeras.

Quando a condessa falara de riqueza, o seu espirito voando nas azas de uma esperança que se avigorava, não podia já descortinar, um sentido ou uma intenção reservada em qualquer phrase.

* * *

CAPITULO CXXIV

Recordações e voto

Por isso o seu rosto permaneceu sereno e alegre.

A condessa concluiu e muito bem, que tinha ao seu lado um verdadeiro apaixonado.

Viu reproduzir-se, reviver junto a si, o mesmo nobre e generoso rapaz que dois annos antes estivera a ponto de levar á morte.

Olhando-o melhor, reconheceu lhe a mesma lealdade no olhar, o mesmo porte cavalheirôso e altivo e viu-o bem no intimo, bem na alma, como se esta estivesse mettida n'uma redoma transparente.

Poderia de novo contar com elle.

Era o mesmo caracter, o mesmo espirito, o mesmo coração decidido.

Esse coração mandaria o braço. Com esse braço podia ella contar de novo, como d'antes.

Então pela alma da condessa passou o quer que fosse como uma nuvem de sympathia, alguma coisa d'esse vibrar de amoroso carinho, que é ás vezes, nas mulheres, o germen tão activo das grandes acções.

Sentiu que tornaria a amal-o.

Porque não? Era novo, nobre, gentil, cavalheirôso e amava-a.

Não o amára ella já, afinal? Durante o seu fingido amor por elle, durante a artificiosa lucta com que o enredara, lucta de mulher sagaz e formosa, sabedora do mundo, contra um ingenuo e leal rapaz, não sentira ella, por vezes, a impressão organica de um carinho intimo?

Consultando-se, bem no intimo, não o podia negar.

Chegara a amal-o. Amal-o? a querer-lhe muito, a sentir o enlevo das suas phrases, a perturbação no seu contacto casual, o tremor fino que as mãos que se cerram dão aos corpos que se attrahem.

Não fora um verdadeiro amor, porque o pudera esquecer facilmente e entregar-se, casar com outro.

Isso proviera lhe da educação ao lado de Leonor Telles.

A mestra ensinara-lhe como se desprezavam os homens e como uma mulher, a valer, se pode servir d'elles em todas as situações da sua vida e para todos os fins.

Sem querer, sem saber, o contacto intimo com uma mulher, que demais a estimava excepcionalmente, dessorara-lhe o coração um pouco.

O que porem não tem duvida é que, na altura do dialogo que temos seguido, um movimento de ternura volteou o coração da formosa Beatriz, da reputada condessa e por isso, aproximando mais a mula do cavallo do parceiro, perguntou, com uma voz mais dôce do que o costume e em que uma ligeira vibração demorada imprimiu uma significação affectuosa:

— Sois, então, ainda tão meu amigo como d'antes?

A' pergunta que o maravilhava D. Affonso respondeu, com um fogo intimo:

— Tanto como d'antes, senhora, porque não é possivel querer-vos mais.

Meditativa, a condessa ficou longo tempo calada.

D. Affonso seguia-a envolvendo-a com o olhar e procurando adivinhar em que pensamentos iria immersa aquella deliciosa cabeça, cheia de graça e de altivez, onde á falta de uma corôa que elle pudesse pôr-lhe, encheria de beijos loucos.

Passados momentos a condessa sopeando um pouco a mula, como em consequencia do que estivesse pensando, voltou-se para D. Affonso, dizendo:

— Sabeis que acabastes de proferir phrase compromettedora?

— Porquê, minha senhora?

— Affirmastes que tanto como d'antes me estimaveis.

— O que quer dizer...

— O que quer dizer, que vos collocastes na obrigação de m'o provar se um dia exigir de vós uma prova.

— E então?

— Não recuaes ante a responsabilidade?

— Sabeis que não sou muito facil em recuar.

— Conforme a exigencia.

— Não poderá ser maior, do que a primeira que me d'estes a honra de executar por vós.

— Todavia...

D. Affonso interrompeu, rapidamente:

— Não a discutamos, senhora; seja qual fôr, a mais inverosimil ou a mais arriscada, a mais alta ou a mais humilde, não tendes senão de dizer-m'a.

Era tão nobre a attitude de D. Affonso, tão leal o seu fallar; sentia-se tão verdadeira a sua palavra, tão vivo e tão expressivo o seu contentamento, que D. Beatriz não poude conter-se que lhe não dissesse:

— Sois um generoso coração, D. Affonso.

E, de novo aquella ideia de o poder amar lhe veio á cabeça, como uma pergunta que ella fizesse ao coração.

— Sou o que sempre fui, minha senhora, replicou o brioso rapaz. Daeme o prazer de acreditar que não é de agora que o sabeis.

— Não vos conhecia, porem, tão bem, D. Affonso, replicou D. Beatriz, com uma voz firme e suggestiva.

— Porque o conheceis, agora?

— Porque o melhor meio de conhecer as pessoas é o da adversidade. Não tendes sido feliz.

— Não, não...

— Não o fostes commigo, com mágua o penso. Fui mesmo, quero crer, quem vos maguou mais na vossa vida e é a mim que offereceis com tal generosidade os vossos serviços e a vossa dedicação.

— E a quem poderia offerecel-a senão a vós. Imaginaes que todas as mulheres, condessas ou servas, me poderiam enfeudar, com a facilidade com que o faço a vós, com o prazer intimo que sinto ao fazel-o, a minha espada e a minha vida?

A condessa calou-se.

D. Affonso, depois de leve pausa, continuou:

— Pouco valor tem o que faço. E' para meu bem; para a minha satisfação propria, porque a vossa felicidade é para mim mais cara de que a minha propria.

D. Beatriz, continuou elle passado um momento, não quero dizer-vos, para vos não maguar, os tormentos que passei quando soube que tinheis casado.

Poucos dias depois, se estaes lembrada, eu arrisquei tudo para entrar no arraial onde estaveis.

— Quanto me admirou o vêr-vos.

— D. João perdoou-nos a mim e a meu irmão é certo; mas pelo caracter do rei, tal perdão era ainda perigoso, se não ao longe ao perto, com certeza.

Pouco receioso, ou medroso de perigos, logo que D. João chegou parti para Lisboa: para o cêrco de Lisboa. Queria vêr-vos, fôsse como fôsse.

A principio imaginei uma vingança, não contra vós, mas contra o homem que era vosso marido.

— Pudestes pensar em tal?

— Em que não pensa um louco? Vi-vos, porem, n'um dia proximo da minha chegada. Ieis de passeio, bella, formosa, como sempre, e ao vosso lado ia vosso marido.

Não sei o que senti n'esse primeiro encontro.

Sei, porem, que me afastei e escondi atraz de um vallado.

Presentia que faria uma loucura, ou diria qualquer coisa de grave que vos magoaria.

Um sentimento opposto, de mágua intima, de saudade, de dôr, de prudencia, me assaltou quasi a provocar-me as lagrimas!

Quedei-me silencioso e quieto e vós passastes.

Não havia alegria no vosso rosto.

Não tinheis o ar de esposa, feliz, alegre, jubilosa do seu novo amor, ao lado do homem amado.

Ieis, graciosa sim, mas serena, como uma irmã que passeia com o irmão, ou uma filha com o pae.

Parece que isto, verdade ou illusão, me acalmou o ciume um pouco e me deixou pensar que eu não tinha direito algum a incommodar-vos no vosso novo estado.

Se o tinheis querido, que tinha eu que ver com a vossa vontade livre?

Ereis feliz, talvez, assim: que direito tinha eu em ir intrometter-me na vossa vida?

Não a tinheis vós separado, voluntariamente, da minha?

Uma grande dôr me tomava o peito; mas affiz-me á idéa de que não seria vosso amigo tanto como eu queria ser, era e tinha orgulho em ser, se vos affligisse por qualquer modo, se fosse levar á vossa tranquillidade um motivo de alarme e de desgosto.

Por uma clara excitação nervosa D. Affonso falava com rapidez, com um calor extranho, com um cunho de verdade em todas as palavras, em todas as affirmações que ellas exprimiam.

A condessa sentia-se invadir por uma ternura extranha, por uma suave e cariciosa dôr, mixto de vago remorso, de lisonjeado amor proprio que as mulheres não podem abstrahir nas suas maiores alegrias ou nas suas mais crueis dôres.

Encantava-se e ouvia.

Era ella a causa d'aquelle soffrer! a heroina d'aquella paixão! que mais poderia ser preciso para prender, ao menos por horas, o coração de uma mulher?

D. Affonso continuava:

— Affiz-me á idéa de vos ter perdido e assentei ao mesmo tempo ser digno da minha pena.

Não seria por mim que vos viesse, no mundo, o menor mal.

Como não teria a coragem de lhe falar serenamente, resolvi, fazer por nunca vos encontrar.

— E assim foi; interrompeu a condessa.

— Durante os mezes que ainda fizemos cêrco, a condessa deve lembrar-se que apenas uma vez a cortejei quando passeiava a cavallo, nas margens do Tejo.

— Recordo-me muito bem.

Foi no dia em que pelejaram umas galés...

Foi n'esse dia.

— Por signal, continuou a condessa, que disseram que tinha feito loucuras, no combate.

— Loucuras? talvez.

Eu procurava distrahir-me: combater é uma distracção para um homem que tem esse officio.

— Podia ser-vos fatal.

— O que? morrer?

— Não achaes?

— Hoje? talvez.

N'aquelles dias? não.

Que me importava o morrer?

Juro-vos que não estou armando á vossa piedade nem ao vosso dó.

Eu procurava, talvez, a morte, porque a vida me era pesada e aborrecida.

Um pequeno silencio se seguiu ás palavras de D. Affonso.

— Olhae como se vê Tordesillas, disse D. Beatriz, indicando com o olhar o contorno escuro da cidade, que apparecia ao longe na planicie, a esconder-se no subir da noite.

— Estamos a meia hora de marcha, disse D. Affonso.

— Meia hora, disse, abstractamente, a condessa.

— Deveis estar cançada? inquiriu D. Affonso.

— Não estou.

Tendes tido o cuidado de me ter feito parecer o caminho dez vezes mais curto.

— Obrigado, disse D. Affonso, lisonjeado; mas um dia inteiro por montes e valles cança o mais robusto, quanto mais uma senhora.

— Esqueceis que em Portugal, passei mezes inteiros caçando?

— Assim m'o dissesteis.

D. Fernando era um apaixonado da caça?

— Estou a dizer-vos, que caçavamos mezes inteiros.

— Todavia, isso já vae passado, ha muito tempo e a falta de exercicio...

— Deve ser assim; mas o que vos afianço é que me sinto perfeitamente.

A casaria ia-se approximando rapidamente.

Alguns mais adeantados paravam na planice para deixar approximar os mais retardatarios.

O grupo ia-se tornando cada vez maior e a conversa só, de tempos a tempos, podia ser continuada, exclusivamente, entre os dois.

— N'um momento mais azado a condessa disse para D. Affonso:

— Olhae que me não esquece o vosso compromisso.

— E haveis de o aproveitar?

— Temo bem que sim.

— Eu receio que não.

— Vel-o-hemos.

— Em breve?

— Talvez.

— Como poderei sabel-o?

— Tanta pressa tendes?

— Como quereis que a não tenha por vos servir?

— D. Affonso, disse-lhe a condessa, com a voz meio velada para não ser ouvida no tropel, sabei que me fizestes passar uma bella tarde.

— Tive essa ventura? Dizei-o outra vez.

— Repito-vol-o e que me não esquecerá.

D. Affonso julgou-se transportado ao setimo céu.

— Ver-vos-hei, hoje, em minha casa?

— Hoje? pois recebeis, ainda hoje?

— Todos os que quizerem ceiar commigo. Já fiz o convite ao jantar, receiando que imaginando-me cançada não apparecessem.

— Era natural.

— Não faltará a rainha — D. Beatriz tratava sempre assim por costume antigo a Leonor Telles —; ha de querer saber novidades da caçada.

— Tambem foi caçadora?

— Das mais infatigaveis.

— Não faltarei, avisou D. Affonso.

N'isto approximavam-se, em grande algazarra, os moços do monte, com os cães nas trellas, os falcoeiros, a criadagem toda, gritando para fallar, clamando alto, praguejando, quando os cães se desafiavam nas matilhas e havia invasão de fronteiras caninas.

Tinham parado os da frente, um pouco antes dos muros que negros e abruptos cercavam a casaria, em frente de uma das portas.

Os camponezes que recolhiam do trabalho dos campos paravam para vêr a numerosa cavalgada, os cavallos, os cães.

Ao entrarem, tumultuosamente, as portas, enveredando pela primeira rua, começaram as despedidas dos que tinham a seguir differentes caminhos.

O tropel dos cavallos chamava ás portas e ás janellas a população inteira e havia commentarios, saudações, perguntas dos que estavam aos que chegavam.

Atraz os carros com os despojos da caça, paravam aqui e além deante de um largo portão de casa nobre ou de convento.

Aqui e alli uma parcella do grupo despegava-se do ajuntamento e desapparecia n'uma ruella.

A onda diminuia.

Emfim, D. Beatriz chegava a casa seguida de poucos cavalleiros — os rapazes — á frente dos quaes caminhava, justificadamente, ancho, o nosso D. Affonso.

Ao despedirem-se, a condessa lembrava sempre: até logo.

Quando D. Affonso lhe beijou, o ultimo, a mão, pareceu-lhe perceber que ella lhe apertava, cariciosamente, a d'elle.

Calcule-se o fervor d'aquelle beijo !

CAPITULO CXXV

Cavaco

Quando D. Beatriz entrava em casa, momentos depois, chegava D. Leonor Telles.

— Vem muito cançada? perguntou a rainha.

— Quasi nada.

— Não me demorarei.

— Podereis demorar-vos quanto quizerdes. Não sereis a unica pessoa que ha de passar commigo a noite.

— E' natural; mas haveis de ter necessidade de descanço.

— Descançarei ámanhã.

— Muito animada a caçada?

— Muito.

— Em todo o sentido?

— O que quereis dizer?

— O que quero dizer? Galanteiou-se muito?

— Muito. O mais extraordinario galanteio, aquelle que a estas horas está produzindo maior somma de commentarios, não o adivinhaes vós.

— Passou-se comvosco?

A condessa deu uma gargalhada, alta.

— Realmente tendes o dom da adivinhação; mas com quem mais?

Leonor Telles respondeu rapidamente:

— Com D. Diniz.

— D'esta vez não adivinhastes.

— Então foi... foi...

A condessa ria fitando Leonor Telles.

— Com o conde de Vilhena? disse ella.

— Não.

Leonor ficou de novo pensativa.

— Com Affonso de...

— Adivinhastes.

— Atreveu-se, afinal?

— Atreveu. Ou melhor eu fiz com que o acaso lhe proporcionasse a occasião de falarmos, a sós.

— Durante a caçada?

— Não, na volta. Viemos juntos, sempre e affastados. E' por isso que eu disse que foi a côrte de mais dar que falar.

— E D. Diniz?

— D. Diniz acompanhou-me, sempre, desde o começo da caçada. Não me deixou um momento.

— E... como se portou?

— Como um namorado. Affavel, obsequiador, attencioso...

— Mas pouco expansivo, concluiu a rainha.

— Como é natural nos apaixonados. Por vezes, mais do que uma, elle ia fallar, revelar-se; mas encontrei sempre um pretexto para me distrahir, n'esse momento.

— Nem sempre é facil.

— N'uma caçada é: um cavallo que esbarra, um açôr que se lança, uma garça que cahe n'um pantano, o signal de uma trompa, que chama, são peripecias continuas e salvadoras.

— Assim, o pobre rapaz não poude nunca desabafar, disse Leonor Telles sorrindo, com o seu mais velhaco sorriso.

— Não poude.

— E' pena. Se fallar tão bem d'amor, como fallava de brios e de honras, de altivez e de raças, deve ser curioso de ouvir.

O rosto de Leonor Telles exprimia, ao dizer estas palavras, o ar do mais profundo despreso.

— Ainda vos não esqueceu! disse a condessa.

— Ha coisas que nunca esquecem, replicou Leonor Telles. Lembra-te que esteve por pouco a transtornar-me o casamento e que se elle se não faz n'aquella occasião, era provavel que se não fizesse nunca mais.

— Fazia-se. El Rei D. Fernando não era homem que vos pudesse deixar, por opiniões alheias.

— E' possivel. Em todo o caso o que não esquece mais é o insulto e elle insultou-me, desbragadamente.

— Era brioso.

— Brioso, disse Leonor Telles, brioso e vae por fim pôr-se ás ordens do Mestre d'Aviz. Porque está elle ahi? Porque não ficou em Portugal?

Porque o Mestre o despediu de lá.

— Não é bem verdade isso, emendou a condessa, seguidamente.

— E' isto.

— Não, minha senhora bem o sabeis. O Mestre não o mandou embora, foi elle que se retirou. O Mestre acolheu-o muito bem; mas D. Diniz exigia antigos fóros e regalias e o Mestre não lh'os quiz dar.

— Porquê?

— Porque não o queria poderoso; e era justo. D. Diniz tem ainda em Portugal muitos amigos; podia ser um estorvo, uma complicação.

O Mestre d'Aviz foi ainda generoso com elle. Mandou o para Inglaterra. Quem o mandou fugir, desconfiar, abandonar o seu logar?

— Elle lá sabia.

Todavia, observou Leonor Telles, não é de grande desprendimento, depois de ter ido contra o Mestre, quando foi do cêrco de Lisboa, ir depois collocar-se debaixo das suas ordens, depois de elle ter vencido em Aljubarrôta.

— N'isso o defendo, ainda.

— Acaso te terá elle facisnado, perguntou Leonor Telles, com um risinho de troça.

— De modo algum.

— Nem ha perigo?

— Não me parece; mas a verdade — elle o disse e com razão — as coisas tinham mudado. O Mestre acclamara-se rei; vencera.

Elle não estava em Castella por querer. De resto, era um intruso um protegido e vivia da protecção de rei estranho.

Os seus tinham escolhido o seu rei; era seu irmão, e tinham fortificado esse throno com uma batalha gloriosa.

Que lhe importava a elle que fosse um bastardo, o rei? Não era seu irmão?

Porque viver de protecções estranhas, se elle tinha na sua terra com que viver, conforme o seu estado e posição?

Não fugira como criminoso, porque não havia de voltar?

Batalhara contra o rei? Que importava? Quantas vezes se não veem os inimigos da vespera, amigos no dia seguinte?

— Com que calor o defendes, observou Leonor Telles.

— Calôr? não, convicção. Por uma coisa minha senhora, é que a despeito de todas as suas boas ou más qualidades, D. Diniz é portuguez e eu ainda me não posso esquecer de que o sou.

— Começo a receiar de que no plano que tramamos, d'esta vez sejas tu a vencida e eu o seja tambem mais uma vez, por esse brioso principe.

E, dizendo, brioso, mais uma vez a sua voz exprimia uma ironia funda.

— Por isso não tenhaes receio, observou a condessa. D. Diniz não me ama a ponto de...

— Não?

— Não. Olha-me sobretudo por causa da minha fortuna, estou convencida d'isso.

— O que? disse a rainha com a maior presteza, então o teu brioso principe olha te por dinheiro?

— Perdão, observou a condessa, eu não quero dizer que elle não goste de mim; estou, até, certa que entre os meus admiradores, digo cortezãos, elle é o segundo a estimar-me.

— Então?

— Quando disse que me olhava a fortuna não menti, porque se eu fosse pobre, não seria tão ferveroso e, naturalmente, não casaria commigo. Dá-se a coincidencia de eu lhe agradar e de ser rica. Oiro sobre azul. Conheceis algum galan, a quem a segunda qualidade prejudique a primeira?

A rainha sorria, ouvindo a condessa.

— Não conheceis, continuou a palradora, nem ha. D. Diniz não faz excepção. De mais é um proscripto, é pobre: a pobreza da-lhe razão para o fazer.

— E' apenas esse, perguntou Leonor Telles, o laço que o prende a ti? o do interesse?

— Achai-lo fraco?

— Não é muito forte.

— Não tendes razão; é o bastante; mas para o tornar mais energico misturando-lhe outro sentimento, fil-o passar hoje um máu bocado... duas horas... que lhe hão-de lembrar por muito tempo.

— Como foi?

— Voltei a sós com D. Affonso, durante todo o caminho, até, aqui, como já vos disse.

— Ah! exclamou a rainha, o idilio tinha duas faces?!

— Era preciso. D. Diniz, ainda que eu percebo claramente que lhe agrado e muito, precisava de uma pequena licção. Necessitava mostrar-lhe que não basta a qualidade de ser principe para que uma mulher nos caia aos pés rendida de amor.

E' preciso mais alguma coisa. Ora, se D. Diniz tem por mim alguma coisa no coração, hoje, deve ter sentido um bom golpe no seu amor proprio.

— Observaste-o, durante a caminhada?

— Nunca o perdi de vista.

— Seguia te?

— Sempre. Por vezes se approximava, quasi a alcançar-nos sob pretexto de que o cavallo se espantava, ou outro qualquer.

— Queria entabolar conversa.

— E' claro. Ou pelo menos interromper o que elle adivinhava que vinhamos dizendo.

Era então que eu lançava o meu cavallo a trote ou a galope e elle parava para que não parecesse que commettia a indiscripção de nos espiar.

— E, D. Affonso?...

— Nem dava por isso, tão embebido vinha, a recordar-me os tempos primeiros do nosso encontro em Santarem.

— Censurando?

— Oh, não; lamentando, com uma grande saudade.

— Pobre rapaz!

— Dizeis bem: pobre rapaz; porque esse sim, esse ama-me ainda hoje como então.

Olhae que chegou a impressionar-me com as suas palavras.

-- Tão bom falante elle é?

— E' que, bem sabeis, quando se fala com o coração nas mãos, fala-se sempre bem.

Leonor Telles ficou um momento pensativa.

— Em que pensaes? perguntou-lhe a condessa, com um rosto tão serio.

Leonor Telles respondeu-lhe:

— Nas curiosidades da vida.

— Quaes?

— Esta. Ha cinco annos em Santarem, tinhamos dois apaixonados, D. Pedro e D. Affonso. Dão-se os casos mais extraordinarios, menos esperados. Vem o exilio, vem a prisão. Morre D. João I; o Mestre de Aviz alcança um reino...

Vê tu que de factos graves.

Dos actores, tantos, d'este longo drama, uns fogem, outros morrem, outros seguem diversos destinos na vida.

Comnosco dá-se, porém, o caso curioso, que passados os cinco annos, nos vimos encontrar n'uma terra que é para nós de degredo, na mesma situação em que estavamos em Santarem.

— E' curioso, affirmou a condessa.

— E' como se nada se tivesse passado. A meu lado D. Pedro é o mesmo rapaz, ousado, destemido, offerecendo ao meu dispôr a sua espada e a sua vida.

Ao teu lado, D. Affonso, sente egual amor ao que sentia então e é licito concluir que por ti exporá, como já o fez, quanto vale e quanto póde.

— Podeis ter a certeza. Eu tenho-a absoluta.

— Pois aqui está o curioso da nossa historia. Parece que o destino dispoz os mesmos homens, n'uma situação nova, para um novo emprehendimento, que seja a compensação da desfeita soffrida no primeiro.

— Parece, realmente.

— Nunca fui supersticiosa; mas ha coisas que parecem feitas para avisos.

— E isto dá-nos uma nova força?

— Positivamente. Tudo caminha como se uma mão poderosa aplane as difficuldades e arraste os homens.

Como precisava de vestir-se e pentear-se a linda condessa, serviço que as suas camareiras esperavam a ordem para executar, passaram as duas para a casa do guarda-roupa.

Emquanto a condessa se vestia e paramentava, Leonor Telles com uma sollicitude de mãe para filha deu conselhos sobre o vestido que deveria pôr. Escolhia o roupão, cuja côr dizia melhor com o vestido.

Pronunciou-se sobre a altura do penteado, a côr das fitas que deviam segural-o.

Tirava do escrinio as perolas, um collar para o pescoço e contente, como se ornasse uma noiva, com as mãos compunha-lhe a gargantilha, ageitava-lhe o cabello, dizia-lhe madrigaes.

— E' bom não te fazeres tão bella, é perigoso.

— Temeis que vos supplante?

— Oh! lisongeira, disse a rainha rindo, já não posso ter ciumes.

De ti nunca os teria. Se os tivesse, como poderia eu concorrer para a tua belleza? Como poderia, com as minhas proprias mãos, arranjar o instrumento do meu supplicio?

A condessa ria, desafogadamente; emquanto que Leonor Telles, preza de uma verdadeira amizade, por essa formosa creatura, que se lhe dedicava sempre de corpo e alma, n'um movimento de ternura lhe beijava a testa, apertando-lhe a cabeça contra o peito.

— Minha senhora, que me despenteaes e tereis novo trabalho, dizia a condessa, com uma voz de amimada.

A que Leonor Telles respondeu, affastando a cabeça, olhando-a com muito encanto:

— Vaidosa, que tu és.

◆

CAPITULO CXXVI

O plano novo

A noite ia avançando, por então.

A condessa deu ordem para que accendessem os lustres, porque não tardariam a chegar os convidados para o sarau.

Emquanto não chegavam mandou trazer vinho, doces e fructa como era moda, n'aquelle tempo.

Em frente uma da outra, tendo mandado sahir os creados, as duas entabolaram, de novo, a conversa interrompida, na sala contigua áquella onde a condessa se vestira.

— Estaes, então, satisfeita, dizia a condessa.

— Absolutamente, replicara Leonor Telles. Vejamos.

Temos por nosso lado D. Pedro de Trastamara, o irmão D. Affonso e D. Pedro, o poderoso e orgulhoso arcebispo de Toledo.

D. Diniz é tambem certo que será por nós.

Por nós ou por elle.

— Por elle?

— Sim; d'aqui a pouco te explico.

O irmão não deixará de o seguir.

Se não fôr espontaneamente, irá por dinheiro.

— Por esse modo tereis muitos mais ao vosso dispôr.

— Terei aquelles de que precisar e só esses.

Não serão muitos.

O que importa em emprezas arrojadas é ter dedicações seguras.

Poucos que sejam, mas firmes.

— Alguns tendes.

— Essa é a parte maravilhosa d'este passo.

Vieram ao acaso; appareceram e juntaram-se como mandados pela providencia.

Leonor Telles ficou, depois de dizer isto, n'uma meditação profunda

A condessa não quiz interrompel-a.

Limitou-se a lançar dentro do calice que defrontava a rainha um vinho côr de oiro, transparente, de um perfume suave.

Ficou-se, a olhal-a.

Leonor Telles estava realmente embebida em pensamentos graves.

O olhar baixo e meio velado parecia adormecido; a immobilidade do rosto revelava uma analyse intima de factos, um pensar turbulento.

A condessa levava á bôcca um pastel redondo, envolto em assucar, com a fórma de um pequenino queijo, quando Leonor Telles, que parecera acordar de um longo sonho, disse, extemporaneamente, como n'uma resolução subita:

— E' preciso que faças com que D. Diniz me fale o mais depressa possivel.

— Não será muito facil.

— E' preciso que o seja.

— Farei o que puder.

— A'manhã, depois, o mais rapidamente que se possa conseguir.

Quanto mais depressa melhor.

Depois, como que para si, accrescentou:

— O resto é facil.

— Tudo depende de D. Diniz? perguntou a condessa, que meia ignorante ainda dos planos de Leonor Lelles, desejava obrigal-a a falar.

— Quasi tudo.

— Para conseguirdes o que quereis é preciso que elle vos fale?

— Absolutamente.

Nem creio já difficil conseguir a nossa approximação.

Se alguem tem razão para se mostrar melindrada sou eu, que fui a offendida.

— E' uma questão de amor proprio em D. Diniz.

Quantas vezes, continuou a condessa, ella não podia já ter-vos falado.

Nunca o quiz fazer.

— Por amor proprio? perguntou a rainha.

— Por pudor.

Justamente porque vos offendeu, repugnar-lhe-ha o sollicitar o vossa convivencia.

— Sollicitar-lh'a-hei eu, disse a rainha.

Que me importa, continuou, não quer elle pedir o reatamento das nossas relações? pedir-lh'o-hei eu.

Não o quero para lhe cultivar as relações, quero-o para me servir d'elle, do seu nome, e só até me poder servir, que me importa fazel-o?

Porventura, a elle ou a algum de todos elles, eu considero mais do que como objectos de brinquedo, manequins que se podem mover ao nosso capricho e servir-nos, nos nossos desejos, nas nossas pretenções?

Já lá vae o tempo, em que eu não podia falar assim.

Hoje, todos me aborrecem.

Debaixo de todas as suas acções, eu descubro sempre o fim secreto, a ambição occulta e em regra os sentimentos mais vis e mais mesquinhos em relação a nós.

Que me importa que tenha, por necessidade, a apparencia de uma humilhação n'uma acção minha, se essa apparencia me puder dar a consolação de uma vingança, o prazer de mostrar a esse ante quem simulei humilhar-me, que se me curvei foi para poder levantar mais alto a cabeça?

A condessa olhava a rainha, que soltava estas phrases, com um calor já ha muito não visto.

Leonor Lelles continuou:

— Se o brioso principe não quizer vir a mim, irei eu a elle.

A barregã não pode ter grande pejo em viver nas boas graças do insultador.

Depois, levantando se e indo á janella, como a respirar um pouco de ar fresco, disse:

— Fica assente, Beatriz, que te encarregarás de nos approximar logo que estejamos juntos.

— Esta noite? perguntou a condessa.

— Elle virá esta noite?

— Tenho a certeza que não falta.

— Disse-te que vinha?

— Disse; mas se o não dissesse, viria ainda assim.

— Por causa de D. Affonso?

— Não o imaginaes tambem?

— Não ha duvida.

— Ficae descançada, que ainda esta noite vos beijará a mão.

Leonor Telles, com ar alegre, continuou:

— Alcançado o seu consentimento, bem convencido e disposto para a empreza, antes de um mez, terei jogado um golpe decisivo ao peito do Mestre d'Aviz.

E calou-se.

A condessa, a quem as meias palavras da rainha faziam de ha muito certo despeito por não lhes comprehender todo o alcance, resolveu-se, por uma curiosidade já incontida, a pedir explicações.

— Um golpe ao Mestre d'Aviz?

A rainha comprehendeu o alcance da pergunta da condessa e deteve-se um instante, propositalmente, sem responder.

— Não comprehendeis? disse, passado um instante.

— Francamente, não.

Tendes sido para mim d'uma grande reserva, ultimamente.

Bem que supponho, adivinhar, mais ou menos a vossa intenção, não me parece todavia que a tenha alcançado.

Leonor Telles sorria, velhacamente, dizendo:

— Pois não é difficil.

— Não será; mas confesso que, para a minha intelligencia, o é.

— E... desejaes sabel-a?

— Se vos parece, respondeu a condessa; todos gostam de saber para que trabalham.

Leonor Telles, chegou-se para ella, sentou-se e com o seu melhor modo confidencial e terno, disse-lhe:

— Tenho calado é certo; por prudencia? não; não preciso tel-a para ti. Por vaidade, por amor proprio.

Eu não queria revelar-te todo o meu plano, sem ter a certeza de que poderia tental-o.

— Hoje, tendes?

— Hoje, tenho. Tudo se combina para que possa tental-o; seria da minha parte uma cobardia o não aproveitar os elementos que me cahiram nas mãos e uma ingratidão o não t'o dizer.

Que se não poderia occultar-t'o.

Mais cedo ou mais tarde teria de t'o dizer.

Gostava, porém, de ter todos os cordeis na mão e avisar-te no momento em que iam começar os mômos.

A tua curiosidade, o teu despeito mesmo e, dizendo, batia-lhe uma palmadinha carinhosa na mão que a condessa tinha sobre a mesa — obrigam-me a falar.

— O despeito?

— Não tens razão? Nunca tive segredos para ti, porque os havia de ter agora?

— Não é despeito, é desejo...

— Pois seja; mas ouve, então.

A rainha inclinou-se um pouco para a frente, como para esconder mais a voz de um ouvido indiscreto e começou, depois de beber um golo de vinho, a falar:

— A unica alegria, o ultimo prazer verdadeiramente grande e forte que eu poderia ter na minha vida, seria o poder vingar-me do Mestre d'Aviz.

A rainha nunca se desacostumava de chamar assim, ao então D. João I de Portugal.

— A elle devo, como sabes, o não poder viver tranquillamente o resto dos meus dias.

Não sei, não posso esquecer: não sei, não posso perdoar.

De ha muito que a vida socegada que tenho levado poderia ter-me feito diminuir esta sêde de vingança, este odio que lhe tenho do mais intimo da minha alma.

A's vezes parecia-me sentir começar a diminuir esta força de odio; cheguei mesmo a ver se o podia minorar; mas debalde.

Quando, no silencio da minha camara, eu penso no que perdi, na brutalidade do golpe que me feriu, na ousadia do assassinato que me levou o unico homem que amei, que podia ainda, hoje, rainha ou não, ter a meu lado, e penso que foi esse homem que o assassinou, todos os instinctos ferozes da minha alma surgem, tão vigorosos como n'aquelle tempo, a pedir uma vingança.

A condessa não se movia, ouvindo.

Leonor Telles continuou, placidamente:

— Se Aljubarrôta não tivesse falhado — porque maneiras extranhas o inferno protege ás vezes os seres! — elle teria já pago a ousadia.

A sorte quiz porém, que um exercito que bastava para n'um momento esmagar o inimigo, fosse vencido.

Meu genro era um asno, cujo unico valor era a ambição. Essa tinha-a, em barda; mas faculdade ou qualidade para a realisar nem meia.

N'essa batalha enterrava uma corôa e com essa corôa toda a minha vingança.

— Como vos vingarieis, se elle tivesse vencido?

— Muito facilmente.

— Aqui, presa?

— Quem vos garantiria que eu estivesse presa? Não estava, nem era preciso que estivesse porque não haveria receio, já, do meu, poder muito inferior a todo o de Portugal, que era, então, o do Mestre de Aviz e que teria sido derrotado.

O rei contente e socegado no gozo do seu novo reino, que ninguem lhe poderia disputar, não teria a teimosia de me conservar encarcerada. Para quê?...

— Então, continuou Leonor Telles, o sr. Mestre de Aviz não seria rei, mas um simples bastardo foragido e lá ou onde elle estivesse podia muito bem alcançal-o a folha de um punhal. Nem que eu tivesse de arriscar a vida, de empenhar a ultima joia, para o ver estendido no chão, empoçado em sangue, como vi o outro — a rainha passou a mão pelos olhos — havia de vel-o!

Não seria preciso tanto.

— Não, de certo, confirmou a condessa.

— Deus não o quiz. Fel-o rei, vencedor e estimado como hoje é.

— E' difficil, se não impossivel, mandar-lhe uma punhalada. Está como sagrado, intangivel.

A paz feita por dez annos com Castella, protege-o contra um revez, que o poderia ainda deitar abaixo do throno.

A alliança com a Inglaterra, garantiu-lhe este bem.

De modo que, estás tu a pensar, se assim está tão bem protegido e defendido, como pretender attacal-o?

N'isso tenho pensado, dia e noite. Um momento em que imaginei que tudo tinha findado para mim, que era inutil viver mais porque a minha vida só teria por fim vegetar na solidão de um convento, até á morte, n'esse momento, estive a morrer.

— Estivestes muito mal.

— Não o viste?

— Bem o temi.

— Tu vieste. Deste-me o primeiro impulso para a vida com a tua dedicação. Depois as coisas começavam a dispor-se, tão certo é que nunca se deve desesperar, até á morte.

— Nunca.

— Aquella queda do cavallo, que levou o meu saudoso genro foi uma providencia.

A vergonha da derrota leval-o-hia a formar um novo exercito e a invadir Portugal; mas era mais do que certo que o exercito commandado por elle, vinha outra vez desfeito.

Por esse lado não fez mal, morrendo.

Por outro, fez muito bem: deixou-me livre.

Se o pequeno rei, o Henrique, fosse maior, governasse, já, eu seria capaz de o levar, pela amizade que dedica á avó — como elle, carinhosamente, me chama, a secundar os meus planos, fazendo-o convencer de que seguia os seus desejos.

— Não seria difficil?

— Não; lembra-te do que te digo: o pequeno rei, ha-de ser um rei a valer. Preso-me de conhecer os homens. Henrique será um rei decidido, energico e valente.

— O contrario do pae?

— Approximadamente. Está porem muito novo; a regencia tem ainda deante de si largos annos.

— Quantos?

— Quatro a cinco.

— Não é muito.

— Para quem o tempo não falta; para mim é de mais.

O rei, como te dizia, é uma creança, nada posso fazer com elle.

Como poderei pois incommodar o Mestre d'Aviz? Com a Regencia.

— Decidiram não pelejar, disse a condessa.

Decidirão o contrario.

— E... os contractos de paz?

— Os contractos servem para se quebrarem, quando é preciso.

— Pensaes então...

— Penso em levar a guerra, outra vez, a Portugal.

Penso em que a sorte das armas nem sempre favorece aos que primeiro favoreceu; penso que poderá ser vencido o senhor Mestre d'Aviz, penso em que eu poderei ainda atiral-o abaixo do throno e poderei perseguil-o então, na sombra, como a um lobo, como a um cão damnado.

Na sombra, ou ás claras, observou Leonor Telles, com gesto altivo, porque nada recearei então d'um fidalgote, bastardo, como outro qualquer.

A condessa não interrompeu, d'esta vez, silencio da rainha.

Leonor Telles continuou:

— E' arrojada a ideia? De modo algum. Castella pode muito bem juntar n'um anno vinte ou trinta mil homens. Que os junte, que invada Portugal desprevenido, sem tempo para se refazer da surpreza e a marcha até Lisboa ninguem lh'a poderá impedir.

— Os inglezes...?

— Os inglezes estão na Inglaterra e nós estamos á porta. Um pouco de arrôjo, de confiança e a victoria será certa.

Tão certa que se não comprehende que o não possa ser. Foi a illusão fatal, a certeza absoluta do ganho que fez perder Aljubarrôta. O Leão brincou com a raposa e ella rasgou-lhe o ventre.

Agora, já avisado, não se deixará agarrar: basta que abra as garras e se sirva d'ellas.

— Contaes conseguir essa invasão...

— Pela unica maneira porque pode ser conseguida.

— Pela regencia?

— Pela regencia. O conselho decretará a guerra e a guerra far-se-ha!

Se ha muitos fidalgos que desejam a paz, ha muitos — bem claro o disseram regeitando e oppondo-se a ella — que a não querem e que folgarão por isso.

— Esse é o menor numero.

— Alguns haverá, porém, no conselho geral, que a regencia tenha de convocar. O essencial é que esse conselho se reuna. Far-se-ha o que a regencia quizer.

— Como decidereis a regencia? Como... todos?

— E' de dez? Esta noite tereis esses dez.

— Como?

— D. Pedro, o arcebispo, não virá, aqui, esta noite?

— Deve vir.

— A'manhã o resolverei. A regencia é elle. O que elle manda é o que se faz. E' elle que distribue as mercês, as honras, o dinheiro.

— Estaes certa de obter o seu apoio?

— Para tudo. Faltava-me a base para a minha pretenção. Tenho-a agora. D. Pedro vae cumprir a sua palavra compromettida.

— Tão ambicioso... o que lhe prometteis, em troca?

— O meu amor!

As duas deram uma gargalhada unisona.

Tal fôra a maneira comica e ironica com que Leonor Telles pronunciara a palavra — amor.

Serenado o riso, a condessa perguntou:

— Qual era a base que dissesteis que vos faltava e que tinheis alcançado finalmente?

Leonor Telles respondeu:

— Estás muito pouco intelligente, Beatriz: qual poderia ser?

— Não adivinho.

— D. Diniz.

— Ainda não comprehendo.

— Explicarei, tornou Leonor Telles, com ar gracioso; mas deita-me mais um golo de vinho, tenho a garganta sêcca de tanto falar.

Sorrindo, a condessa cumpriu a ordem.

Leonor Telles levou graciosa e delicadamente o calice aos labios, sorveu um golo, pousou o copo e disse:

— Como podia eu levar os regentes a decretar a guerra? Como desforra de Castella? Era difficil, visto que a maioria dos seus fidalgos e homens d'armas tinham desejado a paz e a desejam?

Para me collocarem no throno a mim? Era pueril suppôr que os resolvesse por tal causa. Raras são as sympathias que por Portugal terei e grandes os odios.

Era preciso, pois, encontrar um pretexto claro e provavel para a poder conseguir, esse pretexto é — D. Diniz.

— Começo a perceber, disse a condessa.

— Não; já percebeste, confirmou Leonor Telles. D. Diniz é lá muito admirado e estimado. Tem lá amigos e amigos grandes, porque o Mestre d'Aviz ha de ter inimigos, e sabemos que os tem.

Esses serão por elle. Aqui é estimado amplamente, pelos seus serviços, pelo seu caracter que todos acham precioso — até tu, accrescentou, sorrindo — pela sua valentia e ainda pela sua gerarchia.

Que elle fale em invadir Portugal, pelo direito que lhe assiste, ninguem se espantará. Filho de Ignez de Castro, o mais estimado e o mais lamentavel, o mais sympathico, o que conta maior numero d'amigos entre os grandes de Castella, terá com certeza quem lhe applauda o desejo e quem o reforce.

O resolvel-o é o que ha de mais facil, desde que elle entre em relações commigo e te ame a ti.

A condessa admirava, mais uma vez, o espirito inventivo, imaginoso, de Leonor Telles, que de coisas minimas, apparentemente, fazia brotar planos, chocarem-se paixões, surgirem factos da maior grandeza e gravidade.

Leonor Telles continuou:

— Que, a bem dizer, nem é preciso o teu amor, digo o amor d'elle por ti, para o resolver.

— Então?

— Basta-lhe o que elle terá accumulado em despeitos de amor proprio offendido e de ambição que sempre teve, para o resolver. A prespectiva de uma vingança do irmão, que o não acolheu como elle queria, será bastante para o influir a tentar a sorte.

— E, de mais, nada poderá perder com isso, accrescentou a bella condessa, prevejo que acceitará a idéa, com o maior e mais decidido prazer.

— Chegámos á mesma conclusão, disse a rainha; nem era difficil entre nós duas.

— Chegamos sempre, confirmou a condessa, amavelmente.

Uma creada veiu dizer que alguns fidalgos e damas entravam pelo atrio e que varios se encontravam no salão.

— Pedi-lhes desculpa de me demorar uns momentos, que estou com a rainha, que vou já.

A creada sahiu.

— Recapitulando, disse Leonor Telles levantando-se: encher D. Diniz de ciume com D. Affonso; por minha parte eu atirarei com o meu Trastamara ao arcebispo; não esquecer de me enviar D. Diniz ou proporcionar que tendo de lhe dirigir a palavra elle não possa recusar-se a responder.

— Assim será, confirmou a condessa, sorridente.

Feito este pacto, depois de uma ligeira inspecção aos fatos e penteados, as duas mulheres sahiram da camara e por um largo corredor illuminado com tochas, presas ás paredes por argolas metalicas, dirigiram-se ao salão.

CAPITULO CXXVII

No salão

Era luxuoso, como era natural, o amplo salão da condessa.

Dir-se-hia mais uma galeria, do que uma grande sala, porque mais dilatada, em excesso, no cumprimento, perdia as proporções vulgares da casa para se approximar do de corredor.

Era porem bastante largo, dividido por duas ordens de columnas de capiteis, lavrados, esculpidos em folhagens, em corpos e cabeças de animaes fabulosos, n'uma irregularidade absoluta, mas de certo modo graciosa.

Cahiam pelas paredes altas, alternando com enormes pannos de arraz, quadros colossaes, de um colorido quente e delicado.

O chão era atapetado; ao longo das paredes encontravam-se bancos altos, rasos uns, outros de espaldar lavrado, longos a permittir o logar para muitas pessoas.

Aqui e alli um grande armario coberto a meio por uma tapeçaria cara entremostrava pratos, largas bandejas, gomis elegantes, calices de rico lavor.

Cahiam do centro das abobadas, lustres metallicos, semelhando corôas, suspensos por enormes cadeias doiradas, cheios de luzes. Pelas paredes, nos angulos dos muros, nos bojos das columnas, fundiam-se innumeras, accesas, tochas, grossas, enfeitadas como cirios pascaes.

Entre duas columnas centraes um enorme orgão, levantava para as abobadas o seu pente de tubos cheio de brilho pelo reflexo das luzes.

Defronte do orgão, entre innumeros cochins e bancos forrados de vermelho, algumas cadeiras erguiam o espaldar quadrado, brazonado, pesados, e firmes.

Em mesas viam-se diversos instrumentos de musica: castanholas, alaude, guitarras, rebecas, uma harpa e varias charamellas.

Este conjuncto de instrumentos indicava o gosto delicado da dona do palacio, a bella condessa, que reproduzira no seu solar de Tordesillas, aquelles saraus tão distinctos e tão falados de Leonor Telles, nos paços de S. Martinho.

Eram os elementos orchestraes d'aquelle tempo e não sei porque pela reunião, percebe se que deviam fazer, por vezes, no seu canto commum uma rasoavel inferneira.

Os ouvidos não tinham então ainda a educação musical dos nossos dias e é indiscutivel que, como quer que fossem tocadas as partituras, ellas recreavam os altivos senhores e as nobres damas.

Começava a animar-se o salão quando D. Beatriz entrou conduzindo a rainha pelo braço.

Tomaram logar deante do orgão, a rainha, só, n'uma cadeira de espaldar, os restantes, de pé, uns, outros sentados pelos estrados e bancos.

De vez em quando a condessa levantava-se para ir ao encontro de alguma dama recemchegada, ou a receber a apresentação d'algum novo cavalleiro e voltava de novo para o seu logar ao lado da rainha, que sustentava com o arcebispo D. Pedro um dialogo animado, sobre caça e sobre caçadores, o assumpto natural dos primeiros momentos.

Em breve tinham chegado D. Pedro de Trastamara e D. Affonso, D. Diniz e D. João de Portugal, o conde de Vilhena e o de Medina Coeli, Ayala, o afamado chronista e muitos rapazes, nobres, conduzindo damas da mais alta estirpe.

Pelas dez horas, o salão, ainda que grande, difficilmente permittia o facil andar de qualquer pessoa.

A reunião simples remedava um saráu annunciado.

Havia grandes grupos, ria se, fallava-se muito, n'uma animação suggestiva.

— Porque se não dança? perguntara um dos rapazes, mais dado á coreographia.

— Não se sabe, respondera outro não menor amador. Porque não é um saráu? A condessa não se opporá.

— Vamos vêr, replicou um terceiro.

Os tres seguiram até junto ao grupo da condessa e um d'elles cortejando, disse:

— Desculpae-nos a interrupção, sr.ª condessa, mas vinhamos pedir-vos a permissão de dançarmos.

— Tendes vontade?

— Nós, alguma, continuou o galante; mas aquellas senhoras que além estão, muitissima. Vimos por seu mandado.

— Não era preciso, replicou a condessa. Quem tocará?

— Não falta.

— Não me parece facil... eu mando por tangedores.

— Como quizerdes, minha senhora; mas emquanto não veem haveis de permittir-nos...

— Com a melhor vontade.

A condessa levantou-se, emquanto os rapazes voltavam a dar a boa nova ás senhoras, e deu as suas ordens a um dos creados, que chamou.

Não tiveram paciencia de esperar, os rapazes. Dois lançaram-se ás violas, uma das raparigas tomou as castanhetas e o baile começou.

Havia logar para os que dançavam e para os que preferiam conversar.

A musica enchia da maior animação os espiritos, as conversas redobravam de vigor, os madrigaes nasciam mais espontaneos, a alegria apparecia mais franca.

Assim, a reunião da condessa no seu maior grau de animação mergulhava todos n'um bem estar, que pequenas nuvens escondidas, se as havia, não logravam empanar.

Havia, no meio de tanta alegria apparente, á primeira vista tão completa e geral, tristezas, maguas, raivas, despeitos comprimidos?

Havia.

Em que reunião de homens e de mulheres os não ha? Em que baile, em que espectaculo, em que ajuntamento de muitas pessoas, não vivem, ás vezes comprimindo-se habilmente, outras explodindo bravia e dramaticamente?

Tambem os havia e graves na reunião da condessa.

Quem olhasse para o rosto de D. Diniz, serio, encostado a uma das columnas do salão, como que brincando com os copos da espada, movimento natural apparentemente, nervoso e precipitado no fundo, veria que o nobre infante não estava sereno.

A direcção do seu olhar, por vezes e com rapidez repetida e desviada, indicava que elle espreitava a condessa, que a um dos lados conversava na maior intimidade com D. Affonso.

Como sabemos a formosa Beatriz desempenhava á risca o seu programma.

Era esta a primeira parte, a segunda seria com D. Diniz.

O que lhe dizia? o que ouvia do enamorado rapaz?

Prevemos o que fosse. A repetição mais ou menos variada da conversa da tarde, por entre montes e valles.

O que se percebia pelos gestos é que D. Affonso falava com uma grande alegria, com um prazer que se lhe espraiava claramente no rosto córado e lhe enchia de luz os olhos humedecidos, cheios de brilho.

D. Beatriz essa parecia conservar uma grande serenidade, ainda que o seu rosto demonstrava um bem estar, um bom prazer do que se ouve.

Replicava muita vez; mas correctamente, sem exagero de palavra ou de gesto, tinha sempre um bom sorriso caricioso para a replica que se adivinhava de D. Affonso.

Isto durou meia hora.

A conversa ameaçava continuar e D. Beatriz começava a perceber a necessidade de lhe pôr fim.

Quando imaginava o meio, um gesto de Leonor Telles para quem olhara, ao acaso, chamou-a junto d'ella.

A arteira Leonor que não perdia de vista a condessa, percebeu-lhe, no olhar, o pensamento e foi-lhe em auxilio.

Uma pergunta qualquer justificou a chamada.

⁂

A um dos lados da rainha estava D. Pedro de Trastamara, do outro lado o arcebispo.

Os dois rivaes não se deixavam, não cediam o logar, temiam-se mutuamente.

A rainha fez um rapido signal com o olhar, á condessa, indicando-lhe D. Pedro.

Era preciso leval-o, queria dizer.

Passado um momento, a condessa dirigiu-se a D. Pedro e mostrando-lhe o grupo de dançadores, que parara, acabando de dançar, perguntou-lhe:

— Porque não dançaes?

D. Pedro, sorrindo, desculpou-se.

— Estaes, hoje, pouco alegre.

— Eu?

— Sim, como D. Diniz, que está de sentinella áquella columna ha mais de uma hora. Quereis vir saber o que elle tem?

D. Pedro assim solicitado não teve remedio senão de seguir a condessa.

— Vimos saber o que tendes D. Diniz, disse a condessa ao approximar-se, com o mais encantador dos seus sorrisos.

— O que tenho, minha senhora? respondeu o infante, immensa alegria por estar em vossa casa, em reunião tão animada.

— Não parece que estejaes alegre, não é verdade, D. Pedro? disse, voltando-se para este, a astuta condessa.

— Não me parece triste, volveu D. Pedro. D. Diniz é naturalmente pouco alegre.

— Agora, volveu a condessa.

— Tendes razão, disse D. Diniz, porque me conhecestes alegre.

— Muito; o quanto se pode ser.

— Bom tempo esse, volveu D. Diniz.

— Lamentaes o presente? perguntou a condessa.

— Conforme, respondeu o infante. Todos os tempos tem porque se estimem e porque se não estimem. Em todo o mal ha sempre alguma coisa de bem.

⁂

N'este momento, a rainha dizia para D. Pedro, arcebispo de Toledo:

— Meu caro arcebispo, preciso falar-vos.

— Estou ao vosso dispôr.

— E' negocio de maior tomo, que se não pode tratar entre os ruidos da dança e as interrupções permanentes de um sarau.

O arcebispo, encantado com a ideia de se achar a sós com a rainha, replicava contente:

— Provar-vos-hei, quando mandardes, minha senhora.

— Eu vos avisarei, do dia e da hora.

— Amanhã, talvez? perguntou o arcebispo com visivel desejo de approximar a entrevista.

— Amanhã? pensou a rainha; não é certo; mas depois de amanhã é quasi certo que vos mandarei recado.

— Sabeis que estou ao vosso dispôr em tudo.

— E para tudo? perguntou Leonor Telles, envolvendo o arcebispo n'um dos seus olhares voluptuosos.

— Para tudo, accrescentou elle, beijando-lhe fervorosamente a mão.

— Já vos retiraes? perguntou a rainha.

— Necessito sahir. E' já tarde.

— Fazei-me o favor de saber se já lá estão as minhas andas e de m'o mandar dizer.

— Quereis que vos acompanhe?

— Não é preciso. Vão commigo os creados da condessa.

D. João, beijou novamente a mão da rainha, desejando-lhe «boas noites», deu uma volta pelo salão para se despedir da condessa e de um ou outro fidalgo e sahiu.

Instantes depois, o Trastamara, estava, de novo, ao lado de Leonor Telles e D. Diniz a sós com D. Beatriz.

As scenas succediam-se na comedia, com uma regularidade, como se tivessem sido ensaiadas.

CAPITULO CXXVIII

O infante

D. Diniz estava então na plenitude, na força da vida.

Trinta e tantos annos representavam, n'essas eras, a maior somma de energia e de força.

Olhando, porem, o principe, a sua face denunciava, ou melhor, mostrava uma maior edade.

Não admirava.

Se nos quizermos lembrar da vida aventurosa do moço infante, desde os dezoito annos, desde o dia em que sahiu de Leça do Bailio, condemnado a um exilio, cujo limite se não poderia arcar, facilmente comprehenderemos como as torturas do espirito tivessem cançado a epiderme do rosto.

Exilado em Castella, por vezes combatendo os seus, que elle apreciava e amava, ao lado dos inimigos; voltando, emfim, a Portugal, enviado a Inglaterra, naufrago, roubado de tudo o que possuia, vivendo por tempo miseravelmente entre pescadores, atravessando pobremente a França e a Hespanha, cheio de necessidades e de miserias até alcançar de novo a côrte de Castella, D. Diniz representava bem um homem bem nascido, mas fadado por negra sina, para a desventura, na Terra.

De boa tempera, porém, a sua cabeça ainda que um pouco envelhecida, tinha garbo, altivez, respirava audacia.

Quem o olhasse percebia logo que não era uma pessoa vulgar a que contemplava.

Possuia aquelle ar dominador dos que nasceram em alta esphera e que nasceram para mandar.

A sorte tinha-o atirado de encontro a todos os parceis da terra, tinha-lhe branqueado o cabello, enrugado a fronte; mas o que ella, por mais cruel lhe não poude fazer, fora quebrar-lhe esse ar altivo de raça, esse animo de ferro que se retemperava na desventura, essa faculdade de ser superior á sua sina.

O espirito era o mesmo.

Combatera contra os seus, porque suppunha defender uma causa justa: e se não era justa, era legal.

O Mestre d'Aviz era um usurpador que queria o throno d'uma adultera.

Se a alguem pertencia o throno portuguez, a não ser a D. João I de Castella a quem o tractado claramente o dava, era a elle.

A elle, a elle só, porque nem ao irmão pertencia, visto que o imaginava filho de Ignez de Castro antes de cazados.

D. Diniz tinha esta convicção, ou pelo menos sustentou sempre que assim o acreditava.

Os factos tinham porem resolvido o problema, pondo-o sempre fóra de poder arvorar-se como pretendente, prejudicado pelo irmão mais velho.

Quando a sorte das batalhas consolidou no throno de Portugal o Mestre d'Aviz, D. Diniz julgou e muito bem, que podia voltar a Portugal descançado, exigir o que lhe pertencia e viver tranquillo com a sua casa, rico, entre os seus.

Morrera-lhe porem o irmão.

D. João de Portugal acabara, emfim, a sua peregrinação não menos triste, nem menos celebre, pelo mundo.

Assim ficara D. Diniz com o logar de pretendente ao throno portuguez.

Ficara vago o logar; mas a verdade é que elle nunca pensou em o occupar.

Quando veio para Portugal, o rei recebeu-o amavelmente e deu-lhe parte dos seus bens.

Porque não todos? A explicação temos de a achar nós e parece-nos que a mais natural é a de calcular que o Mestre d'Aviz receiava engrandecel-o de mais.

D. Diniz ficára sempre para muitos fidalgos e muitos populares como o typo do cavalheirismo portuguez, ousado, valente, destemido.

A sua ousada acção, ainda imberbe, contra o irmão e contra a rainha não esquecera mais. D. Diniz era generoso, affavel, sympathico.

Havia de crear amigos e amigos dedicados. Era principe, podia ser um pretendente. Era ambicioso, podia ser um perigo.

Mandou-o para a Inglaterra.

Dizem que a bem, dizem que para mal. Quem sabe lá? N'aquelle tempo todos os processos eram bons.

⁂

Voltara, depois de quantos trabalhos, novamente para a corte onde sempre fora acolhido amigavelmente.

Voltara, desilludido da sua sorte, cançado, naturalmente disposto a viver socegado o resto dos seus dias.

Isoladamente vivia a maior parte do tempo, sahindo de vez em quando a caçar com um ou dois creados que era quantos possuia e nada mais.

Quando a condessa de Mayorca abriu os seus salões, D. Diniz foi dos mais instados pelos generosos convites da condessa.

Era um patricio, um velho conhecido, um amigo.

D. Diniz, começou então a frequentar mais o mundo, pelas relações, á força contrahidas, no convivio a que a frequencia dos maiores o obrigava.

Se a condessa era para todos da maior delicadeza e cortezia, não é menos certo que tinha para D. Diniz primores de attenção, distincções que a poucos concedia.

A posição especial do principe e a origem commum de nacionalidade explicavam estas deferencias.

D. Beatriz conhecera-o, novo, feliz, cheio de mocidade e cheio de esperanças, tendo adeante d'elle um futuro brilhante.

Via-o quasi pobre, exilado, em terra estranha, sem familia, sem futuro e esta situação enchia-a de mágua.

Que mais era preciso para, que pretendesse minorar-lhe o desgosto da vida.

Estas attenções, primores de delicadeza, distincções que acabaram por despertar no animo do principe alguma coisa mais do que um agradecimento sincero, uma amisade leal: o principe sentiu um dia que mais alguma coisa o prendia áquella mulher.

Investigando-se a si proprio, percebeu, que insensivelmente se deixara dominar por um sentimento, que até ahi não conhecera, nunca.

Começou a perceber que não podia passar um dia em que não fosse vêr a condessa e que se a não podia vêr, por qualquer motivo, isso lhe causava um estranho mal estar.

Descobriu que começava a ter má vontade a todos os que andavam á roda d'ella e que eram para elle de um poder malefico, porque lhe causavam mágua os sorrisos que ella distribuia aos seus sequazes.

Sentiu que seria capaz de matar o primeiro que tivesse com ella uma ousadia, ou a quem ella distinguisse com uma caricia.

Percebeu que não pensava senão n'ella, quando ausente; e que quando presente, não sabia articular umas palavras com geito, para lhe ser agradavel.

Comprehendeu, emfim, que se pensava n'ella de dia e de noite, se a nenhuma mulher achara ainda a graça, a belleza e as qualidades da condessa, se tinha ciumes dos sorrisos d'ella, das palavras que dirigia aos outros, das attenções que para os de mais tinha, era porque a amava!

Quando o descobriu não se admirou.

Espantou-se porque ha mais tempo a não amara; porque ha mais tempo não reparava em tanta belleza, em corpo tão airoso, em rosto tão provocador e gentil.

Coisas de namorado!

Como era a primeira vez que amava, imagine-se n'aquelle temperamento impetuoso e semi-rude a energia com que havia de arreigar-se o sentimento.

Era uma escravidão.

Por amor proprio, por orgulho, D. Diniz exercia sobre si o maior esforço para se dominar.

Conhecendo, de mais, de quanto é capaz uma paixão insensata, reagia com todas as forças para conservar esse affecto, bem escondido dentro da alma, como se lhe receasse a explosão.

Não sabia elle, na sua ignorancia, que é essa uma das coisas que o olhar d'uma mulher percebe, quasi sem reparar.

Um gesto, uma phrase, um olhar, um nada e a mulher percebeu o motivo, leu na alma do homem, como n'um livro aberto e de letra maiuscula.

Quando o principe, no começo do ataque amoroso se interrogava, a si proprio para perceber o que o molestava, já a condessa estava farta de saber que doença o invadira.

Elle, crendo-se não percebido, não tivera nunca força de lh'a revelar; ella, como mulher astuta, nunca lhe dera a perceber que lhe conhecia a molestia.

N'aquella tarde, como D. Diniz tivesse occasião de estar longo tempo ao seu lado e a condessa, pela alegria do divertimento, se mostrasse de uma affabilidade e de um convivio mais do que animador, D. Diniz esteve por vezes, a saltar o acanhamento e a cahir-lhe aos pés.

A astuta mulher, como vimos, conhecia os momentos perigosos e com o desvio de attenção para qualquer facto, fazia com que mais uma vez o principe engulisse a declaração prestes a sahir-lhe dos labios.

A volta foi, como vimos, concedida a D. Affonso.

Calcule-se o estado em que D. Diniz vinha seguindo, com o olhar, o idilio dos dois.

De mais, elle não ignorava que já se tinham amado, calculando assim quanto seria facil que um novo amor, mais forte do que o primeiro, se erguesse entre ella e elle, elle que nem tivera a coragem de lhe dizer que a amava.

Que tinha elle que se queixar d'ella?

Porventura era ella obrigada a adivinhar-lhe os pensamentos?

Devia ter-lh'os adivinhado n'aquella tarde, porque se os labios tinham sido mudos, os olhos deveriam ter falado, resolutamente.

Estas e outras mil considerações deviam ter passado pela cabeça do moço principe, de envolta com protestos de maior coragem, de receios, de duvidas, de desfallecimentos, de audacias.

Na abertura da reunião como presenciámos, D. Beatriz começou por falar de novo com D. Affonso, o que levou D. Diniz ao maximo do desespero intimo.

Encostado a uma das columnas, só, de aspecto pouco alegre assim se conservou por tempos, até que o foi encontrar, na mesma posição e mesmo ar, a formosa condessa.

Vimos como elle, em companhia de D. João de Trastamara o começava a interpellar e como elle respondera meio grave e meio alegre.

O dialogo continuou assim um instante, até que D. João de Trastamara os deixou a sós.

A condessa percebeu que era occasião de o fazer desabafar, precisava que fôsse, pela promessa feita á rainha.

Então achou maneira de se desviar do tumulto e sentou-se n'uma cadeira alta que ornava um dos cantos da ampla quadra.

D. Diniz, ao lado, meio inclinado para ella, bebendo-lhe as palavras, contemplando-a como um crente a imagem de uma santa que adora, escutava-a, arrebatado.

Fôra calculo, fôra acaso, aquelle isolamento? Elle não o podia saber; nem seria capaz de aventar a si proprio a pergunta, porque no enlevo em que estava, só cahia uma coisa, uma idéa, uma imagem — era a d'ella.

Enchia-o todo com uma idéa fixa e esta exclue qualquer outra.

Ouvia-a falar-lhe, a sós, meiga, docemente, que mais era preciso para não estar na terra, para planar no céo?

◆

CAPITULO CXXIX

O laço

— D. Diniz, dizia a condessa, vós sois muito bom, mas parece-me que vos enganaes na apreciação dos sentimentos que dizeis ter por mim.

— Que me engano? eu? protestava D. Diniz.

— Talvez.

— Condessa, replicava o infante, de ha muito me conheceis, de ha longos annos, sabeis que não sei faltar á verdade.

— Sei que não sabeis mentir, replicou a condessa; mas é que se pode mentir, imaginando dizer-se a verdade. Ha tanto tempo, ao meu lado...

— Imaginaes que é d'hoje que vos amo? perguntou o infante, já sem pretender conter os impulsos intimos do coração: imaginaes que é d'hoje, da caçada d'esta tarde, talvez, que eu sinto por vós este querer, este desejar, este amar, que é hoje toda a minha vida e todo o meu tormento?

Imaginaes que vos não vi senão agora, que só agora notei a vossa belleza, os vossos encantos de corpo e de coração?

Enganaes-vos. Ha muito tempo que eu vivo para vos vêr e ouvir. para estar no céo quando me encontro ao vosso lado, para cahir no inferno quando me affasto de vós.

A condessa lia, nas palavras de D. Diniz, uma grande sinceridade.

Era isso que ella queria saber, para avaliar qual o gráu de impressão que produzira no infante, porque esse calculo approximado, revelava-lhe o quanto de dedicação e de sacrificio poderia exigir-lhe.

As palavras de D. Diniz, cahiam-lhe nos ouvidos, cariciosas para a sua vaidade e ainda reveladoras de um sentimento fundo e energico.

O infante continuava:

— Desde o dia em que a vossa bondade me chamou para a vossa casa, desde esse dia, eu pude conhecer toda a superioridade da vossa pessoa, entre todos os que vos cercam e que vos acompanham.

Esta preferencia, este juizo favoravel cresceu a transformar-se n'uma necessidade do meu espirito. De muito vos admirar, comecei a querer-vos; de muito vos querer, comecei a amar-vos.

A condessa lançou-lhe o melhor dos seus sorrisos.

— Calei. Por longos mezes calei este affecto, este desejar-vos do intimo da alma. Porquê? Não sei dizer-vos. A timidez nunca foi o meu forte; mas sentia-me sempre timido.

Quantas vezes abri a minha bocca para vos dizer: condessa, quereis ouvir-me? mas, no momento de falar, de o querer fazer, os labios cerravam-se-me, apertava-se-me a garganta, eu não podia falar.

— Que receiaveis de mim? observou, sorridente, a condessa.

— Senhora, que não me ouvisseis com a attenção e com a bondade com que o fazeis, n'este momento.

Porque se o não fizesseis e estaveis no vosso direito de me attender ou não como o fazeis, eu teria experimentado a maior dôr, a pena mais cruel de todas as que tenho soffrido na minha vida tormentosa, que não teem sido pequenas.

— Tudo vos garantia a minha discreção, D. Diniz; o vosso logar, a vossa gerarchia...

— Eu sei, senhora, que possuis as mais altas qualidades de educação; mas todas as considerações morriam ante o receio, agora vejo que infundado, de vos incommodar.

— Estais satisfeito, agora?

— Porque me ouvistes?

— Não era isso o que receiaveis tanto? O que vos amedrontava?

— Sem duvida; mas...

— Ha um mas?

— Comprehendeis bem que não é tudo. E' muito o terdes-me ouvido, tão boa, tão complacente; mas alguma coisa mais o meu espirito ambiciona; alguma coisa mais eu preciso para meu socego, para a tranquillidade da minha vida.

A condessa, fazendo-se desentendida, replicou:

— Que mais, meu principe?

— Não o adivinhaes? não quereis perceber que espero uma resposta dos vossos labios? que preciso saber como acceitais o offerecimento que vos faço da minha vida futura, do que sou, do que valho? Não vêdes que eu preciso de saber se hei de continuar a amar-vos, a vêr-vos, ou se tenho de vos fugir, de arrancar de dentro de mim esta ultima esperança de felicidade que me sorri na vida?

De tal modo foi dita esta phrase ultima, tanta verdade, tão dolorido sentimento ella exprimia, que a formosa condessa não poude deixar de olhar o principe, n'um movimento de curiosidade.

A expressão do rosto de D. Diniz correspondia, absolutamente, a um estado de alma cheio de máguas.

Era como se exprimisse a impressão de uma serie de recordações dolorosas, junta a uma anciedade do momento.

A condessa, com o ar mais serio, mais sereno, mais delicado, respondeu, passado um momento:

— O muito que me quereis, o muito que eu tive a felicidade de vos agradar, turva-vos um pouco o espirito, D. Diniz.

— Porquê, senhora?

— Affirmais, acabais de o dizer, que eu represento para vós a ultima esperança de felicidade, da vossa vida.

— E sois, minha senhora, interrompeu o principe com a maior convicção.

— Ser-me-hia penoso que assim fosse, em absoluto, meu principe, volveu a condessa.

— Porquê, senhora? perguntou D. Diniz com um nó a apertar-lhe a garganta.

— Porque, respondeu suavemente a condessa, se muito vos aprecio, se muito vos estimo e tanto que não tereis aqui quem mais vos queira, eu não posso, agora, já, dar uma resposta tão agradavel como desejarieis, ao vosso desejo.

— Não podeis?! disse D. Diniz com ar desolado.

— Não posso dizer-vos o que quererieis que vos dissesse. Responder com egual linguagem á vossa, cheia de fogo e de vivacidade como creio.

E como D. Diniz parecesse pelo aspecto pallido da physionomia passar um grande transe, D. Beatriz solicitamente, com extrema meiguice na voz, continuou:

— Ouvide, D. Diniz, não vades acreditar que é uma ruptura clara a que eu pretendo crear com as minhas palavras. Que vos não estimo, que vos não quero bem de dentro.

Por piedade, não.

Se muito me estimais, acreditai que vos pago em egual moeda. Se pensastes um dia em ligar a vossa vida á minha, não penseis que egual idéa me não tem passado pela cabeça, uma, muitas vezes.

A estas palavras, D. Diniz respirava mais amplamente.

— A que mais podia eu aspirar? O que vos falta? Nobreza, valentia, generosidade? Tudo possuis e á farta.

Se alguma coisa me podia prejudicar este calculo do coração, era a idéa de que vos não merecesse, ou de que não me ligarieis a importancia necessaria, para me elevardes até vós.

— Senhora, magoais-me, disse o principe.

Habil e calculista dos effeitos obtidos, a orgulhosa condessa continuou, vagarosamente:

— Hoje vejo que não me enganei quando suppuz ter-vos inspirado uma sympathia real; mas até aqui, como poderia ter tal certeza?

Declaro-vos que me enleais; mas eu não posso dizer-vos claramente: principe, serei vossa, fazei de mim o que approuver á vossa vontade.

— Porquê? Não sois livre? tartamudeou D. Diniz.

— De dispôr de mim? absolutamente. Lembrai-vos, porém, de que ha pouco enviuvei e acreditai que me não passou ainda aquella saudade, que é um respeito por meu marido.

Deveis comprehender que de ha muito teria casado já se o desejasse...

— De certo, interrompeu D. Diniz, de ha muito.

— Bem vêdes que me não faltam nem admiradores, nem pretendentes; mas não o tenho querido fazer, por muitas razões que me perdoareis não vos explicar, mas sobretudo por uma: é porque não posso.

— Senhora, eu não imaginaria, nunca, forçar a vossa vontade. Se toda a minha felicidade seria a de poder chamar-vos minha mulher, era preciso que o fosseis, com todo o querer da vossa alma, com toda a vossa vontade, independente e livre.

— Eu não o seria d'outro modo, principe; eu não o serei — accrescentou, com a mais intencional finura, a condessa — eu não o serei nunca, senão assim, se acaso Deus tiver determinado que vos pertença.

— Assim vos desejo e assim vos queria, senhora, porque só assim eu poderia ser verdadeiramente feliz.

A condessa sentiu que era o momento de lhe lançar o laço, de o apertar bem a ella, por uma promessa, por um artificioso engenho e disse-lhe:

— Querieis fazer-me um favor?

— Dizei qual.

— O de me acreditar, sem reservas, como falando-vos, lealmente, como uma verdadeira amiga, como uma irmã?

— Dizei, senhora, acreditarei.

— Principe amo-vos bastante, para poder acceitar o vosso offerecimento: se julgaes que serieis feliz como meu marido, digo-vos que eu sinto que seria amplamente feliz tendo-vos por esposo. Que mais quereis que vos diga?

Esta é a confissão clara dos meus sentimentos, isto é o que eu sinto, esta é a verdade. Digo-vos porém, já, n'este momento: disponde de mim;

não. Quando poderei dizer-vol-o? Tambem vos não posso responder. Comprometter-me em que vol-o hei de dizer, tambem não. Na nossa amizade franca e leal eu quero que me permittaes a mais completa liberdade.

Eu não posso tomar um compromisso qualquer, não posso, nem devo.

As razões que eu poderia dar-vos, peço-vos que as acrediteis pezadas, e que permittaes que as reserve. Não têm segredos, mas são inuteis perante a minha vontade.

D. Diniz ouvia encantado, ainda que com um leve despeito a franzir-lhe os labios.

Era tão claro, tão apparentemente sincero, o que D. Beatriz lhe dizia; era ella tão senhora da sua vontade, dama de tão altos espiritos que elle não se atrevia a pôr objecções ás suas palavras.

Uma coisa porem o enchia de prazer: ella amava-o.

Assim lh'o dissera, claramente. Quanto aos motivos que teria para que cedesse a esse amor, elle faria por lh'os arrancar, por lh'os vencer, um a um, fosse, como fosse custassem elles os sacrificios que pudessem custar.

Esta ideia é que o fazia vibrar, docemente; ella amava-o!

Assim quando a condessa parou por uns momentos elle não poude deixar de dizer:

— Este é, minha senhora, o momento mais feliz da minha vida.

— Apenas isto vos basta?

— Para ser feliz? sim. Eu não quero indagar dos motivos que vos impellem. Dissestes-me um: o da vossa viuvez. Esse não será o maior. Quaesquer porem que sejam os outros espero que, um dia, a vossa bondade m'os revelará. Se estiver na minha mão o removel-os acreditae que n'isso porei todo o meu empenho e que por o alcançar exporei tudo, até a minha vida.

— Olhae que vos comprometteis talvez, meu principe; observou intencionalmente, a sagaz condessa, irritando assim os brios cavalheirosos do principe.

— De mais?

— Pode ser.

— Não, senhora. Sabeis que tenho uma só palavra, e que essa não recúa nunca. O que disse, disse.

— Permittis-me, então que vos experimente?

— Essa será a minha maior honra.

— Desde já?

— Desde já.

— Ides fazer-me um favor, que sei que vos vae custar.

— Dizei.

— Que vos vae custar muito.

— Dizei.

— Recebi um pedido de alguem, a quem muito estimo, para que lhe faleis.

D. Diniz, nem por sombras, podia imaginar aonde a condessa queria chegar; nem quem fosse esse alguem que lhe queria falar.

— Porque não falarei?

— Prometteis-m'o, portanto?

— Senhora, que mais vos hei de dizer? Quem quer que seja, dizei; repetiu o principe, debalde pretendendo adivinhar o que havia de difficil ou extraordinario em falar a alguem.

— Quem me pediu para que vos dignasseis falar-lhe é sua alteza a rainha, é D. Leonor Telles.

Se o tecto do salão tivesse cahido n'esse momento sobre a cabeça do principe, elle não teria sentido um choque tão violento no cerebro como ao ouvir taes palavras.

Leonor Telles! mas era o que elle nunca poderia ter pensado por mais que imaginasse.

Elle que nem ousava encaral-a! Elle que evitara sempre o seu convivio durante annos! Elle que a offendera, cruelmente, em phrase a mais insultuosa e deprimente! Elle que imaginara sempre que nem ao de leve essa mulher consentiria que lhe falassem n'elle! Elle que fôra o seu maior, mais encarniçado e mais atrevido inimigo! Elle que a insultara em tudo o que uma mulher tem de mais querido, o amor proprio, a vaidade! Elle ir-lhe falar! Poderia ella falar-lhe? ouvil-o? supportar-lhe a presença? ouvir-lhe a voz?...

Esquecera a scena da coroação?

Era possivel que Leonor Telles esquecesse?

Estas e mil reflexões e pensamentos atravessaram-lhe a cabeça no espaço de um minuto.

Era possivel que lhe tivesse feito tal pedido? Que Leonor Telles desejasse falar-lhe?

Instinctivamente olhando-a, n'este momento, a rainha tinha n'elles dois, os olhos como se adivinhasse do que tratavam.

Fitava-os; mas o seu olhar era, bom, meigo, como se exprimisse uma prece.

Era possivel? Não o podia duvidar.

Deante d'elle, a condessa fitava-o com a maior ternura e perguntava-lhe:

— Que respondeis?

— Confesso-vos, senhora, que me espantou o pedido.

A rainha, D. Leonor desejar falar-me!

— E sabeis que para vosso bem, meu principe.

— Para meu bem? Leonor Telles?

— Porque o duvidaes?

— Não achaes natural, senhora, que eu duvide até dos meus ouvidos? Nunca, até hoje, alguem poude imaginar que D. Leonor Telles perdoasse uma injuria; como quereis que eu pudesse pensar que ella seria capaz de fazer um beneficio pela maior que em sua vida recebeu?

— D. Diniz, não conheceis a rainha.

— Eu? é possivel; mas então sonhei toda a minha vida.

— Leonor Telles é capaz de crueldades; mas é tambem capaz de dedicações profundas.

— Haveis de concordar que as não poderá ter por mim.

— Não o sei.

— Achaes que seria capaz?

— Sei que é capaz de se interessar por vós, como ella o faz quando se interessa verdadeiramente, por alguem, até ao sacrificio.

— Maravilhaes-me, D. Beatriz.

Esta noite é para mim a noite das surprezas.

— Pois surprehendei-vos á vontade; mas dizei-me se estaes resolvido a falar-lhe.

— Senhora, prometti.

— Se vos arrependeis, desligo-vos ainda da vossa palavra.

Todo o meu desejo é ser-vos agradavel; é possivel que vos possa surprehender alguma vez, mas forçar-vos a obrar contra a vossa consciencia, contra o vosso pensar de cavalleiro, isso não.

Préso tanto como vós a vossa honra e não serei jámais capaz de vos exigir um acto que eu julgue que vos possa afastar das suas leis.

— Obrigado, senhôra.

— O que vos pedi, não prejudica a vossa hombriedade, nem diminue a vossa altivez.

Ao contrario, D. Diniz, eleva o vosso caracter e ennobrece-o.

— Porquê, senhora?

— Porque accedendo á vontade da rainha mostraes assim esquecer toda a má vontade que contra ella podeis ter ainda.

— Superior deve ser a d'ella.

— A rainha esqueceu.

— Como não terei eu esquecido, se eu fui o offensôr?

— E' certo; mas se offendestes, pagastes cara a offensa.

Ella foi a origem de toda a vossa má sorte, de tudo o que haveis passado de desagradavel na terra.

— Tambem é certo; mas o unico responsavel d'essa acção fui eu.

A ninguem pedi conselho: antes de alguns o desprezei para proceder, como entendia ser do meu dever.

A minha desventura fui eu só quem a creou: de ninguem me queixo, nem de mim mesmo.

— Afinal, disse, sorridente, a condessa, estendendo-lhe a mão que elle beijou, encontramo-nos, ao fim da nossa conversa, como dois bons amigos, que andavam um ao lado do outro sem se entenderem e a quem o acaso feliz reuniu, n'uma camaradagem intima.

D. Diniz pareceu-lhe antever o ceu n'esta phrase.

— Não é verdade que vos sentis bem, com este acontecimento?

— Se vos disse ha pouco, que me sentia feliz!

— Tambem eu.

Ouvide, continuou a condessa, com toda a garridice e encanto que podia dar aos gestos e á voz, quero que esta amizade se não desfaça nunca, quero que ella se prolongue, até...

— Até?... perguntou D. Diniz, louco de uma alegria intima.

— Onde deve chegar; disse a condessa, levantando-se, ao pronunciar esta phrase vaga.

Erguendo-se, perguntou, dôcemente:

— Se nós fossemos falar á rainha?

N'este momento Leonor Telles, pedira a D. Pedro de Trastamara para ir ordenar que a esperassem as andas.

Estava, só, quando chegaram os dois.

D. Diniz curvou-se galantemente e beijou-lhe a mão.

O olhar das duas mulheres, foi um relampago, em que passou um mundo de idéas, de critica, de pensamentos.

Leonor Telles recebeu o cumprimento, com o seu melhor sorriso, com a maior naturalidade, como se fosse a coisa mais vulgar de todos os dias, D. Diniz beijar-lhe a mão.

— Já sei, D. Diniz, que matastes hoje um formoso pôrco, de uma lançada?

— Uma questão de felicidade, minha senhora.

— Não negaes que sois portuguez e irmão de vosso irmão que Deus tenha, que n'isso era eximio, como poucos.

Depois, voltando-se para a condessa, disse-lhe:

— Tenho passado uma noite deliciosa.

As tuas reuniões são um paraizo; mas vinha para te falar e quasi que te não vi.

Se quizeres apparecer ámanhã, pela noite...

— Irei, exclamou a condessa.

— Senhor infante, disse Leonor Telles, olhando meigamente D. Diniz, sabeis onde móro, não é verdade?

— Sim, minha senhora.

— Pois ficae tambem sabendo que vos espero, porque temos muito que conversar.

Depois com o ar mais captivante do mundo, affectuosa, delicada, cariciosa, accrescentou como a meia voz:

— Ha tanto tempo que não falamos, não é verdade? A bem? como amigos? Não tende saudades d'esse tempo?

— Senhora, disse D. Diniz, quem pode não ter saudades da mocidade.

— Que gentil que ereis, accrescentou a rainha. Fogoso de mais talvez .. o sangue... a raça...

N'isto D. Pedro chegava, avisando de que andas e creados estavam a postos.

Leonor Telles estendeu a mão branca e fina a D. Diniz, dizendo:

— E não vos demoreis. Acreditae que vos espero, com anciedade.

D. Diniz beijou-lhe a mão, perguntando:

— Quereis que vos acompanhe?

— Não é preciso, respondeu Leonor Telles. Se precisasse tinha a minha guarda; e, dizendo, olhava amorosamente D. Pedro.

Ficae em paz; diverti-vos. Se eu fosse nova iria tambem dançar.

Dizia isto, sorrindo, mostrando a fileira branca dos dentes que semelhavam gottas de geada, entre petalas de rosas.

Pelo braço da condessa, atravessou o salão, despedindo-se, com uma phrase agradavel para cada mulher, um dito captivante para cada homem. Todos vinham beijar-lhe a mão.

Era bem uma rainha esta mulher, sempre que o queria ser; sempre que precisava fazer sobresahir, na multidão, o seu espirito delicado, cheio das mais raras prendas de distincção e de intelligencia.

Na escada que descia para o atrio, já sós, a rainha disse para a condessa.

— Vae cêdo; estou anciosa por te ouvir.

— Vae tudo bem? perguntou esta, sorrindo.

— A's mil maravilhas; parece que um genio bemfazejo nos protege. Ao embrulhar-se na ampla capa, perguntou:

— D. Diniz... muito rebelde?

— Um pouco.

— Sim?

— Um nada.

— Não faltará, amanhã?

— Podeis ter a certeza.

Beijaram-se. A condessa permaneceu no alto da escadaria, até que Leonor Telles entrou para as andas.

Lá de dentro Leonor Telles disse-lhe ainda um longo adeus com a mão, mandando a um creado que se perfilava ao lado, de lança erguida:

— Para o convento.

Ergueram-se os archotes, fazendo scintillar os aços das armaduras e das lanças do sequito e a comitiva sahiu o largo portão armoriado, n'um passo cheio de cadencia e de firmeza.

CAPITTLO CXXX

Alarga-se a teia

Ao outro dia, Leonor Telles esperava duas visitas, qual d'ellas de maior importancia.

Uma, a do arcebispo; outra a de D. Diniz.

Quiz, porém, o acaso, ou o destino que recebesse uma terceira e antes das duas presumidas, uma com que realmente não contava, de que nem suspeitava, sendo do maior interesse e gravidade para os seus designios.

Sabia-se que tinham chegado no dia antes, o da caçada, uns fidalgos portuguezes.

Não se sabia, porém, positivamente quem fossem e nem tinha havido grande pressa em indagar, porque este acontecimento era vulgar n'aquelles tempos.

Fidalgos hespanhoes por Portugal, fidalgos portuguezes por Castella, era coisa que se via continuamente e a que se não ligava maior importancia.

Tinham realmente chegado dois fidalgos e de representação porque eram o conde D. Martim Vasques da Cunha e João Affonso Pimentel.

O que tinham ido lá fazer? O que os levava a Castella?

Em breve o veremos.

Quando Leonor Telles, vestida e preparada, esperava a visita de D. Diniz, noticiaram-lhe que a procurava o conde Martim Vasques da Cunha.

Espantou-se Leonor Telles com a visita. Não a esperava; não a podia explicar.

Mandou subir o conde.

Era um rapaz ainda, forte, typo de guerreiro, de cabello e olhos pretos decidido no modo e no falar.

Cumprimentou, com a maior naturalidade, a rainha, perguntando-lhe, depois de lhe beijar a mão.

— Conheceis-me?

— Um pouco.

— Não admira, porque só uma vez me parece que fui á côrte, emquanto ereis rainha. Meu pae, porem...

— Ah! esse, interrompeu Leonor Telles, conheço muito bem.

— Conhecestes?

— Morreu? perguntou com simulado ar triste a rainha, dou-vos os meus sentimentos.

— Ha dois annos.

— Em combate?

— De uma febre maligna que apanhou n'um cêrco.

— Era um valente guerreiro vosso pae, lembrou a rainha a lisongear o amor filial do novo conde, um valente e um amigo.

— Tendes em mim, senhora, não digo um guerreiro como meu pae, mas alguem que não tem medo da guerra e, como amigo, egual.

— Agradeço-vos, conde, disse a rainha, e, reparando que estava de pé, com a maior urbanidade, convidou-o a sentar-se.

Olhou-o um momento, n'um rapido exame e perguntou com bem simulado interesse:

— A que devo a honra e o prazer da vossa visita?

— Senhora, disse o conde, posso falar á vontade? dizendo isto olhava em roda da sala.

— Absolutamente, conde, respondeu a rainha.

— Vim a Castella com tenção de falar a El-Rei e de lhe offerecer os meus serviços.

— Deixastes Portugal?

— Deixei.

— Offendido?

— Assim me julgo, eu e Affonso Pimentel que veio commigo e outros que sahiram tambem do nosso reino; mas ficaram por terras de Castella, esperando a nossa volta.

— Tencionaes voltar?

— Conforme.

— A bem?

— Oh! não. A nossa volta só poderá fazer-se se conseguirmos os nossos desejos.

— Esses são?

— Assolar Portugal, dar uma licção severa ao Condestavel D. Nuno e ao seu patrono incondiccional, o rei D. João I, o ex-mestre d'Aviz.

D. Leonor Telles pareceu-lhe um sonho.

A chegada d'este homem, as suas tenções, cahiam do céu, em sua ajuda.

Percebeu rapidamente que estava em frente de um despeitado, de alguem que queria vingar-se de offensas verdadeiras ou suppostas, e que esse alguem era para ella, um argumento sem preço, na occasião, um argumento e uma arma.

— Vinheis, então, consultar o rei?

— Vinha persuadil-o a tentar, novamente, a sorte das armas contra Portugal e ajudal-o quanto pudesse.

— Contaes com valiosos adherentes.

— Bastantes.

— O amor ao Mestre não é, então, absoluto em Portugal?

— Todos teem inimigos, elle tem-nos em maior numero porque não sabe ser rei.

A rainha exultava.

Sabeis, porém, que El-Rei nada influe ainda, nas resoluções dos castelhanos?

— Sabia que era menor, que não governava ainda, mas imaginava que algum peso tivesse, já, a sua vontade, em coisas do governo.

— Nenhum tem.

— Assim me disseram.

— Quem tudo resolve, decide, é o conselho de regencia que foi creado por morte do pae, D. João I.

— Tambem sei e sei mais que a alma d'esse conselho, quem o domina, quem manda é D. João arcebispo de Tolêdo, fidalgo orgulhoso, sabedor e decidido.

— Tambem é verdade.

— Sei mais ainda que a unica pessoa que sobre esse homem tem imperio, por sympathia, por amizade, ainda por consideração e respeito, sois vós, minha senhora.

A rainha olhou D Martim e encontrou-lhe o olhar claro, limpido, sereno, fitando o seu.

O rapaz pareceu-lhe da melhor agua.

N'esse dia, senhora sube tudo o que precisava saber. Tinha uma franqueza, reveladora de um animo decidido, de um espirito despido de receios e de temôres.

Fallava claro, com uma grande naturalidade, como de um homem que sabe muito bem o que diz, que mede todas as consequencias do que faz, n'uma nitida consciencia do seu valor e do seu fim.

A rainha replicou.

— Eu? quem vos disse isso?

— Toda a gente, replicou o conde.

— Toda a gente? disse a rainha e calou-se.

— D'onde conclui, minha senhora, e não é preciso ser muito atilado para o perceber, que a maneira melhor e mais facil de cumprir os meus intentos era vir pedir-vos a protecção, perante o arcebispo.

Se quizerdes proteger o meu empenho, com a vossa annuencia, se patrocinardes perante sua excellencia, o meu pedido será facil que eu não tenha vindo debalde.

A rainha estava ainda silenciosa.

— O que me animou, continuou o conde a vir incommodar-vos é que pensei que eramos ambos portuguezes, ambos melindrados, ambos offendidos e expoliados pelos mesmos homens e que era natural, pelo vosso caracter altivo e nobre que não deixasseis de proteger uma empreza, que o menos que vos poderia causar era alegria.

Estas palavras foram ditas com tanta lealdade e tanta nobreza que a rainha, sempre reservada e discreta, não poude conter-se que não replicasse, interrompendo-o:

— Não vos enganastes, conde.

— Assim acreditei, sempre. Eis pois o que me traz ante vós e permittíme o pedir-vos que confirmeis a acceitação que revelastes conceder aos meus planos.

— De todo o coração, respondeu a rainha: eu fallarei a D. João, o arcebispo, em vós e na vossa ideia. Deixae-me, porem dizer-vos que me parece difficil levar novamente, os castelhanos á guerra.

— Estão ainda mal dispostos?

— Os revezes seguidos, justificam a sua má vontade.

— Sobretudo os ultimos confirmou D. Martim. Foram crueis.

Aljubarrota e os Atoleiros devem sangrar ainda.

— Sangram muito, intimidam mais. Ha uma grande relutancia, no povo, explicou Leonor Telles.

— Nos nobres?... ia a continuar o conde.

— Nos nobres não, explicou a rainha. Apenas alguns não acceitarão a ideia; muitos, porem, querem vingar-se, desforrar-se; precizam do saque, estão pobres.

— Trago, me parece, maneira de resolver a todos, se me ajudardes.

— Tendes muita confiança em vós, objectou a rainha, arteiramente, para indagar até aonde chegava a habilidade do desembaraçado conde.

— Senhora, aquella que todos podem ter em si proprios, quando se conhecem: a razão.

— Oh! a razão, disse Leonor Telles, que pessima conselheira e que pessima auxiliar ás vezes.

— Tudo está em saber fazel a valer.

— Quando se pode.

— Pode-se sempre, objectou o conde.

— Sempre? disse a rainha fixando os olhos no rosto energico do rapaz.

— Sempre que não haja receio de sacrificar tudo por ella, a fortuna e a vida.

Leonor Telles, pensava intimamente:

— Eis aqui um homem, a quem se luzisse uma estrella, podia vaticinar-se um throno.

— Julgais, voltou o conde, que vos fallo, sem base?

— Não sois homem, já vejo, para isso, emendou Leonor Telles, com um sorriso affectuoso. Creio bem que tereis uma, ou mais se forem precisas.

— As que tenho me bastam e vós me direis se estou em erro.

Com a maior attenção Leonor Telles preparou-se para ouvir o conde. Nem d'outro modo podia ser, visto que este homem representava para ella a Providencia.

Queria tentar a guerra, vinha em seu auxilio um reforço inesperado.

Faltava lhe um pretexto, esse homem trazia-lh'o.

Que mais poderia exigir da sua sorte, da sua sina, da fada magica que a protegia visivelmente?

— Dizei, conde, dizei, porque anceio por ouvir-vos.

O conde começou:

— Tendes bem na memoria as condições do ultimo contracto de paz?

— Devo ter. Tenho de certo.

— Posso repetir-vol-as rapidamente. A primeira era que os portuguezes e castelhanos não tomassem coisa alguma uns aos outros. A segunda referia-se aos prisioneiros que de qualquer condição que fossem deviam ser entregues, livremente, sem peias nem indemnisações, de parte a parte.

— Estipulou-se até uma multa por cada prisioneiro retido depois de seis mezes, para a pessoa que o retivesse, accrescentou Leonor Telles.

— Justamente, confirmou o conde, a multa era de mil dobras cruzadas.

— A terceira, continuou o conde, referia-se aos roubos feitos de lado a lado, para que fossem restituidos, avaliados os prejuizos e no caso de relutancia dos receptadores se lhes instaurasse processo, se lhes fizesse penhora e se lhes tomassem os bens precisos, para pagamento dos prejuizos causados.

— Lembra me bem, confirmou a rainha.

— Estas condições foram cumpridas, á risca, pelos portuguezes, mas não o foram pelos castelhanos.

— Como é costume, objectou a rainha.

— Como é costume, confirmou o conde. Os prisioneiros castelhanos foram logo soltos; os portuguezes, na sua maioria, não. Inda hoje, estão captivos.

A regencia, porque vejo que o pequeno rei Henrique III não tem d'isso culpa alguma, farta-se de mandar promessas e, a respeito de obras, nenhumas faz.

Ora D. João começou a impacientar-se, justamente, com tanta falsidade e má fé. Tanto mais, que n'isso andara generosamente, não tendo consentido que se fizessem penhoras.

Como visse que, a bem, nada conseguia, começou a ameaçar. Deveis saber?

— Nada sei a esse respeito.

— Começou e como as ameaças não tenham surtido effeito resolveu liquidar o negocio.

— Por suas mãos?

— Justamente. Mandou fazer as contas e achou-se que lhe pertenciam, de direito, que lhe eram devidas pela falta de cumprimento do tratado, duzentas ou trezentas e cincoenta mil dobras!

— A conta é tentadora, disse a rainha.

— Tentadora e pezada como divida.

— Resolveu pois o Mestre?...

— Pagar-se por elle proprio.

— E' o preço de uma villa ou de uma cidade, observou a rainha.

— Foi tambem o que elle pensou e resolveu-se, portanto, a tomar uma cidade.

— Que tomou?

— Badajoz.

— Está-lhe nas mãos? perguntou Leonor Telles um pouco admirada.

— Ha mais de oito dias.

— E' curioso.

— O quê? interrogou o conde.

— Que se não saiba ainda, aqui.

— Não se sabe. O mau tempo tem difficultado a vinda da noticia, mas ella não tarda.

— Não tardará.

— Mas como já cá está, porque eu a trouxe e só a vós a disse, ainda eu quero aproveitar o beneficio de ser o mensageiro.

— Tendes razão.

— Aproveitar a surpreza e a indignação que ha de causar.

— Perfeitamente pensado.

— Não achais que o argumento é forte?

— Parece-me decisivo, disse a rainha, não podendo desterrar do rosto uma expressão de alegria.

— Pintar-lhe-hemos o feito, como uma deslealdade, uma quebra do contracto, uma perfidia.

— Os castelhanos são orgulhosos, a resolução e acção do Mestre não passará sem levantar os mais altos protestos.

— Imaginais pois que será facil conseguir a guerra?

— Quasi que vos podia affirmar que será declarada, antes de dois dias.

Conde e rainha tinham n'esta altura do dialogo a expressão facial de duas creaturas felizes.

— Ninguem em Castella se acalmaria com a perda de Badajoz, accrescentou, como para si, a rainha, ninguem.

— Ha porém ainda mais, disse o conde, saboreando o offerecer mais um motivo importante.

— Ha mais?

— Ha mais, sublinhou D. Martim, um facto que se está passando n'este momento, de não menor gravidade.

— Dizei, não me façais esperar, volveu a rainha.

— E' que D. João I cérca, ha oito dias, a cidade de Tuy.

— Tambem? e Leonor Telles ficou por instantes meditativa.

— Em que pensais, senhora? perguntou curioso o conde.

— N'esta regencia e n'este reino. Olhae, continuou, uma cidade tomada, outra talvez a esta hora nas mesmas condições e nada se sabe aqui.

Os regentes dão-se banquetes sumptuosos, dividem-se dinheiros e honras e ignoram as coisas mais graves que vão pelo reino.

— O rei nada saberá tambem?

— Nada sabe. Quem lh'o iria dizer? Depois é um creança, todo entretido em caçadas, ao lado de uma mãe inerte, incapaz de lhe chamar a attenção para as coisas do seu paiz.

— Muito boa, dizem.

— Decerto muito boa; mas, conde, a bondade estrêma não é, nem será nunca a qualidade primacial das mães dos reis e ainda menos dos proprios reis.

Se elle fosse meu filho! ao dizer isto Leonor Telles tinha no olhar um brilho estranho, eu vos diria se essa regencia havia de desempenhar o seu logar.

Bastava que o tivessem deixado estar ao pé de mim.

Sabeis que muito me estimava?

— Calcúlo bem, respondeu o conde.

— Muito, confirmou Leonor Telles. Não n'o deixam aqui parar.

Elle ouvia muito a avó, como elle me chama, e os homens grandes de Castella, parece que receiavam os conselhos de uma mulher! Uma mulher, sem poder, sem força, sem poder inspirar o minimo receio.

Deixam-n'o com a mãe, pobre creatura, passiva e inexperiente.

Leonor Telles quasi que monologava, inintelligivelmente estas phrases seguidas.

O conde, de pé, porque a rainha se levantara tambem, ouvia sem a interromper.

De subito Leonor Telles parou deante d'elle, dizendo:

— Meu caro conde, estamos alliados para a vida e para a morte.

Quanto á minha intervenção, perante D. João, digo-vos que n'ella vou empregar toda a influencia, que a sua bondade e a sympathia que me dispensa me permittem exercer sobre elle.

O conde inclinava-se, radiante.

— Haveis de fazer-me um favor.

— Mil, minha senhora.

— O virdes esta noite, novamente, aqui.

— A que horas?

— Depois do terço. Terei necessidade de vós.

— Em tudo podeis contar commigo. Queria tambem pedir-vos um favor.

— Dizei.

— Fostes tão bondosa para mim e sois ainda tão boa convidando-me a procurar-vos, hoje, que eu não hesito em sollicitar a vinda commigo de D. João Affonso Pimentel.

— Dar-me-heis grande prazer, trazendo-m'o.

— E' um amigo e é ainda uma testemunha de tudo o que vos disse.

— Precisaes, porventura, de justificar-vos? Trazei-o como amigo e nunca como contra prova das vossas palavras.

O conde ia a beijar-lhe a mão para sahir, quando Leonor Telles lhe disse:

— Conde, deixae-me fazer-vos uma pergunta. Tenho ainda alguns amigos em Portugal?

— Alguns tendes, senhora.

— Poucos, porém?

— Não tão poucos.

— Todavia, é certo, que os correios foram escasseando e que os muitos que me eram dedicados e me deviam tudo o que eram, deixaram pouco a pouco de me escrever.

— Ha muitas razões para isso, senhora.

— Quaes?

— Umas são as que servem de desculpa aos ingratos e essas são as que mais custam a soffrer; as outras são, ás vezes, independentes da nossa vontade.

As mudanças que houve em Portugal, a vossa sahida, a distancia em que estaes vivendo, a fama do vosso afastamento de todas as coisas politicas de Portugal, tudo isto concorre para que vos tenhaes sentido abandonada.

— Tendes razão.

— Abandonada não quer dizer esquecida. A's vezes quando se suppõem mortas dedicações que se julgavam immortaes, ellas estão, apenas, abafadas.

Um caso, um nada, pode fazel-as reapparecer com a mesma intensidade dos tempos passados.

— Esse não será o meu caso.

— Porquê? Sois, por direito, a rainha, ou melhor, a regente de Portugal.

Reparae que as vozes que se levantaram a vosso favor nas côrtes de Coimbra, calaram-se pela inutilidade do protesto, mas ninguem pode affiançar que os homens que as soltaram, não saiam ainda hoje em sua defeza, se houver probabilidades de as fazer respeitar.

Quem são os que se ergueriam por ellas? Não vol-o posso dizer; mas creio firmemente que alguem ha, sobretudo dos vossos parentes.

— Oh! esses! disse a rainha.

— Hão de sentir a vossa desdita. O amor proprio, o orgulho pessoal não se perdem com os azares da vida. Sois sua parenta, ainda que não quizessem haviam de proteger-vos, logo que raiasse para vós e para o vosso partido um raio de esperança. Todos queremos ao nosso sangue.

O leitor vê que o nosso conde D. Martim Vasques era um habil diplomata.

Leonor Telles sentia-lhe todo o artificioso manejo, mas admirava-o, reconhecendo-o superior, elevado.

Depois, mesmo áquelles que muito desesperaram, já, a esperança não abandona nunca absolutamente.

Ha sempre mesmo no espirito mais desilludido, menos esperançado, um resto de esperança. Em quê?

No impossivel, no extraordinario, no miraculoso.

Não é pois para admirar se Leonor Telles sentisse atravessar-lhe o cerebro uma ideia de vida nova, de poder, de reinar.

Se sentiu, foi, porem, como uma vaga luz fátua, que o raciocinio soprou n'um instante.

O que não impediu que sentisse, pelas palavras do conde, uma caricia em todo o seu ser de mulher, orgulhosa e altiva.

— Até logo, disse ella, levantando nobremente a cabeça e estendendo a mão, com ademane real. Não faltareis, conde?

— Por modo algum, senhora.

— Não falteis, vereis que temos muito que conversar.

O conde D. Martim, cortejou, junto á porta e sahiu.

⁂

CAPITULO CXXXI

A entrevista do infante

Quando o conde sahiu, n'um quarto interior, esperava já a rainha a condessa Beatriz.

Era de todo o ponto preciso que Leonor Telles soubesse, como tinha sido alcançada a annuencia de D. Diniz, ao estabelecimento das suas relações.

Era possivel que essa maneira, ou processo porque fôra resolvido o infante importasse em qualquer cautella que a rainha houvesse de ter, na primeira conversação.

Era uma prevenção escusada, como sabemos.

Quem porem o não sabia era a rainha e a condessa que lhe conhecia o feitio, comprehendeu que a sua falta podia causar-lhe algum embaraço.

Ao recolher-se, Leonor Telles deu com a amiga.

— Já por cá?

Beijaram-se emquanto a condessa perguntava:

— Quem foi o visitador matutino?

— Nem tu podes imaginar.

— Não faço ideia; a creada disse-me que era um senhor, completamente desconhecido.

— Não te enganou. Era-o, tambem, para mim.

— Deixemos o mysterio, se vos apraz, pediu a condessa.

— Seja, concordou Leonor Telles. Era um fidalgo portuguez.

— Quem?

— Um filho do velho conde Martim Vasques, recordas-te?

— Não tenho ideia.

— Quasi nenhuma conservava d'elle tambem. Reconheci-o porem.

— A que veio? se não é indiscripção?

— Não sei porque razões, mas hei de sabel-as esta noite porque voltará, aqui com João Affonso Pimentel, desaviu-se com o condestavel e com o Mestre d'Aviz.

— Ah!

— Vem a Castella para conseguir uma invasão em Portugal.

Leonor Telles contou então á condessa, minuciosamente toda a entrevista tida com o conde.

Não se esqueceu de lhe pintar o homem physica e moralmente como lhe parecia tel-o adivinhado.

A condessa depois de ouvir, commentou:

— Parece combinada esta apparição.

— Não é verdade? disse Leonor Telles. Parece combinada. Sobretudo por trazer um motivo de tal natureza, para justificar uma nova guerra.

— Que será tão desastrosa como as outras, observou a condessa.

— Porquê? perguntou altivamente Leonor Telles.

— Porque a impressão moral da derrota, ainda está viva no coração dos castelhanos.

— Bella rasão é essa, exclamou a rainha. Por esse modo, os reis depois de perdida a primeira batalha, tinham de resignar-se sempre e não pensar em desforra.

Quantas vezes o vencedor não fica, na ultima batalha, na batalha decisiva, vencido?

— Não o nego; mas haveis de concordar commigo que quem combate confiado na victoria, vae mais bem disposto e combate melhor do que quem vae desconfiado e já desanimado pelos antecedentes.

— Não ha duvida; mas o que é certo é que infinitas vezes a desforra dá-se...

— Que seja esta mais uma vez em que tal aconteça, minha senhora. Se vos apraz, como eu sei que assim é, não o desejaes mais do que eu.

— De resto, accrescentou Leonor Telles, o meu plano parece-me simplificar as difficuldades.

— Assim seja.

— Não tarda por ahi D. Diniz, diz-me o que se passou hontem, entre ti e elle.

A condessa contou, o melhor que poude, todo o dialogo travado durante a noite.

Por elle reconheceu Leonor Telles que a volta do infante ao seu convivio nada tinha de estranho, nem de extraordinario. Nenhuma cautela era precisa para o receber ou para o fazer ligar-se a ella confiadamente. O laço era a condessa; laço forte, poderoso, segundo as revelações da mesma senhora, revelações dignas do maior credito, vista a penetração e a escola da experimentadora.

A conversa perdia-se em banalidades, quando a creada veio annunciar que o infante D. Diniz entrava o atrio.

A condessa eclipsou-se, de subito e Leonor Telles mandou:

Conduzam sua alteza para aqui.

D'ahi a momentos, D. Diniz entrava.

Era a primeira vez, que Leonor Telles e D. Diniz se encontravam, sós, juntos depois de passados dezoito annos.

As circumstancias do apartamento, a longa serie de acontecimentos que durante esse longo periodo de tempo se tinha dado, a repugnancia de D. Diniz por se approximar da mulher que fôra a origem de tantos males e de tantos desastres, deviam tornar curiosa para um observador as caras dos dois, no primeiro momento.

Debaixo da mascara que cada um devia ter afivelada ao rosto, o mais ligada possivel, o mais unida, para poder esconder os sentimentos naturaes, o olhar de um estranho poderia descortinar essas fugazes mudanças de côr, de expressões rapidas no olhar, que denunciam as ideias que passam em relampago e que se desviam com força.

Ninguem, porem, desconhecedor dos dois, e das circumstancias que os tinham feito encontrar, n'aquella sala, suspeitaria de coisa alguma extraordinaria passada entre elles.

Leonor Telles, de pé, esperou o principe com o melhor dos seus sorrisos e D. Diniz, entrando, cortejando com o maior garbo e com a maior naturalidade, beijou a mão estendida da rainha.

Em ambos os rostos havia uma expressão alegre.

Qualquer que fosse o esforço empregado, ambos pareciam tranquillos, senhores de si.

A rainha sentou-se n'uma cadeira de espaldar e offereceu com um gesto nobre a D. Diniz, um tamborete ao lado.

Depois, evocando o seu mais dôce sorrir, com a mais pura e clara voz, de que podia usar, disse:

— E' este um dos mais agradaveis momentos da minha vida D. Diniz.

— Porquê, senhora?

— Porque tenho o prazer de estar ao vosso lado, de vos receber em minha casa.

— Agradeço-vos, senhora, o cumprimento e acreditae que egual honra e prazer eu sinto.

— Haveis de permittir-me que vos não acredite, disse Leonor Telles com voz tão meiga que excluia qualquer aspereza que a phrase pudesse ter.

— Que me não acrediteis?

— Decerto. Ha tanto tinheis a faculdade de me procurar, ha tanto viveis tão perto de mim ..

D. Diniz ia a desculpar-se, talvez, quando ella inclinando-se para elle e envolvendo-o no magnetismo do olhar continuou, delicadamente:

— Não acrediteis que vos dirija uma censura. Por Santa Maria, não é esse o meu intento.

— Não o percebi, senhora.

— Nem podieis, ou devieis perceber. O que eu quiz foi significar-vos a magua que por muito tempo tive de que me evitasseis, quando eu tanto desejava conversar-vos.

— Não havia intenção da minha parte, respondeu hypocritamente D. Diniz... não havia proposito.

Sabeis, senhora, a quasi reclusão do meu viver. Agradava-me mais a tranquillidade e o afastamento em que vivia de tudo e de todos do que a convivencia.

— Comprehendo.

— Deveis comprehender muito bem. Não era feliz; de tudo o que ambicionei na vida, nada consegui. Uma sorte má tem perseguido toda a minha existencia, com uma intensidade, nunca desmentida.

A rainha appoiava, com a cabeça, silenciosamente.

Desde muito novo, vagueio por terras estranhas. Nada me valeu contra a má sina, esforço, posição, audacia, nascimento.

Pelo contrario, dir-se-ha que por mais alto ter nascido, mais baixo a desventura me quiz fazer descer.

— Tendes razão em queixar-vos.

— D'ahi vinha a minha reclusão, o meu afastamento do mundo e dos seus prazeres, onde as condições da minha vida me não deixavam entrar, como eu desejaria e como me competia entrar.

— Sempre o comprehendi assim, volveu a rainha, o que não queria dizer que não procurasseis, ou devesseis procurar, as pessoas que sabieis que vos desejariam agradar e ser-vos prestaveis no que pudessem.

— Ereis vós uma d'essas?

— Não o duvideis.

— Senhora, conheço quanto fostes e sois ainda dedicada aos vossos.

— Porque não a vós tambem?

— Por que não? ..

D. Diniz olhou-a ao fazer esta pergunta, onde ia como que a indagação dos sentimentos da rainha, no longo periodo decorrido desde o casamento.

— Acaso imaginaes, disse Leonor Telles, com um altivo e nobre ar, que não excluia a delicadeza, acaso imaginaes D Diniz que ha no meu coração, a sombra de um despeito ou de uma má vontade contra vós?

— Sempre o receei, disse o infante.

— Não me conheceis tão bem, como eu imaginava, que me devieis conhecer.

Magoastes-me? Não o nego. Um dia, porem, passado, se tivesseis vindo junto a mim, se me tivesseis estendido a vossa nobre mão, eu não vos recusaria a minha.

Pelo que fizestes, havia de eu conservar-vos, toda a minha vida uma má vontade invencivel?

— Offendi-vos muito.

— Decerto, mas fostes generoso, altivo, nobre na offensa. Ereis novo, todo um sangue de impetos viris vos corria a cabeça e o coração.

Excedestes-vos? Em que seria bella a mocidade, sem o arrojo, sem a imprudencia, sem a loucura?

— Sois de uma grande bondade, senhora, não se teve que não dissesse D. Diniz, subjugado pelo talento d'aquella mulher, mais do que pela sinceridade com que elle acreditasse que eram ditas aquellas palavras.

— Sou justa, observou a rainha.

— Sois mais do que justa, porque esqueceis e podeis ainda desculpar a falta, concluiu o infante.

— Seja como quizerdes, observou a rainha cheia de modestia; mas tocámos o ponto que eu desejava antes de conversarmos. Eu queria, D. Diniz, que ao fallarmos não houvesse a intrometter-se nas nossas palavras o que quer que fosse de desconfiança mutua.

— Por mim...

— Podieis e devieis tel-a. Eu queria que nós fallassemos como bons e leaes amigos, com o coração nas mãos.

— Será assim.

— Para isso era precisa esta explicação prévia. Assentemos e juro vos que assim é, que me não mereceis senão muito interesse, muito bem querer e se me permittisseis o dizer-vol-o, muita amizade.

— Senhora...

— O que houve de desagradavel, passado entre nós, não existe senão como uma recordação banal, uma insignificancia, nem sequer digna de ser lembrada.

Isso esqueceu. O que ficou foi a nossa nacionalidade commum, foi a sympathia que sempre me merecestes, foram os trabalhos da vossa vida, e é, ainda, a situação egual de proscriptos, longe da terra que amamos, das pessoas que mais nos quizeram e a quem mais quizemos.

Isto é, acreditai-me o que me ficou de toda a minha vida e que deante de vós, n'este momento, eu sinto, exclusivamente.

Eu quereria que de vós para mim houvesse, não direi sentimentos affectuosos; mas confiança de que vos fallo sinceramente e de que me haveis de ouvir, sem reserva.

— Podeis acredital-o, minha senhora. Assim será. Nunca me offendestes, pessoalmente, nem sei que tenha de queixar-me contra vós, d'alguma situação má da minha vida. Se vos dignais esquecer, porque hei de eu de lembrar-me?

— Acredito na sinceridade das vossas palavras, porque vos conheço ha longos annos; assim poderemos entender-nos... ou não, o que não creio, mas podendo fallar sem estorvos e sem receios.

A rainha reclinou-se sobre um dos braços da cadeira, como que descançando um pouco e perguntou depois, languidamente:

— Extranhastes muito o meu convite?

— O de vos vir fallar?

— Sim.

O principe hesitou; a rainha sobreveiu, dizendo:

— Sêde franco; extranhastes.

— Não vos occultarei que sim.

— O que vos poude occorrer, quanto ao fim? perguntou Leonor Telles, com um bom sorriso.

— Francamente, eu não o podería, nem posso alcançar.

— Ser-vos-hia difficil atinar com elle, disse a rainha.

— Tão extranho será?

— Tão inesperado, pelo menos. E, todavia, accrescentou a rainha, vereis que é o mais natural d'este mundo.

O infante quedou-se, calado, esperando a explicação de Leonor Telles.

— Dizei-me, em primeiro logar, começou a rainha, não gostarieis de ir viver para Portugal?

— Muito.

— Toda a vida?

— Todo o resto da minha vida.

— Nas condições em que viveis, aqui?

— Isso, nunca!

— Era essa a resposta que eu esperava.

— A querer viver assim e ainda bem melhor, poderia lá ter vivido.

Para exilado, tenho bastante e com menos me contentaria ainda, se fosse preciso; para infante de Portugal e viver lá, comprehendeis que não me bastaria o dôbro.

— Assim deve ser. Depois que de lá voltastes pela ultima vez...

— Ou me fizeram sahir.

— Acreditais que a vossa embaixada a Londres não era sincera?

— Estou ainda hoje convencido de que era uma traição.

— Do Mestre d'Aviz?

— Do rei de Portugal, minha senhora.

Verdadeiro ou falso, á rainha pareceu-lhe ver na physionomia do infante, ao pronunciar estas palavras, um ar de desprezo.

— Do rei de Portugal... não ha maneira, commentou Leonor Telles, de me acostumar a dar-lhe o titulo.

Julgael-o capaz de uma traição?

— Julgo-o capaz de tudo.

A rainha olhou o infante e percebeu, pela naturalidade com que elle pronunciou a phrase, que tinha alli um amigo para guerrear o Mestre, um alliado certo.

Toda a difficuldade que pudesse ter a sua conferencia, para resolver D. Diniz a ir contra Portugal, parecia-lhe a ella, e parecia-lhe bem, que tinha desapparecido.

Se elle o odiava tambem, porque não havia de ajudal-a, de secundar os seus planos de tentar vingar-se, tambem?

Pelo rosto de Leonor Telles, ao tempo em que o do infante se contrahia n'uma expressão colerica, passou uma nuvem de alegria mal reprimida.

Para que havia de reprimir a rainha este sentimento?

Não era tambem D. Diniz, um despeitado, um ameaçado, um perseguido?

Não quereriam ambos vingar-se?

Para que não restasse duvida a rainha perguntou:

— Julgaes o Mestre capaz de uma villania?

— De todas, confirmou o infante.

— Eu sei que o é.

— Deveis saber, melhor do que ninguem.

— Melhor?

— De certo, porque comvosco commetteu elle a maior indelicadeza que um homem pode fazer.

— Qual?

— A de se offerecer para casar comvosco.

— Sabieis?

— Como toda a gente. O Mestre de Aviz foi sempre o que é ainda: um egoista, com sorte.

— Uma sorte inexplicavel.

— Teve um Alvaro Paes para lhe fazer uma revolução, para o levar á regencia, com o titulo de defensor. Teve um D. Nuno Alvares Pereira...

— Esse é grande! não se teve a rainha que não dissesse.

— Esse é grande e é nobre! O que ha de melhor em coração e em coragem.

Teve um Nuno Alvares Pereira, continuou o principe para lhe vencer as batalhas campaes e o grande doutor João das Regras para lhe vencer as das côrtes.

— Dizeis bem.

— Elle o que tem feito? elle o que seria sem estes tres homens? Coisa alguma mais do que era. Um bastardo rico, vivendo dos beneficios que o pae lhe deixou, no seu castello, quieto e comodista.

— E' certo que grandes esforços foram precisos para que elle se movesse.

— E porque se moveu? Porque se resolveu a operar?

— Pela ambição.

— Não, minha senhora; a ambição só por si não seria capaz de armar o braço do Mestre d'Aviz.

Era muito timorato para o fazer. Não foi a ambição que o determinou.

— Sempre julguei...

— Julgastes mal. A ambição deixou-o ouvir com agrado os planos de Alvaro Paes; deixou-o ainda consentir que o seu nome fosse invocado para levantar os animos, mas o que lhe levantou o braço foi o mêdo.

— O mêdo?

— O mêdo, apenas. Lembrae-vos de que ao ver-se já envolvido, sem se poder libertar nos laços da conspiração, fretou um navio para fugir para Londres.

— Dizeis bem.

— Foi preciso agarral-o, á força, quasi, para não fugir.

Ficou; mas na vespera do assassinato, em que elle promettera invadir o paço o que fez?

— Sahiu para o Alemtejo. Sahiu? não fugiu. Porque não foi até ao fim? Porque foi pensando ou alguem lh'o fez ver, que no estado em que as coisas se achavam, elle estava fatalmente compromettido, para sempre.

A sua falta irritaria os animos, d'ahi a denuncia, e tanto lhe valia o ter executado o que se combinara, como não.

Perdido por perdido, voltou.

A rainha estava pallida. O infante tinha-lhe rasgado, com a conversa a ferida, que no coração d'aquella mulher não cicatrisava nunca.

Quando elle a olhou, conheceu-lhe o mudado da phisionomia e perguntou-lhe:

— Não vos sentis bem?

— Uma recordação má, disse ella.

Depois sem disfarçar o verdadeiro motivo da impressão accrescentou:

— Foi o maior e mais cruel insulto que em minha vida soffri. Mataram o Andeiro, ao pé de mim; sem respeito sem attenção alguma, como feras.

A responsabilidade das minhas obras tinha-a eu, era a mim que deviam ferir, se queriam matar alguem.

D. Diniz comprehendeu qual tinha sido o lado fraco da terrivel mulher que se chamava Leonor Telles e por aquelle sentimento de sympathia que nos assalta pelas pessoas que soffrem de uma pena egual ou semelhante á nossa, D. Diniz, um amoroso de occasião, teve o que quer que fosse de dó por Leonor Telles.

O leitor dirá que é curiosa a impressão; mas eu garanto-lhe que ella pode ser verdadeira.

São actos reflexos da alma, hoje sabidos e vulgares.

O que é menos extraordinario, mas mais curioso, é virmos encontrar o infante D. Diniz, dezoito annos depois, sentindo compaixão pela mulher que elle assassinaria n'outros tempos, com a maior fleugma.

Estes são os casos da vida, que dispensam a imaginação do romancista; tão certo é que a vida é um romance pegado.

* * *

CAPITULO CXXXII

Ultimas palavras

N'este momento os espiritos dos dois estavam, realmente, n'uma harmonia clara.

Vibravam com identicas ideias, impulsionados por motivos semelhantes.

Leonor Telles sentia a necessidade de uma vingança, mais uma vez evocada pelas recordações amargas da morte que lhe rasgara o coração; D. Diniz, pelo ciume, pelo despeito, pelo orgulho ferido, desejaria levar ao throno do Mestre de Aviz, um golpe da sua espada, um insulto, que fosse tambem uma vingança consoladora.

Todas as difficuldades estavam aplanadas entre elles.

Haviam de entender-se, por fôrça, para a realisação de um desejo commum...

Assim foi.

Quando Leonor Telles, d'ahi a pouco, lhe perguntava:

— Quanto darieis por poder defrontar-vos com o Mestre de Aviz á frente de um exercito?

O infante, ainda com aquelle arrebatamento, que lhe era natural e que conservou, até á morte, respondeu:

— Até a vida!

— Bem, disse Leonor Telles, posso facilitar-vos esse prazer, sem esse sacrificio.

— Podeis?

— De ha muito que o tenho meditado.

De ha muito que trabalho secretamente, para o poder fazer.

Chegou o momento de se poder realisar.

Não vos quero enganar, D. Diniz, ou pretender enganar-vos, dizendo-vos que não era por vós que o fazia...

— Comprehendo, senhora.

... Era por mim, naturalmente; mas para a realisação do meu plano faltaveis-me vós.

— Eu?

— Como?

— D. Diniz, explicou Leonor Telles, agora podeis comprehender porque pedi a D. Beatriz, a nossa commum amiga, que me falasseis.

Precisava do vosso auxilio; sem elle eu não poderia tentar a ultima campanha contra o Mestre d'Aviz, guerreal-o, levar a minha colera armada, até onde ninguem poderá prever que possa ir.

Talvez inutil, talvez sem consequencias, talvez feliz!

Os olhos da rainha brilhavam, com esta idéa, cheios de fogo.

— Porque precisaveis, no emtanto, de mim?

— Absolutamente, D. Diniz.

Levantar, agora, em guerra Castella contra Portugal era um caso difficil. Não é verdade?

— Difficil, confirmou D. Diniz.

— Estão cançados, estropiados, pelas ultimas batalhas, sempre perdidas, sempre desastrosas.

— Estropiados e pobres, adeantou o infante.

— Esses fidalgos pobres; esses querem a guerra para ver se podem enriquecer.

D'esses não haveria receio; mas havia a temer os ricos, os regentes, por exemplo, cheios de fortuna, de bens, de dinheiros, vivendo lauta e faustuosamente e enchendo-se, dia a dia, como esponjas sorvendo agua.

— De mais, ha os tratados de paz, lembrou o infante.

— Tratados, continuou a rainha, que o povo não veria quebrar sem repugnancia.

— O chamamento á guerra, senão impossivel, era um caso de grande difficuldade.

— Eu tinha-a vencido, D. Diniz.

— Tinheis vencido? perguntou, admirado, o infante.

— Quasi.

— O conselho era vosso?

— Em grande parte.

Faltava-me porem a base para pedir a invasão de Portugal.

O proprio rei, ainda que não pudesse obstar á resolução do conselho, podia oppôr-se, mais ou menos energicamente, aconselhado pela mãe ou por algum dos seus, mais sensato e cauteloso.

Pensei muito, muitos dias e achei uma unica maneira de poder conseguir essa invasão.

Era comvosco, D. Diniz, com o vosso auxilio.

O rei não quereria a guerra; a regencia acceital-a-hia, com repugnancia, se um motivo estranho a não podesse determinar.

Lembrei-me que os portuguezes que se oppozeram á minha regencia, que se bateram contra o rei João de Castella, que se baterão contra o de hoje, o moço Henrique, poderiam muito bem não se bater contra alguem a quem eu e o rei tivessemos cedido os nossos direitos, em beneficio dos seus.

Que mal vos faria um throno, D. Diniz?

O infante olhou Leonor Telles não percebendo ainda onde ella queria chegar.

— Não sois vós o verdadeiro senhor de Portugal? Morto vosso irmão mais velho, D. João; cedendo-vos eu os meus direitos, se acaso ainda os tenho; cedendo-vos el-rei D. Henrique os d'elle, que são positivos e inalienaveis?

— Assim é, senhora, disse D. Diniz passando-lhe como um relampago pela cabeça uma alluvião de idéas: a victoria, uma corôa, a condessa, a felicidade...

— E assim é, como eu tantas vezes pensei, dizia para mim: Porque não ha-de D. Diniz pretender, por armas, o reino de Portugal?

E' lá estimado, tem amigos, é popular; é filho legitimo de D. Pedro, irmão de D. Fernando, tem todas as condições para ser recebido e ajudado.

Tem o Mestre inimigos, sei bem que os tem; tem o Condestavel inimigos inda melhor o sei; descontentes ha os sempre com todos os governos, em todas as situações da vida, todos estes serão por elle.

Tendes aqui amigos, egualmente, que vos não hão de desamparar e eu alguns possuo de valor, que farei que vos sigam, com o maior empenho.

De resto, em cada castelhano ha um inimigo de portuguez e uma sêde de desforra e de vingança que nos responde pela sua dedicação e lealdade.

Como vêdes, ereis vós a base da minha projectada invasão a Portugal; mas vós estaveis longe do meu convivio, afastando-vos propositadamente de mim e eu não tinha meio de vos poder falar francamente e adquirir a vossa adhesão.

— Se m'o tivesseis feito saber ..

— Não terieis vindo, imaginando que seria um artificio meu, para qualquer fim menos serio...

— Minha senhora, interrompeu zelosamente D. Diniz, não acrediteis tal.

— Continuemos a falar como leaes amigos, meu caro infante, replicou a rainha; digamos as coisas como são, sem receio e sem preoccupações.

Uma feliz coincidencia permittiu que eu podesse fazer-vos saber o quanto vos desejava falar

Fostes bom para me attender e peço-vos que me digaes se não era para vosso bem, que o pretendia fazer.

— Decerto, minha senhora. Ha porem muitos contras na vossa penhorante attenção.

— Quaes?

— E' preciso reflectir um pouco. A minha populariedade em Portugal está muito diminuida, com a coroação do Mestre. Os homens sujeitamse, facilmente, aos factos e uns por indolencia outros por egoismo, não se moverão.

— Estaes enganado. A populariedade que tivestes, tendes. Creaste-l'a pelo vosso nascimento e qualidades; apparecerá no momento em que fôr precisa.

Sois estimado, eis o que é necessario. Não vamos fiados na protecção dos portuguezes; se a houver melhor será.

O que pretendemos é não ter a sua animosidade, a sua má vontade.

Será meio caminho andado. A força, essa, devemos tel-a de cá. Não vamos mendigar, vamos impôr.

D. Diniz ficou, por momentos, silencioso.

A rainha, antes de elle fallar, perguntou-lhe:

— Comprehendestes o meu plano?

— Parece-me que sim.

— Como o achaes?

— Parece-me... arrojado.

— Posso contar comvosco?

— Para tudo o que quizerdes.

— Consentis em ser, o pretendente, o rei?

Que importava a D. Diniz o dizer que sim, ainda que o não desejasse? Coisa alguma tinha a perder; em nada o podia prejudicar a pretenção.

Não estava elle excluido de Portugal, para sempre?

E se isto era assim, no caso de elle o não desejar, como o não seria desejando-o elle do intimo da alma, por mil razões, em que não occupava o menor logar, a imagem adorada de Beatriz, que elle via como resplandecente, sob um docel azul?

Por isso D. Diniz respondeu, calorosamente:

— Consinto, minha senhora; levantarei a minha pretenção e sustental-a-hei como todo o vigor com todas as minhas forças; mas com a condição de que el-rei me cederá os seus direitos.

— Cederá.

— Disse-o já sua alteza? sabe acaso, dos vossos planos? perguntou D. Diniz.

— Sabel-os-ha, em breve.

— Confiaes, pois, tanto no vosso poder, que tenhaes como coisa assente a annuencia de el-rei?

— A bem ou a mal, meu amigo, terá de acceitar.

— A bem ou a mal?

— Porque a concordancia do rei, a sua auctorisação é apenas uma questão de delicadeza.

O conselho é o senhor absoluto e o rei tem de se sujeitar a elle.

— Melhor será, no emtanto, que elle concorde, porque o seu auxilio terá um grande valor.

— Por isso se lhe fará saber o resolvido e se lhe pedirá o assentimento.

Peior para elle se rejeitar a occasião de vingar o pae.

D. Diniz, accrescentou Leonor Telles, passado um instante:

Deixae-me agradecer-vos a vossa annuencia; sempre pensei que não recorreria, debalde, ao vossos sentimentos cavalheirosos.

— Se alguem tem que agradecer, sou eu minha senhora. E' a mim que poderá, mais que a ninguem, aproveitar o bom successo da nova empreza.

— Dar-me-hia por feliz se pudesse voltar a Portugal e viver alli, socegadamente, o resto dos meus dias.

— Seria para mim uma gloria, observou com sinceridade D. Diniz o poder, pagando-vos esta vossa dedicação, fazer-vos alcançar a realisação do vosso desejo.

— Creio que nos entenderemos bem, replicou a rainha.

Que Deus proteja a vossa bôa causa e não teremos occasião de nos arrependermos de nos termos ajudado um ao outro.

— Assim o creio tambem, concluiu D. Diniz.

N'esta altura, as phisionomias dos dois interlocutores exprimiam uma alegria paradisiaca.

A rainha tinha conseguido, com uma facilidade que nunca imaginara, a adhesão de D. Diniz.

Este, como que sentira no môrno correr da sua vida, um fogo novo, uma alma nova.

Ambos ambiciosos, viam mais uma tentativa proxima para os seus desejos.

Ambos vingativos parecia-lhes que um caminho novo e seguro de vingança se lhe abria adeante.

A conferencia terminou o mais amavelmente possivel, repleta de delicadezas e de boas palavras.

D. Diniz ficou de ir, á noite,— elle não faltaria de certo sem a combinação — a casa da condessa Beatriz.

Leonor Telles iria alli tambem e era provavel que já levasse boas novidades para contar.

Despediram-se.

Leonor Telles orgulhosa de mais uma vez ter domado uma brava natureza de homem como era a de D. Diniz; este cheio de pensamentos de felicidade, de sonhos de uma ventura tão inesperada como appetecida.

Leonor Telles depois de D. Diniz sahir, escreveu ao arcebispo para que antes da noite a procurasse sem falta, porque tinha grande necessidade de lhe falar.

D. Diniz, para espalhar a sua alegria e meditar nos seus planos, chegou a casa, mandou sellar o cavallo e partiu para fóra da cidade por montes e valles.

Leonor Telles mais uma vez victoriosa dos homens, acreditava na maneira de domar os acontecimentos.

Para se fortificar pediu de comer.

⁂

CAPITULO CXXXIII

Ultimo èlo

Pela tarde, o arcebispo D. João, chegava á porta do convento, garbosamente montado n'um possante cavallo branco, seguido por um sequito luzidio e numeroso.

Sua excellancia era mais um homem de guerra, do que um ministro de paz...

Era ostentoso por natureza, muito bravo e muito illustrado para aquelle tempo, segundo dizem as chronicas.

Chegou, apeou-se, fez-se annunciar, a rainha, sollicitamente, mandou-o entrar.

— Ides para alguma aventura de guerra? perguntou-lhe Leonor Telles ao vel-o entrar com habitos mais de guerreiro do que padre.

— E' para não crear mais maus costumes no corpo, respondeu sorrindo o arcebispo, beijando-lhe a mão.

— Quaes maus costumes?

— O de andar só envolvido em roupas flacidas.

De um momento para o outro é preciso vestir uma armadura e estranha-se.

— Dir-se-ha que andaes com preoccupações guerreiras, tornou Leonor Telles.

— Nenhumas, respondeu o arcebispo.

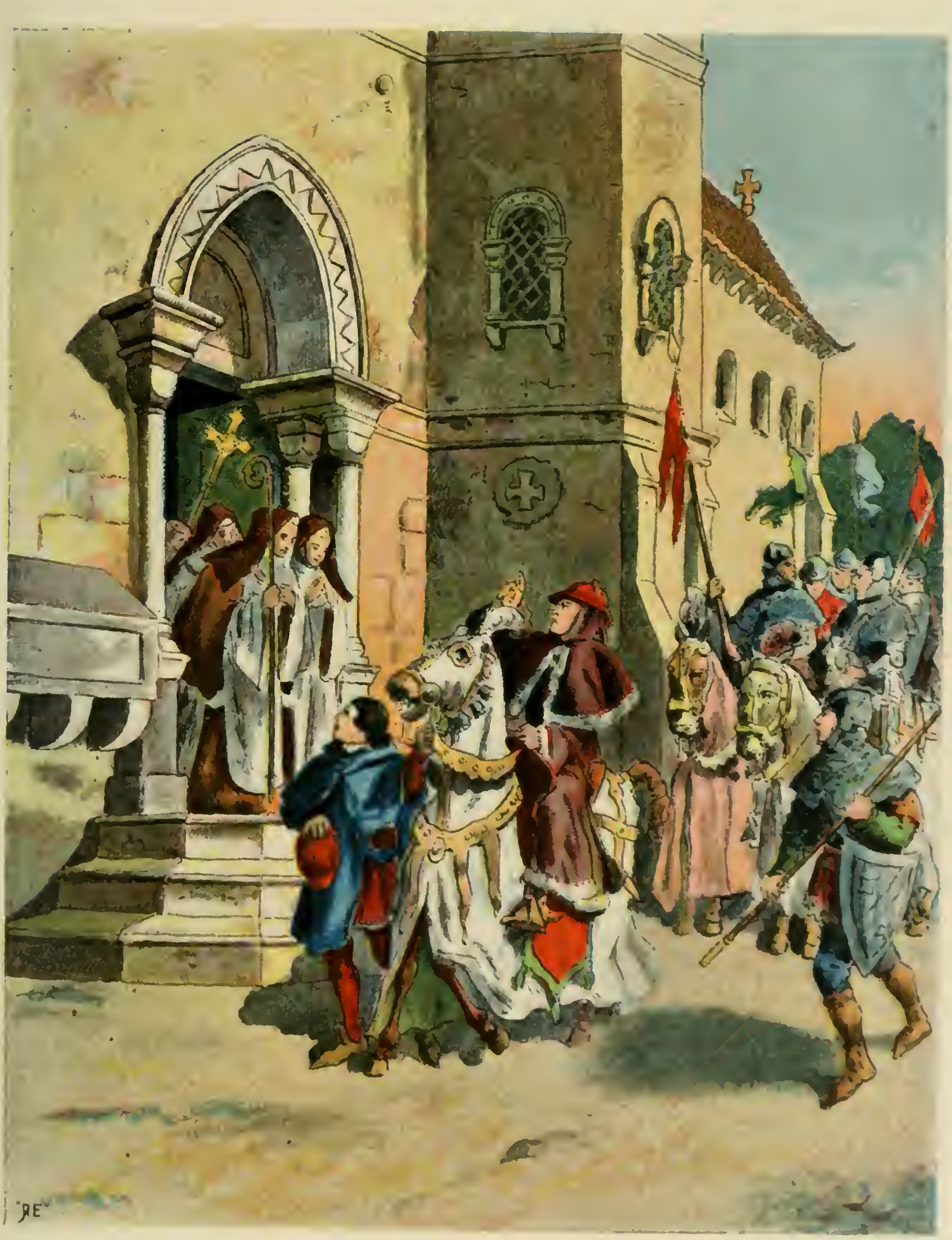
— Pois deveis tel-as, objectou a rainha.

— Preoccupações de guerra? perguntou o arcebispo com ar um pouco incredulo.

— Mas, confirmou a rainha.

— Estaes a intrigar-me, disse o arcebispo. Quereis divertir-vos um pouco á minha custa.

— Sabeis que não costumo brincar com coisas serias.



Pela tarde, o arcebispo D. Pedro, chegava á porta do convento...

— D. Leonor, disse o arcebispo, com ar artificialmente serio, bem sabeis que não sou forte em adivinhações.

Falaes serio, ou gracejaes?

— Falo serio, disse Leonor Telles.

Sentou-se e com uma grande languidez, na voz e no peito disse:

— Não vos admirastes da pressa com que vos mandei pedir para virdes aqui?

— Um pouco; todavia...

— Achastes natural até certo ponto.

— Assim foi.

— Estaes acostumado aos meus nervos? perguntou Leonor Telles de um modo differente d'este, mas cujo sentido era o mesmo.

— Assim é. Um capricho, uma vontade brusca...

— Não ha capricho algum, n'este momento.

— Dizei o que seja.

— Um pedido que tenho a fazer-vos.

— Sabeis que mandaes.

— Um pedido grave, um pedido serio e para o qual eu peço toda a vossa boa vontade.

— Agora me admiraes mais, do que me instigaveis ha pouco. Pois tão serio é o que tendes a pedir-me, que precisaes de prologo?

— Agora o vereis disse Leonor Telles.

Imaginae que ha um fidalgo portuguez, ou mais do que um, que despeitado, contra o rei de Portugal, por motivos que eu não ousei indagar, mas graves, segundo parece, deseja infligir-lhe uma licção.

— Estou imaginando, observou o arcebispo, ao ver que a rainha parava na conversa.

— Imaginae que esse fidalgo me procurou e me pediu a minha intervenção, ou melhor o meu esforço perante vós para conseguir esse fim.

— Ante mim?

— Ante vós.

— Como posso eu?...

— Ouvide. Esse grupo de descontentes, que em breve conhecereis, mandou a Castella dois emissarios: o conde D. Martim Vasques da Cunha e Affonso Pimentel para alcançarem que se declarasse, novamente, guerra a Portugal.

O arcebispo ouvia um pouco pasmado e duvidoso.

— Vieram. Estão aqui.

— Sabia que tinham chegado uns fidalgos portuguezes...

— São esses. Estão aqui: e, ao saberem que a sua ida ao rei, como tencionavam fazer, era inutil e que só dependia do conselho da regencia a declaração da guerra, que vós ereis, ou sois, a cabeça e a voz d'esse conselho, resolveram dirigir-se a vós.

— Comprehendeis agora?

— Comprehendo, mas...

— Alguem lhes disse, que vos dignareis contar me no pequeno numero das pessoas com quem privaes com amizade e d'ahi o lembrarem-se de que um pedido meu, poderia dispôr a seu favor um juiz e a vossa vontade.

— Acho extraordinario tudo isso.

— Extraordinario?

— Certamente. Não sabem esses senhores a historia dos ultimos mezes? Não sabem que ha um tratado que se não pode quebrar? Não sabem que uma guerra nova levantará uma opposição temivel em Castella?

Então vão-se quebrar as treguas, sem mais nem mais, sem um motivo? uma razão?

Posso eu levar o conselho a uma tal medida, só por minha vontade, como para satisfazer um capricho de momento, um appetite?

Com a repugnacia que ha em Castella pela guerra, motivada pelos ultimos desastres, não acreditarão que enlouqueci?

Leonor Telles, com uma grande serenidade deixou falar o arcebispo sem o interromper.

— Ninguem, mais do que eu desejaria uma desforra de Aljubarrota; mas é cedo, muito cedo ainda. Não ha vontade, nem dinheiro, o que é ainda peor.

A guerra não se faz com palavras. Um exercito não se alimenta com bons desejos, nem com boas desculpas. Sustentam elles as hostes? fornecem armas, cavallos, munições?

Calou-se o arcebispo; Leonor Telles, falou:

— De certo que o não poderão fazer.

— Já vêdes...

— Algum auxilio poderão prestar, accrescentou ella. Terão ao seu dispôr além de outras coisas mais, todas as minhas joias.

— As vossas joias?

— Todas.

— N'esse caso, disse D. Pedro, percebendo o grande interesse da rainha e começando a suspeitar que era ella que queria a guerra, alguma coisa tendes tambem na pretenção d'esses fidalgos.

— Tenho muito, tanto como elles.

— Tanto?

— De certo; quero o que elles querem, anceio pelo que elles anceiam: a vingança! Por ella daria a minha vida, quanto mais as minhas joias.

— Já sabeis o que eu tenho?

— D. Leonor, minha senhora, disse o arcebispo, serenamente, vamos por partes. Entrámos repentinamente de mais, n'um assumpto grave.

Apanhastes-me desprevenido, absolutamente. Vamos a destrinçar as coisas. Vieram esses fidalgos despeitados pedir-vos o auxilio, ou mandastes vós buscar os vossos amigos ou alliados em auxilio de empreza vossa?

— E' como vos disse, D. Pedro. Pediram-me o meu concurso e de protectora que me fiz, entrei, naturalmente, no grupo rebelde.

Como conheceis bem a minha vida, não será preciso explicar-vos o quanto é natural que isto acontecesse.

— O mais natural do mundo; mas comprehendeis que eu necessitava de precisar, para mim, a significação do favôr sollicitado.

Favôr para vós não existiria; para outrem poderia ser razão de compromisso a alcançar.

— Um interesse...

— A politica não é senão a lucta de beneficios.

Uma guerra não é senão o meio rapido de os alcançar.

Pedis-me pois, minha senhora, em nome dos fidalgos por quem vos interessaes, que renove as hostilidades contra Portugal, que o invada, não é assim?

— E' isso mesmo.

— E' um grave pedido.

Tão grave que eu não sei se vol-o poderei satisfazer.

Que eu vou empregar toda a minha boa vontade e todo o meu poder para vol-o alcançar, não o duvideis.

Que eu o possa conseguir? deixae que os factos respondam por mim.

— Não o podeis garantir, D. Pedro?

— Não, minha senhora.

— Vós; o primeiro ministro d'El-Rei, senhor absoluto dos vossos actos e de Castella, não podeis prometter-me que levantareis de novo o paiz contra Portugal, o seu inimigo, o seu mais odiado inimigo?

— Quanto eu possa fazer...

— E' pouco, D. Pedro; é pouco.

Eu quero as situações claras e definidas.

Sabeis como sou.

E' este um momento de me poderdes demonstrar toda a estima que juraes dedicar-me; é este o momento de me poder convencer da vossa dedicação; está em vossas mãos o determinal-o e não tendes coragem para me dizer francamente: será assim.

Muito pouco me quereis, D. Pedro; ou muito pouca é a força de todo o vosso querer.

— Estaes a magoar-me, senhora, atalhou o arcebispo.

Sabeis quanto me sois cara e aproveitaes o facto para me lançar em rosto uma tibieza de que não sou capaz.

— E' assim que se ama uma mulher? disse Leonor Telles, erguendo magestosamente a cabeça.

— Senhora, disse o arcebispo, impressionado pela altivez d'aquella cabeça, preferis que vos responda sem reflexionar e vos engane, depois?

— Serieis capaz de enganar-me?

— Sem vontade, sem querer, porque não?

Não conheceis tão bem como eu a difficuldade em conseguir fazer acceitar uma nova guerra em Castella?

— D. Pedro, volveu a rainha fitando o seu olhar de aguia no arcebispo, se eu pretendesse conseguir apenas a expulsão de um bésteiro para fóra da cidade, ou a compra de uma alabarda para um dos meus creados, não me dirigiria ao arcebispo de Toledo.

Qualquer capitão da guarda, ou qualquer armeiro me poderia satisfazer o misero desejo.

Se me dirijo ao chefe do conselho da regencia, é porque naturalmente o que quero só a sua alçada e o seu poder m'o poderão alcançar.

Não o percebeis, assim?

O arcebispo não respondeu. Lisongeara-o a comparação com que Leonor Telles explicara, ou lhe fizera perceber, que a difficuldade do pedido lisongeava a sua influencia e o seu poder.

— Assim é, minha senhora; resta que o pedido não seja superior ás forças de quem o pretenda satisfazer.

— Estaes hoje muito modesto, senhor arcebispo, disse Leonor Telles sorrindo, ironicamente.

— Não, senhora...

— Muito immodesto, continuou ella, e muito esquecido.

— Como assim?

— Esquecidissimo. Aqui, n'esta sala e n'esse logar, muitas vezes me tendes falado da vossa amisade, direi melhor do vosso amor, capaz de todos os sacrificios, como prompto para todas as provas.

— Não vos menti, disse o arcebispo, levado pelas palavras de Leonor para dentro de um mundo novo de impressões.

— Como eu me mostrasse, por vezes, duvidosa, mais de que uma vez me pedistes para o experimentar.

Tenho-o recusado.

E ainda bem.

— Ainda bem? interrogou o arcebispo despeitado.

— Ainda bem, porque me teria acontecido ha mais tempo, ha mais tempo me teria sido penoso, como foi agora, o saber que a confiança que em vós depositava, era como tantas outras, uma illusão!

— Minha senhora, disse gravemente D. Pedro, se tentaes provar a minha consideração e o meu respeito por vós, afianço-vos que não conseguireis tocar-lhe o fim.

Se porém recorreis ao amor que vos tenho, n'esse caso garantir-vos hei que não lograreis envergonhal-o.

Fizestes-me um pedido, para estranhos, como dissestes. Respondi com a maior lealdade e prudencia.

Exigia-m'o o logar que occupo e as responsabilidades que sobre mim cahiriam.

Foi um acto de reflexão e de bom juizo.

Era a D. Pedro, arcebispo de Toledo, chefe do conselho da regencia de Castella que vos dirigieis.

Esse respondeu como devia, com a reserva que o bom senso impõe a todos os homens, perante as acções arriscadas e pouco provaveis.

Dizei-me que concordaes commigo, perguntou D. Pedro.

— Em quê?

— Na minha explicação.

— Concordarei.

— Não vos agradou, porém, a minha resposta e deslocastes a questão.

O que tinheis pedido ao subdito de el-rei, ao empregado de Castella, simulastes que o exigieis do homem que, mais de uma vez, joelhado a vossos pés, vos tem falado do seu amor.

E' differente, completamente differente.

O que se pede á cabeça, não se exige do coração.

O que se quer obter do coração, não se pode obter da reflexão e do exame.

Como regente de Castella, repito-vos, eu não posso prometter-vos o conseguir que as nossas tropas invadam Portugal.

Como homem, como vosso admirador, como apaixonado pelas vossas qualidades e dons, só tenho a dizer-vos: quando desejaes que se invada Portugal? E, quando o disserdes, assim será feito.

— Porque o podereis então d'esse modo e não d'outro? pergunta a rainha.

— Porque d'este modo fal-o-hei quando quizer. Tenho alguns centos de lanças minhas e mais do dobro das dos meus amigos. Alguns milhares de peões os seguirão.

Vamos onde mandardes. O facto assim será um acto de rebeldia, terá as consequencias que tiver; mas a ninguem será possivel prevenil-o, nem evital-o.

Dependerá de mim, exclusivamente e portanto da vossa mais insignificante vontade.

Mandai pois e dizei-me: quando querereis que siga os vossos amigos? quando deixais que tente por vós a vossa desforra ou a vossa vingança?

D. Pedro tinha dito estas palavras, com um grande sentimento de verdade.

Leonor Telles sentiu-o perfeitamente e rejubilou.

Tal conhecimento dava-lhe mais um momento de alegria intima por conhecer quanto valia.

O arcebispo mostrava-se, completamente, como um rapaz, apaixonado, prompto a todas as loucuras exigidas.

Não ha para servir os egoistas, os ambiciosos, como os doidos e sobretudo os doidos de amor.

A edade, o coração, tudo rejuvenesce debaixo do influxo da poderosa paixão e d'ahi vem que tantas vezes, os velhos semelham creanças na infantilidade dos actos.

Não era um velho D. Pedro. Razão de mais para que o desejo por uma mulher, o fizesse esquecer, se fosse preciso, a classe, o corpo, a prudencia e o senso commum.

Leonor Telles respondeu-lhe á mão, dizendo-lhe:

— Sois um cavalheiro, D. Pedro. Nunca houve coração menos proprio para se occultar debaixo das pregas de uma batina.

— Folgo que me conheçaes, senhora, replicou o arcebispo, não sem um ar de mófa á flor das palavras.

— Como quer que seja, disse a rainha, pesando as palavras, seja porque razão, ou porque motivo fôr, o certo é que posso contar comvosco.

— Sem duvida alguma.

— Convencereis o conselho?

— Tentarei convencel-o.

— Tentareis?

— Suppondo por um momento que o não consigo?

— Nem alguns?

— Alguns? a maioria, mesma, será minha.

— Que mais vos importará?

— A união de todos.

— Se a não conseguirdes?

D. Pedro, como cançado de tanto artificio de palavras, desejando acabar de vez com ambiguidades que lhe pezavam no espirito, respondeu, decididamente:

— Se a não conseguir, passar-se-ha sem ella.

— Posso pois garantir ao conde D. Martim e aos seus amigos, que Castella romperá as hostilidades contra Portugal?

— Podeis garantir.

— Sob a vossa palavra?

— Sob a minha palavra, replicou o arcebispo com modo de indisposto, por tanta cautella.

— Obrigada, disse a rainha, obrigada. Sois um amigo, um verdadeiro amigo.

— Creio que o sou, replicou o arcebispo.

— Haveis de acreditar, agora, uma coisa? accrescentou a rainha com uma voz dôce, assucarada, attrahente.

— Qual?

Que o não sou menos do que vós?

— Minha amiga?

— Intima, concluiu a rainha, movendo-se com um ar de requinte luxurioso.

Como o arcebispo a olhasse então admirado e duvidoso, ella accrescentou:

— Quereis que vol-o prove?

— Se o quizerdes fazer, seria feliz, vendo-o.

— Olhae então, disse Leonor Telles, recostando-se indolentemente n'um dos braços da cadeira, reparae no que vos vou dizer.

— Sou todo ouvidos.

— Acabaes de prometter que levantareis Castella contra Portugal, apesar de tudo.

Apesar da má vontade que possa levantar-se do rei, do conselho, dos nobres, dos villões, de todos. Não é assim?

— Assim é.

— E' um grave compromisso. Sois um cavalleiro, não faltarieis a elle por coisa alguma.

— Por coisa alguma.

— Conheço-vos, agora, bem. Assim seria e poderieis por honrar a vossa palavra, perder o vosso logar, o vosso futuro, a vossa honra...

— Até a vida.

— Até a vida, dizeis bem.

— E' pois o compromisso mais solemne que poderieis fazer-me.

Fui eu que vol-o exigi, fria, calculadamente, fazendo consistir todo o meu orgulho, toda a minha vaidade em vol-o arrancar.

Quero dizer, collocando acima de vós, de tudo quanto valeis e podeis, de todo o vosso bem-estar, de toda a vossa tranquilidade no meu desejo, o desejo da minha vingança, que por ser justo em mim, não quer dizer, que tenha de acorrentar a si as desgraças alheias.

— Não é verdade?

— De certo modo.

— Não; absolutamente. O exigir-vos tal promessa não é uma prova de amizade da minha parte.

— E' de confiança.

— E' differente; mas não significa do meu lado, estima, nem bem querer, pelo contrario, indifferença.

Olhae como estou a provar-vos o quanto vos estimo.

D. Pedro não percebia a rainha.

— Parece que desarazôo? Ides ver que não. Quando pretendi que me promettesseis o vosso auxilio, sem hesitações, sem restricções, é porque assim me agradava ao meu espirito, reconhecendo a vossa dedicação.

Queria-a inteira; queria saber que podia contar comvosco, em tudo e para tudo, sem uma hesitação.

E' assim que eu sei amar; é assim que eu quero que me amem, ou que, de outro modo, me não amem.

Tenho a vossa promessa, continuou Leonor Telles, com um sorriso indefinivel, tenho-a e eu não precisava d'ella...

— Não precisaes? gracejaveis...?

— Não; para obter os meus fins? não. Castella invadirá Portugal quer vós queiraes, quer não.

— N'esse caso ..

— N'este caso, reconhecei agora a minha amisade: Exigi de vós uma promessa, que muito lisongeia o meu amor proprio, que mais vos torna caro ao meu espirito, sem que com elle pudesseis comprometter o vosso nome e a vossa posição.

Quero dizer, arranjei uma maneira de me serdes mais caro, porque vos elevastes no meu conceito, infinitamente.

Não é este uma maneira de querer? não é este um modo de revelar um grande affecto? Engrandecer ante si propria a pessoa estimada?

D. Pedro ficou perplexo, não alcançando bem, como é que Leonor Telles, teria maneira, sem a sua intervenção, de conseguir a guerra com Portugal.

— Tendes razão, senhora, tendes sempre razão; nem outra coisa se pode esperar, do vosso bello espirito.

Dizei-me porém, continuou o arcebispo, como poderieis vós conseguir aquillo que a mim mesmo me parece de tão difficil alcance?

— Parece-vos extraordinario?

— Confesso-vos que sim.

— O que seria preciso para fazer rebentar a guerra?

— Eu sei... um grande motivo.

— Verdadeiramente grande?

— Sem duvida.

— Pois esse motivo existe.

— Qual é?

— Achais que o quebrar as pazes bastará?

— Que duvida; essa seria a maior razão porque implicaria immediatamente, a repressão. Quebral-a-hiam os portuguezes por ventura?

— Com a maior audacia.

— Nada consta.

— Não tardará a noticia. Por que sabei, que Martim Affonso de Mello com Gonçalo Annes tomaram Badajoz e que El-Rei cérca, n'este momento Tuy, que está prestes a succumbir.

— Quem vol-o disse? replicou o arcebispo a quem a nova produziu uma impressão profunda.

— Disse-mo, esta manhã, o conde D. Martim e dir-vol-o-ha esta noite, a vós proprio, se quizerdes apparecer em casa de condessa de Mayorca.

— Badajoz tomada?

— Tomada.

— Sem cêrco?

— Por traição, me parece. Seja, porém, como fôr está hoje debaixo do dominio do Mestre d'Aviz.

— Porque rompeu elle as pazes, tão abruptamente?

— Porque tendes faltado a todas as combinações do contracto.

— A todas?

— Ou quasi todas. O certo é que fazendo a conta do que o vosso rei lhe deve, o Mestre d'Aviz resolveu pagar-se por suas mãos, já que não via maneira de fazer obter por outro modo a sua divida.

O arcebispo ficou preoccupado, meditativo.

Era uma noticia bem pouco propria para lhe tranquillizar o animo.

El-rei não ficaria muito contente com a nova, que ia lançar o reino, novamente, nos azares de uma lucta sanguinolenta.

Naturalmente pedir-lhe-hia a responsabilidade do insulto do rei de Portugal e não o satisfariam, decerto, as explicações que se lhe pudessem dar.

Tinha havido, indubitavelmente, um grande desleixo, uma grande má vontade em cumprir a lettra dos contractos, e se esse levara á guerra, quem eram os responsaveis eram os que deviam vigiar pela tranquillidade e paz de Castella.

D. Pedro, como chefe, não seria o menos responsavel e não lhe agradava a responsabilidade.

Assim, perguntou á rainha:

— Não serão exageradas essas noticias?

— Porque o haviam de ser?

— O desejo de Martim Vasques e dos seus, não augmentaria de proposito o insulto?

— E' coisa que se vae saber talvez em poucas horas disse a rainha.

— Não deve tardar um correio qualquer, observou o arcebispo e caso estranho é este que ainda aqui não chegasse nenhum.

— Podeis tel-o como absolutamente certo, confirmou a rainha, nem d'outro modo Martim Vasques m'o affirmaria. Seria um caso de falsidade, uma noticia contraproducente.

O arcebispo ficou, de novo, pensativo.

Leonor Telles, passado um instante perguntou-lhe:

— Ser-vos-ha facil, agora, resolver o conselho?

— Abusaes da vossa superioridade, respondeu elle; agora, não será difficil convencer os regentes; seria impossivel o convencel-os a permanecerem quietos.

— De que bôa entalação vos livrei! disse Leonor Telles com o seu mais velhaco sorriso.

— Decerto, approvou o arcebispo.

— Aquillo que vos parecia ser impossivel, acabo de o tornar inevitavel.

— Será feita a vossa vontade, replicou curvando-se em exagerada mesura, o arcebispo que se puzéra de pé.

Está escripto que ninguem vos poderá contrariar.

Leonor Telles, já de pé tambem, perguntou ainda:

— Como o fareis saber a el-rei?

— Logo que chegue a noticia official.

— Ireis vós?

— Talvez.

— Será melhor.

— A não ser que tenhamos de ir todos e convocar todos os senhores; sabeis que este caso é um dos que exige a reunião das côrtes.

— N'esse caso convirá mandar participar ao rei o succedido e perguntar-lhe onde quer que se reuna o conselho.

— Naturalmente em Valladolid observou o arcebispo.

— Como vos parece que El-Rei receberá a nova?

— Com muito pouco prazer, posso affirmar-vol-o, replicou D. Pedro. E' muito proxima esta ruptura; não estamos ainda refeitos das ultimos desastres.

De bôa politica seria o ter esperado a occasião, que havia de chegar com o tempo; assim temos novo desastre.

— E' estudar bem o plano do ataque, precaverem-se para todas as eventualidades e começar então.

D. Martim e os seus serão de grande auxilio: elles, melhor do que ninguem saberão os pontos fracos a attacar e ajudar-nos-hão a vencer.

Quanto á opinião do rei, seja qual fôr, tem de se conformar com a guerra e acceital-a.

— E' da sua propria dignidade, observou o arcebispo.

— Do seu dever, confirmou a rainha.

Estendendo a mão ao arcebispo, accrescentou:

— Ver-vos-hei, logo, em casa de D. Beatriz?

— Certamente, segundo D. Pedro, não poderei faltar. Beijando-lhe a mão sahiu.

Leonor Telles, internando-se nos seus aposentos, pensava:

— E' a ultima cartada que posso jogar, se me falha, restar-me-ha morrer!

❧

CAPITULO CXXXIV

Amor e guerra

N'aquella noite, n'uma sala interior do palacio da condessa de Mayorca, agrupavam-se em volta de uma ampla mesa, onde se viam dôces, fructas e jarros com vinhos, os nossos mais interessantes personagens.

Eram elles: a rainha D. Leonor Telles, a condessa de Mayorca, o arcebispo D. Pedro, D. Affonso e D. Pedro de Trastamara, D. Diniz, o conde Martim Vasques e Affonso Pimentel.

O conde D. Martim Vasques apresentara Affonso Pimentel á rainha e esta levou-o a casa de D. Beatriz.

Os restantes tinham sidos chamados por convite da condessa.

Entraremos no momento em que conhecidos de todos os ultimos acontecimentos de Portugal, assente que todos combaterão pela causa de Castella, se combina a maneira.

— O correio para o rei, quando vae? pergunta Leonor Telles.

— Parte esta noite, respondeu o arcebispo.

— Francamente, qual imaginaes que possa ser a attitude do rei? disse a rainha.

— Qualquer que seja, respondeu o arcebispo, tem de conformar-se em consentir na guerra, se não quizer entrar n'ella.

— El-rei não pode entrar em guerra, observou D. Pedro de Trastamara.

— Porquê? perguntou Leonor Telles.

— Porque não governa ainda; é de praxe que os reis não possam expôr-se nos combates, sem serem casados e terem filhos.

— Essa regra despresou-se muitas vezes, disse D. Diniz.

— Enganas-te Diniz, replicou o Trastamara: os futuros reis menores teem ido muitas vezes á guerra, mas é porque teem o pae vivo.

— Que vá ou que não vá, objectou D. Affonso, ser-nos-ha indifferente. O que é preciso é calcularmos as nossas forças, ao todo, ver como faremos a invasão e não nos sujeitarmos mais uma vez a derrotas inacreditaveis e vergonhosas.

— Quanto á maneira de proceder, invadindo, ninguem melhor do que o conde Martim Vasques poderá informar-nos.

— De certo, confirmou D. Diniz, veiu de lá agora e deve saber o estado das forças portuguezas, os pontos fracos e os pontos fortes.

— Parece-me, disse o conde, que o melhor processo, para dominar Portugal, será seguir um caminho differente do encetado, até agora.

Não pensaremos, nunca, n'uma batalha unica e decisiva.

O valor moral dos portuguezes está hoje decuplicado com as victorias, e os castelhanos, refiro-me aos peões, desanimarão facilmente, contra as hostes do condestavel, em quem suppõem bruxedo ou feiticeria.

O ataque tem, pois, de ser simultaneo.

Não permittir que as forças do rei se juntem com as do condestavel e assim divididos mais facilmente serão vencidos.

Alguns approvaram com gestos de cabeça.

— Não sois da minha opinião? perguntou Martim Vasques.

— Absolutamente, responderam alguns.

— Isso terá de ser approvado em côrtes, com el-rei, disse o arcebispo; precisamos de vêr a quem encarregar os commandos parciaes, o numero de homens de cada commando e a occasião de entrar por Portugal.

— A occasião, disse Martim Vasques, a mais chegada será a melhor.

— E' a minha opinião, disse Affonso Pimentel. Quanto mais depressa pudermos invadir o reino, mais facil nos será a victoria.

E' preciso que não desconfiem da nossa tenção; que o rei esteja longe do condestavel: um empenhado em tomar Tuy, outro descuidado no Alemtejo, sem suspeita de hostilidades.

— O que é necessario, accrescentou D. Diniz, é ter sempre em conta que a pressa de começar não nos prejudique, deixando de lado elementos de força, com que possamos contar, demorando a guerra.

— Começaremos já a preparar-nos, disse o arcebispo e primeiro que o rei chame os senhores e se reunam as côrtes, teremos um mez por nós.

— Não é nada um mez, volveu o infante.

— Conforme, replicou o arcebispo, a vontade e o zelo com que se trabalhar.

A seguir, começou a fazer-se o calculo das forças que repentinamente Castella podia levantar, de subito.

Porque se era certo que não conviria ir para a guerra com pouca gente e mal armada, não era menos certo de que levando se tempo com muitos preparativos a nova transpiraria

Chegada a Portugal, o rei prevenir-se-hia.

Eram importantes, ainda assim, as forças de que se podia dispôr.

Comparadas com as de Portugal, que orçavam sempre pela decima parto, pouco mais ou menos.

Formaram-se por isso temerarios projectos, sobre o que haveria a fazer depois de vencidos D. João e o condestavel.

Este propunha já que os matassem; aquelle que fossem, simplesmente, deportados.

— Isso decidirá el-rei, observou o arcebispo, que despejava pela quarta ou quinta vez o seu calice lavrado de vinho.

— Perdão, disse Leonor Telles, isso decidiremos nós.

— Nós?

— Exclusivamente.

— Não me parece que o possamos fazer, com a mesma facilidade com que o affirmaes, observou, envolvendo a rainha, em um terno olhar, D. Pedro de Trastamara.

Leonor Telles, retribuindo-lh'o, replicou:

— Pois tem de ser assim, meus amigos.

Olharam-n'a todos com certo espanto.

— Até aqui, disse a rainha, tendes combinado a fórma do ataque e calculado as forças de que dispondes.

— Imaginaes que bastarão?

— Decerto.

— Tendes fraca memoria. Já esquecestes muito depressa Aljubarrota e os Atoleiros.

Calaram-se todos ouvindo as palavras da rainha, que não eram muito agradaveis para o seu amor proprio.

— Esqueceis depressa, continuou ella, eu não. N'isso sou mais castelhana do que vós.

— Suppondes, pois, que bastarão as forças que tendes para subjugar d'esta vez Portugal?

— Senhora, disse o arcebispo, por mim o creio. Se temos sido vencidos por forças menores, attribuamos antes o caso á nossa imprevidencia, porque o que é natural é que vença o mais forte.

— D'esta vez sereis, pois, mais cautos, menos confiados, mais prudentes, mais guerreiros, emfim?

— Sel-o-hemos.

— Assim mesmo, tornou a rainha, com todas as vossas cautellas e precauções, sereis vencidos.

Então, fez-se verdadeiramente o pasmo.

Se assim era, porque é que a rainha, particularmente, lhes tinha pedido a adhesão?

Sabia ella que os levava a um desastre fatal e exigia-lhes um sacrificio? Porquê? para quê?

Leonor Telles, percebeu pelo silencio, as idéas que lhes corriam os espiritos e deixou que serenassem um pouco.

— Assim mesmo sereis vencidos, disse eu, e repito, continuou a rainha, Perdoae-me, senhor arcebispo, disse ella voltando se para elle, se discordo da vossa opinião, sobre os resultados das ultimas batalhas.

O que vos fez perdel-as, não foi a vossa falta de valor, nem de brio, nem de prudencia, nem de sangue frio, foi a alta sciencia militar de D. Nuno Alvares Pereira.

Ao rei podereis vencel-o muitas vezes, ao condestavel, não.

Isto foi o que conclui dos factos que teem contado; é isto o que pensa commigo, Lopes Ayala, guerreiro tão illustre, como habil escriptor, que presenceou os combates.

O conde D. Martim, Affonso Pimentel e o infante D. Diniz, dirão se ha muita verdade no que digo.

— Em grande parte assim é, senhora, confirmou o conde D. Martim Vasques.

— E' um habil general o condestavel, tão habil que a elle se deve a independencia de Portugal; mas o não poder ser vencido, senhora, não me parece coisa sustentavel.

— Será assim, meu amigo; mas o que sei é que até hoje ainda o não foi, disse a rainha.

— O condestavel é o maior homem de guerra de Hespanha, disse fria e convencidamente D. Diniz. Depois do Cid, nenhum outro hespanhol alcançou maior fama e mais justa.

— Essa é a verdade, confirmou Leonor Telles.

Ora esta verdade dá uma grande audacia, uma grande confiança aos portuguezes, que é a sua maior força.

Quem está convencido de que vence, nada o perturba, nada o esmorece nem intimida e por isso ha de vencer.

Qual seria pois o primeiro ponto a calcular ou a assentar no plano geral?

— Não combater contra o condestavel? perguntou D. Pedro, o arcebispo.

— Esse mesmo.

— Isso é impossivel, abservou o conde Martim Vasques.

— Tambem o creio, replicou a rainha.

— Logo, o melhor é não pensarmos em tal, atalhou Affonso Pimentel. Temos de nos haver com D. Nuno e isso será o melhor da passagem.

— Não será o melhor, replicou sorrindo Leonor Telles; mas poderá ser o mais util.

— Vencido o condestavel, estava vencido o rei, replicou o conde D. Martim.

— O que é difficil é realisar a primeira hypothese, concluiu a rainha. Mas se é difficil não é impossivel; é preciso, pois, achar uma maneira de inutilizar, ou pelo menos diminuir até onde fôr possivel o valor d'este homem, visto que a simples opposição de uma força dez vezes maior de que a sua, não é precaução sufficiente, não é a certeza da victoria.

— Como se fará então? perguntou o arcebispo.

— E' para o dizer que eu preciso ter a certeza da vossa boa amizade, e a vossa confiança.

— Dizei, senhora, ouviu-se de todos os lados.

— O que é preciso, começou Leonor Telles, é levantar a D. Nuno uma difficuldade interna, uma grande difficuldade, de tal nota que lhe prohiba poder defender-se ou attacar, com todo o seu valor os estranhos.

E' preciso que essa difficuldade esteja lá dentro, a seu lado, prejudicando-o, empecendo-o, tolhendo-lhe o exercicio livre das suas faculdades.

Ninguem sabia onde Leonor Telles queria chegar, ninguem percebia que difficuldade seria essa e ainda menos como seria possivel fazel-a surgir.

Não concordaes? disse ella, que seria uma boa maneira de prejudicar o valor do condestavel, de o enfraquecer.

— Concordamos comvosco, minha senhora, em que qualquer difficuldade que se levante ao condestavel será em nosso favor; mas, como eu, creio que a maior parte dos que vos ouvem não comprehendem qual possa ser.

Intelligente, como era, Leonor Telles antes de lançar uma idéa perigosa, uma opinião arrojada em demasia, preparava o terreno.

Abria, nos espiritos, um desejo de saber; incitava-os com o fim, para os deixar divagar sobre os meios.

Quando comprehendia que parte do pasmo que a revelação poderia produzir se tinha enfraquecido pelo divagar das imaginações, então dizia, abruptamente, o que queria dizer.

Continuava, porém, para levar tempo:

— Dizei-me o que pensarieis em tornar inimigos do condestavel os portuguezes?

A' pergunta, que revelava uma loucura, ninguem respondeu.

— O que dirieis, repetiu a rainha, á idéa de fazer com que entre os portuguezes D. Nuno achasse o seu primeiro inimigo?

— Era magnifico, disseram alguns.

— Não é verdade? Então seu poder seria logo limitado de vontade e conforme uma opposição, poderia chegar a ser annulado.

— Como, porém, obter-se?

— Tendes maneira? interrogou, curioso o arcebispo.

— Talvez.

N'esta altura, D. Beatriz e D. Diniz perceberam a idéa da rainha.

A condessa sorriu com o seu mais intelligente sorriso: D. Diniz sentiu como um calor que lhe subia á cabeça e parecia-lhe que a mão lhe tremia sobre os copos da espada.

— Dizei a vossa idéa, pediu com interesse D. Pedro, seguil-a-hemos sem hesitar.

D. Leonor Telles, com o ar mais altivo, disse:

— A minha idéa é esta. Os portuguezes odeiam os castelhanos; populares, fidalgos, o proprio rei.

A todos estes elles combaterão com furia, como teem feito sempre. O povo nas aldeias, nas estradas, nas encruzilhadas é um estorvo sempre, ás vezes o mais grave.

Trata-se, pois, de alcançar alguem a quem esse povo não deteste; alguem a quem elle estime e ser esse alguem que se apresente á frente do exercito, dizendo:

— Venho invadir Portugal como portuguez e não como estranho, pelos meus direitos roubados.

Não incendiarei uma sequer das vossas cabanas, não me apropriarei de uma só cabeça de gado, não consentirei em um unico crime de roubo ou de assassinato.

Dae-me o vosso auxilio aos meus direitos, combatei a meu lado pelo throno de meus paes e tereis em mim o vosso rei natural, prompto a pagar-vos com mercés e regalias o que fizerdes a meu favor.

Se o povo o escutar, de nada valerá a corôa que o Mestre d'Aviz aperta na cabeça, nem a heroicidade do seu condestavel.

O que o povo quer Deus o quer, diz o rifão e este seria o caso de mais uma vez se poder provar o ditado.

N'esta altura, todos mais ou menos tinham percebido a quem Leonor Telles se referia.

Na incerteza, D. Pedro, arcebispo, perguntou:

— Tendes esse homem?

— E' D. Diniz, disse Leonor Telles, indicando-o. Ninguem é mais amado do que elle em Portugal; ninguem melhor do que elle poderá levantar a opinião popular, prompta ainda hoje a chorar a memoria saudosa do seu D. Pedro I.

Não é verdade, conde D. Martim Vasques, que fallo a verdade?

— E' verdade, senhora.

— Não é verdade que apresentando-se D. Diniz, como pretendente á corôa de Portugal, poderá ainda ter por elle a nobreza velha e o povo?

— E' verdade, senhora.

— Se é verdade, parece-me que encontrei a maneira de levantar contra o mestre d'Aviz e o seu condestavel o proprio reino.

Se assim fosse, parece-me que seria facil conquistar Portugal, porque a condição mais facil para conquistar um paiz, é que este se queira deixar conquistar.

O conselho tornara-se rumoroso.

Falavam já uns com os outros, emquanto D. Diniz dizia para a condessa:

— A rainha é uma sonhadora.

— Ha sonhos que se realisam, respondia ella.

— A's vezes. Se este se realisasse, eu poderia tambem realisar um que desde esta manhã me ferve na cabeça.

— Qual é? perguntou, amorosa, a gentil condessa.

— O de ver-vos uma corôa nos cabellos.

— Tenho uma, disse ella risonha; já a tendes visto.

— Mais alta, respondeu D. Diniz.

— Não sou ambiciosa, disse D. Beatriz, com ar simples.

— Mas sou eu, replicou o infante.

N'este momento, o arcebispo que acabava de falar com o Trastamara, o irmão e conde Martim, voltava-se para a rainha e perguntava-lhe:

— Como poderia, porém, D. Diniz pretender a corôa?

— Muito simplesmente, pretendendo-a. Não creio que para se poder pretender alguma coisa, seja preciso de licença d'alguem.

— Perdão, minha senhora, mas para pretender como rei, será preciso a permissão...

— Do rei? interrompeu a rainha.

— De el-rei, confirmou o arcebispo.

— Dal-a-ha.

— El-rei? perguntou o Trastamara.

— Porque não? respondeu a rainha.

— Não será facil, arrematou o arcebispo.

— Se fosse uma cedencia real do throno, observou a rainha, não creio que fosse facil conseguil-a. Como artificio de guerra, que receio poderá ter D. Henrique em proclamar que elle e a minha filha cederam ao infante todos os direitos ao throno portuguez?

Estas palavras lançaram no ar uma nuvem de suspeição e de receio.

Nada mais simples do que parecia á primeira vista esta combinação. No fundo, porém, desenhava-se um perigo.

Esse é que não era facil de desviar.

Todos o sentiram, todos os castelhanos, porque a rainha, a condessa, D. Diniz, o conde Martim e Affonso Pimentel, nem n'elle pensaram.

Era bem imaginado o engano; talvez que elle fizesse com que D. Diniz ou os castelhanos vencessem; mas depois?

Suppunha se D. Diniz vencedor, acclamado rei, firmado no throno pela vontade do seu povo, teria elle a grandeza d'alma para entregar um throno a D. Henrique?

Tendo-a, podia fazel o?

Consentir-lh'o-ia um povo que se tinha posto ao seu lado?

Não era uma traição, da parte do infante, esta acção de generosidade innegavel?

Pois se o povo o secundara para que não tivesse senão o rei que desejava, rei portuguez, bem portuguez, legitimo, como poderia consentir que esse, agora enthronado, dispozesse do reino, como de coisa sua, a favor de um castelhano?

A reflexão era logica e tanto que ninguem ousou, de prompto, responder immersos como ficaram os castelhanos nas suas reflexões.

Leonor Telles percebeu que especie de pensamentos e que sorte de lucta se estava trocando no animo d'aquelles homens.

Era preciso desfazer as duvidas, aclarar, rapidamente ,a questão.

— Prevejo as vossas hesitações, disse ella. Vêdes um perigo na pretenção de D. Diniz.

Esse perigo não existe desde que um documento assignado por elle perante o rei e os regentes, declare falsa qualquer cedencia de direitos, mostrando que essa cedencia foi combinada e ficticia, apenas como meio de se conseguir a adhesão dos portuguezes.

Outra objecção estaes formulando nos vossos espiritos, continuou Leonor Telles, como se os visse por dentro: é que D. Diniz feito rei póde não querer descer do logar.

Appello para o seu caracter e para o seu juramento, deante de todos nós.

Posso appellar, D. Diniz?

A rainha voltou-se para o infante, altiva, magestosamente, como a exigia uma declaração formal

— Direis o que é preciso que eu faça, minha senhora, disse hypocritamente o infante.

— E' preciso que jureis deante de todos nós, pela vossa honra de cavalleiro e de principe, que entregareis o throno portuguez a D. Henrique III de Castella.

Que razão nenhuma vos poderá levar a disputar-lh'o, nenhuma, seja qual fôr.

— Assim o juro, declarou o principe e seria, até, inutil declaral-o aqui, se como dissestes, minha senhora, eu declarar por documento proprio que a minha pretenção é apenas uma manha sem valor de especie alguma.

Se, porém, é preciso repetir o juramento, aqui o faço, jurando que se alcançar o throno portuguez será para o entregar a quem tem direito a elle, a D. Henrique III de Castella, e que por modo nenhum me dispensarei de o fazer, compromettendo-me a batalhar contra quem pretender impedir-me de o fazer.

A declaração do infante ia mais longe do que Leonor Telles tinha exigido.

Compromettia-se elle, além de restituir o throno, a combater contra quem quizesse oppôr-se á sua resolução.

Era, de certo modo, corroborar com mais um argumento a sinceridade do seu juramento.

Tal sinceridade, como se sabe, não existia; mas o infame comprehendendo a gravidade da situação, em que uma hesitação qualquer podia perder a confiança dos que estavam presentes, veiu em auxilio da rainha, com uma grande audacia e sangue frio.

Este falar de D. Diniz lançou, realmente, no animo dos assistentes uma nuvem de confiança, quanto ás intenções puras do infante.

Restava porem ainda um pacto escuro e esse o arcebispo pediu licença paro o fazer notar.

— Acreditamos todos na vossa sinceridade, senhor infante; mas o que não nos será facil, será resolver o problema da transmissão do throno, a despeito das declarações previas que façais.

— Como assim? perguntou Leonor Telles.

— Concordamos que tudo sahe á medida dos nossos desejos, disse o arcebispo. Supponhamos que tomamos Portugal, que o infante D. Diniz é acclamado.

Quando se tractar da cessão o povo revoltar-se-ha. Não o acreditaes?

— E' certo, confirmou D. Pedro de Trastamara; podemos tel-o como infalivel.

— Revoltar-se-ha, continuou o arcebispo, chamará em seu auxilio os seus capitães que não faltarão á chamada e ficaremos justamente na situação primeira.

— Qual? interrompeu o infante.

— Castella contra Portugal, como eramos, como temos sido até hoje.

— Ha uma differença observou Leonor Telles e parece-me que importante a attender.

— Qual é?

— De que conquistado Portugal, collocados nos castellos os nossos homens de confiança, não será facil que o povo possa ter vontade, ou que possa de qualquer modo fazel-a prevalecer ainda que a tenha.

A razão era convincente e todos sentiram que a rainha, como sempre, não pensava debalde n'uma questão; não tinha um plano sem o ter estudado por todos os modos, em todas as suas consequencias.

— Não pensais assim? perguntou Leonor Telles depois de uns momentos de pausa.

Creio termos resolvido todas as difficuldades, se não de facto, pelo menos pela unica maneira porque as poderemos resolver n'esta sala.

O resto pertence a Deus, continuou ella. A nós compete-nos fazer o possivel para que elle nos ajude.

Em todos os rostos se via uma alegria franca. Todos aquelles espiritos, vibrando sob o imperio de uma idéa agradavel, cada um por seu motivo, estavam cheios de contentamento.

Leonor Telles propoz que se bebesse á felicidade da proxima guerra. Beberam.

A condessa propoz que se bebessem ás esperanças de cada um e á sua felicidade: bebeu-se outra vez.

Perdendo o assumpto forçado a conversa espraiou-se já tonificada pelos vinhos, sobre outras muitas coisas.

A caça, os torneios, o amôr, vieram á conversa.

A meio, porem, quando se faziam protestos de dedicação entre os homens e protestos d'amor mais ou menos velados, um pagem veio dizer, que entrava na villa um grupo de cavalleiros.

— Castelhanos?

— Portuguezes.

— Sabe-se a que veem? perguntou a rainha?

— Ouvi dizer, Senhora, que são embaixadores.

Do rei de Portugal? comprehendo, disse Leonor Telles, veem noticiar a tomada de Badajoz e propôr o resgate.

— Assim é, senhora, disse o conde Martins Gonçalves. Devem ser, se não variou a vontade do rei D. João, o arcebispo de Evora, João Vasques de Almada e o douctor Martim d'Ocem muito sabedor, em leis.

— Vão de caminho?

— Para Valladolid, explicou o pagem. Imaginavam que estava aqui el-rei; como não está, amanhã de manhã partem.

— O vosso correio? perguntou Leonor Telles ao arcebispo?

— Chegará primeiro.

— São muitos? perguntou a rainha ao pagem.

— Parece que são tres, os embaixadores. Seguem-nos uns sessenta homens armados, com bagagens em mulas.

Seria bom conhecermos alguns pormenores de sua vinda e do que veem fazer, disse a rainha.

A nossa sessão continuará, amanhã.

Então todos se foram despedindo e sahindo.

Tinha Leonor Telles, mais uma vez, feito acceitar as suas ideias, a um grupo de homens promptos a combaterem por ellas.

A serie de processos directos e indirectos que ella empregou mais uma vez nos demonstrou a habilidade eximia da mulher, diplomata consumada, servindo-se da sua ainda invejavel belleza, dos encantos da amiga, aproveitando com summa mestria todas as circumstancias fortuitas, tão facilmente, como desfazendo qualquer inconveniente, qualquer contrariedade, qualquer incidente prejudicial que apparecesse.

A intriga está completamente urdida, favorecida pelo acaso que nunca deixa de proteger os audazes.

D. Pedro de Trastamara, o arcebispo D. Pedro e D. Affonso leva-os o amôr, o conde Martins e ao Pimentel o odio, D. Diniz a ambição.

Manejando estas tres paixões Leonor Telles sente-se feliz e quando elles sahem tem esta fraze para a amiga:

— Que bella vida; parece que remocei de vinte annos!

* * *

QUARTA PARTE

Coração de rei

CAPITULO I

O rei Henrique

Tinha, n'este tempo, o rei Henrique perto de quatorze annos.

Era um bello rapaz, alto, reforçado, pelos continuos exercicios a que se entregava da caça e da equietação.

Era de agradavel aspecto, de gentis maneiras e muito dado a leituras de cavallaria.

Por temperamento era um sanguineo, mas misturado um tanto de reacções nervosas, herança do avô, aquelle que nos conselhos quando os conselheiros faziam não perceber o que elle queria, lhes perguntava:

— Estaes bebedos?

Era bom de coração, bem intencionado, mas muito cioso da sua condicção e muito respeitador da mesma.

Pouco dado a familiaridades faceis, era muito dedicado a quem se affeiçoava, custando, porem, a affeiçoar-se.

Dado desde tenra edade aos exercicios fisicos, tinha-se adextrado nas montarias, de modo que podia competir em força com os rapazes da sua edade e ainda mais velhos.

O rei tinha percebido pelas leituras a que se entregava e pelos conselhos da madrasta que as duas qualidades mais precisas para um rei d'aquelle tempo eram a força e a audacia.

A madrasta, a bondosa D. Beatriz, era para elle como mãe.

Assim a tractava sempre, a respeitou e amou emquanto viveu.

Esta senhora foi sempre uma virtuosa dama, velada no segredo do seu lar, amorosa e chéia de bondades para todos, altos e baixos.

Era a bondade do pae, o pobre D. Fernando, que a filha herdara com todos os requintes de uma amabilidade delicada.

D. Henrique, por natureza orgulhoso e valente, tivera desde pequeno a corrigil-o o amor da madrasta, desvelado, cheio de dedicação e de carinhos.

Os dois caracteres casavam-se e amavam-se justamente pela lei da dessimilhança, tão vulgar e tão natural.

Os primeiros annos de D. Henrique, depois da morte do pae, tinham-se passado na vulgar sequencia dos annos das creanças, sem coisa alguma que mereça contar-se.

Chegado aos doze annos o pequeno rei, de subito, começou a mos· um grande amor pela leitura e pela audição dos casos bellicos dos avós e do pae e a tomar uma fórma de proceder e viver em que se revelava que o caracter se ia pouco a pouco accentuando.

Fernão Lopes de Ayala, o famoso chronista, por vezes era chamado a Valladolid e, alli, o rei entretinha-se com elle, longas horas ao serão.

Como nada ha que mais attraia e elucide um espirito novo como a historia, que é o mappa da vida, intelligente como era, o novo rei, começou a comprehender qual era o seu papel historico, n'aquelle momento, e a decretar a si proprio, pela consciencia, o caminho a seguir.

Pouco tempo lhe faltava para tomar as redeas do governo e percebendo a responsabilidade de tal facto, creou em si o desejo de ser um rei a valer.

Da consciencia do proprio valor, o pequeno rei tinha em si uma confiança inabalavel.

Esta confiança, cimentada e amparada pelo valor pessoal, formaram no pequeno monarcha uma individualidade precisa e energica.

Analysando o estado a que as ultimas guerras tinham levado Castella, percebeu, claramente, que a primeira condição para a prosperidade do seu reinado, seria a paz com Portugal.

A guerra é uma necessidade e não um divertimento, um meio ultimo de conseguir um fim e não um pensamento para ambiciosos, ou um meio de liquidar resentimentos pessoaes.

D. Beatriz, a madrasta sempre prompta a pugnar pelos portuguezes, não ligando a menor importancia ao throno portuguez que de direito lhe pertencia, maguada pelas ultimas guerras de D. João, guerras que tanto sangue haviam custado, desviava sempre da cabeça do filho adoptivo ideias de desforra ou de conquista.

Henrique III, comprehendendo que lhe bastava o seu bello reino de Castella para poder ser um grande rei, tinha além d'isso a opinião — e opinião certa — de que o que era preciso aos reis da Peninsula não era o guerrearem-se mutuamente, em discordias de familia, mas o ajudarem-se valentemente e lealmente contra o inimigo commum — os arabes — ou os moiros, como lhes chamavam.

Assim, reprovava as ultimas tentativas que os regentes tinham feito para tentar a fortuna das armas, como um erro politico, que os desastres tinham justificado.

A regencia via-a, já, com olhos de verdade e apparecia-lhe como era: um grupo de senhores, enriquecendo, colossalmente, á custa do paiz que explorava, concedendo-se mercês e honras e riquezas de toda a especie, satisfazendo, apenas, os seus caprichos e a sua ambição.

Do paiz, da sua riqueza e prosperidade, nada pensavam; nem faziam para melhorar a sorte de coisa alguma.

Sentia-se afastado, completamente, do proprio reino e um ciume junto á convicção de que alguma coisa poderia já fazer, incitavam-n'o intimamente.

Este despeito encobria-o elle, poderosamente, para não revelar o que lhe ia no peito.

Estava por pouco tempo a sua ausencia do throno, não valia a pena revelar-se em desharmonia com os seus homens de mais peso e de mais fama.

A's vezes, com a madrasta, desabafava:

— Dizei-me, minha senhora e mãe, não achaes que os meus regentes me esquecem um pouco?

D. Beatriz sempre cuidadosa em não despertar odios, respondia-lhe:

— Não vejo isso.

— Não vêdes?

Olhae que é como se eu não existisse.

Tudo fazem sem me consultar, como se eu não houvesse de reinar, d'aqui a mezes.

— Não vos faltará trabalho e não vos faltarão cuidados para então, respondia a bôa rainha, desviando sempre a conversa para um campo diverso.

— Achaes então que é para me pouparem, por interesse por mim, que esses senhores me dispensam a opinião?

— Quem vos diz que não será assim? Todos foram muito dedicados a vosso pae; porque não serão egualmente ao filho?

— Mas meu pae morreu, observava o moço rei e com os homens que se vão vae-se o respeito.

— Vereis que não ha-de ser assim, dizia-lhe amorosamente a madrasta; todos vos querem muito.

— Que não ha-de ser assim podeis estar certa de que o não será. Sei muito bem o que posso e que quero o affianço-vos que quem estiver commigo ha-de pensar e querer como eu.

— Tendes esse direito, quando fôrdes rei.

— Hei-de sel o, minha querida mãe, como o foi meu avô e não como meu pae.

— Porque não como vosso pae?

— Porque foi mais mandado do que obedecido. Illudiam-n'o facilmente levando-o a fazer aquillo que queriam, convencendo-o de que era por seu bem.

— Tendes, talvez, razão. Muitas vezes assim foi. A sua ambicção foi a dos seus conselheiros, mais ambiciosos de que habeis, mais fanfarrões do que uteis.

— E' essa a minha opinião. Deixae-me subir ao throno e haveis de ver como as coisas mudam.

— Tendes, porem, de ser muito prudente. Olhae que para reformar, destruir abusos e máus direitos ides ferir grandes pessoas.

Não precisais começar o vosso governo indispondo os maiores.

Ide, cautelosamente, mansamente, conseguindo os fins que tenhaes, mas sem ferir de repente, sem crear odios.

— Esses são os conselhos do vosso amôr, minha senhora e mãe, e, muito vol-os agradeço porque veem do coração.

Quem vos diz, que se possa fazer assim?

— Tentae-o, sempre.

— Decerto. Começarei a bem; se pelo bem o não conseguir como quereis que o consiga?

— Então, serei a primeira a aconselhar-vos que useis do vosso poder.

— E' máu para o reino estar muito tempo sem rei. Os fidalgos e senhores acostumam-se a passar sem elle, até ao ponto de lhes parecer que já o não tem.

— E' isso verdade.

— E' o que está acontecendo; mas, em breve, hei-de mostrar-lhes que se enganam.

D. Beatriz que o estimava como filho, revia-se n'elle, no ar altivo que tomava quando falava, n'aquelle todo joven e energico em que os caracteres da raça imprimiam um tão alto cunho de superioridade e de elegancia.

— Tende porem sempre muito cuidado, continuava a rainha...

— Em quê? minha senhora.

— Em ter por vosso lado os senhores...

— Quando elles quizerem estar; quando não quizerem, saberei como collocal-os no seu logar.

— São sempre perigosos. Porque sempre ha ambicções e despeitos e juntos tem fôrça para se fazerem valer...

— O quê? interrogou D. Henrique.

— A' força.

— Olhae, minha senhora, que maior a hei-de ter sempre eu.

— E se a não tiverdes?

— Hei-de ter, ou não serei o rei.

— A força de um rei está na amizade e na dedicação dos seus vassallos.

— Dizeis muito bem; mas não de estes ou d'aquelles, na de todos.

Ora, esses são de duas especies: os poderosos e os fracos. Os fracos é facil tel-os por amigos, protegendo-os, defendendo-os; os poderosos só ha uma maneira de os conter...

— Pelos beneficios?

— Esse é o processo vulgar, facil; mas falso. Nunca um beneficio evitou uma traição. Vede com meu pae...

Ha só um modo de collocar os senhores no seu logar: é mostrando-lhes que ha um maior do que elles e que esse que respeita, absolutamente, as leis, sabe fazer justiça, implacavelmente.

Pela linguagem o pequeno rei revellava uma grande firmeza de caracter e uma levantada vista, para ver os homens e as coisas.

* * *

CAPITULO II

A embaixada

Vivia pois, o rei n'este estado de espirito, que se revellou, claramente, pela sua conversa, quando um acontecimento, que devemos ter previsto proximo, veio perturbar a paz do paço de Valladolid.

Andava o rei no picadeiro, montando e domando um magnifico cavallo arabe com que o havia presenteado um dos califas moiros seu visinho quando lhe vieram annunciar que chegavam á cidade os tres fidalgos portuguezes com mensagem do rei de Portugal.

Deu-lhe o coração um baque de que alguma coisa grave se tractava.

Subiu ao palacio, chamou um dos seus creados de mais confiança e mandou-o saber de que se tractava, o que havia.

Voltou d'ahi a meia hora o creado, com tudo sabido.

Eram embaixadores portuguezes. Acabavam de chegar, de se hospedarem e faziam os seus preparativos para virem sollicitar uma audiencia.

— O que os traz? perguntou o rei.

— Nada disseram.

— Coisa grave será, porque os regentes não lhe deram despacho.

— Vossa alteza vae sabel-o breve porque elles não tardam.

— Logo que cheguem, avisou o rei, mandae-os entrar, immediatamente, e levae-os onde eu estiver.

Disse o rei e sahiu.

Dirigiu-se aos apozentos da rainha.

— Sabeis o que se passa? perguntou o rei.

— Nada sei de novo.

— Chegaram tres embaixadores portuguezes.

— Que nos quererá o rei de Portugal?

— Não adivinho; mas acreditae, que não deixa de ser reclamação...

— Por clausulas não cumpridas, talvez? Não tendes sempre dito que se cumpram, rigorosamente, os tratados?

— Absolutamente; mas sabeis tão bem como eu que os nossos regentes pensam mais em si do que nos outros.

O rei começou a estar visivelmente preoccupado.

Nem elle saberia dizer a razão.

A vinda dos fidalgos portuguezes assim, de chofre, sem que elle tivesse conhecimento de tal, estando elles já muitos dias em Castella, não lhe parecia natural.

Porque se não tinham dirigido aos regentes e estes a elle?

Evidentemente por que a mensagem era da mais alta importancia.

Esta hypothese suggeriu-lhe uma infinidade de ideias, de calculos, que o tornavam cada vez mais nervoso.

A rainha, que o via tão pouco sereno, dizia-lhe:

— Porque estaes a incommodar-vos com hypotheses sem fundamento?

Deixae que elles venham... que não tardam... e sabereis a verdade, do que fôr.

— Vereis que não me engano, minha senhora mãe, vereis que são más as noticias que me hão de trazer.

— Que sejam? tudo terá remedio; mas o que é inutil é estardes a apoquentar-vos sem saber porquê.

Levantando-se, convidou-o a ir vêr os falcões que sahiam da muda.

D. Henrique, percebendo o pretexto, deixou-se conduzir.

Duas horas depois chegavam os embaixadores.

Eram, como dissemos, tres.

Eram elles D. João o arcebispo de Lisboa, João Vasques d'Almada e o doutor em leis, Martim d'Ocem.

O rei recebeu-os com a maior cortezia, indagou da saude d'El Rei de Portugal a quem disse estimar muito e, a breve trecho, perguntou o que os trazia.

Então falou, como pessoa de maior respeito e categoria, D. João o arcebispo.

— Manda-nos El-Rei D. João, nosso senhor, representar perante Vossa Alteza, contra a falta de cumprimento, que os senhores encarregados da regencia de Castella, teem dado ás clausulas do ultimo tratado de paz.

Por elle, teem ellas sido cumpridas religiosamente.

Como Vossa Alteza sabe, é esta a segunda vez que El-Rei manda seus embaixadores perante o governo de Castella e até agora — já lá vão tres annos desde o primeiro pedido ou protesto — nenhuma satisfação recebeu El-Rei nosso senhor.

Os portuguezes tomados permanecem ainda prêsos; dos roubos feitos a Portugal nenhum foi rehavido.

El-Rei, nosso senhor, não quiz a principio exercer sobres os castelha- a menor pressão, decretando que não se processassem pessoas, nem se executassem os penhores.

Vossa Alteza, conhecerá que tem sido da parte d'El-Rei nosso senhor, uma vontade firme de consolidar a paz entre os dois paizes.

— Assim me parece, disse o rei.

— Assim é, confirmou o arcebispo.

Essa boa vontade tem sido completamente desprezada pela regencia de Castella.

De tal modo desprezada, que as queixas dos portuguezes cada vez se seguiam mais altas junto do throno d'El-Rei.

Os reis teem tambem de attender aos povos, sobretudo quando elles gritam pelos seus direitos.

De todas as compensações da victoria, nenhuma os portuguezes puderam sentir ainda.

El-Rei que os defende e ama quiz provar-lhes que não os esquecia nem desamparava e resolveu, por suas mãos, procurar um meio de poder garantir a enorme divida de Castella a Portugal.

— Dizeis, enorme?

— Enorme, meu senhor.

Feitas as contas o vosso governo deve a El-Rei D. João I ou antes a Portugal a quantia de trezentas mil dobras.

— Trezentas mil dobras! repetiu o rei, espantado.

— Trazemos todos os documentos para os mandardes examinar, ou os examinardes vós proprio.

— Não é preciso, disse o rei, com aspecto grave, o que resolveu então o vosso rei fazer para se pagar?

— E' apenas um recurso momentaneo, disse o arcebispo, que El-Rei vos manda significar, sem continuação, logo que sejam satisfeitas as clausulas.

— Qual é esse recurso?

— Foi, meu senhor.

El-Rei D. João previne-vos, repito, de que não quer magoar-vos com o que fez, mas antes obrigar os vossos ministros a attendel-o, seria e immediatamente, como tem direito.

Dizei tudo.

— El-Rei manda-vos annunciar que cérca a esta hora a cidade de Tuy...

D. Henrique, como se uma força interior o impellisse, endireitou o corpo e olhou de frente o arcebispo.

— El-Rei? perguntou.

— El-Rei em pessoa.

— Irei, eu mesmo... disse D. Henrique e ia a dizer alguma coisa mais quando, subitamente, dominando-se, parou.

— Senhor arcebispo, disse, passado um instante; isso é violar gravemente o contracto, é declarar a guerra.

O arcebispo, sem responder, curvou-se n'um reverencia, que parecia dizer: entenda-o Vossa Alteza como quizer.

— E' isso que quer El-Rei D. João I, vosso amo?

— Não, meu senhor.

El-Rei manda-vos participar o que fez, por lealdade para comvosco.

Podia tel-o feito e calar-se.

Se vos previne é porque deseja que remedieis o mal.

— O processo é ousado...

— Meu senhor, perdôe-me Vossa Alteza.

Eu cumpro as ordens de El-Rei meu senhor e amo.

Não posso discutil-o, perante Vossa Alteza, não me compete, nem devo.

Assim, meu senhor, permitti-me que acabe de vos dizer o mais que sou encarregado de vos transmittir.

— Que mais tendes? disse o rei.

— Meu senhor, a participar-vos de que por ordem de el-rei, meu senhor, foi tomada Badajoz.

— Tomada?

— Sim, meu senhor, ha oito dias.

O rei levantou-se, dominado pela colera.

— Ha oito dias, dizeis?

— Uns poucos mais.

— Como é que nada sei de tudo o que me dizeis? Sabem-n'o os regentes?

— Sabem-n'o, porque eu proprio o disse em Tordesillas.

— Não o sabiam, antes?

— Parece que não, meu senhor, respondeu, com voz meliflua, hypocritamente, o arcebispo.

D. Henrique começava a passear a largos passos, meditativo. De vez em quando uma nuvem de sangue subia-lhe á cabeça. Quando o passeio lhe acalmou um pouco mais os nervos e poude falar, parou em frente dos emissarios e disse-lhes:

— Quanto aos meus, eu saberei remediar tanta incuria e tanto mau governo; quanto a el-rei, vosso amo, não posso deixar de responder no mesmo tom em que me offende.

Elle recomeçou a guerra? Tanto peor, luctaremos.

— Permitte-me vossa magestade uma observação? disse respeitosamente o arcebispo.

— Falae, disse o rei.

— El-rei, meu amo, não começou a guerra, não deseja a guerra, não quer a guerra...

— Não parece?

— Perdoae-me, meu senhor. Tive a honra de vos explicar ha pouco que a tomada de Badajoz e o cêrco de Tuy, significam não uma conquista definida, mas um penhor de cumprimento dos contractos.

— E' uma conquista, um dominio...

— Temporario, meu senhor. El-rei D. João, meu senhor, tem por vós a maior amizade, como estará sempre prompto a provar-vol-o.

— Não é a vós que se dirigem as suas acções, sabendo de mais, que pouco ou nada vos permittem interferir na governação do vosso reino.

E' aos vossos ministros que o aviso é feito. Aos vossos ministros que teem, mais tarde ou mais cedo, de responder perante vós pelos seus actos.

Nenhuma offensa pessoal, elle vos pede que vejaes no seu proceder; mas que visto que a vós mais do que a ninguem prejudica o acontecido, que vos digneis chamar á ordem os que regem o vosso reino, fazendo-os guardar a sua honra que é, n'este caso, a vossa, cumprindo os seus deveres.

Se viemos a vós e não a elles, foi porque isto vos manda dizer el-rei como amigo e pedindo-vos que assim o entendaes.

O habil arcebispo, percebendo logo do começo, o resentimento do rei pelos gerentes, carregava sobre elles toda a responsabilidade e desanuviava um pouco a cabeça do rei da gravidade dos acontecimentos.

Foi habil a pratica, porque D. Henrique começou, a fazer recahir toda a raiva sobre os regentes e portanto a absolver, um pouco, o rei D. João, como se este tivesse sido obrigado a tal.

O meditar, porém, no facto da tomada de Badajoz, do cêrco de Tuy, começava a ferir profundamente o animo orgulhoso do rei e elle sentiu que não podia por mais tempo conservar a serenidade precisa em frente dos emissarios.

Despediu os com as melhores palavras que poude pronunciar, avisando-os de que os mandaria chamar no dia immediato, para falarem mais demoradamente e com mais placidez sobre o assumpto.

* * *

CAPITTLO III

A colera de el-rei

Mal os deixou, como sabia que a rainha havia de estar anciosa por saber o motivo da conferencia, foi ter com ella aos seus aposentos.

Elle precisava, tambem, desabafar e com ninguem melhor do que com a bondosa madrasta o poderia fazer.

Quando o rei entrou, D. Beatriz, cujo coração pulsava desde o momento da conferencia, com demorada intensidade, viu na face do rei os signaes caracteristicos de uma perturbação profunda.

O rei ia pallido, tremulo, com algumas gottas de suor a perlarem-lhe a testa.

Arremessou o gôrro parà cima de um contador e exclamou :

— Eu não vos dizia ? vêde a que desgostos me sujeitaram esses senhores regentes ! Que homens !

Vão pagar-m'o, porem, affirmo-vol-o, minha querida mãe, que m'o vão pagar... e breve.

— Socegae um pouco, disse a rainha vindo junto d'elle e tomando-lhe uma das mãos, cariciosamente, socegae um pouco e dizei-me depois, porque vos julgaes assim offendido ?

O rei serenou um pouco, olhou-a amorosamente e mais socegado disse-lhe o que se tinha passado.

— Tomaram Badajoz ! disse admirada a rainha, quando o rei lh'o contou.

Quem defendia Badajoz ? perguntou depois.

— Não sei, disse o rei ; mas hei-de premiar-lhe o cuidado e a valentia.

Dizei-me, agora, minha senhora e mãe, como hei-de agradecer eu a esses senhores, que são tão imprudentes como ousados ? Demais tem abusado da minha paciencia ; é preciso que termine este estado de coisas que não sei aonde irá parar.

— Teem elles toda a culpa do que D. João tenha feito ?

— Quem senão elles e só elles?! exclamou o rei. Ainda que D. João possa ter sido precipitado, que não foi, a culpa em todo o caso teem-n'a elles.

— Não foi precipitado D. João?

— Não, minha senhora mãe. Ha já dois annos que aqui veio um embaixador portuguez, lembraes-vos?

— Lembra-me bem.

— Pois esse vinha pedir que se cumprissem as clausulas dos tratados.

— Tinha razão. E' um dever.

— Já vêdes pois. Passam dois annos e ninguem, provavelmente, — como a resolução do rei o indica — dá a menor satisfação, o rei perdeu a paciencia; — eu tel-a-hia perdido como quem quer que tenha sentimentos — e feznos esta desfeita.

Demais, continuou D. Henrique eu sou obrigado a concluir que D. João me não quer indispôr, antes viver em paz commigo.

— Tambem o creio: ser-lhe-ha melhor, para elle.

— Para ambos. Assim m'o mandou certificar pelos seus enviados, com grande instancia.

De modo que eu mal posso indignar-me contra elle, nem tel-o por desleal, porque eu, no seu caso, faria justamente a mesma coisa.

Vêde que linda situação que esses senhores me crearam!

— Que tencionaes fazer, agora? perguntou com interesse maternal a bondosa rainha.

— Aquillo que não poderei deixar de fazer.

— A guerra?

— Naturalmente.

D. Beatriz sentiu uma oppressão no coração, que lhe encheu o rosto de uma suave tristeza.

O rei percebendo a modificação porque passara a rainha, abeirou-se d'ella, ternamente.

— Bem vêdes, disse D. Henrique que é impossivel deixar de disputar as cidades tomadas ou cercadas.

— Dissestes-me, porem, meu senhor, que el-rei D. João, vol as entregaria...

— Satisfeita a divida de Castella.

— E é grande essa divida?

— Trezentas mil dobras.

— Não as terão os regentes? o thesoiro...

— Vou saber tudo isso agora, interrompeu o rei. Pessoalmente bem sabeis que as não tenho...

— As minhas joias... disse a rainha e ia a continuar...

— São vossas. Não me falleis n'isso, por coisa nenhuma no mundo se lhe tocaria.

— Porque não? meu senhor.

— Porque não, minha mãe. Não fallemos mais em tal.

— Queria pedir-vos um favor, meu senhor.

— Um favor? a mim? disse o rei com um ligeiro ar de riso á flôr do rosto, será o primeiro.

— Era que fizesseis todo o possivel para evitar a guerra.

— Não tenho empenho nenhum em a travar, respondeu o rei; pelo contrario o meu desejo seria conservar a paz, por longos annos.

E', porem, notavel que eu não possa deixar de a declarar.

Eu? os regentes.

— Mas no caso de se ter de fazer, como sois ainda muito novo, como não tendes obrigação, nem deveis expôr a vossa vida sem que tenhaes quem vos succeda, promettei-me...

— O quê? disse o rei prevendo já onde a rainha queria chegar, que não entrarei na guerra?

D. Beatriz não teve força para confirmar o pedido.

D. Henrique tinha-o adivinhado. Ella esperava da sua bondade que o satisfizesse.

— Minha senhora mãe, disse elle, o que eu puder fazer-vos, fal-o-hei.

Se fôr indispensavel, se eu não puder deixar de ir combater, irei: se não fôr indispensavel...

— Não ireis, disse a rainha alegre.

— Não irei. Deveis no emtanto, pensar que d'aqui a um anno subirei ao throno — o rei calou-se um momento como se uma idéa fixa lhe prendesse o espirito — e que seria bom que me fosse acostumando já a vestir o saio e a cervilheira.

— Tereis tempo, de mais, para o fazer durante o vosso reinado. As guerras são o que ha de mais vulgar, no nosso tempo; a excepção é a paz. Guardai-vos para então.

— Farei quanto poder para vos ser agradavel, minha senhora e mãe; mas não poderei nunca deixar de fazer aquillo que a minha qualidade de rei, me ordenar como caso de honra...

— Nem eu vol-o pediria, nunca, meu senhor. Ninguem mais do que eu preza a grandeza do vosso nome; ninguem com maior vontade e mais alto prazer, lhe sacrificaria tudo o que sou, tudo o que valho.

As palavras da rainha foram direitas ao coração de D. Henrique pela simplicidade e pela verdade que revellavam.

D. Henrique approximou-se d'ella, tomou-lhe as mãos e beijou-lh'as, affectuosamente.

Madrasta e filho amavam-se verdadeiramente, d'aquelle sincero amor que vem da adolescencia e se enraiza na vida de todos os dias, pelos cuidados dados e recebidos.

Quando o rei, pouco depois, sahiu, ia melhor, menos irritado.

A intervenção do amor da madrasta dulcificara o instincto natural de revolta contra os seus conselheiros, que pareciam apostados em causar-lhe desgostos e arremessar o reino para as situações mais criticas e mais inconvenientes.

Ia melhor, mas sem poder deixar de pensar no que lhe competia fazer, immediatamente.

Mal chegou aos seus aposentos um creado veiu dizer-lhe que chegara um emissario, vindo de Tordesillas.

— Que entre já, exclamou o rei, apressadamente, lembrando-se de que seria, emfim, a communicação, feita pelo conselho, dos factos occorridos.

Não se enganava.

Era D. João de Ayala que vinha trazer a carta da regencia.

* * *

O rei recebeu-o friamente, correspondendo com seccura ao cumprimento do joven fidalgo.

— Vindes de Tordesillas?

— Sim, meu senhor.

— Trazeis-me noticias da guerra?

— Já as sabeis, meu senhor? dizia o fidalgo, emquanto tirava de uma bolsa de coiro um rolo de papel, atado com uma fita e sellado, já as sabeis?

— Admiraes-vos? disse o rei quebrando, nervosamente, a fita e o sêllo; é, realmente, curioso que sejam os estranhos que, primeiros do que os meus, me venham dar as novidades nas coisas mais graves do meu reino.

D. João calou-se, emquanto o rei lia com rapidez as laudas de papel do volumoso rôlo.

— Tudo isto já eu sabia, disse D. Henrique.

Nenhuma novidade se me dá aqui.

Quando chegaram a Tordesillas estas novas?

— Hontem, ainda, meu senhor.

— Como foi conquistada Badajoz? quem a tomou?

— Foi por surpreza, meu senhor.

— Como, surpreza?

— Houve quem abrisse, de noite, as portas aos portuguezes.

— Sabe-se quem foi?

— Por ora, não, meu senhor.

— Nem isso se sabe.

Que grandes alcaides eu tenho nos meus castellos! que grandes ministros, os ministros que governam Castella.

D. Henrique começou a encolerisar-se, rapidamente.

A carta recebida, como um relatorio, fria, cynica, revoltara-o intimamente.

A recordação dos factos occorridos, o exame da situação séria em que se via, situação, de mais a mais, feita pelo desleixo ou pela má fé, irritava-o, começava a fazer-lhe ferver o sangue, aquelle sangue impetuoso de Henrique seu avô.

Foi assim que voltando-se, repentinamente, para D. João, que o via e ouvia, respeitosamente, calado, lhe perguntou:

— Que fazem, então, esses senhores da regencia?

Por Deus que me parecem precisar de um licção exemplar.

Pois invade-me El-Rei D. João, ou manda invadir, os meus estados, toma-me cidades, cerca outras e para que eu o saiba é preciso que venham estrangeiros, os proprios que commettem esses actos dizer-m'o?

E, por que o fazem ou fizeram esses estrangeiros?

Que razões os levou?

Quem administra o que não é seu, não tem más vontades, nem sympathias, nem antipathias: tem que zelar os interesses do seu paiz, primeiro do que tudo.

Como o zelam esses senhores?

Não vos parece, quem quer que sejaes, porque sendo nobre como pareceis, não vos conheço, não vos parece, que ha aqui alguma coisa como acção de traidores?

O moço Ayala calou-se ainda.

O rei, a quem o silencio irritava, perguntou:

— Não tendes falla?

— Senhor, o que quer Vossa Alteza que eu lhe diga?

Vim a desempenhar a minha missão, não me compete criticar aquelles que me mandaram.

— Porquê? interrogou o rei.

— Porque me mandaram como emissario e não como juiz.

Agradou ao rei a resposta clara do mancebo e olhando-o fixamente, perguntou-lhe:

— Quem sois?

— João de Ayala, meu senhor, um dos vossos mais humildes e respeitosos subditos.

— D'Ayala?

— D'Ayala.

— O que sois então ao meu amigo, o chronista?

— Seu filho, senhor.

— O filho de quem 'elle me tem falado e para quem nunca me pediu um favor?

— Que maiores favores poderá meu pae querer de Vossa Alteza do que os da vossa amizade?

— Que fazes? O que és?

— Sou alferes de cavallaria.

— A's ordens de quem?

— Do adeantado de Castella.

— Passarás ao meu serviço desde hoje.

Agrada-te o logar?

D. João de Ayala inclinou-se gentilmente e beijando a mão ao rei, disse-lhe:

— Se meu pae é um verdadeiro amigo de Vossa Alteza, eu me esforçarei por lhe não ficar atraz.

— Sêde meu amigo, que vos não arrependereis, disse D. Henrique·

Agrada-me o vosso modo e a vossa altivez.

Agradam-me os leaes e os valentes; terei de precisar d'elles, brevemente.

Depois, collocando sobre uma mesa a carta que conservava na mão, voltando-se, perguntou:

— O que pensam então que será preciso fazer os senhores meus ministros?

— Esperam a opinião de vossa alteza.

— Qual opinião?

— A de saberem como começará a guerra.

— Como? E' curioso. Sou eu que hei de saber? Sou eu quem governa?

— E' preciso, porém, que vossa alteza mande reunir as côrtes. Não o dizem na carta?

— Esquecia-me; dizem.

— Sem as côrtes não poderá juntar-se o dinheiro preciso para a guerra.

— A regencia não o tem?

— Não, meu senhor.

— Nem para pagar a divida a Portugal?

— Não, meu senhor. O thesouro está perfeitamente exhausto.

— Exhausto? perguntou o rei, sem se terem pago indemnisações, nem penhoras, nem coisa alguma?

— E' o que se diz e é o que parece ser verdade, meu senhor.

— Que tem feito a regencia aos dinheiros recebidos?

— Tem-n'os gasto.

— Com quê?

— Com dadivas, com mercês, com elles proprios, os regentes.

O rei olhou D. João, que conservou toda a firmeza e serenidade.

— A que pretexto?

A guerra empobreceu alguns.

— Pagou-se por suas proprias mãos?

— Exorbitantemente.

— Amigo, disse o rei, falae-me claro, sem receios e sem temores, serei d'aqui a dois dias vosso rei...

— Soi-lo já, meu senhor.

— E' á regencia que se deve a invasão portugueza?

— A ella só.

— Tem o rei de Portugal razão de fazer o que fez?

— Assim o creio.

— Indolentes e relaxados no cumprimento dos seus deveres de ministros, esses homens teem empenhado a sua actividade, o seu valor apenas em...? e o rei parou.

— Em se enriquecerem, como estão, escandalosamente. A pobreza é geral, os impostos crueis, o soffrimento e os males do povo não podem ser maiores.

Entretanto os vossos ministros vivem luxuosamente, dão-se jantares e festas continuadas do maior luxo e das maiores prodigalidades.

Por mutuo consenso os bens dos mortos e ainda os bens de muitos ricos, que por fracos, não têem feito nem podem fazer valer os seus direitos, têem sido distribuidos entre elles.

O descontentamento e a animadversão lavram por todas as camadas e os odios occultos esperam a occasião para se mostrarem.

Como no ultimo anno da gerencia, as maiores injustiças têem sido praticadas.

Ninguem ousa atacar os vossos ministros, cujo poder todos temem e com razão.

Elles são outros tantos reis, reis maus, porque vos criam uma situação difficil.

O rei ouvia o ousado rapaz com uma attenção, concentrada e visivelmente nervoso.

Quando elle se calou, ordenou-lhe:

— Dizei o resto, quero saber tudo.

— Do que vos tenho dito, meu senhor, podeis concluir o que será nas mãos d'elles, o direito e a justiça. Coisas vãs que só os seus caprichos poderão respeitar, mas que esses mesmos, raras vezes, respeitam.

Não irei contar casos isolados; são aos centos, cançariam a vossa attenção. O que vos assevero é que todos os bons castelhanos desejam que este estado anormal se acabe, aliás, grandes desgraças, ainda maiores do que as soffridas, não se farão esperar para a nossa terra.

D. Henrique sentia ferver-lhe dentro do peito uma raiva surda.

Poz-se a passear pelo salão, alheio, fóra de si.

Monologava de vez em quando phrases soltas e os labios vincavam-se-lhe n'um ricto de ironia e de colera.

Passado tempo, parou em frente do mensageiro.

— Deves vir cançado? E' melhor ir descançar um instante.

Logo mandar-te-hei chamar para comeres commigo; é natural que tenhamos que conversar, ainda.

O rei tocou um timbre espherico de prata e um pagem appareceu.

— Deem a D. João um quarto e tudo o que elle precisar.

O pagem inclinou-se e D. João de Ayala dirigiu-se ao rei:

— Que mais mandaes, meu senhor?

— Nada mais. Está prompto para quando eu te avisar.

— Estarei sempre prompto, meu senhor.

Inclinando-se, seguiu o pagem que o esperava junto á porta com o reposteiro meio tomado, na mão.

* * *

Então el-rei, ficando só, sentou-se meditando profundamente, ao pé de uma larga janella, d'onde se avistavam os longos campos de Tordesillas, monotonos e tristes.

A guerra era inevitavel? decerto.

Só uma hypothese poderia fazer com que ella não tivesse logar: era a de pagar ao rei de Portugal as trezentas mil dobras de ouro.

Como angariar tal somma?

Como se esta idéa lhe evocasse outra, foi a uma gaveta, abriu-a, remecheu dentro.

Depois de remecher, collocou sobre o tampo da meza uma adaga floreada e um colar de pedras, que não pareciam de grande valor.

Como se tal vista confirmasse uma suspeita, tornou a metter na gaveta os objectos tirados.

No rosto desenhava-se-lhe um sorriso triste.

Voltou-se, tocou o timbre e esperou um instante.

Um pagem appareceu.

— Chama D. Rodrigo, o mordômo, disso o rei ao pagem que sahiu.

Um instante depois entrava uma bella figura de velho, de amplo tabardo preto. Ao lado pendia-lhe uma espada de punho lavrado, presa n'um cinto de coiro.

Cobria-lhe a cabeça branca uma gorra de velludo tambem preto, simples, sem pluma, nem pedras.

A barba longa, branca, descia-lhe ondulada pelo peito dando-lhe ao rosto um ar de gravidade serena.

— Que me quereis, meu senhor?

— Meu caro D. Rodrigo, disse-lhe o rei, desejo saber qual é o meu dinheiro.

— Qual dinheiro?

— O meu. O dinheiro que tenho. Não está no palacio D. Judas?

— Não está, meu senhor.

— Manda-o procurar; preciso d'elle.

— Desculpae a pergunta, meu senhor; para que necessitas de D. Judas? Talvez eu possa informar-vos do que desejaes saber d'elle.

— Talvez. Quero saber qual é o dinheiro que possuo.

— Exclusivamente vosso?

— Só meu.

— N'esse caso, meu senhor, posso dizer-vos, replicou D. Rodrigo com um ar estranho, a quantia que possuis, sem errar um maravedi.

— Qual é então? Quantas dobras?

— Nenhuma!

— O quê? perguntou o rei, nenhuma?

— Nem a sombra d'ella. De vosso, na arca do vosso dinheiro, não ha uma moeda de cobre.

— Zombas?

— Eu? bem sabeis que não zombo, nunca. Digo-vos a verdade, triste e crúa.

Vós, meu senhor, futuro rei de Castella, sois o mais pobre de todos os fidalgos e de muitos villões: não tendes com que comêr.

— Nem tanto...

— Meu senhor, para o vosso jantar d'hoje precizei de pedir dinheiro.

— A quem?

— Pedir, não. Alguem soube dos meus apuros e veiu em meu auxilio. Eu não tinha com que comprar uma perna de carneiro ou um cabaz de fructa.

O rei fez-se livido.

— A quem pediste o dinheiro?

— Já vol-o disse...

— Quem t'o emprestou?

— Quem havia de ser, senhor?

— D. Judas?

— Não, meu senhor, sua alteza a rainha.

O rei parou em frente de D. Rodrigo, dizendo tremulo:

— Como cheguei a tal, D. Rodrigo?

— Meu senhor, pelo que vos tenho dito. Tudo se deu, tudo se deixou roubar: ondo não ha el-rei perde.

— Não, mil vezes, não, rugiu o pequeno rei, como um garraio ferido, isto vae acabar e já.

Um vislumbre de alegria, passou pela cara do aio, ao mesmo tempo mordômo.

Já o fôra do avô, do pae, era-o agora do filho. O despertar do Leão pequeno causava-lhe prazer: não ha para um velho e brioso guerreiro, como presencear um acto de reação, rompente, esmagadôra.

— Ha de acabar, agora, já, ouviste Rodrigo? Estou farto de aturar insolentes! Cheguei a isto! a não ter de meu, um real!

Que rei, hein?

No emtanto, dizem que esses senhores, estão ricos muito ricos e que passam vida luxuosa e principesca.

— Quaes senhores? perguntou fazendo de ingenuo, o velho mordômo

— Os meus ministros, os regentes de Castella.

— Se assim é, de quem é a culpa?

— Vae deixar de ser.

Chegando de novo á gaveta, tirou o punhal e o collar e entregou-o ao aio.

— Toma.

— Para que é isto?

— Manda-os vender ahi a qualquer judeu.

— Para quê?

— Preciso de dinheiro. Vou amanhã, esta madrugada, para Tordesillas.

— Mas...

— Se não tenho dinheiro para jantar, como queres que o arranje para a viagem?

De resto, não sei o tempo que precisarei demorar-me.

— Meu senhor, será bom primeiro fallar com D. Judas.

— Para quê?

— Elle pode emprestar-nos o dinheiro de que precizardes, sem terdes necessidade de vender a vossa adaga, nem o vosso collar.

— Pois fallae-lhe.

— Bastar-vos-hão cem dobras?

— Bastar-me-ha o que me arranjares. O que te garanto é que o pago com a maior brevidade.

O mordômo ia a sahir:

— Ouve, disse o rei. Avisa de que hoje ao romper do dia quero o meu cavallo sellado e prompto.

— Quantos mais?

— Só o meu.

— Ides só?

— Sim... com D. João de Ayala, cujo cavallo deve estar tambem prompto.

— Mas... voltou o aio, a quem a resolução do rei intrigava: não levaes sequito?

— Não; preciso ir só, quero ir só.

Preciso, porém, que tudo esteja, aqui, prevenido, para que no caso de mandar ordens, sejam immediatamente cumpridas.

— Não me descuidarei, disse o aio; quereis mais alguma coisa?

— Por agora não; fazei como vos disse.

O rei sahiu.

*
* *

Pouco depois o rei voltava aos aposentos da rainha.

— Venho dizer-vos adeus.

— Ides partir?

— Esta manhã.

— Foi uma resolução subita?

— Necessaria.

Imaginae que cheguei á perfeição de ser tão pouco n'esta terra que é preciso que me emprestem dinheiro para a mesa.

— Que me dizeis?

A rainha sorriu-se, tingindo-se-lhe a face de um leve rubor.

Depois, disse:

— E' por isso que partis?

— Achaes pouco? dir-se-ha, disse o rei, sorrindo nervosamente, que esperaes que eu chegue a ter fome, para achardes razoavel que eu chegue a dar signal de mim.

— Meu senhor, disse amavelmente D. Beatriz, desviando o assumpto, quanto tempo vos demoraes?

— De certo, pouco.

Vou consultar os meus conselheiros sobre o que tencionam fazer e depois marcar o dia da reunião das côrtes.

— Em Tordesillas?

— Não, aqui.

Quero começar a mostrar-lhes que tambem mando alguma coisa.

— O emissario que vos mandaram confirmou tudo o que vos disseram os embaixadores portuguezes?

— Absolutamente.

Minha mãe e senhora, se quereis alguma coisa de Tordesillas, fazei-m'o saber até ao romper d'alva.

Quero entrar de noite em Tordesillas.

— Falareis com minha mãe?

— E' provavel.

— Dae-lhe noticias minhas e os meus desejos de a ver.

E, tende cuidado em vós, bem sabeis que não ficarei socegada emquanto não voltardes.

— Ficae descançada.

Até á volta?

D. Henrique beijou a mão da rainha, que por seu turno o beijou na testa e sahiu.

* * *

CAPITULO IV

Em marcha

Pela madrugada, o rei fez chamar D. João d'Ayala e com elle, os dois, seguidos de dois homens d'armas e duas mulas com roupas e viveres, comitiva de qualquer simples barão, puzeram-se a caminho de Tordesillas.

O rei queria entrar na villa, sem ser presentido.

Queria mandar chamar D. Pedro o arcebispo e entender-se com elle seriamente, sobre o passado, o presente e o futuro.

Depois reunir-se-hia o conselho, mas estaria já estabelecido o que teria a decretar.

Antes, porém, de se entender com o proprio arcebispo, precisava de ouvir Leonor Telles, cuja alta competencia conhecia e cujo espirito, prompto nas resoluções energicas elle de certo modo admirava.

Ficara-lhe, de creança, a amizade por sympathia e, mais tarde, desculpando por generosidade natural, as faltas da mulher, a rainha apparecera-lhe com todo o valor da sua altivez e da sua intelligencia.

Procuraria, pois, Leonor Telles.

D'ella saberia as verdades todas, as responsabilidades que pertenciam aos homens da gerencia e quaes os mais responsaveis.

Estaria, assim, bem informado sobre os factos e razões dos factos e procederia energicamente.

Não era rei ainda? ver-se-hia.

Vel-o-hiam os que ousassem lembrar-lh'o, para se esquivarem á responsabilidade dos seus actos.

Era preciso acabar com tal estado de coisas, sem ordem, sem unidade, sem moralidade politica de especie alguma.

Assim pensando, o rei sahia as portas da villa e ladeado pelo Ayala, mettia-se pela estrada de Tordesillas, plana e longa, ladeada por charnecas immensas, de matto rasteiro.

Ao fim da primeira legua, conversavam, já como amigos, porque era positiva a sympathia do rei pelo moço fidalgo, sympathia que avigorou e que viveu toda a vida de D. Henrique.

E' certo que não foi longa, porque o rei viveu pouco; mas até lá, foi superior a despeitos e intrigas.

Dizia então D. Henrique:

— Qual foi a impressão produzida em Tordesillas, pela passagem dos embaixadores?

— No povo? indagou D. João.

— Sim, no povo.

— A de um grande desgosto e a de um grande receio.

— Desgosto e receio de uma nova guerra?

— Sim, meu senhor: o povo está cançado, farto de guerras.

— Tem razão, affirmava o rei. Até hoje o unico resultado tirado tem sido negativo.

A miseria e a fome, accrescentou D. João.

— Ha muita miseria? perguntou o rei.

— Muita, meu senhor. Os campos abandonados não produzem o bastante para o sustento de toda a gente.

Os melhores homens, os mais robustos, teem levado grande quebra, mortos pelo ferro e pelas doenças.

Muitas casas ricas teem empobrecido e é esse ainda um dos grandes males do povo, porque lhe falta um recurso no trabalho alheio.

— Mas, em compensação, muitos terão enriquecido...

— Os que teem enriquecido, meu senhor, só pensam em si, nas suas commodidades e no seu luxo.

— Diz-me João, disse o rei depois de ir por momentos pensativo e tratando-o pela primeira vez por tu, quem são hoje os mais ricos fidalgos de Castella?

— São muitos, meu senhor, segundo se diz.

O rei vendo que havia certa hesitação na resposta do companheiro e percebendo que elle não queria espiar-se a uma informação que seria, vista a intenção da pergunta, uma especie de dilacção, disse-lhe com decisão:

— Eu preciso de amigos e hei-de tel-os. Os que o forem não se arrependerão de o serem, por que me terão como amigo tambem.

Quero que me respondas, sem receio, nem duvida alguma ao que eu te perguntar.

Um rei precisa de saber, como ninguem, a verdade; mas a verdade núa e crúa.

Em breve o serei e affirmo-te que o hei-de ser como os castelhanos não imaginam.

Sobretudo aquelles que não quizerem convencer-se de que o reinado da desordem e da auctoridade fingida não acabou.

Quero que sejas meu amigo e não te irá mal por isso: quero que me falles, pois, como um amigo falla a outro, claramente, lealmente.

O rapaz olhou para o rei, que o fitava de cima do cavallo, com um olhar sereno e energico, onde se podia vêr vagamente uma luz de bondade.

Percebendo que d'aquelle momento, feliz e tão feliz como inesperado, lhe podia resultar o bem de todo o seu futuro, olhou fitamente o rei e com voz convicta, disse-lhe:

— Meu senhor, se me offereceis a vossa amisade tornaes-me o mais feliz dos vossos vassallos; a ella empenho, n'este momento, a minha vida de que podereis dispôr como da vossa. Fallai, pois, mandai, meu senhor.

D. Henrique rapaz e franco, mais gostou ainda de D. João e com voz amiga, disse-lhe:

— Tomo nota das tuas palavras.

— Podeis fazel-o, meu senhor, porque as não esquecerei, nunca!

— Fallemos, pois, claro, disse o rei, é certo que os regentes teem acumulado, injustamente, enormes fortunas?

— Todos o sabem e o vêem, respondeu D. João.

— Por todos os meios?

— Por todos os meios, desde a divisão illegal dos bens dos fidalgos e ricos-homens mortos, até á repartição não menos fóra da lei de beneficios e honras dos mesmos mortos, o que lhes faz receberem do erario quantias fabulosas.

Quasi toda a terra lhes pertence e d'ahi a pobreza, a miseria geral.

— Sabes tu, disse o rei, desanuviando o rosto que contrahira, ouvindo D. João, sabes tu qual é o fidalgo mais pobre de Castella, hoje, n'este momento?

— Não, meu senhor.

— Quem imaginas que seja?

— Como o poderia suppôr?

— Imagina.

— Eu poderia, ainda, passando pela memoria os de Valladolid, ou Tordesillas ou de Tolêdo, dizer-vos... — D. João d'Ayla ficou silencioso pensando.

— Vê se adivinhas, vê se adivinhas, disse o rei e se adivinhares, dou-te o que me pedires.

A esta affirmação D. João levantou a cabeça e olhou para o rei.

— Dou-te o quizeres, confirmou D. Henrique.

— Pois bem, meu senhor, dai-me uns momentos para vos responder.

— Quanto tempo quizeres, disse o rei, passando-lhe pelos labios um ligeiro sorriso.

Passado tempo D. João dizia: encontrei.

— Quem é?

— E' D. João de Ariga.

O rei objectou immediatamente:

— Não é.

— Como sabeis que não é?

— E' tão pobre que não tenha que comer?

— Isso não; mas para nada mais tem.

— Pois bem, disse D. Henrique o fidalgo que eu conheço como o mais pobre, ha tres dias, para ter que jantar, foi preciso que lh'o dessem.

— Não conheço então, concluiu D. João.

— Amigo, esse fidalgo, da primeira nobreza de Hespanha, sou eu!

— Vós?

— Eu? admiras-te? pois é a verdade pura. Ha pouco, quando fallava da grandeza e riqueza d'esses senhores lembraste-me a minha situação humilhante perante elles. Não é, como percebes, um agradavel pensamento.

Que farias no meu caso?

— Senhor, inverteria as situações.

A resposta foi tão natural, tão espontanea, que o rei pensou para comsigo:

— Eis a resposta de um homem.

Como a opinião do moço fidalgo concordava com as resoluções intimas do rei, mais cresceu no espirito d'este a confiança e a sympathia.

Depois o modo e o ar como foi dada, indicava resolução e coragem e estas qualidades agradam, sempre, a toda a gente.

* * *

Havia perto de tres horas que marchavam.

O rei resolvera entrar em Tordesillas ao anoitecer e por isso convinha-lhe agora retardar a marcha.

Queria, como se viu, falar primeiramente com Leonor Telles e convinha-lhe que ninguem soubesse da sua chegada.

Alojar-se-hia no convento, nos aposentos que costumava occupar com a rainha e para lá chegar era-lhe facil não entrar na cidade costeando os muros da enorme cêrca e entrando por um dos portões que dava para o campo.

Mandaria um pouco adeante o seu novo amigo, que preveniria tudo em La Mercêd.

— Se parassemos por aqui e comessemos alguma coisa? disse o rei.

— Como quizerdes, meu senhor; mas o melhor seria avançar um pouco mais e esperar a hora do calor para lá dos montes, no valle do Douro.

— No encontro o Rizuerga?

— Alli ha bellas sombras e boas aguas.

— Quanto poderemos gastar até lá?

— Pouco tempo; passámos Simancas ha uma hora. Nem outra será precisa.

— Pois vamos, disse o rei, e continuaram andando e conversando quando uma rostilhada n'um matagal da encosta, por onde desciam, lhes chamou a attenção.

— Um javali, disse D. João de Ayala.

— Um javali, disse quasi ao mesmo tempo o rei, empinando-se nos estribos como para o alcançar com a vista.

Um e outro pararam os cavallos por um movimento inconsciente, involuntario.

— Se trouxessemos cães... disse D. Henrique, com os olhos brilhantes e o gesto vivo de apaixonado caçador.

— Tinhamos com que passar o dia, concluiu D. João

Andando, de novo, dissertavam, agora, sobre caça. Era o vicio d'aquelle tempo e o rei Henrique mostrou que sabia todos os segredos da arte de montear.

Em breve alcançaram a confluencia do pequeno rio Rizuerga com o Douro. Pararam, sob os altos choupos que orlavam as margens.

Os creados tiraram de uma arca de madeira as vitualhas e comeram. Pelo calor, dormiram a sesta, uso inveterado n'aquelles tempos.

Ao pôr-se o sol chegavam aos muros de Tordesillas.

— Vae dizer que me abram uma porta exterior.

D. João assim fez e rei e a pequena comitiva, em breve, entravam n'um grande pateo interior, a que as duas altas alas do convento tornavam a essa hora de uma escuridão quasi completa.

* * *

CAPITULO V

A conselheira

Uma hora depois, o rei Henrique entrava pelo salão de D. Leonor Telles, não refeita ainda da surpreza que lhe causára a abbadessa, ao noticiar-lhe a chegada do rei e a pressa que elle mostrara em lhe falar.

— Sêde bemvindo, meu senhor, exclamava ella entrando, abrindo-lhe os braços, dirigindo-se para elle, alegre, satisfeita.

O rei Henrique abraçou-a ternamente e ella, como costumava, n'uma familiaridade alcançada nos tempos da meninice do rei, beijou-o na testa.

— Sêde bemvindo, repetiu, ha que tempo não tenho o prazer de vos vêr.

— Ha já bastante, disse o rei.

— Ha dois annos, seguramente; mas — e a rainha affastou-se um pouco para o vêr — como estaes alto, e bello e galante, um verdadeiro rei, meu senhor!

— Porque não dizeis, Henrique? perguntou o rei lisongeado pelos elogios da rainha.

— Não me atreveria... o tempo que assim vos tratava...

— Não differe do de hoje, disse o rei, amavelmente. Sois para mim a mesma que ereis, do mesmo modo vos quero; não serei acaso para vós o mesmo homem? Não me estimareis, acaso, como d'antes?

— Tanto ou mais, disse Leonor Telles, encantada tambem com a amabilidade do rei.

— Sei que a ausencia faz esquecer...

— A quem se não estima. A quem se estima duplica com a saudade o amor que se lhe tem.

— Sentemo-nos, disse o rei, se vos apraz.

— A rainha minha filha? disse Leonor Telles, sentando-se, como vae?

— Pediu-me que vos désse muitas saudades... muitas...

— Porque as tem? Porque as não mata vindo vêr-me? E' tão perto.

— Sabeis como lhe custa o deslocar-se. Quanto lhe é caro o socego e a tranquillidade...

— Far-se-hia d'ella uma virtuosa freira.

— Uma santa, emendou o rei, com uma expressão de grande ternura na voz.

— Assim é, confirmou a rainha.

Calaram-se ambos. Os preliminares da entrevista tinham acabado, era preciso encetar o assumpto que tornava curiosa a rainha, bem que ella pensasse qual seria, relacionando a chegada abrupta do rei, com a recepção dos embaixadores e as suas novas.

— Meu senhor, começou Leonor Telles...

— Tratae-me por Henrique, avisou de novo o rei, amavelmente.

— Henrique, disse Leonor Telles, estou anciosa por saber o que me queres.

Chegas sem ninguem te asperar... avisas-me de que precisas falar-me...

— Preciso muito da sua amizade, n'este momento.

— Tem-na toda, confirmou a rainha, para o que quizeres, para o que te puder servir, em tudo, para tudo dispõe de mim... fala.

— Sabeis tudo o que se passa, não é verdade?

— Tudo sei.

— Da tomada de Badajoz, do cerco de Tuy?

— Tudo conheço.

— Não achais que é uma vergonha para mim, o que está acontecendo?

— Uma vergonha é decerto mas... de que vos livrareis quando quizerdes.

— Como?

— Ordenando que se retome Badajoz e que se vá batalhar o Mestre de Aviz a Tuy.

— A quem?

Aos vossos ministros.

— Garantis vós que elles farão o que eu mandar?

— O que mandares? não, Henrique: mas o que as côrtes determinarem, ou se não forem precisas, o conselho.

Porque esse conselho seguirá a minha opinião?

— Tenho a certeza.

— N'esse caso o que eu vou ordenar a um conselho não é que faça a guerra mas que alcance e confirme a paz,

A rainha olhou o moço rei e pareceu-lhe maior tal foi a magestade com que pronunciou a phrase.

— A paz, disse ella, meio espantada.

— A paz disse o rei com gesto decidido. Dizei-me, continuou, lealmente, a quem devo a situação em que estou?

— A quem a deveis?

— Respondei como se eu fôsse vosso filho, porque é como se viesse falar a minha mãe, que vos estou falando.

— Aos regentes.

— Exclusivamente, não é assim?

— Exclusivamente.

— A elles competirá, pois, remediar os males que fizeram pondo tudo como estava, pelo mesmo processo porque o conseguiram. A elles competirá e hão de conseguil-o, sob pena de o pagarem tão cruelmente, como crueis teem sido para aquelles que administram. A rainha começava a desconhecer o rei. Realmente o seu neto mudára muito em dois annos.

— O reino é d'elles ou meu? continuou o rei levantando-se, como se precizasse de movimento maior para a excitação que sentia apossar-se d'elle, dizei-me, quem é esse arcebispo?

— Um pedante orgulhoso e ousado, respondeu a rainha.

— Em Trastamara?

— Um vicioso egoista, tornou a responder Leonor Telles.

— Esse Gusman, esse Vilhena, esse Medina Cali?

— Uns despotas sequiosos do dinheiro, uns invejosos, uns devassos.

— Eis segundo a vossa opinião os homens que governam Castella; os homens que a teem governado, de modo, que a empobreceram e a envergonham.

São bastante altos, bastante poderosos para poderem responder pelos seus actos.

Hão de responder. Não achaes que alguem terá o direito de lhe exigir severas contas?

— Hoje? agora? ninguem.

— Enganaes-vos, disse o rei, erguendo o corpo n'uma altivez viril, enganaes-vos.

— Quem pois, se elles são os regentes? E que o não fossem, perguntou, a seguir, Leonor Telles, já suspeitando de que estava em presença d'alguem que desconhecia, querendo sondar o terreno, quem teria força para os obrigar?

— Eu! disse o rei.

— Tu?

— Eu, confirmou D. Henrique e vel-o-heis.

A rainha calou-se e o moço rei, serenando um pouco e dando á voz expressão mais calma, disse:

— Se me dirigi a vós, logo que chguei, era porque queria ter a certeza de que tinha de attribuir aos desregramentos dos regentes as miserias de Castella.

Sabia-o; mas como confio na vossa intelligencia e longa pratica de reinar queria ouvil o da vossa voz.

— Podeis ter a certeza, confirmou Leonor Telles.

— Depois queria ainda saber a vossa opinião sobre a guerra.

— Essa não a podeis evitar, senão pagando a El-rei de Portugal a vossa divida.

— E' impossivel.

— N'esse caso o que vos resta? castigar os vossos ministros? supponhamos que o podeis fazer, que o fazeis, o que alcançareis com isso? A guerra ter-se ha de fazer, ou deixareis em poder do Mestre d'Aviz as vossas cidades.

— Isso nunca, disse D. Henrique. Não farei por mim, nem por ambição, nem por deslealdade a guerra a ninguem; mas não consentirei, por caso algum, em deixar diminuir o patrimonio de meu pae.

O que herdei hei de conserval-o, até ao meu ultimo dia.

— E' nobre esse pensar.

— Ha porém uma maneira de conciliar tudo.

— Qual é?

— Representar ao mestre d'Aviz que conhecendo-lhe razão, estamos promptos a pagar as indemnisações como puderem ser pagas. Isto é, dando-se a maior quantia possivel agora; e mais tarde ir pagando a pouco e pouco.

Esta ideia sensata e que, naturalmente, teria a acquiescencia do rei de Portugal foi para Leonor Telles uma ameaça terrivel e inesperada.

Se o rei conseguisse levar o conselho e adoptal-o todo o seu ultimo plano caducava.

Porque Leonor Telles que tão bem calculara e vira todas as hypotheses, uma houve em que nem sequer pensou e em que ninguem no seu caso teria pensado: era a da intervenção do rei.

Quando o moço Henrique expôz a ideia, a rainha tornou-se immediatamentu seria e pensativa.

Abster-se da guerra? seria a sua renuncia, para sempre, a uma vingança em que nunca deixara de sonhar; seria a morte de todos os seus planos, o final miseravel da mais acalentada esperança da sua vida, seria a sua ultima desillusão, a sua ultima vergonha.

Subitamente, procurava como havia de levar o rei a approvar a resistencia e não só a resistencia, mas a invasão de Portugal.

—Como, subitamente, não lhe occorresse a fórma, sacudiu a preoccupação, reservando-se para a resolver mais tarde, e continuou a attender o rei com o mesmo ar interessado, com que o estava escutando.

—Não approvais a ideia? dizia o rei.

— Approvo; tenho, porém, um receio.

— Qual é?

— De que o Mestre d'Aviz não concorde comvosco.

— Porque não? perguntou o rei, se elle tem, como me manda dizer, vontade de me não ser desagradavel, se quer conservar e firmar entre nós relações de bôa amizade, porque não ha de acceitar uma proposta que concilia tudo, novamente?

—Não conheceis o mestre d'Aviz! disse a rainha.

— De certo não conheço, replicou D. Henrique: mas faço d'elle a melhor ideia como cavalleiro.

— Pois fazes uma ideia errada, Henrique: O Mestre d'Aviz é o mais ruim e hypocrita dos fidalgos portuguezes.

Hypocrita e cobarde! accrescentou Leonor Telles, com força, sentindo erguer-se-lhe no coração o velho odio ao Mestre.

Se elle possue Badajoz não a entregará, hoje, senão pela força.

Bastava uma manifestação de guerra, apenas. Para que está elle cercando tambem Vizeu?

As suas declarações de amizade são fingidas, como fingido é elle todo no que faz, como foi sempre.

Naturalmente, conhecedor do estado anarchico de Castella, com um rei, com um conselho cujas aptidões de sobra conhecerá, aproveitou o pretexto da divida para alargar as fronteiras do seu pequeno reino.

Garanto-vos que não acceitará as vossas propostas e nós veremos.

— Se as não acceitar, disse o rei, reservar-me-hei para operar como me approuver.

— Melhor, será, no emtanto, quaesquer que sejam as negociações que tenhaes de entabolar, de não descurares os preparativos de guerra porque se não fôres bem succedido, não estarás desprevenido para uma recusa.

Tanto mais que, como sabes, levará tempo a pôr um exercito em pé de guerra e terás assim deixado o mestre d'Aviz com um grande espaço de tempo ao seu dispôr, para poder commetter as suas proezas.

— Acautelar-me-hei. E' de boa tactica.

Leonor Telles não queria de modo algum que a ideia da paz se fixasse no animo do rei, sem permittir contestação.

Tinha comprehendido, pela conversa, que o rei não era já uma creança, que pelo contrario, ar, gestos, modos de comprehender e de fallar, tudo revelava um homem feito e homem cuja vontade parecia formada por uma consciencia nitida do seu cargo e dos seus deveres.

Restava-lhe o conselho.

Esse tinha elle a certeza de ter por si; mas haveria agora a temer que o novo rei se lhe impuzesse de modo a prejudicar-lhe as resoluções.

D. Henrique que sabia bem o que queria saber, parecia, agora, um pouco pensativo.

— Em que pensais? perguntou Leonor Telles.

— Na maneira de reunir o mais depressa o conselho.

Não achais preciso?

— E' a primeira coisa a fazer.

— Necessito voltar a Valladolid, disse o rei.

— Para quê?

— Falar aos embaixadores, regular todas as minhas coisas e trasferir para aqui a côrte ou para Toledo, conforme me parecer melhor.

E, dizendo dirigia-se a Leonor na intenção clara de se despedir.

— Amanhã de manhã mandarei prevenir D. João o arcebispo para que avise todos os fidalgos que são do conselho e que não estejam aqui.

Os que se puderem avisar, porque d'aqui a tres dias, o mais tardar, quero o conselho formado e a resolução assênte sobre o que se póde ou ha de fazer.

— Esta noite, ainda, disse a rainha, falarei com o arcebispo, quereis que lhe diga alguma coisa?

— Dizei-lhe os meus desejos e se quizerdes ser tão amavel, como o tendes sido sempre, advogai a minha causa.

— Advogarei; mas com pouca confiança na solução pela paz.

Sereis o primeiro a não a desejar.

— Se isso fôr preciso á minha honra, decerto.

O rei beijou a mão de Leonor Telles.

Até?... perguntou a rainha.

— Depois d'ámanhã, disse o rei.

— Partis esta noite, outra vez?

— Ao romper d'alva.

⁂

O rei sahiu, dirigiu-se aos seus aposentos onde a ceia estava posta n'uma ampla mesa.

— D. João de Ayala? perguntou a um dos creados.

— Sahiu, meu senhor, avisando que não se demoraria um quarto de hora.

O rei sentou-se n'uma cadeira esperando o novo amigo, que não tardou a apparecer.

— Aborreceste-te de esperar?

— Não, meu senhor.

Sabia que meu pae estava doente e fui vel-o.

— E' de cuidado a doença?

— Não, meu senhor.

Tem padecido de febres que vão quasi desapparecidas.

— Falar-lhe-hei na volta.

E' um bom cavalleiro, cujo juizo eu muito venero e aprecio.

— Na volta, dissestes?

— Disse.

Porque vamos partir esta madrugada.

— Para onde?

— Para Tordesillas.

— Outra vez?

O rei acercou-se da mesa, dizendo-lhe:

— Senta-te.

Vamos comer e conversaremos.

— E' preciso reforçar a ração dos cavallos.

— E' preciso, tanto mais que só descançaremos meia hora, a meio caminho.

Preciso de estar de manhã em Valladolid.

D. João deu ordem a um dos creados e sentou-se defronte do rei.

Comendo, o rei dizia:

— Preciso de vir para aqui.

Avisarás que tenham preparado o meu palacio para a volta.

— Qual? O da villa?

— O do castello.

Alli poderei acommodar mais facilmente a minha guarda e os meus soldados.

— Ides armar-vos?

Está decidida a guerra?

— Vou prevenir-me... Da guerra hão de decidir os meus ministros...

E o rei accrescentou quasi imperceptivelmente:

— Se tiverem tempo para isso.

Acabada a ceia D. João foi dar as ultimas ordens para a marcha de pela manhã.

— Tudo prompo? disse o rei.

— Tudo.

— Vamos recostar-nos um pouco.

Quasi vestidos, deitaram-se sobre os leitos.

Ainda o sol vinha longe e já caminhavam pela estrada da vespera.

Agora, porém, cavallos e cavalleiros desappareciam, em trote largo, pelas curvas do caminho.

Pelo meio dia apeavam-se junto ao paço de Valladolid, cobertos de suor homens e cavallos.

CAPITULO VI

Arranjos

N'essa noite, a do mesmo dia em que el-rei partira, fazia-se em casa da condessa uma reunião egual áquella a que já assistimos uma vez.

As mesmas personagens da primeira, estavam, alli, reunidas.

A rainha avisara o arcebispo e os Trastamaras; D. Beatriz mandou recado a D. Diniz, ao conde D. Martim e ao Pimentel.

D. Leonor Telles exposera o fim da reunião.

A chegada do rei e a sua partida rapida não se explicavam bem.

Explicou que vinha indignado com os do conselho, que não queria a guerra por modo algum e que parecia seu fito o obstar a ella por todos os meios.

Que voltava breve para assistir á reunião dos regentes.

Era preciso pois assentar qual seria a maneira de se levar o rei a acceitar a guerra, não porque se não pudesse votar contra o mando d'elle; mas porque o melhor era aproveital-o, do que ter de lhe prescindir do apoio.

O momento era verdadeiramente serio e d'elle dependia o bom successo da sua empreza, de todos.

— Quanto á guerra, minha senhora, disse o arcebispo, é inutil discutirmos se el-rei a acceitará ou não.

— Não é tanto assim, observou D. Pedro de Trastamara. Melhor é que El-Rei a faça tambem.

— Melhor será, replicou o arcebispo; mas o que eu quero dizer é que El-Rei não tem opinião sobre se se ha de fazer ou não.

— Sim, pertence ao conselho e elle ha de dizer que sim.

— Nenhum outro, n'estas condições, ousaria dizer o contrario, apoiou D. Diniz.

— A questão, repetiu Leonor Tellos, não é que se possa deixar de fazer a guerra, é que não a approvando o rei, perdemos o auxilio da sua hoste, que é importante, e perdemos, o que é mais, a sua confiança e amizade, o que vos garanto que não será coisa de pouca monta, d'aqui a alguns mezes.

— Porque assim falaes? perguntou o arcebispo.

— Porque tive occasião de apreciar o rei, durante o tempo em que falámos e affirmo-vos, que D. Henrique que é já um homem, ha de ser um rei a valer.

— Ninguem pretende ser desagradavel ao rei; mas se elle teimar em não querer a guerra?

— E' preciso convencel-o, replicou a rainha.

— Como?

— A bem.

D. Henrique é brioso e é por este lado que é preciso atacal-o...

Tive occasião de o experimentar, suggerindo-lhe que o Mestre d'Aviz não acceitaria as condições que elle lhe propunha.

Vi que com rapidez se inflammava.

Se se puder convencer de que o Mestre d'Aviz pretende as praças conquistadas, para sempre, e que a divida foi apenas o pretexto de que se serviu para as tomar, D. Henrique será comnosco, com toda a boa vontade.

— Como poderá conseguir-se tal? observou D. Affonso.

— Fazendo que se encontrem com El-Rei, o conde D. Martim e João Pimentel.

— Dir-lh'o-hemos se tal é preciso, confirmou o conde.

— El-Rei não deixará de perguntar-vos o motivo da vossa indisposição com o Mestre d'Aviz e podereis dizer que ao seu genio ambicioso e egoista deveis a ruptura.

Não mentireis assim e ao pintardes-lhe as qualidades do bastardo, el-rei poderá concluir da sua deslealdade.

E' preciso que conclúa para que pelo brio natural se indigne contra o Mestre d'Aviz e seja o primeiro a exigir a desforra.

— Não será difficil persuadil-o, alteza, disse João Pimentel, tanto mais que o rei D. João de Portugal tem de ha muito o desejo de conquistar Tuy e de o não ceder, por caso algum.

— Elle o disse?

— Mais do que uma vez. A sua tenção, agora, é de tomar a cidade e em caso de necessidade, trocal-a por Badajoz, já tomada.

— El-Rei não quer Badajoz?

— Não lhe liga a importancia que liga a Tuy.

— Porquê?

— Por não ser porto de mar.

— Pois dir-lh'o-heis, disse a rainha, tal qual como lh'o ouvistes, accrescentou a rainha.

Assente, pois, de que o rei não poderia deixar de querer a guerra, a bem ou a mal, discutiu-se como seria levado a acceitar que D. Diniz se proclamasse rei.

Concordou-se em que não seria difficil: primeiro porque se lhe podia tolher o ir elle pessoalmente, não sendo cazado e não tendo filhos; segundo porque seria inacreditavel que se oppuzesse á comedia — como tal a havia de suppôr — visto que, como artificio, era de primeira ordem.

— Destes as vossas ordens para o conselho, sr. arcebispo? perguntou Leonor Telles.

— Depois d'amanhã devem estar aqui todos, ou quasi todos os senhores.

— Tendes pensado no plano da guerra?

— E' assumpto para mais demorado estudo, respondeu o arcebispo; todavia penso que o melhor plano será, como já se fallou, o do ataque simultaneo, pelo norte, pela Beira e pelo Alemtejo.

Os presentes concordaram.

O conde Martim affirmou que lhe parecia bem e que o numero maior das forças devia entrar pela Beira, por se achar completamente desguarnecida, com a sua direcção e a de outros.

Então vieram os planos ultimos.

Fallou-se, com convicção, do bom exito da campanha e da distribuição de logares.

Estas reuniões e conferencias eram, quando entradas n'este assumpto de uma grande curiosidade.

Assim D. Diniz pensava que, se vencesse, o deixariam ficar rei.

Com elle, pensavam tambem na sinceridade dos restantes o conde Martim e Affonso Pimentel.

O conde do Trastamara via-se amante de Leonor Telles e talvez rei, quem sabe? O arcebispo de Tolêdo não tinha outra ambicção senão de possuir a bella mulher celebre por tantas titulos e appetecivel, ainda, pela sua belleza provocante.

D. Affonso, o mais novo e a mais sympathica figura do grupo pelo seu amor por D. Beatriz imaginava, mais uma vez, que a poderia alcançar.

D. Diniz acordado tardiamente para um amor vigoroso, sonhava com a condessa a seu lado, sobre os degraus altos de um throno e imaginando-a tambem presa a essa ideia, phantasiava os dias felizes que passariam juntos.

Por seu lado, Leonor Telles ria de todos elles, dos amantes e dos orgulhosos e sentia-se acompanhar no seu sorriso pelo da sua formosa condessa, a velha amiga, a sempre dedicada e fiel Beatriz dos outros tempos.

O mundo e a vida é sempre isto: uma serie de illudidos que se fallam, estimam ou odeiam; que se encontram, que se enganam mutuamente, umas vezes convicta, outras inconvictamente, por sua vez enganados.

A unica que ria, com justiça, era Leonor Telles.

Pela sua intelligencia, tinha acorrentado á sua vida esses homens todos.

Sabia como ninguem que a grande móla para conseguir adeptos é lisongear as paixões: a cada um ella acariciara a sua.

Aos amorosos tentava-os promettendo-lhe o corpo: aos ambiciosos arrastava os abrindo-lhe o caminho das tentativas, desobstruindo lhe a marcha das emprezas.

Sobranceira a todos, ria.

Quem lhe dera que elles vencessem!

Seria um golpe fundo no Mestre, o seu sonho de toda a vida: aquelle anceio que lhe fizera, principalmente, compretter toda a sua existencia.

Dado o golpe, com que lhe rejuvenesceria a alma, teria acabado a sua missão na terra.

Nada mais queria, nada mais desejava, nem honras, nem amores.

Em honras tinha recebido ao mais alto logar: o amôr tinha-o sentido verdadeiro e unico, d'aquella qualidade que nunca morre, que parece ainda retemperar-se na morte, pela saudade dôce e cariciosa.

Para amar já não tinha nem tempo nem paciencia.

O amôr banal, ephemero, de occasião, só pode servir e só lhe servira para os seus fins.

Satisfeitos estes, que mais tinha que pedir ao amôr? ao verdadeiro pedira-lhe a felicidade quando sentira que ella existia dentro d'elle; mas essa tinham-lh'a roubado, para sempre, com o objecto dos seus affectos.

Leonor Telles estava pois, na vida, n'uma circumstancia especial.

Não amava, não podia amar e só vivia ainda para o odio e para a vingança.

Servir-se-hia dos amorosos e dos despeitados para o seu fim, e ao acariciado por um momento pela fortuna, se o fosse, esse altivo e insolente D. Diniz, o ingenuo que viera ainda pôr-se á sombra do seu manto, a esse julgar-lhe-hia a ultima punhalada atirando-o abaixo do throno e ridiculisando o no amôr!

⁂

E, se digo que só a rainha estava perfeitamente á vontade no meio do grupo é porque a condessa, a unica que podia pela sua posição e pelo seu caracter acompanhal a, não era perfeitamente livre.

Ha um sentimento que não abandona nunca a vida de uma creatura humana, que uma vez sentiu aos ouvidos as palavras de um amor sincero.

Esse sentimento é um mixto de saudade, de gratidão, de qualquer coisa intima e terna, por aquelle ou aquella que o originou.

Um primeiro amor é sempre uma recordação agradavel.

O primeiro homem que despertara na bella condessa, esse desejo de amar fôra D. Affonso.

Se as circumstancias especiaes que se deram durante os primeiros tempos do idyllio se tem prolongado para mais tarde, ou se tem tido uma solução differente, era natural que os dois se tivessem ligado um ao outro pelos laços da egreja.

A conspiração abortou. A vida levou-os para rumos differentes.

Todavia, a condessa conservara sempre do generoso rapaz a melhor lembrança e n'aquelle dia da caçada ao vêl-o tão enthusiasmado ainda, tão sincero, tão novo, não pôde furtar-se a um movimento de sympathia intima.

Conheceu-o e não o reprimiu.

Forte, como era, conscia do seu poder pessoal, do seu dominio sobre si propria, a condessa não se perturbou com tal conhecimento.

Acariciou-o até, por esse prazer que as mulheres teem todas ao sentirem-se desejadas... sobretudo depois de passados alguns annos.

Queria-lhe, pois, mais do que a outro qualquer; mas esse querer não poderia nunca perturbar a sua vida, a direcção das suas acções, quando ella quizesse dar-lhe uma direcção determinada.

Todavia, não tinha por isso a indifferença geral da rainha.

Na bondade do seu coração pezava-lhe o vêl-o tambem envolto na rede de mentiras, de impossiveis, que a mão habil de Leonor Telles ia tecendo.

Sobretudo por ser ella a causadora; por ser ella que pela segunda vez levava esse generoso rapaz a sacrificios inglorios.

O resto da companhia estava, porém, radiante.

O arcebispo almejava por se encontrar, só, ou quasi só, com Leonor Telles, quando todos fossem para a guerra. Esse seria o momento da realisação dos seus sonhos.

D. Pedro de Trastamara, esse desejava loucamente a guerra e a victoria. O que viria depois? Nem elle sabia mesmo.

O amor da rainha decerto, um throno, talvez!

D. Diniz sentia ás vezes, já, na cabeça, o pezo da corôa.

Os portuguezes despeitados saborearam de ante-mão o prazer da vingança dos despeitos.

Ora, como a illusão é a felicidade, podemos concluir que eram todos felizes!

CAPITULO VII

Cautellas

No emtanto o rei chegava a Tordesillas.

Logo que chegou, foi ter com a rainha e dizer-lhe que precisava abandonal-a por uns dias.

Necessitava de estar junto dos seus ministros. Iam decidir-se coisas graves. Não posso estar longe.

Voltarei breve, ficae descançada.

Como a rainha soubesse que el-rei dera ordem para o seguirem todos os seus homens d'armas e escrevera aos alcaides dos castellos mais proximos para que se lhe juntassem, immediatamente, perguntou:

— Ides para a guerra?

— Ainda não.

— Para que me enganaes? disse ella tristemente.

— Não vos engano, replicou o rei, com amor. Digo-vos que não vou para a guerra e assim é.

Como poderia ir se nem está decretado que a haja?

— O que significam, então, estes preparativos, tão rapidos?

O rei olhou para a rainha com um sorriso doce, comprehendendo quanto o amor da madrasta lhe estremecia a vida e chegando-se mais perto d'ella disse-lhe, como em segredo:

— Vou começar a ser rei!

Ella não comprehendeu bem o alcance das palavras de D. Henrique nem podia comprehender; mas o que percebeu é que uma decisão fatal imperava na alma do rei, porque a expressão da physionomia e o accento da voz, eram illucidativos.

— Ides ser rei? disse ella.

— Não achaes que é tempo?

— E' disse a rainha, como lendo na alma do rei. De ha muito o era

D. Henrique beijou-a na face.

— Nada receeis, disse elle. A minha juventude passou. Fizeste de mim um homem, pelo vosso amor, pelo vosso exemplo, pelos vossos cuidados. O reinado dos máus acabou.

Cahiram em mutuas confidencias, em razões affectuosas, em recommendações de muito amor.

A rainha receiava o espirito altivo do rei.

Elle socegava-a sollicito e quando lhe viu mais serenidade, deixou-a, para continuar nas suas ordens, que punham no palacio uma azafama doida.

Chegavam officiaes que recebiam ordens, sahiam correios. Nos grandes pateos limpavam-se armas, arreiavam-se cavallos, carregavam-se mulas.

Uma ou outra companhia de peões, de armas reluzentes, com o capitão á frente, sahia da cidade.

Ouviam-se toques de cornetas e tambores. Nos corredores do paço andava uma chusma de fidalgos esperando ordens, recebendo-as, partindo em direcções oppostas.

O rei conferenciava com João d'Ayala:

— Os que não poderem vir já encontrar-me, aqui, que sigam logo para Tordesillas.

— Hoje á noite, ao fim da tarde, hão de estar a um tiro de bésta da cidade.

E' absolutamente preciso.

D. João sahia, dava as ordens do rei e voltava, dizendo:

— Tudo determinado.

— Qual é a força que posso levar?

— Cem cavallos e dois mil peões, respondeu D. João.

— E' de mais.

— Não é de mais se tentaes ir reconquistar Badajoz.

O rei riu-se.

D. João tinha dito isto com um certo despeito porque não percebia nada das intenções do rei.

D. Henrique fingiu não ter ouvido e continuou:

— Quantos carrascos ha em Tordesillas?

D. João, d'esta vez, olhou para o rei, espantado.

— Não ouviste?

— Meu senhor, deve haver, pelo menos, dois.

— Mandae outros dois de cá.

— Outros dois...?

D. Henrique replicou:

— Estás mal dos ouvidos, João?

— Ouvi muito bem, meu senhor.

— N'esse caso cumpre o que te mando.

D. João sahiu para dar a ordem; pelo caminho ia pensando comsigo:

— Quatro carrascos? que demonio vae fazer o rei a Tordesillas com quatro carrascos?

Parece-me que vamos ter comedia de apparato, com musica e dança.

Peor para os que dançarem.

Decididamente, el-rei parece-me que ha de dar que fazer aos que não forem por elle.

— Tanto melhor; vem justamente na altura propria.

Mas o que pensará o rei de fazer?

E, como não pudesse, facilmente, acertar com a intenção do moço rei, disse comsigo:

— O que fôr ver-se-ha; para que estou eu a perder a paciencia a querer adivinhar?

N'isto chamou um dos alcaides que passava:

— D. Inigo, tendes algum carrasco disponivel?

— Para quem? respondeu rindo o interpellado, homem de grande corpo e de boa cara.

— Para El-Rei.

— Tenho o do castello.

— Pois mandae-o aprestar para partir hoje para Tordesillas; mas é preciso outro.

— Outro?

— E' a ordem de D. Henrique.

— Pois mandar-se-ha.

— Ficae pois encarregado de o mandar apresentar o mais depressa possivel.

— Dizei-me, perguntou em segrêdo D. Inigo, sabeis a quem são destinados?

— Tanto como vós.

Não se sabe nada.

— Então el-rei, nem comvosco se abriu?

— Pela minha honra que sei tanto das suas tenções como vós.

O alcaide ficou calado um instante, depois, olhando D. João, disse:

— Parece-me que vamos ter um rei.

— Tambem me parece, replicou D. João; peor para quem o não quizer acreditar.

D. Inigo foi buscar os carrascos e D. João voltou para o rei.

O resto da manhã passou-se a ultimar preparativos.

Pela tarde, seguiam a estrada de Tordesillas, aos grupos, uns dois mil peões.

O rei ficára ainda em Valladolid e só partiu, mais tarde.

Seguiam-n'o os seus fidalgos em buliçosa cavalgada, cheia de conversas e de risos.

Atraz, caminhava n'uma nuvem de poeira, a famosa hoste de cavallaria do rei, estrepitosa e brilhante.

Erguia-se, na frente, o pendão real; por detraz, batiam as varas, teimosamente, sopradas pelo vento, as signas e bandeiras dos fidalgos que ladeavam D. Henrique.

Caminhavam depressa, n'um trote rapido.

Ao começo da noite, como fôra ordenado, rei e comitiva pararam a um tiro de besta dos muros de Tordesillas.

— Estão todos? disse e rei.

— Todos, respondeu um capitão. Todos os que puderam vir hoje, aqui estão.

— D. João, disse o rei, voltando-se para D. João d'Ayala, quaes foram as ordens que déste em relação aos aposentos do castello?

— Que estivessem promptos, meu senhor.

— Para hoje?

— Para hoje.

— Bem; para o castello, senhores, disse o rei aos commandantes emquanto que elle com D. João d'Ayala, partia á frente em trote rasgado.

* * *

CAPITULO VIII

Visita inesperada

Era o palacio do arcebispo contiguo á cathedral, ou melhor á egreja que durante a estada do arcebispo em Tordesillas desempenhava esse papel.

Era a egreja o sumptuoso templo de S. Thiago, erecto pela piedade de um antigo rei.

Dos lados da egreja, cuja corpulencia ennegrecia um amplo terreiro, seguiam as casas do convento, refeitorios, cosinhas, cellas dos frades, claustros ao centro.

Como fechando os dois braços gigantes do edificio, seguia-se a fachada trazeira, independente, com seu amplo alpendre sustentado por columnas monolithicas, resguardando o cancello de bronze que impedia a entrada do atrio.

Ampla e alta a entrada abria-se, lateralmente, para um larga escada de alvênaria.

Ladeava a um lambriz alto de azulejos polychromos, representando scenas de caçadas, festas de nobres e de damas.

De espaço a espaço, um longo patim favorecia o descanço, com um largo banco de pedra burilada, por sob alta janella de gradeamento artistico por onde a luz entrava a jôrros.

Terminava n'um amplo salão de espera, circumdado de grandes e compridos bancos, cujo assento se levantava e os transformava em caixas oblongas, como se via pela ferragem de metal branco, que por azêlhas se embutia em espelhos tambem metalicos.

Ao lado, a fechadura indicava o serviço.

Havia nas paredes grandes retractos de uma fabrica ainda primitiva, representando typos fradescos, naturalmente os reitores ou abbades do convento, os mais celebres; ou ainda os poderes dados ás letras ou sciencias, como era uso fazer se então.

Ao fundo seguia-se a bibliotheca: do lado direito uma fila de salões, rasgava as janellas para um pateo interior, especie de claustro, onde o arvoredo crescia viçoso, as trepadeiras se agarravam aos muros e uma telha d'agua cahia cantando sonoramente dentro de um largo tanque de alvenaria.

Eram mobiladas com grandeza estas salas.

Alli tinham, por vezes descançado os reis: alli vinham sempre repoisar os grandes senhores, quando de passagem por Tordesillas.

Alli habitava havia mezes o muito alto e nobre senhor D. João de Tenorio, arcebispo de Tolêdo.

Vivia e regaladamente, como os de mais senhores fidalgos que constituiam com elle o governo de Castella.

Nada faltava á meza do arcebispo, como nas mezas dos collegas; e todas as noites, ininterruptamente, as ceias succediam-se como verdadeiros festins.

Era essa uma das coisas que mais revoltava o povo, que vivia em grande miseria.

Não só o povo se indignava, mas ainda a classe media, porque via n'estes banquetes luxuosos uma offensa para o seu trabalho, um esbanjamento inutil, uma provocação contra a sua paciencia de pagadôra, mais que nenhuma outra collectada.

Os administradores importavam-se pouco com os rumôres correntes e aproveitando o melhor possivel o tempo de governo, reforçavam se por dar á vida a maior somma de gozos e de prazeres.

N'essa noite era em casa do arcebispo que se dava a ceia.

O arcebispo possuia enormes rendas que vinham do seu logar. Com as riquezas accumuladas na regencia, com os pingues subsidios que recebia do erario, acumulara uma fortuna de rei.

Em egual caso estavam todos os membros da regencia, que se tinham apropriado de innumeros bens, logares e honras e cujas cazas estavam ricas de despojos de toda a ordem e as arcas pezadas de oiro.

A sala de comer do arcebispo, amplo salão oblongo, illuminado por dois enormes lustres, alem de innumeras serpentinas de bronze que se alinhavam, de altura de um homem, ao longo das paredes, cheias de velas, rejorgitava de vida.

Uns vinte convivas, vestidos dos melhores fatos d'aquelle tempo, gibões e capas de seda, barretes ornados de pedras preciosas, espadas e punhaes da melhor arte, sapatos de bico, calções listrados, guizeiras de oiro, alinhavam-se á meza, n'uma alegria franca, n'uma familiaridade ruidosa.

Os pagens traziam as viandas em amplas bandejas de prata, os escanções deitavam os vinhos de amphoras lavradas, para taças e calices de prata cheios de relevos mithologicos.

Os pratos desobstruidos, eram logo substituidos por outros; os calices despejados de novo cheios dos vinhos mais delicados e agradaveis da Hespanha.

A ampla meza, cheia de fructas e de flores cujas hastes emergiam de bojudas talhas de um trabalhado artistico requintado, cheias de aguas perfumadas, a intimidade da recepção, a mocidade, porque eram quasi todos novos os convivas do arcebispo, tudo isto dispunha ao jogo, e appetite apparecia e os manjares e os vinhos, estes sobretudo, desappareciam rapidamente.

A meio da ceia as linguas já soltas começavam a ser indiscreptas e a conversa, generalisando-se, apregoava a satisfação dos gozos materiaes da vida, o poder da riqueza que a nenhum egualava.

Qual citava os seus rendimentos fabulosos a quem um outro punha duvida, o que levava o primeiro á justificação geral do seu immenso lucro nos azares da guerra.

Este falava dos subsidios que recebia; aquelle das terras que arrebanhara.

Uns aos outros estimulava-os a vaidade de se dizerem mais ricos, de modo que houve estendal das riquezas.

O arcebispo era o mais calado, como cumpria á sua posição e ao vinho já bebido.

Todavia não deixou de entrar na lucta.

— Todavia, dizia de repente o conde de Medina Cæli, é escusado impar de grandes riquezas; nem tu, Trastamara, nem tu, Vilhena, nem tu, Vellasquez. nem tu, Gusman, nem todos vós outros fidalgos de Castella, que me ouvis, podeis comparar as vossas fortunas com a de alguem que sobre esse respeito tem estado até agora calado.

Olhou para o arcebispo o falador conde.

— Enganaes-vos, disse elle, vendo-se alvejado por todos os olhos.

Sou o mais pobre de todos vós.

— O mais pobre? disse um.

— Olhae o pedinte, disse outro.

— O mais pobre, continuou o arcebispo, porque mais do que nenhum de vós tenho e dever de o repartir pelos pobres.

Houve uma gargalhada.

— Porque vos rides? perguntou, com ar de falsa ingenuidade, o arcebispo.

— Porque tendes graça, respondeu o conde de Vilhena.

— Não será assim? voltou o arcebispo.

— Tendes o dever de repartir pelos pobres, ninguem o nega; mas o que parece é que o repartis com os ricos.

Nova gargalhada soou pela ampla meza.

Quem interrompera com o apódo a conversa dos fidalgos, fôra uma figura de homem, especie de anão, com uma colleira de guizos, um barrete cheio de fitas córadas, um gibão farpado, uma espada de madeira ao ládo e na mão direita uma especie de sceptro doirado.

Era o bobo de sua excellencia o arcebispo que pela primeira vez, entrando, se mettera na conversa.

O arcebispo rindo, tambem, do gracejo, perguntou-lhe:

— Quem te chamou cá, D. Ruivo?

— Compadre, respondeu o bobo, ninguem me chamou e isso não foi bonito.

— Porquê?

— N'uma conversa de doidos, eu não devia ser esquecido.

O bobo disse isto ao lado, um pouco pendido sobre o arcebispo e disse-o de tal modo, com uma voz tão fóra do vulgar, que o arcebispo o olhou e lhe leu na cara o quer que fosse.

— N'uma conversa de doidos? perguntou, fixando-o.

— Sim, compadre, e o bobo dirigiu para a porta da entrada um olhar tão rapido como mysterioso.

O arcebispo percebeu que alguma coisa se passava que o bôbo não queria dizer e retorquiu:

— Estás hoje mysterioso, compadre e amigo; acaso bebeste de mais?

— Nada bebi, respondeu o bôbo e por que nada bebi, digo coisas sem graça.

Voltando-se para um servo, de calice em punho, exclamou:

— Deita-me vinho, quero beber pelo meu compadre e pela alegre companhia.

Encheram-se as taças.

— Tu brindas, D. Ruivo? perguntou D. Jorge de Guzman.

— Brindarei, senhor, já que não ha aqui ninguem que saiba servir-se da lingua se não para dizer tolices.

Mas quando ia a brindar, ouviu-se rumor na porta ao fundo do salão e um creado gritou, cerimonialmente:

— Sua senhoria, el-rei!

Voltaram-se todos. As taças baixaram para as mezas, os corpos levantaram-se, como impellidos por molas, emquanto com um sorriso amavel, de meia armadura branca, o moço D. Henrique, seguido de D. João d'Ayala, entrava no salão e se dirigia ao arcebispo.

Este correu-lhe ao encontro, dizendo:

— Meu senhor, que honra é esta e tão inesperada?

— Passava por tua casa. Vi luz nas janellas e perguntei o que era. Disseram-me que ceiaveis, com a flor dos nossos fidalgos. Se assim é, disse eu para D. João d'Ayala que me acompanhava, como ainda não ceiámos, quero ir pedir ao arcebispo um logar á sua meza.

— Que honrosa idéa, meu senhor.

O arcebispo correu veloz, chamou os creados e, como por magica, dois logares appareceram postos, no topo, no logar de honra.

— Tende a bondade, alteza, o vosso logar está prompto.

D. Henrique, com uma gentileza real, approximou-se da meza e dirigindo-se com o mais delicado gesto aos fidalgos surpresos, risonho, delicado, amavel, disse-lhes:

— Sentae-vos, senhores. O intruso, aqui, sou eu. Vejo que estaes como bons amigos; peço-vos para me considerardes no numero d'elles, só assim não perturbarei nem o vosso bem-estar, nem a vossa alegria.

Dizendo, sentou-se.

Para vos dar o exemplo, disse o rei, vêde como me sirvo do faisão e como aprecio o vinho. Enchei-me bem a taça.

E o rei começou a comer e a beber com os fidalgos.

CAPITULO IX

El-Rei

Sentara-se o rei á meza do arcebispo.

Sentou-se e ceou, agradavelmente.

Ceou mesmo lautamente: comeu e bebeu, como quem tem boa vontade, depois de longa caminhada.

A entrada do rei, produzira, naturalmente, uma certa impressão de mal-estar, vista a liberdade das conversas, liberdade que o correr da ceia justificava.

D. Henrique era, porém, um intelligente e fino rapaz, bom conversador e lhano de maneiras, de modo que derivando a conversa para o assumpto de caças e de saraus, de galanteios e de justas, em breve collocou todos os bellos fidalgos commensaes n'um á vontade completo.

Era isso mesmo que desejava.

Emquanto conversavam teve occasião de vêr a riqueza dos fatos que usavam, o custoso das armas, o valor extraordinario das pedras com que enfeitavam os barretes e ainda com que guarneciam os cintos e as proprias armas.

Reparou ainda na variedade das iguarias, na quantidade dos dôces, na excellencia e profusão dos vinhos.

Estes eram dos melhores de Castella.

Não lhe escapou a riqueza dos serviços da meza, na maior parte de prata e de oiro.

Amplas talhas de formas artisticas, jarros profusamente lavrados, calices magnificos de altos relevos, brilhavam n'uma desordem pittoresca, por sobre a ampla mesa, coberta de ricos pannos de linho lavrado.

Toda a sala era, verdadeiramente, luxuosa.

Todos os moveis dos mais volumosos, como os armarios onde se guardavam as loiças e as pratas, até aos pequenos escabellos que povoavam o chão, eram da melhor madeira, cheios de altos relevos de aprimorada talha.

Cadeiras, estrados, aparadôres, todos revelavam um alto gosto artistico pela profusão dos ornamentos que os embellezavam.

Nada faltaria se aquella sala fosse destinada a um grande rei, poderoso e rico.

O rei, porém, era como se não visse coisa alguma d'estas, ou como se achando-as naturaes, n'ellas nem puzesse a menor attenção.

Comia e, comendo e bebendo, conversava.

Na conversa, mais uma vez, por direcção habil, o rei reconhecera as grandes fortunas dos comensaes.

Este falava sem receio dos seus cavallos e cães innumeros, aquelle das suas terras, est'outro dos seus castellos, aquell'outro das suas rendas.

Por vezes, alguem que fosse dotado de uma penetração superior, poderia ter visto o rosto do rei antes de tomar uma expressão de riso, como como que revelar uma contracção de raiva.

A segunda expressão encobriria, seria o disfarce da primeira.

Ninguem, porém, tal poderia notar, a não ser D. João d'Ayala e esse estava tambem tão alegremente ouvindo e falando que não teria tempo de analysar o rei.

Não teria tempo nem precisava.

A ceia continuava, pois, cheia de movimento e de animação desusada.

Encantado o arcebispo com a attenção e o favor do rei; encantados os convivas com os modos e palavras do joven D. Henrique, as saudações succediam-se, sem interrupção.

Por uma ou duas vezes, sem que ninguem visse nem percebesse, o rei olhara para D. João d'Ayala.

O olhar, apparentemente natural, qualquer coisa queria dizer, porque a seguir a elle D. João como que ficava por um momento pensativo.

Fôra porém tão rapida a expressão que nenhum dos convivas a notou.

Passaram-se os minutos.

Devastaram-se os dôces, prendas saborosas de todos os conventos de Tordesillas ao guloso arcebispo, quando este erguendo um bello calice de prata doirada, cheio de um vinho loiro e espumoso, de pé, se dirigia ao rei:

— Haveis de permittir-me, meu senhor, que vos agradeça a alta honra da vossa estada entre nós.

El-Rei vosso pae...

E, não continuou, porque na rua ouviu-se no silencio da noite um ruido enorme de cavallaria e vozes de commando.

A seguir, pela escadaria do palacio um rumor alto de gentes que subiam correndo, crescia como um trovão que se approximasse.

Fez-se o espanto geral.

El-Rei erguera-se da cadeira rapidamente e afastara-se da mesa.

Correu para junto d'elle D. João d'Ayala e collocou-se-lhe ao lado.

Quando o arcebispo, perturbado, perguntava, de calice na mão, o que é isto? e ia a precipitar se para a porta, esta abriu se e um grupo de fidalgos e homens d'armas, completamente armados, rompeu pelo salão.

Atraz, entraram quatro homens de grande estatura, com trajos escuros, as caras meias veladas pelos capuzes puxados sobre o rosto, de machados á cinta: — eram os carrascos!

Então o pasmo tornou-se espanto e alguns fidalgos, crendo-se cahidos n'uma embuscada, tiraram das espadas.

Fidalgos e homens d'armas cercaram o rei, que, risonho, com ar de quem viu perfeitamente executado o seu plano, olhava os gestos dos fidalgos.

— Embainhae as espadas, senhores, disse D. Henrique, com uma voz altiva, energica, máscula, esperae para as fazerdes sahir das bainhas occasião mais propria, que não virá longe.

Os fidalgos obedeceram.

Depois, adeantando se, com uma grande audacia e resolução, perguntou, olhando-os, um a um, bem de frente, bem nos olhos:

— Dizei-me, quantos reis ha em Castella?

Nenhum respondeu.

— Quantos reis ha em Castella?

Não o sabeis?

Como o pasmo, o espanto, o inesperado, paralysasse a lingua dos fidalgos, D. Henrique exclamou:

— Sei eu.

Sabeis quantos ha? quantos vejo?

Quantos sois vós? Sois vinte?

Ha vinte reis!

Porque todos tendes poder e força e riqueza e tudo o que ambicionaes e, eu! eu que sou o rei! nada tenho.

Nem riqueza, nem poder, nem homens...

Não tinha, mas tenho-os, desde agora, porque vos tenho na mão.

O vosso reinado acabou, n'este momento.

Começa o meu.

Senhores de Castella, que esquecestes os vossos logares, o vosso dever, eu venho chamar-vos a elle.

Eu que sou o vosso rei!

— Senhor, exclamou o arcebispo...

D. Henrique não o deixou continuar, interrompendo-o:

— D. arcebispo, nada me podereis dizer que eu não saiba, se é para vos desculpardes.

Acabo de ver como vos trataes, como viveis, vós todos, e quanto é indigno e humilhante que eu, o vosso rei, tenha mandado vender a capa para ter de jantar!

Os olhares dos fidalgos disseram a incredulidade, a duvida.

— Não duvideis, disse o rei, porque vol-o affirmo eu!

— Não duvidamos, senhor, disse um dos senhores, que mais impressionado ficára com a revelação; o que nos espanta é a revelação de tal facto.

— E' simples de perceber.

Emquanto eu vivia das minhas rendas, d'onde tinha ainda de pagar largos subsidios e occorrer a despezas grandes, rendas que a guerra diminuira de metade ou mais, vós locupletaveis-vos com tudo o que podieis haver, por todos os modos, honesta e deshonestamente.

Assim falando, o rei olhava de alto os seus fidalgos.

— Eis o segrêdo da minha pobreza e eis a razão da vossa prosperidade, concluiu.

Ninguem interrompia o rei, ninguem ousava falar depois d'elle falar, receioso de um conflicto maior, que o rosto pallido e energico de D. Henrique, a sua expressão, e, sobretudo a multidão armada que o ladeava, deixavam suppôr que seria de graves consequencias.

A voz da consciencia, por seu turno, impedia as falas.

O rei continuou:

— A situação levou-me a escolher o momento em que vos encontrasse reunidos para fazer ouvir deante de vós todos a voz da minha auctoridade.

Grandes de Hespanha, disse altivamente, lembrae-vos de agora para deante que tendes um rei, a quem tendes de prestar homenagem e respeitar como eu quero ser respeitado, como entendo dever sêl-o.

A vossa regencia acabou!

D'este momento, dispensando o vosso beneplacito, antecipando a minha subida ao throno, pondo de parte a lei que rege essa ascensão, por minha vontade unica e exclusiva, declaro-me rei!

Se ha alguem que proteste que o diga.

Se ha alguem que não se conforme que o mostre: esse será o meu inimigo, esse será réu de toda a minha auctoridade, esse haver-se-ha commigo.

Ninguem replicou.

O rei, em vista do silencio, continuou:

— Entendestes, acaso?

Então o arcebispo D. João Tenorio, avançou e disse:

— Ninguem, meu senhor, ousa contradizer-vos nem a pretensão nem a vontade.

Somos vossos subditos e nunca, até hoje, commettemos algum acto que fôsse contra o respeito e obediencia que vos devemos.

Estamos promptos a obedecer-vos e a servir-vos; quem vos fez suppôr que o não fariamos?

Sois o nosso rei por herança de vosso pae e avós e estaes em edade de tomar em vossas mãos as redeas do governo, que todos vos cedemos, da melhor vontade.

Falo por vós? não é esta a vossa opinião? perguntou o arcebispo dirigindo-se aos fidalgos, que, mudos e attentos, o escutavam.

Ouviram-se vozes que diziam:

— Pensamos como vós.

— Dizeis o que sentimos.

— Tendes razão.

— Falaes como eu falaria.

— Somos castelhanos e leaes.

Então o arcebispo, voltando-se para o rei, que observava com cuidado os rostos diversos, disse-lhe:

— Já vêdes, senhor, que ninguem vos renega; que todos vos estimam e vos reconhecem como seu rei.

— Assim será bom que seja, disse o moço rei.

Amanhã, pela tarde, espero-vos a todos no castello, para formarmos conselho.

Sabeis tudo o que se passa, melhor do que eu.

Espero da vossa lealdade que me aconselhareis, segundo as vossas consciencias.

Até ámanhã, senhores.

Fazendo menção de se retirar, o arcebispo primeiro, os nobres depois, correram ao caminho do rei.

Este, estendendo a mão que, um a um, os fidalgos beijaram, entrou no meio dos seus homens d'armas e desceu as escadas.

No atrio montou n'um cavallo que um pagem tinha á redea e, ladeado por D. João d'Ayala, á testa da hoste, dirijiu-se e entrou pelo castello.

CAPITULO X

No espanto

Mal o rei sahiu, calcule-se o que foi, na sala de jantar do arcebispo.

As linguas até alli presas, soltaram-se.

Houve imprecações, raivas, ciumes, por longo tempo contidos.

A licção fôra aspera.

O novo rei tinha, realmente, uma grande audacia.

O amor proprio dos cortezãos resentira-se cruelmente, com o arrojo do rapaz, que o esmagara completamente.

Se alguns fidalgos, de espirito mais generoso, louvavam a acção do novo rei, outros, mais agarrados aos seus interesses e regalias, não lh'a podiam perdoar.

— Quererá reformar os costumes? dizia um.

— Mal lhe irá se procura, pela força, obrigar-nos á obediencia.

A obediencia vem da vontade e da amizade e nunca da força.

O arcebispo, ainda não socegado, mandou fechar as portas, prohibir que alguem entrasse fosse quem fosse e correr as casas, não ficasse algum dos da comitiva escondido para dar fé do que se passasse.

— Não se dirá que a sobremesa será prejudicada com tal facto, dizia o Guzman, enchendo uma taça de vinho e sentando-se de novo.

— Tendes razão, approvava um outro. Parece que teremos muito que fazer, para o futuro. O melhor será esperar pacientemente pelos factos.

Outros se sentaram e novamente comiam e bebiam.

Os restantes, de pé, formavam grupos onde se discutia acaloradamente, a auctoridade do rei, o seu acto, o direito que lhe assistia em tomar o governo.

— Nenhum tem, dizia um.

— Nenhum, replicava o outro; mas elle toma-o.

— Ou tomará ou não, replicava o primeiro, um Medina Cœli exaltado e orgulhoso.

Dizendo, comparavam as forças do rei e as d'elles e terminaram por encontrar as de todos reunidas, muito superiores ás do moço rei.

Pairava no ar um espirito de revolta, que o arcebispo se propoz a combater.

— Não vale a pena, dizia elle, uma insubordinação, n'este momento.

— Não vale?

— Não: poucos mezes faltam ao rei para, legalmente, ser acclamado.

Elle quer antecipar a posse do throno, deixai-o. A guerra vae rebentar; elle que fique com os cuidados e difficuldades de a sustentar e nós viremos, de fóra, a dança.

— Tendes razão, disseram alguns.

— O arcebispo accrescentou:

— Saberá quanto custa o ser rei e verá quanto ha-de precizar de nós, de uma força e do nosso auxilio.

Então será elle que virá, humildemente, sollicitar as nossas boas vontades.

Se nos revoltarmos, agora, o que acontecerá?

— Quem sabe?

— Sei eu: não poderemos deixar que os portuguezes nos venham insultar em nossas casas; não poderemos deixar de defender o reino; não poderemos abandonar o rei, porque era abandonarmo-nos a nós proprios e assim, seriamos lamentaveis porque teriamos de esquecer discuções e humilharmo-nos.

Abandonar o rei? Seria uma loucura, um crime de leza patria.

— O que ha então a fazer?

— O que será melhor?

— Esperar, concluiu o arcebispo. O rei não se determinou a fazer o que fez, por impulso proprio.

— E' natural.

— E' certo.

— Algum lhe denegriu a nossa gerencia, algum o indispôz contra nós.

— Quem seria? perguntavam.

— Fosse quem fosse, que nos importa? Esperemos que o rei se desengane a nosso respeito, ou nos respeite os nossos direitos.

Se respeitar bom é; senão teremos de lhe dar a perceber que a grandeza de um rei vem da grandeza dos seus vassallos.

O arcebispo foi approvado na sua maneira de pensar por alguns, não todos.

O castelhano, orgulhoso e valente não perdoava facilmente uma injuria.

Ora, o rei injuriara-os a todos, chamando-lhes desleaes e falsos.

Quem quer que fosse, rei ou servo, era um insultador, por isso alguns sentiam dentro do peito uma má vontade, uma raiva superior ao desejo de se conformarem e irem com a opinião geral de prudencia.

— Gosto do rapaz, dizia um velho fidalgo, acariciando as barbas brancas, gosto do rapaz.

O golpe foi bem pensado e ainda melhormente feito. O diabo, hein? não veio elle transtornar-nos a ceia?

E' uma bella figura, continuava, sorrindo, olhando alguns cuja phisionomia não indicava prazer, não acham?

E forte e audaz... deve dar um bello rei.

— Melhor do que o pae? perguntou o arcebispo.

— Do que o pae? não é preciso muito.

— Era um bom rei, disse um.

— Sem duvida; mas muito mettido comsigo e pouco feliz.

— Olhae, disse esvasiando um calice de vinho o velho fidalgo, olhae como o filho lhe não sae.

— Em quê?

— E' expansivo como mostrou ceiando e mette-se altivamente com os outros, como mostrou depois.

Sorrindo o velho fidalgo de bôa vontade, fez rir a maioria dos comensaes.

Logo que o riso chega, os espiritos desanuviam-se.

Assim, alguns mais se sentaram novamente á meza, os dôces e as fructas começaram a desapparecer, o vinho começou a fazer o seu effeito e uma hora depois, posto de parte o incidente para melhor occasião de ser tratado, a meza do arcebispo retomara o seu aspecto e animação ruidosa que tinha quando da entrada do rei.

Dizia o arcebispo:

— E' facil de saber para que o rei quer com tanta pressa o conselho.

— Por causa da guerra.

— Creio que não ha entre nós duas opiniões differentes.

— Sobre quê?

— Sobre se deva fazer-se.

— Não ha outro remedio.

— O rei de Portugal não quer outra coisa, disse um.

— Não me parece, volveu outro; o rei de Portugal tem razão para nos guerrear.

— Porquê?

— Acaso se tem cumprido, os compromissos do ultimo tratado de paz?

— Os que se tem podido.

— Sejamos francos, meus senhores, não se teem cumprido e foi isso que indispôz o rei.

— O não se terem cumprido?

— A chegada dos embaixadores e o conhecimento da perda de Badajoz.

— Que o remedeie elle, agora, casquinou com ar de ironia, um dos fidalgos, menos brandos.

El-Rei veio pôr tudo no seu logar. Não temos que nos incommodar mais com essas coisas. Desde ha um momento que Castella tem o seu rei.

Não merece a pena que pensemos n'isso.

Sorria o nobre senhor, com um sorriso máu, de despeitado, de offendido.

— N'isso tendes razão, accrescentou o arcebispo. Todo o mal que fizemos está feito: já lhe pagámos a responsabilidade, sendo tratados como aprendizes a quem o mestre descompõe, estamos quites.

Ora rindo, ora mais seriamente, a conversa prologou-se pela noite adeante.

A ceia do arcebispo, se não fora a intervenção do rei, teria sido das mais agradaveis.

Ainda assim, não fora má. Fora uma prevenção do caracter do rei e nada mais util para um cortezão de que saber, claramente, de que feitio é o seu senhor.

A ceia tivera um resultado. Era isto o que explicava o arcebispo ao Mendoza e ao Vilhena que, ultimos, se despediam.

Este concordavam.

— O rapaz é valente, dizia um.

— Parece-me que temos rei, confirmava o outro.

— *Papam habemos*... concluiu o arcebispo.

Rindo-se, alegres, partiam:

— Até amanhã... no Castello.

* * *

CAPITULO XI

No Castello

Pela tarde, na praça interior do Castello uma multidão enorme movia se.

Homens d'armas, besteiros, peões armados ou limpando armas, cavalleiros que chegavam ou sahiam, davam á sombria e ampla parada um aspecto pittoresco de vida desusada.

De vez em quando um grande senhor chegava, garbosamente montado em magnifico cavallo de guerra, luxuosamente ajaezado.

O arco amplo da entrada para o interior do castello estava guardado por um piquete de besteiros armados e formava no largo atrio uma companhia de cem cavalleiros, commandados por um alferes.

Havia o quer que fosse de preventivo e de intencional no aspecto da entrada.

Este facto não passou despercebido aos senhores que iam entrando e não lhe dispôz muito complacentemente o animo.

N'essa grande galeria de tres naves que servia de salão de recepção, armara-se, no topo, um throno.

Ao lado d'este throno, uma ampla meza estava cheia de papeis e de pergaminhos e um ou outro enorme livro encadernado em madeira ou em coiro, com longos fechos de metal, abria o ventre manchado por longas filas de lettras negras e grossas, de um feitio gothico.

Sentados — escreviam n'elle dois homens de amplas garnachas pretas — dois escrivães do rei.

Foi-se, pouco a pouco, enchendo o salão.

Em breve uns trinta fidalgos, vestidos á côrte, se agrupavam defronte da meza, ao pé dos bancos onde cada um d'elles d'ahi a pouco, conforme a sua cathegoria, haviam de tomar ao seu logar.

Eram os fidalgos do conselho do rei, juntos aos regentes da sua minoridade.

El-Rei pouco se demorou depois da hora marcada.

De subito ouviu-se o arauto que gritava:

— El-Rei!

Todos se puzeram de pé repentinamente e corrido um alto resposteiro que um varão de metal amarello prezo aos capiteis de duas columnas, sustentava ao alto, o rei adeantou-se, armado de ponto em branco, seguido de fidalgos tambem armados, atraz dos quaes se viu estacar ao fundo um grupo formidavel de homens d'armas, postos como para a guerra.

D. Henrique approximando-se dos nobres deixou que lhe beijassem a mão e subiu os degraus do throno.

Os nobres ficaram de pé e por um requinte de auctoridade o rei não fez signal algum para que sentassem e portanto de pé ficaram.

Era o primeiro aviso do que se ia passar.

D. Henrique sentou-se.

Passou o olhar pelos rostos todos como a poder ler na physionomia dos seus vassallos, o estado do seu espirito e depois, placidamente, disse:

— Que noticias ha da guerra do rei de Portugal, senhor arcebispo?

— Meu senhor, as que sabeis, naturalmente.

— Não vos pergunto o que sei; pergunto-vos e dizei-me o que vós sabeis.

O arcebispo mordeu os labios, mas disse:

— Os portuguezes tomaram Badajoz.

— Que mais? disse o rei.

— El-Rei D. João I, cerca Tuy, respondeu o arcebispo e calou-se.

— Nada mais? perguntou o rei.

— Nada mais sei, meu senhor.

— Porque tomara El-Rei de Portugal, Badajoz? Porque cérca El-Rei de Portugal, a cidade de Tuy?

Não é isto quebrar, ostensivamente, os contractos?

— Sem duvida nenhuma.

— Porque os quebrou El-Rei?

— Não sabemos a razão, murmurou o prelado.

— Não sabeis? Sei-a eu.

— Os seus embaixadores, emendou o arcebispo, não nol-o communicaram, reservando-se para vol-o dizerem a vós.

— Assim foi, replicou o rei. E, a mim me disseram que o seu rei quebrara os contractos, porque da parte de Castella não se cumprira nenhuma das clausulas assentes para a paz.

E' isto verdade?

— Algumas se têem cumprido, meu senhor; outras não.

— Porque não todas? perguntou o rei.

— Por falta de possibilidade.

— Ou de vontade? ementou o rei. Pelo menos é isso o que manda dizer el rei D. João, e não só o manda dizer, mas prova-m'o com documentos.

De modo que, continuou friamente D. Henrique, por vossa inercia ou má vontade, abristes uma nova guerra com Portugal, como se não bastasse o mal que nos enfraquece internamente, para nos debilitar.

Dando-me conta, lealmente, do que fez e está fazendo o rei de Portugal, protesta-me a sua amizade.

— Não é má amizade, observou o arcebispo.

— A amizade não pode permittir a offensa e a falta de respeito, observou o rei.

Amigo de el-rei D. João, eu não lhe toleraria, tambem, nem despresos nem desconsiderações.

El-rei D. João protesta-me a sua amizade e para o justificar manda-me dizer que logo que lhe sejam pagas as dobras que se lhe devem, entregará novamente Badajoz e descercará Tuy.

Como não tenho razão alguma para suppôr que o rei de Portugal tenha muito interesse em estar mal com Castella, antes me parece que o seu maior empenho deve ser o de viver comnosco amigavelmente, creio nas palavras do rei D. João, confirmadas por juramento pelos seus embaixadores.

Podeis ter, vós, duvida?

Os fidalgos responderam em phrases baixas, que não.

— Ora, continuou o rei, como eu tenho tanto ou mais vontade da paz, porque d'ella precisamos por muitos annos pára a nossa prosperidade, como o rei de Portugal, eu quero que não haja guerra.

— Agora? perguntaram alguns fidalgos.

— Porque não? interpellou o rei.

— Depois da tomada de Badajoz e talvez de Tuy?

— Que me importa? se ellas voltarão de novo para o meu dominio. Se não voltassem não havia outra solução senão reconquistal-as pelas espadas, mas voltando, melhor é que voltem por um processo simples e justo.

— Quereis então, meu senhor... disse o arcebispo.

— Quero, interrompeu o rei, que se pague a el-rei D. João o que se lhe deve e que em troca se receba o que elle nos tirou, para se pagar por suas mãos.

Sabeis qual é a divida?

Nem isso sabeis, disse o rei ironicamente, vendo que ninguem respondia. A divida é de trezentas mil dobras de oiro!

— Trezentas mil dobras! exclamaram alguns, espantados, como é possivel tal divida?

— Os embaixadores de Portugal trouxeram a conta. Está alli, disse o rei indicando a meza; se quereis vêl-a, podeis fazel-o...

Alguns fidalgos approximaram-se da meza.

Um dos escrivães abriu um rolo de pergaminho e entregou-lh'o.

— Senhor arcebispo, disse o rei, é preciso pagar ao rei de Portugal a sua divida.

— Trezentas mil dobras?

— Se essa é.

— E' impossivel, meu senhor.

— Porquê?

— O erario não pode fazel-o.

— Por quatro, por cinco vezes, disse o rei.

— Tambem é impossivel, meu senhor.

— Que dinheiro tem então esse erario? perguntou o rei com um gesto de colera?

— Meu senhor, muito pouco.

— Dizei antes nenhum! exclamou D. Henrique, erguendo-se, em colera. Tem tanto como a minha bolsa, que não tem nada.

Verdadeiramente, senhores, haveis de confessar que tendes abusado criminosamente dos vossos logares.

— E' preciso que eu deixe de ser rei, para ser juiz! é preciso que resgateis as vossas faltas... ou ai de vós.

A figura do rei crescera.

A luz d'uma alta janella batia-lhe na armadura branca e no capacete enchendo-o de scintillações brilhantes.

Na viseira erguida, o rosto mostrava-se sereno, com uma pallidez funda, um olhar illuminado e energico.

Dir-se-hia uma figura lendaria de cavalleiro dos velhos romances de cavallaria, desafiando.

Um como temor se apoderou de todos os que estavam.

A indignação do rei era justa e elle ousava erguer-se, em toda a altura de julgador, para punir, para castigar se fosse preciso.

Podia fazel-o, alli.

O castello estava bem vigiado: o rei bem defendido em sua casa.

Baixada a ponte levadiça, ninguem podia sahir.

Esta situação sentiram-n'a todos em todo o seu perigo e por isso o quer que fosse de receio ou de medo passou pelo espirito dos senhores.

— O thesouro está despejado, disse o rei, com a mesma altivez e decizão e só ha dois meios de o reencher: ou lançando novos impostos, o que não farei por caso algum, ou revogando as doações feitas, a vós mesmos.

Como não tendes que escolher, espero que concordeis.

Um murmurio de muitas vozes, ao mesmo tempo soltas, se espalhou pelo grupo dos fidalgos.

A audacia da medida revoltava-os. Era perderem tudo o que tinham alcançado, com tanto trabalho, com tantas miserias e delapidações.

Que haviam, porem, de fazer?

O rei estava, alli, esperando a resposta, a sala bem guardada, o castello fechado, era preciso resolver, concordar.

Passados instantes o arcebispo, como que recebendo as opiniões de todos voltou-se para o rei, que os espiava com o olhar turvo e disse:

— Meu senhor, concordamos em ceder a favor do erario os nossos proventos das doações que fizemos.

— Nem podieis fazer outra coisa, disse o rei; nem eu vos consentiria que o fizesseis.

Não valia a pena tanto pensar e discutir como haveis feito.

O rei chicoteava-os, ainda por cima de lhes arrancar as rendas.

Dirigindo-se ao escrivão, disse-lhe:

— Tomae nota das doações cedidas por cada um d'estes fidalgos. Elles terão a bondade de declararem, lealmente, tudo o que, injustamente possuem, sob pena de faltando á verdade, eu lhes confiscar até ao ultimo palmo de terra que no meu reino possuam.

Queiram ir, um por um, fazer as declarações.

Um dos fidalgos approximou-se da meza.

O rei sentou-se e como se julgasse que os tinha humilhado sufficientemente no seu orgulho, e mostrado, á saciedade, a sua superioridade e poder sobre todos, satisfeito de si e inclinado á paz, disse-lhes:

— Podeis sentar-vos.

Todos comprehenderam então que o rei os não mandara sentar de começo, para lhes indicar claramente que direitos alli só havia uma pessoa que os tinha, quaesquer que fossem, e que essa pessoa era elle!

Sentaram-se e conversavam emquanto, um a um, seguidamente, iam declarar quaes as doações que lhes competia ceder.

A meia voz, havia revoltas, frases insultuosas de um ou outro, frases rapidas de despeito e de colera.

Mas eram a meia voz, menos do que a meia voz, de modo que o rei os não pudesse ouvir, o que seria caso da maior gravidade.

Assim foram todos, como carneiros mansos, declarar o que tinham extirpado e que cediam.

Acabadas as declarações o conselho continuou.

CAPITULO XII

A guerra

D. Henrique estava, agora, mais placido, o rosto desanuviara-se-lhe; havia o que quer que fosse de captivante pela simplicidade no seu modo e falas.

— E' para mim, um grande desgosto, dizia elle, o ter de começar o meu reinado por uma guerra sanguinaria.

— Senhor, dizia-lhe Mendoza, podeis dispensar-vos de entrar na guerra?

— Como?

— Todos nós vos reconhecemos como rei e estamos promptos a jurar-vol-o, onde e como quizerdes.

Para as outras nações não o sois, porem, ainda.

Continuae para os estrangeiros a não o serdes, ainda que o sejaes para nós e deixae-nos portanto a responsabilidade inteira do que acontecer.

O rei pensava na idéa.

Não era tanto por ser elle o responsavel, mas porque, intimamente, achava prejudicial e inconveniente uma nova campanha.

Era o paiz que elle zelava, não era a sua pessoa; era a sua terra cançada, sem agricultores, empobrecida, que elle queria poupar e não a si proprio.

Todavia a idéa sorriu-lhe.

Não podendo evitar a guerra, affastar-se-hia d'ella, até quanto fosse possivel o seu affastamento.

Todavia replicou:

— Não se trata de que eu entre ou não entre, trata-se de a evitar.

Nenhum meio ha senão pagar. E' preciso ver qual a quantidade de dinheiro que se pode ajuntar n'um pequeno praso.

Eu mesmo escreverei a D. João e lhe direi o modo de saldarmos as contas.

— Nenhum rei de Castella, ousou dizer com ar altivo o senhor de Vilhena, propoz nunca condições de paz depois de um insulto.

Como a reforçar a opinião do conde, alguns outros fidalgos appoiaram.

Agora, mais do que nunca elles precisavam da guerra.

A guerra era o roubo, a pilhagem, o saque.

Acabavam de ser defraudados, violentamente, dos seus rendimentos e era agora que o rei queria impor-lhes a paz, quando a guerra podia ser ainda, uma salvação.

Então se levantou disputa sobre se era ou não humilhante para o rei e para a nação, fazer qualquer proposta de paz nas circumstancias em que se estava.

No intimo o rei pendia já para o lado da guerra por este raciocinio, verdadeiro e nobre:

— Não se quer a guerra? não se faça; mas só depois de ter readquirido a cidade conquistada, porque a ser antes, era indicio de fraqueza ou de medo.

Recusava-se, porem, a concordar plenamente com os seus, em vista da sua primeira opinião, fortemente dita, quando um escudeiro entrou na sala coberto de pó e pediu para falar ao rei.

— De d'onde vem, para ter tal pressa?

— Do castello da Tuy, senhor.

— Que entre, disse o rei ao ouvir tal nova; que entre immediatamente.

Esperaram todos um instante certos de que alguma nova traria com tanta pressa o escudeiro.

Era um rapaz novo, alto, magro, o fato cheio de manchas, rosto pallido denunciador de trabalhos e de vigilias.

— Que novidade trazeis, amigo.

— Senhor, disse o escudeiro adeantando-se aquella que eu nunca quizera trazer a Vossa Alteza.

— Qual é ella?

— Vae entregar-se Tuy!

Houve um momento de silencio.

O rei interrompeu-o, em pouco:

— Espero que tereis feito o vosso dever, todos.

— Quanto em nós coube, senhor.

Quem vos mandou?

— Paio Sorodea, o alcaide, meu senhor.

— Com quem mais está?

— Com Pedro Fernandes de Andrade, Pedro Dias de Cordova e Gonçalo Açores.

— Que força tendes?

— Já muito diminuta, meu senhor. Teremos cem lanças e outros tantos peões e besteiros.

A doença e os assaltos tem levado metade.

O rei Henrique sentiu ferver-lhe o sangue de castelhano.

— E' impossivel resistir por muito tempo?

— Poucos dias poderemos resistir. E' isto o que vos manda dizer o alcaide.

Ou nos vão ajudar e soccorrer ou teremos fatalmente de nos entregarmos.

— Quem commanda ainda, hoje, o cêrco.

— E' El-Rei de Portugal, em pessoa.

— Voltae. Descançae primeiro e depois ireis dizer ao alcaide D. Paio, que se defenda, porque em breve irá o soccorro.

Os fidalgos gostaram d'esta vez da ordem do rei: ella importava uma declaração de guerra.

— Bem vêdes, meu senhor, dizia com voz rustica o arcebispo que não podeis pensar em paz, quando seria uma vergonha evitar a desforra.

— Ter-se-ha, disse o rei. Parece-me que a não posso evitar, teremos de conferenciar amanhã, na maneira melhor de a começar.

— E' o momento de vos dizer, que espero as vossas leaes dedicações, que saberei premiar.

O rei despediu o conselho até ao dia immediato.

Em breve o castello abandonado por fidalgos cavalleiros e comitivas recahiu no silencio.

Levantou-se a ponte.

Puzeram-se sentinellas, nos sitios proprios, como se receiasse um ataque para segurança do rei e este foi jantar.

* * *

CAPITULO XIII

O plano de D. Leonor

O rei dormiu mal, n'aquella noite.

As peripecias do dia, tinham-no exaltado e como novo ainda e não acostumado ás grandes impressões, o seu espirito mal repoisara.

Pela manhã, escreveu á madrasta, para que viesse para junto d'elle, escreveu aos embaixadores para que viessem tambem e despachado o correio, mandou selar um cavallo para elle e outro para D. João e sahiu pelos arredores, no passeio habitual.

Conversavam os dois, animadamente.

— Ninguem esperava tal coisa, dizia o amigo ao rei.

— Ninguem, decerto, exclamava este. Parece-te no emtanto que estarão persuadidos de que ha só um rei em Castella?

— A maior parte está.

— Não todos?

— Nem todos. Haveis de ver que alguns hão de desobedecer ás vossas ordens.

— Tanto peor lhes será, disse o rei. E' coisa que eu não admittirei nunca é uma falta de respeito. Não a terei por ninguem, e quem a tiver por mim, sahir-lhe-ha cara.

— Feristes gravemente, dizia D. João.

— Como, gravemente?

— Tirastes a muitos a maior parte da fortuna.

— Que a rehavenham.

— Como?

— Honradamente.

— E' bom de dizer; mas depois de a ter na mão . . vereis que nem todos se hão de conformar.

— Mas como, se já desistiram?

— Esquecerão a desistencia. . . vereis.

— Peor para elles... peor para elles... dizia o rei. Se muito perderam, perderão o resto.

E, falaram sobre o espanto da ceia, sobre os diversos aspectos dos rostos, sobre as rapidas tentativas de protesto, sobre a nova guerra, sobre o procedimento do rei de Portugal.

Como andassem havia mais de duas horas em passeio, voltaram para a cidade.

O rei dirigiu-se ao convento de La Mercêd.

— Ides falar á rainha? perguntou D João.

— Vou. Ella deve estar anciosa por saber novas do conselho. Talvez ignore o que se passou na ceia. Vou contar-lh'o.

— Não dareis novidade, descançae.

— Já o saberá?

— Mas o que não saberá ella?

— E' uma mulher extraordinaria, commentou o rei.

— Dizeis bem, extraordinaria e temivel.

— Temivel? disse o rei sorrindo.

— Não para vós, porque vos estima; mas para quem ella não estimar...

— Hoje? disse o rei. Coitada! Em tempos sim; devia ser uma inimiga de respeito.

— O que se conta d'ella, justifica-o; accrescentava, como contraprova D João. Depois, tinha uma qualidade, que ainda hoje bem que diminuida é poderosa.

— Qual?

— A da belleza.

— E' bella ainda, disse para si o rei.

— A ponto de fazer perder a cabeça aos vossos mais altos subditos.

— Sim? disse o rei risonho; ainda tem adoradores?

— Apaixonados!

— Quaes são? Conta-me isso.

— Não vades admirar-vos.

— Diz, diz, mandava o rei, cheio de uma curiosidade infantil.

— Muitos lhe fazem a côrte; mas os mais ferrenhos são... o arcebispo D. Pedro Tenorio...

— Oh! disse o rei, tu brincas?

— Parece a vossa alteza?

— Quem mais?

— E D. Pedro, conde de Trastamara.

— Isso são velhos amores.

— São, mas o que affianço a vossa alteza é que alem d'estes muito novos seriam capazes, por ella, de quebrar lanças, como por qualquer princeza de quinze ou dezeseis annos.

O rei sorria.

— Ella é verdadeiramente bella, dizia D. Henrique. Desde pequeno exerceu sobre mim uma grande attracção.

Respeito-a muito como mãe da rainha minha mãe, era assim que o rei tratava sempre a madrasta, mas sinto que só por ella propria me prende e me agrada.

— Prendem-vos os dotes de espirito.

— Assim é. D. Leonor Telles é uma intelligente mulher, conhecendo o mundo e os homens, a mais competente para dar um conselho.

Não sei se foi má, se foi cruel, como dizem, accrescentou o rei; mas o que sei é que nunca mulher nenhuma teve a sua grandeza, a sua amabilidade, os seus modos de uma delicadeza encantadora.

Bella, insinuante, intelligente, como não ha de ella agradar...

— Até aos vossos arcebispos, conclùiu, rindo alegremente D. João de Ayala.

— Até aos meus arcebispos, repetiu o rei.

Quererá disse voltando-se para o favorito o moço rei, o reverendo D. Pedro Tenorio fundar alguma dynastia?

Ambos riram francamente.

Era o momento em que chegavam ao portão do convento.

*
* *

A rainha almoçava no momento em que o rei entrava.

— Em que boa hora chego, disse elle, entrando, sem cerimonia, pela sala. Mais um conviva.

— Sêde bemvindo, disse a rainha erguendo-se. Como me vae saber bem o almoço.

Daes-me esse prazer?

— De almoçar comvosco?

— Não será para comparar com a vossa ceia de hontem... e olhou D. Henrique que sorriu... mas não ficareis com fome.

Com um signal de cabeça chamou uma das creadas e deu as suas ordens.

— Fazei-me o favor de mandar prevenir D. João de Ayala de que me não espere e me mande o cavallo d'aqui a uma hora.

A rainha mandou. O rei sentou-se defronte, muito alegre; com uma cara muito feliz, de rapaz que foi bem succedido n'uma empreza e cujo successo já conta.

— O que dizieis da ceia? perguntou D. Henrique com ar ingenuo.

— O que dizia? que não tereis tão bellos manjares; mas que não sahireis com vontade de comer.

— Já sabeis?

— Foi a primeira novidade, de hoje, ao levantar.

— Como o pudestes saber?

— Tenho a minha policia.

— Não ha que duvidar e parece que de muito valor.

— E' como vêdes.

Olhavam-se com ar muito familiar e de muita amizade.

Dizei-me cá, senhor meu neto, sois então esse valente e nobre cavalleiro, que appareceu como um espectro no banquete do arcebispo?

— Ah! dizia a rainha, com o olhar illuminado, não posso viver muito, mas affianço-te que dava annos de vida para poder estar n'esse banquete.

Henrique, disse ella, accentuando as palavras, o que fizeste é prova de que has de ser um bello e altivo rei.

Ouve: o teu primeiro acto foi bello, foi ousado, mas foi sobretudo do maior alcance.

Conquistaste, n'uma hora, o respeito dos teus vassallos; nunca por coisa alguma desças do logar que alcançaste.

A primeira lançada é a que enrija o pulso.

Está certo de que hoje, poderá haver descontentes e rebeldes, mas de que nenhum dos senhores de Castella, e estavas entre os maiores, deixa de te temer.

Não sejas nunca mau, não é preciso, pois é o rei; mas sê sempre o mesmo que foste hontem e hoje e serás sempre o rei.

Um rei fraco ou bondoso não é nunca um senhor; as primeiras qualidades de um rei são a justiça e a coragem.

Olha que é uma avó que te fala e a experiencia é a grande mestra da vida.

Collocaram deante do rei um prato de peixe, vinho n'uma amphora, e um calice de prata.

Comendo, dizia:

— Sabeis, então, tudo?

— Tudo.

— Da ceia e de hoje?

— Do conselho? tambem sei.

— Não foi a de hoje a menor surpreza, para elles.

— Digo-te que tens andado como um homem. Qualquer das acções era muito perigosa e arriscada.

— De mais o sabia; mas acautelei-me bem.

— A's vezes a cautella não basta; ha sempre um traidor...

— Quem o havia de ser? Eu?

— Tu?

— Eu só poderia sel-o, porque ninguem mais sabia o meu pensamento, sequer.

A rainha olhou-o amorosamente e admirativamente.

Mais uma qualidade lhe apparecia n'aquelle rapaz de quinze annos; qualidade rara na mocidade por natureza irreflectida e falladora: a continencia.

Dominava-se já o moço Henrique, e dominava-se quando devia sentir, pela novidade do temperamento e pelo arrojo do plano a necessidade da communicação.

Ella suspeitara que alguma coisa grave pensava o moço rei, na sua ultima entrevista.

Tinha-o até como certo; mas o que seria e que seria o que elle fez, não lhe passava pela cabeça.

O rei contou então, com todas as minucias, a scena da ceia e a scena do conselho.

A rainha ouvia enthusiasmada, verdadeiramente.

Ella tinha realmente por D. Henrique uma grande quéda.

Até que se chegou ao caso guerra e o rei disse:

— E' indispensavel castigar D. João de Portugal.

— Como as coisas estão, disse a rainha — e immediatamente a dominou o odio ao Mestre d'Aviz — é indispensavel que seja batido, obrigado a conter-se.

— Elle tem certa razão.

— Ainda que a tivesse, Henrique; Castella não pode soffrer as ousadias de um bastardo a quem um dia de felicidade inconcebivel sentou n'um throno.

E' da tua dignidade o responder no mesmo tom em que te offende. O filho de Thereza Lourenço não póde nunca, seja por que razão fôr, insultar o rei de Castella.

A rainha afeiava o caso, carregando as côres do quadro, para indispôr o rei...

Não era preciso já.

D. Henrique tinha resolvido, intimamente, que se fizesse a guerra.

— Castigal-o-hei, disse o rei. Hoje, no conselho se decidirá todo o plano de campanha e affianço-vos que o rei de Portugal se arrependerá mais uma vez da sua precipitação.

— Qual será o castigo que lhe tencionas dar?

— Retirar-lhe Badajoz; fazel-o levantar o cêrco de Tuy e depois de vencido, estipular, eu, as condições de paz.

— Isso só?

— Achaes pouco?

— Acho pouquissimo.

— Como assim? perguntou o rei admirado.

— Henrique, disse a rainha, na minha opinião, o melhor é que não haja guerras.

Nada prejudica mais um paiz, nada o devasta e empobrece mais.

Casos ha, porem, em que as guerras são inevitaveis e logo que o são é preciso tirar d'ellas o proveito maior.

Este é o caso de ter de haver guerra e esta occasião é excepcional.

O homem a quem vaes guerrear causou a teu pae o mais profundo desgosto da sua vida, tão grande que se a morte o não leva, tão inesperadamente, como levou, não teria morrido sem uma vingança e uma vingança completa.

Eras ainda muito creança; mas conheces, decerto, tudo o que te digo.

Repito, digo isto por que vaes ter guerra, se a não fosses ter não t'o diria, ainda que pensasse do mesmo modo.

O rei escutava, comendo umas codernizes assadas, que a creada lhe puzera deante, loiras e bem cheirosas pelas hervas do tempero.

— Se a guerra é pois fatal, se os seus trabalhos e custos tem de ser soffridos, tanto seja por um como por mil. Portugal — conheço-o melhor do que ninguem — é um paiz empobrecido, falto de homens e de recursos de toda a especie. Os portuguezes são valentes e soffredores, mas se lhe tirarem o condestavel Nuno Alvares Pereira, não poderão resistir a metade das forças de Castella. O Mestre, só, nada vale.

O que haverá pois a fazer?

Retomar Badajoz? compellir o Mestre a abandonar o cêrco de Tuy e depois deixal-o tranquillamente no gozo do seu throno, alcançado por um acaso feliz?

Deves confessar que não basta.

A sorte nem sempre protege os fracos e é mesmo de regra que só, excepcionalmente, os proteja.

O teu dever é vingar teu pae!

O teu dever é, já que tens de fazer guerra, de a aproveitar levando-a até onde puderes.

Vingar teu pae! e libertar Castella de uma serie de vergonhas soffridas em continuos desastres.

— Não achas que tenho razão?

— De certo modo, tendes.

— De certo modo, não. O esforço que terás a empregar para derrotar o condestavel e depois o Mestre é egual ao que terias de fazer para vencer o o primeiro e desalojar o segundo.

— Esse, por maior, o primeiro.

— Enganas-te, absolutamente, egual.

Se diminues as forças, se as calculas justamente para a difficuldade da empreza que projectas, será mais uma derrota que juntarás ás de teu pae.

Se por isso, como previdente que deves ser, tens de apromptar, de reunir, o maior numero de soldados que puderes, de congregar os esforços de todos os teus vassallos, de prevenir todas as hypotheses de ser vencido, n'esse caso o esforço será egual para um e para outro caso.

Tanto te servirá para punires moderadamente o Mestre como, no caso de venceres, o precipitar do throno.

Não é verdade?

— Tendes razão.

— O Mestre é um usurpador. Assim o considerou teu pae, combatendo-o, pelo seu indiscutivel direito ao throno de D. Fernando.

E's seu filho legitimo o throno pertence-te a ti.

— Pertence a vossa filha.

— Ella ceder-t'o-ha de bom grado, não esperando que a sua morte te dê o direito indiscutivel.

De resto, se o não quizeres para ti, dá-lh'o.

— Se ella o quizesse, se o desejasse, crêde que eu sacrificaria tudo, até a minha vida para lh'o alcançar.

— Alcança-o para ti Henrique. Não lhe darás com isso menor prazer.

A alegria que ella havia de ter se te visse um dia pôr na cabeça as corôas de Castella e de Portugal!

As palavras da sereia eram tentadoras.

Bem o sabia ella. Bem sabia que a maneira de arrastar o moço rei era fazer-lhe vibrar a corda do amor, por essa que fôra para elle a verdadeira mãe — da outra nem se lembrava — e que elle tanto amava!

Assim o rei dava-lhe já inteira razão, intimamente.

Não passou tempo em que não concordasse com ella.

Era preciso fazer a guerra e a guerra outra vez de morte, disputando a corôa: guerra ao Mestre, ao usurpador, ao insolente!

Quando Leonor Telles o viu completamente decidido, rejubilou por dentro.

D. Henrique era um brioso rapaz, valente e bravo, até, como já o provara.

O Mestre ia soffrer mais uma tormenta no seu reinado, talvez fatal, talvez a ultima!

Quem sabia até onde a felicidade poderia levar o novo rei?

A rainha estava no céu.

Nada, porem, revelava o seu prazer maior, externamente.

Ao contrario, o seu rosto parecia mais socegado e mais tranquillo do que no começo da conversa.

D. Henrique é que estava mais exaltado, mais influido, revolvendo, já, na mente, planos de ambição que a astuta rainha alli plantara com todo o geito.

Decidido a entrar valorosamente na guerra perguntava:

— Julgaes, pois, que não será difficil empreza conquistar Portugal?

Pelo amor que vos tenho, respondeu Leonor Telles, com a maior serenidade, não só não reputo coisa de extraordinario valor conquistar Portugal, mas até me parece, relativamente, coisa facil.

— O passado não o tem dito.

— Se o passado fosse a licção certa do futuro não haveria no mundo senão a paz perpetua.

Ora como o vencedor de hoje é o vencido de ámanhã, como é de lei que assim seja, como não pode ser nem nunca foi de outro modo, em vez da paz perenne é a guerra continuada que é a lei.

— Será como dizeis, disse o rei.

Não me move tanto o desejo de um novo reino, como o prazer de poder vingar a memoria de meu pae.

Farei a guerra com todo o poder de Castella; todo o que hoje se puder juntar e Deus me protegerá.

— Tende fé, disse a rainha, a fé é quem vence.

O rei acabava o almoço.

Intimamente, o rei pensava:

— Se eu tenho de declarar a guerra, tanto me custa se eu tiver apenas a intenção de me desforrar do rei de Portugal como se pretender o proprio reino.

Se puder com o mesmo esfôrço conseguir maior honra e proveito porque o não farei?

A rainha tinha razão em aconselhar-lhe a invasão com todo o poder que tivesse.

Assim pensava o rei e a rainha adivinhava o que lhe ia no espirito

Era a occasião de conseguir o ultimo desejo.

Leonor Telles conheceu-o e disse:

— Henrique, vejo que não és difficil de concordar com as boas razões...

— Quando são vossas, disse o rei.

— Valem tanto como outras quaesquer...

-- Não me parece.

— ...Senão no que representam de amizade e de dedicação

— Achaes pouco? perguntou D. Henrique.

— Pois se assim é, continuou Leonor Telles, peço-te para te dizer ainda o resto do meu plano.

— Dizei.

— E' que... disse Leonor Telles, fingindo uma certa hesitação em falar...

— O quê? disse o rei.

— Parecer-te-ha, talvez, extranho.

— Maior interesse tenho em o saber.

— N'esse caso, disse a rainha, escuta:

O que seria a melhor de todas as hypotheses seria entrares por Portugal, vencer esse bastardo insolente, reunir á tua corôa poderosa, a corôa ambicionada d'esse bello paiz que me foi berço e algoz.

Não é verdade?

— Assim é.

— E' o que eu te desejo.

Eu morreria feliz se te visse entrar em Castella, de volta da campanha, á frente do teu exercito victorioso, tendo juntado aos teus dominios, o dominio da terra portugueza.

O rei ouvia attentamente.

— Quem sabe se Deus me terá reservada essa ventura.

— Esperae n'elle.

— E' bom esperar, mas não é peor fazermos, por interesse proprio, os nossos esforços.

De ha muito, de ha annos, desde que para aqui entrei, que não penso n'outra coisa.

Por isto calcularás se não devo ter bem estudados todos os elementos de lucta, todas as maneiras provaveis de poder realisar o meu sonho!

— Calculo-o bem, disse o rei.

— Junta a isto, o ter visto, ultimamente, prepararem-se as coisas de modo a conseguir o meu fim.

— Vi-te nascer, quasi; vi-te crescer, progredir, tornares-te um bello rapaz como hoje estás, um bello homem, um bello cavalleiro cheio de vontade e de nobreza.

— Obrigado, disse, sorrindo amavelmente, o rei.

— E' assim.

Julgo, ou muito me engano, que a tua sympathia por mim, que em pequeno tantas vezes revelavas, não esmoreceu com a edade...

— Podeis crêl-o...

— ... E, isso faz com que eu possa falar com franqueza, porque não poderás nunca suppôr que outro interesse, alem do teu, me domina ou me impelle.

— Falae, sem receio, minha senhora, disse D. Henrique, cujo interesse mais se accrescia com as reticencias e circumloquios de Leonor Telles, falae.

— O meu plano, ou melhor, uma das condições do meu plano, é que não sejas tu, quem vá invadir Portugal.

— Não seja eu?

— Não.

— Então, quem?

— O infante D. Diniz.

— Como será possivel isso?

Não serei eu o rei, desde hontem?

— De certo; mas aqui ha uma razão de artificio, de manha.

Explicae-vos.

— Repara que o resultado é absolutamente o mesmo, quer sejas tu quem invada Portugal, quer seja D. Diniz.

— Mas porque será D. Diniz encarregado de tal missão?

— Porque convem que o seja.

— Com que titulo irá?

Com o de rei, ou melhor, com o de pretendente á corôa.

— Declaro-vos que cada vez entendo menos.

— A questão é esta. A rainha, minha filha, a quem pertence o throno de Portugal, tu a quem elle pertence hoje por morte de teu pae, farão uma declaração formal de cedencia dos seus direitos a D. Diniz.

D. Diniz é ainda em Portugal o unico pretendente, com algumas probabilidades de poder vencer.

E' mesmo o unico.

— Mas... ia a continuar o rei, quando Leonor Telles lhe fez signal com a mão para não continuar.

— Feita esta cedencia e publicada, D. Diniz começa a tratar de organisar, com a tua protecção, é claro, um exercito para ir fazer valer os seus direitos.

Isto faz-se saber com grande ruido e esperam se os resultados em Portugal, emquanto se prepara o exercito.

Temos já a nosso favor, direi, d'elle, os maiores fidalgos da Beira, os que se oppuzeram á eleição do Mestre d Aviz.

A Beira é nossa.

Não será difficil admittir que muitos castellos que tomaram, forçados, e vóz pelo Mestre, alguns que me eram dedicados, o sejam novamente, perante as pretenções do infante.

D. Diniz, forte com a cedencia do throno, mais forte com as adhesões que já possue, com as que possa vir a adquirir e com o vosso poder, entrará por Portugal, pela Beira, onde será facilmente acclamado.

A grande coisa a conseguir é dividir Portugal.

Unido, sabemos que não é facil de vencer; desunido, o sugeital-o, é obra de um passeio de poucos dias.

Percebeis, agora, a vantagem de mandar D. Diniz como pretendente?

— Começo a perceber.

— A vós, todos os castellos se fecharão, todos os recursos da lucta serão oppostos; em cada aldeia tereis um castello a vencer.

Poderieis vencer, mas a lucta seria bem mais difficil e a guerra bem mais custosa.

Nem todos serão por elle? d'accordo; mas é mais facil vencer tendo no paiz um elemento de discordia, do que tendo-o todo unido para repellir um inimigo commum.

Não vos parece?

— Assim creio, tambem, respondeu D. Henrique. Mas...

— Agora podeis fálar, observou a rainha.

— D. Diniz vae, invade o paiz e supponhamos que, ajudado pelos esforços de todos, vence?

— E, então?

— Que é acclamado?

— Que importa? respondeu a rainha.

— Que importa?

— De certo. Elle será o acclamado e vós sereis o rei.

— Se elle o não quizer?

— Como?

— Aproveitando a situação?

— Como poderá aproveital-a? Não é o vosso exercito que o valorisa, que lhe dá força? Que poderá fazer sem elle?

— Depois de acclamado...

— Ainda que quizesse... se lhe passasse pela cabeça... aproveitar o momento, seria apenas mais um desastre de uma vida já tão cheia d'elles.

O rei calou-se.

A rainha continuou:

— Imaginaes que o Mestre e D. Nuno lhe deixariam um momento de repouso se o vissem só?

— E' natural que não.

— E', certo. Castella pode vencel-os e contel-os; D. Diniz apenas com os seus partidarios, seria um joguete nas mãos do Condestavel.

A rainha tinha razão.

D. Diniz estava bem seguro da queda se tentasse ficar rei, apenas com as suas forças. A astuciosa Leonor Telles não era mulher para dar um passo de tal importancia, como o de offerecer um throno que não quería dar, senão depois de ter reflectido, maduramente, os prós e os contras.

D. Diniz prestar-se-ha? perguntou o rei.

— Da melhor vontade.

— Já o sabeis?

— Já lh'o disse.

— Elle concordou?

— Com a melhor vontade.

— Disposto a ceder o reino?

Leonor Telles occultava ao rei, que tal não era a condição da accedencia de D. Diniz.

Para que havia de dizer-lh'o?

Ella teria na sua mão o desfazer a illusão do principe, logo elle conseguisse, se conseguisse, a victoria.

— D. Diniz não quererá, porém, fazer tudo isso sem uma indemnisação, não é verdade?

— De certo.

— Pensastes já qual seja?

— Restituir-lhe os seus bens em Portugal, dar-lhe dinheiro, fazel-o condestavel, ou outro qualquer logar dos mais elevados.

Como o rei ficasse pensando, a rainha continuou:

— Não achas bastante?

— Acho justo.

— Que mais poderá ambicionar, agora? Não está elle aqui vivendo dos nossos subsidios, n'uma posição sempre humilhante, porque é dependente?

Não será exclusivamente ao vosso auxilio que elle deverá o sahir de uma situação falsa?

D. Henrique concordou, plenamente, com a opinião de Leonor Telles.

Estava pois conseguido o assentimento do rei.

Todos os pontos do plano, forjado pela rainha, tinham sido alcançados um a um.

Restava a execução.

⁂

CAPITULO XIV

O plano

Dois dias depois, reunia-se n'um amplo salão do paço toda a fidalguia que formava de ordinario o conselho privado do estado e ainda todos os senhores que tinham chegado ao chamamento do rei, para o momentoso caso.

D. Henrique expoz em breves palavras o fim da reunião, contando as offensas do rei de Portugal.

Depois d'isso, concluiu que desejava a guerra, que era preciza e que lhe parecia o melhor momento para uma nova tentativa da conquista de Portugal.

Nenhuma voz se ergueu para contrariar a opinião do moço rei, ou fosse que todos concordassem com elle, ou que, não concordando, alguns achassem inutil uma opposição que seria vencida.

O certo é que se decidiu a guerra, por unanimidade de votos.

Estavam todos os nossos conhecidos frequentadores dos salões da condessa de Mayorca e, a mais, alem de muitos senhores de menos representação, o Mestre de Santiago fronteiro do Alemtejo, o Condestavel Ruy d'Avallos, o commandante da frota castelhana que viera de Sevilha com o rei, e ainda, para não esquecer, o conde Martim Vasques da Cunha, João Affonso Pimentel e outros poderosos fidalgos da Beira.

D. Henrique expoz a sua opinião rapidamente e pediu depois que se combinasse o plano do ataque.

— Para se ver a melhor maneira de proceder exclamou D. João Tenorio, é preciso vêr a situação actual de Portugal.

— E necessario.

— Saber quaes as forças de que dispõe, onde e como estão.

Ninguem melhor nos poderá ensinar do que o conde Martim Vasques.

— Assim é conde Martim, disse o rei; querereis ter a bondade de nos informar?

O conde, inclinando-se um pouco, respondeu:

— Meu senhor com a melhor vontade.

As forças de Portugal estão hoje diminuidas de metade do que estavam nos tempos de Aljubarrôta.

— Devem estar, disse alguem.

— O rei D. João terá ás suas ordens uns quatro mil homens com que cerca Tuy; o condestavel está socegadamente em Evora, sem pensar em guerra.

— Mas se o rei está combatendo?... observou D. Henrique...

— O condestavel está quieto, continuou o conde; e, está assim porque elle e o rei se não entendem bem, n'este momento.

— Será vantajosa para nós essa desunião; aventou o arcebispo de Toledo.

Pode sêl-o; confirmou o conde. O paiz, de resto está cançado e desejoso de paz.

Desejoso e necessitado, confirmou Affonso Pimentel.

— Ao Norte temos pois o rei com a maior força de que pode dispôr. As Beiras estão completamente á nossa mercê, porque já o provei invadindo-as eu só com os meus homens e chegando até Vizeu, que tomei e e incendiei; o Alemtejo, onde está Nuno Alvares Pereira, será defendido por elle.

— Qual a sua força? perguntou o rei.

— Poderá arranjar o maximo de dois mil homens d'armas, mas com tempo.

O conhecimento das forças portuguezas não deixou de animar os castelhanos.

Eram realmente diminutas e sobretudo más; porque a não serem os poucos homens d'armas dos fidalgos, o resto de peonagem, era escolhido ao acaso, quasi á força, no momento, e recrutado entre camponios bizonhos, gente pouco acostumada á guerra e pouco habil no manejo das armas.

Pela rapidez como se poderia fazer a invasão, não se deixaria tempo aos portuguezes para pedirem auxilio que pudesse vir-lhes de Inglaterra.

Assim a, sós, entregues aos recursos proprios, uma invazão rapida e feita com um numero superior de homens tem todas as probabilidades de bom successo.

— Assentemos aqui, disse o rei, como se fará o ataque.

— Parece-me, disse D. Diniz, que até ahi se conservara silencioso que a melhor maneira de vencer será a de dividir os ataques.

— Como assim?

— Fazendo com que tenham de combater, isoladamente, o rei e o condestavel.

Alguns approvaram a opinião do infante, com calor.

Todos sabiam que a alma do rei era o condestavel. Que sem este o rei nunca fizera coisa alguma notavel.

Ao contrario, raras emprezas lhe tinham sahido prosperas.

— Para o conseguir, continuou D. Diniz, a melhor maneira de proceder será o dividirmos o nosso ataque por tres pontos: o Norte, a Beira, o Alemtejo.

No Alemtejo teremos preso o condestavel, que não poderá soccorrer o rei que está na Galliza.

As Beiras abertas e nossas premittirão a entrada facil até ao coração de Portugal, até Lisboa.

O plano era tão bem concebido e tão razoavel que todos, á uma, concordaram na sua excellencia.

D. Henrique, tomando a palavra, disse:

— Parece-me que todos acceitam a opinião de D. Diniz.

A mim me parece tambem de uma grande vantagem o seu plano.

Resta, agora, determinar os commandos.

— Se me daes licença? disse o arcebispo de Toledo.

— Falae, disse o rei.

— Os commandos estão indicados.

O Mestre de Santiago deverá commandar as tropas da Estremadura e invadir o Alemtejo.

O conde Martim Vasques invadirá a Beira; Ruy d'Avallos, o condestavel de Castella, irá atacar El-Rei na Galliza e obriga-lo a descercar Tuy.

Diogo Hurtado, o almirante, atacará Lisboa por mar com a esquadra.

— E, eu? disse o rei, esquecei-vos de mim?

— Senhor, não é prudente arriscardes a vida ainda agora.

— Porquê?

— Porque não tendes successor, filho, nem irmão.

A assembleia approvava o arcebispo.

— Não ha necessidade, dizia D. Pedro de Trastamara, de que vos exponhaes na vossa edade.

Seremos bastantes.

D. Henrique, porem, exclamou:

— Haja ou não, sou o rei de Castella e não me eximirei a ir correr os mesmos perigos que os meus vassallos.

— Com a morte não se deve contar quando se governa, porque é preciso antepôr a todas as considerações os deveres da honra do cargo que se desempenha.

Embalde tentaram fazel-o despersuadir de entrar na guerra.

D. Henrique terminou, de repente, dizendo :

— Senhores, hei-de ir ; e, como me compete defrontar-me, por ser rei, com el-rei de Portugal, irei, com D. Ruy d'Avallos, apprender a pelejar.

Todos perceberam que a vontade do rei era inabalavel e não teimaram mais.

CAPITULO XV

Amûos

Porque estavam de mal o rei D. João e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira?

Que má semente de despeito germinava entre os dois, tão amigos?

O que pudera levar o rei a indispôr-se, ou melhor, a indispôr contra si o seu braço direito, a sua melhor espada, o seu irmão d'armas?

Foi o caso assim:

Nuno Alvares achava-se, no fim da guerra — tinha-se feito, depois de Valverde, uma paz de onze annos — immensamente rico.

Tinha o mais alto cargo de Portugal e a maior casa, que se constituira, com quasi metade do paiz.

As doações tinham sido tantas, que a elle proprio espantavam, no final.

Assim, tinha tres condados: o de Ourem, o de Barcellos e o de Arrayolos.

Tinha os senhorios de Braga, Guimarães, Montalegre, Porto de Moz, Ourem, Almada, Montemór-o-Novo, Arrayolos, Evoramonte, Estremôz, Borba, Villa Viçosa, Souzel, Alter do Chão, Monsaraz, Portel e Loulé.

Tinha infinitas rendas e reguengos nos logares chãos.

O alto Minho, o Alemtejo e Traz-os-Montes pertenciam-lhe.

Chegou a dizer-se que D. João I pactuara com elle, n'uma vez, o dividirem ao meio, metade para cada um.

Talvez cançado, talvez desilludido, por pequenas luctas cortezãs aborrecido, o condestavel começou a pensar em retirar-se da vida activa e a voltar os olhos para aquelle mundo ideal da imaginação mistica onde vão embrenhar-se todas as almas qui viveram muito na terra e que não teem na consciencia uma luz que os guie até ao fim.

O condestavel resolvera, pois, retirar-se dos negocios publicos, entrar na disponibilidade, como se diria hoje.

Antes, porem, quiz despedir-se galhardamente de todos os seus

Quiz premiar todos os serviços e todas as dedicações que durante o longo periodo da guerra o tinham acompanhado e voltando os olhos para os seus companheiros, que eram quasi pobres, começou a distribuir por elles os seus bens, as suas rendas, as suas villas, as suas terras.

Os seus crédores primeiros foram os seus companheiros da guerra, os seus socios das batalhas.

Creára a sua hoste no momento em que o vimos largar de Coina para Setubal, na campanha que o levou á victoria dos Atoleiros, inicio da sua epopeia.

Elles, os da hoste, na maioria estavam pobres e elle riquissimo.

Como que se envergonhava de tal disparidade.

Com este sentimento começou a distribuição.

Quando fôra das dadivas do rei ao condestavel, a inveja, o ciume de tantos bens e de tantas riquezas despeitara muitos.

Os Cunhas da Beira tinham sido d'esses.

Os Cunhas e muitos outros cujos despeitos tinham elles tido a força de occultar.

Agora, a generosidade do condestavel irritava-os, novamente, pela inveja.

Tal exemplo de desprendimento humilhava a maior parte dos fidalgos.

A munificencia fazia o principe: elevava-o de vassallo ás altas espheras dos thronos.

Aos corações mesquinhos a generosidade afflige, como uma nota falsa e usada.

Assim se despeitaram de D. Nuno.

João das Regras, o sagaz doutor, o émulo teimoso e terrivel do condestavel em todo o periodo das suas façanhas e victorias, discordava das graças.

Ao lado d'elle o bando dos legistas appoiavam a opinião do grão doutor e o seu conselho fez ouvir a D. João a sua voz de repprovação.

A legislação nova era contra taes processos de propriedade e o rei teve de concordar com os seus homens de leis.

Nuno Alvares, fulo, perguntava:

— Quem tem o direito de me prohibir que dê aquillo que é meu?

O que tenho pertence-me por dadiva do rei a quem dei um throno; quem ousará disputar-me a faculdade de o alienar, como quizer?

E, Nuno Alvares o homem dos tempos cavalheirosos que findavam para darem logar á diplomacia, não comprehendia a evolução que em seu tempo se preparava.

Esta lucta de idéas descreve-a Herculano, no *Monge de Cister.*

«A lucta da nobreza para defender a propria existencia, como corpo politico, offerece durante um longo curso de annos, o espectaculo de continuos desbaratos d'uma casta, que pelas riquezas, pelo numero, pelo valor e pelas memorias do passado parecia dever assombrar perfeitamente o throno e conservar as classes inferiores na servidão.

Este phenomeno que terminou pela ruina completa da fidalguia no tempo de D. João II, singular ao primeiro aspecto, tem significação facil.

Era uma necessidade para o progresso da civilisação; resultava do modo de ser da sociedade.

João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor o combate, definil-o claramente e apressar o seu desfecho.

Eram em grande parte as circumstancias que punham em relevo o genio incontestavelmente superior do chanceller e que lhe deram na historia um alto logar entre os estadistas eminentes.

Posto que aos nobres não faltassem chefes habeis, nem ousadia para sustentarem os seus privilegios, nem finalmente esse instincto que se dá nos corpos collectivos do mesmo modo que nos individuos, existiam dois factos que lhes invalidavam os meios de existencia, contra os seus adversarios — os conselhos e os juristas.

Esses dois factos eram, por um lado, a falta de uma opinião fixa e uniforme entre elles ácerca da questão de dynastia e de independencia nacional e por outro a persuação commum estribada em mil exemplos, de que a paz, a justiça e a liberdade só podiam preponderar pelo triumpho completo do rei contra as classes privilegiadas.

O papel de uma grande parte das mais nobres familias, na grave questão da independencia que a morte de D. Fernando suscitara, não fôra nem a do patriotismo, nem a da lealdade.

Os calculos interesseiros, as ligações de linhagem tinham tomado passo, entre essas familias, a todas as outras considerações.

Muitos fidalgos seguiram a parcialidade de Castella porque a fortuna parecia dever inclinar-se para aquelle lado.

Muitos esperavam o desfecho da contenda conservando-se n'uma situação dubia.

Muitos ainda depois das victorias do Mestre de Aviz, ao primeiro capricho não satisfeito, á primeira pretenção desprezada, não duvidavam da derrota dos estandartes sacrosantos da patria, para virem combater contra ella, á roda dos pendões estrangeiros.

Depois por desgosto com o principe castelhano, voltavam novamente ao serviço do seu rei natural, que haviam abandonado.

A consequencia d'este proceder contraditorio, d'esta fluctuação de opiniões era o enfraquecimento da força moral e ainda material da casta privilegiada.

Por outro lado a revolução que collocara no throno o bastardo de D. Pedro I, fôra uma revolução popular.

O povo entrara pelos paços, creara na unidade, no pensamento, no enthusiasmo ardente e no habito do triumpho uma força nova.

Os reis interessavam-se pela força dos conselhos em que se appoiavam, contra a aristocracia.

Para acabar de destruir a preponderancia e até o equilibrio dos elementos politicos, a penna do jurista, mais pezada do que o montante do soldado, porque representava a intelligencia, achava-se na balança do lado do sceptro.

A sciencia do direito romano, na incontestavel superioridade das suas leis, perante as rudes e incompletas usanças tradicionaes da edade media tinham deslumbrado os homens que a estudavam.

Foi ella que trouxe o absolutismo ás nações cuja indole politica era de origem germanica e liberal.

No regaço da ordem, da equidade, da harmonia nas relações da vida commum, passou aninhada a tyrannia simples e culta, a tyrannia de um só, substituta da de muitos, a tyrannia respeitadora do meu e do teu, vingadora de crimes, grandiosa e illustrada, mas implacavel contra aquelle que dissesse «o pensamento e a lingua do homem são livres» e que se atrevesse a suspeitar que a realeza fôra uma delegação humana e não um symbolo da omnipotencia de Deus.

D'este modo a alliança triplice da unidade monarchica, da sciencia e do principio de associação, cuja voz mais bella, mais energica, mais vivaz tem sido e será sempre o municipio, era uma coalisão que se tornava em toda a Europa cada vez mais ameaçadora para a casta privilegiada.

E' por isso que apesar de tantos caracteres elevados, e de tantos homens valentes e cheios de amor da patria, que então surgiram das fileiras aristocraticas; apesar da indole cavalheirosa de D. João I, das riquezas da fidalguia e das instituições e costumes, que, recordando a todo o momento o poder dos antigos ricos-homens deviam dar immensa força material e moral aos seus descendentes,— a decadencia da nobreza como elemento politico era rapida e decisiva.

O cyclo da monarchia absoluta mandava já do Oriente os seus primeiros clarões.

A Providencia assim o ordenava, e o combater e o estrebuxar do privilegio, que queria viver de vida propria, era vão, porque não podia chegar a uma causa final, e faltava-lhe apenas um seculo para se tornar impossivel.

João das Regas era o raio da triplice alliança; era o homem da edade juvenil.

O legista, alma rasteira, astuta, proveitosa, e talvez negra, levava de vencida o mais illustre homem de armas de Portugal, alma grande, leal, generosa e poetica.

Transportada a questão do complexo social para o individuo, a verdade é que o máu triumphava do bom, a velhacaria de franqueza.

Quantos tolos perguntariam na sinceridade da sua parvoice:

Onde está a justiça e a providencia de Deus?

D. João que tinha a maior amizade ao seu valente condestavel, como rei inclinava-se para o lado de João das Regas, e partilhava os seus principios politicos, que se cifravam todos no accrescimo do poder real.

Nos ataques do seu ministro contra a nobreza pedia-lhe sempre para que respeitasse o condestavel.

João das Regas não ouvia este aviso.

Nuno Alvares dando as suas terras em prestamos, ou fóros, creava em Portugal uma especie de feudalismo, cerceando os bens da Corôa. Haveria dois reis?

O altivo condestavel não percebia, não via isto.

D. João I porem via-o claramente, elucidado por João das Regas sempre prompto a desagradar a D. Nuno.

Não queria, porem, ser desagradavel, ao seu irmão de armas e resolveu, imaginando ser um meio conciliador, comprar aos fidalgos obsequiados as terras com que os presenteara o condestavel.

Este é que não comprehendia tal medida, irritou-se e resolveu ir á côrte.

*
* *

D. João recebeu-o carinhosamente como sempre.

O condestavel feitos os cumprimentos disse a que ia.

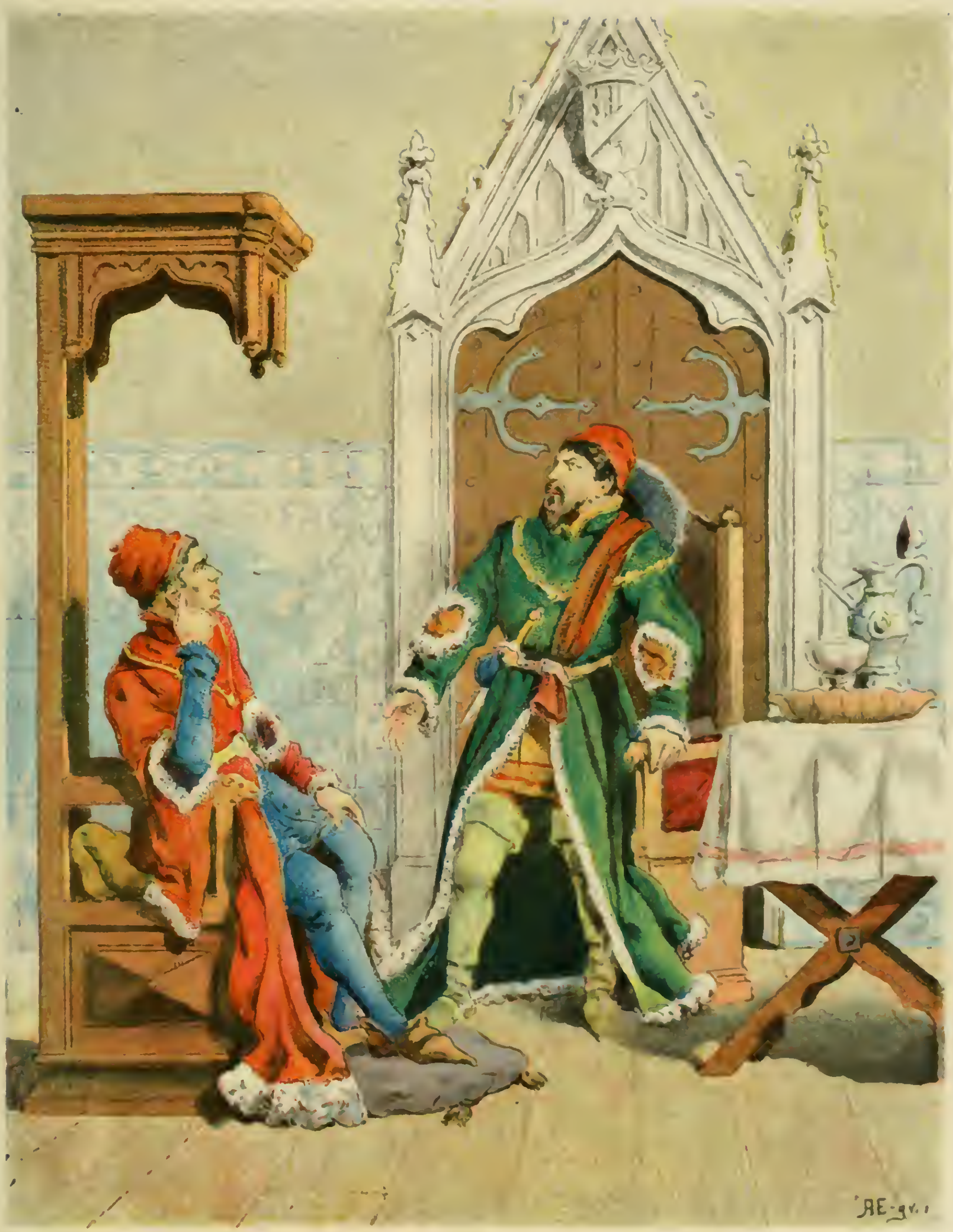
O rei respondeu-lhe com a opinião de João das Regas.

Disse-lhe que por sua opinião convocara os fidalgos para o paço de Sena e ahi lhes propuzera a compra ou o resgate de muitas doações que fizera, precipitadamente durante a guerra.

Nuno Alvares replicou:

— Tambem recebi o vosso convite e como viste, não fui.

— Porquê? perguntou amavelmente o rei.



Porque razão sendo meus, não posso dispôr d'elles como me aprouver?

Se fosse, se tivesse annuido ao vosso convite, não teria coragem de vos regeitar a proposta.

E, então?

— Ficariam sem valor, annuladas as doações que fiz, com todo o meu direito.

Voltando-se para D. João perguntou-lhe altivo:

— Não é certo que são meus os bens que possuo, porque m'os déstes em paga dos meus serviços?

— Decerto disse o rei.

— Grandes ou pequenos, continuou o condestavel, como foram, aprouve-vos recompensal-os, como quizestes. Por que razão sendo meus não posso dispor d'elles como me approuver?

— Tendes razão, replicava o rei; podeis dar o que é vosso: a fórma é que porem é inadmissivel, hoje.

— Porquê?

O rei replicava; mas o condestavel não comprehendia as subtilezas das novas victimas, percebendo, apenas, que só a maldade, ou a inercia, se combinavam contra elle, para o desgostar e para o guerrearem nos seus intentos.

E, concluia:

— Do que dei não posso dispôr já; do que me resta tambem não.

Reservei o bastante para viver. Estou em paz commigo, com os homens e com Deus.

Mudar, alterar o que eu fiz é um desdoiro para mim: como tal o tenho.

As boas palavras de D. João não puderam nem vencer, nem ao menos convencer o seu Condestavel, que partiu triste e aborrecido.

O rei, no emtanto, começou a expropriação por alguns fidalgos, entre os quaes Martim Vasques da Cunha, que era sogro de João das Regras.

Os outros foram João Fernandes Pacheco e seu irmão Lopo.

Depois de receberem o dinheiro, respeitados, todos elles passaram para Castella.

Nuno Alvares partiu de Santarem, onde falara com o rei, e foi para Porto de Moz e de lá para Extremôz, onde chamou os seus homens.

Reunido o seu exercito, disse-lhe como o rei lhes queria tirar as terras que lhes havia dado e como perante tal affronta resolvera sahir do reino, ir-se.

Quem quizesse, fosse com elle.

Não foi preciso mais nada para todos resolverem acompanhal-o. Dito e feito, largaram para Portel direitos á fronteira, depois de repartidas as provisões e o dinheiro que havia.

No dia seguinte, o rei soube-o.

Ao sabel-o, altamente impressionado, chamou Ruy Lourenço, deão de Coimbra e mandou-o atraz do Condestavel.

Mandou-lhe dizer que voltasse, que tudo se arranjaria.

O deão demorava-se, o rei mandou atraz d'elle o Mestre de Aviz, Fernão Mendes de Siqueira e logo apoz o bispo de Evora.

A todos Nuno Alvares recebeu friamente.

A tudo o que lhe diziam, respondia:

— Hei de pensar n'isso. Não vos incommodeis. Do que resolver avisarei El-Rei, nosso senhor.

Os embaixadores voltavam todos com a mesma resposta e D. João cada vez se preoccupava mais com a idéa da sahida do seu Condestavel, do reino, tão propria a grangear-lhe censuras.

O caso, se era feio, tornou-se temeroso com a seguinte nova.

Em Castella, o rei preparava-se para invadir Portugal.

Já assistimos ao desenrolar de todas as peripecias da determinada invasão.

Já vimos até, como uma das razões da escolha, era o facto muito das desintelligencias entre o rei e D. Nuno Alvares Pereira.

A' noticia, o rei tremeu.

Nova guerra com Castella e sem o Condestavel, era caso mais do que serio.

Era preciso agarral-o, fosse como fosse, e mandou de novo embaixadores.

Se elle teimasse? Se não voltasse?

— Aqui, salvou-o a alma nobre de Nuno Alvares, incapaz de uma vingança.

Soubera tambem da noticia.

Bandear-se com o castelhano? Nunca!

O grande Nuno Alvares não pertencia á raça dos «condotieri», dos Cid e tantos outros heroes medievaes que batalhavam cada temporada por um principe.

O seu rei, apesar de tudo, era e seria sempre D. João I.

O seu paiz, a sua terra, a terra de Portugal.

Perante a patria ameaçada não havia despeitos nem zangas.

Perigava a independencia do reino, que a sua espada, sempre gloriosa, trabalhara e libertara definitivamente, Nuno Alvares não tinha outro dever senão transigir, não sahir do paiz, mas bater-se por elle, sempre, até á morte!

E manda logo emissarios, com plenos poderes, a seu tio Martim Gonçalves e a Lopo Gonçalves, de Estremoz.

Encontraram-se no Porto com os emissarios do rei e o conflicto liquidou-se, rapidamente, como era preciso.

E combinou-se que:

As doações de juro e herdade não seriam expropriadas; ficariam a quem o Condestavel as dera; mas nos prestamos transferidos, os detentores constituir-se-hiam vassallos directos da corôa, sem a suzerania intermediaria do Condestavel.

Nuno Alvares acceitou.

Via confirmadas as doações que fizera, o que para elle era o essencial, porque não lhe negavam o direito de dar e João das Regras conseguia os seus fins.

Não era tudo o que o doutor queria, mas que remedio?

Estava eminente uma segunda guerra e outra vez iam ser precisas as espadas d'esses homens rudes e vaidosos, cheios de ambição e ignorantes das leis.

O que se havia de fazer?

O rei de Castella aprompiava o seu exercito e era preciso ter quem lhe sahisse ao encontro.

Mal sabia elle que, quando entrasse pela Beira, por mais apressado que tivesse andado nos preparativos bellicos, a paz reinaria já entre o rei e o seu assomado amigo.

⁂

CAPITULO XVI

Alegrias

Na noite immediata áquelle em que o conselho decidira, por unanimidade, a guerra, El-Rei fez publicar a desistencia da rainha D. Beatriz a favôr do infante D. Diniz.

O caso fez impressão em alguns fidalgos a quem os iniciados no segrêdos do artificio se apressaram a illucidar.

Nos salões de D. Beatriz, a formosa condessa, reunia-se n'essa noite, tudo o que em Tordesillas havia de nobre e distincto.

Os homens para poderem communicar uns aos outros as suas ideias sobre a nova lucta, as suas esperanças e as suas tenções, as mulheres para saberem as noticias completas do que se projectava.

Não faltou Leonor Telles, cada vez mais admirada e agora ainda levantada pela amizade do rei, que todos sabiam que lhe dedicava uma grande sympathia e admiração.

Dizia-se, até, na ignorancia em que estavam do caracter do rei, que fôra ella quem o impellira e levara a praticar os arrojados actos da ceia e da conferencia, no castello.

Não era verdade; mas não é menos certo de que a crença na influencia de Leonor Telles era muito acceitavel, porque a ousadia e ao mesmo tempo o bem combinado d'ella, parecia uma das manifestações do caracter audaz e reflectido de Leonor Telles.

Campeava, pois, n'essa noite, mais admirada rainha, nos salões da sua amiga.

Nos grupos animados dos homens discutia-se a guerra, o resultado provavel, as probabilidades da victoria, as recompensas.

As mulheres não menos interessadas, reclamavam que lhes dissessem os planos, o numero provavel dos homens d'armas, as forças dos portuguezes, como fariam o ataque, quaes as recompensas promettidas pelo rei. .

D. Diniz era alvo de felicitações pela idéa que tivera — que não tivera, afinal — de se fazer pretendente e prophetisavam-lhe já o momento em que a corôa de Castella lhe devesse o seu mais bello florão.

Leonor Telles animava até á loucura o arcebispo D. Pedro Tenorio deixando-o antever na consolidação da victoria uma recompensa digna da sua longa dedicação e dos seus altos extremos.

A seguir, ao acercar-se d'ella D. Pedro de Trastamara dizia-lhe, carinhosamente:

— Já viste um maçador como este arcebispo?

— Porque o não affastaes? dizia D. Pedro, com emphase.

— Ainda não, explicava a rainha. A guerra não começou.

E' preciso que comece e que acabe. O arcebispo é um poder meu caro D. Pedro, um grande poder que é preciso não desprezar; antes aproveitar cuidadosamente, até ser preciso.

Como D. Pedro fizesse como que um gesto de incredulidade a rainha replicou:

— Devo-lhe muito.

— Muito?

— Tudo, quasi. Foi elle que serviu para o começo da minha preponderancia. Foi elle que exaltou por toda a parte as minhas qualidades.

Não o sabieis?

— Sei.

— Achaes pouco? Um arcebispo! Um homem de egreja e um homem de guerra; fidalgo, poderoso e respeitado ainda pelo valor... fazendo publicamente o elogio de uma mulher, vae pouco a pouco creando ao redor d'essa mulher uma auréola de bondade e de valor.

Fez esquecer o terror que pairava em volta do meu nome. Devo-lhe uma ressurreição, disse Leonor Telles, com a voz levemente ironica.

Como D. Pedro ficasse silencioso, a rainha mudando de conversa disse-lhe:

— Mais uma vez a guerra? Espero que será a ultima em que terás de entrar.

— Porquê?

— Tenho a certeza de que esta será a derradeira entre Castella e Portugal.

— Conforme o resultado.

— Seja qual fôr, disse a rainha. Se Castella vencer, por longos annos Portugal não poderá levantar a cabeça, se é que haja de pretender levantal-a, mais tarde.

Se Portugal vencer, Castella terá de passar, tambem, longos annos primeiro que possa libertar-se do estado em que ficará.

Teremos, acreditae-me em breves mezes uma longa e reparadora paz.

Em qualquer das hypotheses, concluiu a rainha, a minha vida cahirá no repouso que desejo e que coisa alguma no mundo poderá quebrar.

E, como D. Pedro a olhasse, sem comprehender claramente o sentido das palavras, Leonor Telles inclinando-se para elle, a não poder ser ouvida dos que estavam mais proximos, segredou-lhe com aquella voz magnetica que ella timbrava tão docemente:

— A teu lado!

Passou pelo coração do conde uma onda de sangue dôce e encostando-se mais ao espaldar da cadeira, curvou-se sobre o collo branco da rainha e pediu-lhe que repetisse mais uma vez a phrase dulcissima.

A rainha galantemente accedeu e esse bravo e generoso rapaz vogava n'aquelle mar de felicidades tanta vez entrevistas, que Leonor Telles lhe promettia encontrar ao alcance da mão, quando victorioso, voltasse de Portugal, pedindo-lhe o cumprimento da sua palavra.

*

* *

Em outro lado, D. Diniz quasi que offerecia á condessa de Mayorca a corôa portugueza e esta com uma condescendencia digna de louvor dignava-se acceital-a.

Apenas uma condição propunha ao novo rei: era a de não se separar, nunca, de Leonor Telles, de a levar a viver comsigo para Portugal, para o mesmo paço, porque a bondosa rapariga não se podia separar d'ella.

Mestra e discipula eram da mesma força.

Reinava pois uma verdadeira alegria nos salões da bella condessa.

Leonor Telles via approximar-se a hora da sua vingança, tanta vez falhada.

O arcebispo e D. Pedro de Trastamara a hora da sua felicidade nos braços da rainha.

D. Affonso e D. Diniz acreditavam ser, em breve, os noivos da gentil condessa de Mayorca.

Os fidalgos hespanhoes viam proxima a hora da desforra dos Atoleiros, de Aljubarrota e de Valverde.

Os Cunhas, o Pimentel, os Pachecos Pedro e Diogo e ainda outros fidalgos portuguezes que alli estavam, sentiam chegado o momento de causar serios desgostos ao Mestre de Aviz.

Em todos aquelles peitos havia, pois, um verdadeiro motivo para o contentamento. O sarau era um sacrario de prazer.

CAPITTLO XVII

A doença do condestavel

Passavam os factos atraz relatados, em pleno inverno, em novembro de 1397.

Em breve cada um dos capitães que o rei chamara foi caminho das suas terras, preparar-se para a guerra, de modo a acharem-se promptos á ordem do rei.

Em Portugal o rei tratava tambem apressadamente de se precaver contra a invasão.

Nuno Alvares trouxera, n'essa occasião, para Evora, sua mãe e a filha.

A mulher morrera-lhe.

Vinha descançar um pouco; o descanço porém não foi grande porque cahiu doente.

Estava na força da edade, teria os seus trinta e oito annos e todavia, os ultimos desgostos enchiam-no de aborrecimento.

Cahiu em misantropia, n'umas irritações constantes, n'um desprezo quasi absoluto por todas as coisas.

Assaltou-o em breve uma dôr intermittente, que o assaltava de subito com uma força brutal.

Tinha accessos febris então, nauseas, flatulencias.

Vinham-lhe frios, depois suores, depois uma grande prostracção.

Nos paroxismos da dôr contorcia-se, gritava, chorava, ora cahia em collapso prolongado, ora batia o ar e os moveis em accessos de epilectico.

A filha e a mãe choravam-lhe aos lados, sem poderem alliviar-lhe o soffrimento.

Os physicos de Evora, já sem saberem o que haviam de fazer, aconselhavam-lhe:

— Vá para Lisboa.

O doente não se resolvia, mas a doença não minorava.

Afinal resolveram-n'o, e um dia a mãe e a filha, Gil Ayres, seu escrivão e todos que o cercavam com uma sollicitude de filhos, trouxeram-n'o em umas andas para Lisboa.

Quando chegaram a Palmella, tiveram de parar porque o doente não aguentava a viagem.

Hospedaram-se na quinta de Alfarara.

O povo de Setubal, quando o soube, correu lá a visital-o.

Ao saber a que vinham tantos homens, o Condestavel n'um dos seus accessos de furia, mandou:

— Corram-nos a pau; não quero vêr ninguem.

A doença transtornava-o.

Para o serenar, Gil Ayres tomou de um pau e foi ao pateo fingindo que expulsava os visitantes.

Quando voltou, D. Nuno mais socegado, perguntou-lhe:

— Que fizeste?

— Fui pôl-os fóra.

— Bateste-lhes?

— Pudera.

Então o Condestavel afflicto, redarguiu-lhe:

— Isso é uma cobardia, bater em homens bons.

O escrivão serenou-o, dizendo que fingira, apenas.

Então, elle, rindo-se para a mãe e para a filha, pediu de comer.

N'estas crises se passaram os dias.

Foram lá os physicos melhores de Lisbôa, os do proprio rei.

A doença, porém, foi sempre rebelde aos tratamentos — que taes seriam! — e só depois de tres mezes começou a declinar.

Logo que elle se sentiu com forças de supportar a viagem, trouxeram-n'o para Lisboa.

No fim da doença estava, porém, fraquissimo.

Este estado affligia-o, sabendo que o rei andava em guerra pela Galliza e que elle não o poderia ajudar.

Foi, porém, enrijando lentamente e logo que se sentiu melhor resolveu, de novo, partir para Evora e para lá foi, pelo caminho de Alcacer.

Diz-se que quando atravessava uma charneca para experimentar a força do pulso, se apeou, raceou de uma faca e pôz-se a cortar matto.

Cortava lindamente.

Voltava-lhe a força, já podia mover uma lança... a coisa ia bem.

* * *

CAPITULO XVIII

As invasões

O rei, como se sabe, estava na Galliza cercando Tuy.

Nuno Alvares convalescia rapidamente.

Em Castella, com a entrada da estação do verão, em vista dos pedidos incessantes dos cercados de Tuy, o rei Henrique resolvera apressar a investida contra Portugal.

Foi o exercito de Ruy d'Avallos, no qual ia o proprio rei Henrique, o primeiro que entrou em marcha, dirigindo-se a Tuy.

O Condestavel soube-o e soube ao mesmo tempo que o exercito do Mestre de Santiago, forte, de quinze mil homens, se preparava para lhe invadir a fronteira.

Então, todos os symptomas da doença, desappareceram por encanto.

Rapidamente voltou o vigor e a actividade.

Chamou os seus homens, que perfizeram uma força de dois mil e tresentos cavallos e cinco mil de pé.

A esse tempo tinham-se já reunido ao Mestre de Santiago, D. Pedro Ponce de Leão, D. Alvaro de Guzman e Martins Fernandes Portocarrero.

Os exercitos juntos formavam um todo de dez mil homens de pé e de cavallo.

Como era costume cavalheiroso do tempo, logo que se julgou prompto para pelejar, o Condestavel escreveu ao Mestre de Santiago:

Senhor e amigo

Eu, Nuno Alvares Pereira, conde de Barcellos, de Ourem e de Arrayollos e Condestavel por meu senhor El-Rei de Portugal e seu mordomo-mór me encommendo á vossa graça.

Foi-me dito que estaes ajuntando gente para invadirdes fronteira a que me compete guardar; a mim me apraz que sejaes como sois, bem preparado, porque a não ser a doença, de ha muito vos tinha ido procurar.

Agora, melhor, graças a Deus, prestes vos procurarei com os meus, se antes não quizerdes desistir de me vir incommodar e incommodar-vos vós mesmo com o calor que por aqui faz.

Escusae-vos d'esse trabalho, porque vos affirmo que hei de estar aonde estiverdes e em menos tempo do que o que gastareis em vir.

E para não allegares ignorancia e para vos precaverdes como melhor poderdes, vos dirijo esta.

Escripta em Evora aos dezesete dias do mez de julho de mil quatrocentos e tantos annos (1398).

Como se vê, o Condestavel era tão forte em desafios como fraco em chronologia.

Não respondeu o Mestre de Santiago e limitou-se a dizer ao arauto que levava a carta:

— Dize a teu amo que venha quando quizer.

Recebido o recado, Nuno Alvares foi por Extremoz até junto ao Guadiana, onde pernoitou.

No dia seguinte passou-o, já em ordem de combate: na vanguarda elle, como sempre, com o Goes, na retaguarda o almirante; Martim Affonso de Mello n'uma das alas, na outra Gonçalo Annes de Abreu.

Seguiram contra Villalba, que era do filho do Mestre de Santiago.

Internados umas quinze leguas, acamparam.

Os inimigos, que tinham apparecido, não ousavam defrontal-os e limitaram-se a seguir-lhes a marcha pelos altos.

Nuno Alvares, que não perdia de olho os oiteiros, descobriu uns pontos brancos no matto de uns montes.

— Que vos parecem, perguntou, aquellas casas brancas n'aquella serra?

— Senhor, responderam-lhe, são tendas.

— Não são; são pedras.

Irritado, o condestavel replicou:

— Estou admirado de mim mesmo!

— Porquê, senhor?

— Porque vos não mando cortar as cabeças.

— Porque motivo?

— Não o vêdes?

Estarem os meus inimigos tão perto de mim e não o saberdes para m'o dizer.

Cuidado! não vos aconteça outra.

Tempo depois chegou um mensageiro do Mestre de Santiago.

O condestavel estava, no campo, sentado n'um almafreixe, quando lh'o trouxeram á presença.

— Quem sois e o que quereis?

— Senhor, disse o arauto, joelhando, o Mestre de Santiago, meu senhor, o Mestre de Calatrava e mais senhores e cavalleiros que com elle estão, alem, na Feira, d'aqui a legua e meia, vos mandam dizer que vos apresteis para a batalha, porque elles estão promptos.

— Sêde bem vindo com taes novas, disse o condestavel... e reenviou o emissario.

Isto era a um sabbado; na segunda feira partiram caminho da Feira.

Enviou adeante um escudeiro a participar a marcha.

Em resposta veio um outro do campo inimigo a participar que o Mestre de Santiago o esperava.

— Onde?

— Lá no alto?

— No castello?

Que engraçado que era o Mestre de Santiago?

O combate era, alli, em campo razo, no valle de Almêda, onde estavam.

— Eram escusados mais recados, disse Nuno enfadado; se queriam combater, se não tinham medo, descessem e combatessem.

Acamparam, esperando, segunda e terça feira; mas o inimigo não apparecia.

Vendo que perdia o tempo Nuno Alvares avançou até á raiz do monte onde poisava o castello e intimou o desafio.

O Mestre de Santiago respondeu-lhe que o não deshonrasse mais: estavam bem encurralados...

Nuno Alvares seguiu para o sul, para Zafra, escaramuçando sempre, devastando as terras do Mestre de Santiago, arrazando e queimando os olivaes.

Largaram, logo, na propria quarta feira contra Burgillos, onde o inimigo tinha setecentas lanças.

Nas barbas do Mestre de Santiago, como se estivera em sua terra, fez o condestavel, no arraial, uma procissão do Corpo de Deus

Quando chegaram a Jerez de los Caballeros, encontraram-se com o Mestre de Santiago commandando todas as forças que trouxera da Feira.

Esperou Nuno Alvares o ataque e vendo que não ousavam atacal-o continuou seguindo.

Desceu por Barcarota e Villa Nova, junto a Olivença, onde esperou ainda tres dias o inimigo, que não veio, e passando a fronteira em Juromenha, chegou a Villa Viçosa.

*
* *

Chegado alli recebeu ordem do rei chamando-o a Tuy onde as forças castelhanas o ameaçariam em breve, pois que as forças eram commandadas pelo proprio rei e Ruy d'Alvalos.

Partiu Nuno Alvares para Evora e ahi soube que uma armada castelhana demandava o Tejo.

CAPITULO XIX

Execução do plano

As tres novas, a do ataque ás forças de D. João I em Tuy, a invasão da Beira por D. Diniz, a invasão do Alemtejo pelo Mestre de Santiago, a entrada da esquadra em Lisboa, não nos admiram a nós.

Fôra o plano combinado, como vimos, em Hespanha, por suggestões de Leonor Telles e posto em acção com a melhor boa vontade e presteza.

Fôra em maio que a combinação se fizera e já em principios de julho, cada um dos capitães indicados chegava ao logar do destino na fronteira; o rei perto de Tuy, a frota entrava o Tejo.

O momento para Portugal, para D. João I, para a monarchia era verdadeiramente critico.

Talvez como nunca o fôra, nem com as conspirações de Leonor Telles, nem com as intrigas de D. João I de Castella, nem com os exercitos do pae, o valoroso e experimentado D. Henrique.

A collaboração dos fidalgos portuguezes, os Vasques, os Cunhas, os Pimenteis, não fôra sem razão, n'este bem combinado plano de ataque.

Melhor do que nenhuns outros elles conheciam a força de Portugal, os seus lados fracos, a maneira de poder ser dominado e vencido.

As suas indicações tinham sido preciosas e, com razão, immediatamente aproveitadas.

Assim, tendo-se combinado para os começos de Julho a invasão simultanea, preparados os tres corpos de exercito e a esquadra, veremos o que lhe aconteceu, em breve.

◆

CAPITULO XX

Ultimas caricias

Era proximo o dia da partida.

O rei e Ruy d'Avalos tinham feito concentrar em Tordesillas a maior parte das forças.

O infante D. Diniz, com o conde Martim Vasques, os Cunhas e o Pimentel, juntariam á entrada da fronteira de Portugal cinco a seis mil homens; não contando os parciaes dos chefes portuguezes, cujo numero era incerto, mas que se esperava que fosse numeroso, que se lhe haviam de juntar, passada a raia.

O mestre de Santiago partira para a Extremadura e o almirante de Castella para Satander e Sevilha a reunir os barcos da frota.

Reinava a maior confiança no bom exito da expedição.

A rainha D. Beatriz viera de Valladolid para Tordesillas, para junto do enteado, que influido pela ideia de entrar pela primeira vez em combate, se entregava com o maior interesse aos preparativos bellicos.

Animados cada um pela recompensa que julgava alcançar da guerra as personagens todas d'esta acção punham o seu melhor cuidado em acautelar-se seriamente para que não fossem gorados os seus desejos.

Assim, o arcebispo chamara todos os homens validos dos seus largos dominios.

Comprara cavallos e armara, á sua custa, mais de cem lanças, que do seu bolso se promptificou a sustentar durante a guerra inteira.

O rei lançava uma contribuição de guerra e contrahira com os judeus um emprestimo de algumas milhares de dobras e apresentava a sua hoste brilhantemente vestida e armada.

Por seu turno D. Diniz, secundado pelos portuguezes, enviava mensageiros ás Beiras para noticiarem a sua chegada, os seus intentos, gente e fidalgos com que ia, a sua tenção e proposito.

Recebidas noticias do sul de que estavam prestes as tropas do Mestre de Santiago e as esquadras de Sevilha e de Satander, recebida ao mesmo tempo a nova de que a cidade de Tuy pedira um prazo de vinte dias para se render, caso não fosse soccorrida, resolveu-se que o exercito do norte fosse o primeiro a partir.

⁂

N'esse dia, n'uma das salas do Castello reuniram-se todos os capitães e mais fidalgos do conselho de D. Henrique.

Uma grande meza estava posta a meio da sala, coberta com um amplo panno rôxo de velludo.

Ao pé d'ella, em pé, esperavam as ordens o escrivão e o chanceller do reino.

Conversavam sobre varios assumptos da guerra os fidalgos presentes, mais uma vez repizando planos e tenções, quando do fundo do salão appareceu o rei Henrique ao lado da madrasta, a rainha D. Beatriz.

Feitos os cumprimentos tomavam, os dois, logares em duas grandes cadeiras de espaldar ricamente ornados.

O escrivão aproximou-se da meza e por ordem do chanceller tomou um pergaminho escripto e, feito o silencio, leu.

Era o documento em que a madrasta, com consentimento de D. Henrique declinava os seus direitos ao throno de Portugal em beneficio de D. Diniz.

Lido em voz alta, o rei perguntou:

— Alguns de vós tem alguma coisa que oppôr a esta determinação?

O silencio geral foi a resposta ao rei.

Então, a rainha desceu do estrado e foi pôr o seu signal no logar indicado pelo escrivão.

Em seguida assignaram os nobres; feito o quê, o chanceller poz-lhe o sello pendente.

D. Diniz ficara desde esse momento o rei pretendente de Portugal.

Resolvida a partida para o dia immediato teve dilatar-se para o dia seguinte porque o rei D. Henrique se sentiu, n'essa noite, fortemente indisposto.

Vieram os medicos; mas durante todo o dia o rei não melhorou.

Queria partir á força; mas a rainha poude convencêl-o com supplicas e a que não fosse.

Os medicos secundaram-na, mostrando-lhe o perigo de se ir expôr, mal de saude, aos trabalhos da guerra e o rei, ainda que de máu grado, accedeu

Como era urgente partir, Ruy d'Avalos, só, poz-se a caminho de Tuy com outros fidalgos, espalhando, porem, por toda a parte que ia com elle o rei.

Recebidas em Tuy as cartas que annunciavam a chegada dos reforços, os cercados redobraram de injurias por cima dos muros e desafiavam, com palavras baixas, os portuguezes sitiantes.

Estranhou D. João o recrudescimento de valor e indagando soube a razão.

Esperavam o reforço que chegava em breves dias.

D. João quando os corredores que mandara pela terra lhe vieram dizer as forças com que vinha Ruy d'Avalos, disse:

— Que me importa? Venham quantos quizerem, que aqui me hão-de achar.

Disseram-lhe que vinha o rei.

— Que venha, ou não, é-me indifferente; a cidade ha-de cahir antes d'elle chegar e depois d'isso, dar-lhe-hei batalha.

D'outra maior me livrou Deus; d'esta me livrará tambem. Ensinarei o filho como ensinei o pae, e todos os condes e mais portuguezes que com elle veem contra a terra que os creou.

— Seria bom, disse um dos capitães, mandardes chamar o vosso condestavel, porque seria uma boa ajuda com as suas gentes.

— O condestavel, está muito longe. Deus nos ajudará e sua preciosa mãe em cujas mãos ponho os meus feitos.

— D. Nuno viria o mais depressa que pudesse, volveu o capitão; Deus ajuda, mas é bom não desprezar os homens.

— Pois escrever-se-lhe-ha, disse D. João, concordando com a sentença do cavalleiro.

Assim se fez.

Poucos dias passados os corredores vieram dizer que Ruy d'Avalos e o rei de Castella estavam á distancia de um dia de marcha.

D. João prevenira-se, mandando os corredores fornecerem-se de tudo o que pudessem pilhar pelos arredores; determinando o sitio da batalha e mandando juntar de um lado do rio todos os barcos, prohibindo-os, sob pena de morte, de passarem alguem para o lado de cá.

Foi-se chegando Ruy d'Avalos de modo a avistarem-n'o do arraial, mas não se chegou mais.

D'ahi, com gritos, alguns dos seus se approximaram do arraial do rei, como a quererem escaramuçar.

D. João esperava-os nas posições escolhidas e não se arredou d'ellas um passo, nem permittiu que ninguem o fizesse. Por de mais sabia que afastando-se dos muros permittiria que os de dentro fizessem qualquer sortida contra o arraial, não defendido.

Parece que Ruy d'Avalos imaginava que só com a sua presença intimidaria o rei, porque como este não fugisse, elle não avançou.

Esteve assim um ou dois dias e de repente abalou, por São Paio, pequena aldeia onde cortou a ponte, com receio de perseguição, a caminho de Pontevedra.

O arcebispo de Santiago que ahi estava parece que não recebeu muito amavelmente os guerreiros.

Julgava-se de ha muito, que elle tinha grande vontade de passar para o D. João I. N'essa occasião, passou-se.

De modo que Ruy d'Avalos houve por bem eclipsar-se e aproveitando o eclipse o rei tomou a cidade, que já descorçoada e falta de todos os meios de maior resistencia, se entregou!

* * *

Quanto ao Mestre de Santiago, já vimos o que lhe aconteceu com o Condestavel e a maneira miseravel como elle se deixou desfeitear chegando a pedir a D. Nuno que o não envergonhasse mais.

Não tornou a dar signal de si.

* * *

As esquadras, ou frotas juntas, preparadas em Satander e em Sevilha dirigiram-se para o Tejo.'

A armada compunha-se, ao todo, de quarenta naus e barcas e quinze galés.

Entrou pelo rio com grandes ares, disparando tiros para as margens em direcção á cidade, mas tão de longe e tão mal feitos que nenhum causou damno.

Sobresaltados os lisboetas correram ás praias, e ao verem as naus, resolveram, logo, impedir-lhes qualquer desembarque.

Armaram-se todos, homens de pé e de cavallo, aquelles com piques e lanças, estes com lanças e espadas longas e foram postar-se em sentinellas em toda a Ribeira.

Tal foi a influencia e empenho em se defenderem, que toda a costa, até Cascaes, onde podia fazer-se um desembarque, se viu coalhada de gente armada.

Em virtude de tal recepção os castelhanos fundearam em frente do Restello, longe da praia e ahi estiveram tres dias, immoveis.

Vendo o almirante, que era D. Diogo Furtado de Mendonça que não lhe seria facil desembarcar, aproveitando, na quarta manhã, o favor do vento, aproou á barra a esquadra e foi-se.

Dizem alguns que houve uma lucta com galés portuguezas e duas naus, que foram vencidas.

Não parece verdade; mas qual foi o resultado final foi a retirada da esquadra, o que para o caso tem a importancia de um desastre.

* * *

Taes foram as noticias que chegaram a Tordesillas, quando D. Diniz fazia os ultimos preparativos para invadir a Beira.

O rei, adoentado, enchia-se de indignação e de raiva, maldizendo a doença que o impossibilitava de acorrer aos seus.

Imaginava o fogoso e bravo rapaz — bravo de primeira ordem, como depois mostrou em guerras com os arabes — que a sua espada podia deter o curso dos acontecimentos e ralava-se na inercia em que a saude, alterada por umas febres teimosas, o fazia permanecer em tal momento.

Leonor Telles é que estava verdadeiramente afflicta ao ver o mau caminho que o começo da campanha tomava.

Começava a comprehender que os castelhanos estavam desmoralisados pa'es successivas derrotas e o que o rei de Portugal e sobretudo o Condestavel, ganho o ascendente moral, que verdadeiramente possuiam sobre elles, difficilmente seriam vencidos.

Restava-lhe a esperança de D. Diniz.

Era um portuguez, rodeado de portuguezes valentissimos e decididos a jogar as ultimas.

— D. Diniz, dizia-lhe ella em vesperas da partida, está nas vossas mãos a desforra.

D. Diniz, animado, respondia:

— Espero em Deus que a hei de ter.

Animava-o o olhar brilhante e dôce da condessa que os escutava.

Estavam, os tres, sós.

Na intimidade, com os corações cheios de odios e de rancores, desabafavam.

Leonor Telles, dizia:

— Vêde que sucia de cobardes!

Esse Ruy d'Avalo chega ao pé do rei que pode atacar, que se verá em máu passo, porque hão de atacal-o em sortidas os da praça e em vez de cahir sobre os do cêrco com a força que leva, muito maior e descançada retira-se!

— Que faz elle, agora? perguntou a condessa.

— Quem sabe? respondeu D. Diniz, diz-se que foi a Pontevedra, pedir soccorro ao arcebispo de Santiago.

— Que se passou para o Mestre, replicou a rainha.

— E' certo?

— Mais do que certo.

— Então, volveu a condessa, com mais esse desgosto, é escusado pensar no auxilio de D. Ruy.

— Tanto mais, volveu Leonor Telles, que a cidade se rendeu.

— Da esquadra? perguntou a condessa.

— Nada fará, explicou D. Diniz.

Lisboa está defendida com bons muros.

Sem tropas de terra, o que poderá conseguir é assolar, com os desembarques, um ou outro ponto da costa.

— Era isso o que se pretendia, disse a rainha.

Sempre eram alguns homens d'armas a menos que teriam de combater-se.

Estariam, alli, presos, na defeza das costas.

Quanto a esse fanfarrão do Mestre de Santiago, vêde que figura tem feito!

O condestavel brinca com elle, como um gato brinca com um rato.

— Não admira, disse D. Diniz.

— Não admira?

— Não, senhora; confirmou, com gravidade, o infante.

D. Nuno Alvares Pereira é hoje o primeiro capitão da Hespanha. Tem uma nova arte de guerra a que ninguem resiste.

— E' invencivel? disse a rainha, com ironia.

— Tem-n'o sido até hoje, replicou o infante. Lembrae-vos do primeiro que o derrotasse.

— E' certo, confirmou a raínha.

— E, olhae, continuou D. Diniz, que os seus combates teem sido, sempre, de um contra cinco e até de um contra dez.

— Tambem vós o temeis? perguntou Leonor Telles.

— Ninguem me mette medo, respondeu o infante, com altivez; mas não posso deixar de reconhecer que quem o tiver pela frente tem de desprezar a vida.

Alguem procurava Leonor Telles a quem um pagem veio entregar uma carta.

A rainha ergueu-se, dizendo:

— Volto já.

CAPITULO XXI

Ultimo idylio

Pela primeira vez na sua vida o infante se achava em frente da condessa.

A proximidade da partida—era no dia seguinte—a saudade de a deixar, a importancia do feito, o amor que lhe dedicava, a incerteza do que ia acontecer, um vago pressentimento de infelicidade, um supersticioso sentimento de predestinação para a desgraça, tudo isto, invadiu a cabeça e o coração do infante.

— D. Beatriz, disse elle, agradeço a Deus o ter-me proporcionado a occasião de estar a sós comvosco uns momentos antes da minha partida.

— Senhor infante, disse ella, é porque tendes alguma coisa a communicar-me, em segredo?

— Não tenho, respondeu D. Diniz; mas comprehendeis que precisava de um momento em que pudesse dizer-vos que o ter acceitado a empreza de reconquistar Portugal, se deve apenas ao desejo que eu teria de vos ser agradavel, de vos pagar todas as delicadezas da vossa protecção...

— Protecção? observou a condessa.

— Protecção, senhora.

— Eu nunca vos protegi, senhor infante, pela simples razão de que nem vós precisaveis da minha protecção, nem eu era de valor para vol-a poder dar.

— Senhora condessa, volveu D. Diniz, eu sou aqui, um extranho, um exilado, um pobre.

O receberdes-me no vosso salão, o distinguirdes-me com a vossa benevolencia e cuidado, entre tantos senhores ricos e orgulhosos que mal me cumprimentavam, antes de me encontrarem nos vossos salões, que é senão uma protecção?

— Alguem vos faltou ao respeito que vos é devido?

— Nunca, é certo.

— Mas...

— Mas, entre o faltar ao respeito e estimar e considerar ha um profundo abismo.

Não me insultavam, é certo; mas a forma fria do conviver denotou sempre que eu não passava de um inimigo manietado a quem não é bom ferir, nem mesmo na desgraça, porque a fortuna é variavel e a sorte caprichosa.

— Enganaveis-vos, principe.

— Assim o creis, senhora? pois seja assim. Que nem de leve eu posso causar-vos o menor desprazer; seja assim.

Era considerado, estimado; mas o que não querereis que tenha acontecido é ter sido agazalhado, coberto de attenções e de disvellos, senão em vossa casa, senão por vós.

— Assim foi?

— Sem duvida nenhuma.

— Quanto me alegro por isso

— E, quanto me haveis penhorado!

D. Diniz parou um momento e continuou:

— Acreditaes nas sinas?

— Talvez.

— Eu creio absolutamente. Ha quem nasça condemnado á alegria, á ventura, á felicidade. Ha quem nasça agrilhoado á dôr e á desgraça.

Ninguem pode ser superior ao seu destino.

Ha familias condemnadas, a minha é uma d'ellas. Vêde minha mãe, vêde meu pae mesmo; vêde meu irmão, vêde-me, emfim, a mim!

Nasci nos degraus de um throno, rico, forte, feliz. Que sou eu hoje? O que serei ámanhã?

Um joguete da sorte, um servo afinal, que trabalha ao capricho dos outros...

— D. Diniz!

— No fundo, isto, minha senhora, nem mais nem menos.

Fui eu que alcancei os meios de lucta?

Fui eu que consegui arrebanhar ao meu lado, dedicações, amigos, força?

Fui eu que sentindo-me forte, ambicionei o throno e me ergui até á qualidade de pretendente?

Fui eu que me declarei rei de Portugal?

Foi apenas o despeito, o ciume, o odio estranho que me ergueram dando-me forças, que me exaltaram emprestando-me o seu valor e poderío

— Sois acaso o primeiro que operaes n'essas circumstancias?

— De certo não; mas nem por isso deixo de ser mandado.

— Seja assim, disse a condessa, que ha n'isso de indigno?

— De indigno nada ha, mas de humilhante.

— Porque?

— E' humilhação obedecer no meu caso.

— Sois victima das coisas, das circumstancias, da sorte. A fortuna é caprichosa. Mandareis quando vencerdes e dominal-a-heis por uma vez.

O infante teve um sorriso enigmatico.

Elle vencer a fortuna! Seria, realmente, curioso, no fim de trinta annos de decepções, de infelicidades e de miserias!

Não recuaria, porém. No fim da sua atormentada existencia, um novo céo, uma nova força lhe apparecera e o impellia.

Era o amor d'aquella formosa mulher, resplandente de belleza e de espirito, bella sem senão, digna de se sentar n'um throno e de cingir na cabeça radiosa uma corôa de rainha.

Não recuaria por caso algum.

D'ahi, porém, a ter confiança na victoria ia um abysmo de duvida.

A principio confiara.

O plano era superior e as probabilidades de exito quasi seguras.

A sorte tinha-se, porém, encarregado de anniquilar as primeiras tentativas. O Avalos, o Mendonça, o Mestre de Santiago tinham soffrido o primeiro choque.

Restava elle!

Estava na sua mão, agora, o vencimento da causa.

Era verdadeiramente pouco.

Teria de luctar com o rei, com o condestavel; isso era, pelo contrario, muito.

Não lhe faltava coragem, nunca fôra cobarde; pelo contrario a sua espada nunca temera o sol das batalhas.

Faltava-lhe, porem, a confiança no seu destino, a bôa estrella que anima todos os ousados; cuja confiança avassalla as maiores difficuldades e ri dos maiores perigos.

Nunca fôra feliz.

Porque o seria agora?

Em todas as crises da sua vida, a força do destino vencera-o sempre; porque havia de ser, agora, feliz, no momento mais grave em que ia decidir-se a ultima batalha da sua vida?

Mudaria, emfim, a sorte?

A's vezes passava-lhe pela cabeça a ideia de que ia ser assim, mercê da protecção da formosa condessa.

Porquê?

Não é certo que o amor modifica, ás vezes, uma vida, inteiramente?

Que como tantas vezes perde, tantas vezes salva?

Trabalhando para outrem era possivel que a sorte d'esse alguem viesse entravar o máu andar da sua.

Era possivel! era possivel!

Fosse, porem, como fosse, elle é que não recuaria, jámais.

Era a primeira grande ambição da sua vida e não era por elle.

Seja como fôr, disse elle, depois de certa pausa, trabalharei para vós, e sendo assim, se desejo vencer, minha senhora, é para poder pagar-vos todo o consolo que trouxestes á minha vida atribulada.

A condessa sorriu, amavelmente, dizendo:

— Agradeço-vos a intenção, D. Diniz; desejae antes e primeiro, que a vossa empreza vos remunere dos longos máus dias passados até agora.

— Oh! D. Beatriz, disse o infante, com emphase, não acrediteis que já agora me envolvesse em trabalhos, tão desenganado que sou e que vivo.

Para quê?

A edade das ambições em mim passou.

O que mais me aprazia era a tranquillidade e o socego.

De mais tenho soffrido e trabalhado para ter direito á paz.

Não o sabeis vós, minha senhora?

Direis que não condiz com as minhas palavras o ter acceitado o commando de tão difficil empreza... repito-vos que, exclusivamente, o que me levou a acceitar o encargo foi o desejo intimo de vos poder um dia causar um grande jubilo.

— E, quem vos diz que eu o teria maior pelo facto de me associardes a elle?

Não acreditaes que me bastaria o ver-vos feliz, restituido ao throno de vossos paes, para que eu sentisse uma grande alegria?

— Sei que sois boa, replicou o infante; mas é da natureza humana o desejar occupar, na vida, os logares altos e brilhantes.

A cada um cabe o desempenhal-os se o berço lhe abriu o caminho para elles. Não é assim? O nascimento obriga.

A vossa cabeça é bella, como o vosso coração; é altiva, assenta-lhe bem uma corôa real.

O vosso corpo tem a graça e a elegancia de um corpo de rainha, faz-lhe falta um manto.

O infante enthusiasmava-se perante o olhar da condessa, que o incitava cheio de brilho e de promessas, contradizendo a fingida modestia com que ella simulava um grande desprezo pelas glorias da vida.

— Mais de uma vez, senhora, continuou D. Diniz, me tendes promettido acceitar todos os resultados beneficos dos meus esforços.

Mais de uma vez tendes concordado commigo, que seria cruel o regeitardes, com o meu amor, as minhas promessas, emquanto as não posso tornar em realidades.

— Não é assim?

— Assim é, D. Diniz.

— Sendo esse o motivo que me leva, hoje, a invadir Portugal, deixae que eu tenha a incitar-me a idéa de que será para vós de um grande prazer, que preencho um desejo intimo do vosso coração, luctando por vos fazer rainha, se Deus permittir que eu seja rei. Não é verdade que me não engano?

— Eu não poderia deixar de ser grata á vossa generosidade, D. Diniz.

— Não quero a vossa gratidão, senhora. Quero a vossa amizade.

— Essa tendes, meu principe.

— Como sois boa, disse elle, beijando-lhe a mão.

Então, D. Diniz poude, mais uma vez, espraiar-se em considerações sobre o futuro, n'aquella doce illusão dos namorados, construindo castellos no ar.

A condessa ouvia-o com a maior delicadeza e, por vezes, ao ver a sinceridade das palavras do principe, desconfiada como estava tambem da difficuldade do passo, sentiu por elle uma especie de dó, que não ia longe da ternura.

Era, no fundo, bem mulher e nenhuma ha que seja insensivel a uma sincera dedicação, nobre e pura.

De mais, o infante era bem digno de compaixão por toda a sua aventurosa e accidentada existencia.

Se é certo que uma ou outra vez os acasos da vida o tinham lançado em aventuras menos louvaveis, como eram as de invadir Portugal e combater contra os portuguezes debaixo das ordens de um rei inimigo, e de um estrangeiro, esses factos deviam attribuir-se mais ás circumstancias que lhe envolveram a vida do que ao genio do principe.

Esse era fundamentalmente nobre, como revelou nos primeiros annos, quando reagiu na propria sala do casamento, contra o acto que elle julgava ser indigno.

Quem é por natureza fidalgo ha de sel-o sempre, até na desgraça.

Depois é preciso ver bem que essa idéa, clara e nitida de patria, é filha de grande complexidade de sentimentos e de factos que exigem para elaborar-se uma civilisação adeantada em muitos graus.

A Hespanha d'aquelle tempo, os reinos catholicos ou melhor christãos não eram senão um reino.

Quero dizer como que um reino unico, uma casa real, em que os parentes que governaram esta ou aquella provincia andavam em bulhas e desordens.

O sentimento nobre e egoista da patria, com todos os caracteres de intransigencia, de afastamento, de odios mesmo, que mais tarde nasceu e se fixou nos fins do reinado de D. João I, não existia ainda.

E tanto isto é assim que se a inexplicavel victoria de Aljubarrota não protege o rei de Portugal e este tem sido annexado ao de Castella, hoje, seriamos todos hespanhoes no sentido politico da palavra e não teriamos d'isso a menor pena.

Nem resentimento, sequer.

Todos os reinos que annexados ao primeiro reino da Hespanha, o das Asturias, ou de Oviedo, ou de Leão em que se transformou, que despeitos mostram por se terem unido?

Portugal era n'aquelle tempo, a despeito dos seus primeiros reis, um verdadeiro condado independente.

Os reis d'esse tempo eram-no por mera convenção dos fidalgos.

Muitas vezes não eram nem os mais ricos, nem os mais poderosos. A maior parte das vezes.

Henrique III de Castella, aquelle nobre e heroico rapaz que foi mais tarde, já vimos que um dia não tinha que jantar, emquanto os seus fidalgos, subditos, se banqueteavam em mezas faustuosas.

Diz a chronica que mandara empenhar a capa que vestia quando o mordomo lhe deu a noticia de estar sem um real.

Como acontecia com o dinheiro assim com a força.

Muitos fidalgos de Hespanha eram mais poderosos do que o rei.

De modo que, sendo todos parentes proximos, os reis, a imagem de um unico reino — o reino christão — em lucta com os arabes — o reino moiro, — não é dezarrazoada.

Uma grande casa fidalga em que por morte do grande possuidor que foi Affonso VI de Leão, na divisão pelos filhos e filhas entrou em lucta de primazias, de posses, de direitos, de propriedades, gerava guerra.

Assim, o combater hoje, a favor d'este, amanhã a favor d'aquelle, se podia não ser um acto louvavel, não tinha as côres carregadas com que os historiadores o affeiam.

A palavra traição, com que se usa classifical-os não tem a significancia criminosa, com que se usou mais tarde.

Havia despeitados, traidores, não havia.

Cada um combatia por quem lhe convinha e governava assim a sua vida.

Não foram os pequenos, sós, a fazel-o.

Faziam-no os maiores fidalgos, das maiores casas.

Não era raro, antes vulgar, os paes, os filhos, os irmãos divididos, combatendo em fileiras oppostas.

Os irmãos de Nuno Alvares, eram por Castella. Elle, um irmão e um tio eram por Portugal.

O Cid em Hespanha, anda toda a vida, a combater pelos christãos contra os moiros; a favor dos moiros contra os christãos; hoje por este rei contra aquelle; amanhã por aquelle contra este. Toda a vida! e ninguem lhe chamou, nem chama, traidor, nem vendido.

A espada era livre, como a vontade.

Não havia uma patria adstricta ás terras de cada rei.

Havia propriedades, havia uma convenção que o designava como tal, emquanto conviesse aos fidalgos — porque sempre que não conveio aos mais poderosos, os reis foram depostos — havia um reino, como podia haver uma quinta com dono, feitores, maioraes, servos da terra; mas patria no sentido que depois teve, não havia.

Mais tarde, sim.

Quando o rei dominou a fidalguia; quando impoz as suas leis, os seus decretos, a sua vontade; quando pela força dominou os seus subditos, quando teve as suas tropas de terra e mar, absolutamente suas, ás suas ordens e que com ellas determinava o modo de ser do seu reino, então sim.

Então, estabelecidos os direitos populares, marcadas definitivamente as fronteiras, com um codigo unico de leis, uma só cabeça dirigente, uma só vontade determinante feita de todas as vontades livres, então esse reino transformou-se em patria, porque tinha uma missão social a cumprir.

Era um corpo homogeneo, uma força, que caminhava n'um sentido determinado.

Não era um agrupamento de forças de todas as nações, de maltrapilhos de todas as cidades, de aventureiros de todos os paizes, de escorias de todos os povos, que vinham, conquistar, combater, com a mira no saque e na pilhagem, por este ou aquelle rei.

Eram um paiz definido, um povo que marchava.

Então esse povo chamava-se, por exemplo, o povo portuguez e a terra d'esse povo era uma patria.

*

* *

Estas considerações vem para provar que os crimes contra a patria, de D. Diniz, se eram e deviam ser mal vistos pelos partidarios do Mestre de Aviz no tempo das guerras primeiras, não tinham para ninguem, fóra d'estes, significação alguma deshonrosa, ou aviltante.

E, eram estes os seus crimes.

De resto o infante pretendera voltar de novo a Portugal, como sabemos e voltou.

Porque sahiu? Seria realmente excesso de precaução o que o fez desobedecer ao Mestre de Aviz, na sua missão de embaixador a Londres?

Ou teria realmente D. Diniz motivo para receiar de que o mandato envolvesse uma traição, uma ordem de morte?

Quanto a mim, podia tel-o.

O Mestre de Aviz nunca teve grandeza nenhuma d'alma. Todos os factos da sua vida, um a um, o demonstram, e não teria grandes escrupulos em defender-se de D. Diniz, o unico que podia acarretar-lhe serios desgostos no seu consulado.

Era mesmo natural, que ainda que não quizesse, se visse obrigado a dar-lh'os, porque a fidalguia velha nunca vira com bons olhos o escudo, com a aspa de bastardia, do Mestre, encimado por uma corôa real.

D. Diniz perdeu a sua influencia e popularidade effectiva com a sua fuga da embaixada.

No tempo das primeiras luctas era ainda estimado e muito.

Ao contrario, o Mestre de Aviz começava a libertar-se da indifferença com que sempre fôra visto, por detraz dos filhos de D. Ignez de Castro.

Indifferença do povo, porque por parte da nobreza, havia mais do que indifferença, havia reluctancia.

O proprio irmão D. Fernando, nunca o estimou e por mais de uma vez, os chronistas o indicam, lhe mostrou o seu desagrado e pouco affecto.

Na côrte, era perfeitamente, a principio, tolerado e tão pouco caso d'elle faziam e lhe merecia o seu feitio vulgar e egoista, que a rainha Leonor Telles nunca deu por que elle lhe fizesse a côrte, pela paixão solapada que por ella teve.

Pois é indiscutivel que a teve e só assim se explica como elle ousou, depois de matar Andeiro, fazer á rainha propostas de casamento.

Ella riu-se; e, devia tel-o achado n'essa occasião, soberanamente tolo, se o não encontrou, ridiculamente, baixo.

Ou ambas as coisas, o que é mais natural.

* * *

Na sua retirada de Portugal, D. Diniz ergueu entre elle e o povo uma barreira invencivel.

D. João firmava-se no voto popular; vencera batalhas, acalmava os descontentes; creava, assim, com justiça, ao redor da pessoa, uma atmosphera de amizades, de dedicações, de poder inatacavel.

O bastardo indifferente erguera-se, pela espada de D. Nuno Alvares Pereira, e só por elle, a rei amado e respeitado.

D. Diniz, menos feliz, espiava, toda a vida, um momento de não contida revolta, aggravado pela sua qualidade de principe, que lhe não permittia viver, como qualquer outro fidalgo, isolado, longe dos receios e dos temores reaes.

Por isso a sua situação, generosamente vista, mais despertaria, em corações leaes, a pena do que a censura.

Foi n'um d'estes momentos de forte sympathia que a bella condessa de Mayorca, no dia e na hora que conversavam a sós, lhe dizia:

— Tenho fé em Deus que haveis de ser feliz, D. Diniz. Se as minhas orações puderem, mais do que os meus votos, dar-vos a felicidade que tanto ambicionaes e eu tanto como vós, acreditae que haveis de vencer.

— Senhora, minha...

— Seria realmente bello, não é verdade?... Peço vos que acrediteis que não falo por mim, levada pelas vossas palavras generosas... mas falo por vós, por vós só... Seria realmente bello o poderdes sentar-vos no throno do vosso irmão... sacudir de lá esse ambicioso sem grandeza... manchado assassino... seria realmente bello...

D. Diniz concordava, no intimo.

Desde a embaixada ficara-lhe com uma ponta de odio e tal perspectiva enchia-o de uma vontade maior de tentar a lucta.

Por isso respondeu:

— Seria bello e justo. Se a alguem pertence a corôa portugueza é a mim, condessa.

— Por morte de vosso irmão João, depois da desistencia da rainha...

— Pela desistencia da rainha, cujo direito eu quero admittir, meu irmão, se fosse vivo, nada tinha com a corôa portugueza.

— Como assim? não era o mais velho?

— Por isso mesmo.

— Como?

— Porque meu irmão nasceu antes do casamento de El-Rei meu pae com D. Ignez de Castro. Não o sabieis?

— Não sabia.

— De modo que o unico filho legitimo sou eu.

— Todavia, observou a condessa, o dr. João das Regras — perdoae-me a citação; mas entre nós...

— Dizei.

— Parece que provou a nullidade senão a não realisação do casamento de El-Rei D. Pedro vosso pae, com D. Ignez de Castro, vossa mãe.

Qual é a vossa opinião? Vejo que não é esta.

— O doutor provou o que quiz. Como ninguem estava preparado para lhe responder e como a maioria dos delegados das côrtes eram da opinião que fosse d'elle, ninguem o impugnou.

— Tendes, porem, documentos?

— Não tenho. Tenho apenas um.

— Qual?

— A confissão de meu pae. Essa me basta.

O principe esteve por um momento silencioso.

— E' bastante, disse amavelmente a condessa.

— Assim o creio, confirmou D. Diniz. Mas ainda que fosse nascido fóra do matrimonio, isso não invalidava o meu grau de nobreza, porque nasci de uma nobre dama.

— Da mais nobre estirpe, observou, confirmando, a condessa.

— Como tal, posso pretender uma corôa, por direito de nascimento e não como o Mestre de Aviz, que tanto se não julgava nascido para ella, que foi preciso que lh'a puzessem, á força, na cabeça.

⁂

Entrava, n'este momento Leonor Telles.

— Nunca teem que não dizer as mulheres e... parou olhando a condessa, risonhamente.

—... Os namorados, concluiu esta olhando para D. Diniz.

Este, por sua vez, sorriu, achando delicioso o cumprimento da rainha

— Combinaram tudo? explicaram tudo? disse esta, ainda com ar de fina ironia; nada ficou esquecido?

A condessa replicou:

— Nada esquecemos. Tudo depende da victoria...

— Que Deus dará, replicou Leonor Telles, se quizer, um dia, pôr, emfim, as coisas no seu logar.

Sentou-se, tirou uma bolsa comprida de velludo negro, atada com um grosso cordão de seda e chamando para junto d'ella a D. Diniz, disse:

— Meu caro principe, havemos de ver-nos ainda, naturalmente, amanhã; mas então não estaremos sós.

Como ides tentar uma grande empreza é preciso que vos não faltem os meios do bom exito.

Tudo tendes, excepto dinheiro. Na guerra, hoje e sempre, não foi nunca indifferente esta arma.

Ha muitos castellos que se não vencem de outra maneira ou de melhor maneira.

Como o interesse do que ides fazer é commum, permitti-me que concorra da minha parte com o que posso.

O meu thesoureiro poude alcançar-me algumas dobras de oiro; estão ao vosso dispor, para os gastardes, quando e como melhor entendaes.

Peço-vos que as não poupeis. Isso causar-me-hia um grande desgosto.

— Espero não ter necessidade de me servir d'ellas, disse lealmente D. Diniz.

— Haveis de ter por força. Um pretendente precisa de ser rico desde o dia em que levanta o seu pendão de revolta. Um pretendente que depende do quem manda, passa a ser dependente.

Haveis de ter necessidade de dinheiro desde amanhã; desde o primeiro passo da vossa marcha.

Não é uma dadiva, é um emprestimo.

Não sou rica, hoje.

Dar-m'o-heis, mais tarde, quando o puderdes fazer.

— E se o não puder, nunca?

— O que Deus não permittirá; mas se assim fôr, estamos pagos, sendo eu a maior crédôra.

Contra esse Mestre d'Aviz o que arrisco eu?

Umas misêras moedas que para nada me servem: vós arriscaes a vida.

— Por mim.

— Por mim, ainda mais, volveu a rainha; porque eu quero mais á minha vingança do que vós ao vosso reino.

Por ella eu daria o resto das minhas joias e o resto da minha vida.

Já vêdes que não dou nada, dando isto.

Apresentando-lhe a bolsa, intimativamente, a vencer as ultimas hesitações de D. Diniz, a rainha, com um grande ar de odio, dizia-lhe:

— Pudesse cada uma d'essas moedas ser um punhal a cravar-se-lhe no coração!

Tomae, D. Diniz, tomae.

D. Diniz, tomando a bolsa, dizia:

— Possa eu realisar os vossos ardentes desejos, senhora.

Como n'essa noite Leonor Telles acceitava as despedidas de todos os senhores e fidalgos que iam na hoste de D. Diniz, e como fosse indicada a casa da condessa para a cerimonia, D. Diniz, em pouco, pediu licença para sahir, combinando voltar á noite.

A rainha Leonor, á sahida, apertou-lhe a mão com que lhe segurava a sua beijando-a, de uma maneira affectuosa e energica.

A condessa acompanhou-o gentilmente até ao fundo do salão e vendo-o sahir pela porta da sala contigua disse-lhe com a mão um adeus terno e compassivo.

Em baixo, no pateo, quando D. Diniz montava um soberbo cavallo branco, com arreios doirados, que lhe fizera presente a condessa, olhando o primeiro andar, viu por entre os vidros de uma alta janella, duas cabeças, olhando-o.

Eram a da rainha e a da condessa.

Cortejou e sahiu, n'um rompante de cavalleiro habil.

— E' galante, disse Leonor Telles, observando o garbo do infante que sahia o portão, seguido de dois creados, tem verdadeiramente um ar de rei.

A condessa, com um ar triste, disse:

— Pobre rapaz!

* * *

CAPITULO XXII

A despedida

Logo ao começo da noite, começaram a chegar ao palacio da condessa de Mayorca os fidalgos que iam partir no outro dia para a fronteira.

E' claro que iremos encontrar, alem de fidalgos de menor nome, de varios rapazes que pela primeira vez iam quebrar a sua lança e fazer luzir a sua espada ao sol das batalhas, todos os nossos conhecidos de primeira grandeza.

Uma hora depois espalhavam-se pelo grande salão, no meio de brilhantes agrupamentos de damas — que não faltam nunca a estas coisas — os nossos portuguezes D. Martim Vasques, e o irmão, ambos Cunhas; Affonso Pimentel e o prior Alvaro Camello; os irmãos D. Pedro e D. Affonso de Trastamara, castelhanos; o arcebispo de Toledo D. João Tenorio, o conde de Vilhena e o conde de Medina Coeli e varios nobres.

D. Diniz não tardou, luxuosamente vestido, como competia á sua alta qualidade de rei em perspectiva.

Saudaram-n'o, á entrada, homens e mulheres, aquelles por cortezia, estas por acreditarem que em breve seria rei e ser sempre de bom tom cumprimentar as altezas, seja de que paiz forem.

O humilde e retirado emigrado, ameaçava tornar-se um poderoso senhor e n'este mundo ninguem sabia o que lhe estava reservado.

Resplendente de belleza, bella ainda mais na simplicidade do seu longo vestido justo e decotado, de rico brocado, Leonor Telles appareceu como uma verdadeira rainha, destribuindo sorrisos, deixando que lhe beijassem a mão branca, onde apenas uma fina alliança de oiro fôsco, indicava que as côres escuras com que se ornava, eram signaes de viuvez.

Tomou o seu logar, do costume, ao fundo, quasi, do salão, em frente do orgão colossal, que D. Beatriz tocava com tanta arte, nos seus dias alegres.

Rodearam n'a os fidalgos.

Havia, n'essa noite, uma animação desusada:

Alguns fidalgos levavam, por garridice, meias armaduras, penduradas á cinta artisticas adagas de Toledo.

Havia no conjuncto da reunião, um mixto de graça e de força, que sahia do trajo meio guerreiro dos homens e do pinturesco dos fatos variegados das mulheres, amplos, ricos, dos mais caros tecidos do sempo, que vinham da Italia.

De vez em quando, ouvia-se nas ruas da villa um toque longo de cornetas; em breve o ruido de multidão que passava, cavalleiros e peões.

Eram as mesnadas dos ricos homens, pequenas hostes parciaes que vinham engolphar-se na hoste poderosa do infante, já formada de dois mil cavalleiros, duzentos bésteiros e seis mil peões.

Passavam pelas praças e ahi bivacavam, esperando a manhã, rodeados do povo, avido de noticias e de espectaculos novos.

Cada um d'estes sons de guerra enchia de um jubilo intimo o coração de Leonor Telles.

Eram amigos que chegavam; forças inimigas do Mestre, elementos de victoria.

Por toda a cidade um movimento continuado quebrava a sua solidão costumada.

Largos, praças, illuminados com lanternas, já dos que passavam, já de homens pregando caixas, limpando armas, concertando arreios, estavam cheios de vida, de animação, de ruidos varios e rumorosos.

No meio d'elle, as janellas do palacio da condessa illuminadas, augmentavam a claridade do ar dando á cidade um ar de festa e de alegria.

Somente, ao fundo, ao Norte, ermo e silencioso, negro e pezado o castello enchia o céu distante com uma sombra negrissima de dentadura ciclopica.

Tudo, alli, era silencio.

A' cabeceira do rei, sollicita, velava a bôa rainha viuva de D. João I de Castella, a madrasta querida do rei Henrique, a carinhosa filha de Fernando I, o formoso.

⁂

— Como está El-Rei? perguntava, entre cuidadosa e presumida Leonor Telles ao arcebispo de Tolêdo.

— Bem melhor, hoje, minha senhora.

— Não teve febre, de tarde?

— Nenhuma.

— De manhã sei que o ataque foi menor, do que o do ultimo dia.

— Onde apanharia o rei as febres?

— Quem sabe!

— Talvez, na ultima caçada.

— E' pouco cuidadoso El-Rei. Tem por costume, beber agua no primeiro regato que lhe apparece, quando tem sêde. Não ha prevenil-o.

— Peior é ainda prevenil-o, dizia um rapaz, alto, de pequeno buço, que pela primeira ia entrar em guerra e que por mais do que uma vez caçara com o rei...

— Porquê? Perguntou Leonor Telles.

— Porque então o fará mais depressa.

— Ah! disse Leonor Telles, com um ar serio; tem uma grande vontade o nosso novo rei. Quem viver verá, que ha-de dar que fallar em Hespanha.

— Já tem dado, observou um outro novo fidalgo, com um riso ironico e olhando de soslaio para o arcebispo.

— Sahe ao avô, concluiu um outro senhor, este porem de barba branca, quasi toda. Tem muito do seu ar e da sua maneira.

— Bom é que assim seja, disse ainda o primeiro rapaz; Castella bem precisa de um rei. Desde que me entendo não oiço fallar senão em desastres e em miserias.

— Ides ter occasião de reconhecer que não são faceis de alcançar as victorias.

— Anceio por isso, D. Arcebispo.

Talvez a conversa pudesse degenerar em algum cumplicado e menos pacifico torneio de palavras se a rainha se não apressasse a interromper o dialogo.

— Cada um fará o seu dever, disse ella. Sempre o fizeram os Castelhanos.

D. Diniz aproveitava todos os instantes para fallar com D. Beatriz, que não deixava por seu turno de galantear com Affonso de Trastamara nos intervallos.

A situação era delicada.

A nenhum dos dois ella queria desagradar, sobretudo n'aquelle momento, em que ia decidir-se a ultima batalha da rainha e para a qual era preciso reunir todas as vontades, todas as forças, mas decidida e energicamente.

Leonor Telles, interrompeu-lhe um dos seus idyllios:

— Vinde cá, senhor infante, nada tendes a dizer-me das vossas esperanças, das vossas tenções, do que vides fazer?

— Pois tal é preciso, minha senhora? disse D. Diniz, approximando-se. Ha alguem que o ignore? As minhas tenções são de todos sabidas; a minha esperança inteira está nas espadas dos que me rodeiam e que vós tivestes a gentileza de trazer á minha causa.

O que hei-de fazer? Isso dependerá do exito da nossa campanha: o que vos affirmo, porem, é que, seja qual elle fôr, eu não esquecerei, jámais, em minha vida, o que vos devo a vós, senhora, e o que devo ao grupo dos senhores de Castella que me escutam.

— A mim, nada ficareis devendo, senhor infante, bem o sabeis.

— A nós, disse gentilmente o conde de Trastamara, ficar-nos-heis devendo apenas um jantar no vosso formoso paço de Lisboa, na grande sala dos mômos, no dia em que puzerdes na cabeça a corôa de Portugal. Estaes compromettido?

— Com que prazer! disse o infante.

— Presidirá ao jantar, a formosa rainha que nos escuta, no logar onde por tantos annos reinou, como excelsa senhora que foi e é!

Viva a rainha! exclamou, entre os murmurios de approvação, o fogoso D. João Tenorio de Tolêdo.

— Viva a rainha! respondeu rigorosamente o grupo dos fidalgos, erguendo os barretes, scintillantes de pedras.

Leonor Telles, como rainha indiscutida, agradecia, sorrindo, amavelmente.

Seria natural que, n'esta conjunctura, alguem gritasse: «Viva o rei!» dirigindo-se a D. Diniz.

Ninguem o fez.

E' que, bem no fundo, cada um tinha o seu pensamento reservado, o seu fim secreto.

O que menos lhes importava era que esse infante fosse ou não rei.

Se o fosse, melhor para elle.

Empenho sincero, nenhum.

D. Diniz era para uns um pretexto; para este um meio; para aquelle uma arma.

Elle, no seu amor, nada percebia.

Peior para o seu coração, que havia de sabel-o, em breve.

⁂

CAPITULO XXIII

O adeus

Propoz Leonor Telles que se dançasse.

Por ser a ultima noite, n'aquelle mez, Deus sabe quantos duraria a guerra, em que estariam reunidos, não deviam deixar de a festejar.

— Nós, os velhos, dizia Leonor Telles para o grupo dos mais novos, continuaremos a falar de coisas graves.

Ide, vós, dançar.

Os rapazes não se fizeram rogar.

Os tocadores, como que já prevenidos, entraram.

Atraz d'elles os creados conduziam enormes bandejas com bolos e jarros com preciosos vinhos.

No meio do compassado das danças, ouviam-se risos, conversas altas; trocavam-se madrigaes.

Os namorados promettiam ser prudentes, ás noivas que ficavam; e, ao leval-as no grave compasso das musicas, nos passos das danças ingenuas d'esse tempo, sentiam apertar-se-lhe as mãos como n'uma caricia de mêdo.

Ao lado de Leonor Telles formava a ala dos experimentados, dos que já tinham, mais do que uma vez visto o chocar das tropas, ouvido o ruido surdo das batalhas, os gratos da victoria e o gemer dos moribundos.

Aqui e alli, um velho, contempla com olhos de inveja os brilhantes cavalleiros que se emprôam altivos, os alegres rapazes que cortejam alegres como estudantes e passa-lhe no rosto uma nuvem de tristeza.

E' a recordação do passado.

E' a mocidade que se evoca com todos os seus encantos, todas as suas loucuras, alegrias, rasgos, temeridades, sonhos, mentiras e felicidades!

Os dias de batalha e os dias do amor!

Uma visão deslumbrante, de uma saudade infinita, que faz desprezar a vida, que faz encarar, indifferentemente, ás vezes até com prazer, a brutal morte.

Duas horas reinou a alegria no sarau da condessa.

Era porem necessario descançar.

Havia que levantar ao romper d'alva, dar as ultimas ordens, o ultimo olhar aos homens e ás coisas.

Começou a sahida.

Leonor Telles, com a maior magestade, recebia os adeuses e dizia a cada um uma phrase amavel, um dito de incitamento e de animação.

Quem não soubesse julgaria ser aquelle o paço dos reis, onde a rainha se dignava dar a mão a beijar aos subditos que por sua ordem partiam para a guerra.

Um a um se fôram, beijando-lhe a mão, curvando se deante d'ella, gravemente, galantemente.

Por arte, que o acaso não existe para os namorados, D. Diniz conseguiu ser o ultimo a despedir-se.

Tinham ficado os tres: elle, Leonor Telles e a condessa.

Estavam de pé: Leonor Telles punha aos hombros uma ampla capa, ajudada pela condessa.

— Não quereis tomar um calice de vinho, antes de sahir? perguntou a condessa.

— Será bom, acudiu D. Diniz.

— A noite não está quente, observou D. Leonor.

— Não é pela noite; é que se nada comestes, depois do jantar, deveis ter necessidade de alimento.

— Tendes razão, disse a rainha.

Dirigiram-se para uma das mesas, ainda cobertas de doces e iguarias.

— O que quereis? perguntou a condessa.

— Uma fructa coberta.

Gentilmente a condessa offereceu-lhe o prato, de que a rainha tirou uma fructa.

Levando-a aos labios, dizia:

— Enche-me um pequeno calice de vinho.

A condessa obedeceu.

— Um outro para D. Diniz... Ainda um outro para ti, ordenou a rainha.

Encheram-se os tres calices.

D. Leonor pegou no seu calice e levantando-o disse:

— Vamos brindar, por vós D. Diniz, para que sejaes bem succedido nos vossos desejos, para que possa vêr-vos, eu, sentado no throno dos vossos maiores.

Pela vossa ventura! pela vossa felicidade!

Beberam os tres.

D. Diniz disse, por sua vez:

— Reencho a minha taça e bebo pela vossa saude preciosa, pela vossa vida, pela realisação da vossa vontade, que praza a Deus me seja permittido realisar.

Beberam.

Depois voltando-se para D. Beatriz, que o olhava com um ar entre curioso e magoado, D. Diniz exclamou:

— Daes-me licença que seja para vós o meu ultimo brinde?

A condessa em signal de assentimento tornou a encher os calices.

— E' um brinde e um voto intimo pela vossa ventura, minha senhora.

Permitta Deus que eu possa pagar-vos, um dia, brevemente, todos os bons momentos com que tendes enchido de felicidade a minha vida. Ao partir, eu levo na minh'alma dois sentimentos profundos, um de reconhecimento por vós D. Leonor e um de gratidão por vós D. Beatriz.

Associo, no meu coração, as que são tão amigas por que me parece não pode melindral-as a camaradagem.

Beberam.

— Ide descançar um pouco, D. Diniz, disse sollicitamente a rainha.

— Sinto-me sem cançaço algum, observou aquelle.

— Mas é que tereis de começar de madrugada os vossos trabalhos e não tereis então muito tempo para descançar.

Dirigiam-se para a sahida do salão.

Chegados á sala que dava para a varanda do amplo atrio, D. Leonor Telles beijou a condessa e começou a descer as escadas.

D. Diniz apertou fortemente a mão que a condessa lhe estendeu com um ar triste e beijando-a repetidas vezes, dizia:

— Até á volta, minha senhora; pensai em mim.

— Até á volta, D. Diniz; que a Virgem Santa vá em vossa companhia.

D. Diniz, olhou-a saudosamente, como n'um olhar longo de despedida e desceu ao tempo de ajudar a rainha a subir para as andas.

O luar intenso de julho illuminava o pateo e as ruas, que de mais estavam ainda cheias de luz, pelas fogueiras accesas pelos soldados.

As andas seguidas pelos creados armados sahiram o portão.

Um creado de D. Diniz, approximou o cavallo.

D. Diniz montou; cumprimentou a condessa, que gentilmente estava ainda na varanda e sahiu.

CAPITULO XXIV

Revelações

Cheia a cabeça de sonhos de gloria e de felicidades futuras, o enamorado D. Diniz caminhou para casa.

Minutos depois apeava-se á porta do aposento onde vivia, onde vivera com o irmão João e a mulher d'este.

Estava ainda de pé a cunhada, o que não era costume, áquella hora. Isto, porem, não admirou D. Diniz a quem coisa alguma poderia admirar n'aquella noite.

Quando subiu o primeiro andar e atravessando a sala ia a dirigir-se aos seus apozentos, a cunhada appareceu-lhe.

Era ainda uma mulher nova, dos seus trinta annos.

Alta, de bellos cabellos e olhos negros, esbelta, com uma expressão de bondade na phisionomia franca.

D. Joanna era filha natural do rei Henrique de Trastamara, Henrique II o que matou o irmão.

Bondosa, conhecera D. João que acompanhava o pae n'uma das invazões a Portugal e que se ligara com elle amigavelmente.

Quando o pae morreu, D. João estreitou mais as relações com D. Joanna e d'ahi veio o nascimento de um filho.

Não se sabia ao certo, se tinham casado: uns affirmavam que sim outros que não.

O que é certo é que viviam matrimonialmente e parece que felizes, os dois, no seu palacio.

D. Diniz fizera sempre parte da familia, vivendo na mesma caza com o irmão e a cunhada.

A pobreza, não quebrara nunca o caracter altivo e nobre de D. Joanna mais sublimado ainda, por essas humilhações que a pobreza fornece, quotidianamente, áquelles que já gozaram as vantagens de opulencia.

Esta que vivera para o marido e para o filho, essa creança de oito annos que dormia áquella hora socegadamente, começara pela morte de D. João, a viver para o filho.

Eleval-o-hia, tornal-o-hia superior ao seu tempo: elle chegaria assim um dia a reconquistar a fortuna que havia sorrido a seu pae e a seu avô.

D. Diniz participava de sincera amizade e dedicação de bôa senhora.

Fora sempre para ella um irmão disvellado e carinhoso; adorava o sobrinho, razões bastantes para que no coração de D. Joanna tivesse o segundo logar em seguida ao marido.

Quando pois D. Diniz atravessava a sala D. Joanna, como disse, appareceu-lhe.

— Ainda em pé, Joanna? perguntou o infante.

— Ainda em pé.

— Esperavas por mim?

— Tinhas receio de que me fosse embora sem te dar um beijo?

— Não, Diniz.

— Então?

— E' que precisava de falar-te.

— A esta hora? caso grave? disse D. Diniz, rindo.

— Tu o verás depois de o saberes.

D. Diniz reparou que o rosto de D. Joanna se tornava profundamente sério.

— Dize. E' longo? Sentou-se.

D. Joanna, sentando-se-lhe em frente perguntou-lhe:

— Sempre partes, amanhã?

— Sem duvida.

— Por tua vontade?

— Que pergunta.

— Certo de que nenhum mal te poderá acontecer?

— Quem pode prophetisar tal coisa, indo para a guerra?

— Não digo dos inimigos...

— Não?...

— Dos teus amigos.

D. Diniz olhou-a fixamente.

— O que queres dizer?

— Tens a certeza de que são teus amigos todos os que te teem levado a ires tentar a fortuna de uma corôa? a combater o teu paiz?

— Assim o julgo.

— Não tens, pois, medo de alguma traição? não acreditas que possas ser, apenas, o joguete de ambições alheias, de odios ou de amores, uma arma, uma força, que se porá de parte, que se anniquilará, quando já não fôr precisa?

Responde-me, Diniz.

— Francamente, responder-te-hei, que creio que sou e serei lealmente protegido na minha empreza.

Não ignoro que a rainha Leonor Telles se empenhou e fez nascer mesmo este movimento, não por amor de mim, mas pela vingança, sua, d'ella.

Mas que importa isso ao facto? Vença eu, alcance-se a derrota do Mestre de Aviz, não terei conseguido o meu desejo?

Que me importará que a minha chegada ao throno tenha tambem satisfeito outras vontades? Serei por acaso menos rei?

— Crês que possas, que virás a ser rei de Portugal?

— Porque não?

— Ainda que venças o Mestre de Aviz?

— Porque não?

— Tu illudes-te, completamente, Diniz. Vae, batalha, vence, tu não serás nunca rei de Portugal.

— Nunca?

— Nunca, meu amigo.

— Quem o diz?

— Eu!

D. Diniz olhou para a cunhada a procurar ler-lhe nos olhos, no rosto, o signal de uma alteração cerebral.

— Olhas-me, espantado? perguntou-lhe esta, ao ver-lhe o olhar indagador.

— Realmente...

— Vaes espantar-te mais quando eu te affirmar que isto é assim e que tu, meu bom Diniz, serás apenas, mais uma vez, qualquer que seja o resultado da tua tentativa, uma victima, das ruins paixões dos outros.

D. Diniz estava pasmado.

Duvidava ainda da consciencia da cunhada; mas o seu ar era de tal modo serio, as suas palavras ditas com tão profunda convicção, que D. Diniz começou a sentir-se, meio enleado, meio receioso.

— Explica-te Joanna, disse elle. Que coisas extraordinarias sonhaste tu, hoje, na ultima noite em que estou em Tordesillas, na vespera de uma partida inevitavel?

— De ha muito as desconfiava. Quiz, porém, sabel-as ao certo e só hoje, — graças á Virgem, ainda a tempo — pude ter a certeza de que me não enganava.

— Que sabes, então?

— Ouve, Diniz, tu consentiste em representar o papel que vaes representar, primeiro por ambição...

— Um pouco.

— Não, muito; ambição natural. E's filho de reis; tens direitos ao throno; é razoavel pretendel-o.

A prova é que não tiveste repugnancia nenhuma, antes alegria, quando a rainha Leonor te falou em o conquistar.

— Não é verdade?

— E' verdade.

— Repito, a tua ambição foi e é natural; mas hoje, não é apenas uma ambição que te move.

— Não?

— Não, é o amor!

D. Diniz olhou para D. Joanna, agora com verdadeiro espanto e disse-lhe:

— Começo a perceber, a desconfiar, que és feiticeira.

— Cegueira de namorados, disse ella com um leve riso... tornam publico, em tudo, o seu amor, e imaginam que a cegueira que os tem, invadiu os outros.

Toda a gente conhece a tua paixão pela condessa de Mayorca e sabe que o teu grande desejo é poder conquistar o throno para lhe pôres uma corôa na cabeça.

Se todos o sabem, porque o não saberei eu?

— Se assim é, tens razão, observou, risonho, o principe.

— E' assim.

— Adeante.

— Foi pois Leonor Telles a primeira a impellir-te; foi, mais tarde, a condessa que decidiu, absolutamente, da tua vontade.

Quem te levou á rainha?

A condessa.

Quem é a mestra, velha mestra, da condessa? a rainha.

De modo que, vê bem, tu cahiste entre estas duas mulheres, que nenhuma tem outro desejo, outra vontade, que não seja a da outra.

Leonor Telles ha de morrer com aquelle sonho de vingança que não reslisará jámais — porque é muito tarde — depois de te ter levado mais uma vez a combater os teus, isto é, a cavar mais fundo o abysmo que te separa de uma reconciliação amigavel, com teu irmão bastardo.

Dirás que nada perdes.

— Assim parece.

— Enganas-te.

Todos os que teem combatido contra elle, esses mesmos que estão longe d'elle, sem parentesco, sem direitos, elle os tem acolhido, como homem experto, fazendo-os amigos.

Dando-lhes terras, honras; quem dá é pae.

D'amanhã em deante, qualquer reconciliação futura será impossivel.

Perdes para sempre um direito, já abalado; como pretendente, não poderás, nunca mais, entrar em Portugal.

De nada te prejudicaria o facto, se de qualquer outro modo pudesses entrar.

Não podes, nem entrarás.

Leonor Telles arrastou-te no caminho da sua vingança, impossivel: a condessa levou-te para ella, pelos seus encantos, promettendo-te, fazendo-te acariciar a ideia de uma posse, que nunca pensou conceder-te.

Leonor Telles não consentirá nunca que sejas rei; a condessa não será nunca tua mulher!

— Tu enlouqueceste, Joanna?

— Talvez; ouve.

Discutindo-se o perigo que haveria em que fosses como pretendente invadir Portugal, a rainha Leonor perguntou como poderias tu vencer o o Mestre d'Aviz no dia em que os castelhanos te abandonassem.

— De certo não podia; replicou D. Diniz, imaginando ter D. Joanna dado um argumento a favor da lealdade com que os castelhanos o acompanhavam.

— Attende que não é, porem, antes de luctares e venceres a primeira vez o Mestre; o caso refere-se á hypothese de o teres vencido e de te teres acclamado rei.

Como poderias conservar o logar?

Hoje o Mestre tem amigos valorosos e que não descançariam até conseguir a desforra.

— O condestavel...

— Esse bastaria para te vencer, quando abandonado; não é verdade?

— Estou convencido d'isso.

— Pois bem; a hypothese que se discutia era esta: D. Diniz faz-se acclamar, como voltará o reino ás mãos de D. Henrique?

A rainha respondeu claramente:

Abandonando-o, se elle não quizer fazer, voluntariamente, a renuncia.

— Disse Leonor Telles? perguntou D. Diniz, gravemente.

— Disse Leonor Telles.

— Quem lh'o perguntava?

— D. João Tenorio.

— O arcebispo de Toledo?

— Esse mesmo.

— Mas...

— Ouve.

Como pudeste suppôr que os nobres de Castella, iam, só pelos teus bonitos olhos, combater para te dar um throno?

— Não iam por mim, iam pela rainha D. Leonor.

— Porquê?

— Elles o sabem.

— Todos o sabem, menos tu.

Escuta ainda:

D. João Tenorio é um vaidoso enfatuado, sempre o foi; ainda que homem de valor e valente.

Não sabes por que segue a rainha, velha?

— Não sei.

— Porque se apaixonou por ella e porque ella lhe prometteu a satisfacção dos seus amores, se elle patrocinasse o seu projecto de vingança.

-— O arcebispo é um homem serio.

— O arcebispo foi sempre um femeeiro, apreciador de mulheres e muito chegado a ellas.

Depois de uma breve pausa D. Joanna continuou:

— Porque seguem os irmãos Trastamaras a tua bandeira?

A razão d'esses deverás sabel-a, tu.

D. Pedro foi namorado, ou amante da rainha Leonor, em Portugal.

Deve ter sido apenas namorado, aliás não o traria ella tão preso ao seu jugo.

Bem; a esse, a rainha prometteu mais do que o amor. Prometteu-lhe o throno que tu vaes conquistar.

Como lh'o prometteu em Santarem e ter-lh'o-hia dado se elle consegue assassinar D. João I de Castella, promette-lh'o agora, se tu o conseguires conquistar, pela tua deposição.

D. Diniz começou a estar, seriamente, incommodado.

Ha mais, meu bom Diniz, ha ainda mais.

Tão certo está o conde D. Pedro do bom successo da sua tentativa que mandou bordar uma bandeira que levará escondida, com as armas de Portugal, juntas ás de sua casa.

— Tu sonhaste, Joanna.

— Deixa-me falar, Diniz Deixa me dizer tudo o que sei e que é a verdade, no fim de tudo eu te explicarei como o sube, eu te darei a prova real da verdade.

Não é melhor assim?

— E', fala.

D. Diniz estava debaixo de uma oppressão enorme.

— Diz-me, porém... disse elle.

— O quê?

— O conde e Leonor Telles não contam com o rei de Castella?

— Contam; mas contam que alguns amigos poderosos que a rainha lá tenha; com os portuguezes que vão na tua companhia que por esse facto não abandonariam D. Pedro partidario da rainha, e, contam ainda contra o maior numero de portuguezes que combaterá ao lado de quem fôr, o inimigo da patria, o rei castelhano.

O unico que poderia retirar-se para Castella para se não comprometter seria o arcebispo, mas esse, como sabes, não vae, envia os seus.

— Vae mais tarde.

— Irá; mas o melhor é ver em que param as coisas e não precipitar os acontecimentos.

O arcebispo é um habil politico.

— D'esse modo .. disse o infante.

— D'esse modo comprehendes qual o papel que vaes representar.

Se fôres vencido peor para ti. O desastre com a sua vergonha só cahirá sobre a tua cabeça, onde levarás, por escarneo, uma corôa de rei.

Se venceres, ainda peor: terás de tirar da cabeça a corôa, ou t'a farão tirar á força.

Dar-te-hão, foi o que se combinou, um ducado, com boas rendas; pertencer-te-ha o acceital-o, ou regeital-o, a teu talante.

Um pouco fatigada D. Joanna calou-se.

D. Diniz não ousava falar.

Pensava, profundamente, alheiado, estranho.

⁂

— Tu estás n'este momento, pensando, talvez, n'uma objecção que não podes resolver.

Pensavas na condessa.

D. Diniz levantou a cabeça, de chofre.

— Pensavas como é que D. Leonor sendo intima amiga da condessa, amiga a quem tu farias rainha, amiga a quem ella, mais que a tudo no mundo quer, ousaria enganal-a?

De uma maneira muito simples, enganando-a.

Dos seus planos particulares com D. Pedro de Trastamara nunca lhe falou.

Em primeiro logar, porque Leonor Telles não tendo a convicção absoluta da victoria, não queria revelar, como mulher prudente, um fim cujo ridiculo seria cruel com o insuccesso; em segundo, porque a dar-se o caso — tudo no mundo acontece — de tu seres rei, ella não quereria oppor-se a que a amiga fosse rainha, o que seria quasi como se ella o fosse.

De mais, a fascinação de um throno traria a complacencia mais firme da condessa a todos os seus planos.

Assim, a propria condessa, crendo trabalhar para si, trabalhava em primeiro logar, para Leonor Telles.

O mais curioso é que a condessa, se a principio teve alguma esperança no bom exito da expedição, hoje não tem nenhuma e apenas por dedicação trabalha e gasta o seu dinheiro, em sustentar as duzentas lanças que offereceu.

E' curioso tudo isto, não é?

— E' curioso, murmurou D. Diniz, com voz surda.

Ha ainda alguma coisa mais curiosa.

E' que, no fundo, a condessa não deseja ser rainha de Portugal.

— Hein? interrompeu o principe, o que dizes?

— Não deseja, absolutamente nada.

— Sabes os seus desejos?

— Melhor do que tu.

— Do que eu? Revelou-t'os ella a ti, como a mim m'os tem revelado, varias vezes?

— Falsamente.

— Joanna.

— Falsamente, meu irmão. A condessa de Mayorca, não te ama, não te amou nunca.

Poderia, ainda enlevada pelo brilho de uma corôa, fingir amar-te e como não és antipathico — pelo contrario — deixar-se levar por ti ao altar, e como consequencia, ao throno.

— Não?

— Não. A condessa tem o seu amor, escondido, agora; mas que publicará mais tarde, quando lhe aprouver, porque é livre.

D. Diniz, empallidecera.

Um tremor convulsivo lhe agitava os labios; os olhos despediam fogo.

Joanna estás a matar-me. Que malditas palavras ha uma hora me mettes pelos ouvidos.

Acaba, por Deus, explica-me o que quer dizer tudo isto.

— Uma prevenção Diniz.

— Quem me garante que não enlouqueceste?

— A serenidade com que te fallo e a prova final de que é verdade tudo o que te tenho dito.

Serena um pouco... attende.

D. Diniz encostou o cotovello á meza, o queixo á mão, para esconder o tremor que o denominava e poz-se a olhar a cunhada, fitamente.

— Sabe pois que Leonor Telles não te cederia o reino, se fosse possivel tomal-o.

A condessa não seria rainha d'esse reino, ainda que chegasses a ser, d'elle, o rei.

Um engano, uma armadilha em que cahiste, collocou-te na situação em que estás, agora, rei de comedia, tendo de ir envolver-te em casos tragicos.

O peor, Diniz, é que todo o teu empenho, o de agora, o de hoje, vinha de teu coração.

Ias combater por amor, pelos teus sonhos de felicidade futura.

Impellia-te a imagem de uma mulher e essa mulher não será tua, porque te não ama e ama outro.

Fingiu distinguir-te para te levar aos pés da vingativa e sanguinaria mulher que tu já devias conhecer de longa data; que tu conhecias; mas a quem um pouco de irreflexão, e muito da cegueira amorosa, fez esquecer, de repente.

Um outro! mas tu? é inacreditavel!

D. Diniz continuava a guardar um teimoso silencio.

— De modo que, continuou D. Joanna, vê-se que todos n'esta grande comedia, se enganam reciprocamente, concorrendo, porem, todos para enganar um só.

Engana-se o arcebispo; engana-se D. Pedro; engana-se a condessa acreditando que a rainha é sincera desejando-lhe um throno; engana-a rainha imaginando que esta o deseja mais que tudo na vida.

A ti, excepto os portuguezes que te seguem lealmente, engana-te a rainha offerecendo-te um throno que te não dará; engana-te a condessa fingindo acceder aos teus desejos, por servir a sua amiga e ama; enganam-te os castelhanos fingindo tomar-te a serio, como futuro rei.

Só tu não enganas ninguem, meu bom irmão, na tua céga confiança.

Cega e inutil. Se o não fôra, eu não te dizia estas coisas e deixar-te-hia seguir o teu caminho, sem de coisa alguma te prevenir.

Assim, sabes a verdade da situação em que estás; sabes o que deves fazer em tão estranho caso; faz, pois, como te parecer melhor e como entenderes fazer, pela tua raça e pela tua honra.

Calou-se D. Joanna.

Passados momentos, o infante, levantando a cabeça, como se sahisse de um pesadêlo, disse:

— Nada mais tens a dizer, Joanna?

— Nada mais.

— Falta-te dares-me a prova...

— Quando quizeres... Espera.

Levantou-se, sahiu á sala contigua, onde conversou com uma creada.

Voltou junto do infante, repetindo:

— Quando quizeres.

— Espera um momento, disse elle.

Eu sei que tu não serias capaz de affirmações tão precisas se não estivessses convencida.

A nossa convicção pode, muitas vezes, ser falsa, ainda que levada em informações sinceras.

O que disseste, quebra o ultimo elo da minha vida, se fôr verdadeiro.

A ultima miragem da felicidade esvahir-se-ha com esta desillusão suprêma; não tenho vontade nem forças para luctar mais.

— Tu comprehendes-me Joanna?

— Comprehendo Diniz.

— Eu não posso, porem, de deixar n'este momento, de ser um homem.

Quaesquer que forem os suplicios que tenha de supportar, tenho de lhes ser superior, para que ninguem ouse rir, ou da minha fraqueza, ou da minha imbecilidade.

De todas, esta é situação mais critica da minha vida!

Será a ultima.

Dá-me um calice de vinho. Sinto que a cabeça me abandona, não sei se de desanimo, se de colera.

D. Joanna levantou-se, encheu uma taça de vinho que elle bebeu, sofregamente, e sentou-se-lhe ao lado.

— Coragem, D. Diniz, és bastante grande de espirito para abdicares, mais uma vez, de riquezas e poderios.

O que te faltar em amizade, isso posso em dar-t'o.

Não só o amor embelleza e dá felicidade á vida: ou quasi nunca a dá, senão por breves tempos.

Tenho sido tua irmã, continuarei a sel-o: tem coragem!

D. Diniz toma-lhe as mãos:

— Continúa, sempre; desconfio que, d'aqui para o futuro, mais do que nunca, precisarei de ti.

Agora...

— Queres a prova?

— Tenho receio... e quero-a.

— Não precizarei provar-te, uma a uma, todas as affirmações que te fiz.

— Como quizeres.

— Basta que mostre a verdade de uma para que a verdade de todas as outras seja palpavel.

— Seja assim.

— Escolhi a quem mais podia ferir-te, impressionar-te; aquella que por si bastaria para te convencer, ainda que faltassem todas as outras.

— Qual é?

— Affirmei-te que a condessa não te amava.

— Que me importa o resto? disse D. Diniz, erguendo-se; podes provar-m'o?

— Talvez.

— Apressa-te, disse D. Diniz, fóra de si.

D. Joanna levantou-se.

Abriu a porta da casa contigua e chamou para dentro:

— Pero Vaz!

A figura de um escudeiro appareceu atraz de D. Joanna.

— Conhece-lo? perguntou esta a D. Diniz.

— Conheço; não foste escudeiro de meu irmão?

— Que Deus tenha no céu.

— Quantos annos?

— Sempre; desde que me conheci, até que elle morreu.

— Hoje, a quem serves?

— A senhora condessa de Mayorca.

D. Diniz olhou para a cunhada que disse:

— Pero é um velho amigo, noivo de Anna Pires, creada grave da condessa.

— Foi elle?... disse D. Diniz.

— O que elle disse é certo; mas não bastaria.

E' preciso que nem a sombra de uma duvida possa ficar no teu espirito.

Voltando-se para o escudeiro:

— Podes conduzir o principe?

Está lá?

— Está.

Quando sua senhoria quizer.

— Aonde?

— Aonde possas ver pelos teus olhos a verdade do que te disse.

— Sobre a...

— Occulta-te na tua capa e vae.

D. Diniz sahiu, de chofre, para o interior da casa.

— Recommendo-te que evites que o principe se exceda.

— Como poderei evital-o? minha senhora. Não seria melhor que lh'o pedisseis, vós?

— Tendes razão.

Vaes tambem para a guerra, Pero?

— Não, minha, senhora; a senhora condessa mandou-me ficar.

N'isto, entrava D. Diniz, com um longo chapeu de abas e uma capa grande que lhe dava por debaixo dos joelhos.

— Vamos, disse.

— Meu irmão? exclamou D. Joanna.

— Joanna.

— Posso ficar descançada?

— A respeito...?

— De ti? Terás prudencia?

— Descança, terei.

— Espero-te.

D. Diniz já não a ouvia, sahindo.

— Minha senhora, disse, despedindo-se, o escudeiro, que mandaes?

— Recommendo-te D. Diniz.

— Não haverá novidade, minha senhora, disse o escudeiro, curvando-se; que a Virgem fique na vossa companhia.

— Deus vá comtigo, disse D. Joanna.

O escudeiro sahiu, rapido, no encalço do principe.

* * *

CAPITULO XXV

A porta escusa

Seriam duas horas da noite quando o principe e o escudeiro se acharam na rua.

— Onde vamos? Pero, perguntou D. Diniz.

— Ao pé do palacio de minha ama.

— Ao pé?

— Sim, meu senhor. Do lado norte; á viella da Torre, não conheceis?

— Não conheço.

— E' ahi.

— Porque vamos, ahi?

— Porque é lá a porta escusa, por onde se entra ou sahe do palacio, sem se ser visto facilmente.

D. Diniz comprehendeu então, perfeitamente, a ideia da cunhada.

Revelando-lhe, mostrando-lhe a falsidade da condessa, aquillo que mais o poderia interessar, nenhuma duvida lhe poderia ficar sobre a verdade de todas as revelações.

Iam, pois, ver alguem que sahia ou entrava no palacio, escusamente.

A confiança placida do escudeiro revelava-lhe que era verdade; mas o seu espirito recusava-lhe acreditar ainda.

O acreditar era sentir uma dôr enorme no coração, seguida de um profundo sentimento, de odio, de raiva.

A este vinha, após, um desejo brutal de vingança, de exterminio.

A mão acariciava os copos da espada.

Nos largos e praças o movimento desusado não afrouxára ainda.

Augmentára, talvez.

Em julho, quasi que não ha noite, em noites de luar.

Uma claridade intensa illuminava os grupos que iam e vinham ou que parados falavam, animadamente.

Pelas portas, viam-se vultos dormindo, de homens, de mulheres em promiscuidade.

D. Diniz e o escudeiro caminhavam depressa.

O infante embuçava-se, deixando descahir até debaixo dos olhos o sombreiro negro.

Ninguem o conhecia.

Silenciosos, passavam as ruas, evitando os grupos, para não demorarem a marcha.

Um quarto de hora depois, o escudeiro mettia-se por debaixo de um arco, onde havia um nicho com uma santa.

Em frente da santa, um lampeão oscillava, levemente, baloiçando uma luz fumosa de azeite.

Uma ruella estreita continuava o arco, escura a perder-se-lhe o cumprimento, nas trevas.

Os muros de um grande palacio d'onde se penduravam os troncos de velhas arvores, formava-lhe a direita; de espaço a espaço esses muros tinham um mirante. A meio uma pequena porta. O lado esquerdo da rua formava-o o altissimo muro de um convento de freiras.

Como a lua fosse baixando o luar não entrava n'esta calha de metros de fundo.

Era pedregoso e mau o pizo.

Os muros rescendiam humidade; havia no ar um cheiro a aguas estagnadas; o ar era humido, denso.

Entraram os dois pela viella.

Quando passaram, pela porta pequena, da direita, o escudeiro parou e disse para D. Diniz.

— E' por aqui.

— Conheces o amante da condessa? perguntou este fazendo um esforço enorme para falar.

— Sim, meu senhor.

— D. Diniz ia a perguntar quem era... calou-se.

O escudeiro chegou á porta e pôz o olho ao buraco da fechadura.

— Que estás a fazer?

— A ver se ainda cá está.

— Está?

— Ainda está.

D. Diniz poz-se a olhar o fundo negro da ruella.

— Aonde vae dar este cano?

— Aos muros da villa; fóra da povoação.

— De modo, que quem sahir, volta, para cima, pelo arco?

— E' natural.

D. Diniz queria affirmar-se de quem fosse. Um certo amor proprio impedira-lhe de o perguntar, á cunhada, ao escudeiro. Não precisava, iria elle sabel-o.

Vamos para de baixo do arco, disse D. Diniz, de lá veremos quem sahir. Queria aproveitar a luz da lampada para conhecer.

No ressalto que faziam as pedras do arco contra os muros, encostados á parede, a sombra intensa escondia-os completamente.

Esperaram bastante. Eram mais de tres horas. A manhã vinha perto.

D. Diniz, ás vezes, insoffrido já, dava uns passos pela rua, monologando . . falando inintelligivelmente.

O escudeiro, hirto, calado, olhava-o em silencio.

De uma das vezes D. Diniz afastara-se mais.

— Meu senhor? disse, de repente o escudeiro.

Uma janella do primeiro andar da torrella fronteira, abrira-se, cautelosamente.

O luar batia-lhe, em cheio, por sobre os muros.

— Meu senhor? bradou de novo, com voz sumida, o escudeiro.

D. Diniz correu, apressadamente.

— Vem descendo a escada. Olhae.

D. Diniz levantou a cabeça e como uma visão do céo deparou-se-lhe no peitoril da ventana arqueada o busto adoravel da condessa, olhando para baixo.

Como era bella! Deus! como era bella!

Quedava-se a olhal-a.

Subito, porém, ouviu-se como o roçar de um ferro por outro, uma phrase dita por alguem sob a janella arqueada, os sons de outra, que a bella condessa deixou cahir dos labios, inclinando o corpo por sobre o peitoril e, no limiar do postigo, que mais o era do que porta, um vulto negro appareceu de subito.

O infante, sentiu, dentro, uma voz dizer-lhe: mata-o! e levou a mão á adaga.

N'esta occasião a janella da torre fechou-se e o vulto pela viella, dirigia-se ao arco.

Como a um naufrago a quem, em instantes, toda a vida perpassa pela cabeça, no momento de afogar-se, toda a vida de D. Diniz, como um relampago lhe atravessou o cerebro.

Desde os primeiros annos até aquelle momento: viu-se infante, cavalheiro, mendigo, exilado, quasi rei e . . . assassino! Largou a adaga. Como não receiasse ser visto, o rapaz, vinha desembuçado, cuidadoso apenas em evitar as aguas sujas que corriam ao meio da viella.

Hirtos e silenciosos, como estatuas, cosidos com o muro, os dois homens viam-n'o vir, espreitando-o, cuidadosamente, a meio rosto sahido pelo angulo da cantaria.

Approximava-se.

A luz começava a alcançar-lhe o vulto, a desenhar-lhe a fórma, a illuminar-lhe a cabeça.

D. Diniz affirmou-se, melhor. . reconheceu-o. Era D. Affonso de Trastamara, o primeiro amor de Beatriz!

Como se a bocca de um leão lhe triturasse o coração com os dentes, o infante sentiu dentro do peito rebentar um vulcão de sangue que lhe galgou á cabeça.

Esse sangue era o de D. Pedro I, desnorteador, impulsivo, indomavel!

D. Affonso entrava sob a abobada do arco; da negrura do canto escuro D. Diniz avançou, desembuçou-se, tirou a espada e disse: defendei-vos!

N'um relampago, D. Affonso percebeu a situação e sem uma palavra, desembainhou a d'elle.

Cruzaram-se os ferros, arrancando faiscas; o escudeiro immovel empunhara o hulhão, esperando.

Um... dois... tres... ao quarto passe D. Diniz cahia a fundo. A espada entrou pelo peito de D. Affonso, atravessando coração, sahindo um palmo, alem das costas.

Cahiu redondo.

D. Diniz curvou-se um pouco embainhando a espada e olhando o corpo estendido. Estava morto.

Vamos, disse. Embuçou-se de novo até aos olhos e seguido do escudeiro seguiu para casa.

Tudo se passara n'um momento, n'um silencio funebre.

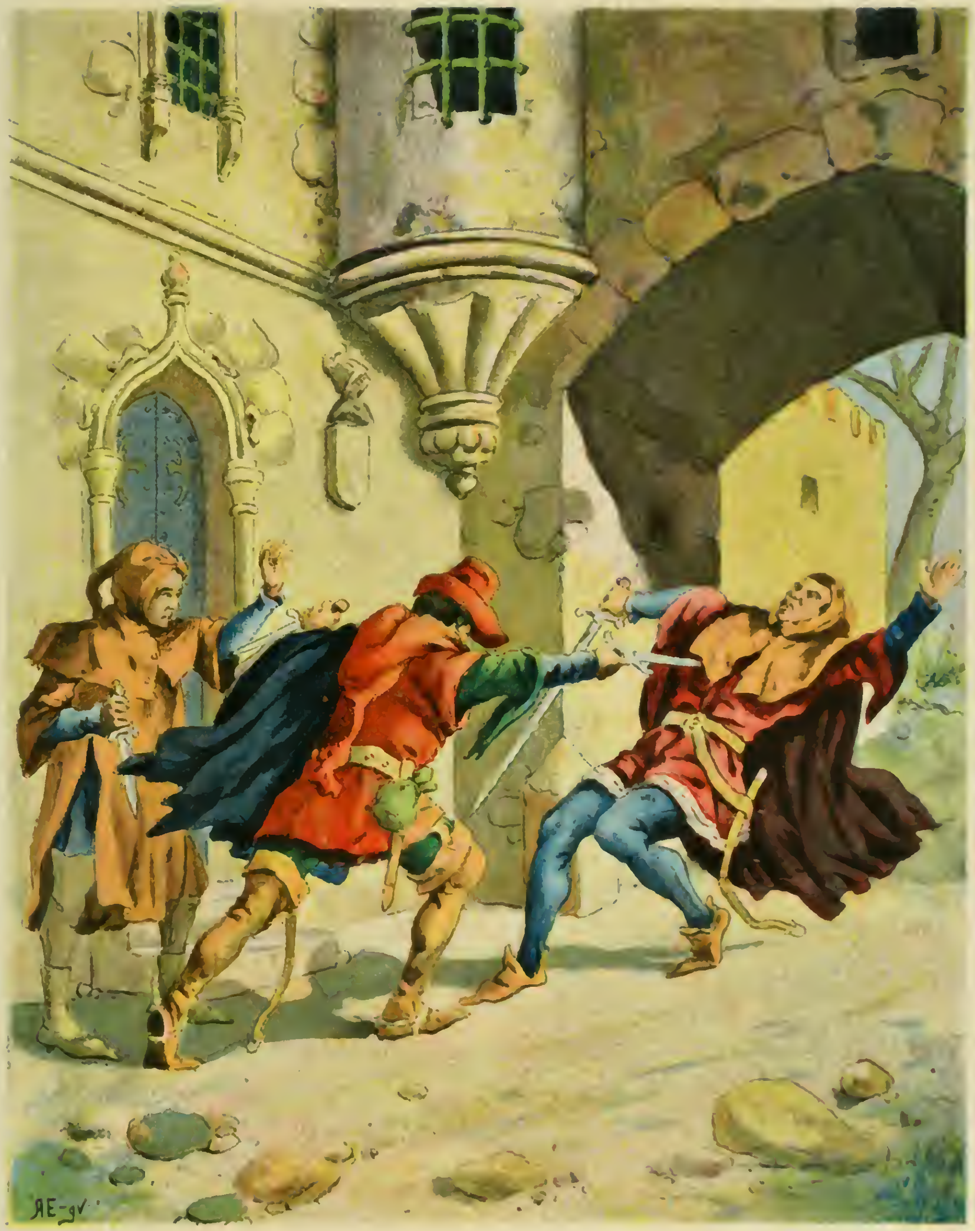
Um rapido tinir de espadas, a queda de um corpo sobre as lages, uns passos que se afastaram, foi tudo.

D. Diniz chegava a casa e reenviava o escudeiro, recommendando-lhe absoluto segredo.

A condessa mal podia conciliar o somno, ainda saboreando, com o pensamento, os beijos quentes da despedida.

O amante, esse, estendido nas pedras, os olhos abertos para abobada do arco, um grosso fio de sangue a correr-lhe da bocca, esfriava ao ar da manhã que rompia, emquanto a lampada balouçava, suavemente, como um thuribulo, a luz mortiça do oleo deficiente.

Tocavam cornetas, ao longe.



A espada entrou pelo peito de D. Affonso,...

CAPITULO XXVI

O convento do Carmo

No dia de Aljubarrota, o rei D. João I fez a promessa de uma cathedral a Santa Maria da Victoria.

N'esse dia memoravel o Condestavel prometteu egualmente uma egreja á Virgem, alem da capella que erigiu, no logar onde tivera a bandeira castelhana.

Em 1389, durante as treguas de seis mezes, assentes com Castella, o condestavel, depois de validada a carta de confirmação de todas os doações regias, vae a Aljubarrôta inaugurar a construcção da capella de S. Jorge.

O rei D. João inaugurára já a construcção da egreja de Santa Maria, no logar da batalha gloriosa.

De vinda de Aljubarrôta, chega a Lisboa para escolher o sitio azado ao seu voto a Nossa Senhora do Vencimento.

A alta collina que se erguia a prumo sobre o Rocio, dominando os campos de Valverde, fronteira aos montes da velha Lisboa, já a esse tempo cercada pelos muros de D. Fernando, pareceu-lhe um logar de eleição.

Chamavam-lhe, então, ao Carmo, o monte da Pedreira, porque d'alli se extrahiam pedras para as construcções.

Tambem lhe chamaram do Almirante, porque ahi fôra o palacio do Pessanha, aquelle genovez, morto, como dissemos, junto a Beja pela revolução popular.

O palacio, em ruinas, era por então, cercado de olivaes, um refugio de ladrões e de vadios.

Pertencia o cazarão á viuva do almirante, que era a irmã do proprio condestavel.

Approuve-lhe o sitio; comprou aos frades da Trindade o olival; a irmã deu-lhe ou vendeu-lhe o cazarão e começou a faina.

A obra principiou com a maior actividade.

As difficuldades eram, porem, enormes.

As paredes abriam largas fendas pelo resvaladiço dos terrenos.

A' força, os alicerces, subiam.

Começou a edificação pela abside, levantadas as paredes sobre uma muralha enorme, de uma altura vertiginosa.

Quanta pedra, porem, os carrejões despejavam na valla aberta dos alicerces, quanto se se sumia na incontinencia dos terrenos.

Duas vezes a grande altura os muros já levados, abriram fendas, desconjuntaram-se, vieram a terra.

O condestavel, ao saber do desastre, dissera apenas:

— Comecemos mais abaixo, pela raiz do monte.

Assim foi.

Abriram-se as vallas mais a baixo e a muralha ergueu-se apertando as terras do monte, n'um grosso muro supporte escalonado.

Annos depois erguia-se, orgulhosamente, nos pincaros a abside e começou-se a nave.

Do lado do sul, contra as ruinas do palacio do almirante os terrenos cederam tambem.

A fachada abriu uma grande fenda.

Era preciso aguentar a fabrica com gigantes e foi então que o condestavel comprou á irmã o terreno adjacente, deitando a baixo as ruinas do palacio do Pessanha, seu cunhado.

A compra foi feita por troca com umas cazas que o condestavel tinha na Judiaria Velha, rua da Ferraria, aforadas a um tal Jacob Navarro.

Feita a troca, com a maior rapidez, ajudadas as paredes pelos gigantes, o corpo da egreja, em a magnificencia e belleza que ainda hoje se vê nas formosas ruinas, ergueu-se magestosamente.

* * *

Quanto mais a fabrica progredia, mais encantado o condestavel estava, com a escolha do sitio.

Vigiando quasi sempre os trabalhos, pelo interesse de ver acabado o seu templo, muitas vezes o heroico Nuno se comprazia a dilatar a vista pelo panorama circujacente.

Era um ninho d'aguia o convento.

D'alli tudo o que via lhe dava recordações agradaveis, affectuosos e queridas lembranças.

Em frente, erguia-se o castello e toda a ampla cortina dos cêrros onde toda a historia de Lisboa batalhadôra e valente estava escripta.

Alem, ao norte, o môrro da Penha. O condestavel lembrava-se de quando por alli entrara, com o irmão já morto, havia já vinte annos, a defender Lisboa cercada, no tempo de El-Rei D. Fernando.

O terreno afunda-se e ergue-se o Monte Olivete, cujo nome trazia á sua piedade a lembrança de paixão do Redemptor dos homens.

Uma outra vaga e ergue-se Almafala, dos frades da Graça.

Por ahi se batera e por ahi fugira n'aquella noite, enganando o irmão, para ir combater em Villa Viçosa.

E lembravam-lhe as pazes, as bôdas da infanta D Beatriz, o banquete d'Elvas, quando deitára a meza abaixo, com um pontapé, no jantar.

Depois via o castello, a Alcaçova e, á sombra do primeiro, a velha Sé.

A velha Sé de cuja torre cahira, arrojado pela populaça, o pouco leal arcebispo e os comensaes do almoço.

Ao fundo no azul intenso, a desenhar-se n'uma dôce tinta do céu o dorso da Arrabida, da outra banda apparecia.

Por detraz das torres da sé, ergue-se a agulha dos paços de Apar S. Martinho.

O paço de D. Fernando! quantas recordações, quantas memorias, quantas saudades!

A' direita fecha o horizonte a curva serena do mar.

A' esquerda a lombada de Sant'Anna, esconde a Mouraria, Santo Antão e Corredoura.

Em baixo, o Rocio onde apodreceu, e foi comido pelos cães o arcebispo.

No socalco do monte que o convento domina, corre a rua de Mestre Gonçalo.

Em frente, quasi, o convento de S. Domingos; para além Santa Justa, ao lado, a Senhora da Escada, tão venerada pelos habitantes, e tão protectora.

Valverde vae subindo, cheio de hortas cortadas pela nova muralha de D. Fernando, que trepando pelo monte de S. Roque, cheio de dentes, de torres espaçadas, sobranceiro pela esquerda ao do Almirante.

Entre elles uma viella intreme em degráus, leva ao Rocio.

E' hoje a calçada do Carmo.

A' direita S. Francisco; para traz a espessa cortina de muros que descia de S. Roque, ao lado da Trindade, com a porta de Santa Catharina, por ella sahira um dia a pelejar e estivera quasi morto envencilhado com o cavallo, cahido.

Do alto do seu monte toda a sua vida passada lhe apparecia escripta, nos ceus, nas casas, nos muros, no mar.

Cada vez mais o condestavel se regosijava com a ideia.

O seu convento, fugindo á tradição que os mandava construir no fundo dos valles, erguia-se sobranceiro e alteroso no mais bello monte de Lisboa.

Era um ninho d'aguia.

*
* *

N'este anno (1398) ainda não completo, estava porem prompto para receber os seus habitantes.

D. Nuno anciava por esse momento.

O templo erguia-se já, altivo e poetico, sobre as enormes muralhas que amparavam o môrro.

A abside avançava como a prôa de um navio, cercada por cinco corpos semi-circulares, sahidos da terra como fustes de arvores ciclopicas entre pilares reforçados de cantaria, assentes sobre as escarpas.

Sobre o poente abria-se a porta principal, ogival, com seis arcos, sobre columnas de capiteis folhosos, mais baixa do que a praça doze degráus.

Sobre a porta a rozacea illuminava o templo; as ameias projectavam-se no ceu, como se fossem de um castello.

Era um templo e um baluarte.

Era a imagem do homem que o edificara: um guerreiro e depois um santo.

A egreja, entrada, apparecia em toda a sua amplidão, solemne e mysteriosa.

Abria-se em tres naves arrojadas egualmente para o alto e os fustes dos cinco pilares, de cada lado, desabrochando em artezões, subiam ogivalmente, e encontravam-se no fecho das abobadas sob escudetes de pedra lavrados com a imagem da bandeira do condestavel.

Nas naves lateraes, mettida nas paredes, até ao cruzeiro, uma galeria rasgava-se em tribunas por sobre cada um dos cinco altares, de cada lado.

Na grande abobada do cruzeiro, o artezoado era rematado pelo escudo das armas do fundador com uma cruz floreteada; e ao centro da abside erguia-se um throno magestoso, com a estatua da Virgem com o filho, do lado esquerdo, ao collo.

Na mão direita tinha uma véla, sempre accesa, pendendo-lhe do braço o escapulario carmelita.

*
* *

Ancioso por inaugurar o seu convento, o condestavel pensava em quem delegar esse trabalho.

Em Moura, Nuno Alvares, convivera muito com os frades da Ordem do Carmo, que alli tinha o seu capitulo.

Era uma ordem de costumes severos e de penitencia fervorosa.

O condestavel estimava-os.

Um seu antigo meirinho, a quem dera a villa do Arco-da-Batalha e varias quintas, João Gonçalves, professara, alli.

Frei Affonso de Alfama, vigario geral dos Carmelitas portuguezes, era pessoa de sua maior estima.

Escreveu-lhe a pedir-lhe frades; mas exclusivamente portuguezes, para virem tomar conta do convento.

Para prior indicava elle proprio Fr. Gomes de Santa Maria, que muito lhe agradara em convivio.

O vigario geral accedeu ao convite e uma communidade de frades veio installar-se no convento, ainda não concluido.

O condestavel, instando pela vinda, dizia, n'uma carta ao geral:

«... E, como pela vossa ordenação não comeis carne e tendes jejuns muito longos, não achareis, aqui, falta de provisões, porque fica a meu cargo dar-vos de comer e de vestir, a vosso agrado».

Parece haver uma ponta de ironia no dizer.

Não ha.

Era a difficuldade da expressão que havia n'esse tempo, em que as lettras andavam pouco, prejudicadas, ainda, pelos trabalhos guerreiros do tempo.

Não era o coração do condestavel dado a miserias.

Tanto não era que depois de ter gasto amplas sommas com o convento, o dotara com a quinta da Alcaidaria, a villa de Ourem com os bens de Pombal, Leiria e Thomar e todos os bens que tinham sido de João Fernandes Andeiro, os bens do judeu David Negro, o moinho de Corroios em Almada e os esteiros de Algenoa, de Ancora e de Arrentella.

Vieram, pois, os frades.

E, n'um dia de novembro, dia 28, deante do altar-mór, cheio de luzes, o prior Fr. Gomes de Santa Maria, celebrava a primeira missa, deante da Virgem do Nascimento, que o acompanhou com a sua véla accesa, o escapulario carmelita pendente e o menino sentado ao collo, no braço esquerdo.

Na egreja acotovellava-se uma multidão de homens de armas, com as suas armaduras luzentes, as suas espadas e os seus punhaes.

Por detraz o povo, massa confusa, envolto nos seus fatos mais garbosos, pasmava na vista dos senhores, nomeava-os, referindo-lhes os casos sabidos das guerras, as valentias e as proezas.

Maravilhado, olhava a altura das abobadas de cento e doze palmos, a elegancia das columnas, o comprimento da egreja de trezentos e vinte e sete palmos, a riqueza dos altares e das capellas.

Assistia El-rei e a rainha D. Philippa, com suas damas, n'um throno, do lado do evangelho.

El-Rei estava radiante.

Tudo o que causasse prazer ao seu condestavel era para elle motivo da maior alegria.

Lembrava-se tambem da sua egreja que se erguia da terra como um sonho de pedra e onde elle iria tambem assistir á inauguração logo que estivesse em estado de receber frades.

O condestavel estava feliz.

No meio dos frades, entre as harmonias e os psalmos, rezava com fervor.

Agradecia á sua senhora a protecção das batalhas e pensava intimamente no dia em que pudesse trocar os fatos de cavalleiro pela estamenha grosseira dos habitos.

Sentia-se cançado da vida? Talvez.

Soffria muito, trabalhara muito.

Não o pejavam os annos, porque não chegara ainda aos cincoenta; mas vergavam-no já um pouco os trabalhos e revezes passados e sobretudo o desgosto de um mundo que elle não entendia, o mundo dos lettrados, tão differente do d'elle, do que elle sonhava e não esquecera, ainda, o mundo dos heroes e dos justos.

A sociedade modificara-se e elle era d'esses caracteres que ficam e morrem na integridade da sua formação, inalteraveis e intransigentes.

O espirito do condestavel, mais do que o corpo, começava a cançar se da vida.

O ciume e a inveja tinham conseguido enchel-o de desillusões dos homens e das coisas.

Não era, porém, ainda tempo de repousar.

As treguas de seis mezes iam expirar em breve, e, de novo, o seu heroico montante tinha de luzir terrivel e glorioso ao sol das batalhas.

Vinha longe, ainda, para o heroico batalhador a hora da paz e do descanço.

◆

CAPITULO XXVII

Uma hora terrivel

D. Diniz e o escudeiro sahiram debaixo do arco e caminharam, em silencio, pela rua fóra.

Passados momentos D. Diniz parou:

— Obrigado pelos teus serviços disse voltando-se para o escudeiro, quando eu voltar da guerra, se voltar, não me esquecerei de ti.

— Meu senhor, disse o escudeiro, sêde vós feliz e não vos preoccupeis commigo.

A minha maior alegria seria o ter-vos, dentro em pouco, como meu rei.

D. Diniz teve um sorriso enigmatico.

Voltando-se de novo para o escudeiro perguntou-lhe:

— Vaes para Portugal?

— Sim, meu senhor?

— Quando?

— Logo que case.

— E, quando casarás?

— Antes de um mez.

— A tua noiva é rica?

— Rica? meu senhor; tanto como eu. Tem alguma coisa e com o que eu arranjar poderemos viver na nossa terra.

— D'onde és?

— De Evora, meu senhor.

— Tens lá amo?

— Servirei o sr. D. Nuno, o senhor condestavel, a quem já servi.

— Bom amo terás, disse o infante, com voz baixa.

Depois, como a acabar a conversa, ajuntou:

— Lá nos veremos, ou cá... Como quer que seja, quando de alguma coisa precisares e saibas que eu t'a posso fazer, lembra-te de mim.

O escudeiro levou a mão ao barrete.

D. Diniz com gesto familiar e alegre acenou-lhe com a cabeça e partiu, pela rua lateral, direito a casa depois de repetir: segredo!

* * *

Ao entrar, a cunhada esperava-o.

D. Diniz vinha pallido, de uma pallidez de marfim velho, profunda.

— Desculpa-me Diniz, disse-lhe D. Joanna, quero perguntar-te apenas se eu tinha ou não razão e se fiz mal em te revelar tudo o que me pareceu que devias saber.

— Fizeste bem, irmã, volveu D. Diniz.

— Sei que te fiz soffrer e te faço ainda horrivelmente; mas tu és um homem, e a um homem compete saber a verdade, ainda que cruel.

— Mais vale do que um engano; o soffrimento não me atterra, estou acostumado a elle, desde que nasci.

— Vaes preparar-te para a partida?

— Vou.

— Cavallos e bagagens tudo está prompto para a primeira voz.

Quando quizeres, diz.

Repousa, porem, uma ou duas horas.

Deves precisar de descanço.

— Rompe a manhã...

— Mas a partida sempre se demorará.

E' sempre bom dormir uns momentos que sejam.

D. Diniz subiu para os seus aposentos.

Chegado alli, atirou o chapeu, a capa e a espada para cima da cama e deixou-se cahir n'uma cadeira ampla de espaldar.

Deixou-se cahir...

Não podia ter-se de pé, por mais tempo.

Havia meia hora que lhe tinha sido precisa toda a sua coragem de homem experimentado pela vida, para poder falar, mover-se, conversar.

Uma dôr enorme, feita de todas as dôres, uma angustia feita de todas as angustias, lhe apertava o coração confrangido.

Respirava mal, suffocava.

Tudo o que soubera havia duas horas, tudo o que vira, tudo o que fizera lhe parecia um sonho máu, uma allucinação, um pesadêllo!

Pesadêllo, horrivel!

Mais uma vez a sua má sina se revelava.

D'esta vez, porem, era de um modo tão barbaro como, até alli, nunca fôra.

Amara! era a primeira vez que amava!

Nenhuma mulher pudera, na sua accidentada vida, prendel-o pelo amor.

Como se a sua alma, o seu espirito privado do descanço, não tivesse nunca tempo para se inclinar aos doces prazeres do affecto.

Embrenhado em luctas, qual d'ellas a mais grave, D. Diniz passára a mocidade, sem se lhe conhecer uma inclinação.

Exilado, desde novo, em terra estranha, a saudade da patria, dos seus costumes e habitos e ainda, talvez, um certo orgulho de raça, tinham feito que elle não olhasse nunca amorosamente as mulheres que lhe tinham apparecido no caminho.

Devel-as-hia ter havido e muitas a quem a sua mocidade altiva, o seu nome principesco seduzisse.

O certo é que o principe ou as não viu, ou não quiz prender-se em laços que não poderia sustentar á altura da sua posição ou do seu orgulho.

Um dia vira a condessa.

Vira-a n'esse dia, de um modo diverso de nenhum outro.

Disposição de espirito, estado d'alma, cançaço da vida, tudo isto, nada d'isto, talvez, fizeram com que reparasse n'ella.

A condessa era bella, intelligente, de uma grande bondade ostensiva, captivante, emfim.

Vimos como o chamara a si, ao seu convivio.

D. Diniz passara a edade dos amores faceis; a vida envelhecera-o, pelos trabalhos, prematuramante.

Era um homem completo, no periodo da maior virilidade da vida, mais socegado, mais tranquillo do que era natural que fosse, pela lucta permanente da sua existencia ingrata.

A condessa apparecera-lhe n'um momento em que a edade começa a fazer pensar nos restantes annos da vida.

Em que a placidez da casa, os affectos simples e serenos, a paz começa a ter para os homens um maior preço.

Era rica, bella, distincta, a condessa.

Carinhosa como sabia sel-o, metteu-o na nuvem dos seus affectos, rodeando-o de amabilidades e de cortezias, tão gratas a todos.

Sobretudo aos que soffrem!

D. Diniz deixara-se ir n'aquelle engano, n'aquella attracção natural e doce, até comprehender, um dia, que a formosa patricia era para elle mais do que um ser agradavel e captivante — era um desejo.

Esse desejo cresceu, lançou mais fundas raizes, robusteceu-se, com o convivio, com a imaginada partilha de uma grande sympathia e o infante amou!

Amou!

Com o seu temperamento, com o seu caracter, com a sua maneira de ver, o amor de D. Diniz, havia de transformar-se n'uma coisa grave e séria.

Assim foi.

Amor, aos primeiros annos, na força da mocidade, pode ser, ás vezes, uma impressão para toda a vida; um élo inquebravel para todos os dias da existencia.

Raras vezes, porem, é assim.

O coração é quem domina n'essas impressões rapidas, e por isso, vulgarmente, fugazes.

Nos amores d'outras edades, mais avançadas, quando o pensamento, o cerebro, a analyse e a critica concorrem para o apparecimento d'essa paixão, então é mais sério o facto.

N'estes, todo o organismo parece collaborar, e todo o ser humano em todas as suas sensações, dá como synthese — o amor.

Este amor é terrivel, persistente, indomavel, fatal.

Era o de D. Diniz, tendo visto a condessa, tendo convivido com ella, acorrentado á sua belleza, levado nas suas esperanças de grandeza, immerso nos seus sonhos de uma felicidade feita entre ambos.

Quantos dias passara pensando n'ella! Como lhe pareciam longos antes que a noite chegasse!

Que noites!

Nunca na sua vida de desterrado periodico, sentira na alma o conchego de uma caricia, o encanto de uma phrase terna, o enlêvo de um olhar de ternura, a felicidade, emfim, que dá a existencia junto a alguem que muito se ama, que muito se quer, que mais que a todos se quer.

Nunca!

Amava-a, emfim, para a perder.

Era mulher que elle amava, a primeira e ultima que amaria, era afinal como tantas!

Uma mentirosa, uma falsa!

Tudo mentira n'aquella creatura feita de todas as bellezas da terra! tudo mentira n'aquella bôcca divina, n'aquelles olhos amorosos, n'aquellas palavras dulcissimas!

Que lhe restava, agora?

Não poderia mais vêl-a, revêl-a, sentil-a!

Odiava-a talvez? Não saberia dizel-o; sabia que sua colera sem nome junta a uma dôr sem egual, lhe amarfanhava o peito, quando olhava o seu busto divino, batido pelo luar, curvando-se, nos adeus de despedida, á sua janella aberta e illuminada.

Isso via elle, como se o tivesse ainda presente, como se um poder infernal lh'o puzesse deante dos olhos, para seu escarmento e vergonha!

A colera cedeu o passo á tristeza e sua afflição, feita de soluços comprimidos, das lagrimas contidas, fez levantar o principe da cadeira e abrir de par em par a janella, a pôr a cabeça ao ar fresco da madrugada que vinha a surgir do Oriente.

Que dôr!

Nunca mais a poderia possuir, como elle imaginou tantas vezes, no caminho da phantasia.

Ao seu lado, bella, sua mulher; pagando-lhe o amôr, com um amôr ainda maior, feliz, finalmente feliz!

Tudo perdido, n'um momento, como n'um sonho máu, n'uma tragedia, inexplicavel, nunca pensada!

Não a teria mais!

Quem diria que tanta belleza occultava tanto impudôr! que tão bellas fallas escondiam tanta perfidia!

Até essa agonia, a do desprêzo do seu unico amôr lhe estava reservada para elle!

Era bem certo, que sina má presidira ao seu nascimento. Sentou se; anniquilado.

Ha familias condemnadas: a d'elle era uma d'essas, inegavelmente.

A luz da manhã crescia no horizonte, ao longe; ouvia-se pela rua o tropel de cavallos; de vez em quando uma corneta, fazia vibrar o ar frio da manhã, com sons agudos e estridentes.

O infante, prezo de uma prostração funda, immerso n'um pensar ainda mais fundo, quedava-se, alheio, ao romper da aurora, ao ruidos da rua, á voz das trombetas que visavam, pela cidade, os que haviam de partir.

Quanto tempo assim esteve?

Uma hora, talvez; mas de subito acordou.

* * *

CAPITULO XXVIII

Resolução

A mão carinhosa e branca de uma mulher batera-lhe no hombro e uma voz amiga perguntava:

— Meu irmão, em que pensas?

O infante, como que acordando de um sonho, levantou-se, de chofre, exclamando:

— Joanna! nem te senti.

— Eu sei, disse ella. Cheguei até junto de ti. Imaginava-te dormindo, vi que não estavas.

O teu estado era egual ao do somno, porque dormias acordado.

Era que pensavas? Vejo que não estás prompto para partir. Que não chamaste o teu escudeiro para te ajudar a vestir as armas, que o dia vae romper e que esperarão por ti.

O infante, com voz alheia, respondia:

— Sim é verdade... e quedava-se, como se fosse fóra do mundo, como um homem que perdeu a razão e a quem ella vem lentamente apparecendo.

D. Joanna começou a estranhal-o.

— Julguei que tivesses adormecido, disse ella; como te não sentia subi a prevenir-te.

— Obrigado, minha irmã, disse D. Diniz com a voz já clara e energica, obrigado pelo teu cuidado; mas foi inutil.

— O quê?

— O teu cuidado, irmã.

— Não te comprehendo, disse D. Joanna.

— Podias ter-me deixado dormir...

— Rompe a manhã.

— Que importa?

— Não has-de partir? Far-se-hia tarde...

— Tarde! disse o infante, como se lhe passasse pela cabeça uma ideia triste, tarde! para mim é sempre tarde!

— Que tens Diniz? perguntou D. Joanna, percebendo que alguma coisa de grave se passava em D. Diniz, que tens meu querido irmão?

— Nada tenho, irmã, não parto.

— Não partes? perguntou D. Joanna, no auge de espanto, não vaes...?

— Conquistar a corôa portugueza? observou D. Diniz com um riso horrivel.

— Cumprir o que prometteste.

— Com que direito exigirão que eu cumpra as minhas promessas, quando ninguem cumpre as que me fez?

Para que quero eu a corôa de Portugal?

Para mim? Basta-me a que eu tenho e tenho tido toda a minha vida, a de espinhos!

D. Joanna começou a comprehender que para D. Diniz o golpe soffrido pela prova que ella arranjara, fora superior ás suas forças.

Rapidamente, calculou o que se passava na cabeça do cunhado e quiz acudir-lhe.

— Diniz, exclamou ella, que louca resolução é essa?

— Louca?

— Sim, louca; indigna de ti...

— Sou então obrigado a ser ou a querer ser rei? Mas se eu não tenho a menor vontade de o ser?

Se todos os meus sonhos de felicidade morreram; se todos os meus desejos de grandeza não teem razão de ser, agora; se os não tenho, se os não quero, se os não posso ter!

Imaginavas, tu, que o throno que eu ambicionava era para mim? Quanto tempo ha que vivo como cortezão?

Era para ella! para essa mulher que tinha avassalado toda a minh'alma! era para que aquella cabeça radiosa tivesse um diadema! para que aquelle corpo adoravel pudesse envolver-se n'um manto!

Para mim?

Hoje, que é impossivel sental-a a meu lado, sob um docel, rainha magnifica, amada, entre as amadas, para que quero eu o throno?

Era para ella, ella regeitou-o; n'isso não será maior do que eu: dispenso o tambem .. não irei!

Um medo extremo, revelado n'um frio interno percorreu o corpo de D. Joanna, ás ultimas palavras do infante.

O modo por que tinham sido pronunciadas, revelavam uma teimosia absoluta.

Não ir! Como justificar tal acto!

Era uma desgraça, um contrasenso, um escandalo, uma vergonha inqualificavel!

Como o alcunhariam? De cobardia, de vileza, de loucura?

Era impossivel: em breve, senão já, esperal-o-hiam, viriam mesmo buscal-o, o rei, o pretendido rei, a cujas ordens teriam de obedecer; para cuja gloria e honra se tinham organizado exercitos, apromptado engenhos de guerra, dispendido enormes sommas, intentado uma guerra.

Se elle teimasse em não ir?

O que ia acontecer? o que diriam os nobres, El-Rei, todos?

Fôra um gracejo, uma puerilidade, um insulto, uma troça?

Todas estas idéas passaram pela cabeça da pobre senhora n'uma corrida louca.

Em frente do infante, que a olhava ousadamente, o semblante desfigurado, de olhos vivos, febris, ella percebeu que só uma grande audacia o podia resolver e disse-lhe:

— Has de ir.

— Quem?

— Tu.

— Tem graça o teu ar.

— Nenhuma. Meu principe, meu irmão, porque eu t'o peço, porque seria para ti uma vergonha, porque seria uma indignidade, porque seria uma traição.

— A quem trahirei?

— A todos, começando por te trahires a ti. Terás de fugir de te esconderes, seja onde fôr, longe d'aqui, onde te não sintam, nem vejam.

— Porque não quero ser rei? disse ironicamente D. Diniz.

— Porque faltastes á vossa palavra, porque deshonrastes o teu nome, porque ninguem saberá, se faltares, se foi um desgosto de amor que te levou a tal, se foi o medo!

D. Diniz ria.

— O medo? disse elle. Não ha ahi ninguem que me não tenha visto no campo.

Quem o affirmar é tolo, porque o não acreditarão.

D. Joanna sentia-se anniquilada. Não encontrava uma razão poderosa para demover D. Diniz, que se encostara com a maior indifferença á hombreira da janella e olhava como distrahidamente o dorso avermelhado dos montes longinquos.

Meu Deus! meu Deus! pensava intimamente a pobre senhora, o que vae ser d'elle, o que hei de eu dizer-lhe, o que o poderá resolver?

Na sua pobre cabeça, atormentada e altiva, a generosa mulher não tinha mais recursos.

Se o irmão fosse vivo!

Mas, assim, ella só. . . o tempo corria, o dia aclarava e D. Diniz, immovel, fitava o espaço.

Quando percorria com o olhar os moveis, as coisas, á procura de uma idéa olhou para a espada e pareceu-lhe ver, na bainha, umas manchas vermelhas.

Approximou-se, viu melhor.

— Bateste-te, meu irmão? perguntou com um novo susto na mente.

— Bati, respondeu fleugmaticamente D. Diniz.

— Com quem?

— Com quem havia de ser, minha irmã?

— Com D. Affonso?

— Esse mesmo.

— E. . . feriste-lo?

— Não, matei-o!

D. Joanna encostou-se á columna do leito para não cahir no chão.

D. Diniz, deixou a janella e approximou-se de D. Joanna.

Tinha nos labios um riso amargo; metade odio metade satisfação, horrivel de ver.

— Ao menos, disse, arrancando a espada, da bainha, toda manchada de sangue, este não poderá ser dos que me chamem cobarde.

— Tambem elle o não era, valha a verdade... Era feliz! E' mais perigoso. . a felicidade traz desgraça. . . mas porque diabo a tenho eu se nunca o fui?

Quedou-se a olhar a espada um instante; depois como que aborrecido, atirou-a para cima da colcha, desdenhosamente.

*
* *

D. Joanna é que não sabia o que fazer.

Andava-lhe a cabeça á roda, de tanto se esforçar por querer achar uma sahida áquella situação.

D. Diniz, victima de uma impressão dolorosa, não era o mesmo homem

Tudo n'elle era estranho, a voz, o gesto, o ar, que em geral bondoso tinha um modo de ser brusco e precipitado.

Pensando que fôra ella a causa involuntaria do que estava acontecendo a pobre senhora mais se affligia ainda.

Porque fôra ella, afinal, com a melhor das intenções, mas com o peor dos exitos, quem descobrira ao principe a teia miseravel de falsidades em que o envolviam.

Esta ideia mais a impressionava ainda e mais a fazia soffrer.

Como sahir d'esta situação? Como serenar D. Diniz? como resolvel-o a partir?

Não iria elle, afinal?

O que iam dizer, o que iria acontecer?

Não poude mais, fez um esforço supremo e dirigiu-se a elle.

— Que queres, Joanna? perguntou D. Diniz, com uma voz que sendo fria, não excluia ternura.

D. Diniz estimara-a muito sempre e assim lhe queria ainda.

— Diniz, disse D. Joanna, peço-te que serenes um pouco, esforça-te por te acalmares... tu não podes deixar de partir á testa dos teus homens...

— Que dirão elles, e que dirá o rei se não vaes?

— O que quizerem.

— Não... não, é impossivel, Diniz.

De mais, tu precisas partir...

Agora, mais do que nunca, para desviares as suspeitas de uma morte. . da morte que fizeste.

D. Diniz começava a ouvil-a, com mais attenção.

— Que me poderão fazer?

— Esqueces que era um fidalgo, alliado aos mais poderosos senhores de Castella e que te não perdoarão a morte?

D. Diniz sorriu-se enigmaticamente.

— Quem sabe que fui eu que o matei?

— Tudo se sabe.

— Matei-o, lealmente.

D'accordo; mas nem elle deixou por isso de morrer, nem tu deixarás de ser perseguido... terrivelmente.

— Não tenho medo.

— Mas tenho eu.

Calaram-se ambos um instante; D. Diniz olhando os campos, ella olhando-o, anciosa, febril, ao vel-o n'aquella irresolução, n'aquella indifferença invencivel.

D. Joanna, um pouco mais corajosa, continuou:

— Agora é que tu precisavas de voltar a Portugal e de conseguires ficar lá.

— Estavas livre de qualquer tentativa, e de qualquer perigo.

— Eu iria comtigo, Diniz... iria ter comtigo.

— Levaria os meus filhos... os filhos de teu irmão.

E' lá que elles deviam viver e educar-se... porque emfim, são portuguezes.

Não é verdade?

D. Diniz não respondia.

Deviam viver na terra de seu pae; lá poderiam, um dia, collocarem se, alcançarem os logares que lhes competem, pelo nascimento.

Tu não queres? achas que não tenho razão? Achas banaes e inuteis as minhas palavras?

— Pois bem calar-me-hei. Foge como quizeres. Adeus!

A pobre senhora, cançada, extenuada, dirigia-se para a porta.

Uma onda de soluços e lagrimas lhe subiu do peito e tomou-a um chôro convulso e alto.

D. Diniz voltou-se rapidamente.

Como que o acordou o pranto da cunhada e o fez despertar de um somno teimoso.

Correu a ella:

— Onde vais Joanna? porque choras?

— Vou deixar-te em paz, disse ella, entre soluços. Eu não valho nada para ti, nem o meu soffrer.

— Que é que faço, aqui?

D. Diniz tomou-a pela cinta, ergueu-lhe a cabeça do peito e amoroso disse-lhe:

— Não quero que chores, sobretudo por minha causa.

— Não venhas juntar mais um motivo de pena á minha vida; não venhas fazer-me o desejo de atravessar o peito com aquella espada.

— Diniz, acalma-te.

— Estou calmo, disse elle. Tu és a minha irmã querida; não quero que tu soffras, não quero que chores.

— Eu não posso partir. A fazer o quê? Não tenho fôrça, não tenho desejo, não tenho vontade.

— O que vou fazer?

— Não é assim que se vence; ninguem vae, assim, para uma batalha senão para ser vencido, para morrer.

Queres, tu, que eu vá morrer?

— Não, disse ella, de subito.

— Então...

— Quando sahires os muros, quando o ar dos campos te resfriar a cabeça, tu estarás outro, Diniz. Eu sinto-o; adivinho-o.

As impressões d'esta maldita noite terão passado, ou amortecido no teu espirito; tu serás o mesmo homem, cioso do teu nome e da tua honra... farás o teu dever!

— Vae, meu irmão, peço-te pela memoria de teu irmão, pela minha amizade, pela vida e felicidade de meus filhos!

Como visse D. Diniz com mais aprazivel aspecto, animou-se e exclamou:

Evoca toda a tua altivez, todo o teu valor de homem e não queiras sacrificar á saudade de uma mulher que te não merecia...

— Oh! cala-te, Joanna! exclamou o infante, emquanto essa mágua me derrancar o peito, sinto que nada farei, que o não posso fazer.

— Bem, disse ella, deixa-me ir dizer que não sellem os cavallos; mandar recado de que não podes ir; que uma doença grave e repentina te impede de partir.

Salvarás, ao menos, por horas, a tua falta.

Queres que o faça meu irmão?

— Como quizeres, Joanna, disse D. Diniz com uma serenidade e uma frieza esmagadora. Se achas bem o fazel-o, fal-o.

— A mim, é-me indifferente.

A boa senhora percebeu que nada ganharia com teimar e sahiu com a cabeça perdida; desceu a escada e chegando ao quarto de cama deixou-se cahir, desanimada, sobre as almofadas do leito.

* * *

D. Diniz pegou de um banco, arrastou-o para junto da janella aberta, encostou os cotovellos ao peitoril, deixou cravar-se nas conchas das mãos o queixo pesado e poz-se a pensar.

Roseava a crista dos montes a aurora que subia; contornavam-se as arvores, prateavam-se as veigas e pelas ruas de Valladolid, como n'um desafio, as trombetas vibravam, acordando os echos, enchendo o ar de suggestões de luctas e de guerras.

O infante pensava, alheio, extranho, nada vendo, nada ouvindo.

Em baixo, D. Joanna, levantava-se e vigiava, por detraz da vidraça, os preparativos que iam pelo pateo.

— Limpavam-se os cavallos e mulas; arreiavam-se, n'uma azafama crescente.

Alguns creados traziam ás costas compridos bahús forrados de pelles, com vistosa pregaria, que collocavam perto das mulas.

Um limpava com grossaria um capacete, aquelle uma espada curta, este uma lança, outro as solhas das joelheiras.

Na pia ampla de pedra os animaes bebiam; um ou outro creado, atarefado, apparecia carregando chaireis, freios, sellas.

Crescia o bulicio e o trabalho.

Conversava-se ruidosamente, entre as pragas de cavallariço que apanhara um coice, e as cantigas amorosas dos que limpavam as bestas.

Nascia o sol.

D. Joanna, pallida, afflicta, não sentindo ruido algum no andar superior, não tendo força para subir de novo, nem coragem para mandar suspender os aprestos de partida, olhava, como n'um sonho, o vae e vem dos moços, todos aquelles preparativos, toda aquella vida anormal, que ella nem percebia bem se era real se era fiticia, mercê da sua imaginação exaltada e doente.

Pelo portão aberto, invadindo o pateo, uma multidão de gente entrava lentamente, vendo, observando, commentando homens e animaes.

Havia despedidas; mulheres edosas e novas, parentas de alguns que partiam conversavam, chorando.

Alguns cavalleiros entravam, garbosamente, por meio da multidão, pizando-a, abrindo-a.

Eram os homens d'armas do infante, os mais chegados, os que haviam de guardar a sua pessoa.

Grossos mocetões na força da edade, robustos e feros, sobraçando a lança com uma naturalidade e facilidade absolutas, como quem meneiasse uma bengala.

Entre elles, ricamente vestido, isto é, de saio azul bordado a oiro sobre a côta, capacete polido em cujo topo flutuava uma pluma branca, montando n'um soberbo cavallo luxuosamente arreiado, um rapaz ainda muito novo, entrou radioso e vivo.

Era o alferes.

Em breve, um dos escudeiros correu dentro aos baixos do palacio e trouxe uma haste de carvalho, polida, em cujo topo, por debaixo do coração metallico da lança, se enrolava, pelo abraço de grossos cordões de seda terminados em grandes borlas, uma bandeira.

O escudeiro com mão veloz a desprendeu offerecendo a haste ao alferes e na aragem fresca e leve da manhã o quadrado branco abriu-se e as quinas de Portugal fluctuaram por sob as cabeças curiosas.

O alferes tomando a bandeira ergueu-a, nobremente, fincou-a na sella e olhando a insignia que palpitava ao vento, exclamou:

— Viva El-Rei!

A multidão acumulada no pateo, mais engrossada com palafraneiros, soldados, escudeiros, mulheres, vadios, exclamou n'um grito:

Viva El-Rei!

N'este momento a cabeça de D. Diniz, como a de um espectro, surgiu no vão de uma janella do andar nobre, fixou a multidão, deteve-se olhando, fortemente, fixamente e desappareceu.

Ninguem o vira.

Ao mesmo tempo na rua estreita ouviu-se ao longe, um tropel enorme de cavallos que se approximava rapidamente.

O povo sahiu a ver.

Um grupo de cavalleiros, armados para a guerra, n'uma alluvião de côres das vestes, plumas ao vento, as espadas batendo os acicates e coxotes, resplendentes de oiro e de pedrarias, approximava-se como um kaleidoscopo animado, ruidoso e deslumbrante.

Eram todos os nossos conhecidos: Os Vasques, o Pimentel, os Cunhas, o Gusmão, D. João Tenorio, o Vilhena, seguidos de outros portuguezes do bando dos Cunhas, varios fidalgos novos, castelhanos, que pela primeira vez iam para a guerra.

Bando opulento, brilhante, cheio de ardor, de audacia, de confiança.

Vinham buscar D. Diniz... o novo rei!

D. Joanna, ouviu o ruido, percebeu os cavallos e espreitando conheceu os cavalleiros e adivinhou-lhes a intenção.

Um suor frio, suor de agonia, correu-lhe o corpo, n'um estremecimento geral.

O que iria acontecer?

Quedou-se, encolhida, atraz da vidraça, meia envolta na penumbra, esperando, a tremer, atterrada!

— Deus! o que iria succeder?

Que faria D. Diniz?

Domados pelos freios, os cavallos estacavam sob as janellas do palacio entre a multidão, agitada.

— D. Diniz? perguntou para o pateo o arcebispo D. João Tenorio.

O alferes, adeantou-se, rapido, no seu cavallo branco e ia a dizer qualquer coisa, quando a janella do andar nobre se abriu e o busto de D. Diniz appareceu.

— Amigos, desculpae-me que me demore um pouco, disse o infante com uma voz alta e vibrante, n'um momento estarei comvosco.

— Esperaremos, senhor, respondeu o arcebispo, estae á vossa vontade.

D. Joanna correu como louca de alegria dentro, gritando:

— Nuno? Nuno?

O creado appareceu, correndo.

— Ajudae a vestir vosso amo.

Com uma pressa febril, D. Diniz calçava-se, vestira a armadura.

O creado ajudava promptamente, auxiliado por D. Joanna, que subira e entrara doida de alegria.

Espada, esporas, saio, tudo foi n'um momento posto em seu logar.

Nunca tão depressa se vestira um guerreiro.

D. Joanna não soltava uma palavra; apertava mais uma correia, compunha o saio, calçava-lhe as esporas, silenciosa, apressada, incançavel.

N'um quarto de hora D. Diniz, vestira o seu fato mais rico, feito para a occasião e apparecia, realmente, bello, cheio de uma grandeza a que a pallidez da face não deixava de dar um tom de rara distincção.

— O meu cavallo? perguntou a Nuno.

— Está prompto, meu senhor.

— Joanna?

— Diniz?

— Quero beijar os teus filhos.

— Vinde.

Desceram as escadas apressadamente e dirigiram-se ao quarto dos pequenos.

O ruido acordara-os de ha muito e conversavam sentados nas camas.

— João, Pedro, disse D. Diniz beijando-os, até á volta e toca a dormir.

— Quando vindes? disse o mais velho.

— Em breve, tornou D. Diniz; tua mãe t'o dirá. Se eu não vier...

— Iremos ter comtigo, disse o pequeno; não é assim minha mãe?

— Sim, meu filho.

D. Diniz beijou-os novamente.

No alto da escada, apertando ao peito a cunhada, disse-lhe:

— Perdoa-me quanto te tenho feito soffrer; reza por mim, adeus!

D. Joanna, com as lagrimas nos olhos, beijava-o, dizendo:

— Meu irmão, sê feliz... has de ser... até breve... até breve.

D. Diniz desceu ao pateo.

Montou ligeiramente e sahindo o portão saudou a comitiva brilhante que recuara para lhe dar logar:

— Bons dias amigos e viva Castella!

— Viva o rei de Portugal! gritou o arcebispo.

A multidão, enthusiasmada, secundou o grito:

— Viva o rei de Portugal! Viva!

D. Diniz á frente, ladeado pelo arcebispo e pelo alferes rompeu a marcha, atraz seguiu em onda revolta o grupo dos fidalgos, emquanto as trombetas, adeante, annunciavam estridulamente a passagem do rei.

A uma das janellas do palacio, branca de cêra, curvada sobre o balcão, commovida, nervosa, ao ver sumir-se no angulo da rua a cavalgada brilhante, D. Joanna chorava!

Era alegria? Era dôr?

Um presentimento talvez?

Vamos atraz do rei.

CAPITULO XXIX

A condessa

Deitara-se a condessa sobre o leito, quasi vestida, a descançar um pouco e pedira á creada particular para a despertar duas horas depois.

Tinha por idéa, levantar-se ao romper d'alva, na occasião em que as tropas deviam partir, ir ao convento de La Mercêd aos aposentos de Leonor Telles e das janellas, ver a partida do exercito.

Era ainda uma concessão que o seu amor lhe pedia, por aquelle bello e heroico rapaz, que havia pouco a tivera nos braços e com cujas caricias ella passara a mais deliciosa noite da sua vida.

Não ha para se fazer amado por uma mulher e para que esta se entregue, como a vespera de uma longa ausencia, sobre tudo quando esta pode ter um verdadeiro perigo.

Ir para a guerra é ir para a morte e a condessa sentiu que não podia deixar ir D. Affonso sem um longo adeus, caricioso e terno.

E' que entre todos, fôra D. Affonso o primeiro homem que lhe fizera bater o coração.

Esta condição é uma vantagem segura para qualquer homem.

Para obedecer á rainha, a então dama de Leonor Telles, tivera de fazer calar a voz do coração, simulando indifferença.

A voz, porem, da mocidade, simples e leal, a voz de D. Affonso pura de mentira, juras dos dezoito annos, juras de creança sinceras e intimas, nunca tinham deixado de echoar no coração da condessa, produzindo-lhe aquelle doce enleio de contentamento e vaidade que todas as mulheres sentem ao recordarem-se do homem que sinceramente as amou.

Se o sentem pelos que lhe foram indifferentes, mais o sentirão pelos que puderam fazer-lhe bater o coração, nos mesmos transportes de amor.

Assim, a condessa, recebera na noite da partida, o seu velho apaixonado e não contente com isso resolvera ir ainda vel-o, pela ultima vez, na partida.

Havia uma hora que, reclinada, mal podia conciliar um somno leve, interrompido por sonhos continuos, quando a porta da camara se abriu e a creada intima entrou.

— Minha senhora?

— A condessa despertada perguntou.

— Quem é?

— Eu, minha senhora.

— Já passaram duas horas?

— Não, minha senhora; mas é que...

— O que é? interrogou a condessa, levantando-se.

— E' que me parece que ha grande novidade... ou houve... debaixo do arco de S. Braz.

— Novidade em que sentido?

— Está lá muita gente junta. Mandaram pelo alcaide...

— Que temos nós com isso?

— E' que parece que mataram, alguem, alli, esta noite.

— Que especie de alguem?

— Parece que um fidalgo.

— Hein? disse a condessa, fazendo-se livida.

Um fidalgo?

— Um fidalgo e novo.

— Agora?

— Não, minha senhora, parece que ainda de noite.

— Porque não mandaste saber quem era?

Sabe-se?

A condessa olhava a creada, esperando a resposta, offegante, tremula, como se uma voz intima lhe dissesse uma terrivel desgraça.

— Foi lá o Pedro.

— Conheceu quem era?

— Sim, minha senhora.

— E... quem era? perguntou a formosa e pallida mulher, quasi a desmaiar.

— Pareceu-lhe ver...

— Quem?

— D. Affonso de...

— Ah! gritou a condessa, precipitando se para a janella.

Elle?

De subito voltou para dentro:

— A minha capa, já, depressa... não posso ir assim.

— Pois ides?...

— Já, depressa... corre...

A creada trouxe a capa e poz-lh'a aos hombros.

A condessa desceu como se voasse a escadaria de pedra que dava para o jardim; abriu com mão nervosa a pequena porta que conhecemos e precipitou-se, correndo, pela viella acima, até ao arco.

Afastou com as mãos hirtas os populares boquiabertos e chegou junto ao cadaver.

D. Affonso permanecia na mesma posição, de costas, os olhos abertos para a lampada, a mão direita na espada desembainhada, que sustinha em garra, a esquerda contrahida, como n'um arranco de dôr, que os labios descerrados um pouco, confirmavam mostrando os dentes cerrados.

Quedou-se um instante a olhal-o, joelhou-se, palpou-lhe as mãos e a testa, fixou-o e com uma voz, velada, estranha, indescriptivel, disse:

— Está morto!

Alguns creados e creadas tinham corrido atraz da condessa, mandados pela camareira.

— Velae-o, disse ella; fazei que ninguem lhe toque e quando chegar o alcaide transportae-o n'umas andas, que ireis buscar, alli, a casa.

Joelhou de novo, beijou-o na testa e ergueu-se.

Tornou a olhar bem o cadaver, como a fixar-lhe, na memoria, as feições exangues; depois, com um gesto brusco e para esconder uma torrente de lagrimas que lhe invadia os olhos, escondeu a cara n'uma dobra da capa e caminhou para casa.

Ninguem disse uma palavra durante tudo isto.

A curiosidade popular cifrava-se e concentrava-se na visão matutina d'aquella dama vestida de branco, envolta n'uma ampla capa escura, de cabellos ao vento, pallida como um morto, que apparecera, que beijara o cadaver e que partira como uma visão de sonho, de conto magico.

Quando ella partiu, os commentarios começaram, então, com maior força.

— E' a condessa de Mayorca, dizia um.

— A que mora n'este palacio?

— Essa mesma.

— Seria alguma coisa ao morto?

— Quem sabe lá?

— Mais do que a mim; disse, do lado, uma mulher andrajosa, suja.

— Do que a ti? decerto, bruxa... nem faltava mais nada que o não fosse, replicou um rapagão, typo de ebrio e de vadio.

— Mas quem é o fidalgo? quem é? perguntava-se.

Todos olhavam e nenhum respondia.

— Tu que és creado da casa, perguntou o mocetão a um dos creados, não o sabes tambem?

— E que o soubesse, eras, tu, alma de bebedo, que m'o farias dizer?

— Olha lá o fidalgo... não se amofine... quem era não sabemos nós... o que era já todos o percebemos.

— O que era o quê? interrogou o creado.

— O que era esse embonecado... que alli está estendido... não custa a perceber.

— Vá de conversas, interrompeu o Pedro escudeiro, chegando apressadamente.

Ainda não veio o alcaide?

— Vem alli, vem alli.

O alcaide chegava.

Verificou o estado do homem, o sitio.

— E' D. Affonso de Trastamara, disse elle.

Bateu-se... vê-se pela espada que ainda tem desembainhada na mão.

Olhando o peito, explicou:

— Boa estocada... amores... rapazes...

Está tudo visto... não tenho aqui que fazer.

Chegavam as andas.

Metteram-no dentro e o lugubre cortejo dirigiu-se, ao lado opposto da villa, ao palacio dos Trastamaras.

⁂

Quando o cadaver do infeliz D. Affonso chegava ao palacio, começava alli uma faina semelhante áquella que já observámos no pateo de D. Diniz.

O conde D. Pedro levantara-se havia momentos, déra as suas ultimas ordens e perguntara se o irmão estava acordado.

O creado que foi saber trouxera a resposta:

— Ainda se não deitou.

— E, porque se não deitou? perguntou o conde.

— Porque ainda não veio.

— Não veio?

— Não, meu senhor.

— Para casa?

— Para casa.

O conde estranhou o facto, tanto mais que o irmão não era dado a noitadas...

Sobretudo, n'aquella noite em que precisava ter um certo descanço pareceu-lhe caso estranho.

Depois lembrou-se, como era natural, de que alguma despedida mais longa... mais intima...

Por um secreto instincto veiu-lhe á memoria a condessa de Mayorca.

Será elle que...? perguntou para si mesmo.

Todavia, ainda que assim fosse, a demora causava-lhe admiração.

Mandou, porém, que tudo se preparesse para o irmão como se elle estivesse e começou a tratar do vestuario, ajudado pelo guarda-roupa.

De vez em quando mandava perguntar:

D. Affonso já veiu?

A resposta era, invariavelmente a mesma:

Ainda não.

Passou uma hora, passaram duas e o conde mandou creados pela villa, aos sitios onde deveriam estar os capitães a preparar, a reunir, as hostes, a vêr se alguem o tinha visto, sabia d'elle, onde parava.

No emtanto descera ao pateo a vigiar as bagagens, acondicionamento e melhor disposição, quando de repente alguns populares entram esbaforidos, gritando:

— Vem ahi o senhor D. Affonso, n'umas andas.

— N'umas andas? exclamou o conde com espanto.

— Sim, meu senhor, n'umas andas.

— Vem ferido? perguntou, já, desconfiado o conde.

— Dizem que vem morto, explicou um escudeiro que entrava no momento.

O conde correu precipitadamente á porta.

Chegou quando os creados pousavam no chão os pés do vehiculo.

— Que tem D. Affonso? exclamou ancioso.

— Meu senhor, parece que morreu de uma estocada.

O conde chegou-se ao irmão, rasgou-lhe, febrilmente, o gibão, com o punhal, no sitio onde se empastava o sangue.

A bôcca hiante de uma ferida, direita ao coração, appareceu gottejando, de novo, sangue, pelo arrancamento da camiza pegada.

Ficou por instantes mudo o conde; depois perguntou:

— Onde estava meu irmão? Onde o mataram?

— Bebaixo do arco de S. Braz, meu senhor.

— Onde é esse arco?

— Junto ao palacio dos Mayorcas, meu senhor.

— Ah! disse o conde, com um aperto de coração... e como para si, intimamente, foi uma emboscada.

A porta ampla do palacio abriu-se e o corpo do moço fidalgo foi levado em braços pela escadaria de pedra até a uma sala primeira do andar nobre.

Collocaram-n'o sobre uma meza, metteram-lhe debaixo da cabeça uma almofada de damasco, cobriram-lhe o corpo com um panno amplo de velludo.

Chamou o conde o mordomo e deu-lhe as suas ordens.

Despediu-se do irmão beijando-o saudosamente e desceu de novo ao pateo onde, cavallos, mulas e homens todos promptos esperavam a voz da partida.

CAPITULO XXX

A Revista

Pallido, mas seguro, o conde montou seguido dos seus escudeiros e homens de cavallo da sua guarda e dirigiu-se para fóra dos muros, ao campo para onde convergiam de todos os pontos da villa as hostes diversas.

Fóra dos muros, do lado do convento de la Mercêd, a planicie é grande a perder-se de vista.

Ahi, a uns cem metros, para lá das portas, fôra combinado que se reunissem todas as tropas que tinham vindo para a cidade.

As que não podessem chegar iriam juntando-se, pelo caminho, ao corpo principal.

Quando D. Diniz chegou, a maior parte das forças estavam já nos seus logares, formando grupos pittorescos.

Os capitães davam as suas ordens e os alferes hasteavam com garbo as bandeiras dos fidalgos commandantes.

No amplo espaço, quatro a cinco mil cavallos formavam um brilhante agrupamento, montados pelos homens de armas cujas lanças brilhavam ao sol nascente.

Oito a dez mil peões, massas anonymas e confusas agglomeravam-se juntas dos cavalleiros em grupos desordenados.

Dois centos de bésteiros acampavam, ao largo, como tropa escolhida.

Quando D. Diniz appareceu pela porta que ladea o convento de la Mercêd, do lado esquerdo, vindo do castello, apparecia o rei Henrique III, com a sua comitiva brilhante, mas reduzida em numero.

Cada capitão correu á sua hoste e D. Diniz ao rei.

Cumprimentaram-se amigavelmente e emquanto conversavam, os cavalleiros ordenavam-se, os peões punham-se em linha, os archeiros punham ao hombro, galhardamente, as pezadas béstes.

— Quizestes vir, meu senhor e primo, disse D. Diniz, dirigindo-se a Henrique III.

— Não podia deixar de vir, meu primo, disse D. Henrique.

Desejava dizer-vos o adeus da partida e desejar-vos as maiores venturas.

— Obrigado, disse D. Diniz; não esquecerei nunca quanto vos devo e espero em Deus poder um dia pagar-vos todos os vossos favores.

— Como os podeis pagar? perguntou D. Henrique; senão sendo meu amigo e conservando esta amizade, durante a nossa vida.

— D'isso podeis ficar certo, D. Henrique. Qualquer que seja o resultado da campanha, eu não esquecerei que a vós devo a faculdade de a poder ter tentado.

— D. Diniz, disse Henrique de Castella, a vossa victoria seria um bem commum.

D. Diniz olhou para D. Henrique a poder ver qual o grau de sinceridade com que elle lhe dizia taes palavras.

Sabia o infante de toda a comedia arranjada, em que D. Henrique não podia ter deixado de entrar e causou-lhe espanto o ar de sinceridade com que o moço rei lhe falara.

Talvez, n'um momento, o moço Henrique nem se lembrasse de que aquelle rei — que havia de ser — era de emprestimo.

Rapaz novo, generoso e valente, como depois provou amplamente que era — irritado, enthusiasmado com a vista das tropas lhe dissesse sinceramente, o que disse, com o desejo de que vencesse.

D. Henrique foi um nobre e altivo rei e é muito possivel que não tendo a menor idéa de conquistar Portugal, nem desejos de o humilhar, porque não sentira as desfeitas do pae, desejasse, sem intenção reservada, a boa sorte de D. Diniz.

O que é certo é que o infante, olhando-o lhe viu na phisionomia um pouco transtornada pela doença um ar de sinceridade real.

— Seremos amigos disse D. Diniz e a Hespanha não terá senão a lucrar com a nossa amizade.

Temos inimigos communs, voltou D. Henrique, é contra esses que deveremos, sempre, combater, o mais unidos possivel.

— Os moiros, disse D. Diniz.

— Os moiros, confirmou D. Henrique.

* * *

Pouco depois chegava o conde de Trastamara.

— Teu irmão? perguntou-lhe o rei.

— Meu irmão, senhor, é morto!

— Morreu?

— Mataram-no.

— Um assassinato?

— Não, meu senhor; meu irmão foi encontrado, debaixo do arco de S. Braz, estendido no chão, atravessado, de lado a lado, por uma estocada e tendo na mão, ainda, a espada núa.

— Ah! foi em duello? concluiu o rei.

— Assim parece.

O conde, ao dizer estas palavras, com a voz presa de uma commoção sincera, olhou o infante.

— Quem poderia ser? perguntou o rei.

— Quem pode sabel-o? volveu o conde.

— Todavia é preciso averiguar como isso foi.

O infante não déra uma palavra.

Não era do seu temperamento, nem do seu caracter o fingir.

Podia ter-se mostrado interessado, sollicito em saber, concorrendo assim para desviar as suspeitas da sua pessoa se ellas sobre elle viessem um dia a cahir.

Nada disse.

— Dou-vos os meus sentimentos, caro conde, disse D. Henrique, e eu me esforçarei por saber como foi morto.

Debaixo do arco de S. Braz, dissestes?

— Ahi mesmo.

— A que hora?

— Parece que ao romper da manhã.

— D'onde vinha?

— Ignora-se, respondeu, cautelosamente, o conde.

— Que me dizeis a este caso, D. Diniz?

— Que vos hei de dizer, senhor? Alguma aventura amorosa, em que se metteu.

— E' natural.

— Os rapazes são sempre pouco precavidos... algum rival.

— E' quasi certo, replicou o conde olhando, fixamente, o infante.

Este, sustentando-lhe o olhar com a maior naturalidade, respondeu-lhe

— Sabel-o-heis vós... é natural.

— Vamos vêr as tropas, disse o rei, picando o cavallo.

Os dois seguiram-n'o.

* * *

CAPITULO XXXI

A marcha

Dando de esporas, o rei passou em revista as tropas e munições.

O numero total dos homens era de dez mil, approximadamente, contando com os cavalleiros e bagageiros.

O conde Martim Vasques commandava duzentas lanças e mil peões.

Egual numero o conde João Affonso Pimentel.

Os restantes portuguezes commandavam a peonagem e os besteiros.

O infante D. Diniz tinha ás suas ordens quinhentas lanças e dois mil homens de pé, pouco mais ou menos.

Os restantes fidalgos hespanhoes formavam na vanguarda das suas luzidas hostes, pendão ao lado, garbosamente montados e ricamente armados.

D. Henrique á vista do exercito sentia-se preso de uma saudade ou pena de o não poder acompanhar.

Brioso como era, a vista dos homens d'armas, o aspecto de um exercito que vae marchar, animoso e alegre, despertava-lhe a fibra guerreira, que mais tarde havia de mostrar tão alta e nobre.

Assim, dizia para D. Diniz:

— Como sois feliz, meu caro tio e amigo.

— Porquê? D. Henrique, perguntou D. Diniz.

— Tendes ás vossas ordens, um bello e aguerrido grupo de homens de armas.

Levaes muitos rapazes novos, anciosos por combater e em quem podeis confiar.

Não é ter quasi certa a empreza?

— Assim parece, respondeu D. Diniz, com modo singelo e frio, como se a perspectiva da victoria lhe não produzisse um grande contentamento.

E' que no espirito do futuro rei, de repente, reapparecera toda a trama urdida na sombra, contra elle e a que não era indifferente esse rapaz que lhe falava com tão boas palavras.

A sua realeza ephemera, a consciencia de que todo o esforço empregado seria um inutil trabalho, enchiam-lhe a alma de uma indifferença natural.

Assim, contrastava o falar energico de D. Henrique, com a resposta calma do pretendente.

— Anceio por que haja, por qualquer modo que seja, uma paz duradoira com Portugal, dizia D. Henrique.

— Precisaes d'ella?

— Absolutamente.

Nós os reis de Castella, os reis da Peninsula, temos todos uma obrigação mais alta do que guerrearmo-nos.

Temos um inimigo commum; esse é que é preciso combater com todas as forças.

— O inimigo é?

— O moiro.

— Já se tem feito.

— E' necessario acabar a reconquista.

Era sempre um pensamento muito do agrado do rei a guerra á moirama.

Era, decerto, porque mais tarde, no anno immediato, a começou e com tal esforço a conduziu que os granadinos se temeram immediatamente d'elle.

Tamerlan desejou a sua alliança.

Preparava-se para um grande e decisivo ataque que puzesse os moiros fóra da Hespanha e tel-o-hia conseguido, segundo se deprehende das chronicas; mas a morte prematura não lh'o permittiu.

Pensava, pois, o novo rei em futuras e grandes emprezas, que intimamente acariciava, em verdes annos, e d'ahi lhe vinha o contemplar com mágua o exercito brilhante que via deante d'elle, não o podendo commandar.

Todos os fidalgos, passada a revista, tinham cercado o moço rei para se despedirem d'elle.

— Ide com a Virgem, meus amigos, dizia Henrique III, e que ella vos seja tão protectora como eu quereria que o fosse para mim, se occupasse os vossos logares.

Então, cada capitão, á maneira que se despedia, ia tomar o seu logar em frente da sua hoste.

Desfraldara-se a bandeira, as cornetas mandaram marchar, e aquelle corpo de mil cabeças, como se fosse um só animal, deslocava-se, n'um andar intrepido, decidido, marcial.

Após o primeiro, o segundo e os outros, até que apenas a hoste de D. Diniz, a mais bella e a mais brilhante esperava o signal da marcha.

— Que mais ordemnaes D. Henrique? perguntava galantemente D. Diniz.

— Que hei-de mandar? Vêde se me podeis dar o prazer de voltardes victorioso e feliz.

— Ficae-vos em paz, disse D. Diniz e acreditae-me sempre vosso amigo, na ventura ou na desventura.

— Contae commigo, sempre, accrescentou D. Henrique.

Saudaram-se os reis e D. Diniz partiu para a frente da sua hoste.

Quando alli chegou, desembainhou a espada e voltando-se para D. Henrique gritou:

— Viva o Rei!

Os soldados repetiram o viva.

Galantemente, o rei Henrique pagou a cortezia do pretendente exclamando virilmente:

— Viva o Rei de Portugal, D. Diniz.

— Viva o Rei, repetiu enthusiasticamente a hoste, erguendo lanças e espadas.

Soavam as cornetas, a marcha começou.

Pela extensa planicie durante uma hora, o reflexo do sol nas lanças que se affastavam indicava o andar da serpente, a embrenhar-se nos caminhos accidentados dos montes.

Por fim, desappareceu.

Quem reparasse, para uma das janellas da cerca do convento de la Mercêd, poderia ver por detraz dos vidros, uma figura de mulher fixa e immovel.

Era Leonor Telles.

Não pudera resistir á tentação de ver partir o exercito.

Era obra sua aquella invasão, inesperada: ia alli, com aquelles homens, a sua ultima esperança, o seu ultimo esforço contra o Mestre d'Aviz.

O que iria acontecer?

Poderia, emfim, atirar para debaixo do throno esse orgulhoso e feliz bastardo que tanto odiava, que tanto a insultara?

Quem pudesse ler nos altos juizes de Deus! quem pudesse desvendar os segredos que o futuro esconde no seu seio!

Emquanto durou a marcha a rainha quedara-se, no mesmo logar.

Não podia despregar os olhos d'aquelles homens que iam vingal-a, que iam pelo menos, pretender mostrar ao rei de Portugal que nem tudo estava acabado por uma paz inalteravel, por um consenso unanime dos portuguezes.

— Se o povo se junta ao infante, a empreza é certa, pensava.

Porque não ha-de juntar-se?

E, predizendo, para o caso de victoria a rainha não se esquivou a conjecturar o que faria, então.

Entraria de novo em Portugal, entraria nos seus paços cuja recordação lhe era tão cara, n'esses paços onde agora se instalava o senhor Mestre d'Aviz, que teria de fugir bem presto, se não quizesse pagar com a vida a sciencia de que a sorte é coisa bem incerta e a felicidade uma face do revez.

E, emquanto estes pensamentos lhe passavam pela mente, ao longe muito ao longe, sumia-se, aos poucos, a peonagem rasteira, depois a cavallaria...

Ao apagar-se o ultimo brilho das lanças, a cabeça da rainha inclinou-se um pouco para baixo e para o lado a descançar na cantaria da janella e como que um vago ar de tristeza se lhe espalhou pela face.

E' que sumida a imagem que lhe aviventava a esperança, a solidão da campina vasta, impressionou desagradavelmente o espirito da rainha.

— Se este esforço fôsse inutil? perguntou a si propria...

Se fosse inutil, era grave o caso. Que mais poderia fazer? Que outra esperança lhe restaria de vencer o máu fado que a perseguia na vida?

Uma voz intima, segredava-lhe: nenhuma!

Então, era forçoso, recolher-se, afinal, á vida simples, mechanica, vida de planta, sem aspirações, sem illusões, sem um fim.

Era forçoso abdicar, para sempre!

Desapparecer no isolamento; morrer em vida!

Taes pensamentos enchiam a cabeça de Leonor Telles, a faziam immobilizar-se como a de uma estatua da meditação ou da saudade!

⁂

CAPITULO XXXII

Visita inesperada

Subitamente, a porta da sala abriu-se e a condessa de Mayorca entrou, cautellosa e pallida.

— Que estareis vendo, minha senhora?

— Que madrugar, Beatriz... bemvinda...

— Vieis a partida das hostes?

— Sumiram-se, agora.

— Vistel-os todos?

— Creio que sim.

— A de D. Pedro de Trastamara?

— Pareceu-me ver.

— Com o irmão?

— D'esta distancia como poderia distinguir...

— Não ia... não podieis vêl-o... mataram-n'o...

— A quem?

— A D. Affonso.

— Quando?

— Esta noite.

— Aonde?

— Junto á minha casa.

A rainha percebeu n'um momento.

— Quem o matou?

— Quem o sabe?... Eu? sei-o bem. Adivinha-m'o o coração... Sei quem o matou.

— Quem?

— D. Diniz!

D. Diniz? disse, como para si, Leonor Telles... depois como que reflectindo uns momentos, murmurou mais alto:

— Talvez!

A condessa sentara-se, tomada por uma subita fraqueza, que a fazia perder a côr.

— Ides perder os sentidos? Beatriz, que é isso? interrogou Leonor Telles, deitando agua n'um copo.

A condessa não respondia, desfallecendo.

— Eis uma novidade... curiosa... monologava a rainha, chegando junto da amiga e obrigando a a beber a agua:

— Então? então? tende coragem... Beatriz... bebei... socegae um pouco... bebei, bebei.

A condessa machinalmente procurava o copo.

A rainha chegava-lh'o aos beiços:

— Fazei um esforço, bebei.

A condessa bebeu uns golos soffregamente.

Um momento depois, animava-se.

— Desculpae-me... isto vae passar...

— Socegae, socegae, aconselhava Leonor Telles, sentando-se-lhe ao lado, acariciando-a.

A condessa recuperava o seu estado normal, aspirando o ar com força.

— Queria contar-vos...

— Descançae primeiro; temos muito tempo de falarmos.

— Que horrivel dia! murmurou a condessa.

— Talvez, talvez, confirmou Leonor Telles, mal impressionada pelas palavras da amiga. Quereis repousar um pouco?

— Não, não, estou já bem. Um pouco de ar... e ficarei curada.

Abriram a janella.

A condessa aspirou com força o ar da manhã.

Voltou-se para Leonor Telles, dizendo-lhe:

— Quereis ouvir tudo?

— Dizei, agora.

Sentaram-se de novo.

A condessa contou tudo o que acontecera e que já sabemos.

— Quem podia ser senão elle? perguntava a condessa.

— E' natural suppôr que foi D. Diniz; mas para isso, dizia Leonor Telles, é preciso ainda uma explicação.

— Qual?

— Porque o fez?

— Porquê? A resposta é intuitiva.

— Por ciumes?

— Naturalmente.

— Quando os teve?

— Que quer dizer essa pergunta?

— Quer dizer que D. Diniz, a noite passada esteve comvosco na melhor disposição possivel.

Não é verdade?

— Assim me pareceu.

Não ha que duvidar. Esteve, conversou commigo e comvosco, com toda a gente, sem que uma ligeira preoccupação lhe perturbasse a cabeça.

— Ninguem sabe...

— Ah! não; acreditae... Sobretudo uma preoccupação de tal ordem.

— Saberia fingir, disfarçar... disse a condessa.

— Não o acrediteis, emendou Leonor Telles.

Tal sentimento poderia occultar-se por uma hora, nunca uma noite inteira; sobretudo se elle tinha no coração do infante tal poder.

— O que quereis concluir?

— Não sei. Sei que não percebo, como é que D. Diniz está até depois da meia noite, como nós todos o vimos e de repente faz o que fez.

Quem, depois d'aquella hora lhe fallou? Com quem esteve depois de sahir de vossa casa? Quem seria esse alguem que lhe revellou tal mysterio?

Mysterio até para mim!... disse Leonor Telles, com uma voz de amiga reprehensão.

A condessa limitou-se a tomar-lhe uma das mãos e a apertar-lh'a muito.

— Tal revellação fez-se á ultima hora. Quem sabia para lh'a fazer?

Temos de acceitar um acaso...

— Como um acaso?

— O de ter o infante encontrado D. Affonso, de o ter seguido... visto... Emfim, como pode ser?

— Não o alcanço, tambem.

— Já vêdes que não é facil criminar o infante.

— Quem havia de ser senão elle? Que outro teria que satisfazer odios ou despeitos?

— Nem só por odio ou despeito se mata.

— Uma questão casual? Um insulto?

— Porque não?

— A'quella hora, n'aquelle sitio?

— Não sei, não sei, disse Leonor Telles, reflexinamente.

As duas mulheres ficaram-se, por tempo, a pensar cada uma, naturalmente, segundo o seu criterio, em quem poderia ser, senão fora D Diniz, matador do infeliz D. Affonso de Trastamara.

D. Leonor Telles dominada pela novidade do segredo da amiga: D. Beatriz perdida n'aquelle mar de ideias contraditorias, energicas umas, outras deprimentes, umas audazes outras timidas que enchem o cerebro nos momentos de lucta critica, perante uma catastrophe.

Ficareis commigo hoje todo o dia disse Leonor Telles para a amiga. E' melhor.

— Como quizerdes, respondeu, acordando do seu pensar profundo a bella condessa.

— Conversaremos... temo que dizer.

— Sim... conversaremos, ficarei.

Deu as suas ordens, á creada que chamou: a rainha, a condessa, preoccupadas, para serenarem os espiritos, foram rezar.

N'aquelle tempo a oração era um derivativo poderoso.

Ainda os mais altos espiritos, como o de Leonor Telles, não se descuidavam de pedir o auxilio do céu em todos os lances da vida.

Esta cumplicidade do ceu era um effeito da crença ao mesmo tempo forte e ingenua do seculo.

De resto, tinham razão: Como na Egreja ha sempre perdão para todos os peccados, a questão é pedir com fé. O orar era logico, restava ao ceu ouvir as preces.

FIM DO VOLUME II

LEONOR TELLES

2.º VOLUME

Indice dos capitulos

TERCEIRA PARTE

Amores e Guerras

(CONTINUAÇÃO)

LIII — A sereia ... 5
LIV — O pacto ... 15
LV — Preparativos ... 19
LVI — O judeu David ... 24
LVII — A denuncia ... 26
LVIII — A fuga ... 38
LIX — Para Coimbra ... 41
LX — Presa ... 50
LXI — O tribunal ... 53
LXII — A criminosa ... 58
LXIII — O exilio ... 62
LXIV — Caminho de Lisboa ... 67
LXV — Nuno Alvares Pereira ... 70
LXVI — Atoleiros ... 75
LXVII — A carga ... 79
LXVIII — Gil Fernandes ... 82
LXIX — Uma lição ... 85
LXX — O arraial ... 88
LXXI — Ao norte ... 92
LXXII — Conselho ... 97
LXXIII — Ruy Pereira ... 100

LXXIV — O castello d'Almada ... 105
LXXV — A proposta ... 108
LXXVI — A retirada ... 112
LXXVII — A desforra ... 115
LXXVIII — Fome e peste ... 117
LXXIX — Uma visita obrigada ... 121
LXXX — Aos castellos ... 125
LXXXI — Traidores ... 128
LXXXII — Côrtes de Coimbra ... 132
LXXXIII — Luctas ... 140
LXXXIV — No Porto ... 146
LXXXV — Pela Beira ... 151
LXXXVI — Antes da batalha ... 154
LXXXVII — A altivez de D. Nuno ... 162
LXXXVIII — A ala dos namorados ... 169
LXXXIX — Aljubarrota ... 176
XC — Depois da batalha ... 185
XCI — El-rei foge ... 192
XCII — Valverde ... 198
XCIII — Homenagens ... 204
XCIV — Chegada a Tordesillas ... 209
XCV — Saudade ... 212
XCVI — A primeira noite ... 216
XCVII — Conspiração ... 226
XCVIII — A condessa de Mayorca ... 230
XCIX — A nova ... 239
C — Pensamentos ... 247
CI — Partida ... 251
CII — Visita ... 257
CIII — A carta ... 260
CIV — O castigo ... 267
CV — No convento ... 274
CVI — Razões do chronista Ayala ... 282
CVII — Pedidos ... 286
CVIII — Morte do rei ... 289
CIX — O tratado ... 292
CX — A paga ... 294
CXI — O assalto ... 303
CXII — Os doze de Inglaterra ... 306
CXIII — A carta ... 311
CXIV — Deslealdade ... 331
CXV — Nova invasão ... 336
CXVI — O que fazia o rei ... 345
CXVII — Ultimos arrancos ... 352
CXVIII — No Tejo ... 356
CXIX — As tres viuvas ... 361
CXX — Nova cilada ... 370

CXXI — Nova côrte 384
CXXII — Caçada real 388
CXXIII — Amor velho 393
CXXIV — Recordações e voto 401
CXXV — Cavaco 408
CXXVI — O plano novo 414
CXXVII — No salão 424
CXXVIII — O infante 430
CXXIX — O laço 435
CXXX — Alarga-se a teia 445
CXXXI — A entrevista do infante 455
CXXXII — Ultimas palavras 464
CXXXIII — Ultimo élo 470
CXXXIV — Amor e guerra 482

QUARTA PARTE

Coração de rei

I — O rei Henrique 493
II — A embaixada 498
III — A colera de el-rei 503
IV — Em marcha 515
V — A conselheira 520
VI — Arranjos 527
VII — Cautellas 533
VIII — Visita inesperada 537
IX — El-rei 542
X — No espanto 547
XI — No castello 551
XII — A guerra 556
XIII — O plano de D. Leonor 559
XIV — O plano 572
XV — Amuos 575
XVI — Alegrias 574
XVII — A doença do condestavel 588
XVIII — As invasões 589
XIX — Execução do plano 593
XX — Ultimas caricias 594
XXI — Ultimo idyllio 600
XXII — A despedida 612
XXIII — O adeus 616
XXIV — Revelações 619
XXV — A porta escusa 631

XXVI — O convento do Carmo 635
XXVII — Uma hora terrivel 641
XXVIII — Resolução 646
XXIX — A condessa 657
XXX — A revista 662
XXXI — A marcha 666
XXXII — Visita inesperada 670

Indice das gravuras

1 — Leonor Telles puxou-o para ella 11
2 — Eu direi tudo, senhor! tudo que souber 53
3 — «Nuno Alvares, Nuno Alvares, levantae-vos! 122
4 — Aljubarrota — Fuga do rei de Castella, perdida a batalha 185
5 — «Sêde bemvindo, senhor conde, que novas me daes de meu marido?... ... 241
6 — Morte desastrosa do rei de Castella 290
7 — «Sabeis quem chegou a Valladolid? perguntava a rainha Beatriz á mãe, que sentada ao lado da condessa de Mayorca recebia a visita da filha 365
8 — «Porque se não dança?, perguntava um dos rapazes mais dado á choreographia 423
9 — Pela tarde, o arcebispo D. Pedro, chegava á porta do convento, ... 470
10 — Ao fim da primeira legua, conversavam já, como amigos, ... 515
11 — Porque razão sendo meus, não posso dispôr d'elles como me aprouver? 581
12 — A espada entrou pelo peito de D. Affonso, ... 634

9723

PQ Mesquita, Marcellino
9261 Leonor Telles
M476L4
v.2

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 03 20 04 021 1